

ALEXANDRE DUMAS
A GUERRA DAS MULHERES
Tomo primeiro

NANON DE LARTIGUES

I

Perto de Libourne, cidade tão alegre que se contempla nas rápidas águas do Dordonha, entre Fonsac e Saint-Michel-la-Rivière, erguia-se outrora uma linda aldeia de paredes brancas e telhados vermelhos, meio escondida sob as tília e as faias. A estrada de Libourne a Saint-André-de-Cubzac passava entre as casas simetricamente alinhadas, e constituía a única vista que delas se desfrutava. Atrás de uma dessas fileiras de casas, pouco mais ou menos a cem passos, serpeava o rio, cuja largura e caudal começavam naquele sítio a dar indícios da vizinhança do mar.

A guerra civil, porém, passou por ali, e desde logo derribou as árvores; depois, despovoou as casas, as quais, expostas a todos os caprichosos furores da guerra, e não podendo fugir com os habitantes, se foram desmoronando sobre a relva, protestando, a seu modo, contra a barbaridade das revoluções intestinas. Mas a terra, que dir-se-ia ter sido criada para servir de sepultura a tudo quanto existe, a pouco e pouco foi cobrindo os cadáveres das casas, outrora tão alegres e tão festivas; finalmente, a erva cresceu sobre aquele chão artificial, e hoje, o viajante que segue a solitária estrada, longe está de suspeitar, ao ver pastar sobre essas elevações desiguais um dos grandes rebanhos que a cada passo se encontram no Midi, que pastor e carneiros pisam o cemitério onde dorme a aldeia.

Todavia, na época de que falamos - isto é: no mês de Maio do ano de 1650 - a aldeia em causa ocupava ambos os lados da estrada que qual grande artéria a alimentava, com um luxo de vegetação e de vida dos mais agradáveis. O viajante que então a houvesse atravessado, teria visto com prazer os camponeses ocupados em atrelar e desatrelar os cavalos da charrua, os barqueiros arrastando à praia as suas redes, nas quais saltava o peixe branco e rosado do Dordonha, e os ferradores, malhando vigorosamente na bigorna, debaixo de cujos malhos jorrava um repuxo divergente de centelhas, que alumiaavam a forja a cada martelada.

O que todavia mais o teria encantado - sobretudo se a caminhada lhe abrisse o apetite que se tornou proverbial entre os que frequentam as estradas - seria, a quinhentos passos da aldeia, uma casa baixa e comprida, composta somente por um rés-do-chão e um primeiro andar, cuja chaminé exalava alguns vapores, e as janelas certos perfumes, denunciadores - ainda melhor do que o desenho de um bezerro dourado, pintado numa chapa de lata vermelha, que rangia, suspensa de um varão de ferro chumbado na cimalha do primeiro andar - que finalmente chegava a uma das casas hospitaleiras cujos moradores, mediante certa remuneração, chamam a si a tarefa de retemperar as forças dos viajantes.

Por que razão, perguntar-me-ão, estava a estalagem do Bezerro de Ouro situada a quinhentos passos da aldeia, em vez de ocupar o alinhamento natural das risonhas casas encavalitadas de ambos os lados da estrada?

Em primeiro lugar, porque, se bem que retirado naquele cantinho de terra, o respectivo proprietário, quanto à arte culinária, era um artista de primeira água. Logo, colocando-se no princípio, no meio, ou na extremidade de uma das duas compridas fileiras de casa que formavam a aldeia, arriscava-se a ser confundido com algum dos taberneiros que se via obrigado a admitir como colegas seus, mas a quem não podia resolver-se a considerar seus iguais. Pelo contrário, assim retirado, chamava a atenção dos



entendidos, os quais, logo que tivessem provado, uma só vez que fosse, os guisados da sua cozinha, diriam a quantos encontrassem :

"Quando for de Libourne a Saint-André-de-Cubzac, ou de Saint-André-de-Cubzac a Libourne, não se esqueça de parar para almoçar, jantar ou cear, na estalagem do Bezerro de Ouro, a quinhentos passos da aldeiazinha de Matifou."

E os entendedores detinham-se, saíam contentes, mandavam também outros conaisseurs, de sorte que o inteligente estalajadeiro ia insensivelmente fazendo fortuna própria, o que não o impedia

- coisa rara - de conservar a sua casa no mesmo nível gastronómico; isto prova, como já dissemos, que o senhor Biscarros era um verdadeiro artista.

Ora, numa das lindas tardes do mês de Maio, em que a natureza, já desperta nas regiões do Midi, começa a despertar no Norte, fumos mais densos e perfumes mais suaves do que os habituais saíam das chaminés e das janelas do Bezerro de Ouro, ao mesmo tempo que, à respectiva porta, o senhor Biscarros em pessoa, vestido de branco, conforme o uso dos sacrificadores de todos os tempos e de todos os países, depenava com as suas augustas mãos perdizes e codornizes, destinadas a algum dos delicados banquetes que tão habilmente sabia preparar, e a que costumava emprestar

- e isto sempre pelo amor que tinha à sua arte - todos os seus cuidados.

Começava, portanto, o dia a declinar, e as águas do Dordonha, que num dos tortuosos rodeios da sua corrente se afastavam da estrada cerca de um quarto de légua, para passarem junto do pequeno forte de Vayres, principiavam já a branquejar sob a folhagem escura das árvores; algo de sereno e de melancólico se espalhava sobre o campo, com a viração da tarde. Os lavradores deixavam-se ficar imóveis, com os cavalos desatrelados; os pescadores, faziam outro tanto, com as suas redes gotejantes os ruídos da aldeia iam findando; e, tendo ecoado a última badalada, pondo assim termo ao laborioso dia, principiou a ouvir-se o primeiro canto do rouxinol num bosque vizinho.

Logo que as primeiras notas saíram da garganta do músico emplumado, o senhor Biscarros cantou também, sem dúvida para acompanhá-lo. Em resultado desta rivalidade harmónica, e da atenção que o estalajadeiro dava ao seu trabalho, não viu um pequeno grupo, composto de seis cavaleiros, que surgia na extremidade da aldeia de Matifou, e caminhava para a estalagem.

Contudo, uma interjeição que partiu de uma janela do primeiro andar, e o movimento rápido e estrondoso com que esta se fechou, fizeram levantar o nariz ao digno estalajadeiro. Pousou então os olhos no cavaleiro que marchava à frente do grupo, o qual vinha directamente para ele.

Directamente não é o termo exacto, e apressamo-nos a emendar o nosso erro; porquanto o homem parava de vinte em vinte passos, lançando à direita e à esquerda olhos investigadores, examinando rapidamente atalhos, árvores, moitas, e segurando com uma das mãos um mosquete sobre o joelho, a fim de estar pronto para o ataque e para a defesa, e, de vez em quando, fazia sinal aos companheiros, que imitavam em tudo os seus movimentos, para que se pusessem em marcha. Então, arriscava-se a dar mais alguns passos, e a mesma manobra principiava de novo.

Biscarros seguiu com os olhos o cavaleiro, cuja singular marcha o preocupava tão furiosamente que, durante todo esse tempo, se esqueceu de arrancar do corpo da ave as penas que tinha entre o dedo polegar e o indicador.

"É um fidalgo que procura a minha casa - pensou Biscarros. - Aquele digno gentil-homem é sem dúvida míope; contudo, o meu Bezerro de Ouro está pintado de novo, e a tabuleta dá bastante na vista... Vamos, ponhamo-nos

bem em evidência."

E o senhor Biscarros foi postar-se no meio da estrada, onde continuou a depenar a ave, com gestos graves e majestosos.

Este movimento produziu o resultado que esperava o estalajadeiro: mal o cavaleiro o avistou, logo se encaminhou para ele; e, saudando-o cortesmente, disse-lhe:

- Senhor Biscarros, não viu por aqui um grupo de militares, que são meus amigos, e que devem andar à minha procura?... Militares, não digo bem... Homens de espada... sim... Numa palavra: homens armados... Sim, homens armados, isto exprime melhor a minha ideia. Dar-me-á, pois, notícia de uma pequena tropa de homens armados?

Extremamente lisonjeado por se ouvir chamar pelo seu nome, Biscarros também saudou o outro afavelmente; não observara que, numa só vista de olhos que o forasteiro lançara à estalagem, lera o seu nome e a sua qualidade na tabuleta, do mesmo modo que acabava de ler a identidade da pessoa no rosto do proprietário.

- Quanto a homens armados, senhor - respondeu ele, depois de ter reflectido um instante - só vi um gentil-homem e o respectivo escudeiro, que há uma hora se acomodaram em minha casa.

- Ah!... - fez o forasteiro, passando a mão pelo imberbe rosto, onde, todavia, já se distinguia a virilidade - tem aqui na estalagem um gentil-homem e o seu escudeiro!... e ambos armados, dizia?...

- Não há dúvida, senhor, de que aqui estão; deseja que mande dizer àquele gentil-homem que lhe quer falar?

- Mas - replicou o forasteiro - não seria isso um tanto indecoroso?... Incomodar assim um desconhecido, seria talvez tratá-lo com demasiada familiaridade, mais ainda se o desconhecido é pessoa de condição. Não, não, senhor Biscarros, basta que me dê os sinais dele, ou, o que ainda melhor seria, que mo mostre sem que ele me veja.

- Mostrá-lo não será coisa fácil, senhor, visto que ele mesmo dá mostras de querer ocultar-se, pois fechou a sua janela no momento

10 11

em que o senhor e os seus companheiros apareceram na estrada; dar-lhe os sinais dele será, assim, mais fácil. É um jovem louro e delicado, que poderá quando muito ter dezasseis anos, e que parece possuir justamente a força exigível para empunhar a pequena espada de salão que pende do seu boldrié.

A frente do forasteiro enrugou-se, como se recordasse alguma coisa.

- Muito bem - disse ele. - Sei o que quer dizer: um rapaz louro e efeminado, montado num cavalo baio, e seguido de um escudeiro, velho, tão direito como o valete de espadas; não é esse a quem procuro.

- Ah! não é quem o senhor procura?... - perguntou Biscarros.

- Não.

- Pois bem, enquanto não chega aquele que o senhor procura, e que não pode deixar de passar por aqui, visto que não há outra estrada, poderia recolher-se a minha casa, para tomar algum refresco com os seus companheiros.

- O que me cumpre é dar-lhe os meus agradecimentos, e rogar-lhe que me diga que horas são.

- Estão a dar seis horas no relógio da aldeia; não ouve, senhor, as badaladas do sino grande?...

- Muito bem. Agora ainda tenho de pedir-lhe um obséquo, senhor Biscarros...

- Muito gosto terei em servi-lo.

- Faça o favor de dizer-me como poderei arranjar um barco e um barqueiro.

- Para atravessar o rio?
- Não, para dar um passeio.
- Nada mais fácil; o pescador que me abastece de peixe... Gosta de peixe, senhor?... -perguntou Biscarros, à laia de parêntesis, e tornando à sua ideia de fazer cear o forasteiro em sua casa.
- É uma comida medíocre-respondeu este.-Contudo, quando está bem temperado, não o rejeito.

12

- Eu tenho sempre excelente peixe.
 - Por isso lhe dou os parabéns, senhor Biscarros. Falemos, porém, daquele que lhe fornece o peixe.
 - Com toda a justiça. Deve a esta hora ter acabado a faina, e provavelmente está a jantar. Daqui pode ver o barco, amarrado além àqueles salgueiros, perto do ulmeiro... Quanto à casa, está encoberta com aqueles vimes... Sem dúvida alguma o encontrará à mesa.
 - Obrigado, senhor Biscarros, obrigado - agradeceu o forasteiro.
- E, fazendo sinal aos seus companheiros para que o seguissem, deu de esporas ao cavalo, encaminhou-se rapidamente para as árvores, e foi bater à porta da cabana designada. A mulher do pescador veio recebê-lo. Tal como o senhor Biscarros havia dito, o pescador estava à mesa.
- Pega nos teus remos - ordenou o cavaleiro - e segue-me, se queres ganhar um escudo.
- O pescador levantou-se com uma precipitação tal que bem dava a entender quão pouco generoso era o estalajadeiro do Bezerra de Ouro.
- É para ir desembarcar em Vayres? - perguntou ele.
 - É unicamente para me levares até ao meio do rio, e ali te demorares comigo alguns minutos.
- O pescador arregalou os olhos ao ouvir tão disparatada fantasia; mas como lhe era oferecido o lucro de um escudo, e a uns vinte passos atrás do cavaleiro que batera à porta viu desenharem-se os perfis dos companheiros, não opôs dificuldade alguma, pensando, com muito acerto, que a ausência da sua boa vontade provocaria o emprego da força, e que no conflito perderia a recompensa oferecida.
- Apressou-se, portanto, a dizer ao forasteiro que estava às suas ordens, ele, o seu barco e os seus remos.
- O pequeno grupo encaminhou-se logo para o rio; e enquanto o forasteiro se adiantava até à borda da água, os outros pararam no alto da ribanceira, colocando-se, sem dúvida com receio de alguma surpresa, de modo que pudessem vigiar para todos os lados. Do ponto em que se colocaram, podiam dominar ao mesmo tempo a planície que se estendia atrás deles, e proteger o embarque que se efectuava a seus pés.
- Então, o forasteiro - um grande mancebo louro, pálido e nervoso, embora magro, e que tinha uma fisionomia inteligente, apesar das olheiras que circundavam os seus olhos azuis, e da expressão de cinismo vulgar que pairava nos seus lábios - o forasteiro, dizemos, inspeccionou as pistolas com cuidado, colocou o mosquete à bandoleira, fez mover uma comprida espada na respectiva bainha, e fixou os olhos atentos na margem oposta, constituída por um vasto prado cortado por uma vereda que partia da praia, e ia dar em linha recta à vila de Ison, cujo campanário denegrido, e um fumo branco, se divisavam entre a neblina dourada do entardecer.
- Na outra margem também, e à distância de um quarto de légua, elevava-se, à direita, o pequeno Forte de Vayres.
- Então? - perguntou o forasteiro, que principiava a impacientar-se, dirigindo-se aos seus companheiros que estavam de sentinela - qual de vocês o vê, da direita ou da esquerda, à frente ou atrás?

- Creio - disse um dos homens - que vislumbro um grupo negro no caminho de Ison, mas ainda não estou muito certo, porque o sol me ofusca a vista. Espere... Sim... não há dúvida alguma; são eles. Um... dois... três... quatro... cinco homens: um deles de chapéu agalado na cabeça, e capote azul. É o mensageiro que esperamos, e que para maior segurança terá arranjado escolta.

- Tem o direito de assim fazer - respondeu fleumaticamente o forasteiro.
- Venha segurar-me o cavalo, Ferguzon.

O homem a quem se dava esta ordem, em tom meio amigável, meio imperativo, apressou-se a obedecer, e desceu a ribanceira; entretanto, o forasteiro apeava-se, e, no momento em que o outro chegou ao pé dele, pousou-lhe a rédea no braço e dispôs-se a entrar no barco.

- Escute - disse-lhe Ferguzon, pondo-lhe a mão no braço

- nada de afoitezas inúteis, Cauvignac! Se vir o mais pequeno movimento suspeito por parte do seu homem, principie por alojar-lhe uma bala na cabeça; bem vê que não vem mal acompanhado, o sujeito.

- Sim, mas a gente dele é menos numerosa do que a nossa. Portanto, além da nossa superioridade quanto à coragem, também a temos quanto ao número. Perante isto, nada há que temer. Ah! ah! eis as suas cabeças, que vão principiando a aparecer.

- Ora! Que irão eles fazer?... - disse Ferguzon. - Não poderão achar barco algum... Mas... ah! Avisto um, que ali se encontra como por encanto...

- É o do meu primo, o arrais da barca de Ison - informou o pescador, que parecia muito interessado nestes preparativos, e que, todavia, receava que tivesse lugar um combate naval a bordo do seu barco e do de seu primo.

- Bom, lá embarca o homem do capote azul - disse Ferguzon.

- Só, na realidade, segundo as escritas condições do ajuste.

- Não o façamos esperar-continuou o forasteiro.

E saltando por sua vez para o barco, fez sinal ao pescador que fosse ocupar o seu posto.

- Tenha todo o cuidado, Rolando - disse Ferguzon, renovando as suas prudentes recomendações. - O rio é muito largo. Não se aproxime tanto da outra margem que se exponha a receber uma descarga de mosquetaria a que não possamos responder; conserve-se, se for possível, aquém da linha de demarcação.

Aquele a quem Ferguzon chamava Rolando e Cauvignac, e que respondia a estes dois homens, sem dúvida porque um era

14 15

o seu nome de baptismo, e o outro o de família - ou de guerra - fez um sinal com a cabeça.

- Nada tema - disse ele. - Pensava nisso agora mesmo: os que nada têm a arriscar, esses sim, podem cometer imprudências; o assunto, porém, é demasiado vantajoso, e por isso não devo expor-me a perder o fruto que dele devo usufruir. Portanto, se alguma imprudência se cometer nesta ocasião, não será da minha parte. Põe-te a caminho, barqueiro.

O pescador desamarrou o barco, mergulhou a comprida vara nas ervas, e principiou a distanciar-se da praia, ao mesmo tempo que da margem oposta partia o barco do barqueiro de Ison.

Havia, a meio da água, uma pequena estaca de três ramos que tinha no topo uma bandeira branca, e que servia de aviso aos compridos barcos de transporte que descem o Dordonha, por causa de um banco de rochedos cujo acesso era perigoso. Nas marés baixas, até se podia ver, negra e lisa acima da corrente do rio, a ponta desses rochedos. Mas àquela hora, que

era a da preia-mar, só a pequena bandeira e uma ligeira ebulição da água, indicavam a presença do rochedo.

Os dois barqueiros sem dúvida alguma compreenderam que ali podia realizar-se a junção dos parlamentares, pelo que dirigiram para esse lado os seus barcos. O barqueiro de Ison foi o primeiro a chegar, e, de acordo com a ordem que lhe deu o seu passageiro, amarrou o barco a uma das argolas da estacada.

Nesse momento, o pescador que partira da margem oposta voltou-se para o seu viajante a fim de receber ordens, e qual não foi o seu espanto deparar com um homem mascarado e embuçado num capote.

O medo que dele se apossara, e o não deixara um só momento, redobrou então, e só a balbuciar se atreveu a pedir ordens à estranha personagem.

- Amarra o barco àquela argola - disse Cauvignac, estendendo

16

a mão para um dos postes - o mais perto possível do barco daquele senhor. E a sua mão estendida passou do poste designado para o gentil-homem conduzido pelo barqueiro de Ison.

O barqueiro obedeceu, e os dois barcos, que a corrente reunira bordo com bordo, permitiram aos dois plenipotenciários darem início à conferência que se segue.

II

- QUE quer isto dizer, senhor? Está mascarado!...-perguntou, com certo sobressalto à mistura de despeito, o recém-chegado, homem corpulento, que denotava ter cinquenta e cinco a cinquenta e oito anos de idade, olhos severos, fixos como os de uma ave de rapina, com bigodes e suíças encanecidas, e que, embora não tendo posto máscara, tinha pelo menos ocultado, o mais possível, os cabelos e o rosto debaixo de um grande chapéu agalado, e o corpo e as vestes sob um amplo capote azul.

Considerando mais de perto a personagem que acabava de falar-lhe, Cauvignac não pôde deixar de denunciar o seu sobressalto, fazendo um movimento involuntário.

- Então, senhor? - perguntou o gentil-homem - que tem?

- Nada, senhor... por pouco não perdi o equilíbrio... O senhor, porém, segundo creio, dava-me a honra de me dirigir a palavra; o que era então que dizia?...

- Perguntava-lhe porque está mascarado.

- A sua pergunta é franca - disse o mancebo - e eu responderei com a mesma franqueza: mascarei-me para lhe ocultar o rosto.

19

- Então eu conheço-o?!...

- Não o creio; mas ao vê-lo uma vez, poderia mais tarde reconhecê-lo, o que, no meu entender pelo menos, é absolutamente inútil.

- Vejo que é franco, senhor.

- Não há dúvida de que o sou, quando da minha franqueza me não pode resultar mal algum.

- E essa franqueza chegará a ponto de revelar os segredos dos outros?...

- Sim, senhor! Quando uma tal revelação me pode render alguma coisa.

- É muito singular, o ofício que tem...

- Essa não é má, senhor! A gente faz o que pode. Tenho sido alternativamente letrado, médico, soldado, e partidário; vê por isso muito bem que por falta de profissão não serei mal sucedido.

- E agora, que faz?
- Sou seu criado - disse o mancebo, inclinando-se com afectado respeito.
- Tem o senhor a assinatura em branco que se pede?...
- Ei-la aqui.
- Quer que façamos a troca?
- Não se apresse tanto, senhor; a sua conversação agrada-me. E não quereria ver-me tão cedo privado do prazer que ela me dá.
- Não se verá, então, senhor! Ela e eu somos inteiramente seus. Conversemos, se nisso encontra prazer.
- Quer que passe para o seu barco, ou prefere passar para o meu, a fim de que no barco que ficar livre tenhamos os barqueiros afastados de nós?...
- Isso é inútil, senhor. Sem dúvida fala alguma língua estrangeira...
- Falo o espanhol.
- E eu também. Conversemos, pois, em espanhol, se é que pode fazê-lo nessa língua.

20

- Às mil maravilhas! Que razão - continuou o gentil-homem, adoptando desde esse momento o idioma convencionado - o decidiu a descobrir ao duque d'Épernon a infidelidade da senhora em causa?
 - Quis prestar um serviço àquele digno fidalgo, e insinuar-me na sua graça.
 - Então, quer mal à menina de Lartigues?...
 - Quem? Eu! Muito pelo contrario! Antes lhe devo, há que confessá-lo, algumas obrigações; e muito me desgostaria se lhe acontecesse alguma desgraça.
 - Então, é ao senhor barão de Canolles que tem por inimigo?
 - Nunca o vi, e só o conheço pela reputação de que goza; e, devo dizê-lo, tem-na de ser honrado cavaleiro e bravo gentil-homem.
 - Pelo que vejo, não é instigado por qualquer motivo de ódio...
 - Nada disso! Se quisesse mal ao senhor barão de Canolles, rogar-lhe-ia que se dignasse bater-se comigo à pistola ou à espada, e ele é demasiado brioso para recusar um convite desse tipo.
 - Tenho, portanto, de me cingir ao que disse...
 - É, no meu entender, o que pode fazer de mais acertado.
 - Muito bem! Tem então aquela carta que prova a infidelidade da menina de Lartigues, não é assim?
 - Ei-la aqui! Não pretendo queixar-me, mas é a segunda vez que lha mostro.
- O velho gentil-homem pousou tristemente e de longe os olhos sobre o fino papel, através do qual apareciam algumas letras. O mancebo foi abrindo vagarosamente a carta.
- Reconhece sem dúvida a letra?
 - Reconheço.
 - Então dê-me o papel assinado em branco, e receberá a carta.
 - Assim farei. Mas permita-me que lhe faça uma pergunta...
 - Fale, senhor.

21

- E o mancebo tornou a dobrar muito sossegadamente o papel, que meteu na algibeira.
- Como conseguiu obter essa carta?
 - De boa vontade lho direi.
 - E eu presto-lhe atenção.
 - Não ignora que a governação um tanto delapidadora do duque D'Épernon

lhe tem granjeado grandes embaraços na Guiena...

- Muito bem, passemos adiante.

- Não ignora que o governo espantosamente avaro de Mazarino lhe granjeou enormes problemas na capital...

- E a que propósito são para aqui chamados Mazarino e D'Épernon?

- Espere, senhor. Destes dois governos opostos saiu um estado de coisas que muito se assemelha a uma guerra geral, na qual ninguém deixa de tomar partido. Mazarino combate neste momento pela rainha; o senhor combate pelo rei; o coadjutor pelo senhor de Beaufort; o senhor de Beaufort pela senhora de Mont-bazon; La Rochefoucaukl pela senhora de Longueville; o duque de Orleães pela menina Soyon; o Parlamento pelo povo. E, finalmente, encarceraram o senhor de Conde, que combatia pela França. Ora, a mim, que não ganhava grande coisa em combater pela rainha, pelo rei, pelo coadjutor, pelo senhor de Beaufort, pela senhora de Montbazon, pela senhora de Longueville, pela menina Soyon, pelo povo, ou pela França, ocorreu-me a ideia de não adoptar partido algum, mas sim de seguir aquele para o qual me sentisse momentaneamente impelido. Tudo, portanto, em mim, é negócio de conveniência. Que lhe parece esta ideia?

- É engenhosa.

- Em consequência, reuni um exército. Está a vê-lo, postado nas margens do Dordonha.

- Cinco homens?... Que fartura!...

- Mesmo assim mais um do que os seus. Optaria muito desacertadamente, pois, se os desprezasse.

- Muito mal vestidos - continuou o velho gentil-homem, que estava de mau humor, e por consequência disposto a tudo tratar com desprezo.

- Verdade seja dita - continuou o interlocutor - que se assemelham aos companheiros de Falstaff. Mas não se preocupe por isso. Falstaff é um gentil-homem inglês meu conhecido. Esta tarde receberam fardamento novo, e se amanhã os encontrar, verá que são na realidade belos rapazes.

- Falemos de si, nada tenho a ver com os seus homens.

- Ora, fazia eu a guerra por minha conta, encontrámos o cobrador do distrito, que andava de aldeia em aldeia enchendo a bolsa de sua majestade; enquanto não recebeu todos os tributos, sem que ficasse um único por cobrar, escoltámo-lo com toda a fidelidade; e, não posso deixar de confessá-lo, ao ver que a tal sacola se ia enchendo, tive desejo de tomar o partido do rei. Mas os acontecimentos cada vez nos vão deixando mais perplexos: um movimento de mau humor contra Mazarino, e as queixas que de todo o lado ouvíamos contra D'Épernon, fizeram-nos recobrar a razão. Pensávamos que havia algo de bom, muito até, na causa dos príncipes, e, pela minha fé, juro-vos que a abraçámos com ardor. O cobrador terminou o giro naquela casinha solitária que vê lá em baixo, no meio dos olmos e sicômoros.

- A de Nanon... - disse entre dentes o gentil-homem. - Sim, vejo-a muito bem.

- Esperámo-lo à saída, e seguimo-lo, como já fazíamos havia cinco dias; passámos com ele o Dordonha, um pouco acima de Saint-Michel, e, quando chegámos a meio do rio, dei-lhe a conhecer a nossa tendência política, convidando-o, com toda a cortesia de que sou capaz, a entregar-nos o dinheiro de que era portador. Acreditaria, senhor, que ele tanto se recusasse?... Os meus companheiros, então, revistaram-no; e como gritava de tal modo que podia dar escândalo, o meu tenente, rapaz a quem nunca faltam recursos - aquele que vê lá em baixo, de capote encarnado, segurando

o meu cavalo pela rédea - reflectiu que se a água intercepta as correntes do ar, interrompe, pela mesma razão, a propagação do som (este um axioma de física, que eu, na minha qualidade de médico, compreendi e aplaudi). Então, aquele que emitira esta proposição curvou a cabeça do recalcitrante, fazendo-a entrar no rio, e conservou-a assim pelo menos palmo e meio sob a água; com efeito, não o ouviram gritar mais! Pudemos, portanto, apoderar-nos, em nome dos príncipes, de todo o dinheiro que levava, e da correspondência que lhe fora confiada. Dei o dinheiro aos meus soldados, que, como muito judiciosamente o senhor observa, têm muita necessidade de se fardarem de novo, e eu guardei os papéis; entre outros, este. Parece que o bravo cobrador servia de corretor à menina de Lartigues, nos seus amores.

- Era, com efeito - corroborou o velho gentil-homem - se não me engano, um colaborador de Nanon. E que foi feito desse miserável?

- Ah! vai ver se fizemos bem em pôr de molho aquele miserável, como lhe chama... Teria, sem dúvida alguma, amotinado toda a terra! Imagine que, quando o tirámos do rio, apesar de não ter ficado lá mais do que um quarto de hora, morrera de raiva!

- E no rio o mergulharam de novo... certamente.

- Tal qual o diz.

- Mas se o mensageiro foi afogado...

- Eu não disse que foi afogado...

- Não alterquemos acerca de palavras; se o mensageiro morreu...

- Oh! Quanto a isso, sim, muito bem.

- O senhor de Canolles não terá recebido qualquer aviso, e, portanto, não virá ao ponto aprazado.

- Pondere bem no que lhe digo: faço guerra às potências, e não aos particulares. O senhor de Canolles recebeu uma cópia da carta que lhe aprazava o lugar onde deveria dirigir-se; não fiz mais do que guardar o manuscrito autografado, pensando que era de alguma importância.

24

- E que pensará ele quando não reconhecer a escrita?

- Que a pessoa que o convida a ir vê-lo, para maior precaução, se serviu de mão estranha.

O forasteiro olhou para Cauvignac com certo espanto, causado por tanta impudência aliada a tamanha firmeza de ânimo.

Tentou então encontrar meio de intimidar aquele atrevido velhaco.

- Mas, o governo?... as devassas?... - disse-lhe ele. - Não lhe dá isso algumas vezes cuidado?...

- As devassas... - replicou o mancebo rindo. - Pensa que o senhor D'Épernon não tem mais que fazer do que ocupar-se com devassas?... E, além disso, não lhe disse eu que tudo quanto fizera era para ganhar as suas graças?... Muito ingrato teria ele de ser para mas não conceder!

- Não posso compreendê-lo inteiramente - afirmou o velho gentil-homem, com ironia. - Como é possível que, tendo, como confessa, abraçado o partido dos príncipes, lhe ocorresse a estranha ideia de querer prestar serviços ao senhor D'Épernon?!

- Todavia, é a coisa mais simples do mundo: a inspecção dos papéis apanhados ao cobrador convenceu-me da pureza das intenções do rei; sua majestade está completamente justificado a meus olhos, e o duque d'Épernon tem mil razões contra os seus administradores. Deste lado, pois, é que está a boa causa, e é este o motivo por que tomei partido a favor dela.

"Aqui está um salteador que mandarei enforcar, se um dia me cair nas

mãos" - murmurou o velho gentil-homem, puxando pelos eriçados bigodes.
- Dizia... ? - perguntou Cauvignac, piscando os olhos debaixo da máscara.
- Nada! Agora, mais uma pergunta: que fará da assinatura em branco que exige?
- Diabos me levem se já tomei alguma resolução a tal respeito! Pedi uma assinatura em branco, porque é a coisa mais cômoda,

25

mais portátil e mais elástica. É provável que a guarde para dela me valer em alguma circunstância extrema, e também é muito possível que me desfaça dela por qualquer capricho, se me der na vontade fazê-lo. Talvez que eu mesmo lha apresente antes de terminar a semana, com uma dúzia de endossantes, como se fosse uma letra comercial. Mas, seja o que for, pode ficar descansado: não abusarei dela para fazer coisas de que o senhor e eu tenhamos de nos envergonhar. Em todo o caso, sou gentil-homem.

- É gentil-homem?...

- Sim, senhor, e dos melhores.

"Então, mandá-lo-ei rodar - disse consigo o desconhecido. - Para isso lhe servirá esta assinatura em branco."

- Está resolvido a dar-me essa assinatura em branco? - perguntou Cauvignac.

- Que remédio tenho senão dá-la - desabafou o velho gentil-homem.

- Não o obrigo a tanto; é necessário que nos entendamos: era uma troca que eu propunha; guarde o seu papel, e eu guardarei o meu.

- A carta?...

- A assinatura em branco?...

E com uma das mãos ofereceu a carta, enquanto na outra segurava a pistola.

- Deixe a sua pistola em paz - disse o forasteiro, desembuçando-se - pois eu também tenho pistolas; estamos igualmente armados. Jogo franco de parte a parte. Aqui está o seu papel assinado em branco.

- Aqui, a sua carta.

A troca dos papéis efectuou-se então com toda a lealdade, e cada uma das partes examinou em silêncio, com vagar e atenção, o que acabavam de receber.

- Agora, senhor - disse Cauvignac - que caminho toma? - Necessito passar para a margem direita do rio.

- E eu para a margem esquerda.

- Como faremos agora? Os meus homens estão do lado para onde vai, e os seus do lado para onde vou...

- Pois bem, nada mais fácil: mande-me os meus homens no seu barco, e eu mandar-lhe-ei os seus neste.

- Tem um espírito rápido e inventivo.

- Nasci para general de um exército.

- Já o é.

- Ah! é verdade! - disse o mancebo. - Tinha-me esquecido... O forasteiro fez sinal ao barqueiro para que desamarrasse o

barco, e o conduziu para a margem oposta àquela de onde partira, e rumo a um bosquezinho que se prolongava até à estrada.

O mancebo, que talvez receasse qualquer traição, levantou então a cabeça para segui-lo com os olhos, o dedo sempre no gatilho da pistola, prestes a disparar, caso o forasteiro fizesse o mais pequeno movimento suspeito; mas este nem sequer se dignou criticar a desconfiança de que era objecto, e, voltando as costas ao mancebo, com uma indiferença real, ou afectada, principiou a ler a carta, ficando em breve absorto nessa leitura.

- Não se esqueça do momento aprazado - recordou Cauvignac. - Esta noite,

às oito horas.

O forasteiro nada respondeu, e até não deu mostras de o ter ouvido.

"Ah! - murmurou Cauvignac, falando consigo, ao mesmo tempo que aflagava a coroa da pistola. - Quando me lembro que só de mim depende deixar livre a sucessão do governador da Guiana, e pôr termo à guerra civil!... Mas uma vez morto o duque d'Épernon, de que me serviria o seu papel assinado em branco?... E terminada a guerra civil, de que viveria eu?... Na verdade, momentos há em que me parece que enlouqueço! Viva o duque d'Épernon e a guerra civil!..." - Vamos, barqueiro, toca a remar! E apressemos-nos a chegar à outra margem: é necessário que este digno senhor não tenha de esperar muito tempo pela sua escolta.

26 27

Pouco depois, Cauvignac chegava à margem esquerda do Dor-donha, justamente no momento em que o velho gentil-homem lhe mandava Ferguzon e os seus cinco bandidos, no barco de passagem de Ison. Não quis mostrar-se menos pontual do que ele, e ainda no rio renovou ao barqueiro a ordem de receber no seu barco, e conduzir para a margem direita, os quatro homens do desconhecido. Os dois grupos cruzaram-se e saudaram-se cortesmente, depois do que cada um chegou ao ponto onde era aguardado. Então, o velho gentil-homem embrenhou-se com a sua escolta na mata que se estendia das praias do rio à estrada real; e Cauvignac, à frente do seu "exército", tomou a vereda que desembocava em Ison.

III

PASSADA meia hora sobre a cena que acabámos de referir, a mesma janela da estalagem do senhor Biscarros, que tão veementemente se fechara, abriu-se de novo, com precaução, e, no parapeito, depois de haver olhado à direita e à esquerda, apoiou os cotovelos um jovem de dezasseis a dezoito anos, vestido de preto, camisa de punhos, como então usavam; os folhos bordados da mesma, que eram de cambraia fina, saíam altaneiramente do casaco e caíam ondulando sobre as calças, adornadas de fitas. As pequenas mãos, elegantes e cheias, o que denunciava serem de raça nobre, amarrotavam com impaciência umas luvas de camurça bordadas nas costuras; um chapéu pardo, com uma magnífica pluma azul, sombreava-lhe o comprido cabelo, cintilante de reflexos dourados, que de forma maravilhosa emolduravam um rosto oval, de tez branca, lábios rosados, e sobrancelhas pretas. Haverá porém que dizer que todo este gracioso conjunto, o qual devia fazer do mancebo um dos mais encantadores cavaleiros que se pudessem ver, estava naquele momento ensombrado por um certo ar de mau humor, que sem dúvida provinha de uma espera em vão, visto que o mancebo interrogava com os seus atentos olhos a estrada, já mergulhada ao longe na bruma da noite.

29

Dada a impaciência em que estava, batia com as luvas na mão esquerda. Com o barulho que fazia, o estalajadeiro, que acabava de depenar as perdizes, levantou a cabeça, e, tirando o barrete, disse:

- A que horas quer cear, meu cavaleiro? Pois já só se esperam as suas ordens para ser servido.

- Bem sabe que não ceio só, e que espero um companheiro - retorquiu o mancebo. - Quando o vir chegar, poderá servir a ceia.

- Ah! senhor - respondeu Biscarros - não pretendo censurar o seu amigo, pois que sem dúvida poderá vir ou deixar de vir, como bem lhe aprouver; mas é um hábito muito mau fazer esperar tanto tempo.

- Contudo, ele não costuma fazer-se esperar, e muito me surpreende uma tal tardança.
- E a mim não só me causa espanto, senhor, mas muito me aflige: queimar-se-á o assado.
- Tire-o do espeto.
- Então arrefecerá.
- Ponha outro assado ao lume.
- Não haverá tempo para temperá-lo.
- Nesse caso, meu amigo, faça o que quiser - concluiu o mancebo, não podendo, apesar do seu mau humor, deixar de sorrir pelo desespero em que via o estalajadeiro. - Entrego o caso à sua suprema sabedoria.
- Não há sabedoria, ainda que fosse a do rei Salomão - respondeu o estalajadeiro - que possa tornar tragável um jantar requentado.
E sobre este axioma, que vinte anos mais tarde Boileau poria em verso, o senhor Biscarros tornou a entrar na estalagem, sacudindo dolorosamente a cabeça.
Então, como se quisesse distrair-se da sua impaciência, o jovem recolheu ao seu quarto; fez, por um momento, ranger as botas

30

no sobrado retumbante, e, depois, parecendo-lhe ouvir ao longe passos de cavalos, voltou apressadamente para a janela. - Enfim! - exclamou. - Ei-lo que chega! Deus seja louvado! Com efeito, além da mata onde cantava o rouxinol, a cujos acentos melódiosos o mancebo, sem dúvida devido à sua preocupação, não ligara a mínima importância, viu aparecer a cabeça de um cavaleiro; mas ficou muito surpreendido por esperar em vão que o cavaleiro desembocasse na estrada; o recém-chegado tomou à direita, entrou na mata, e em breve o seu chapéu se sumiu, prova certa de que o cavaleiro se apeará. Passado um momento, o observador avistou, através dos ramos desviados com cautela, uma casaca esbranquiçada, e o fulgor de um dos últimos raios de sol no ocaso, reflectido no cano de um mosquete. O mancebo deixou-se ficar pensativo à janela; evidentemente que o cavaleiro oculto na mata não era o companheiro que esperava, e a expressão de impaciência que enrugava o seu expressivo rosto deu lugar a uma máscara de curiosidade.
Em breve um segundo chapéu surgiu na curva da estrada; o jovem recuou de maneira a que o não vissem.
A mesma casaca clara, o mesmo manejo do cavalo, o mesmo mosquete brilhante. O recém-chegado dirigiu ao primeiro algumas palavras, que o nosso observador não pôde ouvir devido à distância, e, em consequência das informações que decerto lhe deu o companheiro, embrenhou-se no bosque paralelo à mata, apeou-se por seu turno, foi anichar-se atrás de um rochedo, e ficou à espera. Do ponto elevado em que estava, o mancebo divisava o chapéu por cima do rochedo. Ao lado do chapéu cintilava um ponto luminoso: era a extremidade do cano do mosquete.
Um sentimento de vago terror se apossou do espírito do gentil-homem, que olhava para esta cena ocultando-se cada vez mais.
"Oh! oh! - perguntou ele a si próprio - será a mim e aos mil luíses que levo comigo que quererão lançar mão?... Mas... não, porquanto, na suposição de que Richon chegue, e de que

31

eu possa pôr-me a caminho esta noite, vou a Libourne, e não a Saint-André-de-Cubzac; por conseguinte, não passo por onde aqueles tratantes estão emboscados. Se o meu velho Pompeu aqui estivesse, consultá-lo-ia.

Mas... se não me engano... sim, pela minha fé! são dois homens mais... vêm juntar-se aos outros dois... Olá... isto tem toda a aparência de uma emboscada!..."

E o jovem deu outro passo à retaguarda.

Na verdade, neste momento surgiam outros dois cavaleiros na mesma curva da estrada. Desta vez, porém, só um deles trazia casaca clara. O outro, montado num possante cavalo preto, e embuçado num amplo capote, usava o chapéu agalado, adornado com uma pluma branca, e debaixo deste capote, que a brisa da tarde levantava, via-se refulgir um rico bordado numa sobrecasaca de cor nacarada.

Dir-se-ia que o dia se prolongava para iluminar esta cena, porque os últimos raios de sol, rompendo por entre uma daquelas densas brumas que às vezes se estendem de um modo tão pitoresco no horizonte, acenderam repentinamente milhares de rubis nas vidraças de uma linda casa situada a uns cem passos do rio, e na qual o mancebo não teria reparado não fora esta circunstância, uma vez que estava oculta entre os ramos de uma densa mata. Este reforço de luz desde logo deu a conhecer que os olhos dos espias se dirigiam alternativamente para a entrada da aldeia e para a pequena casa dos vidros refulgentes, e que os das casacas pareciam ter o maior respeito ao da pluma branca, a quem só falavam com o chapéu na mão. Por fim, tendo-se aberto uma das janelas iluminadas, uma mulher apresentou-se ao balcão, inclinou-se por um momento, como se esperasse alguém, e logo se recolheu, com receio sem dúvida de ser vista.

Ao mesmo tempo que se recolhia, o Sol baixava para além da montanha; à medida que ia baixando, o andar térreo da casa parecia sumir-se na escuridão, e a luz, abandonando pouco a pouco as janelas, subia ao telhado de ardósias e desaparecia de todo, depois de ter refulgido por um momento num feixe de frechas de ouro que servia de grimpá.

Para qualquer espírito dotado de mediana inteligência, havia um número suficiente de indícios, e sobre esses indícios podiam estabelecer-se, senão certezas, pelo menos probabilidades.

Provável seria que aqueles homens vigiavam a pequena casa isolada, a cuja varanda uma mulher se apresentara momentaneamente. Era portanto viável que a mulher e os homens esperassem a mesma pessoa, mas com intenções muito diversas. Era também provável que a pessoa por quem esperavam viesse da aldeia e, por consequência, passasse diante da estalagem, situada a meio caminho entre a aldeia e a mata, da mesma forma que a própria mata se situava a meio caminho entre a estalagem e a casa. Finalmente, era provável que o cavaleiro da pluma branca fosse o chefe dos cavaleiros de casacas esbranquiçadas, e que, tendo em conta o ardor de que dava mostras, erguendo-se sobre os estribos para ver mais ao longe, este chefe tivesse ciúmes - e sem dúvida alguma andava à espreita por sua própria conta.

No momento em que o mancebo concluía mentalmente esta série de conjecturas, que se encandeavam umas nas outras, a porta do quarto abriu-se, e entrou o senhor Biscarros.

- Caro patrão - disse o jovem, sem dar tempo àquele que tão a propósito entrava no seu quarto para que lhe expusesse o motivo da sua visita (motivo que ele não deixava de adivinhar) - venha cá, e diga-me, se acaso não é indiscreta a minha pergunta, a quem pertence a pequena casa que se vê lá em baixo, como um ponto branco no meio dos olmos e dos sicômoros.

O estalajadeiro seguiu com os olhos a direcção do dedo e, coçando a testa, respondeu com um sorriso que tentava impregnar malícia:

- Pela minha fé! Ora a um, ora a outro. A si, se tem qualquer razão para desejar o isolamento... quer deseje ocultar a sua pessoa... quer deseje simplesmente esconder alguém...

O mancebo corou.

- Mas hoje - perguntou ele - quem habita essa casa?
- Uma jovem senhora, que se diz viúva, a quem a sombra do primeiro marido
- e talvez que também a do segundo - vem visitar de vez em quando. Em tudo isto apenas um reparo: as duas sombras devem provavelmente estar combinadas, visto que nunca se apresentam ao mesmo tempo.
- E desde quando - perguntou o mancebo, sorrindo - habita a formosa viúva essa casa solitária e tão cômoda para as aparições?
- Haverá uns dois meses. Quanto ao resto, vive retirada de todo, e creio que há dois meses a esta parte ninguém pode gabar-se de a ter visto, porque sai raríssimas vezes, e sempre coberta com um véu. Uma pequena aia, muito linda, na realidade, vem todas as manhãs informar-me acerca das iguarias que pretende para o dia: lá se lhe levam; recebe os pratos no vestíbulo, paga generosamente a conta, e no mesmo instante bate com a porta nas ventas do moço. Esta noite, por exemplo, há um banquete, e era para ela que preparava as codornizes e as perdizes que me viu depenar.
- E a quem dá ela de cear?
- Sem dúvida a uma das suas sombras de que já falei.
- Viu alguma vez essas sombras?
- Sim, senhor; mas só passam à noite, depois do sol-posto, ou de madrugada, antes que seja dia.
- Mesmo assim tenho a certeza de que as distinguiu, meu caro Biscarros, pois assim que abre a boca, logo se vê que é um bom observador. Vejamos, que notou de especial no porte das duas sombras?
- Uma é a de um homem de sessenta a sessenta e cinco anos, e parece-me ser a do primeiro marido, porque se apresenta como uma sombra consciente da autoridade dos seus direitos. A outra, é a de um mancebo de vinte e seis a vinte e oito anos - e esta, cumpre-me dizê-lo, é mais tímida, e tem de todo em tudo os ares

de uma alma que anda penando. E por isso juraria que é a do segundo marido.

- E para que horas lhe ordenaram que aprontasse a ceia de hoje?
- Para as oito.
- São sete e meia - afirmou o mancebo, puxando por um belo relógio que já por diferentes vezes havia consultado. - Não pode, portanto, perder tempo.
- Oh! estará pronta, sossegue a esse respeito. Subi apenas para lhe falar da ceia de vossa senhoria, e para lhe dizer que recomecei a confeccioná-la, completamente. Agora, já que o seu companheiro tanto tem tardado, trate de arranjar as coisas de modo a que não chegue aqui antes que se tenha passado uma hora.
- Preste-me atenção, meu amigo - disse o jovem cavaleiro, no tom de um homem para quem o grave negócio de uma ceia servida a hora certa é coisa de pouca monta - não se atormente por causa da nossa ceia, pois ainda que a pessoa por quem espero chegasse, como temos de conversar, se a ceia não estiver pronta, conversaremos antes; se, pelo contrário, estiver pronta, conversaremos depois.
- Na verdade, senhor - voltou o estalajadeiro - é um gentil-homem muito condescendente; e já que confia em mim, esteja certo de que ficará satisfeito.

Dito isto, o senhor Biscarros fez uma profunda vénia, a que o jovem

correspondeu com um ligeiro aceno de cabeça, e saiu.

"E agora - pensou o mancebo, ocupando novamente, com toda a curiosidade, o seu posto na janela - tudo compreendo. A senhora espera alguém que deve vir de Libourne, e os homens do bosque propõem-se interceptar o visitante antes que este tenha tempo de bater à porta."

Ao mesmo tempo, como que a justificar as previsões do sagaz observador, ouviram-se à sua esquerda os passos de um cavalo. No mesmo instante, os olhos do mancebo volveram-se com a

35

rapidez do raio, a examinar a atitude dos homens emboscados. Apesar de a noite começar a confundir os objectos numa meia escuridade, pareceu-lhe que uns desviavam os arbustos e outros levantavam as cabeças a fim de olharem por cima do rochedo, preparando-se, uns e outros, para um movimento que tinha toda a aparência de agressão. Ao mesmo tempo, o ruído de armar os mosquetes feriu-lhe por três vezes os ouvidos e fez-lhe estremecer o coração. Voltou-se então rapidamente para o lado de Libourne, a fim de ver se descobria o homem a quem este ruído mortífero ameaçava, " viu, montado num formoso cavalo, caminhando a trote, aparecer, bizarro e ufano, com ar triunfador, um belo mancebo, cujo curto capote, forrado de cetim branco, deixava elegantemente descoberto o ombro direito. De longe, esta figura parecia cheia de elegância, de terna poesia, e de forte orgulho. Vista de mais perto, era composta por um rosto regular e mimoso, de boas cores, olhos ardentes, boca um tanto aberta pelo hábito de sorrir, bigodes negros e delicados, dentes finos e brancos. Um elegante pingalim, um ligeiro assobiar, semelhante ao dos pintassilgos daquela época, divulgado e posto na moda pelo senhor Gastão de Orleães, completavam um perfeito cavaleiro, segundo as leis da elegância que estavam em vigor na corte de França, que já então começava a dar o tom a todas as outras cortes da Europa.

Cerca de cinquenta passos atrás dele, e montado num cavalo cuja passada regulava pela do cavalo do primeiro cavaleiro, vinha um lacaios, muito afectado e emproado, que parecia ocupar entre os criados uma distinção tão marcada como a do respectivo amo entre os gentis-homens.

O formoso adolescente que se conservava à janela da estalagem, sem dúvida demasiado jovem para assistir imóvel a uma cena semelhante àquela de que ia ser testemunha, não pôde deixar de estremecer ao pensar que os dois distintos homens que se aproximavam tão descuidados e com tamanha segurança, seriam mortos

36

a tiro, com toda a probabilidade, logo que chegassem à emboscada onde os esperavam.

Então, um rápido combate pareceu ter lugar no ânimo do jovem, entre a timidez da idade, e o amor ao próximo. Por fim, venceu o sentimento generoso. E como o cavaleiro ia passar diante da porta da estalagem sem ao menos olhar para o lado onde se encontrava, o mancebo, cedendo a um súbito impulso, a uma resolução irresistível, debruçou-se da janela, e, dirigindo-se ao elegante viajante, bradou:

- Olá, senhor! Peço-lhe que pare, pois tenho de comunicar-lhe algo bastante importante.

Ouvindo a voz e estas palavras, o cavaleiro ergueu a cabeça, e ao ver o jovem à janela, deteve o cavalo com um movimento de mão de que não desdenharia o melhor cavaleiro.

- Não faça parar o seu cavalo, senhor - continuou o jovem. - Pelo

contrário: aproxime-se de mim sem afectação e como se me conhecesse. O cavaleiro hesitou um momento; mas reconhecendo pelo gesto daquele que lhe falara que se tratava de um gentil-homem de belo porte e boa fisionomia, tirou o chapéu, e adiantou-se sorrindo.

- Aqui me tem às suas ordens, senhor - disse ele. - Em que posso servi-lo?

- Aproxime-se ainda mais, senhor - continuou o desconhecido da janela - pois o que tenho que dizer-lhe não pode ser dito em voz alta. Torne a pôr o chapéu, porque é necessário que nos julguem conhecidos de há muito, e que é a mim quem veio procurar nesta estalagem.

- Mas, senhor... - estranhou o passageiro - não posso compreender. ..

- Não tardará a compreender. Entretanto, cubra-se... Muito bem. Chegue-se mais perto... mais perto ainda... Estenda-me a mão... isso mesmo. Estou encantado em vê-lo! Agora, não passe desta estalagem, pois se tal fizer está perdido.

37

- Mas então que novidade há? Na verdade, assusta-me!- disse, sorrindo, o cavaleiro.

- O que há de novo... Encaminha-se para aquela casinha onde se vê brilhar luz, não é assim?...

O cavaleiro fez um aceno.

- Mas no caminho dessa casa, ali, onde a estrada faz um cotovelo, naquele bosque sombrio, quatro homens estão emboscados à sua espera.

- Ah!... - fez o cavaleiro, cravando os olhos no pequeno e pálido mancebo. - Está bem certo disso?...

- Vi-os chegar uns atrás dos outros, apearem-se e ocultarem-se, uns atrás das árvores, outros para além dos rochedos. Finalmente, quando há pouco desembocou da aldeia, ouvi-os carregarem os mosquetes.

- Essa agora!...-exclamou o cavaleiro, que por seu turno começava a assustar-se.

- Sim, senhor, é como lhe digo - continuou o mancebo. - E se não estivesse tão escuro, talvez que os pudesse ver e reconhecer.

- Oh!-volveu o viajante - não tenho necessidade de reconhecê-los: sei muito bem quem são esses homens. Mas ao senhor, quem lhe disse que me dirigia àquela casa, e que era a mim que assim espreitavam?

- Adivinhei-o.

- É um adivinho muito encantador; eu agradeço-lho. Ah! querem arcabuzar-me, hem?... E quanto são eles, para levaram a efeito essa bela operação?

- Quatro, um dos quais deve ser o chefe.

- Esse chefe não parece mais idoso do que os outros?...

- Sim, senhor, tanto quanto pude julgar daqui.

- Curvado?...

- De espáduas largas e arqueadas, pluma branca no chapéu, casaco bordado, capote pardo; gesto não comum, mas severo e imperioso.

- Não há que duvidar: é o duque d'Épernon!... - exclamou o gentil-homem.

- Pois bem, não posso deixar de lhe dar conta dos meus negócios... e a sorte sempre me reserva cada um! Mas não importa; o serviço que me rendeu é de suma importância, e, portanto, nenhum motivo posso ter de desconfiança a seu respeito. E os que o acompanhavam, qual era o respectivo traje?

- Casacas pardas.

- É isso, justamente; são os seus porta-cacetes! Juro-lhe pela minha honra que lhe fico muito agradecido. E agora, meu gentil-homem, sabe o que deveria fazer?...

- Não, senhor; mas diga-me o seu parecer, e se o que eu faça puder ser-

lhe útil, de antemão me sinto a isso absolutamente disposto.

- Tem armas?

- Mas... Sim, tenho a minha espada.

- Tem o seu laçaio?

- Sem dúvida; mas não está agora aqui; mandei-o ao encontro de uma pessoa por quem espero.

- Pois bem, deve ajudar-me num ataque repentino.

- Com que fim?

- Com o fim de cairmos sobre aqueles miseráveis, e fazer-lhes pedir misericórdia, tanto a eles, como ao seu chefe.

- Está louco, senhor! - exclamou o mancebo, com um acento que provava não estar de modo algum disposto a tal expedição.

- Com efeito... peço-lhe desculpa - disse o viajante. - Esquecia-me de que este assunto não lhe diz respeito.

Em seguida, voltando-se para o laçaio, que ao ver parar o amo, fizera por sua vez alto conservando-se a certa distância:

- Castorin! - disse ele. - Venha cá.

E ao mesmo tempo levou a mão aos coldres, como se quisesse certificar-se de que as suas pistolas estavam em bom estado.

- Ah! senhor - exclamou o jovem gentil-homem, estendendo o braço como para o deter. - Senhor, em nome do céu! Não

38 39

vá arriscar a vida numa tal aventura! Entre antes na estalagem, a fim de não levantar suspeita alguma àqueles que o esperam. Lembre-se de que se trata da honra de uma mulher.

- Tem razão - condescendeu o cavaleiro - apesar de que nesta circunstância se não trate precisamente da honra, mas sim da riqueza. Castorin, meu amigo - continuou, dirigindo-se ao laçaio que se lhe havia reunido - não iremos mais longe, por ora.

- Como?...-exclamou Castorin, quase tão espantado como o amo. - Que diz o senhor?

- Digo que a menina Francineta ficará esta noite privada da honra de nos receber, visto que ficamos na estalagem do Bezerro de Ouro. Entre, pois; mande aprontar a ceia, e preparar uma cama para mim.

E como o cavaleiro sem dúvida percebeu que Castorin se dispunha a replicar, acompanhou estas últimas palavras com um movimento de cabeça que não admitia réplica. E, portanto, Castorin desapareceu sob o portal, de orelha murcha e sem se atrever a dizer palavra.

O cavaleiro seguiu Castorin um instante com os olhos, e, em seguida, depois de haver reflectido, pareceu tomar uma resolução. Apeou-se, entrou no portal atrás do laçaio, lançou-lhe a rédea do cavalo no braço, e em dois pulos chegou ao quarto do jovem gentil-homem; este, vendo abrir-se repentinamente a porta, deu mostras de sobressalto e susto, que o recém-chegado não pôde ver por causa da escuridão.

- Sim - disse o cavaleiro, aproximando-se alegremente do mancebo, pegando-lhe na mão, que sacudiu cordialmente, sem que o outro lha estendesse - não há a mínima dúvida: é a si que devo a vida.

- Ah! senhor, exagera o favor que lhe prestei - emendou o mancebo, recuando um passo.

- Não, senhor, nada de modéstia! É como lhe digo. Eu conheço o duque: é um homem sumamente brutal. Quanto a si, é um

40

modelo de perspicácia, um modelo de caridade cristã. Mas, diga-me, já que

é tão amável, tão compreensivo: chegaria a sua bondade ao ponto de mandar aviso à casa?...

- A qual casa?

- A qual casa havia de ser? À casa aonde me dirigia, à casa em que me esperam...

- Não, senhor - negou o jovem - de tal não me lembrei, confesso; além do que, mesmo que me tivesse lembrado, não tinha meios de fazê-lo. Ainda não há mais de duas horas que aqui cheguei, e não conheço ninguém nesta casa.

- Ai de mim! - queixou-se o viajante, fazendo um movimento de inquietação.-Pobre Nanon!... Contanto que não lhe aconteça mal algum!...

- Nanon?... Nanon de Lartigues?!... - exclamou o mancebo, estupefacto.

- Pelo que vejo, é decididamente feiticeiro! - admirou-se o passageiro. - Vê emboscarem-se uns tipos numa estrada, e adivinha a quem querem matar; digo-lhe um nome de baptismo, e adivinha o nome de família. Vamos, explique-se sem a mínima demora, senão vou denunciá-lo, e fazer com que o condenem à fogueira pelo Parlamento de Bordéus.

- Ah! desta vez, terá de concordar - replicou o mancebo - não era preciso ser muito esperto para chegar a saber quem era a pessoa que queria ocultar: uma vez que nomeou o duque d'Épernon como seu rival, era evidente que se nomeasse uma Nanon, não podia deixar de ser Nanon de Lartigues, tão formosa, tão rica, tão espirituosa, segundo dizem, que enfeitiçou o duque, e que governa o seu estado - o que faz com que em toda a Guiena seja tão execrada como ele... E para casa daquela mulher é que o senhor ia!... - continuou o mancebo, em tom de repreensão.

- Pela minha fé, que para lá ia, eu o confesso; e já que a nomeei, não me desdigo. Nanon é uma mulher encantadora, muito fiel às suas promessas enquanto sente prazer em guardá-las, e

41

capaz do mais extremoso affecto para com aquele a quem ama, enquanto o ama. Eu devia cear com ela esta noite, mas o duque veio transtornar o plano. Quer que eu amanhã o apresente a ela?... Que remédio terá o duque, mais tarde ou mais cedo, senão voltar para AgenL.

- Obrigado - disse em tom seco o jovem gentil-homem. - Não conheço a menina de Lartigues, senão de nome, nem desejo conhecê-la de outro modo.

- Não tem por certo razão! Nanon é uma senhora digna de ser conhecida de todos os modos.

As sobranceiras do mancebo franziram-se.

- Ah! peço-lhe desculpa - continuou o cavaleiro, espantado - mas eu acreditava que na sua idade...

- Sem dúvida que é na minha idade que normalmente se recebem semelhantes proposições - atalhou o jovem, dando-se conta do mau efeito produzido pelo seu rigor. - E eu de boa vontade aceitaria o seu oferecimento, se não estivesse aqui de passagem, e não me visse obrigado a pôr-me a caminho esta mesma noite.

- Oh! daqui não sairá sem que pelo menos eu saiba quem é o gentil cavaleiro que teve a bondade de salvar-me a vida.

O mancebo pareceu hesitar; passado, porém, um instante:

- Sou o visconde de Cambes.

- Ah!... - fez o interlocutor.-Tenho ouvido falar de uma linda viscondessa de Cambes, que tem grandes propriedades nas vizinhanças de Bordéus, e que é amiga da princesa.

- É minha parenta - disse com vivacidade o mancebo.

- Felicito-o por isso, senhor visconde, pois dizem ser uma senhora incomparável. Espero que, se a ocasião me favorecer neste ponto, ma apresentará. Eu sou o barão de Canolles, capitão no regimento de

Navailles, e actualmente de licença, a qual o senhor duque d'Épernon foi forçado a conceder-me em virtude de uma recomendação da menina de Lartigues.

42

- O barão de Canolles!... - exclamou por seu turno o visconde, olhando para o interlocutor com curiosidade total, despertada por este nome, famoso pelas aventuras amorosas do tempo.
- Conhece-me?... - perguntou Canolles.
- De reputação, somente - respondeu o visconde.
- E má reputação, não é verdade?... Que quer?! Cada um tem o seu fadário; a mim, agrada-me a vida agitada.
- Tem toda a liberdade, senhor, para viver como lhe apraz - respondeu o visconde. - Permitir-me-á, todavia, que lhe faça uma observação...
- Qual?
- Que há uma senhora terrivelmente comprometida por sua causa, e que será o alvo da vingança do duque pelo desgosto que ela lhe dá, e por sua culpa.
- Julga que assim será?
- Sem dúvida. Apesar de... leviana... a menina de Lartigues não deixa de ser mulher, nem de ter sido comprometida pelo senhor: e, portanto, cumpre-lhe tratar da segurança dela.
- Pela minha fé, que tem razão, meu jovem Nestor! Esquecia-me, enlevado no encanto da sua conversa, dos meus deveres de gentil-homem. Fomos sem dúvida atraídos, e é muito provável que o duque saiba tudo. Na verdade, se Nanon pudesse ser informada a tempo do que se passa, seria suficientemente hábil e astuta para fazer com que o duque lhe pedisse perdão. Vejamos... vejamos, pois... Conhece a arte da guerra, jovem?...
- Ainda não - respondeu o visconde, rindo. - Mas creio que vou aprendê-la consigo.
- Pois bem, eis a primeira lição: sabe que na guerra, quando a força é inútil, é preferível empregar a astúcia. Para utilizar este meio, quer ajudar-me a urdir um plano?...
- De muito boa vontade. Mas de que maneira? Explique-se.
- A estalagem tem duas portas.
- Quanto a isso, nada sei.

43

- Mas sei-o eu muito bem; uma dá para a estrada real, a outra para o campo; saio por esta última, descrevo um semicírculo, e vou para junto de Nanon, entrando em casa por uma porta que também abre para o campo.
 - Sim, para que o surpreendam naquela casa! - exclamou o visconde. - Vejo, na verdade, que de táctica sabe como ninguém!...
 - Para que me surpreendam?... - estranhou Canolles.
 - Sem dúvida! O duque, cansado de esperar, e não o vendo sair daqui, voltará para casa.
 - Sim, mas eu não farei mais do que entrar e sair.
 - Uma vez que entre... não tornará a sair.
 - Não posso já duvidar, jovem - disse Canolles. - Você é um feiticeiro!
 - Surpreendê-lo-ão, será talvez morto à frente dela. Eis como tudo terminará.
 - Nada disso! - opôs-se Canolles. - Há os armários.
 - Oh! - fez o visconde.
- Este oh! foi pronunciado de tal forma, com entonação tão eloquente, continha tantas repreensões veladas, tanta vergonha pudica, tão suave

delicadeza, que Canolles ficou subitamente comprometido, e apesar da escuridão cravou os seus penetrantes olhos no mancebo, que tinha o cotovelo encostado ao parapeito da janela.

O visconde sentiu todo o peso deste olhar, e continuou, com ar alegre:

- Na realidade, senhor barão, tem razão. Vá lá; mas oculte-se com todo o cuidado, a fim de não ser surpreendido.

- Ora, pois, não irei - disse Canolles. - Não tenho razão, o senhor é que a tem. Mas como a informarei sobre o que se passa?

- Parece-me que uma carta...

- Quem a levará?...

- Se não me engano, acompanha-o um lacaio. E, numa tal circunstância, o único risco que um lacaio corre é o de levar algumas pauladas, ao passo que um gentil-homem arrisca a vida.

44

- Na verdade que não sei onde tenho a cabeça! - exclamou Canolles. - Castorin poderá desempenhar às mil maravilhas a missão, tanto mais que tenho suspeitas de que aquele tratante tem suas inteligências lá na casa.

- Bem vê que tudo se pode arranjar assim - disse o visconde.

- Sim; tem tinta, papel e penas?

- Não - respondeu o visconde. - Mas lá em baixo há de tudo isso.

- Dê-me licença - disse Canolles. - Na verdade, não sei o que tenho esta noite, que não faço senão asneiras sobre asneiras! Não importa. Agradeço-lhe os seus bons conselhos, senhor visconde, e vou segui-los desde já.

Sem tirar os olhos do mancebo, a quem desde alguns momentos examinava com singular tenacidade, Canolles saiu do quarto, e desceu a escada, enquanto o visconde, inquieto e quase perturbado, dizia consigo:

"Como olha para mim!... Ter-me-á ele reconhecido?..." Contudo, Canolles tinha descido; e depois de haver olhado um momento, como homem profundamente magoado, para as codornizes, perdizes, e outras iguarias, que Biscarros ia arrumando num cesto colocado à cabeça do seu ajudante de cozinha, iguarias que outrem que não ele ia talvez comer - apesar de, sem a mínima dúvida, lhe serem destinadas - pediu que o encaminhassem ao quarto que devia ter-lhe preparado Castorin. Para ali mandou levar tinta, penas e papel, e escreveu a Nanon a carta que se segue:

Querida senhora:

A cem passos da sua porta, se a natureza dotou os seus belos olhos com a faculdade de ver à noite, pode distinguir, num arvoredor, o senhor duque d'Épernon, que está à minha espera, para me fazer arcabuzar e para a comprometer, depois, horripelmente. Porém, não sinto o mínimo desejo

45

de perder a vida, nem de fazer com que a senhora perca o seu descanso. Fique, pois, sossegada a este respeito. Quanto a mim, vou usufruir da licença que o fez assinar há dias, a fim de que me aproveitasse da minha liberdade para vir vê-la. Para onde vou, nem sequer eu sei, e até ignoro se vou para alguma parte. Aconteça, porém, o que acontecer, tome a chamar o seu fugitivo, quando a tormenta houver passado. No Bezerro de Ouro dir-lhe-ão que estrada segui. Alegro-me por saber que compreenderá o sacrifício que me imponho, mas os seus interesses são-me mais caros do que o meu prazer - pois não teria deixado de senti-lo ao desancar o senhor d'Épernon e os seus esbirros, escondidos sob o seu disfarce. Portanto, minha querida, creia que sou todo seu e que, sobretudo, lhe sou muito fiel.

Canolles assinou este bilhete, no qual reinava toda a jactância do gascão

que sabia muito bem o efeito que produziria na gascoa Nanon; depois, chamando o seu laçaio:

- Venha cá, Castorin - disse-lhe ele - e confesse-me ingenuamente em que posição está, relativamente aos seus amores com Francineta.

- Mas, senhor... - respondeu Castorin, muito espantado com semelhante pergunta - não sei se devo...

- Nada receie. Não tenho qualquer intenção a respeito dela, e não terá a honra de ser meu rival. O que lhe peço não passa de uma simples informação.

- Ah! nesse caso, senhor, a coisa é muito diferente... A menina Francineta teve inteligência bastante para apreciar as minhas boas qualidades...

- Quer dizer que está como queria, senhor vilão ruim... Muito bem. Pegue neste bilhete, e depois dê uma volta pelo prado.

46

- Eu sei muito bem o caminho, senhor - disse Castorin, com certo ar de importância.

- Bata à porta que dá para o campo. Essa porta também não lhe deve ser desconhecida...

- Não, senhor.

- Cada vez melhor. Tome, pois, esse caminho, vá bater a essa porta, e entregue esta carta à menina Francineta.

- Em tal caso, senhor - disse Castorin muito satisfeito - posso...

- Pode partir imediatamente. Dou-lhe dez minutos para ir e voltar. É preciso que esta carta seja entregue imediatamente à menina Nanon de Lartigues.

- Mas, senhor... - objectou Castorin, que receava algum contratempo - e se não me abrirem a porta?...

- Passará por tolo, porquanto deve ter algum modo especial de bater, mercê do qual não se deixa no campo um homem sem lhe dar entrada; se assim não acontecesse, sou um gentil-homem muito digno de lástima, por ter ao meu serviço um semelhante imbecil.

- Sei como hei-de bater, senhor - voltou Castorin, com ar triunfante. - Bato logo duas pancadas seguidas e por fim uma terceira.

- Não lhe pergunto o modo como bate: isso é coisa que pouco me importa, contanto que lhe dêem entrada. Vá, pois; e se for surpreendido, mastigue o papel e engula-o; se assim o não fizer, mandarei cortar-lhe as orelhas, quando voltar.

Castorin partiu como um raio. Chegando ao fundo da escada, porém, e em detrimento de todas as regras, meteu o bilhete no alto da sua bota. Depois, saiu pela porta do pátio, e, dando um largo rodeio, atravessando as moitas como uma raposa, saltando os fossos como um galgo, foi bater à porta referida, daquele modo especial que tentara explicar ao amo, e que tanta eficácia tinha, que a porta lhe foi aberta no mesmo instante.

47

Passados dez minutos, Castorin estava de regresso, sem que tivesse sofrido qualquer contrariedade, e informava o amo que o bilhete fora entregue nas belas mãos da menina Nanon.

Canolles dedicara esses dez minutos a abrir a sua mala, a preparar o roupão, e a mandar pôr a mesa. Ouviu com visível satisfação o relatório de Castorin, foi dar uma volta pela cozinha, dando em voz alta as suas ordens para a noite e bocejando desmesuradamente, como homem que espera com impaciência o momento de se deitar. Esta manobra tinha por objectivo,

caso d'Épernon o mandasse espreitar, dar-lhe a saber que o barão nunca tivera intenção de passar além da estalagem, onde, como simples e inofensivo passageiro, pedira ceia e pousada; e, com efeito, este plano obteve o resultado que o barão esperava: uma espécie de camponês, que pagou a despesa feita, levantou-se, e saiu, sem afectação e cantarolando uma redondilha. Canolles seguiu-o até à porta, e viu-o encaminhar-se para a mata; dez minutos depois, ouviu os passos de cavalos que se iam afastando. A emboscada fora levantada.

O barão recolheu então ao seu quarto com o espírito absolutamente sossegado a respeito de Nanon; tratou apenas de passar a noite do modo mais divertido possível. Em consequência, ordenou a Castorin que preparasse as cartas e os dados, e que, feito isso, fosse perguntar ao visconde de Cambes se queria dar-lhe a honra de receber a sua visita.

Castorin obedeceu, e encontrou no limiar do quarto um escudeiro, velho, de cabelos brancos, o qual, segurando a porta quase fechada, respondeu ao seu cumprimento em tom desabrido:

- Isso por ora é impossível; o senhor visconde está ocupado.

- Muito bem - disse Canolles. - Esperarei.

E, como ouvia grande ruído do lado da cozinha, foi ver o que se passava naquela importante parte da casa, a fim de distrair-se.

Era o pobre moço de cozinha, que voltava mais morto do que vivo. No sítio onde o caminho fazia cotovelo, fora detido por

48

quatro homens, que o haviam interrogado acerca da finalidade do seu passeio nocturno. Ao saberem que ia levar a ceia à senhora da casa isolada, haviam-lhe tirado o barrete, a vestia branca e o avental; o mais jovem desses quatro homens revestiu-se com as mesmas insígnias, colocou o cesto à cabeça, e encaminhou-se, em lugar do moço, para a pequena casa. Passados dez minutos, estava de volta, e falava em voz baixa com o homem que parecia ser o chefe da quadrilha. Então, restituíram ao moço de cozinha a vestia, o barrete e o avental; tornaram a pôr-lhe o cesto à cabeça, e, mandando-o voltar as costas, deram-lhe um pontapé, para lhe indicar o caminho que devia seguir. O pobre diabo não quis esperar mais: partiu às carreiras, e acabou por cair meio morto de susto no limiar da porta, onde acabavam de ajudá-lo a levantar-se.

Esta aventura era totalmente incompreensível para toda a gente, à excepção de Canolles: mas como este não tinha motivo algum para dar explicações, deixou o estalajadeiro, criados, criadas, cozinheiro, e moço de cozinha, fazerem as conjecturas que entendessem relativamente a este acontecimento, e enquanto todos disparavam - e qual deles mais - subiu ao quarto do visconde; então, entendendo que a primeira pergunta, que dirigira por meio de Castorin, o dispensava de dar um segundo passo do mesmo género, abriu sem cerimónia a porta, e entrou.

Uma mesa com luzes e dois talheres estava posta no meio do quarto, faltando apenas para completá-la os pratos que a deviam ornar. Canolles reparou nestes dois talheres, e daí tirou uma conclusão festiva.

Contudo, dando com os olhos nele, o visconde levantou-se com um movimento tão arrebatado, que facilmente se percebia que a visita surpreendera o mancebo, e que, ao contrário do que ao entrar supusera, não fora destinado a Canolles segundo talher.

Esta suspeita foi confirmada pelas primeiras palavras que lhe dirigiu o visconde:

- Poderei saber, senhor barão - perguntou-lhe, adiantando-se

49

para ele em tom de cerimônia - a que nova circunstância devo a honra da sua visita?

- A uma circunstância muito natural - respondeu Canolles. um tanto confuso perante esta desagradável recepção. - Apertou-me a fome; julguei que também por ela se sentiria apertado. Está só, eu também: quis ter a honra de convidá-lo a cear comigo.

O visconde olhou para Canolles com uma desconfiança visível, e pareceu experimentar algum embaraço ao responder-lhe.

- Pela minha honra! - disse Canolles a rir- dir-se-ia que tem medo!... Será acaso cavaleiro de Malta?... Tê-lo-ão destinado ao estado eclesiástico, ou tê-lo-á a sua família educado ins-pirando-lhe horror aos Canolles?... Vejamos, não quero perder a sua companhia de uma hora que podemos passar juntos, cada um do seu lado da mesa.

- É-me impossível descer ao seu quarto, senhor barão.

- Pois então, não desça ao meu quarto. Todavia, já que subi ao seu...

- Mais impossível ainda, senhor. Espero alguém.

Desta vez Canolles ficou embaraçado, sem saber o que responder.

- Ah! espera alguém? - disse ele.

- Sim, senhor.

- Juro-lhe... - prosseguiu Canolles, passado um momento de silêncio- sim, juro-lhe, que quase preferia que me tivesse deixado continuar o meu caminho, expondo-me a todo e qualquer perigo que daí pudesse resultar, a vê-lo deitar a perder com tal recusa o favor que me fez, e do qual eu ainda não lhe apresentei os devidos agradecimentos.

O mancebo corou, e aproximou-se de Canolles.

- Peço-lhe desculpa, senhor - disse ele com voz trémula.- Vejo qual é a minha descortesia, e por isso, se não estivessem em causa negócios sérios, negócios de família que preciso de tratar com a pessoa que espero, teria muita honra, e gosto ao mesmo tempo, em admiti-lo, apesar de...

50

- Oh! acabe - voltou Canolles- seja o que for que me diga, decidi não me escandalizar.

- ...Apesar de o nosso conhecimento - continuou o jovem - ser um desses efeitos imprevistos do acaso, um desses encontros fortuitos, uma dessas relações efêmeras...

- E por que razão há-de ser assim? - perguntou Canolles. - Pelo contrário, é assim que se firmam duradouras e sinceras amizades; para tanto, nada mais é necessário do que considerar um favor da Providência aquilo que atribui ao acaso.

- A Providência, senhor - replicou o visconde, rindo - quer que eu parta dentro de duas horas, e que, segundo todas as probabilidades, siga uma estrada absolutamente oposta à sua; fique portanto, certo do grande desgosto que tenho por não poder aceitar, conforme eu desejaria, a amizade que tão cordialmente me oferece e cujo valor muito aprecio.

- É na realidade um rapaz muito singular- observou Canolles - e o impulso de generosidade deu-me ao princípio uma ideia muito diferente acerca do seu carácter. Mas enfim... faça-se como deseja; decerto não tenho o direito de ser exigente, pois que estou em dívida, e que fez em meu favor muito mais do que eu poderia esperar da parte de um desconhecido. Retiro-me, pois, para cear só; mas, na realidade, senhor visconde, isto não deixa de me custar muito: o monólogo não faz parte dos meus hábitos.

E, com efeito, apesar de tudo quanto dissera e da resolução de retirar-se, anunciada pelas suas palavras, Canolles ia-se deixando ficar; parecia

que alguma coisa o havia pregado no lugar onde estava, sem que disso pudesse dar a si próprio uma razão; sentia-se atraído de um modo invencível para o visconde; mas este, pegando num castiçal, aproximou-se de Canolles, e com um sorriso amável, estendendo-lhe a mão, afirmou:

- Senhor, seja como for, e por muito curta que tenha sido a nossa entrevista, creia que estou encantado em ter podido ser-lhe útil em alguma coisa.

51

Canolles viu nisto apenas o cumprimento; pegou na mão que o visconde lhe apresentava, a qual, em vez de corresponder à varonil e amigável pressão da sua, se retirou frouxa e trémula. Depois, compreendendo que, apesar de disfarçada com uma frase lisonjeira, a despedida que lhe fazia o mancebo não deixava por isso de ser uma despedida, retirou-se, bastante desgostoso, e sobretudo muito pensativo.

À porta, encontrou o sorriso desdentado do velho criado, que pegou no castiçal que o visconde tinha na mão, acompanhou Canolles com toda a cerimónia até ao quarto, e tornou a subir no mesmo instante, reunindo-se ao amo, que o aguardava no alto da escada.

- Que faz ele? - perguntou o visconde em voz baixa.

- Creio que se resolve a cear só - respondeu Pompeu.

- Então, não tornará a subir.

- Pelo menos assim o espero.

- Mande aprontar os cavalos, Pompeu; sempre se ganhará algum tempo com isto. Mas - ajuntou o visconde, aplicando o ouvido - que bulha é essa que ouço?... Dir-se-ia a voz do senhor Richon...

- E a do senhor de Canolles.

- Estão altercando, segundo me parece.

- Pelo contrário, reconhecem-se; escute...

- Contanto que Richon não vá falar!...

- Oh! nada há que recear, é um homem muito circunspecto.

- Caluda...

Os dois calaram-se para escutar; e ouviu-se a voz de Canolles:

- Dois talheres, senhor Biscarros! - gritava o barão.- Dois talheres! O senhor Richon ceia comigo.

- Não, senhor - respondeu Richon - isso não é possível.

- Então quer cear só com aquele gentil-homem?...

- Que gentil-homem?

- Aquele que está lá em cima.

- Como se chama ele?

52

- O visconde de Cambes.

- Pelo que vejo, conhece o visconde...

- Se o conheço!... Salvou-me a vida.

- Quem? Ele?!...

- Sim, ele.

- E então, como foi isso?

- Ceie comigo, e contar-lhe-ei enquanto cearmos.

- Não posso; ceio com ele.

- Com efeito, está à espera de alguém.

- Espera por mim, e como estou atrasado, permitirá que me retire, senhor barão?

- Não, com todos os diabos! Tal não permitirei! -exclamou Canolles. - Meteu-se-me na cabeça que cearia na companhia de alguém, e, portanto, ou

ceia o senhor comigo, ou ceio eu consigo. Senhor Biscarros, dois talheres.

Mas enquanto Canolles se voltava para ver se esta ordem era executada, Richon escapuliu-se pela escada e subiu rapidamente os degraus. Chegado ao último, a sua mão encontrou uma pequena mão, que o encaminhou para o quarto do visconde de Cambes, cuja porta se fechou depois de lhe dar entrada, e cujos dois ferrolhos foram corridos para maior segurança.

"Na realidade -rosnou Canolles, buscando debalde com os olhos o desaparecido Richon, e sentando-se à sua mesa solitária - não sei que má sorte me persegue nesta maldita terra: uns correm atrás de mim como se estivesse empestado; outros fogem de mim como do Diabo!... Não sei como me sinto... perco o apetite; a tristeza apossa-se de mim. Sou capaz de me embebedar esta noite como um soldadão alemão." - Olá Castorin! venha cá, quero dar-lhe uma tunda. Mas que é isso!?... Fecham-se lá em cima como quem conspira!... Ah! Que estúpido sou, com efeito! Isto agora dá-me a explicação de tudo. Na verdade, por quem conspiram eles? Será a favor daquele coadjutor? Dos príncipes? Do Parlamento? Do rei? Da rainha? De Mazarino? Ora! Conspirem contra quem

53

quiserem, para mim é o mesmo; já não tenho fastio. Castorin, mande servir a ceia, deite-me vinho no copo; e eu perdoo.

E Canolles atacou filosoficamente a primeira ceia que havia sido preparada para o visconde de Cambes, e que, por falta de novas provisões, o senhor Biscarros se via obrigado a servir requentada.

IV

ENQUANTO o barão de Canolles procurava inutilmente quem com ele ceasse, e, cansado das suas infrutuosas diligências, se decidira por fim a cear sozinho, verifiquemos, entretanto, o que se passava em casa de Nanon.

Apesar de quanto tenham dito e escrito os seus inimigos, e no número destes inimigos seja necessário contar a maior parte dos historiadores que dela se ocuparam, era nesta época uma encantadora criatura de vinte e cinco a vinte e seis anos, de pequena estatura, trigueira, porte ágil e airoso, vivas e frescas as cores, e olhos muito negros, cuja córnea límpida raiava, como a dos gatos, todos os fogos aí reflexos. Festiva à superfície, risonha na aparência, Nanon estava, todavia, bem longe de submeter o seu espírito a todos os caprichos : a todas as futilidades que marcam com loucos arabescos a trama macia e dourada de que ordinariamente se compõe a vida de uma mulher garrida. Antes pelo contrário, as mais graves deliberações, dura e largamente ponderadas na sua inquieta cabeça, assumiam um aspecto simultaneamente pleno de sedução e de lucidez, ao serem transmitidas por uma voz vibrante na qual estava profundamente impresso o acento gascão. Ninguém teria adivinhado, ao ver tal lascara rosada de feições finas e risonhas, que por detrás daquele olhar cheio de promessas voluptuosas e cintilante de vivos ardores, se encobrisse a perseverança infatigável, a tenacidade invencível e a

55

profundidade dos intuitos, comuns ao homem de Estado. E, contudo, estas eram as qualidades -ou os defeitos- de Nanon, conforme lhe os quizerem examinar; ou então, reverso da medalha, tal era o espírito calculista e o coração ambicioso aos quais servia de invólucro um corpo cheio de elegância.

Nanon era natural de Agen. O duque d'Épernon, filho do inseparável amigo de Henrique IV que seguia na sege real no momento em que a faca de Ravallac feriu o monarca, e a respeito de quem não deixaram de conceber-se suspeitas que chegaram aos ouvidos de Catarina de Médicis - o duque d'Épernon, nomeado governador da Guiena, onde a sua arrogância, as suas insolências e os seus exageros o tinham feito odiar, distinguira com o olhar esta pequena burguesa, filha de um simples advogado. Havia-o namorado, e dela triunfara a muito custo, depois de uma defesa sustentada com toda a habilidade de um grande tático, que fizera sentir ao seu vencedor todo o preço da vitória. Em compensação pela reputação já perdida, porém, Nanon arrebatara ao duque o poder e a liberdade. Passados seis meses de ligação com o governador de Guiena, era ela quem na realidade governava esta bela província, fazendo pagar com usura aos que outrora a haviam ofendido, ou humilhado, os agravos e ofensas que deles recebera. Rainha por acaso, fez-se tirana por cálculo, pressentindo, com a sua subtil inteligência, que era necessário compensar por meio do abuso a provável brevidade do reinado.

Consequentemente, de tudo lançou mão, de tudo se apoderou - tesouros, influências e honras. Foi rica, deu empregos, recebeu as visitas de Mazarino e dos primeiros senhores da corte. Jogando com admirável destreza os diversos elementos de que dispunha, fez deles um conjunto útil ao seu crédito e proveitoso à sua fortuna. Cada favor que Nanon fazia tinha o seu preço. Um posto no exército, um emprego na magistratura, tudo tinha o seu preço. Nanon mandava criar determinado posto, ou emprego, mas pagavam-lhos em bela e corrente moeda, ou então com algum rico e real presente; de modo que, cedendo uma ínfima parte de poder em benefício de

56

alguém, recuperava esse fragmento em outra espécie, dando a autoridade, mas guardando para si o dinheiro, que era o seu ídolo. Será esta a explicação para a duração do seu reinado; porquanto os homens, no seu ódio, hesitam em derrubar um inimigo a quem possa restar uma compensação. O que a vingança quer é uma ruína total, é uma prostração completa. Os povos expulsam com pesar um tirano que lhes leva o seu ouro e que se vai rindo. Nanon de Lartigues tinha dois milhões de francos. Este o motivo por que ela vivia com uma certa segurança em cima de um vulcão que, sem cessar, tudo abalava em torno dela; vira o ódio popular subir como a maré, crescer e ruir, com as suas vagas, o poder do senhor d'Épernon, que, expulso de Bordéus num dia de cólera, arrastara consigo Nanon, do mesmo modo que a lancha segue o navio. Nanon cedeu à tormenta, decidida a de novo se erguer, quando ela tivesse passado; tomara Mazarino por modelo e, humilde discípula, praticava à distância a política do astuto e flexível italiano. O cardeal atentou nesta mulher, que ia engrandecendo e enriquecendo à força dos mesmos meios que o haviam feito primeiro-ministro e possuidor de uma fortuna de cinquenta milhões. Admirou a pequena gascoa. e ainda fez mais: não se lhe opôs; e talvez que um dia se saiba o motivo por que assim o fez.

Apesar de tudo isso, e mau grado alguns - que diziam estar mais bem informados - pretenderem que ela se correspondia directamente com Mazarino, pouco se falava nas intrigas políticas da bela Nanon. O próprio Canolles, que era um belo moço e rico, não podia compreender que fosse preciso ser intrigante, nem sabia formar juízo a tal respeito. Quanto às intrigas amorosas de Nanon, quer porque, ocupada por mais graves cuidados, as adiasse para mais tarde, quer porque o clamor do amor que o senhor d'Épernon lhe tinha, houvesse absorvido o ruído que podiam fazer

outros amores secundários, os seus próprios inimigos não haviam sido pródigos de escândalo para com ela. E Canolles podia com alguma razão, dominado pelo seu amor-próprio pessoal e nacional, acreditar que

57

Nanon fora invencível antes da sua chegada. Quer tivesse Canolles sido na verdade objecto do primeiro impulso amoroso daquele coração, apenas acessível à ambição, quer houvesse a prudência aconselhado aos seus predecessores uma descrição absoluta, Nanon, a amante, devia ser uma encantadora mulher; mas Nanon, ofendida, devia ser uma terrível inimiga. O conhecimento de Nanon e de Canolles fizera-se do modo mais natural. Tenente no regimento de Navailles, Canolles quisera ser capitão; para isso teve que escrever ao senhor d'Épernon, coronel-geral da infantaria. Foi Nanon quem leu a carta: respondeu como costumava, julgando ser mais um negócio a tratar, e para isso convidou Canolles a falar-lhe em sítio combinado. Canolles escolheu entre as jóias da sua família um anel magnífico, e que valeria cinco mil francos - o que sempre era mais barato do que comprar uma companhia- e dirigiu-se ao lugar determinado; mas desta vez o vencedor Canolles, precedido do seu pomposo acompanhamento de conquistas amorosas, derrotou os cálculos e a fiscalização da menina de Lartigues. Era a primeira vez que via Nanon; era a primeira vez que Nanon o via. Ambos jovens, formosos e espirituosos. A conferência passou-se em galanteios recíprocos; do negócio que tinham de tratar não se disse palavra, mas nem por isso deixou de ficar concluído. No dia seguinte, Canolles recebeu a sua patente de capitão, e quando o anel precioso passou do seu dedo para o de Nanon, não foi como preço da ambição satisfeita, mas como prenda do amor feliz.

V

QUANTO as razões para a residência de Nanon se situar perto da aldeia de Matifou, a história no-lo dirá. O duque d'Épernon, como já dissemos, era detestado na Guiena. Nanon, a quem haviam concedido a honra de lhe incutir mau génio, ali se tornara execranda. O tumulto do povo expulsou-os de Bordéus e impeliu-os para Agen. Mas em Agen o tumulto repetiu-se. Um dia, numa ponte, despistaram a carruagem dourada em que Nanon ia ter com o duque. Sem se saber como tal acontecera, Nanon achou-se no rio, e foi Canolles quem a salvou. Certa noite, incendiou-se a casa que ela ocupava na cidade, e foi também Canolles quem, muito a propósito, penetrou até ao quarto da jovem e a salvou do fogo. Nanon julgou que numa terceira tentativa os agenesez poderiam ser mais bem sucedidos, visto que apesar de Canolles se afastar dela o menos que lhe era possível, seria um milagre estar sempre em circunstâncias de a poder salvar. Aproveitou pois a partida do duque - que ia dar uma volta pelo seu governo, acompanhado por uma escolta de mil e duzentos homens, para a qual o regimento de Navailles havia

59

fornecido a parte que lhe competia - e saiu da cidade juntamente com Canolles, olhando com desprezo, da portinhola da sua sege, para a população, que bem quisera fazer em pedaços a sege, mas que a isso se não atrevia.

Então, o duque e Nanon escolheram -ou para melhor dizer: Canolles escolheu secretamente- a pequena casa de campo, onde se combinou que Nanon ficaria enquanto não estivesse pronta uma casa em -Libourne.

Canolles conseguiu uma licença para, segundo alegou, terminar em sua casa alguns negócios de família; na realidade, porém, obteve-a para ter o direito de se afastar do regimento, que voltava a Agen, e assim não se apartar demasiado de Matifou, onde a sua presença protectora era mais urgente do que nunca. Com efeito, os acontecimentos principiavam a tomar uma gravidade assustadora: os príncipes de Conde, de Conti, de Longueville, presos a 17 de Janeiro precedente e encerrados em Vincennes, ofereciam aos quatro ou cinco partidos em que então estava dividida a França, um excelente pretexto para uma guerra civil. A impopularidade do duque d'Épernon, que todos sabiam seguir o partido da corte, crescia sem cessar, se bem que a razão levasse a crer que não fosse possível ir mais além o descontentamento. Uma catástrofe desejada por todos os partidos, que, na estranha situação em que a França se encontrava, não sabiam em que ponto estavam, tornava-se iminente. Nanon, como as aves que de longe vêem o aproximar da tempestade, desapareceu e tornou a esconder-se entre a folhagem, para ali aguardar, obscura e ignorada, o desenrolar dos acontecimentos.

Fingiu ser uma viúva que procurava retiro: desta maneira - e decerto o recordamos - a havia designado o estalajadeiro Biscarros.

O senhor d'Épernon, portanto, havia visitado na véspera a linda reclusa, informando-a de que partia para dar uma volta pela província, no que empregaria uns oito dias. E mal ele seguira viagem, Nanon enviara pelo recebedor - que era seu protegido - duas

60

linhas a Canolles, o qual, graças à sua licença, se conservava naqueles arredores. O bilhete original que continha aquelas duas linhas, havia desaparecido nas mãos do mensageiro, e convertera-se na cópia de convite escrita pela mão de Cauvignac. A este convite se apressava o mancebo a acudir, quando o visconde de Cambes o detivera a quatrocentos passos do ponto fatal.

O resto, já sabemos.

Portanto, Nanon esperava Canolles, como espera uma mulher que ama - isto é: consultando dez vezes em cada minuto o relógio, chegando a cada momento à janela, escutando o menor ruído, interrogando com os olhos o Sol, vermelho e exuberante, que se ocultava por detrás da montanha para dar lugar às primeiras sombras da noite. Em primeiro lugar bateram à porta da frente, e ela mandou Francineta abrir. Porém, era apenas o moço da cozinha que trazia a ceia, à qual faltava o convidado. Nanon lançou os olhos à antecâmara e viu o falso mensageiro de Biscarros, que, por seu turno, fixava os olhos no quarto de dormir, onde estava posta uma pequena mesa com dois talheres. Nanon recomendou a Francineta que conservasse as viandas quentes, fechou de novo a porta, com tristeza, e voltou à janela, que lhe mostrava, tanto quanto podia ver no meio das trevas, a estrada vazia.

Uma segunda pancada, uma pancada dada de um modo particular, retumbou na porta das traseiras, e Nanon exclamou:

- Ei-lo aí!

Todavia, com o receio de que ainda não fosse ele, deixou-se ficar de pé e imóvel no meio do corredor. Passado um instante, abre-se a porta, e Francineta aparece no lumiar desta com ar consternado, muda, tendo na mão um bilhete. A jovem senhora, vendo o papel, dá um salto para a criada, arrancando-lho da mão, abre-o rapidamente, e lê, angustiada.

Nanon ficou meio morta com a leitura. Verdade seja dita que muito amava Canolles; nela, porém, a ambição era um sentimento quase igual ao do amor e, perdendo o duque d'Épernon, perdia não só

toda a sua fortuna futura, mas talvez que também a sua fortuna passada. Contudo, como era mulher sagaz, começou por apagar a vela, para que não fosse vista a sua sombra e correu à janela. Era mais que tempo: quatro homens aproximavam-se da casa de onde já não distavam mais de uns vinte passos. O homem de capote vinha à frente, e Nanon, sem a mínima dúvida, reconheceu o duque. Neste momento Francineta entrava com uma vela na mão. Nanon lançou um olhar de desespero à mesa, aos dois talheres, as duas cadeiras, às duas almofadas bordadas, cuja insolente alvura tanto sobressaía sobre o carmesim das cortinas de damasco e, por fim, ao seu encantador desalinho, que em tamanha harmonia estava com todos estes preparativos.

"Estou perdida" - disse ela consigo mesma.

Mas quase no mesmo instante caiu em si e um sorriso lhe deslizou pelos lábios. Mais lesta do que o relâmpago, lançou mão do simples copo de cristal destinado para Canolles, e atirou com ele para o jardim; tirou de um estojo o copo de ouro com as armas do duque, colocou ao pé do seu prato o talher de prata dourada e depois, fria de terror mas com um sorriso composto à pressa, desceu apressadamente os degraus da escada, e chegou à porta no momento em que acabava de retumbar uma pancada grave e solene.

Francineta quis abri-la; mas Nanon segurou-lhe o braço, empurrou-a para o lado, e com aquele rápido olhar que tão bem interpreta o pensamento das mulheres que assim se acham surpreendidas:

- É o senhor duque quem eu espero - disse ela - e não o senhor de Canolles. Serve a ceia.

Depois, correu ela mesma os ferrolhos, e, lançando-se ao pescoço do homem de pluma branca, que se dispunha a fazer-lhe uma carranca das mais ferozes, exclamou:

- Ah! O meu sonho não me enganou!... Venha, meu querido duque, está servido, vamos cear.

D'Épernon ficou estupefacto; mas como as carícias de uma linda

mulher sempre são muito agradáveis, deixou-se abraçar. No mesmo instante, porém, lembrando-se das terríveis provas de que dispunha, opôs:

- Devagar, menina; será bom que nos expliquemos.

Com a mão fez um sinal aos seus acólitos, que se afastaram respeitosamente, sem todavia se retirarem de todo, e entrou só, e com passo grave e compassado.

- Que se passa, meu querido duque? - disse-lhe Nanon com uma alegria tão bem fingida que poderia julgar-se natural. - Dar-se-á o caso que esqueceu alguma coisa a última vez que aqui veio... olha para todos os lados com tanto cuidado...

- Sim - disse o duque. - Esqueceu-me dizer-lhe que não sou pateta, um idiota como aquele que Cyrano de Bergerac introduziu nas suas comédias. E por ter esquecido de dizer-lho, volto em pessoa para provar-lho.

- Não o compreendo, senhor - disse Nanon, no tom mais sereno e mais franco. - Peço-lhe que se explique.

Os olhos do duque fixaram-se nas duas cadeiras, das duas cadeiras passaram aos dois talheres, dos dois talheres aos dois travesseiros. Nestes se demoraram mais tempo, e a vermelhidão da cólera subiu-lhe ao rosto.

Nanon antevira tudo isto, e esperava o resultado do exame com um sorriso,

que deixava ver os seus dentes tão brancos como pérolas - com a única diferença de que o sorriso muito se assemelhava a uma críspação, e aqueles dentes tão brancos teriam batido uns nos outros, se a angústia os não cerrasse.

O duque tornou a olhar para ela, colérico.

- Continuo a esperar as ordens de vossa senhoria - disse Nanon, com uma graciosa reverência.

- As ordens de minha senhoria - volveu ele - é que me explique qual é o motivo desta ceia.

- O motivo, como já disse, é que tive um sonho revelador de que, apesar de se ter despedido de mim ontem, voltaria hoje. Ora, os meus

63

sonhos nunca me enganam; mandei, portanto, preparar esta ceia para nós.

O duque fez uma careta, pretendendo fazê-la passar por um sorriso irónico.

- E essas duas almofadas? - perguntou.

- Dar-se-á o caso de que vossa senhoria tem intenção de ir pernoitar a Libourne?... Em tal caso, o meu sonho ter-me-ia enganado, visto que anunciava que ficaria aqui.

O duque fez segunda careta, ainda mais significativa do que a primeira.

- E esse elegante desalinho, senhora? E esses esquisitos perfumes?.. ..

- É o trajo que costumo usar quando espero por vossa senhoria. Estes perfumes procedem das almofadinhas de cueiro que meto nos armários, que vossa senhoria afirma preferir a todas as outras, visto ser também o gosto da rainha.

- Então esperava-me?... - continuou o duque, com um sorriso irónico.

- Ora, senhor - disse Nanon, franzindo as sobrancelhas por seu rumo - parece-me que deseja passar revista aos armários... Dar-se-á o caso de se ter tornado ciumento?

O duque compôs um ar majestoso:

- Eu, ciumento!... Oh, não! graças a Deus, não sou capaz de me tornar ridículo até tal ponto. Velho e rico, sei naturalmente que tenho de ser enganado; mas àqueles que me enganam, quero pelo menos provar-lhes que não deixo de conhecer o engano.

- E como lhes provará isso? - disse Nanon- Tenho muita curiosidade em sabê-lo.

- Oh! não será difícil; bastar-me-á mostrar-lhe este papel. O duque tirou um papel da algibeira.

- Não sou sonhador - prosseguiu. - Na minha idade já se não sonha, nem mesmo acordado; mas recebo cartas. Leia esta, que não deixa de ser interessante.

64

Nanon pegou a tremer no bilhete que lhe apresentava o duque, e estremeceu ao ver a escrita; mas este estremecimento foi imperceptível, e leu em voz alta:

O senhor duque d'Épernon saberá que um homem, há seis meses a esta parte senhor de grande familiaridade com a menina Nanon de Lartigues, deve ir a sua casa esta tarde, e nela ficará para cear e passar a noite.

Como se não quer que o senhor duque d'Épernon tenha a menor incerteza a este respeito, participa-se-lhe que o feliz rival é o senhor barão de Canolles.

Nanon embatucou; o golpe era terrível. "Ah! Rolando! Rolando!... - murmurou ela num sussurro.- E eu que me julgava desembaraçada de ti..."

- Estou bem informado?... - disse o duque, com ar triunfante.
 - Muito mal informado - respondeu-lhe Nanon. - E se a sua polícia política não é mais competente do que a sua polícia amorosa, lastimo-o.
 - Lastima-me?..
 - Sim, senhor; porque, enfim, esse senhor de Canolles, a quem dá a honra gratuita de julgá-lo seu rival, não está aqui; e, além disso, pode esperar, a ver se ele vem.
 - Ele já veio!
 - Ele?! - exclamou Nanon- Isso não é verdade.
 Desta vez, havia um acento de profunda verdade na exclamação da acusada.
 - Quer dizer que veio, e chegou até uns quatrocentos passos daqui, e que parou na estalagem Bezerro de Ouro, o que foi uma felicidade para ele.
 Nanon compreendeu que o duque não estava tão seguro como ela crera ao princípio; encolheu os ombros, porquanto outra ideia sem

65

dúvida suscitada pela carta que voltava e tornava a voltar na mão, principiava a tomar forma no seu espírito.
 - Será possível - disse ela - que um homem de génio, um dos mais hábeis políticos do século, tenha a indiscrição de dar crédito a cartas anónimas!?!..
 - Mas enfim: por mais anónima que seja, que explicação dá a esta?
 - Oh! a explicação não é difícil: é uma consequência dos obséquios que nos fazem os nossos amigos de Agen. O senhor de Canolles. para ir tratar de alguns negócios de família pediu-lhe uma licença que lhe concedeu; souberam que passaria por aqui, e a sua viagem serviu de fundamento a essa ridícula acusação.
 Nanon percebeu que a fisionomia do duque, longe de se desenrugar, cada vez se tornava mais carregada.
 - A explicação seria boa - disse ele- se a famosa carta que atribui aos seus amigos, não tivesse um certo pós-escrito, que na turbação em que está se esqueceu de ler.
 O corpo todo da jovem senhora arrepiou-se de susto; via perfeitamente que se o acaso não acudisse em seu socorro, não poderia sustentar muito tempo a luta.
 - Um pós-escrito?... - repetiu.
 - Sim, leia - disse o duque. - Tem a carta nas mãos.
 Nanon diligenciou sorrir; mas sentia que as suas feições contraídas já não se prestavam a esta demonstração de serenidade; contentou-se em ler com a entoação mais firme que lhe foi possível:
 Tenho nas minhas mãos a carta da menina de Lartigues ao senhor de Canolles, na qual o encontro de que falo está aprazado para hoje à noite. Devolverei esta carta em troca de uma assinatura em branco, que o senhor duque mandará entregar por um homem só, num batel do rio Dor-donha, defronte da aldeia de Saint-Michel-la-Rivière, às seis horas da tarde.
 - E teve a imprudência...?! - disse Nanon.
 - As suas letras são para mim tão preciosas, querida senhora, que entendi não haver pagamento demasiado caro para uma carta sua.
 - Expor um tal segredo à indiscrição de um confidente!... Ah! senhor duque!..
 - Esta espécie de confidências, senhora, recebe-se pessoalmente, e deste modo é que recebi esta. O homem que se dirigiu ao rio Dor-donha fui eu mesmo.
 - Então, tem a minha carta?..
 - Ei-la aqui.
 Por um esforço rápido de memória, Nanon tentou lembrar-se de que se

continha naquela carta. Mas não lhe foi possível; o seu cérebro principiava a turbar-se.

Assim, não teve outro remédio senão pegar na sua própria carta, e tornar a lê-la; apenas continha três linhas: Nanon lançou-lhe os olhos com avidez, e reconheceu com indizível alegria que a não comprometiam completamente.

- Leia em voz alta - disse o duque. - Sucede-me o mesmo que a si; esqueci-me do conteúdo dessa carta.

Nanon recobrou o sorriso que debalde buscara alguns segundos antes, e, acedendo ao convite do duque, leu:

Cearei às oito horas. Está livre? Eu estou. Em tal caso, seja pontual, meu querido Canolles, e nada receie relativamente ao nosso segredo.

- Parece-me que isto é bastante claro! - disse o duque, pálido de furor.

"Eis a minha absolvição" - murmurou intimamente Nanon.

- Ah!... - continuou o duque - tem um segredo com o senhor de Canolles...

66

VI

NANON compreendeu que a mínima hesitação, ainda que de um segundo apenas, a deixava a perder. Além disso, tivera tempo para amadurecer no seu cérebro o plano que lhe inspirava a carta anónima.

- Ora, pois, saberá - disse ela, cravando os olhos no duque - que tenho um segredo com esse gentil-homem.

- Confessa-o?!...-exclamou o duque d'Épernon.

- Não posso deixar de assim o fazer, visto que não se lhe pode ocultar coisa alguma.

- Oh!... - bradou o duque.

- Sim, eu esperava o senhor de Canolles - continuou Nanon, com tranquilidade.

- Esperava?...

- Esperava.

- E atreve-se a declará-lo?...

- Com toda a franqueza. Agora, sabe quem é o senhor de Canolles?...

- É um presunçoso, cuja imprudência castigarei cruelmente.

- É um nobre e bravo gentil-homem, a quem continuarei a conceder os favores seus.

69

- Oh! juro-lhe que tal não acontecerá!

- Nada de juramentos, senhor duque; pelo menos, antes de eu ter falado - respondeu Nanon, sorrindo-se.

- Fale, pois, e sem mais demora..

- Não tem observado, o senhor que aprofunda o que há de mais recôndito no coração - continuou Nanon - todas as minhas preferências para com o senhor de Canolles, as instâncias que tenho feito a respeito dele, aquela patente de capitão que lhe obtive, o dinheiro que lhe dei para uma viagem à Bretanha com o senhor de La Milleraye, aquela licença recente, o meu constante desvelo em servi-lo?...

- Senhora, senhora!... - disse o duque- isso já passa dos limites!

- Por Deus, senhor duque! Espere que lhe tenha dito tudo.

- Que necessidade tenho de esperar mais tempo, e que lhe falta para dizer-me?...

- Que tomo pelo senhor de Canolles o mais terno interesse.

- Muito bem o sei, ah! muito bem!...

- Que lhe tenho o mais extremoso affecto.
 - Senhora, abusa!...
 - Que o servirei até à morte, e isto porque...
 - Porque é seu amante... não é difícil de adivinhar.
 - Porque -continuou Nanon, lançando mão com um movimento dramático ao braço do duque, que tremia de raiva - porque é meu irmão!
 O duque d'Épernon deixou cair o braço.
 - Seu irmão?!... - balbuciou ele.
 Nanon fez um aceno afirmativo com a cabeça, acompanhado de um sorriso de triunfo. Depois, passado um momento:
 - Isto exige uma explicação! - exclamou então o duque.
 - E vou dar-lha - disse Nanon.- Em que época morreu meu pai?
 - Haverá - disse o duque, fazendo o seu cálculo - uns oito meses.
 - Em que época assinou aquela patente de capitão para o senhor de Canolles?
 - Parece-me que foi pouco mais ou menos na mesma data - continuou o duque.
 - Quinze dias depois - disse Nanon.
 - Quinze dias depois... é possível.
 - É para mim muito triste - continuou Nanon - ter de revelar a vergonha de outra mulher, de divulgar um tal segredo. Mas o seu estranho ciúme a isso me impele, as suas maneiras cruéis a isso me obrigam. Mas imitá-lo-ei, senhor duque: deixarei de ser generosa.
 - Continue, continue! - exclamou o duque, que já principiava a sentir-se impressionado pelas fantasias e contos que forjava a formosa gascoa.
 - Ora bem: meu pai era um advogado que não deixava de ter alguma celebridade: há vinte e oito anos, ainda ele era moço; meu pai sempre fora formoso. Amava, ainda antes do seu casamento, a mãe do senhor de Canolles, a qual lhe haviam recusado porque ela era nobre e ele mecânico. O amor, como muitas vezes acontece, chamou a si a emenda do erro da Natureza, e durante uma viagem do senhor de Canolles... Compreende agora?...
 - Sim; mas como acontece que esta amizade da sua parte com o senhor de Canolles principiasse tão tarde?
 - Porque só pela morte de meu pai vim a saber do vínculo que nos unia; porque este segredo estava depositado numa carta que o próprio barão me entregou, chamando-me sua irmã.
 - E onde está essa carta? - perguntou o duque.
 - Não se lembra do incêndio que tudo devorou em minha casa, as minhas jóias e alfaias mais preciosas, e os meus papéis mais secretos?...
 - Não há dúvida - assentiu o duque.

70 71

- Muitas vezes lhe tenho querido contar esta história, tendo toda a certeza de que tudo faria em favor daquele a quem chamo em voz baixa meu irmão; mas ele sempre me deteve, e sempre me rogou e suplicou que poupasse a reputação de sua mãe, que ainda vive. Respeitei os seus escrúpulos, porque os compreendia.
 - Ah! e fazia bem - disse o duque, enternecido.- Pobre Canolles!
 - E contudo -continuou Nanon- era a fortuna o que ele rejeitava.
 - Isso é próprio de uma alma delicada - continuou o duque - e esse escrúpulo só o honra.
 - Mais ainda: eu jurava que este mistério nunca seria revelado a pessoa alguma neste mundo. As suas suspeitas, porém, obrigaram-me a falar. Desgraçada de mim! Faltei ao meu juramento; desgraçada de mim! Atraíçoei o segredo de meu irmão...

E Nanon rompeu em lágrimas.

O duque caiu de joelhos e beijou-lhe as lindas mãos, que ela, no estado de desalento em que se achava, lhe abandonava, enquanto os seus olhos elevados ao Céu, pareciam pedir a Deus perdão pelo perjúrio.

- A senhora diz: desgraçada de mim! - exclamou o duque. - Diga antes: quão felizes somos todos! Quero que aquele querido Canolles seja indenizado do tempo perdido. Não o conheço, mas quero conhecê-lo. Apresentar-mo-á, e amá-lo-ei como se a meu filho.

- Diga de preferência: como se a meu irmão - replicou Nanon, sorrindo-se. Passando depois a outra ideia:

- Malditos delatores: que monstros! - exclamou ela, amarrotando a carta, que fingiu deitar ao lume, mas que guardou com todo o cuidado na sua algibeira, para mais tarde pedir contas ao respectivo autor.

- Mas porque se não apresentará aquele mancebo? Porque o não verei agora mesmo?.. Vou desde já mandá-lo chamar ao Bezerro de Ouro.

- Ah! sim - disse Nanon. - Para que ele saiba que nada posso ocultar-lhe, e que desprezado o meu juramento, tudo lhe disse...

- Serei discreto.

- Ora, senhor duque, saiba que tenho de zangar-me consigo - continuou Nanon, com aquele sorriso angélico que os demónios tão bem sabem compor.

- E porquê, minha querida?

- Porque outrora gostava mais de estar a sós comigo. Ceemos, e amanhã pela manhã mandaremos chamar Canolles ("Daqui até amanhã - dizia consigo Nanon - terei ocasião de preveni-lo.")

- Seja, embora - consentiu o duque. - Sentemo-nos à mesa. E, como quem ainda conserva alguma dúvida, ajuntou em voz surda:

"Daqui até amanhã não a deixarei um só instante, e não encontrará meio de o informar de coisa alguma.. a não ser que seja feiticeira."

- Portanto - disse Nanon pousando o braço no ombro do duque - ser-me-á permitido interessar-me por meu irmão junto do meu amigo?

- Sem a mínima dúvida - continuou d'Épernon. - Tudo quanto quiser: dinheiro..

- Oh! dinheiro - disse Nanon- não precisa; foi ele quem me deu este magnífico anel, por si estranhado, e que foi da mãe dele.

- Então, promoção, nem? - acentuou o duque.

- Oh! sim, promoção. Fá-lo-emos coronel, não é assim?

- Logo coronel?... Isso não é coisa tão fácil, minha amiguinha - disse o duque. - Para isso seria preciso que tivesse feito algum serviço à causa de sua Majestade.

- Está pronto a fazer todos os serviços que se lhe indicarem.

- Oh!... - fez o duque, olhando de esguelha para Nanon.- Eu bem poderia encarregá-lo de uma comissão para a corte...

72 73

- Uma comissão para a corte?!... - exclamou Nanon.

- Sim - replicou o velho cortesão. - Mas isto separar-vos-ia um do outro...

Nanon viu que lhe era indispensável aniquilar este resto de desconfiança.

- Oh! quanto a isso, nada receie. Que importa a separação, uma vez que dela lhe resulte proveito?... De perto, eu servi-lo-ia mal, visto que tem ciúmes dele; mas de longe, protegê-lo-á, estendendo sobre ele a sua poderosa mão. Desterre-o, exile-o, se isso for para bem dele, e não se inquiete a meu respeito. Contanto que conserve o amor do meu querido duque, que mais posso precisar para ser feliz?...

- Ora pois, está dito - replicou o duque. - Amanhã pela manhã mandá-lo-ei

chamar, e dar-lhe-ei as minhas instruções. E agora, conforme o afirmou - continuou o duque, lançando os olhos já com mais serenidade às duas cadeiras, aos dois talheres, e às duas almofadas - minha querida menina, vamos cear.

E foram ambos sentar-se à mesa, de rostos risonhos, de tal forma que até Francineta, muito habituada que estava, na sua qualidade de camareira de confiança, às maneiras do duque e ao carácter da ama, acreditou mesmo que Nanon estava tranquilizada de todo, e o duque completamente desenganoado.

VII

O cavaleiro que Canolles saudara com o nome de Richon havia subido ao primeiro andar da estalagem Bezerro de Ouro, e ceava em companhia do visconde.

Era a ele quem o visconde esperava com impaciência, quando ocasionalmente fora testemunha dos preparativos hostis do senhor d'Épernon, o que lhe dera ocasião de prestar ao barão de Canolles o assinalável serviço a que nos referimos.

Havia uma semana que saíra de Paris, e, naquele mesmo dia de Bordéus; trazia, portanto, notícias recentes sobre os meandros um tanto embrulhados que de Paris até Bordéus se urdiam naquele momento, em tramas que davam cuidado. À medida que ia falando - ora da prisão dos príncipes, que era o assunto do dia, ora do Parlamento de Bordéus, que era a potência daquela zona, ora do senhor de Mazarino, que era o rei naquele momento - o mancebo observava em silêncio o rosto varonil e queimado, os olhos perspicazes, demonstradores da sua intrepidez, os dentes brancos e agudos, que apareciam debaixo dos compridos bigodes, sinais estes que faziam de Richon o protótipo do verdadeiro oficial bem sucedido. - Portanto - disse o visconde, passado um instante - a senhora princesa está agora em Chantilly...

75

Sabe-se que era deste modo que se designavam as duas duquesas de Conde, com a única diferença de que à mãe juntavam o título de viúva.

- Sim - respondeu Richon. - É lá que ela o espera o mais brevemente possível.

- E em que situação se encontra ela?

- Num verdadeiro desterro; é vigiada, assim como a sogra, com o maior cuidado, visto que na corte suspeitam de que elas não se contentam com a feitura de requerimentos ao Parlamento, e que maquinam alguma coisa de mais eficaz a favor dos príncipes. Desgraçadamente, como sempre acontece, o dinheiro... a propósito de dinheiro: recebeu o que lhe foi devido? Trata-se de uma pergunta que me foi muito recomendada.

- A muito custo - afirmou o visconde - pude cobrar umas vinte mil libras, que ali tenho, em ouro; e nada mais.

- E nada mais!... Encara assim essa soma como bagatela, senhor visconde?! Bem se vê que é milionário: fala com tamanho desprezo de uma tal quantia, e num momento como este!... Vinte mil libras! Não seremos tão ricos como Mazarino, mas seremos mais ricos do que o rei.

- Crê então, Richon, que este humilde oferecimento será bem recebido pela senhora princesa?

- E com reconhecimento: dar-lhe-á com que pagar a um exército.

- Crê, portanto, que precisamos dele?...

- De quê? De um exército?... Sem a mínima dúvida. E atarefemo-nos a reuni-lo. O senhor de La Rochefoucauld alistou quatro-centos gentis-homens, a pretexto de os fazer assistir às exéquias do pai. O duque de

Bouillon vai partir com igual número, se não maior, para a Guiena. Turenne promete fazer uma incursão até Paris, com o fim de surpreender Vincennes e apoderar-se dos príncipes, beneficiando dessa súbita surpresa; terá uns trinta mil homens, todo o seu exército do Norte, ao qual fará abandonar o serviço real. Oh! as coisas vão tomando bom aspecto - continuou Richon. 76

Não esteja inquieto; não sei se da nossa obra recolheremos muito fruto, mas de certo faremos muita bulha.

- E não encontrou o duque d'Épernon?- interrompeu o mancebo, cujos olhos chamajeavam de contentamento ao ouvir a enumeração das forças que prometiam o triunfo do partido a que se vinculara.

- O duque d'Épernon?.. - perguntou o oficial, arregalando os olhos. - E onde quer que o tenha encontrado? Não venho de Agen, mas sim de Bordéus...

- Poderia tê-lo encontrado a poucos passos daqui - replicou o visconde, sorrindo.

- Ah! tem razão; não é nestes arredores que vive a formosa Nanon de Lartigues?...

- A dois tiros de mosquete desta estalagem.

- Muito bem! Eis o que me dá a explicação da presença do barão de Canolles na estalagem Bezerro de Ouro.

- Conhece-o?

- A quem? Ao barão? Sim. Até poderia dizer que sou amigo dele, se o senhor de Canolles não fosse de alta linhagem, enquanto eu não passo de um pobre plebeu.

- Os plebeus como você, Richon, valem tanto como príncipes, na situação em que nos encontramos. Creio que não deixará de saber que livreii de ser espancado, ou talvez de algo ainda pior, o seu amigo, o senhor barão de Canolles...

- Sim, senhor, ele disse-me duas palavras a esse respeito; porém, não lhe dei grande atenção. Tinha demasiada pressa de vir ter consigo. Está certo de que não o reconheceu?...

- Não é coisa fácil reconhecer as pessoas a quem nunca se viu.

- Tem razão; deveria ter perguntado se ele não adivinhara quem sois.

- Com efeito - replicou o visconde - não tirava os olhos de mim...

Richon sorriu.

77

- Acredito piamente - disse ele. - Não se encontram todos os dias gentis-homens do seu estofo.

- É um cavaleiro que me parece folgazão - opinou o visconde, passado um momento de silêncio.

- Folgazão e bom; um espírito encantador e um grande coração. Sabe-o muito bem: o gascão nunca é medíocre - ou excelente, ou nada vale. Aquele é de boa cepa. No amor, como na guerra, é ao mesmo tempo um galanteador e um bravo capitão. Tenho pena que siga o partido contrário. Na realidade, já que o acaso o pôs em comunicação com ele, deveria aproveitar-se desta circunstância para chamá-lo ao nosso partido.

Um vermilhão fugitivo deslizou como um meteoro pelas faces pálidas do visconde.

- Pareceu-me muito fútil, o seu amigo... - disse o visconde.

- Oh! meu Deus! - respondeu Richon, com aquela melancólica filosofia que de vez em quando se encontra nos homens de vigorosa têmpera - Acaso somos nós assim tão cegos e tão circunspectos, nós que manejamos com as nossas imprudentes mãos o facho da guerra civil como o faríamos

com um círio?... Será homem muito sério o coadjutor, que sossega e amotina Paris com uma palavra?... Será homem sério aquele senhor de Beaufort, que exerce uma tal influência na capital, que lhe deram o nome de rei das praças e mercados?... Será mulher muito séria a senhora de Chevreuse, que faz e desfaz ministros a seu bel-prazer?... Será mulher muito séria a senhora de Longueville, que todavia reinou três meses na Casa da Câmara?... Será mulher muito séria a senhora princesa de Conde, que ainda ontem se não ocupava mais que de vestidos, de jóias e de diamantes?... Enfim: será chefe de partido muito sério, o senhor duque de Enghien, que se ocupava do manejo dos titeres, que está em mãos das mulheres, e que a primeira vez que vestir calções será talvez para alvoroçar toda a França?... E, afinal, eu mesmo, se levar a bem que o meu nome se siga a tantos nomes ilustres - serei eu uma personagem muito grave?... Eu, filho do moleiro de Angolema;

78

eu, antigo criado do senhor de La Rochefoucauld; eu, a quem meu amo um dia, em vez de uma escova e um capote, deu uma espada, a qual pus bravamente à cintura, improvisando-me homem de guerra... E, contudo, eis o filho do moleiro de Angolema, o antigo criado do senhor de La Rochefoucauld, feito capitão; ei-lo que levanta uma companhia, que reúne quatrocentos ou quinhentos homens, cujas vidas, por seu turno, vai arriscar, jogando com elas, como se Deus lhe houvesse dado o direito de assim fazer. Ei-lo que caminha pela rota das grandezas; ei-lo que vai ser coronel, governador de praça. Que virá a ser?... Ei-lo que chegará talvez a ponto de ter durante dez minutos, uma hora, e até um dia inteiro, o destino de um reino nas suas mãos. Como bem vê, isto assemelha-se muito a um sonho, e, contudo, eu o tomarei por uma realidade, até ao dia em que alguma grande catástrofe venha despertar-me. ..

- E nesse dia -ajuntou o visconde- desgraçados daqueles que o despertarem, Richon, porquanto será um herói...

- Um herói ou um traidor, conforme formos mais fortes ou mais fracos. No tempo do outro cardeal, talvez me não houvesse afoitado a tanto, porque teria posto em jogo a minha cabeça.

- Deixe-se disso, Richon; para que haverá de querer persuadir-me de que semelhantes considerações são capazes de deter um homem como o senhor, um dos mais bravos soldados do exército?...

- Sim, não há dúvida - disse Richon, com um estranho movimento de ombros.

- Fui bravo quando o rei Luís XIII, o rosto pálido, o seu cordão azul da Ordem do Espírito Santo e os olhos brilhantes como dois carbúnculos, bradava com voz estridente e mascando o bigode: "O rei vos vê; adiante, senhores!" Mas quando tiver de encarar, não na retaguarda, mas defronte de mim, aquele mesmo cordão azul que ainda estou vendo no peito do pai, agora pendendo do peito do filho, e tenha de gritar aos meus soldados: "Fogo contra o rei da França!" - nesse dia - continuou

79

Richon, abanando a cabeça - nesse dia, senhor visconde, tenho medo de fraquejar e de acabar por fazer fogo em sentido contrário. ..

- Por onde andou hoje, meu querido Richon, que tudo encara pelo lado mais desfavorável? -perguntou-lhe o mancebo.- A guerra civil é coisa triste, sei-o bem; porém, às vezes torna-se necessária.

- Sim, como a peste, como a febre amarela, como a febre negra, como as febres de todas as cores. Crê, por exemplo senhor visconde, ser

necessário que eu, que esta noite apertei com tamanho gosto a mão daquele bravo Canolles, vá amanhã enterrar-lhe a espada na barriga, só porque sirvo a princesa de Conde - que de mim zomba - e ele Mazarino, que dele zomba igualmente?... E isso, todavia, é o que acontecerá.

O visconde fez um movimento de horror.

- A não ser - continuou Richon - que apesar de tudo eu me engane, e que seja ele quem me fure a barriga; mas seja de que maneira for - Ah! não compreende o que é a guerra.. Não vê senão um mar de intrigas, e nele mergulha como no seu elemento natural. Disse isto no outro dia, a sua alteza, e ela concordou. Vivem todos numa esfera de onde os fogos de artilharia - que nos matam - vos parecem simples fogos de artifício.

- Na verdade, Richon - disse o visconde- que me assusta: e se não tivesse a certeza de tê-lo a meu lado para proteger-me, não ousaria pôr-me a caminho; mas, protegido pela sua escolta - ajuntou o mancebo, estendo a delicada mão ao partidário - nada tenho a recear.

- A minha escolta... - recordou-se Richon. - Ah! agora por falar nisso: terá de passar sem ela, senhor visconde, pois não posso acompanhá-lo.

- Mas não deve voltar comigo para Chantilly?...

- Só no caso de aqui não ser necessário para lá devia voltar: mas, tal como lhe dizia, a minha importância tanto tem crescido.

80

que recebi ordem formal da princesa para me não afastar dos arredores do forte, acerca do qual parece que há algum projecto. O visconde fez uma exclamação de susto.

- Partir deste modo, sem si?!... - disse ele.- Partir com aquele digno Pompeu, que é cem vezes mais temeroso do que eu?! Atravessar assim metade da França só, ou quase só?!... Oh! não partirei, juro-lhe! Morreria de susto antes que chegasse!

- Oh! senhor visconde -replicou Richon, dando-uma gargalhada. - Então não se lembra já da espada que tem pendente ao lado?...

- Ria, ria... (tanto melhor); mas eu não partirei. A princesa prometeu-me que o senhor me acompanharia, e só sob essa condição dei a minha palavra.

- Fará o que lhe aprouver, senhor visconde - disse Richon, com afectada gravidade. - Contudo, em Chantilly contam consigo e - pondere isto bem - olhe que os príncipes perdem a paciência com grande facilidade, sobretudo quando esperam dinheiro.

- E para cúmulo da desgraça - lamentou-se o visconde - tenho de partir durante a noite...

- Tanto melhor - disse Richon, a rir. - Não verão que tem medo, e encontrará algum mais poltrão ainda, a quem fará fugir.

- Isso é o que julga - voltou o visconde, a quem esta promessa pouco alento dava.

- Além disso -acrescentou Richon- há um meio de tudo conciliar. Não é por causa do dinheiro que tem medo?... Ora bem: deixe-me o dinheiro; mandá-lo-ei por três ou quatro homens de confiança. Mas considerando bem, o meio mais seguro, aconteça o que acontecer, é ser o senhor o portador.

- Tem razão. Vou partir, Richon; e como cumpre ser completamente bravo, guardo o dinheiro. Creio que sua alteza, pelo que me diz, tem mais necessidade do dinheiro do que de mim; quem sabe se não seria mal recebido, caso chegasse sem ele...

- Eu bem lhe disse, quando entrei, que parecia um herói; além

81

de que, por toda a parte, há soldados do rei, e ainda não estamos em

guerra; mas não se fie muito nisso, e recomende a Pompeu que carregue as pistolas.

- É para me alentar que me diz isso?...

- Sem dúvida; quem tem consciência do perigo não se deixa surpreender. Parta, pois - continuou Richon, levantando-se. - A noite há-de estar boa, e antes que amanheça, pode chegar a Monlieu.

- E o nosso barão, não se porá à espreita da nossa partida?...

- Oh! neste momento faz o que nós acabámos de fazer - quer dizer: está ceando. E ainda que a ceia dele não valha tanto como a nossa, não é homem que se levante da mesa sem algum motivo poderoso. Além disso, vou ter com ele, e tratarei de demorá-lo.

- Então, apresente-lhe as minhas desculpas acerca da minha incivilidade para com ele. Não quero, caso o encontre algum dia em menos generosa disposição do que hoje estava, que tenha agravos comigo. Cá para mim, entendo que o seu barão não é para graças.

- Com razão o diz; seria muito capaz de segui-lo até ao fim do mundo, ainda que mais não fosse para medir a espada com a sua. Mas fique sossegado, eu o cumprimentarei da sua parte.

- Sim; mas peço-lhe somente que espere até que me tenha posto a caminho.

- Não deixarei de fazer assim.

- E para sua alteza, não tem nenhuma mensagem?...

- Olá, se tenho! Acabo de recordar-me o mais importante..

- Escreve-lhe?

- Não, senhor; o que é necessário transmitir-lhe não passa de duas palavras.

- Quais?

- Bordéus - Sim.

- Ela saberá o que querem dizer?..

- Na perfeição. E ouvidas estas duas palavras, pode partir com toda a segurança; dir-lhe-á que respondo por tudo.

- Vamos, Pompeu - ordenou o visconde ao criado, que nesse momento metia a cabeça pela abertura da porta, a qual estivera por abrir um tanto. - Vamos, meu amigo; é preciso partir.

- Oh! oh! partir!... - disse Pompeu.- O senhor decerto não repara que estamos ameaçados por uma horrorosa tempestade..

- Que dizes, Pompeu!?... -respondeu Richon.- Não vejo uma só nuvem no céu!...

- Mas durante a noite poderemos enganar-nos no caminho..

- Não seria fácil; basta que tenham o cuidado de seguir a estrada real; além disso, faz um luar magnífico.

- Luar! luar!... - rosnou Pompeu. - Compreenda, senhor Richon, que não é por amor de mim que assim falo.

- Sem dúvida; um velho soldado!...

- Quando um homem combateu contra os espanhóis, e foi ferido na batalha de Corbie... - continuou Pompeu, inchando o peito.

- Já se não tem medo de coisa nenhuma, não é assim? Ora, pois isso vem muito a propósito, porquanto o senhor visconde não deixa de ter alguns receios, previno-te disso.

- Oh! oh! - disse Pompeu, enfiado.- Tem medo?...

- Indo contigo, meu bravo Pompeu, não tenho - assegurou o mancebo. - Conheço-te bem, e sei que te farias matar antes que a mim chegassem.

- Sem dúvida, sem dúvida - replicou Pompeu. - Mas se tem demasiado receio, seria bom esperar até amanhã.

- Não é possível, meu bom Pompeu. Vai colocar este ouro na garupa do teu cavalo, que eu já vou ter contigo no mesmo instante.

- É uma quantia muito avultada para expô-la assim - sentenciou Pompeu, tomando o peso dos alforjes.

- Não há perigo algum; pelo menos assim o diz Richon. Vejamos: está tudo pronto? Pistolas, espadas, mosquetes?...

- Sem dúvida se esquece - respondeu o velho escudeiro - de que nunca deixa de ter tudo aprontado o homem que foi soldado toda a vida. Sim, senhor visconde, tudo está no devido lugar.

82 83

- Veja - disse Richon. - Não se pode ter medo com semelhante companheiro! Boa viagem, pois, senhor visconde.

- Agradeço-lhe o seu bom desejo; mas o caminho é longo - respondeu o visconde, com um resto de angústia que o ar marcial de Pompeu não podia dissipar.

- Qual! -volveu Richon.- Todo o caminho tem princípio e fim. Apresente os meus humildes obséquios à princesa; diga-lhe que sou todo dela, e do senhor de La Rochefoucauld, até à morte. E não se esqueça das duas palavras que lhe disse: "Bordéus - Sim." Eu vou ter com o senhor de Canolles.

- Diga-me, pois, Richon -replicou o visconde, segurando-o pelo braço no momento em que punha o pé no primeiro degrau da escada - se esse Canolles é tão bravo capitão e tão bom gentil-homem como me afirma, porque não faz você uma tentativa para chamá-lo ao nosso partido?... Poderia reunir-se-nos em Chantilly. ou durante a viagem; tendo já algum conhecimento dele, eu o apresentaria.

Richon olhou para o visconde com um tão singular sorriso, que este, lendo sem dúvida nos traços do partidário o que se passava no seu espírito, apressou-se a dizer-lhe:

- Quanto ao mais, Richon, dê por não dito o que lhe disse, e faça a este respeito o que entender. Adeus!

E, estendendo-lhe a mão, recolheu-se ao quarto, ou porque receasse que Richon visse o súbito vermelhão que assomara ao rosto, ou porque receasse ser ouvido por Canolles, cujas estrondosas gargalhadas chegavam ao primeiro andar.

Deixou pois o partidário descer as escadas, seguido de Pompeu, que levava a mala com uma negligência aparente, a fim de não dar lugar a que se suspeitasse o respectivo conteúdo; e, deixando passar alguns minutos, apressou-se a verificar se não esquecera coisa alguma; apagou as velas, desceu por seu turno com precaução, atreveu-se a lançar uma tímida vista de olhos através da fenda luminosa de uma porta no andar térreo; depois, embuçando-se

84

num capote que Pompeu lhe pusera sobre os ombros, meteu o seu pezinho na mão do escudeiro, saltou com ligeireza para cima do cavalo, queixou-se, sorrindo, da lentidão do velho soldado, e desapareceu na escuridão.

No momento em que Richon entrava no quarto de Canolles. a quem havia de entreter enquanto o viscondezinho fizesse os seus preparativos de partida, um grito de alegria dado pelo barão, meio tombado na cadeira, provou que este não era homem que conservasse rancor.

Sobre a mesa, no meio de dois diáfanos corpos, que haviam sido garrafas cheias, elevava-se, rechonchudo e orgulhoso da sua rotundidade, um garrafão envolto num entrançado de vimes, por entre cujos interstícios a viva luz de quatro velas fazia despedir centelhas de topázios e de rubis: era um garrafão daquele vinho velho de Collioure, cujo suave gosto tão grato é a um paladar já calejado. Apetitosas passas de uvas e figos, amêndoas, biscoitos, queijos picantes, revelavam o cálculo interesseiro

do estalajadeiro, cálculo por cuja sábia exactidão respondiam duas garrafas despejadas, e outra em meio. Com efeito, nenhuma dúvida havia de que todo aquele que tocasse em tão provocadora sobremesa, necessariamente faria, por muito sóbrio que fosse, um avultado consumo de líquido.

Ora Canolles não fazia gosto em passar por anacoreta. Talvez que também, na sua qualidade de huguenote (Canolles era de família protestante, e professava, bem ou mal, a religião do seu país), talvez, dizemos nós, que, na sua qualidade de huguenote, Canolles não acreditasse na canonização daqueles piedosos solitários que haviam ganho o Céu bebendo água e comendo raízes. Portanto, por muito triste ou por muito enamorado que estivesse, Canolles nunca era insensível à fragância de um bom jantar, ao aspecto daquelas garrafas com formato especial, nem daquelas rolhas encarnadas, amarelas ou verdes, que vedam o mais puro sangue da Gasconha. da Champanha, ou da Borgonha. Nestas circunstâncias, Canolles cedera, como costumava, aos encantos da vista; da vista passara ao

85

olfacto, e do olfacto ao gosto. E, como dos cinco sentidos com que o dotara aquela boa mãe comum a que damos o nome de senhora Natureza, três estavam completamente satisfeitos, os outros dois. cheios de paciência, esperavam que chegasse a sua vez, com suma resignação.

Neste pé entrou Richon, e foi dar com Canolles bamboleando-se na cadeira.

- Ah! - exclamou este - chega muito a propósito, meu querido Richon. Bem precisava encontrar-me com alguém a quem fizesse o elogio do senhor Biscarros, e estava a ponto de me ver constrangido a gabá-lo àquele biltre do Castorin, que não sabe o que seja paladar e a quem nunca pude ensinar a comer. Olhe para esta prateleira, e lance os olhos a esta mesa, à qual o convido a sentar-se... Não é este estalajadeiro do Bezerra de Ouro um verdadeiro artista, um homem digno de que eu o recomende ao meu amigo o duque d'Épernon?... Observe a delicadeza dos pratos, pois ninguém mais do que o senhor é capaz de avaliar o seu merecimento. Além de tudo isto, uma boa sobremesa e aquela garrafa de vinho de Collioure, que parece querer resistir, mas que terá de ser vencida, como as demais, sobretudo se a acometermos ambos. Viva a alegria! Estou de muito bom humor, e não posso deixar de confessar que Biscarros é um eminente professor. Sente-se ali, Richon; já ceou, mas isso que importa?... Eu também já ceei, não é razão para impedimento: principiaremos de novo.

- Muito obrigado, senhor barão - disse Richon a rir.- Já não tenho fome.

- Convenho que assim seja: pode não haver fome. Mas sede, sempre a deve haver: prove este vinho de Collioure.

Richon aproximou o seu copo.

- Pelo que vejo - continuou Canolles - ceou com o biltrezinho do seu visconde... Ah! Richon, perdoe-me. Não, engano-me: um lindo moço, pelo contrário, a quem devo o prazer de saborear a vida nos seus melhores aspectos, em vez de deixar fugir a alma pelos

86

três ou quatro buracos que tencionava abrir-me na pele aquele bravo duque d'Épernon. Devo, pois, estar muito agradecido ao lindo visconde, àquele encantador Ganimedes. Ah! Richon, parece-me bem que você é o que todos dizem - isto é: um verdadeiro servidor do senhor de Conde...

- Ora! Deixe-se disso, senhor barão! -exclamou Richon, soltando uma gargalhada. - Não tenha semelhantes ideias, far-me-ia morrer de riso.

- Morrer de riso!... Nem pense nisso, meu caro. O que, porém, lhe posso assegurar, meu caro Richon, é que me causa horror o seu pequeno gentil-

homem, interessar-se daquela maneira pelo primeiro belo cavaleiro que vê passar!...

E Canolles deixou-se cair na cadeira reventado de riso e retorcendo o bigode, com um extremo de hilaridade em que Richon não pôde deixar de tomar parte.

- Então - disse-lhe Canolles- não há dúvida, meu querido Richon, com serenidade lhe digo, que conspire...

Richon continuou a rir, mas com um sorriso menos franco.

- Talvez não saiba que eu tinha muito boa vontade de mandá-lo prender, tanto a si como ao seu gentil-homem.. Ora, não deixaria de ter a sua graça, e sobretudo seria muito fácil. Tinha à minha disposição os portacacetes do meu compadre d'Épernon. Ah! Richon para o corpo de guarda, e o pequeno gentil-homem também!...- E pôs-se a cantarolar.

Neste momento, ouviu-se o galope de dois cavalos que se iam afastando.

- Olá! - disse Canolles, aplicando o ouvido- que é isto, Richon!?... Sabe?...

- Creio saber o que seja.

- Fale, pois.

- É o pequeno gentil-homem que parte.

- Sem me dizer adeus?!... - exclamou Canolles. - Não há dúvida de que é um sevandija!

87

- Nada disso, meu querido barão: é um homem que tem muita pressa, e nada mais.

Canolles franziu as sobrancelhas.

- Que singulares maneiras! - disse ele.- E onde seria criado esse rapaz? Richon, meu amigo, pode ficar certo de que a amizade dele não o honra. Não é procedimento de um gentil-homem para com outros gentis-homens. Com todos os demónios! Parece-me que se lhe pudesse chegar, lhe esfregaria as orelhas.. O diabo leve o pobretanas do pai, que, sem dúvida por mesquinhez, nem um mestre lhe deu!

- Não se enfade, senhor barão - disse Richon a rir. - O visconde não é tão malcriado como supõe, visto que, no momento de partir, me encarregou de lhe exprimir o quanto lhe pesava não ter tempo para lhe apresentar as suas despedidas, e recomendou-me que lhe entregasse mil cumprimentos de sua parte.

- Bom, bom! - condescendeu Canolles, - Água benta da corte, que de uma grande insolência faz uma pequena descortesia; eis tudo. Estou levado dos diabos; brigue comigo, Richon! Não quer fazê-lo ?... Ora espere. Saberá, Richon, meu amigo, que o acho muito feio!

Richon desatou a rir.

- Com o mau humor por que está dominado, senhor barão - disse-lhe ele - seria capaz, se nos puséssemos a jogar, de ganhar esta noite mais de mil libras.

Richon conhecia bem o génio de Canolles, e sabia o que fazia ao oferecer uma escape ao mau humor do barão.

- Ah! sim, o jogo! - exclamou ele. - Sim, o jogo! Tem razão. Meu amigo, eis uma palavra que me reconcilia consigo. Richon, afinal, muito me agrada; Richon, é tão formoso como um adónis, e dou o meu perdão ao senhor de Cambes. Castorin, traz-nos cartas!

Castorin logo se apresentou, seguido de Biscarros: chegaram a banca de jogo, e os dois companheiros puseram-se a jogar. Castorin e Biscarros deixaram-se ficar de pé, um de cada lado da mesa. para vê-los jogar. Em menos de uma hora, apesar da previsão feita

a Canolles, Richon ganhou ao seu contrário uns oitocentos francos. Então

Canolles, que não tinha já dinheiro consigo, ordenou a Castorin que o fosse buscar à sua mala.

- É escusado - disse Richon, que lhe ouvira dar a ordem. - Não tenho tempo para a desforra.

- Como assim!? Pois não tem tempo?!... - estranhou Canolles.

- Não, senhor. São onze horas - disse Richon- e à meia-noite tenho de estar no meu posto.

- Deixe-se de histórias! Está gracejando?... -vociferou Canolles.

- Senhor barão - disse Richon, com gravidade. - É militar, e, portanto, sabe muito bem qual é o rigor do serviço.

- Então, porque não partiu antes de ganhar-me o meu dinheiro?- replicou Canolles, meio risonho e meio zangado.

- Acaso me criticará por lhe haver feito uma visita? - perguntou Richon.

- Deus tal não permita! Contudo, vejamos: não tenho a menor vontade de dormir, e não poderei deixar de me aborrecer aqui. E se me propusesse que o acompanhasse, Richon?...

- Recusaria essa honra, senhor barão. Os negócios do género daqueles de que eu estou encarregado, tratam-se sem testemunhas.

- Muito bem! Vai... para que lado?

- Ia rogar-lhe que me não fizesse essa pergunta...

- E para que lado foi o visconde?

- É dever meu responder-lhe que nada sei a tal respeito. Canolles fixou os olhos em Richon, para ficar certo de que a

zombaria não entrava por coisa alguma nestas respostas, algum tanto incivis; mas os olhos de bondade e o sorriso tão franco do governador de Vayres desarmaram, senão a sua impaciência, pelo menos a sua curiosidade.

- Vamos - disse Canolles- esta noite está mergulhado em mistérios, meu querido Richon; haja, porém, liberdade completa; eu mesmo muito me teria zangado de que me houvessem seguido,

89

ainda que, afinal de contas, o que me tivesse seguido se visse tão enganado como eu. Portanto, vá lá mais um copo deste vinho de Collioure, e boa viagem!

Dizendo isto, Canolles encheu os copos, e Richon, depois de haver tocado o seu com o do barão e bebido à saúde deste, saiu sem que este se lembrasse sequer de examinar qual era o caminho pelo qual se afastava. Todavia, vendo-se só no meio das velas quase consumidas, das garrafas vazias, das cartas espalhadas, o barão sentiu uma daquelas tristezas que só podem ser compreendidas depois de experimentadas, porquanto a sua alegria durante toda a noite fora acompanhada pelo pesar de ver malogradas todas as suas esperanças, e por mais que quisesse aturdir-se e esquecer esse desgosto, não o conseguira completamente.

Arrastou-se pois para o seu quarto, lançando através das vidraças do corredor um olhar pesaroso e colérico para a pequena casa isolada, na qual, uma janela, iluminada por um reflexo avermelhado, e de vez em quando atravessada por algumas sombras, indicava obviamente que a menina de Lartigues passava uma noite menos solitária do que a sua.

No primeiro degrau da escada, Canolles deu com a ponta do pé em alguma coisa; baixou-se, e apanhou uma das luvazinhas do visconde, que este deixara cair ao sair precipitadamente da estalagem de Biscarros, e sem dúvida não a julgara suficientemente preciosa para que perdesse o seu tempo a procurá-la.

Qualquer que fosse o conceito feito por Canolles num momento de misantropia - muito perdoável a um amante que se vê, como ele, tão contrariado - o certo é que na pequena casa solitária não reinava maior

satisfação do que na estalagem Bezerra de Ouro.

Nanon, inquieta e agitada toda a noite, revolvendo no seu pensamento milhares de planos para prevenir Canolles, pusera em prática todo o espírito e velhacaria de que é capaz uma cabeça de mulher bem organizada, para sair da situação precária em que se encontrava.

Para isso não era preciso mais do que um momento surripiado ao duque para falar com Francineta, e dois minutos para escrever uma nota a Canolles num pedaço de papel.

Todavia, dir-se-ia que o duque, tendo suspeitado do que se passava e penetrado a inquietação do espírito dela através da máscara alegre com que cobrira o seu rosto, fizera propósito firme de lhe não permitir aquela liberdade de um momento, que todavia lhe era muito necessária.

Nanon queixou-se de uma dor de cabeça, mas o senhor D'Épernon não quis consentir que se levantasse para ir buscar o seu fraquinho de saís, e foi-lho buscar ele próprio.

Nanon picou-se com um alfinete, pelo que logo rebentou um rubi na ponta do seu dedo nacarado, e quis ir buscar à papaleira uma tira daquele famoso tafetá encerado que começava nessa época a ser apreciado. O senhor d'Épernon, infatigável na sua complacência, levantou-se, foi cortar a tirazinha do tal tafetá encerado, com uma destreza que muito a desesperava, e tornou a fechar a papaleira à chave.

Nanon fingiu que dormia profundamente: quase no mesmo instante o duque pôs-se a rressonar; então Nanon tornou a abrir os olhos e, ao clarão da lamparina que estava sobre uma mesa, tentou tirar o pequeno bloco de notas da algibeira do casaco do duque, que estava ao pé da cama, e ao alcance da sua mão; mas no momento em que já tinha o lápis na mão, e acabava de rasgar uma folha de papel, o duque abriu um dos olhos.

- Que faz, minha querida? - interrogou ele.

- Estava vendo se havia calendário no bloco de notas - respondeu Nanon.

- E para quê - perguntou o duque.

- Para ver em que dia calha a festa do santo com o seu nome.

- Eu chamo-me Luís, e o meu aniversário calha a 24 de Agosto, como sabe. Tem portanto bastante tempo para fazer os preparativos, minha querida.

90 91

E tornou a pegar no bloco que ela tinha nas mãos, e meteu-o de novo na algibeira do casaco.

Nesta última manobra, Nanon ganhara pelo menos um lápis e papel. Meteu uma e outra coisa debaixo da almofada, e apagou com toda a destreza a lamparina, esperando poder escrever nas trevas; mas o duque tocou no mesmo instante a campainha, e, acudindo Francineta, pediu-lhe em altos brados luz, asseverando que sem ela não poderia adormecer. Francineta chegou antes que Nanon houvesse tido tempo de escrever metade da sua frase, e o duque, com receio de que se repetisse um acidente semelhante ao que acabava de acontecer, ordenou a Francineta que pusesse duas velas acesas sobre a lareira. Foi então que Nanon declarou que não podia dormir com luz, e, toda abrasada numa febre de impaciência, voltou a cara para a parede, esperando o dia com uma ansiedade fácil de compreender.

Aquele dia, tão temido, começou por fim a raiar por cima dos ulmeiros, e fez empalidecer a luz das velas. O duque d'Épernon, que se prezava de seguir os hábitos da vida militar, levantou-se ao primeiro raio que filtrou pelas janelas, vestiu-se sem ajuda de ninguém, para se não apartar um só momento da sua pequena Nanon, envergou um roupão, e tocou a campainha, para saber se não haveria alguma coisa de novo.

A resposta que Francineta deu a esta pergunta foi trazer-lhe um maço de despachos que Courtauvau, o seu picador favorito, trouxera durante a

noite.

O duque pôs-se a abri-los, e a lê-los com um dos olhos; o outro, a que o duque se esforçava por dar a expressão mais amorosa que lhe era possível, não o tirava de Nanon.

Nanon, caso isso estivesse na sua mão, teria feito em pedaços o duque.

- Sabe o que deveria fazer, minha cara amiga?... - perguntou-lhe o duque, depois de haver lido uma parte dos seus despachos.

- Não, senhor - respondeu Nanon.- Mas se quiser dar as suas ordens, serão pontualmente executadas.

- Mandar chamar o seu irmão - disse o duque.- Acabo justamente de receber uma carta de Bordéus, que contém as informações que desejava, e ele poderia partir neste mesmo instante; deste modo, quando voltasse, eu teria um pretexto para lhe dar o comando que deseja.

O rosto do duque exprimia a benevolência mais franca.

"Vamos - disse consigo Nanon - ânimo! Quem sabe se Canolles lerá nos meus olhos, ou me compreenderá à primeira palavra que eu lhe dê..."

Depois, em voz alta:

- Mande-o chamar o senhor mesmo, meu querido duque - respondeu ela, porque desconfiava que, caso se quisesse encarregar da comissão, ele se oporia.

O duque chamou Francineta, e despachou-a para a estalagem Bezerro de Ouro, sem lhe dar nenhuma outra instrução mais do que estas palavras:

- Diga ao barão de Canolles que a menina de Lartigues o espera para almoçar.

Nanon lançou uma vista de olhos a Francineta, mas, por muito eloquente que fosse esta vista de olhos, Francineta não podia adivinhar o que ela pretendia: "Diga ao barão de Canolles que eu sou sua irmã."

Francineta partiu, compreendendo que haveria pedra escondida no sapato, e que essa pedra seria talvez algum grande calhau. Neste ínterim, Nanon levantou-se, foi colocar-se atrás do duque, de modo que, mal pusesse os olhos em Canolles, pudesse convidá-lo a que procedesse com cautela, e ocupou-se a compor uma frase artificiosa, por meio da qual, logo às primeiras palavras, o barão ficasse inteirado de tudo o que devia saber, para não tocar em notas discordes no terceto de família que se ia executar.

Olhando de esguelha, podia abranger toda a estrada até àquele

92 93

cotovelo onde na véspera o senhor d'Épernon se ocultara com os seus esbirros.

- Ah! - disse de súbito o duque - eis Francineta que está de volta.

E cravou os olhos nos de Nanon, que então se viu obrigada a desviar os seus da estrada, para corresponder ao olhar do duque.

O coração de Nanon palpitava com força no peito; não pudera ver mais que Francineta, quando quisera ver Canolles, para procurar na sua fisionomia algum gesto que lhe desse alento.

Subiram os degraus: o duque preparou um sorriso ao mesmo tempo nobre e amigável; Nanon repeliu o rubor que lhe assomava às faces, e alentou-se para o combate.

Francineta bateu ligeiramente à porta.

- Entre - disse o duque.

Nanon engatilhou a famosa frase com que devia saudar Canolles. A porta abriu-se; Francineta estava só. Nanon olhou para a antecâmara, e não viu nela vivalma.

- Senhora - disse Francineta, com a imperturbável serenidade de uma lacai de comédia - o barão de Canolles não está já na estalagem Bezerro

de Ouro.

O duque arregalou os olhos, e tornou-se sombrio. Nanon levantou a cabeça, e respirou.

- Como!? - disse o duque- o barão de Canolles já não está na estalagem do Bezerro de Ouro?...

- Engana-se, decerto, Francineta - ajuntou Nanon.

- Senhora - insistiu Francineta - repito o que o senhor Bis-carros em pessoa me disse.

"O meu querido Canolles terá sem dúvida adivinhado tudo - pensou Nanon.- É tão espirituoso e destro como bravo e formoso."

- Vá neste instante dizer ao senhor Biscarros que venha falar comigo - ordenou o duque, com a má catadura dos dias aziagos.

- Oh! presumo - disse Nanon precipitadamente- que terá sabido que se encontra aqui, e terá receado incomodá-lo. Aquele pobre Canolles é tão tímido!...

- Ele, tímido?!... - estranhou o duque. - Não é essa a reputação de que goza, segundo me parece...

- Não, senhora - disse Francineta- o barão de Canolles partiu realmente.

- Mas, senhora - disse d'Épernon - como pode ser que o barão tenha medo de mim, visto que Francineta só estava encarregada de o chamar da sua parte?... Então, disseste-lhe que eu estava aqui, Francineta? Responde!

- Não podia dizer-lhe, senhor duque, visto que ele já lá não estava.

Apesar desta pronta resposta de Francineta, que se apresentava com toda a rapidez da franqueza e da verdade, o duque pareceu novamente dominado por toda a sua desconfiança. Nanon, contente, não tinha já vontade de dizer palavra.

- Sempre tenho de voltar para chamar o senhor Biscarros?... - perguntou Francineta.

- Mais do que nunca - disse o duque, com a sua voz grossa. - Mas talvez seja melhor que aqui fiques, pois a tua ama poderia precisar de ti. Eu mando lá Courtauvau.

Francineta desapareceu. Passados cinco minutos, Courtauvau estava entre portas.

- Vá dizer ao estalajadeiro do Bezerro de Ouro - disse o duque - que venha falar-me; e quando vier, que traga o que for preciso para um bom almoço. Dá-lhe estes dez luises de ouro para que a comida seja boa. Vai sem mais demora.

Courtauvau guardou o dinheiro na aba do seu gibão, e logo saiu, para executar as ordens do amo.

Era um moço esperto, que sabia do seu ofício, e que podia dar lições a todos os criados do seu tempo. Foi ter com Biscarros. disse-lhe:

- Persuadi o meu senhor que lhe encomendasse um almoço

94

fino; deu-me oito luises; dois devo guardá-los, pois me pertencem como minha comissão; eis aqui, portanto, seis para si; vá sem perder tempo.

Não cabendo em si de contente, Biscarros atou em torno dos rins um avental branco, meteu na algibeira os seus luises, e, apertando a mão a Courtauvau, pôs-se a caminho após o picador, que o conduziu às carreiras até à pequena casa.

VIII

DESTA vez, Nanon não tremia: a certeza que lhe dera Francineta sossegara-a absolutamente; até sentia o mais vivo desejo de falar com Biscarros. Foi, portanto, introduzido logo que chegou. Biscarros entrou, com o

avental elegantemente arregaçado e com o seu barrete na mão.

- Não é verdade - perguntou Nanon - que ontem tinha em sua casa um jovem gentil-homem, o senhor barão de Canolles?...

- Que foi feito dele? - perguntou o duque.

Biscarros, assaz inquieto, porque o picador e os seis luíses de ouro lhe faziam pressentir alguma grande personagem debaixo daquele roupão, deu logo uma resposta evasiva:

- Saiba, senhor, que ele partiu.

- Partiu? - disse o duque. - Partiu, realmente?...

- Realmente.

- Para onde foi? - perguntou Nanon, por sua vez.

- Isso não posso dizer, pois que na verdade o ignoro, minha senhora.

- Saberá pelo menos a estrada que tomou?...

- A estrada de Paris.

97

- E a que horas se pôs a caminho? - perguntou o duque.

- Seria meia-noite.

- E sem nada deixar dito? - perguntou Nanon, com timidez.

- Sem nada dizer; deixou somente uma carta, recomendando que fosse entregue à menina Francineta.

- E porque não entregastes essa carta? - disse o duque. - É esse o respeito que tem pela recomendação de um gentil-homem?...

- Eu entreguei-lha, senhor.

- Francineta!-bradou o duque.

Francineta, que estava escutando, não fez mais do que dar um salto da antecâmara para o quarto.

- Porque não entregaste a tua ama a carta que o senhor de Canolles deixara para ela? - perguntou o duque.

- Excelentíssimo senhor... - disse rosnando a criada, sumamente espantada.

"Excelentíssimo senhor!... - disse consigo Biscarros, consternado, e indo alapardar-se no ângulo mais retirado do quarto. - Excelentíssimo senhor!... é sem dúvida algum príncipe disfarçado!..."

- Eu não lhe pedi - apressou-se a dizer Nanon, toda enfiada.

- Dê-ma - ordenou o duque, estendendo a mão.

A pobre Francineta apresentou vagarosamente a carta, pondo em sua ama uns olhos que queriam dizer:

"Bem vê que a culpa não é minha.. Aquele estúpido do Biscarros é que deitou tudo a perder..."

Um duplo relâmpago saiu dos olhos de Nanon, e foi apunhalar Biscarros lá no seu ângulo.

O desgraçado alagava-se em suor, e de boa vontade daria os seis luíses que tinha na algibeira para se achar nos seus fornos, com o cabo de uma caçarola na mão. Durante este tempo, o duque pegara na carta, abrira-a, e estava lendo. Durante a leitura, Nanon, em pé, mais pálida e mais fria do que uma estátua, não sentia já em si vida senão no coração.

- Que quer dizer tudo isto? - perguntou o duque.

98

Nanon compreendeu, ao ouvir estas palavras, que a carta não a comprometia.

- Leia em voz alta, e talvez eu posso explicar - disse ela. "Querida Nanon..." - leu o duque.

E, depois destas palavras, voltou-se para a jovem senhora que, serenando-

se cada vez mais, suportou o seu olhar com uma admirável audácia.

"Querida Nanon - continuou o duque - aproveito-me da licença que lhe devo, e vou, para distrair-me, passar algum tempo a galopar na estrada de Paris. Até à vista; recomendo-lhe a minha fortuna."

- Ora! Aquele Canolles não pode deixar de estar doido!...

- Doido?! Então porquê? - perguntou Nanon.

- Pois é lá possível que se parta assim à meia-noite, sem motivo algum! - perguntou o duque.

"Com efeito!..." - acrescentou Nanon, falando consigo mesma.

- Vejamos! Dê-me a explicação desta partida.

- Ah! meu Deus! - disse Nanon, com um sorriso encantador - nada é mais fácil, excelentíssimo senhor.

"Ela também o trata por excelentíssimo senhor!.. -rosnou Biscarros. - Não há dúvida de que é algum príncipe!"

- Vejamos, pois, fale!

- Será possível que não adivinhe de que se trata?...

- Decerto que nada adivinho.

- Ora, pois: Canolles tem vinte e sete anos... é jovem, formoso, leviano.. A que loucura julga que ele dá preferência?... Ao amor. Terá, portanto, visto passar pela estalagem de Biscarros alguma formosa forasteira, e tê-la-á seguido...

- Amoroso, julga-o?... -estranhou o duque, sorrindo-se com esta ideia muito natural: que se Canolles era amoroso para uma forasteira, qualquer que ela fosse, não estava enamorado de nada.

- Ah! amoroso, sem dúvida. Não é assim, senhor Biscarros?... - disse Nanon, encantada de ver que o duque adoptava esta

99

ideia.- Vejamos, responda com franqueza: não lhe parece que adivinhei?... Biscarros compreendeu que era chegado o momento de se aliar à jovem senhora, falando no sentido dela; e quando lhe assomava aos lábios um sorriso de quatro polegadas de largo, afirmou:

- Com efeito, parece-me que a senhora não deixa de ter razão. Nanon deu um passo para o estalajadeiro, e disse, estremecendo a seu pesar:

- Não é assim?...

- Eu pelo menos assim o julgo, senhora - respondeu Biscarros, com certo ar de sagacidade.

- Assim o julga?...

- Sim, senhora. Espere um instante.. Com efeito, faz-me pensar no caso...

- Ah! conte-nos isso, senhor Biscarros -replicou Nanon, começando a deixar-se dominar pelos primeiros crivos do ciúme. - Vejamos: diga quantas forasteiras pernoitaram em sua casa esta noite.

- Sim, diga-o - disse d'Épernon, estirando as pernas e encostando os cotovelos numa poltrona.

- Não dei pousada a nenhuma forasteira - afirmou Biscarros. Nanon respirou.

- A única pessoa que lá passou a noite - continuou o estalajadeiro, sem reparar que cada uma das suas palavras fazia palpar o coração de Nanon - foi um pequeno gentil-homem, louro, delicado, gordinho, que não comia, nem bebia, e que tinha medo de se pôr a caminho durante a noite. Um gentil-homem que tinha medo -continuou Biscarros, fazendo um leve movimento de cabeça cheio de sagacidade. - Bem me compreende, não é verdade?...

- Ah! ah! ah! - disse com soberba alegria o duque, caindo francamente na esparrela.

Nanon respondeu a este sorriso com um certo ranger de dentes.

- Continue - disse ela.- Isso não deixa de ter a sua graça! E sem dúvida o pequeno gentil-homem esperava pelo senhor de Canolles, não?

- Não, senhora; esperava para cear um corpulento senhor de bigode, e até tratou com alguma dureza o senhor de Canolles, quando este quis cear com ele; mas este bravo gentil-homem não se agastou por tão pouca coisa. É um camarada atrevido e empreendedor, segundo parece. E com verdade o digo! Depois da partida do grande, que seguiu pela direita, correu atrás do pequeno, que tomara à esquerda.

E após esta discussão, que nenhum esclarecimento dava, Biscarros, vendo pintada a satisfação no rosto do duque, entendeu que lhe era permitido dar gargalhadas tão estrondosas que fizeram tremer as vidraças.

O duque, absolutamente sossegado, teria abraçado Biscarros, se este tivesse a mais pequena dose de fidalguia. Quanto a Nanon, pálida, e com um sorriso convulsivo e gelado nos lábios, escutava cada palavra que saía da boca do estalajadeiro com aquela fé devoradora que impele os ciumentos a beberem a largos tragos, e até às fezes, o veneno que os mata.

- Mas que lhe permite pensar - disse ela- que o pequeno gentil-homem seja uma mulher, que o senhor de Canolles esteja enamorado dela, e que não siga a estrada real por capricho, para matar o tempo?

- O que me dá lugar a pensá-lo? - respondeu Biscarros, que se empenhava em fazer penetrar a convicção no espírito dos seus ouvintes. - Sejam pacientes, vou dizê-lo.

- Sim, diga-mo, meu querido amigo - replicou o duque.- Na realidade, dá-nos muito prazer.

- Vossa excelência tem demasiada bondade! - disse Biscarros. - Explico-me já.

O duque aplicou o ouvido. Nanon ouvia, apertando os punhos.

100 101

- Eu de nada desconfiava, e até tomara desde logo o pequeno cavaleiro louro por um homem, quando encontrei o senhor de Canolles no meio da escada, tendo na mão esquerda o seu castiçal, e na direita uma luvinha, que examinava e cheirava apaixonadamente.

- Oh! oh! oh! - fez o duque, cuja vontade de rir era cada vez maior, à medida que se iam desvanecendo os receios relativamente à sua pessoa.

- Uma luva?... - repetia Nanon, fazendo diligência por se lembrar se não seria ela quem tivesse deixado tal penhor nas mãos do cavaleiro. - Uma luva do género desta?...

E apresentou ao estalajadeiro uma das suas luvas.

- Não - negou Biscarros. - Uma luva de homem.

- Uma luva de homem?!... O senhor de Canolles a olhar para uma luva de homem, e a cheirá-la com paixão!... Está louco!

- Não estou, não, pois era uma luva do pequeno gentil-homem; do lindo cavaleiro loiro, que não bebia, nem comia, e que tinha medo de se pôr a caminho de noite; uma luvinha tão pequena, alguma, ter uma mão muito delicada.

Nanon deu um pequeno grito surdo, como se houvesse sido ferida por um dardo invisível.

- Congratulo-me - disse ela, fazendo um violento esforço - de que esteja bastante inteirado, senhor, e de que saiba tudo quanto desejava saber.

E com os lábios trémulos, dentes apertados e olhos fixos, apontava com o dedo a porta a Biscarros, que, observando no rosto da jovem senhora estes sinais de cólera, nada podia compreender em tudo isso, e estava de boca aberta e olhos arregalados.

"Se a ausência deste gentil-homem - disse ele lá consigo - é um tão

supremo infortúnio, o seu regresso seria uma grande ventura. Lisonjeemos este nobre senhor, com uma doce esperança, a fim de que tenha boa vontade de comer."

102

Em virtude deste raciocínio, Biscarros revestiu-se do ar mais gracioso que lhe foi possível, e, lançando com um movimento cheio de graça a perna direita para diante, afirmou:

- O certo é que o cavaleiro partiu, enfim, mas também pode voltar a todo o momento...

O duque sorriu-se, quando ouviu isto.

- É verdade - disse - e porque não voltaria ele? Quem sabe se não estará já de volta... Vá ver, senhor Biscarros, e traga-me a resposta.

- Mas, o almoço?... - interpôs Nanon com vivacidade.- Cá por mim estou morrendo de fome.

- É muito justo - disse o duque- e Courtauvauz tratará disso. Venha cá Courtauvauz. Vá à estalagem do senhor Biscarros, e veja se o senhor de Canolles terá voltado. Se não o encontrar, pergunte por ele, informe-se, procure-o naquelas imediações. Tenho todo o empenho em almoçar com esse gentil-homem; parta sem mais detença.

Courtauvauz partiu. E Biscarros, que observava o silêncio e o enleio das duas personagens, deu mostras de querer emitir um novo expediente.

- Não percebe - atalhou Francineta - que a senhora lhe faz sinal para que se retire?...

- Mais um momento! - exclamou o duque. - Que indiscrição! Dir-se-ia que não sabe o que faz, minha cara Nanon; e então os assados!.. Sucede-me o mesmo que a si! Estou morrendo de fome. Venha, senhor Biscarros; junte estes seis luíses aos outros: é para pagar a história que acaba de contar-nos.

Após isto, deu ordem ao historiador para que cedesse o lugar ao cozinheiro: e, apressemo-nos a dizê-lo, o senhor Biscarros não brilhou na segunda ocupação menos que na primeira.

Contudo, Nanon tinha feito as suas reflexões e abrangido de um só relance toda a situação em que a colocava a suspeita de Biscarros: em primeiro lugar, seria exacta, essa suposição? E, afinal,

103

se o fosse, Canolles não seria desculpável? Com efeito, que cruel logro não era para um bravo gentil-homem como ele, ver que não se realizava aquele encontro ajustado de antemão; que vexame, para ele, ver-se assim espiado e perseguido pelo duque d'Épernon, e reduzido à necessidade que lhe era imposta de assistir, por assim dizer, ao triunfo do rival! Era tal a paixão de Nanon, que, atribuindo esta fuga a um exagerado ciúme, não só desculpou, mas até lamentou Canolles, chegando a ponto de quase se aplaudir por ser suficientemente amada para provocar em Canolles esta pequena vingança. Mas também, primeiro do que tudo, era preciso deter os progressos desse novo amor apenas nascido.

Aqui, uma reflexão terrível deslizou pelo espírito de Nanon, produzindo nela o efeito de um raio que lhe caísse aos pés.

"Se aquele encontro de Canolles e do pequeno gentil-homem tivesse sido premeditado!..."

Mas isso era uma loucura da parte dela, visto que o pequeno gentil-homem esperava um cavaleiro de bigodes; visto que tratara Canolles com dureza; visto que o próprio Canolles não reconheceu talvez o sexo do desconhecido, senão quando, por acaso, encontrara uma das suas luvas.

Não importa: era preciso contrariar Canolles.

Então, armando-se de toda a sua energia, voltou para junto do duque, que acabava de despedir Biscarros, carregado de cumprimentos e de recomendações.

- Que desgraça, senhor - disse ela- ver-se aquele louco do Canolles privado, pelo seu estouvamento, de uma honra como a que se dignava conceder-lhe! Se estivesse presente, a sua sorte futura estava assegurada. Com a sua ausência, talvez que perca quanto podia esperar, i

- Mas - disse o duque - se tornarmos a encontrá-lo...

- Oh! tal não acontecerá - disse Nanon.- Se o negócio é de mulher, decerto não terá voltado.

- A isso não posso dar remédio, minha querida - respondeu

104

o duque. - A juventude é a idade dos prazeres; é jovem, e diverte-se.

- Mas eu - disse Nanon - que sou mais razoável do que ele, sou de opinião de que se lhes deveria turbar um tanto aquela alegria intempestiva.

- Ah! irmã ralhadora... - exclamou o duque.

- Ele não levaria isso a bem, no primeiro momento -continuou Nanon- mas decerto ficar-me-ia mais tarde agradecido.

- Ora bem, vejamos: concebeu algum plano? Nada mais desejo, caso tenha algum, do que adoptá-lo eu mesmo.

- Está então decidido a isso?

- Sim, senhora; explique-se.

- Não quer mandá-lo à rainha, para lhe levar a toda a pressa uma notícia?..

- Sem dúvida; mas se ele não tiver voltado?...

- Ordene que corram atrás dele; e visto que segue a estrada de Paris, em todo o caso será outro tanto caminho ganho.

- Pela minha fé! Tem razão.

- Deixe isso por minha conta, e Canolles receberá esta ordem hoje à noite, ou amanhã, o mais tardar. Eu lho afianço.

- Mas quem mandará?

- Precisa de Courtauvaux?

- Nenhuma necessidade tenho dele.

- Ponha-o à minha disposição, e eu o enviarei com as minhas instruções.

- Oh! que boa cabeça de diplomata! Muitos progressos fará, Nanon.

- Fique eu eternamente na escola de um tão bom mestre - disse Nanon - é tudo quanto desejo.

E lançou o seu braço ao pescoço do velho duque, que estremeceu de alegria.

- Que deliciosa partida pregaremos ao nosso namorado! - disse ela.

105

- Há-de ser coisa digna de se contar, minha querida.

- Na verdade, bem quererá correr atrás dele, para ver a cara que fará ao mensageiro...

- Desgraçadamente... ou antes: felizmente, não é coisa possível, e tem de ficar a meu lado.

- Sim, mas não percamos tempo. Vamos, senhor duque, escreva a sua ordem, e coloque Courtauvaux à minha disposição.

O duque pegou na pena e escreveu num pedaço de papel:

Bordéus, não.

E assinou-o. Depois, no invólucro deste lacónico despacho, escreveu o seguinte endereço:

A Sua Majestade a Rainha Ana de Áustria, regente da França.
Nanon, da sua parte, escreveu duas linhas, que juntou ao papel, depois de as haver mostrado ao duque:
Meu querido barão:
Como muito bem vê, o despacho incluso é para Sua Majestade a Rainha. Fica responsável pela sua entrega. Leve-o sem a mínima demora; trata-se da salvação do reino.
Sua boa irmã, Nanon.
Ainda mal tinha acabado este bilhete, quando se ouviu no fundo da escada um ruído de passos, e Courtauvau, subindo apressadamente, abriu a porta, com o risonho semblante do homem que traz uma notícia que sabe ser esperada com impaciência.
- Aqui está o senhor de Canolles, que encontrei a cem passos daqui - disse o picador.

106

O duque arrancou uma exclamação de benevolência e surpresa. Nanon engoliu em seco e correu para a porta, dizendo em voz baixa:
"Está pois escrito que não o evitarei!"
Neste momento, uma nova personagem se apresentou à porta, vestido com magnificência, de chapéu na mão, e sorrindo-se com o modo mais gracioso. Um raio que tivesse caído aos pés de Nanon não lhe teria decerto causado maior sobressalto do que esta inesperada aparição, nem lhe teria provavelmente arrancado uma exclamação mais dolorosa do que aquela que a seu pesar lhe escapou da boca.
- Ele! - exclamou Nanon.
- Sem dúvida minha boa irmãzinha - respondeu uma voz muito meiga.- Mas perdoe - continuou o proprietário desta voz, dando com os olhos no duque d'Épernon- talvez que vos venha causar incômodo...
E fez a mais profunda cortesia ao governador da Guiana, que o recebeu com um gesto benévolo.
- Cauvignac... - disse Nanon, mas em voz tão baixa que este nome antes foi pronunciado pelo coração do que pelos lábios.
- Seja muito bem-vindo, senhor de Canolles - disse o duque, dando mostras de grande satisfação. - Sua irmã e eu não fizemos mais que falar de si desde ontem à noite, e desde ontem à noite muito o desejamos.
- Ah! desejavam-me, na verdade?... - disse Cauvignac, fixando em Nanon os olhos onde transluzia uma indefinida expressão de ironia e dúvida.

109

- Sim - corroborou Nanon. - O senhor duque teve a bondade de desejar que lhe fosse apresentado.
- O receio de ser importuno, senhor - disse Cauvignac, inclinando-se diante do duque- é que unicamente me impediu de reclamar mais cedo essa honra.
- Com efeito, senhor barão - volveu o duque - tenho admirado a sua delicadeza; mas não posso deixar de estranhá-la.
- Amim, senhor!? Estranhar a minha delicadeza?!... Ah! ah!...
- Sim, porque se a sua boa irmã não tivesse tomado a peito os seus assuntos...
- Ah! - disse Cauvignac, lançando um olhar de eloquente repreensão a Nanon- Ah! minha boa irmã tomou a peito os assuntos., do senhor?...
- Seu irmão! - disse com viveza Nanon.- Que coisa pode haver mais natural?...
- E ainda hoje mesmo, a que devo eu o prazer de o ver?

- Sim - disse Cauvignac- a que deve, senhor, o prazer de ver-me?
 - Ao acaso! Ao simples acaso, que contribuiu para que regressasse.
 "Ah! -pensou Cauvignac- parece que eu tinha partido..."
 - Sim, havia partido, mau irmão, sem disso me prevenir senão com duas palavras, que nada mais fizeram do que agravar a minha inquietação.
 - Que quer, minha querida Nanon? É preciso perdoar alguma coisa aos enamorados - disse o duque, sorrindo.
 "Oh! oh! isto vai-se complicando muito -murmurou Cauvignac consigo.- Estou enamorado, segundo parece..."
 - Vamos - disse Nanon - confesse que o está.
 - Não o negarei - replicou Cauvignac, com um sorriso triunfante, lidando por alcançar de todos os olhos algum sintoma da verdade, com o socorro do qual pudesse forjar uma alentada mentira.
 - Sim, sim - disse o duque - mas alcemos, se for do seu

110

agrado. Contar-nos-á os seus amores, senhor barão, enquanto almoçarmos. Francineta, um talher para o senhor de Canolles. Creio, capitão, que não terá almoçado...
 - Não, senhor, e até confessarei que o fresco da manhã me deu boa vontade de comer.
 - Diga que o da noite, travesso mancebo - emendou o duque - visto que desde ontem anda correndo pelas estradas.
 "Pela minha fé! Que desta vez - ruminou em voz baixa Cauvignac- o cunhado adivinhou. Seja assim, embora eu confesse, o ar da noite..."
 - Pois então - disse o duque, dando o braço a Nanon e passando para a sala de jantar, seguido por Cauvignac- aí tem, pelo menos assim o espero, com que satisfazer o seu apetite, por muito violento que seja.
 Com efeito, Biscarros havia-se esmerado; as iguarias não eram numerosas, mas deliciosas e succulentas. O vinho branco de Guiena e o vinho tinto de Borgonha caíam da garrafa como pérolas de ouro e cascatas de rubis. Cauvignac não comia; devorava.
 - Este rapaz tem bom apetite - constatou o duque. - Mas a senhora, Nanon...
 - Passou-me a vontade.
 - Querida irmã! -exclamou Cauvignac.- Quando penso que foi o prazer de me ver que lhe tirou o apetite, não posso, na realidade, deixar de repreendê-la por tanto me amar.
 - Nanon, esta asa de frango?... - incitou o duque.
 - É para meu irmão, senhor, para meu irmão - disse a jovem senhora, que via despejar-se com medonha rapidez o prato de Cauvignac, e receava vê-lo renovar a farsa depois da desapareição dos víveres.
 Cauvignac adiantou o seu prato com um sorriso de sumo agradecimento. O duque pôs a asa no seu prato, e Cauvignac colocou-o diante de si.

111

- Vamos lá: que nos conta de bom, Canolles? -perguntou o duque, com uma familiaridade que Cauvignac tomou por muito bom agouro. - Está entendido que não lhe falo de amores.
 __Antes pelo contrário, fale deles, excelentíssimo senhor; nada de constrangimento - disse o mancebo, a quem os vinhos de Bordéus e Borgonha, combinados em doses sucessivas e iguais, começavam a desaferrolhar a língua e que, tomando um nome emprestado, não receava ser desmascarado por quem conhecia a fraude.
 - Oh! senhor, ele é muito galhofeiro - disse Nanon.

- Então podemos convidá-lo a dizer alguma coisa acerca do pequeno gentil-homem?... - perguntou o duque.
 - Sim - prosseguiu Nanon - do pequeno gentil-homem que encontrou ontem de tarde.
 - Ah! sim, no caminho que eu seguia - aventurou Cauvignac.
 - E depois na estalagem de Biscarros - ajuntou o duque.
 - E depois na estalagem de Biscarros! - replicou Cauvignac. - Não há dúvida de que assim foi!
 - Então, encontrou-o, realmente?... - perguntou Nanon.
 - Aquele pequeno gentil-homem?..
 - Sim.
 - Como é ele? Vejamos! Diga-me com franqueza.
 - Pela minha fé - continuou Cauvignac - que era um mocinho encantador: louro, delicado e elegante, viajando com uma espécie de escudeiro.
 - É isso mesmo - disse Nanon, mordendo os lábios.
 - E está namorado dele?
 - De quem?
 - Do pequeno gentil-homem louro, delicado e elegante...
 - Ora, essa não é má! - bradou Cauvignac. - Que quer dizer! ?
 - Conserva sempre a luvazinha sobre o coração?...-continuou o duque, rindo sorrateiramente.
 - A luvazinha?...

112

- Sim, aquela que ontem à noite cheirava e beijava tão apaixonadamente... Cauvignac não sabia já às quantas andava.
 - Aquela, enfim, que lhe forneceu a suspeita do ardil, da me-ta-mor-fo-se - continuou o duque, carregando a cada sílaba.
 Cauvignac tudo compreendeu ao ouvir esta única palavra.
 - Ah!? -exclamou ele- o gentil-homem era então uma mulher?... ora, pois, dou-lhes a minha palavra de honra que tive algumas desconfianças.
 "Já não resta a mínima dúvida" - murmurou Nanon.
 - Dê-me pois de beber, minha mana - disse Cauvignac. - Não sei quem despejou a garrafa que está do meu lado, mas dentro dela já nada há.
 - Vamos, vamos... -sentenciou o duque- a coisa ainda é remediável, visto que o seu amor não o impede de beber, nem de comer; e disso não resultará dano algum para os negócios do rei.
 - Dano algum para os negócios do rei?!... - exclamou Cauvignac.- Isso nunca! Os negócios do rei estão primeiro do que tudo. Os negócios do rei, isso é coisa sagrada! À saúde de Sua Majestade, excelentíssimo senhor.
 - Então, senhor barão, podemos confiar no seu zelo?
 - No meu zelo em servir o rei?..
 - Sim.
 - Muito bem, creiam que podem confiar em mim. Eu, que me deixaria fazer em postas por amor a ele, e até...
 - E assim é de esperar - disse Nanon, receando que, no entusiasmo que lhe davam os vinhos de Bordéus e de Borgonha, Cauvignac se esquecesse da personagem cujo papel representava para tornar a entrar na sua própria individualidade - e assim é de esperar: não é um capitão ao serviço de Sua Majestade, graças às bondades do senhor duque?..
 - Jamais disso me esquecerei - assegurou Cauvignac, com uma comoção lacrimosa e pondo uma das mãos sobre o coração.

113

- Ainda mais faremos, barão, sim, ainda mais faremos para o futuro -

disse o duque.

- Obrigado, senhor, muito obrigado!

- E nós já começámos a tratar disso.

- Sério?...

- Sim; é demasiado tímido, meu jovem amigo -continuou o duque d'Épernon.- Quando precisar de protecções, deverá recorrer a mim; agora, que é inútil usar de rodeios; agora, que nenhuma necessidade já tem de se ocultar, agora, que estou ciente de que é irmão de Nanon...

- Senhor -exclamou Cauvignac- de ora em diante, dirigir-me-ei a si directamente!

- Promete-mo?...

- A isso me obrigo.

- Fará muito bem. Entretanto, sua irmã dar-lhe-á a saber qual é o negócio de que se trata: ela entregar-lhe-á uma carta da minha parte. Talvez que o seu futuro dependa da mensagem que lhe confio, em virtude da sua recomendação. Siga os conselhos de sua irmã, mancebo; siga os seus conselhos. É uma boa cabeça, um espírito distinto, um coração generoso! Ame sua irmã, barão, e fique certo do meu afecto.

- Senhor -exclamou Cauvignac, com veemência- minha irmã sabe até que ponto a amo, e que nada desejo tanto como vê-la feliz, poderosa e... rica.

- Esse ardor agrada-me - disse o duque.- Fique então na companhia de Nanon, enquanto eu mesmo vou ocupar-me de um certo tratante. Mas, a propósito, barão - continuou o duque - talvez me possa dar algumas informações acerca daquele bandido...

- De boa vontade o farei - disse Cauvignac. - Basta que eu saiba quem é o bandido de que vossa excelência quer falar; há-os em grande número e de toda a espécie, neste desgraçado tempo.

- Tem razão, mas este é um dos mais impudentes que eu tenho encontrado.

114

- Palavra!? - disse Cauvignac.

- Aquele miserável, em troca da carta que sua irmã lhe escrevera ontem, e de que se apossou por uma violência infame, extorquiu-me um papel assinado em branco.

- Uma assinatura em branco é negócio muito sério! Mas que interesse tinha

- perguntou Cauvignac, com ar de ingenuidade - em possuir uma carta de irmã para irmão?

- Esquece-se que eu ignorava um tal parentesco?...

- Ah! é verdade.

- E de que tinha a loucura (perdoa-mo, não é assim, Nanon?) - continuou o duque estendendo a mão à jovem senhora- de ter ciúmes de si..

- Na realidade?! Ciúmes de mim!... Ah! senhor, nenhuma razão tinha para isso.

- Desejava, pois, perguntar-lhe se tinha alguma suspeita de quem seria o sujeito que representou para mim o papel de delator.

- Nenhuma ideia, com efeito... Mas bem compreende, senhor, que tais acções não ficam impunes, e algum dia saberá quem a cometeu.

- Sim, por certo, algum dia o saberei - disse o duque - e para isso tenho tomado as minhas precauções: mas preferia sabê-lo já.

- Ah! -repliquou Cauvignac, apurando o ouvido.- Tomou as suas precauções, excelentíssimo senhor...

- Sim, sim. E o tal tratante muito feliz será se a minha assinatura em branco o não fizer enforcar brevemente.

- Oh! -fez Cauvignac.- E como poderá distinguir aquela assinatura em branco das outras ordens que dá?

- Àquela eu pus-lhe um sinal.
- Um sinal?...
- Sim; invisível para todos, mas que eu poderei reconhecer mediante um processo químico.
- Ora essa! - disse Cauvignac- o que fez, excelentíssimo

115

senhor, é uma prova de grande engenho; mas é mister tomar cuidado de que o poltrão não tenha alguma suspeita do laço.

- Oh! por isso não é de recear; quem quer que lho diga?...
- Ah! é verdade -replicou Cauvignac.- Não será Nanon. não serei eu...
- Nem eu - completou o duque.
- Nem o senhor! Portanto, tem razão, excelentíssimo senhor, não poderá deixar de saber, algum dia, quem é aquele homem, e então...
- E então, como estarei desobrigado da palavra que lhe dei, visto que em troca da assinatura em branco lhe terão dado o que desejava, mandá-lo-ei enforcar.
- Ámen!-finalizou Cauvignac.
- E agora -continuou o duque- visto que me não pode dar informação alguma relativamente àquele patife...
- Não, senhor; realmente nada lhe posso dizer a seu respeito.
- Ora, pois, como ia dizendo, deixo-o com sua irmã. Nanon - continuou o duque- dê a este mancebo as informações precisas, e sobretudo que não perca tempo!
- Pode ficar descansado, senhor.
- Assim, cá vos deixo a ambos.

E o duque fez com a mão uma saudação benévola a Nanon, um gesto amigável ao irmão, e desceu a escada, prometendo que provavelmente voltaria antes que anoitecesse.

Nanon acompanhou o duque até ao patamar.

"Em boa estava eu metido! - pensou Cauvignac. - Fez muito bem aquele digno senhor em prever-nir-me. Vamos, vamos, não é tão tolo como parece! Mas que farei eu da assinatura em branco?... Com todos os diabos! farei o que se faz com uma letra de câmbio: negociá-la-ei."

- Agora, senhor - disse Nanon, tornando a entrar, e fechando a porta - como acaba de dizer o senhor duque dlheÉpemon, eis-nos aqui sós.
- Sim, minha querida irmãzinha -respondeu Cauvignac - eis-nos aqui sós. Eu vim unicamente para falar consigo; mas a fim de bem conversar é preciso estar sentado. Sente-se, pois, rogo-lhe.

E Cauvignac chegou uma cadeira para junto de si, e fez com a mão sinal a Nanon de que esta cadeira era destinada para ela.

Nanon sentou-se, com um franzimento de sobrancelhas que nada anunciava de bom.

- Em primeiro lugar - disse Nanon - porque não está onde devia estar?
- Ah! minha querida irmãzinha, essa pergunta, da sua parte, não me lisonjeia muito. Se me achasse onde deveria estar, não estaria aqui, e por consequência, não teria o prazer de me ver.
- Não havia desejado receber as Ordens sacras?...
- Eu não, senhora; diga que algumas pessoas que por mim se interessam (a senhora mesmo, em particular) tiveram vontade que eu as recebesse; mas quanto à minha pessoa, não tive uma vocação suficientemente intensa para a Igreja.
- Contudo, a sua educação foi toda religiosa...
- Sim, minha querida, e julgo ter-me aproveitado dela santamente.
- Nada de sacrilégios, senhor; nada de zombarias quando se trata de coisas santas.

- Eu não estou zombando, minha querida manazinha. Não faço mais do que narrar. Escute: enviou-me para o Convento dos Meninos de Angolana, a fim de ali fazer os meus estudos...

- E então?

- E então... eu fi-los. Sei grego como Homero, latim como Cícero, e teologia como João Huss. Portanto, não tendo já nada que aprender no convento daqueles dignos meninos, passei dali, sempre em cumprimento das suas ordens, para o dos Carmelitas de Ruão, a fim de ali professor.

- Esquece-se de dizer que eu tinha prometido estabelecer-lhe uma renda anual de mil francos, e que cumpri a minha promessa.

116 117

Mil francos para um carmelita, era, no meu entender, mais do que suficiente.

- Não o nego, querida irmã; mas, sob o pretexto de que eu não era ainda carmelita, o convento é que recebeu constantemente essa renda.

- E quando assim fosse? Não fez o senhor, consagrando-se à Igreja, voto de pobreza?...

- Minha irmã, se eu fiz voto de pobreza, juro-lhe que cumpri exactamente este voto: ninguém tem sido mais pobre do que eu.

- Mas, como saiu do convento?

- Ah! eu conto. Como Adão saiu do Paraíso; a ciência é que me deitou a perder, minha irmã. Era demasiado sábio.

- Como é que pode ser demasiado sábio?

- Sim; veja que entre esses carmelitas que bem longe estão de serem uns Erasmos e uns Descartes, eu passava por um prodígio. .. de ciência, bem entendido; de onde resultou, quando o senhor duque de Longueville foi a Ruão solicitar que esta cidade se declarasse a favor do Parlamento, de onde resultou, digo, enviarem-me àquele mesmo senhor de Longueville, para o cumprimentar, o que fiz em termos tão elegantes e tão selectos, que não só deu mostras de ficar muito satisfeito com a minha facúndia, mas até me perguntou se eu queria ser seu secretário. Isto aconteceu justamente no instante em que ia pronunciar os meus votos.

- Sim, disso estou bem lembrada; e até, sob pretexto de fazer as suas despedidas do mundo, pediu-me mil francos, que eu lhe mandei por mão própria.

- E dou-lhe a minha palavra de honra que foram os únicos que recebi.

- Mas devia renunciar ao mundo.

- Sim, senhora, essa era a minha intenção. Mas tal não foi a da Providência, que sem a mínima dúvida lá tem os seus designios a meu respeito; ela dispôs de mim de outro modo, pela mão do senhor de Longueville. Não quis que eu fosse frade. Conformei-me,

118

pois, à vontade daquela boa Providência, e, cumpre-me confessá-lo, não me arrependo de assim ter feito.

- Então já não está na religião?

- Não, querida irmã; ao menos por ora. Dizer-lhe que nela não tornarei algum dia a entrar, é o que me não atreveria a fazer, porquanto qual é o homem que pode na véspera dizer o que fará no dia seguinte?... O senhor de Rance não acaba de fundar a Ordem de Cartuxa?... Quem sabe se não farei como o senhor de Rance, e se não inventarei alguma ordem nova. Mas neste momento estou aplicado à guerra, como bem vê, e por algum tempo, o que me tornou profano e impuro; na primeira ocasião que se me ofereça, purificar-me-ei.

- O senhor, homem de guerra?!... - voltou Nanon, encolhendo os ombros depreciativamente.

- E porque não?... Não lhe direi que sou um Dunois, um Dugues-clin, um Bayard, um cavaleiro sem medo e sem mancha. Não, não chega o meu orgulho a ponto de dizer que nada tenho de que possa arguir-me, e não perguntarei, como o ilustre cabo de partidários Sforza, que é isso de medo. Sou um homem, e, como diz Plauto: "Homo sum, et nihil humanum a me alienum puto"; o que quer dizer: "Eu sou homem, e nada do que é humano me é estranho." Tenho, pois, tanto medo como a todo o homem é permitido que o tenha; o que não obsta a que seja bravo quando a ocasião se oferece. Sei manejar assaz agradavelmente, quando a isso me vejo obrigado, a espada e a pistola; mas a minha verdadeira inclinação, a minha vocação decidida, é para a diplomacia, como bem vê. Se não estou muito enganado, minha querida Nanon, chegarei a ser um grande político, e a política é uma bela carreira; para isso, basta olhar para Mazarino, que, se não for enforcado, irá longe. Ora pois, eu sou como Mazarino; e por isso, um dos meus medos, o maior de todos, é que me enforcuem. É uma felicidade para mim que aqui esteja, querida Nanon, o que me dá muita confiança e alento.

119

- Portanto, é homem de guerra?...

- E homem de corte, em caso de necessidade. Ah! a minha estada junto do senhor de Longueville foi-me muito útil.

- E que aprendeu, a seu lado?

- O que se aprende ao lado dos príncipes: a guerrear, a intrigar, e a atraiçoar.

- E onde o levou isso?

- À mais alta posição.

- Que perdeu...

- E então? Isso que tem?... O senhor de Conde também perdeu a sua. Ninguém tem os acontecimentos na mão. Querida irmã! Tal como me vê, governei Paris; eu mesmo!

- O senhor?!

- Sim, eu!

- Quanto tempo?

- Uma hora e três quartos, contados pelo relógio.

- Governou Paris?

- Como se fora um imperador.

- E como pôde tal suceder?

- De uma maneira muito simples. Não ignora que o coadjutor, o senhor de Gondy, o abade de Gondy...

- Muito bem.

- Era senhor absoluto da cidade. Ora, pois, naquele momento, eu estava com o senhor duque de Elboeuf. É um príncipe loronês, e nenhuma vergonha pode haver em estar com o senhor de Elboeuf. Ora, naquele momento, o senhor de Elboeuf era inimigo do coadjutor. Suscitei, pois, um motim a favor do senhor de Elboeuf, durante o qual lancei mão...

- De quem? Do coadjutor?

- Nada disso, não saberia que fazer dele, e ver-me-ia muito embaraçado. Lancei mão da sua amante, da senhora de Chevreuse.

- Mas isso é uma coisa horrorosa!... - exclamou Nanon.

120

- Não é coisa horrorosa que um padre tenha amante?... Foi justamente o que eu disse comigo. Portanto, o meu intento era apoderar-me dela e levá-

la para tão longe que jamais ele a tornasse a ver. Mandeí-o prevenir de qual era a minha intenção; mas aquele diabo de homem tem umas razões a que não é possível resistir: mandou-me dez mil francos.

- Pobre mulher! Ver-se assim posta em leilão!...

- Como assim!? Deveria, pelo contrário, dar-se por muito satisfeita; provou-lhe o quanto a amava o senhor de Gondy! Outro qualquer talvez não mostrasse tanto zelo em garantir-lhe a liberdade.

- Então, deve estar rico...

- Eu? - admirou-se Cauvignac.

- Sem dúvida, por meio dessas surripiaduras..

- Não me fale mais em tal; saiba, Nanon, que sou desgraçado! A circumspecta criada da senhora de Chevreuse, a quem ninguém tratara de resgatar, e que, por consequência, ficara comigo, roubou-me aquele dinheiro.

- Quanto mais não seja, resta-lhe, assim o espero, a amizade daqueles a quem serviu ofendendo o coadjutor...

- Ah! Nanon, é fácil ver que não conhece os príncipes! O senhor de Elboeuf reconciliou-se com o coadjutor. No tratado que fizeram entre si, fui eu o sacrificado. Vejo-me, portanto, obrigado a pôr-me ao serviço de Mazarino; mas este é um bigorrilha, e como não proporcionava a recompensa pelo serviço, aceitei a oferta que me foi feita, de tentar o novo motim em honra do conselheiro Broussel, e que tinha por objectivo dar cabo do senhor chanceler Séguier. Mas a minha gente, pouco destra, não o fez completamente. No meio do motim corri o maior perigo que jamais me ameaçara. O senhor de La Milleraye disparou contra mim um tiro de pistola, quase à queima-roupa. Quis a fortuna que nesse momento eu me abaixasse; a bala passou por cima da cabeça, e o ilustre marechal apenas matou uma velha.

121

- Que mão-cheia de horrores! - exclamou Nanon.

- Mas não querida irmã: são as consequências necessárias da guerra civil.

- Agora compreendo que um homem capaz de tais coisas se tenha atrevido a fazer o que ontem fez.

- Então, o que é que eu fiz? - perguntou Cauvignac, com o ar mais inocente do mundo. -A que me atrevi eu?...

- Atreveu-se a zombar, na sua própria presença, de uma personalidade tão considerada como o senhor d'Épernon! Mas o que não compreendo, o que nunca teria imaginado, confesso, é que um irmão, cumulado dos meus benefícios, tenha friamente concebido o projecto de arruinar a irmã.

- Arruinar minha irmã?... Eu?!... - admirou-se Cauvignac.

- Sim, o senhor! -replicou Nanon.- Não me foi preciso esperar pela narrativa que acaba de fazer, e que prova ser capaz de tudo, para reconhecer a letra deste bilhete. Veja! Negará que esta carta anónima seja escrita por si?...

E Nanon pôs debaixo dos olhos do irmão a carta de delação que o duque lhe entregara na véspera à noite. Cauvignac leu-a sem dar mostras de turbação.

- Ora, pois - disse ele- que tem contra esta carta? Acaso estará mal concebida?... Pena sentiria, se assim fosse... isso provaria que é uma iletrada.

- Não se trata da redacção, senhor; do conteúdo é que se trata. Foi ou não o senhor quem a escreveu?

- Nenhuma dúvida há de que fui eu. Se quisesse negar o facto, teria disfarçado a letra; mas isso era inútil. Nunca tive intenção de me ocultar a seus olhos; eu até desejava que soubesse que a carta era obra

minha.

- Oh! - admirou-se Nanon, com um gesto de horror. - Confessa!?
- É uma réstia de humildade, querida irmã; não posso deixar de dizer-lho: eu fui impelido por uma espécie de vingança.

122

- De vingança?...
- Sim, muito natural.
- Vingança para comigo, desgraçado!? Mas, pondera o que diz! ?.. Que mal lhe fiz eu para que a ideia de se vingar de mim se apresente ao seu espírito!?...
- O que me fez?... Ah! Nanon, ponha-se no meu lugar. Saí de Paris, porque ali tinha muitos inimigos; desgraça esta que acompanha todos os homens políticos. Volto para si, imploro-lhe. Lembra-se disso?... Recebeu três cartas. Não dirá que não reconheceu a minha letra, que era absolutamente a mesma do bilhete anónimo. Além disso, as cartas estavam assinadas. Escrevi-lhe três, a pedir uns miseráveis mil francos. Mil francos, a si, que possui milhões! Era uma miséria. Ora, pois, minha irmã repele-me. Apresento-me em casa de minha irmã, e minha irmã não me quer receber. Era muito natural que me informasse, como eu o fiz. Talvez que ela ande na penúria - disse eu comigo. - É chegado o momento de lhe provar que os seus favores não caíram em terra ingrata; talvez que já não seja senhora de si: neste caso, é digna de desculpa. Como pode perceber, o meu coração tentava desculpá-la. E então soube que minha irmã estava livre, feliz, rica, riquíssima! E que um barão de Canolles, um estranho, usurpa os meus privilégios e se faz proteger em meu lugar. Então, os ciúmes transtornaram-me a cabeça.
- Diga antes que a cobiça. Vende-me ao senhor d'Épernon, do mesmo modo que vende a senhora de Chervreuse ao coadjutor. Que lhe importa, pergunto, que eu tivesse relações com o senhor barão de Canolles?...
- A mim?... Nada; nem me passaria pela ideia inquietar-me com isso, se tivesse continuado a ser diferente comigo.
- Não sabe que se eu dissesse uma única palavra ao senhor duque d'Épernon, se lhe fizesse uma confissão franca, ficaria perdido?...
- Com toda a certeza.
- O senhor mesmo bem o ouviu ainda agora, e da sua própria

123

boca: qual é a sorte que destina àquele que lhe arrancou a assinatura em branco.

- Não me fale disso; estremeci até à medula dos ossos; foi-me preciso todo o poder que tenho sobre mim mesmo, para não me trair.
- E então não treme, o senhor, que todavia confessa saber o que é medo?!...
- Não, senhora, porque a tal confissão, feita com franqueza, provaria que o senhor de Canolles não é seu irmão; porque os termos da sua mensagem, se dirigidas a um estranho, oferecem um significado muito desagradável. Vale mais, creia, ter feito uma confissão capciosa, como a que acaba de fazer, ingrata (não me atrevo a chamar-lhe de ^a. pois conheço-a demasiado para lhe dar tal nome); mas pondere, pois, quantas vantagens, por mim antevistas, resultam desta pequena alteração preparada pelos meus cuidados. Em primeiro lugar, estava sumamente embaraçada e receara imenso ver chegar o senhor de Canolles, que, não estando prevenido, teria um horrível papel no meio do seu romancezinho de família. A minha presença, pelo contrário, tudo salvou. Seu irmão não é já um mistério. O senhor

d'Épernon adoptou-o, e até com muita bizarria, cumpre-me dizê-lo. Agora, o irmão não precisa ocultar-se, pois é da casa; daí resulta a facilidade da correspondência, e o poder encontrar-se consigo, tanto exterior, como interiormente - tendo, todavia, cuidado, para que o irmão de cabelos e olhos pretos não tenha a indiscrição de vir olhar cara a cara o senhor duque d'Épernon. Um capote assemelha-se enormemente a outro capote; e então, quando o senhor d'Épernon vir sair de sua casa um capote, quem lhe irá dizer se é ou não o capote do irmão? A única coisa que fiz, ao prestar-lhe este serviço, foi des-baptizar-me: chamo-me agora Canolles, o que não deixa de ser molesto. Deverá testemunhar-me agradecimento por este sacrifício que por si faço.

A este fluxo redundante, resultado de uma incrível ousadia,

124

Nanon, estupefacta, não sabia que razões opusesse; e por isso Cauvignac, aproveitando-se desta vitória alcançada por assalto, continuou:

- E além disso, querida irmã, já que depois de uma longa ausência, nos vemos reunidos; já que, depois de tantos contratempos, tornou a achar um verdadeiro irmão - confesse que doravante poderá dormir descansada, graças ao escudo com que o amor a cobrirá; viverá tão sossegadamente como se toda a Guiana a adorasse, o que não acontece, como muito bem o sabe; mas que remédio terá ela, senão passar pelo que nós quisermos. Com efeito, não me arredarei do limiar da sua porta, o senhor d'Épernon far-me-á coronel, e em vez de seis homens terei dois mil às minhas ordens. Com estes dois mil homens renovo os doze trabalhos de Hércules; nomeiam-me duque e par; a senhora d'Épernon morre; o senhor d'Épernon casa consigo...

- Antes de tudo isso, duas coisas - atalhou Nanon, em tom um tanto desabrido.

- Quais, querida irmã? Fale, estou pronto a ouvi-la.

- Em primeiro lugar, restituirá a assinatura em branco ao duque, pois se o não fizer, está perdido. Bem ouviu a sentença da sua própria boca. Depois, sairá daqui no mesmo instante, pois de outro modo eu ficaria perdida, o que para si nada vale; mas perder-se-ia comigo, razão que, no meu entender, fará tomar a minha perda em consideração.

- Duas respostas, querida senhora: a assinatura em branco é propriedade minha, e não pode impedir-me de me fazer enforcar, se tal for a minha vontade.

- Nem eu a isso me oponho.

- Muito obrigado! Mas nada disso acontecerá, esteja sossegada. Ainda agora lhe exprimi a minha repugnância por esse género de morte. Guardarei a minha assinatura em branco, a não ser que tenha alguma vontadezinha de ma comprar, e, em tal caso, poderíamos chegar a um ajuste...

125

- Não tenho qualquer necessidade dela. As assinaturas em branco sou eu que as dou.

- Feliz Nanon!

- Portanto, conserva-a?

- Sim.

- Correndo o risco que daí pode resultar?

- Nada receio, sei o emprego que lhe devo dar. Quanto a retirar-me, não cometerei uma tal indelicadeza, estando aqui com autorização do duque. Ainda há outra coisa: nesse seu desejo de se desembaraçar de mim, esquece-se de uma coisa...

- Qual?

- Aquela comissão importante de que o duque me falou, pela qual ganharei a minha fortuna.

Nanon empalideceu.

- Mas, desgraçado homem - disse ela - sabe muito bem que essa comissão não lhe está destinada! Sabe muito bem que, apesar da actual situação, seria um crime, e um crime que mais cedo ou mais tarde não deixaria de ser castigado.

- E por isso não quero abusar. Só queria usar - eis tudo.

- Além disso, o senhor de Canolles está designado na comissão.

- E então, não me chamo eu barão de Canolles?...

- Sim, mas no destino conhecem muito bem não só o seu nome, mas também o seu rosto. O senhor Canolles já por diferentes vezes foi à corte.

- Seja então, eis uma boa razão; é a primeira que me dá, e portanto, bem o vê, e a ela cedo.

- Além do que, tornar-se-ia a encontrar com os seus inimigos políticos - acrescentou Nanon - e talvez que a vossa cara, se bem que por motivos diferentes, não seja menos conhecido do que a do senhor de Canolles.

- Oh! isso não obstará se, como disse o duque, a comissão tem por objectivo prestar um grande serviço à França. A mensagem servirá de salvaguarda ao mensageiro. Um serviço desta importância torna um homem digno de ser agraciado, e a amnistia do passado é sempre a primeira condição das conversações políticas, portanto, acredite-me, querida irmã, não cabe a si impor-me condições, mas sim a mim propor-lhe as minhas. - Vejamos quais são elas...

- Desde logo, como ainda agora lhe dizia, o primeiro de todo e qualquer trabalho - isto é: amnistia geral.

- Nada mais?...

- Depois, o saldo das nossas contas.

- Então, segundo parece, sou-lhe devedora de alguma coisa..

- Devia-me os mil francos que eu lhe tinha pedido, e que tão desumanamente me recusou.

- Eis aqui dois mil.

- Seja então, aí está como já reconheço a sua generosidade, Nanon.

- Mas sob uma condição...

- Qual?

- A de reparar o mal que fez.

- É muito justo. Que devo fazer para isso?

- Vai montar a cavalo e correr pela estrada de Paris, até que tenha encontrado o senhor de Canolles.

- Nesse caso, perco o seu nome...

- Restituir-lho-á.

- E que devo dizer-lhe?

- Deve entregar-lhe esta ordem, e certificar-se de que partiu no mesmo instante para a executar.

- É tudo quanto determina?

- Tudo, absolutamente.

- Será necessário que ele saiba quem eu sou?

- Pelo contrário: é de suma importância que o ignore.

- Ah! Nanon, será que se envergonha de me ter por irmão?... Nanon nada respondeu e ficou pensativa.

- Mas - disse ela passado um momento - como poderei ter

houvesse alguma coisa sagrada, exigiria um juramento.

- Faça ainda melhor...

- O quê?

- Prometa-me outros mil francos, depois de cumprida a comissão.

Nanon encolheu os ombros.

- Está combinado - disse ela.

- Ora, pois, olhe; eu não lhe peço juramento algum, e a sua palavra basta. Portanto, dará mil francos à pessoa que lhe entregar da minha parte o recibo do senhor de Canolles.

- Sim; mas fala de uma terceira pessoa: acaso tencionará não mais voltar?...

- Quem sabe?.. Um certo negócio chama-me a mim mesmo aos arredores de Paris.

Nanon não pôde reprimir um movimento de alegria involuntária.

- Ah! isso não lhe cai bem -observou Cauvignac, a rir.- Mas não importa, cara irmã; nada de rancores.

- Nada de rancores. Mas a cavalo.

- A cavalo, no mesmo instante: não peço mais do que o tempo necessário para beber um gole.

Cauvignac deitou no seu copo o resto da garrafa de vinho de Borgonha, saudou a irmã com um gesto muito respeitoso, e montando a cavalo de um pulo, desapareceu pouco depois, num turbilhão depoeira.

IX

PRINCIPIAVA a Lua a levantar-se quando o visconde, seguido pelo fiel Pompeu, saiu da estalagem de Biscarros, e se lançou pela estrada de Paris.

Passado um quarto de hora, totalmente dedicado pelo visconde às suas reflexões, e durante o qual caminhou mais de uma légua, voltou-se para o escudeiro, que, montado com toda a gravidade, o seguia à distância de uns três passos. - Pompeu - perguntou o mancebo - terá por acaso a minha luva da mão direita?

- Não, senhor, que eu saiba - respondeu Pompeu.

- Então, que busca na sua mala?

- Verifico se está bem segura, e aperto-lhe as correias, para que não tilinte. O som do ouro é fatal, senhor, e atrai os maus encontros, sobretudo de noite.

- Faz muito bem, Pompeu - replicou o visconde - e muito me agrada ver que é tão cuidadoso e prudente.

- São estas as qualidades naturais num velho soldado, senhor visconde, e que admiravelmente se conciliam com a coragem; {contudo, como a coragem não é temeridade, confesso que sinto pena por o senhor Richon não ter podido acompanhar-nos; porque, vinte mil libras são difíceis de guardar, muito principalmente em tempos tão tempestuosos como os nossos.

129

- O que diz está correcto, Pompeu - respondeu o visconde - e eu sou totalmente do seu parecer.

- Eu até me atreveria a dizer - continuou Pompeu, reconfortado no seu medo pela aprovação do visconde - que não é prudente aventurarmo-nos como fazemos. Paremos, pois, se for do vosso agrado, para que eu inspeccione o meu mosquete.

- Então, Pompeu?

- Tudo está em bom estado, e aquele que quisesse cortar-nos o passo passaria um mau quarto de hora. Óh! oh! que vejo eu lá em baixo!?...

- Onde?
- Diante de nós, a uns cem passos para a nossa direita, nesta direcção...
- Vejo qualquer coisa branca.
- Oh! oh! -fez Pompeu - mochilas, talvez. Há que acautelarmo-nos. Pela minha honra, que tenho vontade, de entrar neste valado à esquerda; em termos de guerra chama-se a isto entrincheirar. Entricheiremo-nos, senhor visconde.
- Se são mochilas, Pompeu, são levadas por soldados do rei, e os soldados do rei não roubam viajantes.
- Desengane-se, senhor visconde, desengane-se; muito pelo contrário, não se ouve falar senão de partidários que tomam por égide a farda de Sua Majestade para cometer milhares de infâmias, e qual delas a mais escandalosa. Ultimamente, em Bordéus, arcabuzaram dois soldados de cavalaria ligeira que...
- Parece-me que me recordo da farda dos tais soldados de cavalaria ligeira; é azul, Pompeu, e o que nós vemos é branco.
- Sim; mas muitas vezes vestem uma camisola por cima do uniforme, e foi o que fizeram aqueles miseráveis que ultimamente foram castigados em Bordéus. Estes, segundo me parece, tomam atitudes ameaçadoras; esta é a sua táctica, como está vendo, senhor visconde. Emboscam-se assim ao lado da estrada, e, de longe, com a carabina nas mãos, obrigam o viajante a dar-lhes a bolsa.

130

- Mas, meu bom Pompeu - disse o visconde, que apesar de muito assustado conservava a presença de espírito - se eles ameaçam de longe com as carabinas, faça outro tanto com a sua.
- Sim, mas eles a mim não me vêem - disse Pompeu. - A minha demonstração seria, portanto, inútil.
- Se eles o não vêem, em tal caso não podem ameaçá-lo - disse o visconde.
- De guerra nada entende, absolutamente - replicou o escudeiro, de mau humor. - Vai acontecer-me aqui o mesmo que me aconteceu em Corbie.
- Há que ter esperança em que assim não suceda, Pompeu, porque, se bem me lembro, em Corbie é que foi ferido....
- Sim, e sofri uma terrível ferida. Eu estava com o senhor de Cambes, que era um temerário. Andávamos patrulhando de noite para reconhecer o lugar onde havia de travar-se a batalha. Descobrimos umas mochilas. Convido-o a não fazer alguma valentia inútil, ele obstina-se, e caminha direito às mochilas. Eu volto costas, despeitado. Nesse momento, uma maldita bala... Senhor visconde, sejamos prudentes.
- Sejamos prudentes, Pompeu, não pretendo outra coisa. Contudo, parecem-me tão imóveis!...
- Estão varejando a presa. Esperemos.

Os viajantes - o que foi uma felicidade para eles - não tiveram de esperar muito tempo. Passado um instante, o luar rompeu através de uma nuvem negra, cujas franjas prateava, e alumiou esplendidamente, a uns cinquenta passos dos dois companheiros, duas ou três camisas que estavam a enxugar por detrás de um valado, com as mangas estendidas. Eram estas as mochilas que haviam recordado a Pompeu a sua fatal patrulha de Corbie.

O visconde soltou uma gargalhada, esporeou o cavalo, e Pompeu seguiu-o, exclamando:

- Que felicidade não ter cedido à minha primeira inspiração!

Estava para dar um tiro para esse lado, e portar-me-ia como Dom Quixote. Veja, senhor visconde, de que servem a prudência e a experiência da guerra!

Depois de grandes comoções, sempre há algum tempo de repouso; passando além das camisas, os viajantes caminharam tranquilamente. Percorridas umas duas léguas já o tempo era magnífico; a sombra caía larga e negra como o ébano, ao longo de um bosque que guarnecia um dos lados do caminho.

- Decididamente, não me agrada nada o luar - disse Pompeu. - Quando nos avistam de longe, corremos o risco de sermos colhidos de súbito. Sempre ouvi dizer aos militares que quando dois homens mutuamente se buscam, o lugar só é favorável a um. Nós achamo-nos em plena luz, senhor visconde, o que é uma imprudência.

- Ora, então passemos para a sombra, Pompeu.

- Sim; mas se houvesse alguns homens emboscados na extremidade deste bosque, iríamos literalmente lançar-nos na goela.. Em campanha, ninguém se aproxima de um bosque sem que primeiro o tenha mandado reconhecer.

- Desgraçadamente - replicou o visconde - estamos falhos de exploradores. Não é este o nome que se dá aos que vão bater o mato, meu bravo Pompeu?

- É verdade, é verdade - rosnou o escudeiro. - Aquele maldito Richon, porque não havia de vir connosco? Tê-lo-íamos mandado adiante como vanguarda, enquanto nós teríamos formado o corpo de exército.

- Então, Pompeu, a que nos decidimos nós? Deixamo-nos ficar ao luar, ou passamos para a sombra?

- Passemos para a sombra, senhor visconde; no meu entender, é o que me parece mais prudente.

- Pois sim, passemos.

- Não é verdade que sente medo, senhor visconde?

- Não, decerto, meu querido Pompeu; juro-lhe que não.

- E faz muito bem em não o ter, pois eu estou aqui e não durmo.

eu estivesse só, como bem o compreende, isto pouco cuidado me daria. Um soldado não teme nem os santos nem os diabos. O senhor, porém, é um companheiro tão difícil de guardar como o tesouro que vai na garupa, e esta duplicada responsabilidade assusta-me. Ah!... que sombra negra é aquela que descubro lá em baixo!... Desta vez não há dúvida que ela marcha!

- É mais do que certo - disse o visconde.

- Cá está a vantagem que há na escuridão: vemos o inimigo sem que ele nos veja. Não lhe parece que aquele desgraçado tem uma espingarda!...

- Sim. Mas aquele homem, Pompeu, está só, e nós somos dois.

- Senhor visconde, os homens que viajam sós são mais de temer, porque a solidão é um índice dos caracteres resolutos. O famoso barão des Antres andava sempre só... Ei-lo, se me não engano, que faz pontaria para nós... Está pronto a descarregar: abaixe-se!

- Mas não, Pompeu: nada mais faz do que mudar a espingarda de um ombro para o outro.

- Não importa, abaixemo-nos, abaixemo-nos, esta é a prática constante; recebamos o tiro com o nariz sobre o arçã.

; -Mas pode ver perfeitamente, Pompeu, que ele não atira.. i -Não atira!... - disse o escudeiro, empertigando-se.- Bom! Teve sem dúvida medo, e o nosso aspecto resolutos tê-lo-á intimidado. Ah! tem medo... Então, deixe-me falar-lhe; e o senhor falará depois de mim, engrossando a

voz. A sombra vinha sempre adiantando-se.

- Olá, amigo! Quem sois? - gritou Pompeu.

A sombra parou, fazendo um movimento de terror muito visível.

- Grite também - acrescentou Pompeu.

, - É tempo perdido - disse o visconde. - O pobre diabo já está meio morto de medo.

- Ah! tem medo?...- disse Pompeu, arremessando-se a ele com a carabina em punho.

133

- Tenha compaixão de mim, senhor! - implorou o homem, pondo-se de joelhos. - Sou um pobre mercador ambulante que de oito dias a esta parte não vendeu um só lenço, e que nem um soldo sequer trago comigo. O que Pompeu tomara por espingarda era a vara com que o pobre diabo media as fazendas.

- Fica sabendo, meu amigo - disse majestosamente Pompeu - que não somos ladrões, mas sim militares, que viajamos de noite porque nada receamos; segue, pois, o teu caminho: estás livre.

- Toma, amigo - ajuntou a voz mais meiga do visconde. - Aqui tens cinco libras pelo medo que te metemos; e que Deus te acompanhe!

E o visconde, com a sua branca mãozinha, deu cinco libras ao pobre diabo, que se afastou dando graças ao Céu pelo feliz encontro que tivera.

- Não procedeu bem, senhor visconde; antes muito mal...- disse Pompeu, depois de terem andado uns vinte passos.

- Então porquê? Em que fiz mal?

- Em dar cinco libras àquele homem. De noite nunca devemos confessar que temos dinheiro; não vê que o primeiro grito deste poltrão foi dizer que não tinha um soldo na algibeira?

- É verdade - reflectiu o visconde, sorrindo-se. - Mas era um poltrão, como o diz, enquanto nós, como disse, somos militares que nada tememos.

- Entre ter medo e ter desconfiança, senhor visconde, há tanta distância como do medo à prudência. Assim, não é prudente, repito-o, deixar perceber a um desconhecido que por acaso encontramos na estrada, que possuímos o ouro.

- Mesmo quando esse desconhecido está só e desarmado?...

- Pode pertencer a uma quadilha armada, pode não ser mais do que um espião mandado adiante para reconhecer o terreno; pode voltar com gente armada; e que quer que façam dois homens sós. por muito bravos que sejam, contra tantos?...

134

O visconde reconheceu desta vez a razão para a admoestação que Pompeu lhe dava - ou antes: para pôr termo à discussão, deu-se por convencido. E chegaram às margens do riacho de Saye, próximo a Saint-Genés.

Não havia ponte, e havia que passar a vau. Pompeu apresentou então ao visconde uma sábia teoria da passagem dos rios; mas como uma teoria não é uma ponte, nem por isso, depois de ouvida a teoria, lhes foi menos preciso passar a vau. Por felicidade, o riacho não era profundo, e este novo incidente deu uma nova prova ao visconde de que as coisas, vistas de longe, e sobretudo de noite, são muito mais medonhas do que vistas de perto.

Principiava pois o visconde a sossegar-se realmente -e além disso dentro de uma hora, com pouca diferença, raiaria o dia - quando, chegados ao meio do bosque que rodeia Marsas, os dois viajantes pararam repentinamente; com efeito, acabavam de ouvir ao longe e atrás de si, mas

distintamente, o galopar de cavalos. Ao mesmo tempo, os cavalos em que iam montados ergueram a cabeça e um deles relinchou.

- Desta vez - disse Pompeu com voz sufocada, lançando mão à rédea do cavalo do companheiro - senhor visconde, espero que se mostrará dócil e que deixará o acontecimento à experiência de um soldado velho. Ouço um bando de gente a cavalo: perseguem-nos! Apostaria em que é a quadrilha do falso mercador; eu bem lhe havia dito, e a sua imprudência é que nos põe em perigo! Vamos, nada de falsas bravuras! Salvemos a vida e o dinheiro; a fuga é muitas vezes um meio de vencer. Horácio, o grande Horácio, fingiu que fugia...

- Ora, pois, fujamos, Pompeu - disse o visconde, todo trémulo. Pompeu meteu esporas ao cavalo; a sua montada, um excelente cavalo russo ruão, deu um pulo ao sentir-se picado, e com tal zelo o fez, que inflamou o ardor do cavalo barbo do visconde, e ambos,

135

à porfia, fizeram retumbar a calçada com os golpes compassados das ferraduras, de onde saíam milhares de centelhas.

Esta correria durou cerca de uma hora; mas, longe de ganharem terreno, parecia aos dois fugitivos que os inimigos se iam aproximando.

De súbito, rebentou uma voz do meio das trevas, voz que, misturada com o sibilo produzido pelo vento que os dois cavaleiros iam fendendo, parecia a lúgubre ameaça dos espíritos da noite.

Esta voz fez eriçar os cabelos brancos na cabeça de Pompeu.

- Eles gritam: parai! - disse este em voz baixa. - Eles gritam: parai!

- Então, será preciso parar?... - perguntou o visconde.

- Muito pelo contrário! - exclamou Pompeu - apressemos o passo quanto for possível! Adiante! Adiante!

- Sim, sim, adiante! adiante - exclamava o visconde, tão assustado agora como o seu defensor.

- Eles adiantam-se! Ganham terreno! -dizia Pompeu;- não os ouve?...

- Ai! sim...

- São mais de trinta! Escute: eles ainda nos chamam... Estamos perdidos!

- Rebentemos os cavalos, se for preciso! - disse o visconde, mais morto do que vivo.

- Visconde! Visconde! -bradava a voz.- Pare! Pára, velho patife!

- É alguém que nos conhece, é alguém que sabe que levamos o dinheiro da princesa, é alguém que sabe que nós conspiramos: Vão rodar-nos vivos!

- Parai! parai! - continuava a voz.

- Gritam que nos façam parar - disse Pompeu. - Têm gente adiante de nós! Estamos cercados!

- E se tomássemos por este lado, neste campo, e deixássemos passar os que nos perseguem?...

136

- É uma boa ideia - disse Pompeu. - Vamos já, sem mais demora.

Os dois cavaleiros fizeram ao mesmo tempo voltar as cavalgadas para a esquerda; o cavalo do visconde, habilmente conduzido, saltou o valado; mas o cavalo de Pompeu, menos destro, chegou-se demasiado à borda, a terra esboroou-se-lhe debaixo dos pés, e caiu, arrastando na queda o cavaleiro. O pobre escudeiro deu um grito de profundo desespero.

O visconde, que já tinha andado uns cinquenta passos pelas terras, ouviu este grito de angústia, e, apesar de sumamente assustado, fez voltar o cavalo e foi ter com o companheiro.

- Quem me acode! Misericórdia! - gritava Pompeu. - Eu pago o meu resgate! Rendo-me! Pertencço à Casa de Cambes!

Uma enorme gargalhada foi a única resposta a estes lamentos; e o visconde, chegando neste momento, deu com os olhos em Pompeu que abraçava o estribo do vencedor, o qual, falando-lhe com uma voz sufocada pelo riso, fazia diligência para o sossegar.

- Senhor barão de Canolles! - exclamou o visconde.

- Ora, isto não são coisas que se façam, senhor visconde! Obrigar as pessoas que o procuram a correr deste modo!...

- O senhor barão de Canolles! - disse Pompeu, que ainda duvidava da sua fortuna. - O senhor barão de Canolles e o senhor de Castorin!...

- Sim, somos nós, senhor Pompeu - disse Castorin, empertigando-se nos estribos para ver por cima do ombro do amo, que, não podendo deixar de rir, se debruçava sobre o arçã da cela. - Então que faz neste valado?

- Está bem de crer- disse Pompeu. -O cavalo caiu no momento em que, tomando-os por inimigos, tratava de me entrincheirar para fazer uma vigorosa defesa. Senhor visconde - continuou Pompeu, levantando-se e sacudindo-se- é o senhor de Canolles.

- Quê, senhor!? Por aqui?!-rosnou o visconde, com uma certa alegria que, involuntariamente transparecia na entoação da sua voz.

137

- Por certo que sou eu! Sim, eu mesmo - respondeu Canolles, cravando os olhos no visconde com uma tenacidade a que o achado da luva servia de explicação. - Morria de aborrecimento naquela estalagem; Richon havia-se apartado de mim depois de me haver ganho o meu dinheiro. Soube que tinha partido e que seguia a estrada de Paris. Quis a fortuna que eu também tivesse que fazer para estes lados. Pus-me então a caminho para juntar-me a si, pois não suspeitava que, para alcançá-lo, me fosse preciso correr à desfilada. É na realidade, meu gentil-homem, um exímio cavaleiro!

O visconde sorriu-se, balbuciando algumas palavras.

- Castorin - continuou Canolles - ajude, pois, o senhor Pompeu a montar de novo; muito bem vê que, apesar de toda a sua destreza, não o pode fazer.

Castorin apeou-se e foi ajudar Pompeu, que, por fim, conseguiu sentar-se na sela.

- E agora - disse o visconde- tornemos, se lhe aprouver, a seguir o nosso caminho.

- Mais um instante -pediu Pompeu, bastante perturbado - mais um instante, senhor visconde... parece-me que me falta alguma coisa...

- Bem o creio - disse o visconde. - Falta-lhe a mala.

- Ai! Meu Deus - queixou-se Pompeu, fingindo um profundo espanto.

- Desgraçado! - exclamou o visconde. - Será que perdeu...! ?

- Não pode estar longe, senhor... - respondeu Pompeu.

- Não será isto?...-perguntou Castorin, levantando a custo do chão o objecto que buscavam.

- Justamente - disse o visconde.

- Justamente! - exclamou Pompeu.

- Não foi culpa dele - disse Canolles, que desejava granjear a amizade e o affecto do velho escudeiro. - Com a queda, rebentaram as correias e desprendeou-se a mala...

138

- As correias não estão rebentadas, senhor, mas cortadas - disse Castorin. - Olhe...

- Oh! oh! senhor Pompeu - disse Canolles- que quer isto dizer?...

- Isto quer dizer - replicou com severidade o visconde - que, receando ser perseguido por ladrões, o senhor Pompeu terá tido a resolução de cortar as correias da mala, para se livrar da responsabilidade de ser o tesoureiro dela. Em termos de guerra, que nome se dá a este ardil, senhor Pompeu.

Pompeu quis desculpar-se, referindo-se à faca de mato que "imprudently desembainhara"; como, porém, não pudesse dar uma explicação cabal, sempre ficou manchado, aos olhos do visconde, da suspeita de haver querido sacrificar a mala à sua segurança.

Canolles foi mais benigno para com ele.

- Bom! bom! bom! - disse ele- não é esta a primeira vez que tal acontece. Vamos, Castorin, ajude o senhor Pompeu. Tinha razão, amigo Pompeu, de recear os ladrões: a sacola tem o seu peso, e seria boa presa...

- Não gracieje, senhor -volveu Pompeu, estremecendo.- Todo o gracejo nocturno é equívoco.

- Tem razão, Pompeu, e mais do que razão; e por isso - continuou Canolles - quero servir-lhes de escolta, a si e ao visconde: o reforço de dois homens não deixará de lhe ser útil.

- Sem dúvida que o será! -exclamou Pompeu.- O número sempre dá segurança.

- E o senhor Visconde, que pensa do meu oferecimento? - interrogou Canolles, vendo que o visconde aceitava com menos entusiasmo do que o seu escudeiro a oferta graciosa que lhe era feita.

- Eu, senhor - disse o visconde - reconheço a sua urbanidade habitual, e agradeço-lhe muito sinceramente; porém, não seguimos o mesmo caminho, e eu recearia incomodá-lo...

139

- Como! - estranhou Canolles, desgostoso de ver que a luta da estalagem ia recomeçar na estrada real - pois não seguimos nós o mesmo caminho?!... Não vai a...?

- A Chantilly - apressou-se Pompeu a dizer, todo trémulo com a ideia de continuar a viagem sem mais companhia do que a do visconde. Quanto a este, fez um gesto de impaciência muito visível, e se fosse dia, fácil seria de ver um rubor da cólera assomar-lhe às faces.

- Ah! -exclamou Canolles, sem dar mostras de ter notado o olhar furibundo com que o visconde fulminava o pobre Pompeu.- Ah! Chantilly fica-me justamente no caminho que sigo. Eu vou a Paris, sim... ou para melhor dizer... - ajuntou, a rir. - Olhe, visconde, eu nada tenho que fazer, e não sei aonde vou. Se vai para Paris, eu vou para Paris; se vai para Lião, eu vou para Lião; se vai para Marselha, há já muito tempo que tenho grande desejo de ver a Provença, e vou para Marselha. Se vai para Stenay, onde estão os exércitos de Sua Majestade, vamos para Stenay. Sem embargo de haver nascido no Midi, não deixo de ter uma certa predilecção pelo Norte.

- Senhor - replicou o visconde, com uma certa firmeza, que sem dúvida era devida à irritação em que o pusera Pompeu - será preciso dizer-lho? Eu viajo sem companhia, por negócios pessoais da mais alta importância, por motivos muito sérios, e de antemão lhe peço perdão: se insistir, obrigá-me-á, como muito pesar meu. a dizer-lhe que me incomoda nos passos que tenho que dar.

Nada menos era preciso do que a lembrança da luvazinha que Canolles conservava oculta sobre o seu peito, entre o vestido e a camisa, para que o barão, vivo e impetuoso como um gascão, lhe não dissesse alguma graça. Contudo, pôde conter-se.

- Senhor -replicou ele seriamente- nunca ouvi dizer que a estrada real

pertencesse mais particularmente a uma pessoa do que a outra. Por isso lhe dão o nome de real, para provar que todos os súbditos de Sua Majestade têm igual direito a se servirem dela.

140

Estou, pois, na estrada real, sem a mínima intenção de incomodá-lo: até nela me encontro para o ajudar, visto que é moço, fraco, e sem grande defesa. Eu julgava não ter ares de salteador de estrada. Mas já que a sua posição é essa, convirei em que não tenho boa cara. Perdoe-me, pois, senhor, a minha intromissão. Tenho a honra de lhe apresentar os meus cumprimentos. Boa viagem.

E Canolles, fazendo dar um ligeiro salto ao cavalo, passou, depois de haver saudado o visconde, para o outro lado da estrada, por onde Castorin o seguiu de facto, e Pompeu de intenção.

Canolles representou esta cena com tanta elegância, com um gesto tão sedutor, cobrindo com o seu largo chapéu uma espaçosa testa e uns finíssimos cabelos pretos, que o visconde não se sentiu tão comovido pelo modo com que o tratou, como pelo seu porte nobre e alta estatura; tinha-se ele afastado, como dissemos. Castorin seguia-o, direito e firme nos estribos. Pompeu, que ficara do outro lado do caminho, dava suspiros capazes de arrancar lágrimas às pedras; então, o visconde, que havia feito numerosas reflexões, apressou o passo do seu cavalo, e, pondo-se a par de Canolles, que não dava mostras de o ver, nem de o ouvir dirigir-lhe estas duas palavras com uma voz apenas inteligível:

- Senhor de Canolles...

Canolles voltou-se, sobressaltado; não cabendo em si de contentamento, parecia-lhe que todas as músicas das esferas celestes se reuniam para lhe oferecer um divino concerto.

- Senhor visconde... - disse ele, por seu turno.

- Escute, senhor - respondeu este, com voz doce e branda. - Receio, na verdade, ser descortês para com um gentil-homem com o seu merecimento; perdoe-me, portanto, a minha timidez. Recebi uma educação tímida, devido aos desvelos com que os meus pais me trataram; eu repito-lhe, perdoe-me, pois nunca tive a mínima intenção de o escandalizar; e como prova da nossa sincera reconciliação, permita-me que siga a seu lado.

- Então, porque não!... - exclamou Canolles. - Não uma só,

141

mas cem vezes lho concederia! Não conservo rancor algum, senhor visconde; e para provar-lho...

E, dizendo isto, estendeu a mão, na qual se apoiou, ou antes escorregou, uma fina, ligeira e furtiva mão.

O resto da noite passou-se em práticas galhofeiras por parte do barão. O visconde escutava sempre, e ria-se algumas vezes.

Os dois criados seguiam atrás deles; Pompeu explicava a Castorin como fora perdida a batalha de Corbie, quando poderia ter sido completamente ganha, caso se não tivessem esquecido de chamá-lo ao conselho que tivera lugar pela manhã.

- Afinal - disse o visconde a Canolles, quando principiou a raiar o dia - como terminou o seu assunto com o senhor duque d'Épernon?

- Não foi muito difícil - respondeu Canolles. - À vista do que me disse, senhor visconde, era ele quem tinha de deslindar algo comigo, e não eu com ele; ou se cansou de esperar, e retirou-se, ou terá teimado, e ainda estará à espera...

- E a menina de Lartigues?... - adiantou o visconde, com uma ligeira

hesitação.

- A menina de Lartigues, senhor visconde, não pode estar ao mesmo tempo em casa com o senhor d'Épernon, e no Bezerro de Ouro comigo. Das mulheres nunca se deve exigir o que não é possível.

- Isso não responde à minha pergunta, senhor barão. O que lhe pergunto é como, estando tão enamorado da menina de Lartigues, pode separar-se dela...

Canolles cravou no visconde os seus olhos perspicazes, porque já era dia claro, e no rosto do mancebo não havia qualquer outra sombra além da proporcionada pelo chapéu.

Sentiu-se então dominado por um louco desejo de responder o que lhe vinha à cabeça; mas Pompeu, Castorin, e o ar grave do visconde, contiveram-no. Além de tudo isto, era pressionado por uma dúvida em que estava.

142

"Se me enganasse - disse intimamente. - Se, apesar desta luvazinha e desta pequena mão, fosse homem; na verdade, nada mais seria preciso para me sentir esmagado pela minha simplicidade!"

Resolveu, pois, ser paciente, e respondeu à pergunta do visconde com um daqueles sorrisos que a tudo dão resposta.

Pararam em Barbezieux para almoçar e descansar os cavalos. Desta vez, Canolles, almoçou com o visconde, e teve então ocasião de admirar aquela mão, cujo envoltório almiscarado lhe causara uma tão viva comoção. Além de que, o visconde, no momento de se sentar à mesa, teve de tirar o chapéu, e deixou ver uns cabelos tão lisos, tão belos, e tão soberbamente dispostos numa pele tão fina, que outro qualquer que não fosse um homem enamorado, e, por conseguinte, já cego, não teria depois disso conservado a menor incerteza. Canolles, porém, tinha demasiado receio de despertar e de ficar desenganado, e por isso nada desejava tanto como prolongar a duração do seu sonho. Achava alguma coisa de encantador naquele disfarce do visconde, que lhe permitia um rol de familiaridadezinhas - que um desmascaramento ou uma confissão franca lhe teriam vedado. Não disse, porém, uma só palavra que pudesse levantar suspeitas no visconde de que havia penetrado o seu disfarce.

Depois do almoço, puseram-se de novo a caminho, e não pararam senão ao jantar. De vez em quando, o cansaço, que principiava a não poder já dissimular, espalhava no rosto do visconde uma cor afogueada, ou em todo o corpo uns leves estremecimentos, cuja causa Canolles lhe perguntava amigavelmente qual era. Então, o senhor de Cambes sorria, parecia já não se sentir incomodado, e até propunha que se apressasse o passo, o que Canolles recusava, dizendo que ainda tinham muito para percorrer e que, por conseguinte, era conveniente poupar os cavalos.

Depois do jantar, o visconde experimentou alguma dificuldade em levantar-se. Canolles acudiu logo em seu socorro. -Precisa de descanso, meu jovem amigo - disse-lhe ele.- Se assim continuasse a caminhar, morreria ao terceiro dia de jornada.

143

Esta noite não montaremos a cavalo; antes pelo contrário, deitar-nos-emos. Quero que durma bem, e São Pedro me leve, se o melhor quarto da estalagem não for para si!

O visconde olhou para Pompeu com um ar tão assustado, que Canolles não pôde reprimir a sua vontade de rir.

- Quando se empreende, como nós fazemos, uma larga viagem - disse Pompeu - deveria cada um ter a sua tenda.

- Ou uma tenda para dois - disse Canolles muito naturalmente. - Seria o bastante.

O visconde sentiu arrepiar-se-lhe todo o corpo.

O golpe estava dado, e Canolles não deixou de se aperceber. Viu que o visconde fazia um sinal a Pompeu, olhando para ele sorrateiramente. Este aproximou-se então do amo, que lhe disse algumas palavras em voz baixa, e em breve o criado, sob um suposto pretexto, tomou a dianteira e desapareceu.

Hora e meia depois desta partida, de que Canolles não pediu explicações, os viajantes entraram numa grande vila, e deram com os olhos no escudeiro, ao limiar da porta de uma estalagem com boa aparência.

- Ah! ah! - disse ele- parece que é aqui que passaremos a noite, senhor visconde...

- Sem dúvida alguma, senhor barão, se for do seu agrado.

- E porque não há-de ser?... Eu quero tudo quanto o senhor quiser. Já lhe disse, viajo por passatempo, enquanto o senhor. como mo disse, viaja por motivo dos seus negócios. A única coisa que receio é que fique mal alojado neste cubículo...

- Oh! - disse o visconde- uma noite depressa passa. Pararam então, e, mais pronto do que Canolles, Pompeu veio às carreiras segurar no estribo do amo: pelo que Canolles reflectiu que uma tal pressa seria ridícula da parte de um homem para com outro homem.

- Vamos sem mais demora para o meu quarto - disse o visconde. - Realmente, tem muita razão, senhor de Canolles -

144

continuou ele, virando-se para o companheiro. - Sinto-me sumamente fatigado.

- Aqui está - disse a estalajadeira, mostrando um grande quarto térreo, com janela para o pátio; todas as janelas tinham grades e, por cima, estavam os celeiros da casa.

- E o meu-perguntou Canolles-onde fica?

E lançava, ansioso, os olhos a uma porta contígua à do visconde, cujo delgado repartimento de tabique era resguardo demasiado frágil contra uma curiosidade tão aguçada como a sua.

- O seu? -perguntou a estalajadeira.- Venha por aqui, senhor, eu conduzo-o.

E, com efeito, sem reparar no desgosto de Canolles, conduziu-o até à extremidade de um corredor exterior, todo cheio de portas, e separado do quarto do visconde por toda a largura do pátio.

O visconde havia observado esta manobra do limiar da sua porta.

"Agora - disse Canolles - não tenho já dúvida alguma; estou absolutamente desenganado; tenho-me conduzido como um tolo! Vamos, vamos... se eu fizesse má cara seria malograr para sempre

o negócio. Afectemos, pelo contrário, muita indiferença e afabilidade."

E, voltando para aquela espécie de varanda que formava, como já o dissemos, o corredor exterior da casa:

- Boas-noites, querido visconde! -gritou-lhe ele.- Durma bem, pois na realidade bem precisa; quer que o acorde amanhã? Não?... Ora, pois, acordar-me-á então à hora que quiser. Boas-noites!

- Boas-noites, barão - volveu o visconde.

- A propósito - continuou Canolles. - Não lhe falta nada? Quer que deixe ficar Castorin consigo, para o ajudar a despir?

- Muito obrigado, cá tenho Pompeu; fica no quarto contíguo ao meu.

- Boa precaução; vou fazer outro tanto com Castorin. Não é verdade, Pompeu, que é uma medida de prudência?... Não se pode

deixar de tomar demasiadas precauções numa estalagem... Boas-noites, visconde!

O visconde correspondeu-lhe desejando-lhe outro tanto, e a porta fechou-se de novo.

"Muito bem, muito bem, visconde - ruminou Canolles lá consigo- amanhã toca-me a mim preparar os alojamentos, e terei a minha desforra... Ah!... - continuou ele - como corre as duas cortinas!... E estende um lençol dobrado por diante até interceptar a sombra... Com todos os diabos! Que rapaz tão pudico é aquele gentil-homenzinho!... Mas não importa: amanhã nos veremos..."

E Canolles recolheu-se, resmungando, despiu-se de mau humor meteu-se na cama zangado, e sonhou que Nanon descobria na sua algibeira a luva almiscarada do visconde.

XI

O outro dia, Canolles estava de humor ainda mais risonho do que na véspera. O visconde de Cambes, por seu turno, entregava-se também a uma alegria mais franca. O próprio Pompeu galhofava fazendo a narrativa das suas campanhas a Castorin. Toda a manhã se passou em gracejos de uma e outra parte.

No almoço, Canolles pediu ao visconde que não levasse a mal que dele se afastasse, visto que tinha - segundo dizia - de escrever uma extensa carta a um dos seus amigos, que residia naquelas redondezas; e, além disso, preveniu-o de que teria que fazer uma visita a outro amigo seu, cuja casa devia estar situada a três ou quatro léguas de Poitiers, quase junto à estrada real. Canolles informou-se sobre este amigo, cujo nome disse ao estalajadeiro, e este respondeu-lhe que antes de chegar à aldeia de Jaulnay encontraria a casa daquele amigo, e poderia reconhecê-la pelas suas duas torrezinhas. Então, como Castorin tinha de separar-se do pequeno grupo para levar a carta, e como Canolles em pessoa tinha também que fazer uma pequena digressão, pediu de antemão ao visconde que se dignasse designar o sítio onde pernoitariam; o visconde lançou os olhos a um mapazinho que Pompeu levava num estojo, e propôs a aldeia

de Jaulnay. Canolles não lhe fez a mínima objecção; levou a perfídia ao ponto de dizer em voz alta: "Pompeu, se o enviarem, como ontem, na qualidade de aposentador, reserve para mim, se for possível, um quarto que fique contíguo ao do seu amo, para podermos conversar."

O sonso do escudeiro lançou uma vista de olhos ao visconde, que correspondeu, e sorriu-se, firmemente decidido a nada fazer do que Canolles lhe dizia. Quanto a Castorin, que antecipadamente recebera as suas ordens, tomou conta da carta, e foi insttuído para se lhes reunir em Jaulnay.

Quanto a enganar-se na estalagem, não havia perigo algum, porquanto em Jaulnay havia somente uma, a do Grande Carlos Martel.

Meteram-se à estrada de Poitiers, onde tinham jantado; Castorin tomou um caminho à direita; foram caminhando ainda umas duas horas; Canolles reconheceu, pelos indícios que lhe tinham dado, a casa do seu amigo; mostrou-a ao visconde, despediu-se dele, renovou a Pompeu o convite que lhe fizera de se ocupar do seu alojamento e tomou o caminho à esquerda.

O visconde estava completamente sossegado: a cena da véspera passara sem

contestação, e vira escoar-se o dia sem a mais ligeira alusão; já não receava, pois, da parte de Canolles, o menor obstáculo às suas vontades; e desde o momento em que o barão não era para ele mais do que um simples companheiro de viagem, bom, folgazão e espirituoso, dava-se por muito satisfeito se acabasse a viagem em sua companhia. Resultando disto, ou porque o visconde julgasse que era uma precaução inútil, ou porque não quisesse separar-se do seu escudeiro e ficar só na estrada, Pompeu não foi mandado adiante.

Chegaram à aldeia ao anoitecer; chovia a cântaros. Quis a sorte que se arranjassem um quarto com bom lume. O visconde, que tinha pressa de mudar de roupa, ficou com o aposento, e recomendou a Pompeu que fosse tratar do alojamento de Canolles.

148

- Já está feito - disse o egoísta Pompeu, que ardia em desejos de se ir deitar. - A estalajadeira prometeu que isso ficava a seu cargo.

- Muito bem. O meu cofre de viagem?

- Ei-lo aqui.

- Os meus frasquinhos?

- Ei-los.

- Obrigado. Onde dorme, Pompeu?

- Lá no fundo do corredor.

- E se precisar de chamar por alguém?

- Está aqui uma campainha: a estalajadeira virá ter consigo.

- Chega. Esta porta fecha bem?

- O senhor pode verificar.

- Não tem ferrolho...

- Não, mas tem uma fechadura.

- Bom. Fechar-me-ei por dentro. Há aqui alguma outra entrada?

- Nenhuma outra, que eu saiba.

E Pompeu pegou no castiçal, e deu volta pelo quarto.

- Veja se os guarda-ventos são sólidos.

- Tudo está em boa ordem.

- Muito bem. Pode retirar-se, Pompeu.

Pompeu saiu, e o visconde deu uma volta à chave.

Passada uma hora, Castorin, que fora o primeiro a chegar à estalagem, e que estava alojado ao pé de Pompeu, sem que este dissesse a mínima suspeita, saiu do seu quarto pé ante pé, e foi abrir a porta a Canolles.

Com o coração palpitante, Canolles introduziu-se na estalagem, deixando a Castorin o cuidado de tornar a fechar a porta; perguntou onde ficava o quarto do visconde, e subiu.

O visconde estava para se meter na cama, quando ouviu passos no corredor. Ora, como já tivemos ocasião de observar, o visconde era sumamente medroso. Esses passos fizeram-no estremecer, e aplicou o ouvido muito atentamente.

149

Os passos pararam junto à porta, e, passado um segundo, sentiu bater.

- Quem está aí!? - perguntou numa voz tão assustada, que Canolles não teria reconhecido o respectivo timbre se por diferentes vezes não houvesse já tido ocasião de lhe estudar as suas variações.

- Sou eu! - disse Canolles.

- Como assim!? O senhor? - replicou o visconde, passando do susto ao espanto.

- Sim. Calcule, visconde, que já não há lugar vago na nossa estalagem, nem sequer um quarto disponível. O seu mal-avisado Pompeu não se lembrou de mim! Não há nenhuma outra estalagem na aldeia; e como o seu quarto tem duas camas..

O visconde lançou com terror os olhos para as duas camas gémeas colocadas ao lado uma da outra na alcova, e sem outra separação além de uma mesinha.

- Ser-lhe-á fácil compreender - continuou Canolles-que venha reclamar uma delas; abra-me, depressa a porta, rogo-lhe, pois estou morrendo de frio. Ouviu-se um grande desarranjo de móveis, uma roçadura de vestes e passos precipitados.

- Sim, sim, barão - disse cada vez mais assustada, a voz do visconde. - Sim, eu já lá vou, não tarda nada.

- Fico à espera. Mas, por especial favor, caro amigo, apresse-se, senão quer achar-me gelado!

- Desculpe-me; não vê que estava dormindo?...

- Ora essa! A mim parecia-me que tinha luz...

- Não, está enganado.

E a luz apagou-se no mesmo instante, facto de que Canolles se não queixou.

- Eis-me aqui... Não dou com a porta.. -continuou o visconde.

- Bem me parece - disse Canolles. - Estou ouvindo a sua voz lá na outra extremidade do quarto... Venha, pois, para este lado..

150

- Ah! ando em busca da campainha para chamar Pompeu...

- Pompeu está lá no fundo do corredor, e não o ouvirá. Quis acordá-lo para dele saber alguma coisa, mas nada de novo. Dorme como um surdo!

- Então vou chamar a estalajadeira.

- Seria tempo perdido! A estalajadeira deu a respectiva cama a um viajante, e foi formir no celeiro. Além disso, para que é preciso chamar gente? Eu não preciso de pessoa alguma.

- Mas eu?...

- Abra-me a porta: eu agradeço-lhe, procuro a minha cama às apalpadelas, deito-me nela, e pronto.

- Mas enfim - disse o visconde, desesperado - deve haver outros quartos... embora não haja neles camas.. É impossível não haver outros quartos! Chamemos, busquemos...

- Mas, querido visconde, acabam de dar dez horas e meia. Vai acordar a estalagem toda; julgarão que pegou fogo na casa.. Isto dará lugar a que se não durma toda a noite, o que seria um aborrecimento, porque estou morrendo de sono.

Estas palavras pareceram dar alguma esperança ao visconde. Uns passozinhos aproximaram-se da porta, que por fim se abriu.

Canolles entrou, e fechou a porta sobre si. O visconde, depois de lha abrir, havia-se afastado apressadamente.

O barão achou-se então num quarto quase às escuras, porque as últimas réstias do luar, que ia desaparecendo, apenas davam um clarão insuficiente. A atmosfera estava tépida e perfumada de todos aqueles cheiros denunciadores do maior requinte em objectos de luxo.

- Ah! muito obrigado, visconde - disse Canolles - pois na realidade aqui está-se melhor do que no corredor.

- Tem vontade de dormir, barão? - perguntou o visconde.

- Olá, se tenho! Diga-me onde está a minha cama, visto que conhece os cantos do quarto, ou então deixe-me acender de novo a vela.

- Não! Não! Isso é inútil! - disse com viveza o visconde. - A sua cama é aqui, à esquerda.

Como a esquerda do visconde era a direita do barão, este encaminhou-se para a direita; encontrou uma janela, e ao pé desta uma banquinha, sobre a qual estava a campainha que o visconde fora de si tanto procurava. Acontecesse, porém, o que acontecesse, foi metendo a campainha na algibeira.

- Mas então que se passa? - exclamou ele. - Parece, visconde, que jogamos à cabra-cega... Cuidado, não escorregue! Mas o que anda assim procurando, na escuridão?

- Procuo a campainha para chamar Pompeu.

- Mas que diabo quer de Pompeu?

- Quero... quero que faça uma cama ao pé da minha.

- Para quem?

- Para ele.

- Para ele... de que se lembra, visconde!?!... Lacaios no nosso quarto!.. Ora! deixe-se disso! Tem uns costumes, uns hábitos, só próprios de uma rapariguinha medrosa. Fora com isso! Somos rapazes suficientemente crescidos para nos defendermos nós mesmos. Não; dê-me apenas a mão, e encaminhe-me para a cama, com a qual não consigo acertar... ou. também... tornemos a acender a vela...

- Não, não, não! - exclamou o visconde.

- Visto que não me quer dar a mão - disse Canolles - deveria pelo menos dar-me um fio, porque me vejo num verdadeiro labirinto...

E adiantou-se com os braços estendidos para o lado de onde vinha a voz; mas junto de si como que viu deslizar uma sombra, e sentiu passar um perfume; tornou a apertar os braços, mas, semelhante ao Orfeu de Virgílio, nada mais abraçara do que ar.

- Ali! Ali! - disse o visconde, da outra extremidade do quarto. , - Está junto da sua cama, barão.

- Qual das duas é a minha?

- Isso é coisa que pouco importa! pois que eu me não deitarei.

- Como assim!? Não se há-de deitar?! - estranhou Canolles, voltando-se ao ouvir esta palavra indiscreta. - Então que vai fazer?

- Passarei a noite sentado numa cadeira.

- Deixe-se disso! - disse Canolles.- Não consentirei decerto numa tal criancice. Venha, visconde, venha!

E Canolles, guiado por um último raio do luar, que logo morreu, deu com os olhos no visconde alapardado a um canto, entre a janela e a cómoda, embuçado no seu capote.

Este raio não foi mais do que um relâmpago; mas tanto bastou para servir de guia ao barão, e para fazer compreender ao visconde que estava perdido. Canolles adiantou-se para ele em linha recta, com os braços estendidos, e, apesar da escuridão reinar de novo no quarto, o pobre gentil-homem compreendeu que desta vez não poderia escapar àquele que o perseguia.

- Barão, barão - balbuciou o visconde - não se aproxime, rogo-lhe! Barão, não saia do lugar em que está. Não dê um só passo, se é gentil-homem!

Canolles parou. O visconde estava tão próximo, que lhe ouvia palpar o coração, e sentia o calor tépido da sua respiração anelante. Ao mesmo tempo, um perfume delicioso, embriagador, composto de todas as emanações que procedem da mocidade e da formosura, perfume mil vezes mais delicioso do que o das flores, pareceu envolvê-lo para lhe tirar toda a possibilidade de obedecer ao visconde, mesmo se tivesse desejos de assim

o fazer.

Contudo, deteve-se, um momento no lugar onde estava, com as mãos estendidas para aquelas mãos que antecipadamente o repeliam, vendo que o mais pequeno movimento que fizesse seria bastante para tocar aquele corpo, cuja delicadeza e flexibilidade havia dois dias que tantas vezes admirara...

- Misericórdia! Misericórdia! - implorou o visconde, com uma voz na qual um princípio de voluptuosidade se misturava com o terror. - Misericórdia!

152 153

A voz expirou-lhe nos lábios, e Canolles sentiu aquele mimoso corpo deslizar-se ao longo da parede e cair de joelhos.

O seu peito dilatou-se; havia na voz que implorava um acento que lhe fez compreender que o seu adversário já estava meio vencido.

Deu um passo mais, estendeu as mãos, e encontrou as duas mãos juntas e suplicantes do mancebo, que, desta vez, não tendo já nem sequer a força de dar um grito, arrancou do peito um suspiro quase doloroso.

Repentinamente, ouviu-se o galope de um cavalo debaixo da janela, e precipitadas argoladas retumbaram na porta da estalagem, as quais foram seguidas de gritos e rumores. Chamavam e batiam alternativamente.

- Senhor barão de Canolles! - gritava uma voz.

- Oh! Deus seja louvado! Estou salvo! - balbuciou o visconde.

- Os diabos levem semelhante basbaque! - vociferou Canolles. - Não podia vir amanhã de manhã! ?...

- Senhor barão de Canolles! - bradava a voz. - Senhor barão de Canolles! É preciso que eu lhe fale neste mesmo instante.

- Vejamos: que há de novo? - perguntou o barão, recuando um passo.

- Senhor, senhor - disse Castorin da porta - perguntam por si... procuram por si.

- Mas quem é o biltre!?

- Um correio.

- Da parte de quem?

- Da parte do senhor duque d'Épernon.

- Que me quer ele?

- Serviço do rei.

Ao ouvir esta palavra mágica, a que tinha de obedecer, Canolles foi abrir a porta, praguejando, e desceu a escada.

Quanto a Pompeu, ouviram-no ressonar.

O correio havia entrado, e estava à espera numa sala térrea; Canolles foi ter com ele, e leu, empalidecendo, a carta de Nanon;

como o leitor já terá adivinhado, o correio era Courtauvau em pessoa, que, tendo partido umas dez horas depois de Canolles, não pudera, por mais diligências que fizesse, alcançá-lo senão na segunda pousada.

Algumas perguntas que fez a Courtauvau não deixaram a Canolles a mínima dúvida acerca da necessidade da diligência que tinha a fazer. Leu uma segunda vez a carta; e a assinatura Vossa boa irmã, Nanon, fez-lhe compreender o que acontecera - isto é: que a menina de Lartigues se salvara do perigo fazendo-o passar por seu irmão.

Por diferentes vezes ouvira a própria Nanon falar em termos pouco lisonjeiros acerca daquele irmão, cujo lugar tomara, o que não concorreu pouco para a má vontade com que ia obedecer a esta mensagem do duque.

- Muito bem - disse ele a Courtauvau, sem lhe abrir crédito na estalagem, e sem lhe despejar a bolsa nas mãos, o que não teria deixado de fazer em qualquer outra ocasião. - Muito bem; diga a seu amo que me alcançou, e que obedeci no mesmo instante.

- E à menina de Lartigues, não lhe direi coisa alguma?...

- Sim; dir-lhe-á que o irmão sabe apreciar o sentimento por que foi impelida, e que lhe fica sumamente agradecido. Castorin, vá selar os cavalos!

E sem mais nada dizer ao mensageiro, que estava pasmado à vista de uma tal recepção, Canolles tornou a subir, e foi ter com o visconde, a quem encontrou pálido, trémulo, e já vestido. Duas velas estavam acesas sobre a lareira.

Canolles lançou um olhar de profunda mágoa para aquela alcova, e para as duas camas gémeas, numa das quais se divisava uma ligeira e curta pressão. O visconde observou este olhar com um sentimento de pudor que lhe fez subir o rubor ao rosto.

- Alegre-se, visconde - disse Canolles. - Eis que fica desembaraçado de mim para todo o resto da viagem. Parto pela posta, em serviço do rei.

154 155

- E quando? - perguntou o visconde, com voz ainda mal segura.

- Neste mesmo instante. Dirijo-me a Nantes, onde, segundo parece, está a corte.

- Adeus, senhor! - pôde apenas responder o mancebo, que atirou consigo para cima de uma cadeira, sem se atrever a levantar os olhos para o companheiro.

Canolles deu um passo para ele.

- Decerto não tornarei a vê-lo... - disse ele, com uma voz muito comovida.

__Quem sabe... - fez o visconde, esforçando-se por sorrir.

__Prometa uma coisa a um homem que se lembrará eternamente de si - disse Canolles, pondo a mão sobre o coração, e isto com uma harmonia de voz e de gesto, que não deixava a mínima dúvida acerca da sua sinceridade.

- Qual coisa?

- Que dele se lembrará algumas vezes.

- Eu prometo-lhe.

- Sem... cólera?...

- Sim.

__Dá-me uma prova em apoio desta promessa?... - disse

Canolles.

O visconde estendeu-lhe a mão.

Canolles pegou naquela mão toda trémula, sem outra intenção que a de apertá-la entre as suas; mas, por um movimento mais forte que a sua vontade, colou-a com ardor aos seus lábios, e fugiu para fora do quarto, dizendo consigo:

"Ah! Nanon! Nanon!... Jamais poderá indemnizar-me do que me faz perder?..."

XII

AGORA, se acompanharmos as princesas da casa de Conde ao desterro de Chantilly, de que Richon pintou ao visconde um quadro tão medonho, eis o que há para ver:

Sob belas áleas de castanheiros cobertos de flores, sobre tabuleiros de relva que se estendem até aos lagos azulados, agita-se, continuamente, um enxame de pescadores, rindo, conversando e cantando. Aqui e ali, no meio das plantas mais altas, aparecem alguns vultos de leitores, perdidos nas vagas de verdura, onde não se vê distintamente mais do que a página branca que eles devoram e que pertence ou à Cleópatra, do senhor de Calprenéde, ou à Astreia do senhor d'Urfé, ou ao Grande Ciro de Mademoiselle Scudéry; no fundo dos caramanchões de madressilvas e de

clematites, ouviam-se as ressonâncias dos alaúdes e os cantos de vozes invisíveis. Finalmente, na rua principal que vai ter ao castelo, passa, de vez em quando, com a rapidez do relâmpago, um cavaleiro portador de algum despacho.

Durante este tempo, no terraço, duas mulheres vestidas de cetim, e seguidas a certa distância por escudeiros mudos e respeitosos, passeavam gravemente, com gestos cheios de cerimónia e majestade; no meio delas, uma dama de porte nobre, seguramente dos seus cinquenta e sete anos, discorria magistralmente acerca dos negócios do Estado; à sua direita, uma jovem senhora, muito direita, trajada

157

de negro, escutava, franzindo as sobancelhas, a douda teoria; à esquerda, enfim, outra senhora velha, a mais empertigada e a mais afastada das três, porque era de condição menos ilustre, falava, escutava e meditava, tudo ao mesmo tempo.

A dama do meio era a princesa viúva, mãe do vencedor de Rocroy. de Norlinga e de Lens, a quem, depois de perseguidos - e, em resultado dessa perseguição, encarcerado em Vincenas - começaram a dar o nome de Grande Conde, nome que a posteridade lhe conserva. Esta dama, em cujas feições se podiam ainda reconhecer os restos da formosura a que se dedicaram os últimos e talvez os mais loucos amores de Henrique IV, acabava de ser ferida, ao mesmo tempo, no seu amor de mãe e no seu orgulho de princesa, por um fradinho italiano, a que chamavam Mazarino, quando criado do cardeal Bentivoglio, e a quem agora chamavam sua eminência o cardeal Mazarino, depois de se tornar amante de Ana de Áustria, e primeiro-ministro do reino da França.

Foi ele quem se atreveu a encarcerar Conde, e a desterrar para Chantilly a mãe e a esposa do nobre preso.

A senhora à direita é Clara Clemência de Maillé, princesa de Conde, a quem, por um aristocrático costume daquele tempo, chamavam simplesmente Madame, para dar a entender que a mulher do chefe da família dos Condes era a primeira princesa de sangue, a princesa por excelência: nunca deixou de ser altiva; mas depois de ser perseguida, a sua altivez mais se agravou com a perseguição, de modo que se tornou orgulhosa. Razão por que, embora condenada a representar um papel secundário enquanto o príncipe gozava de liberdade, a prisão do marido a elevou à posição de heroína: chegou a ser mais lamentada do que uma viúva; e seu filho, o duque de Enghien, que estava para fazer sete anos, tinha mais simpatias do que um órfão. Todos os olhos estavam cravados nela; e se não fora o receio de se tornar ridícula, ter-se-ia vestido de luto. Desde o desterro imposto por Ana de Áustria a estas duas lacrimosas senhoras, os seus gritos agudos converteram-se em surdas ameaças: de oprimidas que eram, tornaram-se rebeldes. A princesa "Temístocles", de touca, tem o seu "Milcíades" de saias, e os louros da senhora de Longueville, momentaneamente rainha de Paris, não lhe permitiam adormecer.

A senhora da esquerda era a marquesa de Tourville, que se não atrevia a escrever romances, mas que forjava planos em assuntos políticos; não fazia a guerra pessoalmente, como o bravo Pompeu, e, não recebera, como ele, uma bala na batalha de Corbie; mas seu marido, que era um capitão assaz estimado, fora ferido em Arrochela, e morto em Friburgo. De onde resultava que, sendo herdeira da fortuna patrimonial, entendera que devia também sê-lo do génio militar. Depois que veio reunir-se às princesas em Chantilly, já fizera três planos de campanha, que sucessivamente excitaram a admiração das mulheres em cuja companhia estava, e que,

embora não abandonados, foram aprazados para o momento em que se desembainhasse a espada. Não se atrevia a vestir o uniforme do marido, apesar de às vezes bem desejar fazê-lo. Possuía, porém, a espada do defunto, que estava pendurada no seu quarto, à cabeceira do leito, e, de tempos a tempos, quando só, desembainhava-a com ar muito marcial.

Apesar da sua aparência festiva, Chantilly poderia bem não ser, na realidade, mais do que um vasto abarracamento; e caso se procurasse, ali se encontraria pólvora nos subterrâneos e baionetas nas ramadas.

Em cada percurso que faziam, no seu triste passeio, as três mulheres passavam junto à porta principal do castelo, e dir-se-ia que da escada espreitavam a chegada de algum mensageiro importante. Já por diversas vezes a princesa viúva dissera, abanando a cabeça e suspirando:

- Seremos mal sucedidas, minha filha; ver-nos-emos humilhadas.

- Não se pode alcançar glória sem algum preço - disse a senhora de Tourville, sem dar mostras de timidez; - e não há vitória sem combate!

158 159

- Se ficarmos mal, se formos vencidas - volveu a jovem princesa - vingar-nos-emos.

- Senhoras - sentenciou a princesa viúva - se nos sairmos mal, será unicamente Deus quem terá vencido o príncipe. Quererão acaso, vingar-se de Deus?...

A jovem princesa inclinou-se ante a soberba humildade da sogra, e as três personagens, altercando deste modo, e dando-se um mútuo incenso, assemelhavam-se a um bispo assistido por dois diáconos, que tomem a Deus por pretexto das homenagens que prestam uns aos outros.

- Nem o senhor de Turenne, nem o senhor de La Rochefoucauld, nem o senhor de Bouillon!... - resmungou a princesa viúva.- Tudo falta, e ao mesmo tempo!

- Nem dinheiro! - acrescentou a senhora de Tourville.

- Nem em quem possamos confiar -replicou a princesa.- E se a própria Clara se esquece de nós?..

- Quem lhe diz, minha filha, que a senhora de Cambes se esquece de nós?

- Ela não volta!...

- Talvez que não o tenha podido fazer; as estradas estão fortemente guardadas pelo exército do senhor de Saint-Aignan, bem o sabe.

- Poderia pelo menos escrever-nos...

- Desejaria que ela confiasse ao papel uma resposta tão importante?. .. A adesão de uma cidade inteira como Bordéus, ao partido dos príncipes!... Não, as diligências dessa banda não são as que mais me inquietam.

- Além disso - replicou a senhora de Tourville - um dos três planos que tive a honra de entregar a Vossa Alteza, tinha por finalidade a sublevação infalível da Guiana.

- Sim, sim, voltaremos a ocupar-nos disso, se for necessário - respondeu a princesa.- Mas declaro-me a favor do parecer de minha mãe e senhora, e começo a acreditar que terá acontecido

160

alguma desgraça a Clara, pois se assim não fosse, já aqui estaria. Talvez que os seus rendeiros não tenham cumprido a respectiva palavra; um miserável aproveita sempre a ocasião de não pagar, quando pode furtar-se. Além de que, como sabemos nós o que a gente da Guiana terá feito ou não, apesar das promessas?... São gascões!..

- São uns conversadores! - disse a senhora de Tourville.- Verdade que são bravos, individualmente; mas reunidos em corpo, são maus soldados, que só prestam para bradar Viva o Príncipe quando têm medo dos espanhóis, e nada mais.

- Porém, detestavam o senhor d'Épernon - lembrou a princesa viúva - pois que em Agen o enforcaram em estátua, e prometeram enforcá-lo pessoalmente em Bordéus, se lá tornasse a entrar.

- E ele é capaz de lá ter voltado, e de os ter mandado enforcar a todos - observou a princesa, com despeito.

- E tudo isto - replicou a senhora de Tourville - é culpa de Lenet, do senhor Pedro Lenet- repetiu ela, com afectação - daquele conselheiro teimoso, que se obstina em conservar, e que mais não serve senão para transtornar todos os nossos planos. Se ele não rejeitasse o meu segundo plano, destinado, como se lembrará, a tomar de surpresa o Castelo de Vayres, a ilha de São Jorge, e o Forte de Blaye, teríamos agora sitiado Bordéus, e esta cidade não poderia deixar de capitular.

- Prefiro, salvo o parecer de suas altezas, que Bordéus se declare por nós voluntariamente - afirmou por detrás da senhora de Tourville uma voz em cujo acento respeitoso não deixava de transparecer algo de irónico. - Cidade que capitula, cede à força, e a nada se obriga; cidade que se declara voluntariamente, compromete-se, e vê-se obrigada a seguir até ao último extremo a fortuna daqueles por quem se declarou.

As três senhoras voltaram-se, e deram com os olhos em Pedro Lenet, que, enquanto elas davam uma das suas voltas em direcção àquele grande portão do castelo, de onde não tiravam os olhos, saíra

161

por uma portazinha rente ao terrado, e delas se aproximara pela retaguarda.

O que a senhora de Tourville dissera não deixava, em parte, de ser verdade. Pedro Lenet, conselheiro do príncipe, homem frio, inteligente e grave, fora encarregado pelo prisioneiro de observar tantos os amigos como os inimigos, e, convém dizê-lo, encontrava muito maior dificuldade em obstar a que os amigos do príncipe comprometessem a sua causa, do que em combater as más intenções dos inimigos. No entanto, hábil e ardiloso com um causídico, habituado às rabulices e tretas dos demandistas, conseguia ordinariamente triunfar, ou por alguma feliz reacção, ou por uma inabalável inércia. Além do que era em Chantilly mesmo que travara as suas mais sábias batalhas. O amor-próprio da senhora de Tourville, a impaciência da princesa, a inflexibilidade aristocrática da princesa viúva, não deixavam de valer tanto como a astúcia de Mazarino, o orgulho de Ana de Áustria, e as indecisões do Parlamento.

Encarregado pelos príncipes de toda a correspondência Lenet pusera a si próprio a norma de não dar notícias às princesas senão na ocasião oportuna, e era ele quem se constituía juiz desta oportunidade; porquanto, não primando sempre a diplomacia feminina pelo segredo, que é o primeiro princípio da diplomacia masculina, um número não pequeno dos planos de Lenet haviam por isso sido entregues pelos seus amigos aos próprios inimigos.

As duas princesas, que nem por isso deixavam de reconhecer - sem embargo da oposição que nele encontravam - o ardente zelo e sobretudo a utilidade de Pedro Lenet, fizeram bom acolhimento ao conselheiro, e até um ligeiro sorriso deslizou pelos lábios da viúva.

- Então, meu caro Lenet? Bem ouvi - disse ela. - A senhora de Tourville lastimava-se... ou para melhor dizer: lastimava-nos; tudo vai de mal a pior! Ai, os nossos negócios, meu caro Lenet, os nossos negócios!...

- Senhora - disse Lenet- estou longe de ver as coisas tão negras como Vossa Alteza as vê. Espero muito do tempo, e das variações da fortuna. Bem sabe o que diz o provérbio: "Quem espera sempre alcança."

- O tempo, as variações da fortuna!... Isso, senhor Lenet, é filosofia, e não política! - exclamou a princesa.

Lenet sorriu, por seu turno.

- A filosofia, senhora, é útil em todas as coisas, e sobretudo em política. Ensina-nos a não nos exagerarmos com o êxito feliz, e a não perder a paciência nos reveses.

- Não importa - disse a senhora de Tourville. - Preferíamos um bom correio a todas as suas máximas. Não é verdade, princesa?...

- Sim, confesso-o - respondeu a senhora de Conde.

- Vossa Alteza ficará, portanto, muito satisfeita, porque receberá hoje três - replicou Lenet, com o mesmo sangue-frio.

- Como assim!? Três?!...

, -Sim, senhora. O primeiro foi visto na estrada de Bordéus, o segundo vem de Stenay, e o terceiro chega de La Rochefoucauld. As duas princesas soltaram exclamações de alegre sobressalto.

A senhora de Tourville mordeu os lábios.

1 -Parece-me, meu querido Pedro - disse ela, requebrando-se toda para dissimular o despeito e colorir dos melhores tons a amargura da palavra que ia proferir - que um hábil nigromante como o senhor não deveria deter-se em tão boa fala, e que, depois de nos haver anunciado os correios, deveria dizer-nos o conteúdo dos despachos...

- A minha ciência, senhora não chega ao ponto que julga - disse ele, modestamente. - Limito-me a ser um fiel servidor. Anuncio, mas não adivinho.

No mesmo instante, como se com efeito Lenet fosse servido por algum demónio, avistaram-se dois cavaleiros, que, franqueada a cancela do castelo, se adiantavam à desfilada. Imediatamente, um bando de curiosos, desertando dos jardins e dos canteiros de relva, acudiu para saber a sua parte de notícias.

162 163

Os dois cavaleiros apearam-se, e um deles, largou ao outro - que parecia ser o lacaios - a rédea do cavalo alagado em suor, e, mais correndo do que andando, dirigiu-se para as princesas, que lhe saíam ao encontro numa extremidade da galeria, enquanto ele entrava pela outra.

- Clara! - exclamou a princesa.

- Sim, minha senhora; digne-se Vossa Alteza receber os meus humildes respeitos.

E pondo um joelho no chão, o mancebo quis segurar a mão da princesa, para a beijar respeitosamente.

- Venha a meus braços, querida viscondessa - exclamou a senhora de Conde, levantando-a.

E depois de se haver deixado abraçar, com todas as mostras de respeito possíveis, o cavaleiro voltou-se para a princesa viúva, a a quem saudou profundamente.

- Depressa! Fale, querida Clara - disse esta, não podendo conter a impaciência.

- Sim, fala - repetiu a senhora de Conde. - Viste Richon?

- Sim, senhora; e encarregou-me de uma comissão para Vossa Alteza.

- Boa ou má?

- Eu mesma o ignoro; compõe-se de duas palavras.

- Quais são elas? Depressa! Que eu morro de inquietação. E a mais viva

ansiedade pintou-se no rosto das duas princesas.

- Bordéus - Sim! - disse Clara, inquieta ela mesma quanto ao efeito que produziriam estas duas palavras.

Mas em breve ficou sossegada, porque as princesas responderam a estas duas palavras com um grito de triunfo, o suficiente para que Lenet acudisse correndo na extremidade da galeria.

- Lenet, Lenet! - venha, venha! - exclamou a princesa. - Não sabe decerto que notícia nos traz a nossa boa Clara!...

- Olá, se sei, senhora!...-volveu Lenet, sorrindo - e por isso não me apressava.

164

- Como!? sabe?!...

- Bordéus - Sim! Não é isso?... - disse Lenet.

- Na realidade, meu querido Pedro, é feiticeiro! - espantou-se a princesa viúva.

- Mas se sabia - disse em tom de repreensão a princesa - por que razão, vendo a inquietação em que estávamos, não nos sossegou com essas duas palavras?...

- Porque eu queria deixar à senhora viscondessa de Cambes a recompensa das suas fadigas - respondeu Lenet, inclinando-se diante de Clara, sumamente comovida.- E, além disso, porque também receava a explosão de alegria de vossas altezas, no terraço, e à vista de toda a gente.

- Tem razão, sempre razão! Pedro! meu bom Pedro! - disse a princesa. - O melhor é calarmo-nos!

- E, contudo, àquele honrado Richon é que devemos isso - acrescentou a princesa viúva. - Não é verdade que está contente com ele, e pela bela maneira com que manobrou? Diga, compadre Lenet.

Compadre era a palavra carinhosa da princesa viúva, tendo-se habituado a empregá-la a exemplo do rei Henrique IV, que dela se servia com frequência.

- Richon, senhora, é homem de juízo e de acção - disse Lenet. - E creia Vossa Alteza que se eu não estivesse tão certo dele, como o estou de mim mesmo, não o teria recomendado.

- Que faremos nós por ele? - perguntou a princesa viúva.

- Algum posto importante!... Vossa Alteza não pondera isso devidamente - disse com azedume a senhora de Tourville. - Esquece-se de que o senhor Richon não é gentil-homem..

- Nem eu também o sou, senhora - respondeu Lenet - o que não obsta a que o príncipe tenha, como suponho, alguma confiança em mim. Decerto admiro e respeito a nobreza da França; mas circunstâncias há em que me atreverei a dizer que vale mais um grande coração do que um velho brasão.

165

- E porque não veio o bom Richon anunciar ele mesmo em pessoa esta rica notícia? - quis saber a princesa.

- Ficou na Guiana, para reunir um certo número de homens. Disse-me que podia já contar com uns trezentos soldados; e acrescenta somente que, por falta de tempo, não estarão bem exercitados para combaterem a descoberto, pelo que preferia que se obtivesse para ele o comando de uma praça, como Vayres, ou a ilha de São Jorge. Ali - disse ele - teria toda a certeza de ser muitíssimo útil a Suas Altezas.

- Mas como se poderia conseguir isso? -perguntou a princesa. - Não somos actualmente bem vistas na corte para podermos recomendar alguém, e aquele que recomendássemos tornar-se-ia desde logo suspeito.

- Talvez, senhora - disse a viscondessa- que houvesse um meio, e foi o próprio senhor Richon quem mo sugeriu.

- Qual?

- O senhor d'Épernon está, segundo parece - continuou a viscondessa, tornando-se vermelha- perdido de amores por uma certa menina...

- Ah! sim! A formosa Nanon - disse com desdém a princesa. - Sabemos muito bem.

- Ora, pois: parece que o duque d'Épernon nada pode recusar a essa mulher, e que ela concede tudo quanto lhe compram. Não se lhe poderia comprar uma patente para o senhor Richon?...

- Seria dinheiro bem empregado - disse Lenet.

- Sim, mas o cofre está seco; sabe-o muito bem, senhor conselheiro- disse a senhora de Tourville.

Lenet voltou-se sorrindo para o lado da senhora de Cambes.

- Eis o momento, minha senhora - disse-lhe - de provar as suas altezas que de nada se esqueceu.

- Que quer dizer, senhor Lenet?

- Ele quer dizer, senhora, que sou tão feliz que posso oferecer-lhe uma fraca quantia, que a muito custo pude arrancar aos meus rendeiros; o oferecimento é muito modesto, mas não pude alcançar mais. Vinte mil libras... - continuou a viscondessa, baixando os olhos e hesitando, muito envergonhada por não poder oferecer uma quantia maior às duas primeiras senhoras do reino, depois da rainha.

- Vinte mil libras!... - exclamaram as duas princesas.

- Mas, em tempos tão desgraçados como estes em que vivemos, é uma fortuna! - continuou a princesa.

- Vossa Alteza mais tarde se ocupará disso.

- E onde está essa soma? - perguntou a senhora de Tourville.

- No quarto de Sua Alteza, para onde o meu escudeiro Pompeu recebeu ordem de a levar.

- Lenet - disse a princesa - lembrar-se-á de que devemos esta quantia à senhora de Cambes.

- Já está lançada em conta - disse Lenet, tirando da algibeira o seu bloco de notas, e mostrando na exacta data as vinte mil libras da viscondessa assentadas numa coluna, cujo total teria assustado um tanto as princesas, caso se tivessem dado ao trabalho de somá-la.

- Mas como conseguiu passar sã e salva, minha querida? - disse a princesa. - Asseguram-nos que o senhor de Saint-Aignan guarda a estrada, e passa revista a tudo, nem mais nem menos do que faz a guarda da alfândega.

- Graças à prudência de Pompeu - disse a viscondessa - evitámos, senhora, esse perigo, fazendo um enorme rodeio, o qual nos retardou cerca de dia e meio; mas a ele devemos a segurança com que viajámos. Se não fosse esse precalço, eu tinha chegado anteontem junto de Vossa Alteza.

- Sossegue, senhora - disse Lenet - ainda não houve tempo perdido. O que é agora necessário é empregar o dia de hoje, e o de amanhã. Hoje, disto devem lembrar-se vossas altezas, esperamos ter correios; um já chegou, faltam os outros dois.

- E pode saber-se, senhor, os nomes desses dois correios?

166 167

- perguntou a senhora de Tourville, esperando sempre colher em falta o conselheiro, a quem fazia guerra- que por não ser declarada, nem por isso era menos real.

- O primeiro, se as previsões me não enganam - respondeu Lenet- será Gourville; vem da parte do duque de La Rochefoucauld.

- Da parte do príncipe de Marsillac, quer sem dúvida dizer - emendou a senhora de Tourville.
 - O príncipe de Marsillac, senhora, é agora duque de La Roche-foucauld.
 - Então o pai morreu?
 - Há oito dias.
 - E onde?
 - Em Verteuil.
 - E o segundo? - perguntou a princesa.
 - O segundo é Blanchefort, capitão das guardas do príncipe. Chega de Stenay, e vem da parte do senhor de Turenne.
 - Em tal caso, creio - disse a senhora de Tourville- que, para evitar toda a perda de tempo, poder-se-ia recorrer ao primeiro plano que eu tinha feito, no caso da provável adesão de Bordéus, e da aliança dos senhores de Turenne e de Marsillac.
 Lenet, sorriu, como era seu costume.
 - Perdoe-me, senhora - disse em tom sumamente cortês - mas os planos formados pelo príncipe em pessoa, estão a esta hora em vias de execução, e prometem um resultado feliz.
 - Os planos formados pelo príncipe - disse com rispidez a senhora de Tourville - pelo príncipe, que está na prisão de Vincenas, e que não tem comunicação com pessoa alguma?!...
 - Eis as ordens de Sua Alteza, escritas pelo seu próprio punho, e datadas de ontem - volveu Lenet, tirando da algibeira uma carta do príncipe de Conde. - Recebia-a esta manhã. É que mantemos correspondência.
 O papel quase foi arrancado das mãos do conselheiro pelas duas

168

princesas, que devoraram, derramando lágrimas de alegria, tudo quanto nele se continha.

- Ora, pelo que vejo, não se dirá que as algibeiras de Lenet contêm todo o reino da França?... - disse a princesa viúva.

- Ainda não, senhora, ainda não - respondeu o conselheiro. - Mas com a ajuda de Deus, farei diligência para alargá-las o suficiente. Agora - continuou ele, fitando os olhos na viscondessa- esta senhora deve precisar de descanso, porque o longo caminho...

A viscondessa compreendeu qual era o desejo que tinha Lenet de ficar só com as princesas, e, perante um sorriso da princesa viúva, que confirmou esta ideia, fez uma respeitosa saudação, e afastou-se.

A senhora de Tourville ia-se deixando ficar, e congratulava-se por fazer uma ampla colheita de informações secretas. Todavia, em consequência de um imperceptível aceno da princesa viúva à sua nora, as duas princesas, espontaneamente, e com uma augusta medida, feita conforme com todas as regras da etiqueta, anunciaram à senhora de Tourville que era chegado o termo da sessão política a que fora convidada a assistir. A dama das teorias compreendeu perfeitamente o que dela se pretendia, fez as duas senhoras uma medida ainda mais grave e mais cerimoniosa do que a que lhe haviam feito, e retirou-se, tomando a Deus por testemunha da ingratidão das princesas. Estas, recolheram-se ao seu gabinete, e Pedro Lenet entrou após elas.

- Agora - disse Lenet, depois de se haver certificado de que a porta estava bem fechada- se Vossas Altezas querem receber Gourville, que acaba de chegar, e está mudando de fato, pois não ousa apresentar-se com o traje de viagem...

- E que notícia traz ele?

I - A notícia de que o senhor de La Rochefoucauld deve chegar aqui esta noite ou amanhã, com quinhentos gentis-homens.

- Quinhentos gentis-homens?! -exclamou a princesa.- Na realidade, é um exército!
- Que mais difícil tornará a nossa passagem. Preferia cinco ou

169

seis servidores somente, a todo esse aparato; ter-nos-íamos mais facilmente subtraído ao senhor de Saint-Aignan, e evitado o seu encontro. Mas assim, será quase impossível chegar ao Midi sem sermos inquietados.

- Tanto melhor se nos inquietarem -exclamou a princesa - porque se nos inquietarem, combateremos e sairemos vencedores: o espírito do senhor de Conde marchará connosco.

Lenet olhou para a princesa viúva, como se para também ouvir o parecer desta; mas Carlota de Montmorency, criada durante as guerras civis, no reinado de Luís XIII, que vira curvarem-se tantas altas cabeças para entrarem na prisão, ou rolarem nos cadafalsos por haverem querido conservar-se direitas, passou com tristeza a mão pela fronte, carregada de penosas lembranças.

- Sim - disse ela - eis o triste estado a que nos vemos reduzidos! Ocultarmo-nos, ou combatermos! Vivíamos muito sossegados, à sombra da pouca glória que Deus se dignara conceder à nossa casa, e não procurávamos - pelo menos lisonjeio-me de que nenhum de nós tivesse outra intenção - outra glória que não fosse a de nos conservarmos na graduação em que havíamos nascido; e eis que as contingências destes desgraçados tempos nos impelem a combater o nosso amo...

- Senhora! -cortou com impetuosidade a jovem princesa - Encaro com menos desgosto do que Vossa Alteza a necessidade a que nos vemos constrangidos. Meu esposo e meu irmão estão sofrendo um indigno cativo; aquele esposo e aquele irmão são seus filhos. Além disso, a sua filha está proscrita. É mais do que necessário, sem dúvida alguma, para desculpar todas as empresas que pudermos tentar.

- Sim - disse a princesa viúva, com uma tristeza muito resignada. - Sim, senhora, eu suporto tudo isto com mais paciência do que a senhora; mas também não posso deixar de lamentar o triste destino - que parece ameaçar-nos - de sermos proscritos ou presos. Assim que fui esposa do pai de seu marido, logo tive de sair de França,

170

perseguida por causa de Henrique IV. Mal havíamos para ela voltado, quando tivemos de entrar na prisão de Vincenas, perseguidos pelo ódio do cardeal de Richelieu. Meu filho, que hoje está preso, nasceu na prisão, e pôde, no fim de trinta e dois anos, tornar a ver o quarto onde nasceu.

"Ah! o seu sogro, o príncipe, tinha razão de sobra nas suas sombrias profecias, pois quando lhe anunciaram o desfecho da batalha de Rocroy, quando o conduziram à sala atapetada com as bandeiras tomadas aos espanhóis.. Deus sabe a alegria que esta acção de meu filho me causa - disse ele, voltando-se para mim. - Mas lembre-se, senhora, que quanto mais glória a nossa casa adquirir, tanto maiores desgraças terá de sofrer. Se as minhas armas não fossem as da França, brasão demasiado belo para que possa ser abandonado, preferiria tomar por armas um falcão, a quem as campainhas denunciavam, e ajudam a ser de novo apanhado, com esta divisa: Fama dócil! - Temos feito muito ruído, minha filha, e alcançado demasiado renome - eis o que nos perde. Não é do meu parecer, Lenet?

- Senhora - replicou Lenet, aflito com as recordações que a princesa acabava de evocar- Vossa Alteza tem razão; mas adian-támo-nos demasiado, e, por isso, não podemos recuar. Mais ainda: em circunstâncias

semelhantes àquelas em que nos encontramos, há que tomar uma resolução pronta: cumpre ver qual seja na realidade a nossa situação, e não a dissimularmos. Não estamos livres senão na aparência: a rainha tem os olhos fixos em nós, e o senhor de Saint-Aignan bloqueia-nos. Trata-se, pois, de sair de Chantilly apesar da vigilância da rainha, e do bloqueio do senhor de Saint-Aignan.

I-Saiamos de Chantilly, sim, mas de cabeça levantada! - exclamou a princesa.

- A minha opinião é esta - disse a princesa viúva. - Os Condes não são espanhóis, e não atraíam; não são italianos, e não enganam; o que fazem, fazem-no às claras, e de frente erguida.

171

- Senhora - voltou Lenet, com acento de convicção. - Deus é testemunha de que serei o primeiro a executar a ordem de Vossa Alteza, seja ela qual for; mas para sair de Chantilly, como o quer fazer, é preciso dar batalha. Decerto não tenciona ser mulher no combate, depois de ter sido homem no conselho. Marchará à frente dos seus partidários, e será Vossa Alteza quem dará aos soldados o grito de guerra. Esquece-se, porém, de que ao lado das vossas preciosas existências começa a apontar uma existência não menos preciosa - é a do senhor duque de Enghien, filho e neto de Vossas Altezas. Irão arriscar-se a sepultar no mesmo túmulo o presente e o futuro da vossa casa?... Crêem que o pai não servirá de refém a Mazarino, quando se tentarem empresas temerárias em nome do filho? Não conhecem já os segredos da torre de Vincenas, onde estiveram encerrados o grão-prior de Vandoma, o marechal d'Ornano e Puy-Laurens?... Esqueceram-se daquele quarto fatal que, segundo diz a senhora de Rambouillet, é a habitação mais insuportável do mundo? Não, senhoras - continuou Lenet, juntando as mãos - não, não de dar ouvidos ao parecer deste vosso velho servidor, e sairão de Chantilly como convém que o façam senhoras que sofrem perseguição. Lembrem-se de que a vossa arma mais segura é a fraqueza; um menino a quem privam do pai, uma mulher a quem privam do marido, uma mãe a quem privam do filho, libertam-se, do melhor modo que podem, do laço que as prende. Para obrar e falar alto e bom som, aguardem que não sirvam já de reféns ao mais forte. Estando presas, os vossos partidários ficaram mudos; vendo-as livres, declarar-se-ão, visto já não recearem que lhes imponham as condições do vosso resgate. O nosso plano está apoiado por Gourville. Temos toda a certeza de ter uma boa escolta, com a qual evitaremos os perigos do caminho. Hoje, vinte partidos diferentes estão envolvidos, e todos vivem indistintamente à custa do amigo e do inimigo. Consintam no que lhes digo: tudo está para breve.

- Partimos às escondidas, partimos como malfeitores?!...

172

- exclamou a jovem princesa. - Oh! que dirá o príncipe, quando souber que a mãe, a mulher e o filho, se sujeitaram a uma tal vergonha !?

- Não sei o que dirá. Mas se forem bem sucedidas, dever-lhes-á a liberdade; se não se saírem bem, não comprometem os vossos recursos, e sobretudo a vossa posição, como aconteceria arriscando-se a uma batalha.

A princesa viúva reflectiu um momento, e com o rosto cheio de afectuosa melancolia, afirmou:

- Meu querido senhor Lenet, trate de convencer minha filha, pois quanto a mim, vejo-me obrigada a ficar aqui. Até agora, tenho lutado, mas não me sinto já com forças para mais: a dor que me consome, e que em vão me

esforço por ocultar, a fim de não desanimar as pessoas que me rodeiam, vai agrilhoar-me num leito de dor, que será talvez o meu leito de morte. É preciso, primeiro que tudo, salvar a fortuna dos Condes. Minha filha e meu neto sairão de Chantilly, e congratulo-me por terem bastante prudência para se conformarem aos seus conselhos - ou, para melhor dizer, às suas ordens. Ordene, Lenet, e executar-se-á o que ordenar.

- Perde a cor, senhora! - exclamou Lenet, segurando a princesa viúva, a quem já a jovem princesa, assustada com a sua palidez, tomara em seus braços.

- Sim... - disse a viúva, que cada vez se ia sentindo mais fraca !• - sim... as boas notícias de hoje fizeram-me mais mal do que as angústias dos últimos dias. Sinto-me devorada pela febre; não digamos a ninguém, pois que isto, em tal momento, poderia ser-nos muito nocivo.

- Senhora - disse Lenet em voz baixa - a indisposição de Vossa Alteza seria um benefício do Céu, se a sua pessoa não padecesse. Deixe-se ficar na cama, e faça correr a notícia da sua doença. A senhora - continuou ele, dirigindo-se à jovem princesa - mande chamar o vosso médico Bourdelot; e como em breve teremos de recorrer às estrebarias e às equipagens, espalhe por toda a parte

173

que a vossa intenção é mandar correr um gamo no parque. Deste modo, ninguém se admirará de ver homens, armas e cavalos em actividade.

- Faça o que entender, Lenet. Mas como é possível que um homem tão previdente como o senhor não veja que poderão admirar-se desta estranha partida de caça, no mesmo momento em que minha mãe cai doente?...

- Tudo isso será prevenido, senhora. Não é depois de amanhã que o senhor duque de Enghien completa sete anos, e deve sair das mãos das mulheres?...

- Assim é.

- Ora bem; nós diremos que esta partida de caça tem lugar por motivo das primeiras calças que veste o jovem príncipe; que Sua Excelência não quis de modo algum que a sua moléstia fosse entrave para esta solenidade, e tanto insistiu que tiveram de ceder às suas instâncias.

- Excelente ideia! - exclamou com um alegre sorriso a princesa viúva, muito ufana com esta primeira proclamação da virilidade do neto. - Sim, o pretexto é bom, e, na realidade, Lenet, é um digno e bom conselheiro.

- Mas para correr atrás da caça, o senhor duque de Enghien não terá de ir numa sege?... - perguntou a princesa.

- Não, senhora: a cavalo. Que não tenha o mínimo susto, o seu coração maternal. Idealizei uma selazinha, que Vialas, seu escudeiro, assentará adiante do arção da dele; deste modo, todos poderão ver o senhor duque de Enghien, e à noite poderemos pôr-nos a caminho com toda a segurança. É que, na suposição de que tenhamos de fugir, indo a cavalo o senhor duque poderá passar por toda a parte; ao passo que, indo de sege, o primeiro obstáculo que encontrássemos far-nos-ia parar.

- Então sempre julga que devemos partir?

- Depois de amanhã, à noite, senhora, se Vossa Alteza não tem algum motivo para demorar a partida.

174

- Oh! não, muito pelo contrário: afastemo-nos quanto antes da nossa prisão, Lenet.

- E uma vez que tenha saído de Chantilly, que farão? - perguntou a princesa viúva.

- Passaremos através do exército do senhor de Saint-Aignan, para cujos olhos encontraremos processo de lançar poeira. Iremos reunir-nos ao senhor de La Rochefoucauld e à respectiva escolta, e chegaremos a Bordéus, onde estão à nossa espera. Assim que chegarmos à segunda cidade do reino, à capital do Midi, poderemos negociar ou combater, como melhor convier a vossas altezas; contudo, terei a honra de lhes lembrar, senhoras, que mesmo em Bordéus não poderemos aguentar-nos muito tempo, caso não tenhamos do nosso lado algumas praças, que obriguem as tropas reais a dividirem-se. Duas destas praças sobretudo são de enorme importância: Vayres, que domina o Dordonha, e facilita a chegada de víveres à cidade, e a ilha de São Jorge, que é considerada pelos próprios bordaleses a chave da cidade. Disto, porém, nos ocuparemos mais tarde; por agora, tratemos apenas da forma como havemos de sair daqui.

- Não há coisa mais fácil, senhora, a meu ver - disse a princesa. - Estamos aqui sós e à vontade, apesar de quanto possa dizer, Lenet.

- Não tenha qualquer certeza, senhora, antes de estarmos em Bordéus; não há coisa que seja fácil, como o espírito diabólico de Mazarino; e se esperei que ficássemos sós para expor o meu plano a vossas altezas, foi para descargo da minha consciência, juro, porquanto neste mesmo momento sinto grandes receios relativamente à segurança do projecto que a minha cabeça só por si concebeu, e que os vossos ouvidos foram os únicos a ouvir. O senhor Mazarino não só sabe das coisas, mas até as adivinha...

- Oh! eu o desafio a que faça malograr esta! - desafiou a princesa. - Mas ajudemos minha mãe a recolher-se a seu quarto; desde hoje mesmo vou propagar o boato da nossa partida de caça para depois de amanhã. Encarregue-se dos convites, Lenet.

175

- Fique descansada a esse respeito, senhora.

A princesa viúva recolheu-se aos seus aposentos, e meteu-se na cama. A presença de Bourdelot, médico da casa de Conde e mestre do duque de Enghien, foi pedida. A notícia desta inesperada indisposição espalhou-se no instante mesmo por Chantilly, e, meia hora depois, os bosques, as galerias, e os jardins, ficaram desertos, apinhando-se todos os hóspedes das princesas na antecâmara da princesa viúva.

Lenet passou o dia a escrever, e nessa mesma noite mais de cinquenta convites foram enviados em diferentes direcções pelos numerosos servidores da real casa.

XIII

O dia designado para levar a efeito os importantes planos de Pedro Lenet foi um dos mais escuros daquela Primavera, a que chamam por tradição a mais bela estação do ano, e que quase sempre, sobretudo na França, é a mais desagradável. O céu estava nublado, a mais profunda névoa reinava por toda a parte, e a chuva caía, fria e densa, nos jardins de Chantilly. Nos vastos pátios, presos às argolas, aguardavam cinquenta cavalos selados e enfreados, de orelha baixa, olhos tristes, e raspando impacientes a terra com as ferraduras; matilhas de cães atrelados e inquietos, tentavam, por um esforço comum, arrastar consigo o moço que enxugava aos que mais estimava as orelhas ensopadas em chuva.

Aqui e além vagueavam os picadores com as suas cornetas, e de mãos atrás das costas. Alguns oficiais, que se haviam acostumado a resistir às inclemências do tempo nos bivaques de Rocroy e de Lens, arrostavam a água do céu, e mitigavam o desagrado da demora conversando sob os terraços e escadas exteriores.

Toda a gente havia sido avisada de que era dia de cerimônia, e que deveriam munir-se de ar solene para verem o duque de Enghien, vestido com calças pela primeira vez, bater um gamo. Todos os oficiais que estavam ao serviço do príncipe, e todos os clientes da ilustre casa, convidados pelas circulares de Lenet, haviam cumprido, acudindo a Chantilly, o que entendiam ser um dever. Além disso,

177

as inquietações que desde logo dera a saúde da princesa viúva haviam-se, dissipado, devido ao prognóstico, favorável de Bourdelot: a princesa, depois de sangrada, tomara pela manhã um emético, panaceia universal daquela época.

Às dez horas, todos os convidados pessoais da senhora de Conde haviam chegado, e cada qual fora introduzido apresentando a sua carta de convite; e os que por acaso a tinham esquecido, uma vez que fossem reconhecidos por Lenet, eram introduzidos em consequência de um sinal que este fazia ao porteiro. Estes convidados, reunidos aos servidores da casa, formavam um total de oitenta ou noventa pessoas, cujo maior número estava reunido à roda do magnífico cavalo branco, que, com uma espécie de orgulho, levava adiante da sua grande sela à francesa um pequeno assento de veludo com espaldar, destinado ao duque de Enghien, e onde este devia tomar lugar quando Vialas, seu escudeiro, se tivesse instalado devidamente na sela principal.

Contudo, ainda se não falava de dar princípio à caçada, e parecia que eram esperados outros convidados.

Pelas dez horas e meia, três gentis-homens seguidos dos respectivos criados, armados de ponto em branco, e portadores de malas tão abarrotadas que dir-se-ia irem dar a volta à Europa, entraram no castelo, e vendo no pátio uns postes que pareciam plantados ali para o efeito, quizeram prender a eles os seus cavalos. No mesmo instante, um homem vestido de azul, com um talabarte de prata e de alabarda na mão aproximou-se dos recém-chegados, que pela equipagem ensopada em água e pelas botas enlameadas, facilmente eram reconhecidos como viajantes que vinham de longe.

- De onde vêm, senhores? - disse aquela espécie de porteiro, atravessando a sua alabarda.

- Do Norte - respondeu um dos cavaleiros.

- E para onde vão?

- Vamos ao enterro.

- E que prova dão disso?

178

- Veja os nossos fumos.

Com efeito, os três amos tinham, cada um, o seu fumo na espada.

- Rogo-lhes que me desculpem, senhores - disse o porteiro. O castelo está à vossa disposição: encontrarão a mesa posta, um quarto com lume, e criados que os sirvam; quanto aos que os acompanham, também se lhes acudirá com o que for preciso.

1 Os gentis-homens, que tinham fome e curiosidade, apearam-se, entregaram as rédeas dos cavalos aos lacaios, e, informando-se do caminho para a sala de jantar, dirigiram-se para esse lado. Um camareiro esperava-os à porta, e serviu-lhes de guia.

Enquanto isso, os cavalos foram tirados das mãos dos lacaios da casa, e

levados para as estrebarias, onde lhes deram agasalho e ração.

Ainda os três gentis-homens mal se haviam sentado à mesa, quando outros seis cavaleiros, seguidos de seus lacaios, armados como os outros que já descrevemos, entraram, tal como eles, e, como eles, vendo os postes, quiseram prender às respectivas argolas as cavalgaduras. Mas o homem da alabarda, que tinha recebido ordens estritas, aproximou-se e renovou as perguntas:

- Onde vêm?
- Da Picardia. Somos oficiais do exército de Turenne.
- Para onde vão?
- Vamos ao enterro.
- E que provas dão?
- Veja os nossos fumos.

E, tal como os primeiros, mostraram os fumos que pendiam dos punhos das espadas.

Sendo tratados com a mesma cortesia, estes últimos foram tomar o seu lugar na mesa; e os mesmos cuidados se deram aos seus cavalos, que foram recolhidos na estrebaria.

Depois destes, apresentaram-se outros quatro, e ainda se renovou a mesma cena.

179

Das dez horas até ao meio-dia, dois a dois, quatro a quatro, cinco a cinco, sós, em grupos sumptuosos ou insignificantes, mas todos bem armados, chegaram uns cem cavaleiros, a quem o alabar-deiro interrogou do mesmo modo, e que responderam dizendo de onde vinham, ajuntando que iam ao enterro, e mostrando os seus fumos.

Depois que todos jantaram e travaram conhecimento, enquanto os criados tomavam algum refresco e os cavalos descansavam, Lenet entrou no salão e disse-lhes:

- Senhores, Sua Alteza agradece-lhes, por meu intermédio, a honra que lhe fazem de passar por sua casa ao encontro do senhor duque de La Rochefoucauld, que os espera para celebrar as exéquias do senhor seu pai. Considerem esta habitação como vossa, e dignem-se participar nos divertimentos de uma caçada que deve ter lugar esta tarde, em execução das ordens dadas pelo senhor duque de Enghien, que hoje pela primeira vez veste calças.

Um murmúrio de aprovação e de agradecimentos lisonjeiros correspondeu a esta primeira parte do discurso de Lenet, que, como hábil orador, se interrompera, à vista de um efeito certo.

- Concluída a caçada - continuou ele - encontrarão sentada a cear a senhora Princesa, que deseja ela mesma apresentar-lhes os agradecimentos, após o que terão toda a liberdade para continuar o vosso caminho.

Alguns dos gentis-homens prestaram uma atenção particular à exposição deste programa, que parecia de algum modo impedi-los de vontade própria. Contudo, prevenidos sem dúvida pelo senhor duque de La Rochefoucauld, esperavam alguma coisa semelhante, visto que ninguém fez reclamação alguma: uns foram ver os seus cavalos, e outros recorreram às suas malas, para se porem em estado de se apresentarem dignamente diante das princesas; outros, enfim, foram-se deixando ficar à mesa, conversando acerca dos negócios do tempo, que pareciam ter uma certa ligação com os acontecimentos daquele dia.

180

Muitos deles passeavam por baixo da varanda principal, na ala, depois de

terminado o seu atavio, devia aparecer o senhor duque de Enghien, confiado pela última vez ao cuidado das mulheres. O jovem príncipe, no quarto, com as suas amas e as embaladeiras, ignorava qual fosse a sua importância. Mas, cheio de orgulho aristocrático, contemplava com olhos impacientes o rico e severo traje que ia envergar pela primeira vez. Era um vestido de veludo preto, bordado de prata, e este efeito dava-lhe o ar sombrio do luto; a mãe queria a todo o preço ser considerada viúva, e tencionava mesmo inserir em certo discurso estas palavras: Pobre príncipe órfão...

Todavia, não era o príncipe quem olhava com maior avidez para os esplêndidos vestidos e insígnias da sua virilidade, tanto tempo esperada; a dois passos dele, outro menino, que apenas tinha mais alguns meses de idade, de faces rosadas, cabelo louro, todo replandescente de saúde, força e arrogância, devorava com os olhos o fausto de que se via rodeado o companheiro; até já por diferentes vezes, não podendo resistir à curiosidade, se atrevera a aproximar-se da cadeira sobre a qual estavam prontos os belos vestidos, e sorrateiramente havia apalpado o veludo e acariciado os bordados, enquanto o pequeno príncipe olhava para outro lado. Mas aconteceu que uma vez o duque de Enghien lançou os olhos a tempo, e Pierrot retirou a mão muito tarde.

- Toma sentido -exclamou o príncipe com enfado- toma, pois, Pedrito! Vais estragar as minhas calças... Olha que são de veludo bordado, e bem vês que se lhe tocares perderá o brilho. Proíbo-te, pois, que ponhas as mãos nas minhas calças.

Pedro ocultou a criminosa mão atrás das costas, encolhendo e tornando a encolher os ombros, com aquele movimento de mau humor que é familiar aos meninos de todas as condições.

- Não se agaste, Luís - disse a princesa ao filho, desfigurado por uma feia carantonha. - Se Pedro tornar a pôr mão na sua roupa, mandá-lo-emos açoitar.

181

Pedro substituiu a sua catadura amuada por uma catadura ameaçadora, e disse:

- Sua Alteza é príncipe, mas eu sou jardineiro; e se Sua Alteza me quer impedir de pôr a mão na sua roupa, eu, pela minha parte, não o deixarei brincar com as minhas pintadas. Eu tenho mais força de que Sua Alteza, e ele muito bem o sabe...

Ainda não tinha proferido totalmente estas imprudentes palavras, quando a ama do príncipe, mãe de Pedro, lançou mão ao braço da arrogante criança, e lhe disse:

- Pedrito, esquece-se de que Sua Alteza é seu amo, senhor de tudo o que há, tanto no castelo, como em torno dele, e que, por conseguinte, as suas pintadas são dele.

- Como eu estava enganado!... - disse Pedro - julgava que era meu irmão...

- Chamam-lhes irmãos porque foram criados com o mesmo leite.

- Então, se somos irmãos, é dever nosso repartirmos; e se as minhas pintadas são dele, os seus vestidos são meus.

A ama ia replicar, por meio de uma demonstração acerca da diferença que há entre o irmão uterino e um colação; mas o jovem príncipe, querendo que Pedro assistisse a todo o seu triunfo, porque a ele sobretudo desejava excitar a admiração e a inveja, não lhe deu tempo para isso.

- Não tenhas receio, Pedrito - disse ele- não estou enfadado contra ti, e logo me verás em cima do meu grande cavalo branco, sentado na minha linda selazinha; hoje vou à caça, e eu é que matarei o gamo.

- Ah! sim?... -respondeu o irreverente Pedro, com o mais insolente gesto de ironia.- Não se conservará muito tempo a cavalo; quis outro dia montar no meu burro, e ele deitou-o por terra...

- É verdade o que dizes; mas hoje -replicou o jovem príncipe com toda a majestade que pôde chamar em seu socorro, e que

182

não pôde encontrar nas suas recordações - represento o meu papá : e não cairei; além de que Vialas me aparará em seus braços.

- Vamos, vamos - disse a princesa, para atalhar a discussão entre Pedro e o duque de Enghien- vistam já o príncipe! Está dando uma hora, e todos os nossos gentis-homens se impacientam com tamanho atraso. Lenet, mande dar o sinal de partida.

XIV

NO mesmo instante, o som da trompa ecoou nos pátios e penetrou até ao fundo dos quartos. Então, cada qual correu em busca de um cavalo fioso e descansado, graças aos cuidados que lhes haviam proporcionado, e nele montou. O monteiro, com os seus cães de caça, e os pica-dores com as suas matilhas, foram os primeiros a partir. Depois, os gentis-homens abriram alas, e o duque de Enghien, no seu cavalo branco, amparado pelo escudeiro Vialas, apareceu rodeado de damas de honor, escudeiros, gentis-homens, e seguido pela mãe, primorosamente ataviada, e montada num cavalo negro como azeviche; junto dela, num cavalo que evolucionava com encantadora graça, vinha a viscondessa de Cambes, adorável no seu traje mulheril, com que, afinal, com suma satisfação sua, se vestira.

Quanto à senhora de Tourville, de balde a buscavam com os olhos; desde a antevéspera havia desaparecido como Aquilles: retirara-se para o fundo da sua barraca.

Esta brilhante cavalgada foi recebida com aclamações unânimes. Todos, erguendo-se nos estribos, tinham os olhos fitos na princesa e no duque de Enghien, desconhecidos da maior parte dos gentis-homens, que nunca tinham ido à corte, e para quem eram estranhas

185

todas estas pompas reais. O menino saudava-os com um lindo sorriso, e a princesa, com uma meiga majestade; era a mulher e o filho daquele a quem os inimigos reconheciam como o primeiro capitão da Europa. Este primeiro capitão da Europa era perseguido e agrilhado pelos mesmos a quem salvara do inimigo em Lens, e defendera contra os rebeldes em São Germano. Não seria preciso tanto para excitar o entusiasmo; e por isso o entusiasmo chegou ao seu maior auge.

A princesa saboreava a largos tragos todas estas provas da sua popularidade; depois, em consequência de algumas palavras que Lenet lhe disse ao ouvido, deu o sinal de partida, e em breve passaram dos jardins para o parque, cujas portas estavam guardadas por soldados do regimento de Conde. Depois de haverem passado os caçadores, fecharam-se as cancelas; e como se esta precaução ainda não fosse suficiente para que nenhum falso irmão tomasse parte na festa, os soldados ficaram de sentinela por detrás das cancelas, e a cada uma delas estava, de pé, um porteiro, trajado como o da corte, e como ele armado com uma alabarda, tendo recebido ordem de não deixar entrar senão os que pudessem responder às três perguntas convencionais.

Um momento depois de se haverem fechado as cancelas, o som da corneta e

os latidos furiosos dos cães deram anúncio de que se corria atrás de um gamo.

Contudo, do outro lado do parque, em frente do muro do recinto construído pelo condestável Anne de Montmorency, e além da estrada, seis cavaleiros, aplicando o ouvido aos sons das cornetas e aos latidos dos cães, haviam parado, afagando os seus cavalos esbaforidos, e pareciam consultar-se mutuamente.

À vista do seu trajo absolutamente novo, dos brilhantes arreios dos seus cavalos, dos lustrosos capotes que dos ombros lhes caíam airoso sobre as garupas dos fogosos animais em que iam montados, do luxo das armas que algumas aberturas dispostas com arte deixavam perceber, podia bem causar espanto a espécie

186

de solidão em que se achavam aqueles gentis-homens, tão belos e tão nobres na hora em que toda a nobreza daqueles sítios estava reunida em Chantilly.

Estes gentis-homens tão brilhantes eram, contudo, eclipsados pelo luxo do seu chefe, ou daquele que o parecia ser: plumas no chapéu, boldrié dourado, botas finas com esporas de ouro, espada comprida de punhos lavrados e abertos - tal era, com o acompanhamento de um esplêndido capote azul-celeste à espanhola, a equipagem deste cavaleiro.

- Então? - disse ele, passado um momento de reflexão profunda, durante o qual os seis cavaleiros ficaram olhando uns para os outros com certa perturbação - por onde é que se entra no parque? pela porta ou pela cancela?... Apresentemo-nos, pois, à primeira cancela, ou à primeira porta, e entraremos. Cavaleiros do nosso porte não se deixam na rua, quando se dá entrada a homens trajados como os que temos encontrado desde a manhã.

- Repito, Cauvignac - respondeu um dos cinco cavaleiros, a quem se dirigia o discurso do seu chefe- esses homens mal vestidos, e que, apesar do seu trajo e modos, se acham a esta hora no parque, tinham sobre nós uma vantagem: a de saberem qual é o santo. Nós não o sabemos, e, portanto, não nos deixarão entrar. I -Acredita, Ferguzon? - disse em tom de quem tinha certo respeito à opinião do seu tenente aquele que primeiro falara, e que os nossos leitores reconhecem pelo aventureiro que encontraram logo nas primeiras páginas desta história.

- Se o creio?... disso estou certo! Crê então que essa gente vai à caça pelo amor que tem às caçadas?... A mim não me enganam! eles conspiram, e isto é muito positivo.

- Ferguzon tem razão - disse um terceiro. - Eles conspiram, e nós não entraremos.

- Todavia, na caça ao gamo é fácil tomar parte, quando na estrada que seguimos nos encontrarmos com os caçadores.

- Sobre tudo quando estamos cansados de dar caça aos homens,

187

não é assim, Barrabás? - replicou Cauvignac. - Ora, pois, não se dirá que esta nos passou por baixo das ventas. Temos quanto nos é preciso para figurar dignamente nesta festa; estamos tão brilhantes como escudos novos. Se o senhor duque de Enghien precisa de soldados, onde poderia encontrá-los mais belos? Se precisa de conspiradores, onde poderia achá-los mais elegantes? O menos sumptuoso de nós tem a catadura de um capitão.

- Cauvignac -replicou Barrabás - em caso de necessidade, passaria por

duque e par.

Ferguzon não dizia palavra.

- Quer a desgraça - continuou Cauvignac, sorrindo - que Ferguzon não seja de parecer que se vá hoje à caça.

- Nada disso! - disse Ferguzon.- Não sou homem de tão pouco gosto; a caça é divertimento próprio de gentis-homens que muito me convém. E por isso, não digo que não me apraz, nem dela dissuado os outros: digo simplesmente que a entrada deste parque onde andam à caça nos é vedada pelas portas e pelas cancelas.

- Oiçam! -exclamou Cauvignac.- Dão sinal de caça descoberta. ..

- Mas - continuou Ferguzon - isto não quer dizer que não caçaremos...

- E como queres tu que cacemos, cabeça de burro! se não podemos entrar?!

- Eu não digo que não podemos entrar - replicou Ferguzon.

- E como queres tu que entremos, se as portas e cancelas, que para os outros são abertas, estão, no teu entender, fechadas para nós?!...

- Porque não fariamos nós neste muro, e só para nosso uso, um rombo por onde pudéssemos passar, nós e os cavalos, e por detrás do qual de certo não encontraríamos quem nos pedisse satisfações?...

- Bravo! - exclamou Cauvignac, atirando o chapéu ao ar. - Dou-te totais parabéns, Ferguzon: és o nosso homem de recursos!

188

E quando eu tiver derrubado o rei da França do seu trono, para nele colocar o príncipe, pedirei para ti o lugar de Mazarino. Mãos a obra, camaradas, mãos à obra!

Dizendo estas palavras, Cauvignac apeou-se da sua cavalgadura, e, ajudado pelos companheiros, um só dos quais foi bastante para segurar os cavalos de todos, dedicou-se ao derrube das pedras já abaladas do muro.

Num abrir e fechar de olhos, os cinco improvisados trabalhadores abriram uma brecha de três ou quatro pés de largo. Tornaram então a montar nos seus cavalos, e, guiados por Cauvignac arremeteram para dentro da praça. lhe

- Agora - disse-lhes este, dirigindo-se para o lado de onde vinha o som das cornetas - sejam cortesies, e dêem provas de bom gosto, pois convidamos a cear em casa do senhor duque de Enghien.

XV

JÁ dissemos que os seis gentis-homens estavam bem montados; além disso, os seus cavalos tinham sobre os dos cavaleiros que haviam chegado pela manhã a vantagem de estarem folgados. Em breve se juntaram e tomaram lugar entre os caçadores, sem a mínima contestação. A maior parte dos convidados vinha de diferentes províncias, e pouco ou nenhum conhecimento tinham entre si; uma vez no parque, os intrusos não encontravam qualquer dificuldade em passar por convidados.

Tudo teria, pois, ido às mil maravilhas, caso se tivessem conservado no seu posto, ou também caso se contentassem em adiantar-se aos outros, juntando-se aos picadores e monteiros. Mas não sucedeu assim. Passado um instante, Cauvignac pareceu convencer-se de que a caçada se realizava em honra da sua pessoa: arrancou a corneta das mãos de um dos moços que cuidavam dos cães, o qual se não atreveu a recusar-lha, brandiu-a à frente dos monteiros, atravessou-se por diante do capitão de caçadas em todas as direcções, rompeu através dos bosques, tocando desesperadamente a corneta, fazendo perder o rasto do gamo quando saiu dos bosques, ou neles se tornava a embrenhar, esmagando os cães, derrubando os moços, saudando garridamente as senhoras quando passava diante delas,

praguejando, berrando, animando-se a si

191

próprio quando as perdia de vista, e caindo sobre o gamo no momento em que o animal, depois de haver atravessado o grande lago, estava reduzido às últimas, não podendo já consigo.

- O gamo é nosso! - gritou Cauvignac. - Temo-lo, seguro! Não pode escapar-nos!

- Cauvignac! - dizia Ferguzon, que o seguia de perto - Cauvignac, tanto fará que por fim seremos todos expulsos! Modere-se, pelo santo nome de Deus lho peço!

Cauvignac a nada atendia, e vendo que o animal fazia frente aos cães, apeou-se e desembainhou a espada, gritando com toda a força dos pulmões:

- É nosso! É nosso!

E os companheiros, à excepção do prudente Ferguzon, alentados pelo exemplo de Cauvignac, apressavam-se a cair sobre a presa quando o capitão das caçadas, afastando Cauvignac com a sua faca de mato, lhe disse:

- Que vai fazer senhor? É a princesa quem dirige a caça. A ela, pois, pertence matar o gamo, ou conceder esse favor a quem bem lhe apetecer.

Cauvignac caiu em si ao ouvir esta áspera repreensão; e quando recuava com muito pouca graça, viu-se subitamente rodeado pelo tropel dos caçadores, a quem os cinco minutos da alta que fizeram havia permitido que chegassem junto dele, formando um grande círculo em torno do animal, encurralado junto ao tronco de um carvalho, e cercado por todos os cães reunidos e encarniçados no assalto.

No mesmo momento, avistou-se correndo para aquele lado a princesa, precedendo o duque de Enghien, os gentis-homens, e as damas, que faziam questão em não se apartarem dela. A princesa parecia muito animada, e bem se percebia que este simulacro de guerra era o prelúdio de uma guerra verdadeira.

Chegando ao meio do círculo, a princesa parou, pousou os olhos com soberania em torno de si, e fitou-os em Cauvignac e

192

nos seus companheiros, estes devorados pelo olhar inquieto e desconfiado dos picadores e dos oficiais de caçada.

O capitão chegou junto dela com a sua faca de mato na mão; era uma faca de que ordinariamente se servia o príncipe, com folha do mais fino aço e punho em prata dourada.

- Vossa Alteza conhece este gentil-homem? - perguntou ele em voz baixa, olhando de soslaio para Cauvignac.

- Não - disse ela. - Mas visto que entrou, deve sem dúvida ser conhecido de alguém.

- Saiba Vossa Alteza que ninguém o conhece, e é a primeira vez que o vêem todas as pessoas a quem interroguei...

- Mas ele não podia franquear as cancelas sem saber o santo...

- Por certo que não - replicou o capitão. - Contudo, tomarei a liberdade de dar a Vossa Alteza o conselho de desconfiar dele.

- Cumpre em primeiro lugar saber quem é - disse a princesa.

- Não tardaremos a sabê-lo, senhora - respondeu Lenet com o seu sorriso habitual, na companhia da princesa. - Ordenei a um normando, a um picardo e a um bretão, que fossem ter com ele; será interrogado com toda a sagacidade. Mas por agora não dê Vossa Alteza a ideia de ter reparado nele, pois se visse que o observavam, escapar-se-nos-ia.

- Tem razão, Lenet; continuemos a nossa caçada.

- Cauvignac - disse Ferguzon- creio que se ocupa de nós aquela gente de alta distinção. Não fariamos mal se nos eclipsássemos.
- Julgas que sim?... - disse Cauvignac.- Ah! pela minha fé: tanto pior. Quero ver cair o veado, aconteça o que acontecer.
- É um belo espectáculo, bem sei - insistiu Ferguzon - mas pode muito bem acontecer que paguemos os nossos lugares mais caros do que na hospedaria da Borgonha.
- Senhora - disse o capitão das caçadas, apresentando a face à princesa - a quem quer Vossa Alteza conceder a honra de matar o animal?

193

- Reservo-a para mim, senhor - respondeu a princesa. - Uma mulher da minha posição deve acostumar-se a manejar o ferro e a ver correr sangue.
- Namur - disse o capitão das caçadas ao arcabuzeiro - prepare-se. O arcabuzeiro saiu das filas e de arcabuz na mão, foi colocar-se a vinte passos do animal. Esta manobra tinha por objectivo matar o gamo com uma bala, se este, impellido pelo desespero, como às vezes acontece, em vez de esperar pela princesa, se arremessasse contra ela.
A princesa apeou-se, pegou na faca, e, de olhos fixos, faces ardentes e lábios meio levantados, adiantou-se para o animal, que, quase oculto sob os cães, parecia coberto de um tapete mesclado de mil cores. A besta não acreditou, sem dúvida, que a morte se apresentasse sob as feições daquela formosa princesa, a cuja mão talvez tivesse ido comer dez vezes; e por isso, caído como estava sobre os joelhos, tentou fazer um movimento, acompanhado daquela grossa lágrima que acompanha a agonia do gamo e do veado. Mas não teve tempo para tanto; a folha da faca, em que se reflectiu um raio de sol, desapareceu até aos copos na garganta, de onde esparrinhou o sangue, que foi cair no rosto da princesa. O gamo levantou então a cabeça, bramiu dolorosamente, e, lançando um último olhar de repreensão à sua bela senhora, caiu e morreu.
No mesmo instante, soaram todas as cornetas, e ouviram-se retumbar milhares de gritos de Viva a princesa! enquanto o jovem príncipe, agitando-se na sua sela, batia palmas de alegria.
A princesa tirou a faca da garganta do animal, correu com ares de amazona os olhos em torno de si, restituiu a arma ensanguentada ao capitão das caçadas, e montou de novo a cavalo.
Lenet aproximou-se dela, então.
- Quer a princesa que eu lhe diga - disse ele, com o seu sorriso habitual - em que pensava Vossa Alteza quando enterrava a sua faca na garganta daquele pobre animal?...

194

- Sim, Lenet, diga-me; dar-me-á muito prazer.
- Pensava em Mazarino, e bem desejou que ele estivesse ali, em lugar do gamo.
- Sim! - exclamou a princesa. - Não há dúvida de que assim foi; e tê-lo-ia degolado desapiedadamente, eu juro-lhe. Mas cumpre confessar, Lenet, que é um feiticeiro... Depois, voltando-se para o resto da comitiva:
- Agora que está concluída a caçada, senhores - disse ela - convido-os a que me sigam. É já muito tarde para correr outro gamo, e, além disso, a ceia está à nossa espera.
Cauvignac respondeu a este convite com um gesto sumamente recioso.
- Então que faz, capitão? - perguntou Ferguzon.
- Aceito o convite que se me faz. Não vês tu que a princesa acaba de nos convidar para cear, como eu vos tinha prometido a todos?...

- Cauvignac, acreditar-me-á, se quiser, mas no seu lugar, eu retirava-me pela mesma brecha por onde entrámos.

- Ferguzon, meu amigo, a sua natural perspicácia abandona-o neste momento. Não reparou nas ordens que deu aquele senhor vestido de preto, e que dá ares de raposa quando ri, e de texugo quando não ri?... Ferguzon, a brecha está guardada, e encaminhamo-nos para o lado dela é indicar que queremos sair por onde entrámos.

- Mas então, que será de nós?

- Sossegue, que eu respondo por tudo.

E, confiados nesta segurança, os seis cavaleiros tomaram lugar entre os gentis-homens, e com eles se dirigiram ao castelo.

Cauvignac não sabia se os havia enganado: não os perdia de vista. Lenet ia caminhando, tendo à sua direita o capitão das caçadas, e à esquerda o mordomo da casa de Conde.

- Estão certos - disse ele- de que ninguém conhece estes cavaleiros?

195

- Ninguém, absolutamente; interrogámos mais de cinquenta gentis-homens, e sempre a mesma resposta: são absolutamente estranhos a toda a gente.

O normando, o picardo e o bretão voltaram, e reuniram-se a Lenet, sem nada mais poderem dizer. Só que o normando descobrira uma brecha no muro do parque, e, como homem inteligente, ali colocara guardas.

- Em tal caso - disse Lenet- temos de recorrer ao meio mais eficaz: não se diga que um punhado de espiões nos obriga a despedir cem bravos gentis-homens. Tenha cuidado, senhor mordomo, que ninguém possa sair do pátio, nem da arcada em que a cavalgada vai entrar; o senhor capitão, logo que se tenha tornado a fechar a porta da galeria, mantenha um piquete de doze homens com as armas carregadas, preparado para o que der e vier. Agora, podem ir, que não os perco de vista.

Acresce que Lenet não tinha dificuldade de maior em desempenhar o encargo que a si próprio impusera. Cauvignac e os companheiros não manifestavam o mínimo desejo de fugir. Cauvignac andava sempre na frente, afagando os bigodes; Ferguzon seguia-o, confiado na sua promessa, pois conhecia demasiado bem o seu chefe, e estava certo de que não se teria vindo meter numa toca, se a toca não tivesse outra saída; quanto a Barrabás e aos outros três companheiros, iam seguindo o tenente e o capitão sem pensar noutra coisa que não fosse na excelente ceia que os esperava. Eram, em suma, homens muito materiais, que abandonavam com um perfeito desleixo a parte intelectual das relações sociais aos seus dois chefes, em quem tinham plena e inteira confiança.

Tudo se passou conforme previra o conselheiro, e tudo se executou como ele ordenara. A princesa sentou-se sob um dossel que lhe servia de trono na grande sala de recepção; tinha junto de si o filho, trajado como já dissemos.

Todas as pessoas olharam umas para as outras: havia sido prometida uma ceia, e era evidente que se ia pronunciar um discurso.

196

Com efeito, a princesa levantou-se e pronunciou um discurso que comoveu os ouvintes. Desta vez, Clemência de Mailé Brézé não teve já a mínima prudência, e rompeu abertamente com Mazarino; os seus partidários, electrizados pela recordação da afronta feita a toda a nobreza de França nas pessoas dos príncipes, e talvez ainda mais pela esperança das boas condições que haviam de impor à corte, caso fossem bem sucedidos,

interromperam duas ou três vezes o discurso da princesa, jurando alto e bom som servir fielmente a causa da ilustre Casa de Conde, e ajudá-la a sair da situação a que Mazarino a queria reduzir.

- Portanto, senhores -exclamou a princesa, terminando o seu discurso - o que o órfão que aqui vêem pede aos vossos corações generosos, é o concurso da vossa bravura, é o oferecimento de vosso fervoroso zelo. Sois nossos amigos, aqui se apresentam, pelo menos, como tal; que podem fazer a nossa favor?

Então, passado um momento de silêncio -silêncio cheio de solenidade- começou uma cena, que era ao mesmo tempo a mais grave e a mais tocante que pudesse ver-se.

Um dos gentis-homens inclinou-se, saudando respeitosamente a princesa.

- Chamo-me Geraldo de Montalent - disse ele. - Trago comigo quatro gentis-homens, meus amigos. Reunimos cinco boas espadas e vinte mil francos, que oferecemos ao serviço do príncipe. Eis aqui a nossa credencial, assinada pelo duque de La Roche-foucauld.

A princesa saudou-o, por seu turno, pegou na carta de confiança que lhe apresentavam, entregou-a a Lenet, e fez um sinal aos gentis-homens para que passassem à sua direita.

Assim que tomaram o lugar indicado, logo outro gentil-homem se levantou:

- Chamo-me Cláudio Raul de Lessac, conde de Clermont - disse ele. - Venho acompanhado por seis gentis-homens meus amigos. Temos cada um de nós dez mil francos, e pedimos o favor

197

de participarmos com esta quantia no tesouro de Vossa Alteza; estamos armados e equipados, e um simples soldo diário é quanto nos bastará. Eis a nossa credencial, assinada pelo duque de Bouillon.

- Passem para a minha direita, senhores - disse a princesa, pegando na carta do senhor de Bouillon, de que tomou conhecimento, como fizera com a primeira, e que do mesmo modo entregou a Lenet. - Fiquem certos de todo o meu reconhecimento.

Os gentis-homens obedeceram.

- Chamo-me Luís Fernando de Lorges, conde de Duras - disse então um terceiro gentil-homem. - Chego sem amigos e sem dinheiro, rico e forte só com a minha espada, munido da qual abri caminho através do inimigo, pois estava sitiado em Bellegarde. Eis a minha carta de confiança, que recebi do visconde de Turenne.

- Venha, venha, senhor - disse a princesa, tomando numa das mãos a carta, e dando-lhe a outra a beijar. - Venha e deixe-se ficar junto de mim; nomeio-o um dos meus brigadeiros.

Este exemplo foi seguido por todos os gentis-homens; cada qual vinha com a sua credencial, ou do senhor de Bouillon, ou do senhor de Turenne; entregava a carta, e passava para a direita da princesa. Quando o lado direito se encheu, a princesa fê-los passar para a esquerda.

Deste modo, ia-se desguarnecendo o fundo da sala, e, por último, restaram apenas Cauvignac e os seus esbirros, formando um grupo solitário, sobre o qual todos, resmungando com desconfiança, lançavam olhares coléricos ou ameaçadores.

Lenet voltou os olhos para a porta, que estava bem fechada. Bem sabia que atrás dela se encontrava o capitão com dez soldados bem armados. Então, fitando os olhos nos desconhecidos, perguntou:

- E os senhores, quem são? Querem dar-nos a honra de nos revelar os vossos nomes e mostrar-nos as vossas cartas de confiança?

198

O início da cerimónia, cujo desfecho preocupara Ferguzon, dada a sua capacidade de raciocínio, derramara uma sombra de inquietação no seu rosto, e esta inquietação foi logo comunicada aos companheiros, que, tal como Lenet, não tiravam os olhos da porta; mas o chefe, cujo capote pendia majestosamente dos seus ombros, conservara-se impassível. E perante o convite de Lenet, deu dois passos em frente e, saudando a princesa com uma graça muito afectada, afirmou:

- Senhora, chamo-me Rolando de Cauvignac, e trago comigo para o serviço de Vossa Alteza estes cinco gentis-homens, que pertencem às primeiras famílias da Guiena, mas que desejam conservar-se incógnitos.

- Mas, senhores, decerto não se apresentaram em Chantilly sem serem recomendados por alguém... - disse a princesa, perturbada com a antevisão do medonho tumulto que produziria a prisão dos seis suspeitos. - Onde está a vossa credencial?

Cauvignac inclinou-se como homem que reconhece ser muito acertada a pergunta que se lhe faz, levou a mão à algibeira, e dela tirou um papel dobrado em quatro, que entregou a Lenet, fazendo-lhe uma profunda saudação.

Lenet abriu-o, leu, e a mais grata expressão espalhou-se-lhe nas feições, contraídas até aí por uma apreensão que era muito natural.

Enquanto Lenet lia, Cauvignac corria os olhos pelos circunstantes, com gesto triunfante.

- Senhora - disse Lenet em voz baixa ao ouvido da princesa - veja que fortuna! Uma assinatura em branco do senhor d'Épernon!...

- Senhor - afirmou a princesa com o mais gracioso sorriso - muito obrigada! Três vezes obrigada, por meu esposo, por mim, e por meu filho. O sobressalto tornara mudos todos os espectadores.

- Senhor - disse Lenet - este papel é demasiado precioso para que tenha a intenção de dá-lo sem alguma condição. Esta

199

noite, depois da ceia, conversaremos. Se assim lhe convier, dir-me-á em que poderemos ser-lhe prestável.

E Lenet meteu na algibeira a assinatura em branco, cuja restituição Cauvignac teve a delicadeza de não pedir.

- Ora, pois - disse Cauvignac aos seus companheiros - não lhes tinha eu dito que os convidava a cear com o duque de Enghien?...

- E agora, senhor, sente-se à mesa - disse a princesa.

Os dois batentes da porta lateral abriram-se ao serem pronunciadas estas palavras, e viu-se uma magnífica ceia servida na principal galeria do castelo.

A ceia foi uma das mais empolgantes. O brinde ao príncipe, proposto mais de dez vezes, foi sempre correspondido por todos os convidados, de joelhos, espada na mão, e acompanhado de imprecções estrondosas contra Mazarino.

Ninguém se coibiu de fazer honras às delicadas iguarias de Chantilly. O próprio Ferguzon, o prudente Ferguzon, deixou-se seduzir pelo atractivo dos vinhos de Borgonha, com os quais travara conhecimento pela primeira vez. Ferguzon era gascão, e por isso não tivera até então oportunidade de apreciar outros vinhos que não fossem os de sua terra, que achava excelentes, mas que naquela época, se dermos crédito ao duque de São Simão, ainda não tinham grande reputação.

Não acontecia, porém, o mesmo com Cauvignac. Este, sem embargo do justo apreço que fazia dos vinhos de Moulin à Vent, de Nuits e Chambertin, bebeu com moderação. Não se havia esquecido do sorriso sorrateiro de

Lenet, e entendia que precisava de toda a sua razão para celebrar com o astuto conselheiro algum contrato do qual não tivesse que arrepender-se. Por esse motivo, excitou a admiração de Ferguzon, de Barrabás, e dos seus três companheiros, que, ignorando a causa de tal comportamento, foram suficientemente simples para julgar que o seu chefe se tornara sóbrio.

200

No fim do banquete, como os brindes se fossem amiudando, a princesa retirou-se, levando consigo o pequeno duque de Enghien, e deixando livre os seus convidados para prolongarem o banquete tanto quanto lhes aprouvesse pela noite adiante. Além disso, tudo se havia passado como ela o desejava, e fez uma narração circunstanciada da cena do salão e do banquete da galeria, omitindo unicamente uma circunstância, que era a palavra que Lenet lhe dissera ao ouvido, no momento em que ela se levantava da mesa.

- Não se esqueça Vossa Alteza de que partimos às dez horas. Soariam em breve as nove, e a princesa deu princípio aos seus preparativos.

Neste ínterim, Lenet e Cauvignac olharam um para o outro. Lenet levantou-se, e Cauvignac igualmente; Lenet saiu por uma portinhola situada no ângulo da galeria, Cauvignac compreendeu a manobra, e seguiu-o.

Lenet conduziu Cauvignac ao seu gabinete; o aventureiro seguia atrás dele com ar de indiferença e confiança. Contudo, a sua mão, enquanto iam caminhando, afagava indiferentemente o punho de um comprido punhal que tinha à cinta, e os seus olhos examinavam com ardor e rapidez as portas meio abertas e as tapeçarias flutuantes.

Não receava precisamente que o atraíssem, mas tinha por princípio estar sempre pronto para repelir a traição.

Assim que entrou no gabinete, meio alumado por uma lanterna, mas de cuja solidão ficou certo com uma só vista de olhos, Lenet designou com a mão uma cadeira a Cauvignac, que se sentou de um lado da mesa, onde ardia a lanterna, e Lenet do outro.

- Senhor - disse Lenet, para desde logo captar a confiança do gentil-homem- eis aqui em primeiro lugar, e antes de tudo, a assinatura em branco, que eu lhe restituo. Creio que nenhuma dúvida pode nisso haver, e que lhe pertence... - Pertence, senhor, a quem a possui - respondeu Cauvignac

201

pois, como pode ver, não há nela outro nome senão o do duque d'Épernon.

- Quando pergunto se lhe pertence, o que pretendo saber é se a possui com o consentimento do duque d'Épernon.

- Recebi-a da sua própria mão, senhor.

- Portanto, não é subtraída, nem extorquida por violência... Não digo por si, mas por alguma outra pessoa de quem a tenha recebido; talvez que tenha chegado à sua mão por via de uma terceira pessoa...

- Foi-me dada, como lhe digo, pelo duque, muito voluntariamente, e a título de troca com um papel que lhe entreguei.

- Contraiu junto do duque d'Épernon a obrigação de fazer, com esta assinatura em branco, alguma coisa de preferência a outra?

- Não; nenhuma obrigação contrai.

- A pessoa que a possuir poderá, portanto, fazer uso dela com toda a segurança?

- De facto, assim pode fazer.

- Em tal caso, por que razão não faz o senhor uso dela?

- Porque, guardando eu esta assinatura em branco, só poderei beneficiar de uma coisa, ao passo que, se lha cedo, posso ganhar duas.
- E que duas coisas são essas?
- Dinheiro, em primeiro lugar.
- É coisa que não temos.
- Eu serei razoável.
- E a segunda?
- Um posto no exército dos príncipes.
- Os príncipes não têm exército.
- Estão para tê-lo.
- Não prefere uma patente para levar alguma companhia?...
- Ia mesmo propor-lhe esse ajuste.
- O dinheiro é só o que viria a faltar?...
- Sim, só o dinheiro.
- Que soma desejaria?

202

- Dez mil libras. Disse-lhe que seria razoável.
- Dez mil libras?
- Sim; são-me indispensáveis alguns avanços para armar e prover do necessário os meus homens.
- Com efeito, não é demasiado.
- Consente então nisso?
- É negócio concluído.

Lenet tirou da algibeira uma patente já assinada, preencheu-a com os nomes que lhe indicou o mancebo, apôs-lhe o selo da princesa, e entregou-lha; depois, abrindo uma espécie de cofre de segredo, onde estava encerrado o tesouro do exército rebelde, retirou dez mil libras em ouro, que alinhou em montinhos de vinte luíses cada um.

Cauvignac contou-os escrupulosamente, uns após os outros, e, quando chegou ao último, fez sinal a Lenet de que a assinatura em branco era sua.

Lenet pegou nela e fechou-a no cofre de segredo, entendendo sem dúvida que um papel tão precioso devia ser arrecadado com toda a cautela.

No momento em que Lenet tornava a meter na algibeira a chave do cofre, veio um criado a toda a pressa dizer-lhe que o chamavam para assunto de extrema importância.

Em consequência disto, saíram ambos do gabinete, Lenet para seguir o criado, e Cauvignac a fim de voltar à sala do banquete.

Entretanto, a princesa fazia todos os preparativos de partida, que consistiam em trocar o vestido de cerimónia por um de amazona, próprio portanto para andar de sege como para montar a cavalo, examinar os seus papéis, a fim de queimar os inúteis e levar consigo os de importância, reunir, enfim, os seus diamantes, que mandara desengastar, para que ocupassem menos espaço, e mais facilmente pudesse, em caso de urgência, utilizar-se deles.

Quanto ao duque de Enghien, devia partir no traje com que fora à caça, visto que ainda não houvera tempo de fazer outra

203

vestimenta. O escudeiro Vialas devia conservar-se constantemente à portinhola da carruagem, montado no seu cavalo branco, que era bom corredor, a fim de receber o duque na sua selazinha e levá-lo a galope, se assim fosse preciso. Ao princípio, tinham receado que adormecesse, e haviam mandado chamar Pedrito para o divertir, brincando com ele; mas

esta precaução tornou-se inútil. O orgulho de se ver com trajes de homem conservava-o acordado.

As carruagens, aprontadas às escondidas, porque era preciso conduzir para Paris a viscondessa de Cambes, haviam sido levadas a uma sombria rua de castanheiros, onde era impossível que as vissem, e ali se conservavam, de portinholas abertas e cocheiros nos assentos, a uns vinte passos somente da cancela principal. Já só se esperava pelo sinal que deviam dar as cornetas. A princesa, com os olhos cravados no relógio de pêndulo, cujo ponteiro designava dez horas menos cinco minutos, levantava-se já e adiantava-se para o duque de Enghien, para o conduzir pela mão, quando de súbito se abriu a porta, e Lenet mais se precipitou do que entrou no quarto.

A princesa, vendo o seu rosto pálido e o seu olhar turbado, empalideceu e perturbou-se por seu turno.

- Oh! meu Deus! - disse, encaminhando-se para ele- que é que tem? que temos de novo?

- O que há - disse Lenet, com a voz sufocada pela comoção - é ter chegado um gentil-homem neste momento, que pretende falar-lhe, da parte do rei.

- Oh! meu Deus -exclamou a princesa- estamos perdidos! Meu caro Lenet, que faremos?

- Uma única coisa.

- Qual?

- Mandar despir o duque de Enghien sem a mínima demora, e ataviar Pedrito com as suas roupas.

- Mas eu não quero que me tirem os meus vestidos para os darem a Pedro! - exclamou o jovem príncipe, prestes a debulhar-se

204

em lágrimas com esta única ideia, enquanto Pedrito, não cabendo em si de contentamento, receava não ter ouvido bem.

- Assim é preciso, senhor - disse Lenet, com aquele acento poderoso de que nas ocasiões graves fazemos uso, e que até é capaz de impressionar num menino- se não quer que o senhor e sua mãe sejam encarcerados na mesma prisão aonde jaz seu pai.

O duque de Enghien calou-se, enquanto Pedrito, incapaz de dominar os seus sentimentos, se entregava a uma visível explosão de alegria e orgulho. Depois, foram ambos levados para uma sala térrea, próxima à capela, onde se operaria a metamorfose.

- Quer a nossa fortuna - disse Lenet - que a princesa viúva se encontre aqui, pois se assim não fosse seríamos derrotados por Mazarino.

- Por que razão?

- Porque o mensageiro teve de principiar a sua visita pela princesa viúva, e neste momento está na sua antecâmara.

- Mas este mensageiro do rei não passa sem dúvida de um olheiro, um espião que a corte nos envia...

- Vossa Alteza não se engana no que diz.

- Não-de ter-lhe dado ordem de nos guardar à vista...

- Sim. Mas que lhe importa isso, se não é a si a quem ele guarda?...

- Não o compreendo, Lenet. Lenet sorriu.

- Eu, senhora, compreendo-me a mim mesmo, e por tudo respondo. Mandeí vestir Pedrito como príncipe, e o príncipe como jardineiro, e fica a meu cuidado dizer a Pedrito o que deve fazer.

- Oh! meu Deus! Deixar partir o meu filho só!...

- Seu filho, senhora, partirá com a mãe.

- Isso é impossível.

- Porquê? Se encontrámos um falso duque de Enghien, porque se não achará

uma falsa princesa de Conde?...

205

- Oh! agora compreendo-vos muito bem, meu querido Lenet! Mas quem fará as minhas vezes, quem me representará? - ajuntou a princesa, com uma certa inquietação.

- Não lhe dê isso cuidado, senhora - respondeu o imperturbável conselheiro. - A princesa de Conde, de quem quero servir-me, e que tenho destinada para ser guardada à vista pelo espião de Mazarino, acaba de se despir à pressa, e neste momento mete-se na cama de Vossa Alteza.

Eis agora como se passou a cena de que Lenet acabava de dar conta à princesa.

Enquanto os gentis-homens iam continuando, na sala do banquete, a beber, fazendo brindes aos príncipes e amaldiçoando Mazarino; enquanto Lenet ajustava no seu gabinete com Cauvignac a troca da assinatura em branco; enquanto, finalmente, a princesa fazia os seus últimos preparativos de partida, um cavaleiro apresentara-se à cancela principal do castelo, seguido do seu lacaios, e tocara a sineta.

O porteiro abriu a porta, mas, por detrás dele, o recém-chegado vira o homem da alabarda de que já temos falado.

- De onde vem? - perguntou este.

- De Nantes - respondeu o cavaleiro. Até aqui tudo ia bem.

- Para onde vai? - continuou o alabardeiro.

- Para casa da princesa viúva de Conde, em primeiro lugar; para casa da princesa, e, por fim, para casa do duque de Enghien.

- Aqui não se entra! - disse o alabardeiro, atravessando a alabarda.

- Venho por ordem do rei! - respondeu o cavaleiro, tirando um papel da sua algibeira.

Ao soarem estas temíveis palavras, a alabarda baixara-se, a sentinela chamara, um oficial da casa acudira, e o mensageiro de Sua Majestade, tendo entregue a carta de recomendação, fora no mesmo instante introduzido nos quartos.

206

Por felicidade, Chantilly era muito grande, e os quartos da duquesa viúva estavam longe da galeria onde tinham lugar as últimas cenas do estrondoso banquete cuja primeira parte esboçamos.

Se o mensageiro tivesse dito que queria ver em primeiro lugar a princesa e seu filho, tudo se perderia irremediavelmente. A etiqueta, porém, determinava que desde logo cumprimentasse a princesa viúva. O camareiro fê-lo entrar num grande gabinete contíguo ao quarto de dormir de Sua Alteza.

- Rogo-lhe que espere um momento, senhor - disse-lhe ele. - Sua Alteza sentiu-se de súbito incomodada anteontem, e acaba de ser sangrada, ainda não há duas horas, pela terceira vez. Vou anunciar-lhe a sua chegada, e, dentro de um minuto, terei a honra de introduzi-lo.

O gentil-homem fez um aceno com a cabeça, como quem assentia ao que se lhe propunha, e ficou só, sem reparar que pelos buracos das fechaduras três cabeças curiosas o estavam espreitando, e faziam diligências para reconhecê-lo.

O primeiro era Pedro Lenet; depois Vialas, o escudeiro do príncipe; e o terceiro La Rossière, capitão das caçadas. Se algum deles tivesse reconhecido o gentil-homem, entraria logo, e sob o pretexto de lhe fazer companhia, trataria de diverti-lo, e ganhar tempo. Nenhum deles, porém,

pudera reconhecer aquele que tanto interesse tinham em chamar ao seu partido. Era um formoso mancebo com a farda de infantaria; olhava com uma indiferença - que facilmente se tomaria como desagrado pela comissão de que vinha encarregado- para os retratos de família, e para os móveis do gabinete, cravando os olhos com afinco no retrato da princesa viúva, a cuja presença ia ser introduzido, e que fora tirado no mais belo momento da sua mocidade.

Fiel, contudo, à promessa feita, passados apenas alguns minutos o camareiro veio ter com o cavaleiro para conduzi-lo à presença da princesa viúva. Carlota de Montmorency havia-se sentado na cama; o seu médico

207

Bourdelot acabava de se apartar da cabeceira, e, encontrando o oficial no limiar da porta, fez-lhe uma cortesia muito cerimoniosa, a que o oficial correspondeu do mesmo modo.

Quando a princesa ouviu os passos do visitante, e as palavras que dizia ao médico, fez um sinal rápido para os lados da parede, e então a tapeçaria de pesadas franjas que envolvia o leito, à excepção do lado que a princesa viúva queria deixar aberto para receber a visita, agitou-se imperceptivelmente durante dois ou três segundos.

Entre a parede e a cama da princesa viúva, estava a jovem princesa de Conde, que entrara por uma porta secreta que havia no entabamento do quarto de Lenet, o qual estava impaciente por saber, logo no princípio da conversa, o que podia dar lugar a que viesse um mensageiro do rei procurar as princesas de Chantilly. O oficial deu três passos no quarto e inclinou-se, com um respeito que bem se via não ser somente ditado pela etiqueta.

A princesa viúva fitara nele os seus grandes olhos pretos, com o ar soberbo de uma rainha que está a ponto de se encolerizar; o seu silêncio ameaçava tempestades. A alva mão, que mais alva se tornara com a tripla sangria, fez sinal ao mensageiro para que entregasse o despacho de que era portador.

O capitão estendeu a mão para a princesa, e nela depositou respeitosamente a carta de Ana de Áustria. Depois, esperou que a princesa viúva tivesse lido as quatro linhas que nela se continham.

- Muito bem! - disse entre dentes a princesa, dobrando o papel com enorme sangue-frio, para não parecer afectada. - Compreendo qual é a intenção da rainha, apesar de envolvida em palavras polidas: o senhor é o meu carcereiro.

- Senhora!... - disse o oficial, perturbado.

- Presa fácil de guardar, senhor - replicou a princesa - visto que não estou em estado de fugir para muito longe; e tenho, como viu quando aqui entrou, um guarda severo, que é o meu médico, o senhor Bourdelot.

208

Dizendo estas palavras, a princesa viúva cravou mais fixamente os olhos no mensageiro, cuja fisionomia lhe pareceu agradável, e, portanto, entendeu que lhe cumpria mitigar um pouco o amargo acolhimento feito ao portador de uma tal ordem.

- Eu bem sabia -continuou ela- que Mazarino era capaz de muitas violências indignas; mas não julgava que fosse tão medroso para reear uma mulher velha e doente, uma pobre viúva, e um menino, pois presumo que a ordem de que é portador também diz respeito a minha filha e ao duque meu neto...

- Senhora - disse o mancebo - ficaria desesperado se vossa alteza me

julgasse pela comissão que me vejo obrigado a desempenhar. Cheguei a Nantes sendo portador de uma mensagem para a rainha. O pós-escrito da mensagem recomendava o mensageiro a sua majestade; a rainha teve então a bondade de me dizer que ficasse junto dela, visto que, segundo toda a probabilidade, teria necessidade dos meus serviços. Passados dois dias, a rainha mandou-me aqui; mas, aceitando, como era dever meu, a comissão, qualquer que ela fosse, de que sua majestade se dignava encarregar-me, atrever-me-ei a dizer que não a solicitei, e que até a teria recusado, se os reis fossem pessoas capazes de sofrer uma recusa. Proferindo estas palavras, o oficial inclinou-se segunda vez, tão respeitosa e como o fizera da primeira.

- Retiro bons indícios dessa explicação, e lisonjeio-me agora por poder ficar doente em repouso. Porém, nada, nada de falsa vergonha, senhor! Diga-me sem mais demora a verdade. Serei vigiada no meu quarto, como o fazem ao meu pobre filho em Vincenas? Terei o direito de escrever? E serão abertas ou não as minhas cartas? Se, contra toda a probabilidade, esta doença permitir que me levante, limitar-se-me-ão os meus passeios?...

- Senhora - respondeu o oficial - são estas as instruções que a própria rainha em pessoa se dignou dar-me: - Garanta a minha prima de Conde - disse-me sua majestade - que eu farei em favor

209

dos príncipes tudo quanto a segurança do Estado me permitir que faça. Rogo-lhe, por esta carta, que receba um dos meus oficiais, que possa servir de intermediário entre ela e mim, para as mensagens que tenha de enviar-me. Este oficial -ajuntou a rainha- será o senhor. Eis, senhor - continuou o mancebo, sempre com as mesmas demonstrações respeitosa- quais foram as próprias palavras de sua majestade.

A princesa ouvira esta narração com o solícito cuidado que se emprega para surpreender uma nota diplomática nos sentidos que muitas vezes resultam de uma palavra colocada nesta ou naquela posição, ou de uma vírgula posta neste ou naquele lugar. Depois, passado um momento de reflexão, vendo sem dúvida na mensagem tudo quanto nela desde logo receara encontrar - isto é: uma espionagem à queima-roupa - a princesa mordeu os lábios, e disse:

- Alojarse-á em Chantilly, senhor, conforme os desejos da rainha. Além disso, dirá qual é o quarto que mais lhe agrada, e mais cómodo lhe pareça para desempenhar o seu encargo - e esse quarto será o seu.

- Senhora - respondeu o gentil-homem, franzindo um tanto as sobrancelhas- tive a honra de expor a vossa alteza alguns pormenores, o que não foi mencionado nas instruções que me deram. Entre a cólera de vossa alteza e a vontade da rainha, estou perigosamente colocado, eu, que sou um pobre oficial e sobretudo um mau cortesão; parece-me, contudo, que vossa alteza poderia dar provas de generosidade, abstendo-se de mortificar um homem que não é mais do que um instrumento passivo. Para mim, senhora, é muito penoso ter de fazer o que faço. Todavia, uma vez que a rainha assim o ordenou, é meu dever obedecer religiosamente às suas ordens. Eu não teria pedido um tal emprego, e dar-me-ia por muito feliz se o tivessem dado a outrem; entendo que já disse o bastante...

E o oficial ergueu a cabeça com um vermelhão nas faces que fez subir ao rosto altivo da princesa uma igual cor.

210

- Senhor - replicou ela - seja qual for a graduação em que estejamos

colocados, como bem o disse, devemos obediência a sua majestade. Eu seguirei o exemplo que me dá, e obedecerei como o senhor. No entanto, deve compreender quanto é cruel não poder uma pessoa receber em sua casa um digno gentil-homem como o senhor, e não ter a faculdade de fazer à sua vontade as honras da casa. A partir deste momento, é aqui o senhor. Dê as suas ordens.

O oficial saudou profundamente a princesa e replicou: - Senhora, não permita Deus que me esqueça da distância que me separa de vossa alteza, e do respeito que devo à sua casa. Vossa alteza continuará a dar as suas ordens como dantes, e eu serei o primeiro dos seus servidores.

E, proferindo estas palavras, o gentil-homem retirou-se, sem acanhamento, sem servilismo, sem altivez, deixando a princesa viúva agitada de uma cólera mais intensa, precisamente por não poder queixar-se de um mensageiro tão discreto e tão respeitoso. Este foi o motivo por que, durante aquela tarde, só de Mazarino se falou na conversa que se travou entre as pessoas que se encontravam entre cama e parede, conversa que teria fulminado o ministro, se as maldições tivessem a faculdade de matar como os projecteis.

O gentil-homem encontrou, na antecâmara, o laçao que o havia introduzido.

- Agora, senhor - disse este, aproximando-se do mensageiro - a princesa de Conde, a quem pediu audiência da parte da rainha, consente em recebê-lo; tenha a bondade de seguir-me.

O oficial compreendeu este subterfúgio, que punha a salvo o orgulho das princesas, e mostrou-se tão agradecido ao favor que lhe fazia, como se este favor não fosse imposto por ordem superior. Atravessando os quartos, guiado pelo criado, chegou à porta da câmara da princesa.

Ali chegados, o criado voltou-se.

211

- A princesa - disse ela - meteu-se na cama, ao voltar da caça, e como está fatigada, recebê-lo-á deitada como está. Quem direi a sua alteza que a procura?

- Diga-lhe que é o barão de Canolles, da parte de sua majestade a rainha-regente - respondeu o mancebo.

Ao proferir este nome, que a suposta princesa ouviu da cama, fez esta um movimento de sobressalto, que, se fosse visto, teria excessivamente comprometido a sua identidade. Baixando precipitadamente com a mão direita a touca sobre os olhos, enquanto com a esquerda aproximava do queixo a cortina do seu leito, ordenou, com voz alterada:

- Mandê entrar. O oficial entrou.

XVI

SENHORA DE CONDE

CANOLLES foi introduzido num vasto quarto guarnecido por uma tapeçaria sombria, e alumado apenas por uma lamparina colocada em cima de um bufete entre as duas janelas; com o socorro da pouca luz que derramava, contudo, pôde distinguir por cima da lamparina um grande retrato representando uma mulher pintada, em pé, e dando a mão a um menino.

Nas cornijas dos quatro ângulos, cintilavam as três flores-de-lis de ouro, a que bastava tirar a banda para se fazer delas as três flores-de-lis de França. Enfim, no fundo de uma grande alcova, onde apenas penetrava a fraca e trémula luz, distinguia-se, debaixo das pesadas cortinas de um leito, a mulher em quem o nome do barão de Canolles produzia tão singular efeito.

O gentil-homem tornou a começar as formalidades do uso - isto é: deu os três passos de rigor, aproximando-se, saudou, e deu ainda outros três passos. Depois do que duas camareiras, que sem dúvida tinham ajudado a princesa a meter-se na cama, se retiraram, o camareiro tornou a fechar a porta, e Canolles ficou só com a princesa.

Não era a Canolles que pertencia encetar o diálogo; esperou, portanto, que lhe falassem. Como, porém, a princesa parecesse

215

por seu turno querer guardar um obstinado silêncio, o jovem oficial entendeu que seria melhor pôr de parte as formalidades e não se conservar mais tempo numa posição tão incômoda; não deixava, contudo, de reconhecer que a tempestade que se continha neste desdenhoso silêncio rebentaria às primeiras palavras que o rompessem, e que tinha de expor-se a uma segunda cólera da parte daquela princesa, ainda mais temível do que a primeira, pois era moça e mais interessante.

Mas o próprio excesso da afronta que se lhe fazia deu alentos ao jovem gentil-homem, e, inclinando-se pela terceira vez, segundo a circunstância - isto é, com uma saudação compassada e pouco profunda, presságio de mau humor que queimava o seu cérebro de gascão, adiantou:

- Senhora, eu tive a honra de pedir, da parte de sua majestade a rainha-regente, uma audiência a vossa alteza, favor que se dignou conceder-me. Agora quererá vossa alteza levar ao cúmulo as suas bondades, dando-me a conhecer, por uma palavra, por um aceno, que se dignou fazer reparo em mim e que está pronta a ouvir-me?

Um movimento nas cortinas, e debaixo das cobertas, advertiu Canolles de que iam responder-lhe.

Com efeito, escutou-se uma voz que se deixou ouvir quase sufocada, tamanha era a sua comoção.

- Fale, senhor - disse esta voz - eu presto-lhe atenção. Canolles tomou o tom oratório e principiou:

- Sua majestade a rainha - disse ele - envia-me para junto de si, senhora, a fim de assegurar a vossa alteza o desejo que tem de continuar convosco as suas boas relações de amizade.

Um movimento visível teve lugar entre a parede e o leito, e a princesa, interrompendo o orador, afirmou, com voz comovida e palavras cortadas:

- Senhor, não me fale já da amizade que reina entre sua majestade a rainha e a casa de Conde; existem provas em contrário nas masmorras da torre de Vincenas.

216

"Pelo que vejo - disse Canolles consigo - parece que se combinaram, e que me repetirão todos a mesma coisa."

Neste lapso de tempo, um novo movimento, em que o mensageiro não reparou graças ao embaraço em que o punha a sua situação, registava-se entre o leito e a parede. A princesa continuou:

- Explique-se, senhor; que quer?

- Eu, quanto a mim, nada quero, senhora - disse Canolles endireitando-se.

- Sua majestade a rainha é quem me ordena que entre neste castelo, que faça, por indigno que eu seja desta honra,

[companhia a vossa alteza, e que contribua quanto me seja possível para o estabelecimento da boa harmonia entre os príncipes de sangue real, desunidos sem motivo num tempo tão doloroso.

- Sem motivo?! - exclamou a princesa. - Entende que o [nosso rompimento seja sem motivo?...

- Perdoe-me, senhora - replicou Canolles. - Eu nada pretendo; não sou juiz, nem sou mais do que intérprete.
- E enquanto essa boa harmonia se não se restabeleça, a rainha manda-me espiar, sob o pretexto...
- Quer dizer - disse Canolles, exasperado - sou um espião! Eis em mim a palavra que proferiu! Agradeço a vossa alteza a sua franqueza.

E com o desespero que principiava a apoderar-se dele, Canolles fez um daqueles belos movimentos que os pintores buscam com tanta avidez para os seus retratos inanimados, e os actores para os seus retratos vivos.

- Portanto, está decidido: sou um espião - continuou Canolles. - Ora, pois, senhora, trate-me como são tratados tais miseráveis: esqueça-se de que sou o enviado de uma rainha, de que esta rainha responde por todas as minhas acções, de que não sou mais que um átomo obediente ao seu sopro. Mande expulsar-me pelos seus lacaios, mande matar-me pelos seus gentis-homens, ponha diante de mim homens a quem eu possa responder com o bastão ou com a espada! Mas digne-se não insultar tão cruelmente

217

um oficial que desempenha ao mesmo tempo o seu dever de soldado e de vassalo, senhora, que está colocada em tão alta graduação pelo nascimento, pelo merecimento e pela desgraça!

Estas palavras, escapadas do coração, dolorosas como um gemido, estridentes como uma repreensão, deviam produzir -e produziram - o seu efeito. Ouvindo-as, a princesa levantou-se um pouco, apoiada no cotovelo, com os olhos cintilantes, mão trémula, e fazendo um gesto angustioso ao mensageiro:

- Não permita Deus - disse ela- que seja intenção minha insultar um tão bravo gentil-homem como o senhor. Não, senhor de Canolles, não. Não desconfio da sua lealdade; dê por não ditas as palavras que proferi. São ofensivas, reconheço-o, e eu não queria ofendê-lo. Não, não, o senhor é um nobre cavaleiro, senhor barão, eu faço-lhe justiça plena e completa.

E como, para pronunciar estas palavras, arrastada sem dúvida por um instinto generoso que lhas arrancava do coração, a princesa se adiantara, involuntariamente, para além da sombra formada pelas densas cortinas; como fora possível ver-se a sua fronte branca sob a sua touca, os seus louros cabelos divididos em tranças, os lábios muito vermelhos, os olhos húmidos e meigos - Canolles estremeceu, porque acabava de lhe passar por diante dos olhos uma espécie de visão, e porque julgou respirar de novo um perfume cuja simples lembrança o embriagava. Pareceu-lhe que uma daquelas portas de ouro pelas quais passam os belos sonhos se abria, para dar passagem a um enxame de risonhos pensamentos e a todas as alegrias do amor, que dele fugira, e que de novo o vinha procurar. Os seus olhos fixaram-se mais segura e claramente no leito da princesa, e, no curto espaço de um segundo, durante o rápido clarão de um relâmpago que alumiaava todo o passado, reconheceu na princesa que via deitada diante de si o visconde de Cambes.

Havia alguns momentos que a agitação de Canolles era tal, que a falsa princesa a atribuiu àquela penosa repreensão que tanto a fizera sofrer. E como o movimento que tinha feito não durara.

218

como deixámos dito, mais do que um instante; como tivera o cuidado de buscar, no mesmo momento, a sombra das cortinas, encobrendo de novo os olhos, ocultando sem a mínima demora a mão, tão branca e delicada que a

teria podido dar a conhecer - tentou, não sem abalo, mas pelo menos sem inquietação, continuar a conversa no ponto em que a deixara.

- Dizia, pois, senhor?... - disse a jovem senhora. Canolles, porém, estava deslumbrado, fascinado; as visões passavam e repassavam por diante dos seus olhos, as ideias redemoínham-lhe na cabeça; perdia a memória, não sabia o que dizia; estava a ponto de faltar ao respeito e de interrogar. Um único instinto, aquele talvez que Deus pôs no coração das pessoas que amam, e a que as mulheres dão o nome de timidez - e afinal não é mais do que avareza - aconselhou Canolles a que ainda dissimulasse, que esperasse, que não perdesse o seu sonho, que não compromettesse, por uma palavra imprudente, e proferida com demasiada precipitação, a ventura de toda a sua vida.

Não juntou um único gesto, nem uma palavra mais, ao que [desejara dizer ou fazer. O que seria dele, oh, grande Deus! se esta magnânima princesa o reconhecesse repentinamente; se para ele olhasse com horror, no seu castelo de Chantilly, como desconfiara [na estalagem de Biscarros; se renovasse a acusação já esquecida, e acreditasse que, graças a um título oficial, graças a um título real, [quereria continuar solicitações desculpáveis talvez para o visconde ou viscondessa de Cambes, mas insolentes e quase criminosos, \ quando se tratava de uma princesa de sangue?

(• "Mas - disse consigo subitamente- será possível que uma princesa deste nome e desta graduação tenha andado a viajar só, sem mais companhia do que a de um criado!?..."

E como sempre acontece em semelhantes ocasiões, em que o espírito vacilante e turbado busca alguma coisa que lhe sirva de apoio, Canolles, atônito, olhou em volta, e os seus olhos fixaram-se no retrato daquela mulher segurando o filho pela mão.

219

Quando tal viu, uma iluminação súbita lhe passou pelo espírito, e, mau grado seu, deu um passo para se aproximar do retrato.

A falsa princesa não pôde, por sua vez, deixar de dar um ligeiro grito, e quando, ao ouvir este grito, Canolles se voltou, viu que o seu rosto já velado, estava agora absolutamente mascarado.

"Oh! oh! -perguntou Canolles a si mesmo- que quer isto dizer!? Ou foi a princesa que encontrei na estrada de Bordéus, ou sou alvo de algum logro, e não é ela quem está na cama... Em todo o caso, cumpre-me deslindar este negócio."

- Senhora - disse ele de súbito - agora sei o que devo pensar do seu silêncio, e reconheci...

- Que é que reconheceu? - exclamou com vivacidade a senhora do leito.

- Reconheci - replicou Canolles - que tive a desgraça de lhe inspirar a mesma opinião que já tinha inspirado à senhora princesa viúva.

- Ah! - não pôde de deixar de dizer a voz da suposta princesa, dando um suspiro de alívio.

A frase de Canolles talvez não fosse muito lógica, e até não viesse muito a propósito; mas o golpe estava dado. Canolles observara o movimento de angústia que o interrompera, e o movimento de júbilo com que foram recebidas as suas últimas palavras.

- O que não posso - continuou o oficial - deixar de dizer a vossa alteza, apesar do desgosto que isto lhe possa dar, é que tenho de ficar no castelo, e de acompanhar vossa alteza a toda a parte para onde queira ir.

- Deste modo -exclamou a princesa- nem no meu quarto poderei estar só?... Oh! senhor, isso é mais do que indignidade!...

- Eu disse a vossa alteza quais eram as minhas instruções; fique, porém,

vossa alteza sossegada - juntou Canolles cravando um olhar penetrante na senhora da cama, e carregando em cada palavra - pois deve saber melhor do que ninguém que eu sei obedecer à súplica de uma mulher...

220

- Eu? - exclamou a princesa, com um acento em que havia mais turbacão do que espanto. - Na realidade, senhor, que não sei o que quer dizer; ignoro a que circunstâncias faz alusão.

- Senhora - continuou o oficial, inclinando-se - eu julgava que o criado da câmara que me introduzira tinha dito o meu nome a vossa alteza... Eu sou o barão de Canolles.

- Ora pois! - disse a princesa, com voz firme - que me importa isso, senhor?

- Eu acreditava que, havendo já tido a ventura de ser agradável a vossa alteza...

- A mim?! E como assim!? Rogo-lhe que me diga - replicou a voz, com uma alteracão que recordava a Canolles certa entocção muito irritada, mas muito receosa ao mesmo tempo, que se lhe não apagara da lembrança.

Canolles pensou que se havia adiantado bastante; além disso, quase que estava inteirado do que pretendia averiguar.

- Não executando estritamente as instruções que me deram - replicou ele, com ares do mais profundo respeito.

A princesa pareceu sossegada.

- Senhor - disse ela - eu não quero que incorra em falta; execute as suas instruções à risca, sejam elas quais forem.

- Senhora - replicou Canolles - por felicidade minha, ignoro como se persegue uma mulher; e, com maior razão ainda, como se ofende uma princesa. Tenho, pois, a honra de repetir a vossa alteza o que disse à senhora princesa viúva: que sou um seu muito humilde servidor... Digne-se dar-me a sua palavra de que não sairá do castelo sem que eu a acompanhe, e ficará livre da minha presença, que, muito bem compreendo, deve ser odiosa a vossa alteza.

- Mas em tal caso, senhor - disse a princesa com vivacidade - não executará as ordens que recebeu...

- Farei exactamente o que a minha consciência me disser que devo fazer.

221

- Senhor de Canolles - disse a voz - juro-lhe que não sairei de Chantilly sem que lho participe.

- Em tal caso, senhora - volveu Canolles - perdoe-me por haver sido a causa involuntária da sua cólera momentânea. Vossa alteza só tornará a ver-me quando me mandar chamar.

- Os meus agradecimentos, barão - disse a voz, com uma expressão de alegria que pareceu ecoar entre a cama e a parede. - Vá, vá, agradeço-lhe. Amanhã terei o gosto de tornar a vê-lo.

Desta vez, o barão reconheceu, sem já poder enganar-se, a voz, os sorrisos indizivelmente voluptuosos do ente encantador que, por assim dizer, lhe escapara das mãos, aquela noite em que o cavaleiro desconhecido lhe viera entregar a ordem do duque d'Épernon. Eram aquelas subtilíssimas emanações que perfumam o ar respirado pela mulher amada, era aquele tépido vapor semelhante a um corpo cujos contornos uma alma apaixonada julga abraçar, esforço superior da imaginação, fada caprichosa que se alimenta com a idealidade, tal como a matéria com o positivo.

Uma vista de olhos que por fim lançou ao retrato - por muito mal alumiado que este estivesse - mostrou ao barão, cujos olhos, além disso, se iam

habitando àquela meia escuridão, o nariz aquilino dos Maillés, o cabelo negro e os olhos encovados da princesa, ao mesmo tempo que, diante dele, a mulher que acabava de representar o primeiro acto do papel tão difícil que tomara à sua conta, não tinha os olhos encovados, o nariz era direito, a boca um tanto aberta por hábito do sorriso, e aquelas faces arredondadas que afastam toda a ideia das laboriosas meditações. Canolles sabia tudo quanto queria saber; saudou-a, pois, com o mesmo respeito devido na presença da princesa, e recolheu ao seu quarto.

XVII

CANOLLES não havia tomado qualquer resolução definitiva; e por isso, entrando no quarto, pôs-se a andar de um lado para outro, ao acaso, como costumam fazer as pessoas indecisas, sem reparar que Castorin, à espera que ele voltasse, se levantara quando o viu, e o seguia segurando nas mãos um roupão todo desdobrado, o qual lhe encobria o corpo. Castorin esbarrou num traste, e Canolles voltou-se.

- Então - disse-lhe ele - que faz aí com esse roupão?
- Espero que o senhor dispa o fato.
- Não sei quando largarei o meu fato. Ponha esse roupão numa cadeira, e espere.
- Então o senhor não quer despir o fato? - perguntou Castorin, que, sendo um criado caprichoso por natureza, estava naquela noite mais rabugento do que o costume. - O senhor não faz conta de se deitar?
- Não.
- Então quando faz o senhor conta de se deitar?
- Que lhe importa isso?
- Importa-me muito, porque estou bastante cansado.
- Ah, sim?... - disse Canolles, parando e encarando Castorin - está muito cansado?...

O gentil-homem leu visivelmente no semblante do seu laçao

223

aquela expressão insolente dos criados desejosos de serem despedidos.

- Muito cansado! - disse Castorin. Canolles encolheu os ombros.
 - Saia daqui - disse-lhe ele - e deixe-se ficar na antecâmara; quando precisar de si, tocarei a campainha.
 - Previno o senhor de que se tardar muito tempo, não me encontrará já na antecâmara.
 - Faça o favor de me dizer onde o encontrarei...
 - Na minha cama: parece-me que depois de haver caminhado duzentas léguas, é muito razoável que me deite.
 - Senhor Castorin - disse Canolles - é um patife.
 - Se o senhor entende que um patife não é digno de ser seu laçao, basta que o senhor diga uma única palavra, e eu desembaraçá-lo-ei do meu serviço - respondeu Castorin, compondo um ar majestoso.
- Canolles não tinha nesse momento paciência, e se Castorin tivesse podido vislumbrar apenas a sombra da tempestade que ia engrossando no espírito do amo, decerto que, por muita pressa que tivesse de se ver em liberdade, teria esperado outro momento para lhe fazer a proposta que acabava de proferir. Por esta razão, o gentil-homem atirou-se ao laçao, e tomando um dos botões do seu sobretudo entre o polegar e o índice, movimento que depois se tornou familiar a um homem mais célebre do que jamais o foi Canolles, ordenou:
- Repita o que disse!
 - Repito - respondeu Castorin, com a mesma imprudência - que se o senhor

não está contente comigo, eu o livrarei dos meus serviços.

Canolles largou Castorin, e foi com toda a gravidade pegar no seu bastão, Castorin compreendeu qual era a intenção.

- Senhor - exclamou ele - tome cuidado com o que vai fazer... Eu não sou já um simples lacaios. Estou ao serviço da princesa.

224

- Ah! ah! - disse Canolles, baixando o bastão - ah! está ao serviço da princesa?...

- Sim, senhor, há um quarto de hora - disse Castorin, endireitando-se.

- E quem o ajustou nesse serviço?

- O senhor Pompeu, seu mordomo.

- O senhor Pompeu?!

- Sim, senhor.

- Então porque não havia de dizer isso logo!?... - exclamou Canolles. - Sim, sim, faz muito bem em deixar o meu serviço; e eis aqui vinte libras para indemnizá-lo das bastonadas que estive a ponto de lhe dar.

- Oh! - disse Castorin, sem se atrever a pegar no dinheiro - que quer isto dizer?... O senhor quer zombar de mim?...

- Longe de mim tal pensamento! Antes pelo contrário: levo muito a bem que sejas lacaios da princesa, meu amigo. Diz-me somente quando é que deve começar o teu serviço.

- No momento em que o senhor me tenha dado a liberdade.

- Pois bem! Eu dou-te a liberdade a contar de amanhã pela manhã.

- E daqui até amanhã pela manhã?

- Daqui até amanhã pela manhã, continuas a ser meu lacaios, e deves obedecer-me.

- De muito bom grado! Que ordena o senhor? - disse Castorin, resolvendo-se a pegar nas vinte libras.

- Ordeno, visto que tens vontade de dormir, que te dispas e te deites na minha cama.

- Como!?... Que quer dizer com isso, senhor?... Não posso compreendê-lo.

- Nenhuma necessidade tens de compreender, mas sim de obedecer, eis aí tudo. Despe-te, que eu vou ajudar-te.

- Como!? O senhor quer ajudar-me?!...

225

- Sem dúvida, pois já que vais fazer o papel de cavaleiro de Canolles, cumpre-me fazer o de Castorin.

E sem esperar pelo acordo do seu lacaios, o barão despiu-lhe o casaco, que logo vestiu, tirou-lhe o chapéu, que pôs na sua cabeça, e, dando duas voltas à chave, deixou-o fechado no quarto antes que tornasse a si do sobressalto, e desceu rapidamente a escada.

Canolles começara finalmente a compreender todo este mistério, se bem que uma parte dos acontecimentos ainda se encontrassem para ele envolvidos numa densa nuvem. Tudo quanto vira, tudo quanto ouvira, de duas horas a essa parte, não lhe parecia perfeitamente natural. A atitude de toda a gente em Chantilly era compassada; parecia-lhe que quantas pessoas encontrava representavam um papel, e os incidentes tinham por base uma harmonia geral que dava a conhecer ao vigia enviado pela rainha que se não quisesse cair em algum engano, deveria ser cada vez mais vigilante.

A união de Pompeu com o visconde de Cambes aclarava muitas dúvidas. Se algumas ainda restavam a Canolles, acabaram por se dissipar quando, assim que entrou no quarto, viu, apesar da profunda escuridão da noite, adiantarem-se quatro homens, e dis-porem-se a entrar pela mesma porta que

acabava de franquear; e estes quatro homens eram conduzidos pelo mesmo camareiro que o introduzira nos aposentos das princesas. Outro homem, embuçado num capote, ia atrás deles.

No limiar da porta, o pequeno grupo parou, esperando pelas ordens do homem encapotado.

- Sabe onde o alojaram - disse este, com voz imperiosa, dirigindo-se ao camareiro. - Conhece-o bem, visto que foi quem o introduziu. Vigie-o, pois, de maneira que não possa sair. Coloque os seus homens na escada, no corredor, onde quiser, isso pouco importa, contanto que ele, sem que disso tenha a mínima suspeita, esteja guardado, em vez de ser ele quem guarde a suas altezas.

Canolles ocultou-se cuidadosamente no ângulo em que a noite lançava a sua sombra mais densa; dali, sem que o enxergassem,

226

viu desaparecer debaixo da abóbada os cinco guardas que lhe eram destinados, enquanto o homem encapotado, depois de se ter certificado de que executavam as suas ordens, voltou pelo mesmo caminho por onde viera.

"Isto nada me diz; preciso de muito mais para me esclarecer - pensou Canolles, seguindo-o com os olhos- pois talvez que o despeito os obrigue a pagarem-me na mesma moeda. O pior de tudo é se aquele diabo do Castorin se põe a gritar, a chamar, e se faz alguma asneira!... Fiz mal em não lhe pôr uma mordacha. Agora, desgraçadamente, já é tarde. Vamos, iniciemos a nossa ronda."

No mesmo instante, Canolles, depois de lançar em torno um olhar investigador, atravessou o pátio, e chegou à ala do edifício por detrás da qual estavam situadas as estrebarias.

Toda a vida do castelo parecia ter-se refugiado nesta parte do edifício. Ouvia-se o estrépito dos cavalos e os passos apressados da gente. A casa dos arreios retumbava com o tinido dos freios e dos jaezes. Tiravam as carroças das cocheiras; e algumas vozes, sufocadas pelo susto, mas cujo sentido se podia colher aprestando o ouvido, chamavam-se mutuamente e respondiam-se.

Canolles ficou um momento à escuta. Não podia ter a mínima dúvida: tudo se aprontava para uma partida.

Atravessou todo o espaço compreendido entre uma e outra ala, meteu-se por baixo de uma abóbada, e chegou à fachada do castelo, onde parou.

Com efeito, as janelas térreas brilhavam com uma luz muito viva, e, portanto, era fácil adivinhar que grande quantidade de tochas estavam acesas no interior delas; e como essas tochas se moviam de um lado para o outro, derramando grandes sombras e largas listras luminosas pela relva do jardim, Canolles compreendeu que ali estava o centro da actividade, e ali era o foco da empresa.

Ao princípio, Canolles hesitou em surpreender o segredo que lhe queriam ocultar, mas em breve reflectiu que o seu título de enviado

227

da rainha, e a responsabilidade que lhe impunha esta comissão, o desculpavam, mesmo para com as consciências mais escrupulosas.

Adiantando-se, portanto, com precaução, e cosido à parede, cuja base era tanto mais escura quanto mais resplandecentes estavam as janelas à altura de seis ou sete pés do chão, subiu a um pilar, pousou os pés num ressalto da parede, agarrou-se com uma das mãos a uma argola, e com outra à borda da janela, e por um canto da vidraça lançou um olhar penetrante, e o mais atento que jamais tinha penetrado no recinto de uma conspiração.

Eis o que viu:

Junto de uma mulher em pé, e que pregava o último alfinete destinado a segurar na cabeça o seu chapéu de viagem, algumas criadas acabavam de vestir um menino em trajes de caça; o menino tinha as costas voltadas para Canolles, que apenas viu o seu cabelo louro. A senhora, porém, cujo rosto era alumiado pelo clarão de dois candelabros de seis braços que a ambos os lados do toucador dois criados em pé seguravam, semelhantes a cariátides, ofereceu aos olhos de Canolles o original exacto daquele retrato que há pouco vira na parede do quarto da princesa: era, na realidade, o rosto comprido, a boca severa, o nariz aquilino e imperioso de mulher cuja viva imagem Canolles agora reconhecia: o seu gesto atrevido, o seu olhar cintilante, os movimentos arrebatados da sua cabeça, tudo nela denunciava a soberania. Nos que a rodeavam, pelo contrário, as saudações, a precipitação em trazer-lhe o objecto pedido, a prontidão em responder à voz da sua soberana - tudo dava mostras de obediência.

Alguns oficiais da casa, entre os quais Canolles reconheceu o camareiro, metiam em malas, em baús e em caixotes, jóias, dinheiro, etc.; e outros guardavam o grande arsenal das mulheres, a que se dá o nome de toucador. O principezinho, durante este tempo, brincava e corria por entre os atarefados criados. Por uma fatal singularidade, porém, Canolles não pôde ver-lhe o rosto.

228

"Eu bem suspeitava - disse ele entre dentes. - Zombam comigo; esta gente faz preparativos de partida. Sim, mas eu, com um aceno, posso converter esta cena de logro em cena de luto, para isto não me é preciso mais do que subir ao terraço, tocar três vezes este apito de prata, e dentro de cinco minutos, ao áspero som que ele der, duzentos homens penetrarão neste castelo, prenderão as princesas, e darão garrote a todos estes oficiais que riem sorrateiramente. Pois é - continuou Canolles, e agora falava com o coração e não com os lábios - pois é, mas aquela que dorme lá em baixo, ou finge dormir, perdê-la-ia para sempre... olhar-me-ia com ódio, e desta vez com um ódio bem merecido. Mas ainda não é tudo: desprezar-me-ia, dizendo que levei até ao fim o meu ofício de espião, e, contudo, visto que ela obedece à princesa, por que razão não havia eu de obedecer à rainha?..."

Neste momento, como se o acaso tivesse querido combater este impulso de resolução, abriu-se uma porta do quarto de vestir da princesa, e duas pessoas, um homem de cinquenta anos e uma mulher de vinte, entraram muito alegres e apressados. Ao ver isto, o coração de Canolles parecia querer-lhe subir aos olhos. Acabava de reconhecer o belo cabelo, os lábios frescos, e os olhos inteligentes do visconde de Cambes, que, sorrindo ainda, foi beijar respeitosamente a mão de Clemência de Maillé, princesa de Conde. A única diferença consistia em que o visconde tinha o traje próprio do seu verdadeiro sexo, e era agora a mais encantadora viscondessa que se poderia imaginar.

Canolles teria dado dez anos de vida para ouvir a conversa; mas em vão aplicava o ouvido à vidraça: nada mais ouvia do que um sussurro ininteligível. Viu que a princesa fazia um gesto de despedida à jovem senhora, e a beijava na testa, recomendando-lhe alguma coisa que fazia rir todas as pessoas que a rodeavam, e que, depois, esta última voltava para os quartos de cerimónia com alguns oficiais subalternos, que vestiram uniformes de oficiais superiores; até viu que o digno Pompeu, que, inchado de orgulho, com uma

farda cor de laranja agaloada de prata, inclinando-se airoso com uma enorme farrusca à cinta, acompanhava sua ama, a qual levantava com suma graça o longo vestido de cetim; depois, à esquerda, por uma porta oposta, principiou a desfilar sem ruído a escolta da princesa, e esta também começou a sua marcha, não parecendo uma mulher fugitiva, mas sim uma rainha; após ela, seguiu o escudeiro Vialas, levando ao colo o pequeno duque de Enghien, envolvido num capote, Lenet, tendo nas mãos um cofre lavrado, e alguns maços de papéis, e, por fim, o capitão do castelo, fechando a marcha, que era aberta por dois oficiais com as espadas desembainhadas.

Toda esta gente saiu por um corredor secreto; Canolles saltou logo do seu observatório, e correu para a abóbada, cujas luzes se haviam, entretanto, apagado; viu então passar todo o acompanhamento encaminhando-se em silêncio para as estrebarias; iam pôr-se a caminho.

Neste momento, a ideia dos deveres que lhe eram impostos pela comissão de que a rainha o encarregava apresentou-se ao espírito de Canolles. Esta mulher que estava ao ponto de sair era a guerra civil armada, que ele deixava escapar, e que de novo ia dilacerar as entranhas da França. Nenhuma dúvida havia que para um homem não era vergonhoso ser o espião e o carcereiro de uma mulher, porque também era uma mulher aquela senhora de Longueville que largara fogo aos quatro cantos de Paris.

Canolles voou para o terraço que dominava o parque e chegou aos lábios o apito de prata.

Gorados ficavam todos estes preparativos. A senhora de Conde não teria saído de Chantilly, ou, se o fizesse, não teria caminhado cem passos, sem que ela e a sua escolta fossem envolvidas por uma força três vezes superior; deste modo, Canolles desempenhava a sua comissão sem correr o menor risco; deste modo, de um só golpe, destruía a fortuna e a sorte futura da casa de Conde; e com este mesmo golpe, sobre as ruínas desta casa, estabelecia a sua própria

fortuna, e fundava a sua sorte futura, como outrora o haviam feito os Vitrys e os Luynes, e, recentemente, os Guitauts e os Miossens. em circunstâncias talvez menos importantes para a salvação da realeza.

Canolles, porém, levantou os olhos para o quarto onde, debaixo de cortinas de veludo vermelho, brilhava, doce e melancólico, o clarão da lâmpada nocturna que estava acesa na câmara da falsa princesa, e julgou que via desenhar-se aquela sombra querida no forro branco do cortinado. Então todas as resoluções do raciocínio, todos os cálculos do

egoísmo, desapareceram ante este raio de agradável luz, como à primeira claridade do dia desaparecerem todos os sonhos e todos (os fantasmas da noite.

"Mazarino - disse ele com um impulso apaixonado - é suficientemente rico para perder todos estes príncipes e todas estas princesas que lhe escapam; mas eu não sou tão rico que possa perder o tesouro que desde já me pertence, e que guardarei, zeloso como um dragão. Agora ela está só, em meu poder, e dependendo de mim;

a todas as horas do dia e da noite posso entrar no seu quarto; não fugirá sem que mo diga, porque assim mo prometeu, dando-me a sua palavra sagrada. Que me importa a mim que a rainha seja enganada e que Mazarino se enfureça! Disseram-me que guardasse a princesa de Conde; eu guardo-a. Por que razão não me deram os seus sinais, ou encarregaram algum espião

mais hábil do que eu?..."

E Canolles tornou a meter o apito na algibeira. Ouviu ranger os gonzos, rodar as carruagens ao longe, na ponte do parque, e ir diminuindo o estrépito da cavalcada; depois, quando tudo tinha desaparecido, visão e rumores, sem se lembrar de que acabava de pôr em jogo a sua vida contra o amor de uma mulher, isto é, contra a sombra da ventura, introduziu-se no pátio deserto e subiu com cautela a escada, onde reinava, como na abóbada, a mais profunda escuridão.

231

Apesar, porém, de todas as suas precauções, Canolles não pôde evitar, ao chegar ao corredor, o encontro com alguém em quem esbarrou, e que parecia estar a escutar à porta - e que deu um grito de terror.

- Quem! ? Quem é! ? - perguntou a personagem, com voz assustada.

- E o senhor quem é - disse Canolles - que se introduz como um espião nesta escada?...

- Eu sou Pompeu.

- O mordomo da princesa?

- Sim! Sim! O mordomo da princesa.

- Ah! que feliz casualidade! - disse o gentil-homem; - eu sou Castorin.

- Castorin, o criado do barão de Canolles?...

- Ele mesmo em pessoa.

- Ah! meu caro Castorin - disse Pompeu- aposto que lhe meti grande susto...

- A mim?

- Sim; e não é de admirar, visto que nunca foi soldado! Posso ser-lhe útil em alguma coisa, meu querido amigo? - continuou Pompeu, tomando um certo ar de importância.

- Sim.

- Fale então.

- Pode ir anunciar agora mesmo à princesa que meu amo lhe deseja falar?

- A esta hora?

- Assim é preciso.

- É coisa impossível!

- Assim o julga?

- Estou certo disso.

- Então não quererá receber meu amo?...

- Não, decerto...

- Da parte do rei, Pompeu; vá dizer-lhe isto.

232

- Da parte do rei! - exclamou Pompeu. - Eu lá vou, eu lá vou.

E Pompeu desceu impetuosamente a escada, estimulado ao mesmo tempo pelo respeito e pelo medo - dois galgos que são capazes de fazer correr uma tartaruga.

Canolles foi continuando o seu caminho, e recolheu-se ao quarto, onde foi dar com Castorin, que ressonava estendido magistralmente numa grande poltrona. Tornou a vestir o seu uniforme de oficial, e aguardou o resultado do passo que ele próprio acabava de dar.

"Pela minha fé! - disse consigo- se não dou boa conta dos negócios de Mazarino, dos meus parece-me que não dou má."

Canolles esperou debalde a volta de Pompeu; mas, passados dez minutos, vendo que não chegava, nem pessoa alguma em lugar dele, tomou a resolução de se ir apresentar só.

Acordou portanto Castorin, cuja bÍlis uma hora de sono havia serenado,

ordenou-lhe que estivesse pronto, sucedesse o que sucedesse, em tom que não admitia réplica, e encaminhou-se para os aposentos da princesa.

: O barão encontrou à porta um criado de muito mau humor, porque acabava de ouvir tocar a campainha no momento em que terminava o seu serviço, em que julgava por fim, como Castorin, que ia principiar um sono restaurador de um dia de tamanha fadiga.

- Que quer, senhor? - perguntou o criado ao ver aproximar-se Canolles.
- Quero fazer os meus cumprimentos à princesa de Conde.
- A esta hora, senhor?!
- Então que horas são?
- A mim parece-me que é muito tarde.
- Que diz, insolente?
- Contudo, senhor... - disse entre dentes o lacaio.
- Eu não peço, eu quero! - bradou Canolles, em tom de suprema altivez.

233

- O senhor quer... Aqui só a princesa governa.
- O rei governa em toda a parte... Da parte do rei! O lacaio estremeceu e baixou a cabeça.
- Perdoe-me, senhor - disse ele- mas eu não passo de um pobre criado; não posso, portanto, tomar a responsabilidade de abrir a porta do quarto da princesa; permita-me que vá acordar um camareiro.
- Os camareiros costumam deitar-se às onze horas no castelo de Chantilly...
- Andaram na caça todo o dia - balbuciou trémulo o lacaio. "É muito justo
- disse em voz baixa Canolles. - É preciso dar-lhes tempo para que vistam a farda de camareiro a alguém." Depois, em voz alta:
- Muito bem; vá, que eu espero aqui.

O lacaio partiu a correr, e foi dar rebato no castelo, onde já Pompeu, assustado com o mau encontro que tivera, acabava de derramar um indizível espanto.

Canolles, ficando só, prestou ouvidos e abriu os olhos.

Ouviu então correr pelas salas e pelos corredores; viu, ao clarão das luzes quase apagadas, homens armados de mosquetes colocarem-se nos ângulos das escadas; enfim, sentiu em toda a parte um murmúrio ameaçador substituir o silêncio da estupefacção que um momento antes reinava no castelo.

Canolles levou a mão ao apito, e chegou-se a uma janela, através de cujos vidros descobria, destacando-se como uma sonora e nebulosa massa, o cimo das corpulentas árvores junto das quais mandara emboscar os duzentos homens que trouxera consigo.

"Não - disse ele. - Disto havia de resultar infalivelmente um combate, o que de modo nenhum me convém; vale mais esperar; o pior que me pode acontecer, esperando, é ser assassinado, ao passo que, se me apresso, posso deitá-la a perder..."

Ainda bem Canolles não tinha acabado de fazer esta reflexão, viu abrir-se uma porta e aparecer uma nova personagem.

234

- A princesa não está visível - disse o recém-chegado, com uma precipitação que nem sequer lhe deu tempo para saudar o gentil-homem. - Está na cama, e deu ordem para que não deixasse entrar na sua câmara pessoa alguma.
- Quem é você? - perguntou Canolles, medindo dos pés à cabeça esta estranha personagem - e quem lhe deu o atrevimento de falar a um gentil-homem com o chapéu na cabeça?...

E com a ponta do bastão, Canolles fez-lhe saltar o chapéu da cabeça.

- Senhor!... - exclamou o outro, recuando altivamente o passo.
- Perguntei-lhe quem é... - replicou Canolles.
- Sou... - respondeu ele - sou, como pode ver pelo meu uniforme, o capitão das guardas de Sua Alteza.

Canolles sorriu.

Com efeito, tivera tempo de apreciar com a vista o homem que assim lhe falava, e reconheceu que não podia deixar de ser algum despenseiro ou copeiro de barriga larga; algum robusto criado envolvido num sobretudo de oficial, a quem a falta de tempo, ou a sua barriga avantajada, não permitia que se compusesse devidamente.

- Muito bem, capitão da guarda - disse Canolles - levante o seu chapéu do chão e responda.

[O capitão executou a primeira parte do mandado de Canolles, como homem que tinha estudado aquela bela máxima da disciplina militar: "Para saber comandar, é mister saber obedecer."

- Capitão da guarda... - continuou Canolles - cáspite! É um belo posto!
- Sim, senhor, não há dúvida que é belo; e que mais? - disse o indivíduo, empertigando-se.
- Não se enfune tanto, capitão - disse Canolles - se não quer rebentar o último dos seus atacadores, e ver caírem-lhe aos pés os calções, o que seria um desastre.
- Mas enfim, quem é o senhor? - perguntou o suposto capitão, interrogando, por seu turno.

235

- Senhor, seguirei o exemplo de urbanidade que me deu, e responderei à sua pergunta como respondeu à minha. Sou capitão no regimento de Navaille, e venho como embaixador em nome do rei, revestido de um carácter pacífico ou violento, segundo obedecerem ou desobedecerem às ordens de Sua Majestade.
- Violento, senhor?!... -exclamou o falso capitão.- Um carácter violento?!...
- Muito violento! Assim lhe asseguro!
- Até em sua casa Sua Alteza não é a primeira súbdita de Sua Majestade? Senhor, aconselho-o a que não queira valer-se da força: eu tenho cinquenta homens prontos a vingar a honra de Sua Alteza.

Canolles não lhe quis dizer que os seus cinquenta homens não eram mais do que outros tantos lacaios e ratos de cozinha, dignos de servirem sob as ordens de um tal capitão, e que, relativamente à honra da princesa, àquela hora ia correndo com ela pela estrada de Bordéus. Contentou-se em responder-lhe com aquele sangue-frio mais temível que uma ameaça, e que tão habitual é nos homens bravos e acostumados aos perigos:

- Se tem cinquenta homens de armas, capitão, eu tenho duzentos, que são a vanguarda de um exército real. Está decidido a pôr-se em rebelião aberta contra Sua Majestade?...
- Não, senhor, não! - respondeu com viveza o homem rechonchudo, muito humilhado.- Deus tal não permita! Mas peço-lhe que me sirva de testemunha em como eu só à força cedo.
- É na realidade o menos que lhe proporcionaria, na qualidade de camarada.
- Ora, pois, conduzi-lo-ei ao quarto da princesa viúva que ainda não pegou no sono.

Canolles não teve necessidade de reflectir para avaliar o medonho perigo que lhe oferecia esta cilada; mas dela se livrou arrebatadamente com o socorro da sua onipotência.

- Não tenho ordem de procurar a princesa viúva, mas sim a princesa donzela.

236

O capitão das guardas abaixou outra vez a cabeça, imprimiu um movimento retrógrado às suas grossas pernas, arrastou a comprida espada pelo sobrado, e tornou a passar majestosamente o limiar da porta, por entre duas sentinelas que tremiam, durante esta cena. e a quem o anúncio da chegada de duzentos homens esteve a ponto de fazer abandonar o posto, tão pouco dispostos estavam a ser mártires da fidelidade no castelo de Chantilly.

Passados dez minutos, o capitão, seguido de dois guardas, voltava com inumeráveis cerimônias para acompanhar Canolles ao quarto da princesa, em cuja câmara foi introduzido sem ter de sofrer novas delongas.

Canolles reconheceu o quarto, os móveis, o leito e até o perfume daquela câmara, que muito bem havia observado. Mas em vão buscou duas coisas: o retrato da verdadeira princesa, que vira na sua primeira visita, e que abrisse o seu pensamento à primeira suspeita do logro em que queriam fazê-lo cair, e o rosto da falsa princesa, pela qual acabava de fazer um tamanho sacrifício. O retrato, haviam-no tirado dali; e por uma precaução um tanto tardia, e sem dúvida em consequência desta mesma precaução, o rosto da pessoa deitada na cama estava voltado para a parede, como se tivesse em pouca conta quem a procurava.

Duas mulheres estavam em pé no espaço entre o leito e a parede.

O gentil-homem teria de boa vontade desculpado esta falta de atenção; mas, como receasse que alguma nova substituição permitisse à senhora de Cambes fugir como tinha fugido a princesa, os cabelos arrepiaram-se-lhe na cabeça, e quis no mesmo instante certificar-se da identidade da pessoa que ocupava o leito, chamando em seu socorro o poder supremo de que o revestia a sua comissão. - Senhora - disse ele, inclinando-se profundamente - peço perdão a Vossa Alteza de vir deste modo à sua presença, e sobretudo depois de haver dado a minha palavra de que esperaria pelas suas ordens: mas acabo de ouvir um ruído no castelo, e...

237

A pessoa deitada estremeceu, mas não respondeu. Canolles buscou algum sinal pelo qual pudesse reconhecer se na verdade a pessoa que buscava era a que tinha diante dos olhos; no meio das ondulações das rendas, na macia espessura dos colchões e das cortinas, foi-lhe todavia impossível reconhecer mais do que a forma de uma pessoa deitada.

- E - continuou Canolles - é dever meu, de que me não posso dispensar, certificar-me de que neste leito se encontra a mesma pessoa com quem tive a honra de conversar há meia hora.

Desta vez não foi já um simples estremecimento, mas sim um verdadeiro movimento de terror. Este movimento não escapou a Canolles, que com ele se assustou.

"Se ela me enganou - disse consigo - se apesar da palavra solene que me deu, fugiu, eu saio do castelo, monto a cavalo, ponho-me à frente dos meus duzentos homens, e alcanço decerto os fugitivos ainda que tenha de lançar fogo a trinta aldeias para alumiar o meu caminho!"

Canolles ainda esperou um momento, mas a pessoa deitada nem respondeu nem se voltou; era evidente que queria ganhar tempo.

- Senhora - disse por fim Canolles, com uma impaciência que não tinha já a coragem de dissimular - rogo a Vossa Alteza que se queira lembrar de que sou o enviado do rei, e que em nome do rei reclamo a honra de ver o seu

rosto.

- Oh! que insuportável inquirição!- disse então uma voz trémula, e que fez estremecer de alegria o jovem oficial, porque acabava de reconhecer o som de uma voz, que nenhuma outra podia imitar. - Se, como diz, senhor, é o rei quem o obriga a proceder assim, o rei, que não é mais do que uma criança, ainda não sabe quais são os deveres de um gentil-homem; obrigar uma mulher a mostrar o rosto é fazer-lhe o mesmo insulto que, estando mascarada, se lhe arrancasse a máscara.

- Senhora, há uma palavra ante a qual se curvam os homens quando esta palavra vem do destino; é preciso.

238

- Ora, pois, já que é preciso - disse a jovem senhora - já que estou só e sem defesa contra a ordem do rei e a exigência do seu mensageiro, obedeço, senhor: olhe-me!

Então, um movimento arrebatado desviou o baluarte de travesseiros, de cobertas e de rendas que a defendia, e através da brecha improvisada, como o vermelhão mais de pudor do que de indignação, apareceu a cabeça loura e o rosto encantador que de antemão haviam sido denunciados pela voz. Com o rápido olhar do homem habituado a avaliar situações, senão semelhantes, pelo menos equivalentes, Canolles ficou certo de que não era a cólera o que conservava baixos aqueles olhos velados por pestanas de veludo, e que fazia tremer aquela mão que sustinha, sobre um pescoço de nácar, as ondas de um cabelo fugitivo e a cambraia dos lençóis perfumados.

A falsa princesa ficou um instante nesta posição, que teria desejado tornar ameaçadora, mas que só saíra irritada, enquanto Canolles fixava os olhos, respirando deliciosamente e comprimindo com ambas as mãos as pulsações do seu coração, que pulava de alegria.

- Ora, pois, senhor- disse, passados alguns segundos, a formosa perseguida- não será suficientemente grande a minha humilhação?. .. Examinou-me à sua vontade? Que mais quer? Não é completo o seu triunfo?... Seja, pois, um vencedor generoso, peço-lhe que se retire.

- Bem o quisera, senhora, mas cumpre-me desempenhar as minhas instruções até ao fim. Só preenchi, até agora, a parte da comissão que diz respeito a Sua Alteza; mas não é bastante tê-la visto, é preciso que veja agora o duque de Enghien.

A estas palavras, pronunciadas no tom do homem que tem o direito de mandar e quer ser obedecido, sucedeu um terrível silêncio. A falsa princesa levantou-se um pouco, apoiando-se na mão, e fixou em Canolles um daqueles olhares estranhos que pareciam ser somente próprios dela, tantas eram as coisas neles contidas ao mesmo tempo. Este queria dizer: "Reconheceu-me? Sabe quem eu

239

sou, na realidade?... Se o sabe, poupe-me, perdoe-me; é o mais forte, compadeça-se de mim!"

Canolles compreendeu tudo quanto este olhar queria dizer, mas endureceu-se contra a sedutora eloquência, e respondeu-lhe de viva voz:

- É impossível, senhora - disse ele.- A ordem é precisa.

- Faça-se, pois, tudo à sua vontade, como o deseja, senhor, visto que não tem a mínima condescendência, nem para com a posição, nem para com a graduação; vá, estas senhoras o encaminharão ao príncipe meu filho.

- Estas senhoras - disse Canolles- não poderiam, em vez de encaminhar-me a seu filho, trazê-lo para junto de Vossa Alteza? Isto, no meu entender,

seria infinitamente melhor. Porque, durante esse tempo, eu darei a saber a Vossa Alteza uma parte da minha comissão, que só a si pode ser comunicada.

- A mim só?...

- A si só - respondeu Canolles, com uma cortesia mais profunda do que nenhuma das que já fizera.

Desta vez, os olhos da princesa, que haviam sucessivamente passado da dignidade à súplica, e da súplica à inquietação, cravaram-se em Canolles com a fixidez do terror.

- Que pode haver nesta conferência privada entre nós que tanto a assuste, senhora? - disse Canolles. - Não é princesa, e não sou eu gentil-homem?

- Sim, tem razão, senhor, e eu não tenho de que recear. Sim, apesar de ser esta a primeira vez que tenho o gosto de vê-lo, a fama da sua cortesia e da sua lealdade tem chegado aos meus ouvidos. Vão buscar, senhoras, o duque de Enghien, e voltem aqui com ele.

As duas mulheres afastaram-se da cama, adiantaram-se para a porta, voltaram-se ainda uma vez, para saberem se esta ordem era bem positiva, e a um aceno que confirmava as palavras da ama, ou pelo menos da que fazia as suas vezes, saíram do quarto.

240

Canolles seguiu-as com a vista até que tivessem fechado a porta. Depois, fixou na suposta princesa os seus olhos cintilantes de alegria.

- Vejamos - disse esta, sentando-se na cama e cruzando os braços - senhor de Canolles, porque me persegue deste modo?

E, dizendo isto, encarava o jovem oficial, não com aquele olhar altivo de princesa, que ensaiara, e que não lhe fora de vantagem alguma, mas, pelo contrário, com uma expressão tão tocante e tão significativa, que todos os encantadores incidentes do primeiro encontro, todos os embriagantes episódios do caminho, todas as recordações daquele amor nascente, tudo, enfim, surgiu de tropel, envolvendo com embalsamados vapores o coração do barão.

- Senhora - disse ele, dando um passo para o leito - eu a quem persigo em nome do rei é à princesa de Conde, e não a si, que não é a senhora princesa.

Aquela a quem estas palavras eram dirigidas deu um leve grito, tornou-se muito pálida, e levou uma das mãos ao coração.

- Então, senhor, que quer dizer, e quem pensa que eu sou!? - exclamou ela.

- Oh! quanto a isso - replicou Canolles - ver-me-ia embaraçado se tivesse de lho explicar, pois seria talvez capaz de jurar que é o mais belo visconde, se não fosse a mais adorável viscondessa.

- Senhor! - disse a falsa princesa, com a esperança de impor respeito a Canolles, recordando-lhe a sua dignidade - de tudo o que me diz só compreendo uma coisa - e é que me desobedece, que me insulta!

- Senhora - volveu Canolles - não faltemos ao respeito que a Deus devemos quando o adoramos; não insultemos os anjos quando l ante eles nos ajoelhamos.

E, dizendo estas palavras, Canolles inclinou-se como se quisesse ajoelhar.

- Senhor! - impediu-o com viveza a viscondessa, detendo Canolles. - Senhor! A princesa de Conde não pode consentir...

- A princesa de Conde, senhora - respondeu este - vai a estas

241

horas correndo num cavalo, com o seu escudeiro Vialas, ao lado de Lenet, seu conselheiro, com os seus gentis-homens, com os seus capitães, e com toda a sua casa - enfim, vai correndo, digo, pela estrada de Bordéus, e nada tem com o que se passa agora entre o barão de Canolles e o visconde ou viscondessa de Cambes.

- Mas... que diz, senhor!?... Dar-se-á o caso de ter perdido o juízo!?...

- Não, senhora, eu só digo o que vi, nem faço mais do que contar o que ouvi.

- Então, se já viu e ouviu o que diz, a sua comissão deve estar terminada...

- Como pode crer em tal, senhora!? Será, pois, preciso que eu volte para Paris, e que vá confessar à rainha, que para não desagradar a uma mulher a quem amava (eu não nomearei ninguém, senhora: não me olhe, portanto, com olhos coléricos), não cumpro as suas ordens, consenti que fugisse a sua inimiga, fechei os olhos ao que via, atraíçoei enfim... sim, atraíçoei a causa do meu rei?!...

A viscondessa pareceu comovida e olhou o barão com uma compaixão quase terna.

- Não terá a melhor desculpa de todas - disse ela - que é a impotência? Podia, sozinho, deter a escolta respeitável da princesa?... Tinham-lhe ordenado que combatesse sozinho contra cinquenta gentis-homens...

- Não - voltou Canolles, abanando a cabeça. - Tinha, e tenho ainda, ali no bosque, a quinhentos passos de nós, duzentos soldados que posso reunir com uma só apitadela; nenhuma dificuldade, portanto, se me apresentava para deter a princesa, que, pelo contrário, nenhuma resistência podia opor. E, além disso, que a minha escolta fosse mais fraca do que a dela, em vez de ser quatro vezes mais forte, eu sempre podia combater, sempre podia fazer-me matar combatendo; isso ter-me-ia sido tão fácil - continuou o mancebo, inclinando-se cada vez mais - quanto seria doce tocar esta mão, se a isso me atrevesse.

242

Com efeito, aquela mão em que o barão cravava olhos ardentes, aquela mão fina, fofa e branca, aquela mão aristocrática que caía fora da cama, estremecia a cada palavra que saía da boca do mancebo. A viscondessa, cega ela mesma por aquela electricidade do amor, cujos efeitos ela sentira na pequena estalagem de Jaulnay, não pôde lembrar-se de que devia recolher a mão que proporcionara a Canolles um ponto tão feliz de comparação; esqueceu-se, portanto, dela, e o jovem oficial, deixando-se cair de joelhos, imprimiu a sua boca com voluptuosa timidez na mão, que ao sentir o contacto dos seus lábios, se retirou como se um ferro em brasa lhe houvesse Jocado.

- Eu agradeço-lhe, senhor de Canolles - disse a jovem senhora. - Sim, do íntimo do coração, agradeço-lhe quanto a meu favor fez; creia que jamais o esquecerei. Duplique, porém, o preço do serviço que me rendeu, e apreciando a minha melindrosa situação, retire-se. Não temos nós de separarmo-nos, visto que a sua comissão está terminada?...

Este nós, pronunciado com uma ênfase tão meiga que parecia ter alguma sombra de pesar, fez vibrar dolorosamente as fibras mais secretas do coração de Canolles. Com efeito, o sentimento de dor quase sempre existe no fundo das grandes alegrias.

- Obedeço-lhe, senhora - disse ele. - Far-lhe-ei somente observar, não para deixar de lhe obedecer, mas sim para talvez lhe evitar um remorso, que se lhe obedecer fico perdido. No momento em que eu confessar a minha falta, e ficarem certos de que não fui enganado, serei vítima da minha condescendência.. Declaram-me traidor; encerram-me na Bastilha... e quem

sabe se não serei fuzilado... E tudo isso é coisa muito natural, porque fui um traidor.

Clara deu um grito, e pegou ela mesmo na mão de Canolles, que logo tornou a deixar cair com uma graça encantadora.

- Que faremos nós então? - disse ela.

O coração do mancebo dilatou-se: aquele bem-aventurado nós vinha a ser decididamente a fórmula favorita da senhora de Cambes.

- Perdê-lo, a si, que tão generoso é?! - continuou ela.243

Perdê-lo, eu?! Oh! nunca, nunca! A que preço posso eu salvá-lo? Fale, fale!

- Seria preciso, senhora, que me permitisse representar o meu papel até ao fim. Seria preciso, como lhe disse, que parecesse haver sido enganado por si, e que desse conta a Mazarino do que vejo, e não do que sei.

- Sim, mas se descobrissem que por amor de mim faz tudo isto, se chegassem a saber que nós já nos tínhamos encontrado noutra parte, que já me tinha visto, eu é que, por meu turno, ficaria perdida; pondere bem!

- Senhora - voltou Canolles, com uma melancolia perfeitamente representada - à vista do seu ar tão frio, da sua dignidade, que tão pouco lhe custa a manter na minha presença, não creio que deixasse escapar um segredo, que, além disso, no seu coração pelo menos, não existe.

Clara guardou silêncio, mas um olhar fugitivo, um imperceptível sorriso, que a seu pesar escapava à bela presa, responderam a Canolles, de modo, que este se convenceu de que era o mais feliz dos homens.

- Terei, pois, de aqui ficar? - perguntou ela, com um indizível sorriso.

- Já que assim é preciso!...

- Nesse caso vou escrever a Mazarino.

- Sim, mas não perca tempo, vá já.

- Como assim?...

- Digo-lhe que trate de lhe escrever.

- Não posso fazê-lo: é preciso que eu lhe escreva daqui, do seu quarto; é preciso que eu date a minha carta de junto à sua cama.

- Mas isso não é decente...

- Eis as minhas instruções, senhora: leia-as...

E Canolles apresentou um papel à viscondessa, que leu:

O barão de Canolles guardará à vista a princesa, e o duque de Eughien seu filho.

244

- À vista - disse Canolles.

- À vista... não há dúvida que estas palavras estão aqui. Clara compreendeu todo o partido que um homem enamorado, como estava Canolles, podia tirar de semelhantes instruções; mas compreendeu também que serviço rendia à princesa prolongando a seu respeito o engano da corte.

- Escreva pois - disse ela, em tom de mulher resignada. Canolles interrogou-a com os olhos, e ela também com os olhos

lhe mostrou um cofrezinho, onde se continha quanto era preciso para escrever; o mancebo abriu-o, retirou papel, pena e tinta, colocou tudo em cima de uma mesa, e chegou-a para o pé de si o mais que lhe foi possível; pediu, como se Clara fosse sempre a princesa, licença para sentar-se, a qual lhe foi concedida, e escreveu a Mazarino o seguinte despacho:

Senhor:

Cheguei ao Castelo de Chantilly as nove horas da noite, pelo que claramente verá que fiz toda a diligência, pois tive a honra de me

despedir de Vossa Eminência às seis horas e meia.
Encontrei as duas princesas na cama; a princesa viúva gravemente enferma, e a princesa cansada de haver durante o dia assistido a uma grande caçada.

Segundo as instruções de Vossa Eminência, apresentei-me a Suas Altezas, que no mesmo instante despediram todos os convidados, e neste momento guardo à vista a senhora Princesa e seu filho.

- E seu filho... - replicou Canolles voltando-se para a viscondessa. - Ora, parece-me que minto... e, contudo, bem quisera não mentir...

- Sossegue - respondeu Clara a rir. - Se ainda não viu meu filho, vai já vê-lo.

245

- E seu filho... - continuou Canolles a rir.

E continuando a carta no ponto em que a interrompera:

Do próprio quarto da princesa, e sentado à cabeceira do seu leito, tenho a honra de escrever esta carta a Vossa Eminência.

Depois assinou-a; e após ter pedido com todo o respeito licença a Clara, puxou pelo cordão da campainha: um criado de quarto entrou imediatamente.

- Vá chamar o meu laçao - disse Canolles - e quando ele chegar à antecâmara, venha avisar-me.

Passados cinco minutos, vieram avisar o barão de que Castorin havia chegado.

- Aqui tem - disse-lhe Canolles. - Vá levar este bilhete ao oficial que comanda os meus duzentos homens; diga-lhe que o envie a Paris por um expresso.

- Mas, senhor barão - respondeu Castorin, a quem a execução de uma tal comissão, dada a meio da noite, parecia muito desagradável - julgava ter-lhe dito que o senhor Pompeu me ajustara para entrar no serviço da princesa...

- E também em nome da princesa é que lhe transmiti esta ordem. Vossa Alteza - disse Canolles, voltando-se - dignar-se-á confirmar as minhas palavras? Sabe muito bem qual a importância de que esta carta seja entregue imediatamente.

- Vá - disse a falsa princesa, em tom e gestos cheios de majestade.

Castorin inclinou-se até ao chão, e partiu.

- Agora - disse Clara, estendendo para Canolles as suas pequenas mãos juntas e suplicantes - retirar-se-á, não é assim?

- Perdoe... - respondeu Canolles - mas seu filho, senhora?... - Tem razão - respondeu Clara, sorrindo. - Vai vê-lo.

Com efeito, apenas acabou de proferir estas palavras, ouviu-se esgaravatar à porta, segundo o costume daqueles tempos. Foi o

246

[cardeal de Richelieu quem, sem dúvida por causa do amor que tinha aos gatos, pusera em voga este modo de bater à porta. Durante o seu dilatado valimento, tinham, portanto, esgaravatado à porta de Richelieu; depois à do senhor de Chavigny, que sem dúvida tinha direito a esta sucessão, ainda que só fosse a título de herdeiro natural; e, finalmente, à de Mazarino. Podia, pois, muito bem -esgaravatar-se à porta da princesa.

- Ei-lo que vem - disse a senhora de Cambes.

- Muito bem. Nesse caso, revisto-me do meu carácter oficial. i Canolles arredou a mesa, tirou a cadeira, tomou a pegar no chapéu, e deixou-se ficar respeitosamente a quatro passos do leito da princesa.

- Entre! - disse a viscondessa.

No mesmo instante, o mais cerimonioso acompanhamento que se podia ver entrou no quarto. Eram as mulheres, os oficiais, os camareiros, todos os que estavam empregados no serviço ordinário da princesa.

- Senhora - disse o primeiro criado da câmara - foi-se acordar o duque de Enghien; pode, portanto, receber agora o mensageiro de Sua Majestade.

Um olhar de Canolles à senhora de Cambes disse-lhe mais claramente do que o teria podido fazer a voz: "Era, pois, isto o que combinámos?"

Este olhar, em que se encerravam todas as súplicas de um coração angustiado, foi compreendido maravilhosamente, e, sem dúvida, em agradecimento de tudo quanto Canolles fizera, e talvez que também para de algum modo exercer aquela malícia eternamente oculta no mais íntimo do melhor dos corações femininos, ela ordenou:

- Tragam aqui o duque de Enghien. O senhor verá meu filho na minha presença.

Apressaram-se a obedecer, e, passado um momento, o jovem príncipe foi introduzido no quarto.

Dissemos que o barão, observando com todo o cuidado os últimos

247

preparativos da partida da princesa, pusera os olhos no jovem príncipe, que andava brincando e correndo, mas sem que lhe visse o rosto. A única coisa em que reparara fora no seu traje, que consistia num simples traje de caça; pensou, pois, que não era em atenção a ele que lhe haviam vestido o esplêndido traje em que o apresentavam aos seus olhos. A ideia que já tivera de que o príncipe partira com a mãe, tornou-se, portanto, quase em certeza: examinou, durante algum tempo e em silêncio, o herdeiro do ilustre príncipe de Conde, e, sem que o respeito que impusera a toda a sua pessoa sofresse a menor quebra, um imperceptível sorriso de ironia deslizou-lhe pelos lábios.

- Dou-me por muito feliz - disse ele, inclinando-se- ao ser-me dada a honra de apresentar as minhas homenagens ao duque de Enghien.

A senhora de Cambes, em quem o menino tinha cravado os olhos fez-lhe sinal com a cabeça para que saudasse, e como lhe pareceu que Canolles observava todos os incidentes desta cena com suma atenção:

- Meu filho - disse ela com um cálculo de maldade que fez estremecer Canolles, que já adivinhava, pelo movimento dos lábios da viscondessa, que ia ser vítima de alguma traição feminina - o oficial que vê diante de si é o senhor de Canolles, enviado por Sua Majestade; dê a sua mão a beijar ao senhor de Canolles.

Ao ouvir esta ordem, Pedrito, que fora convenientemente doutrinado por Lenet, que, tal como prometera à princesa, se encarregara da educação do garoto, estendeu a mão, que não tivera tempo nem modo para converter em mão de gentil-homem; e Canolles viu-se obrigado a imprimir, no meio do riso sufocado dos circunstantes, um beijo naquela mão, que um homem, ainda quando fosse menos esperto nesta matéria do que Canolles, teria facilmente reconhecido não pertencer à aristocracia.

"Ah! senhora de Cambes - disse Canolles consigo- pagar-me-á este beijo!..."

248

E inclinou-se respeitosamente ante o Pedrito, para lhe agradecer a honra que lhe concedera.

Entendendo então que depois de haver passado por uma tal prova, a última do programa, lhe era impossível ficar mais tempo na câmara de uma mulher, afirmou, voltando-se para o leito:

- Senhora, a minha comissão está terminada por esta noite; tenho, pois, de lhe pedir licença para me retirar...

- Vá, senhor - disse Clara. - Vê que estamos muito sossegados, aqui. Pode, portanto, dormir descansado.

- Antes disso, tenho de pedir-vos, senhora, um grande favor.

- Que favor? - perguntou a senhora de Cambes com inquietação, porque compreendia pela entoação da voz do barão que se dispunha a tirar a sua desforra.

- Que me conceda a mesma graça que acabo de receber do príncipe seu filho.

Desta vez, a viscondessa não podia escapar-lhe; não havia modo de recusar a um oficial do rei o cerimonioso favor que desta maneira pedia à vista de todos. A senhora de Cambes estendeu, pois, a sua trémula mão ao senhor de Canolles.

Este adiantou-se para a cama como se teria adiantado para o trono de uma rainha, pegou com a ponta dos dedos na mão que se lhe oferecia, pôs um joelho no chão, e imprimiu naquela pele fina, branca e estremecida, um comprido beijo, que todos atribuíram ao respeito, e que, para a viscondessa somente, foi um ardente penhor de amor.

- Prometeu-me, até me jurou - disse Canolles em voz submissa levantando-se - que não sairia do castelo sem que disso me prevenisse. Tenho toda a confiança na sua promessa e no seu juramento.

- E pode tê-la, senhor - disse a viscondessa de Cambes, tornando a cair sobre o travesseiro, quase desmaiada.

Canolles, a quem a expressão da voz fizera estremecer, tentou descobrir nos olhos da formosa prisioneira a confirmação da esperança

249

que lhe dera o tom da voz. Mas os olhos da viscondessa estavam hermeticamente fechados.

Canolles pensou que os cofres fechados são os que encerram os mais preciosos tesouros, e retirou-se com o paraíso no coração.

Dizer como essa noite se passou para o gentil-homem, dizer como a vigília e o sono não passaram de um sonho constante, durante o qual ponderou e tornou a ponderar todas as circunstâncias da quimérica aventura que lhe dava a posse do mais precioso tesouro que avarento algum tenha jamais abrigado sob as asas do seu coração; dizer os projectos que fez para sujeitar o futuro aos cálculos do seu amor, e ao capricho da sua fantasia; dizer as razões que a si próprio deu para se convencer de que agia acertadamente - seria coisa impossível; pois a loucura é uma fadiga para qualquer outro espírito que não seja o de um louco.

Era tarde quando Canolles adormeceu, se é que pode chamar-se dormir ao febril delírio que sucedeu à vigília; e, contudo, apenas o dia alumiava os cumes dos álamos, sem que ainda tivesse baixado até à superfície das belas águas onde dormem os nenúfares de largas folhas, cujas flores só ao sol se abrem, já Canolles saltava da cama, vestindo-se à pressa, e descia para o jardim. A sua primeira visita foi ao lado do edifício ocupado pela princesa, o primeiro olhar para a janela do seu quarto; quer não tivesse ainda adormecido, quer tivesse já despertado, o certo é que uma luz demasiado viva para que fosse a de uma lamparina avermelhava as cortinas de damasco corridas hermeticamente. Canolles deteve-se perante a descoberta, a qual, sem dúvida, lhe inundou o espírito com um bom número de conjecturas insensatas, e, sem prolongar o passeio, procurou o abrigo do pedestal de uma estátua que o ocultava de forma conveniente, e encetou a sós com a sua fantasia, aquele eterno diálogo dos corações amorosos, que encontram o objecto amado em todas as poéticas emanações da Natureza.

Havia talvez meia hora que o barão estava no seu observatório, olhando com indizível ventura para aquelas cortinas, diante das

250

quais qualquer outro que não ele teria passado com indiferença, quando viu abrir-se uma janela da galeria, e essa janela quase no mesmo instante servir de moldura ao honrado rosto do senhor Pompeu. Tudo quanto se relacionasse com a viscondessa inspirava um poderoso interesse em Canolles; assim, desviou os olhos das cortinas tão atractivas, e acreditou ver que Pompeu tentava estabelecer com ele uma correspondência de sinais. Ao princípio, Canolles duvidou de que os sinais lhe fossem dirigidos, e pôs-se a olhar em torno. Mas Pompeu, que observou a dúvida em que o barão estava, acompanhou os sinais, para lhe chamar a atenção, de um assobio - o qual teria parecido insolente da parte de um escudeiro para com um embaixador de Sua Majestade o rei da França, se esse assobio não fosse justificado por uma espécie de ponto branco quase imperceptível para todos e quaisquer olhos que não fossem os de um namorado, o qual desde logo reconheceu nesse ponto branco um papel enrolado.

"Um bilhete!... -exclamou Canolles consigo;- ela escreve-me... O que quer isto dizer?..."

E aproximou-se todo trémulo, embora o seu primeiro movimento fosse de uma grande alegria; mas nas grandes alegrias dos namorados nunca deixa de haver uma certa apreensão, a que talvez represente o maior encanto dela; estar convencido da sua felicidade, é não ser já feliz.

À medida que Canolles se aproximava, Pompeu mais se arriscava a mostrar o papel; por fim, Pompeu estendeu o braço, e Canolles o chapéu. Estes dois homens entendiam-se, pois, às mil maravilhas, como bem se vê; o primeiro deixou cair o bilhete; e o segundo recebeu-o com muita destreza, procurando logo o abrigo de um caramanchão para o ler à vontade; e Pompeu, que sem dúvida receava constipar-se, tornou a fechar logo a janela.

Todavia, nenhum homem pode ler sem algum receio o primeiro bilhete da mulher a quem ama, sobretudo quando este bilhete é inesperado não há razão alguma a temer, a não ser algum ataque

251

à sua felicidade. Com efeito, que lhe poderia querer dizer a viscondessa, se não tivesse sofrido alguma alteração o programa entre eles concertado na véspera? Portanto, o bilhete em causa não podia deixar de conter alguma fatal notícia.

Canolles estava tão convencido disso que nem sequer chegou o papel aos lábios, como costumam fazer os amantes em tais circunstâncias. Antes pelo contrário, deu-lhe mil voltas, com um receio que cada vez mais crescia. Contudo, como mais tarde ou mais cedo acabaria por ver o que se lhe escrevia, socorreu-se de toda a sua coragem, abriu-o, e leu:

Senhor:

Ficarmos mais tempo na situação em que nos encontramos - e entendo que pensará como eu - é coisa absolutamente impossível; há-de magoá-lo muito passar aos olhos de toda a gente da casa por um desagradável vigia; por outro lado, receio recebê-lo melhor do que o faria a princesa, caso se encontrasse no meu lugar, e que adivinhem representarmos nós uma duplicada comédia, cujo desenlace seria a perda certa da minha reputação. Canolles enxugou a testa: os seus pressentimentos não o tinham enganado. Com o dia, esse grande caçador de fantasmas, todos os sonhos dourados desapareciam. Abanou a cabeça, arrancou um suspiro do peito, e continuou:

Finja que descobriu o ardil de que nos servimos; para chegar a essa conclusão há um meio muito simples, e que eu mesma lhe oferecerei, se me prometer anuir à minha súplica. Bem o vê, eu não dissimulo, nem a si mesmo, o muito que dependo de si. Se aceder aos meus rogos, enviar-lhe-ei um retrato em que figuram o meu nome e as minhas

252

armas. Dirá que este retrato foi por si descoberto numa das suas rondas nocturnas, e que por ele ficou a saber que eu não era a princesa.

Devo dizer-lhe que, em memória da dívida agradecida que guardarei no íntimo do coração, se partir esta mesma manhã, autorizo-o, supondo que lhe agradará, a guardar a miniatura.

Separe-se, pois, de mim, sem me tornar a ver, se assim for possível, e o meu reconhecimento acompanhá-lo-á a toda a parte, enquanto, do meu lado, a recordação da sua pessoa me acompanhará como a de um dos mais nobres e mais leais gentis-homens que conheci na minha vida.

Canolles leu de novo o bilhete e ficou atónito. Qualquer que seja o favor contido numa carta de despedida, por muito açucarada que seja uma recusa ou um adeus - adeus, recusa, despedida, não deixam por isso de ser um dos mais cruéis logros que se possam atirar ao coração. Não havia a mínima dúvida de que o retrato seria posse muito grata; mas o motivo pelo qual era oferecido roubava-lhe grande parte do seu valor. Além disso, qual o valor do retrato, quando o original ali se encontra, quando o temos à mão, e quando podemos não o largar?

Sim, mas Canolles, que não tinha recuado ante a cólera da rainha e de Mazarino, tremia ante um franzimento de sobrancelhas da senhora de Cambes.

Contudo, esta mulher zombara dele, em primeiro lugar na estrada, depois em Chantilly, fazendo as vezes da princesa, e, por fim, dando-lhe na véspera uma esperança que lhe roubava no dia seguinte! Mas de todos os desenganos este era o mais cruel. Na estrada ela não o conhecia, e desembaraçava-se de um companheiro incómodo, eis tudo. Tomando o lugar da princesa de Conde, obedecia a uma ordem que lhe davam, desempenhava um papel prescrito pela sua senhora e ama; não podia agir de outra maneira; mas, desta vez

253

que o conhecia, depois de haver dado mostras de apreciar o seu fervoroso zelo, depois de ter pronunciado duas vezes aquele nós, cuja vibração se fizera sentir no íntimo do coração do mancebo - arrepiar caminho, não reconhecer a sua bondade, negar o seu agradecimento, escrever, enfim, uma tal carta, tudo isso era aos olhos de Canolles mais do que crueldade, quase que uma zombaria.

Foi esta a razão por que se agastou, por que se encolerizou, repassado de um doloroso despeito, sem observar que, por detrás daquelas cortinas, onde toda a luz se apagara, como se o dia a tivesse tornado inútil, uma espectadora oculta pelo damasco observava a pantomima do seu desespero e talvez se deleitasse.

"Sim, sim - pensava ele, acompanhando o seu pensamento de gestos análogos ao sentimento que o preocupava.- Sim, é uma despedida muito regular, muito formal, um grande acontecimento coroadado de um desfecho vulgar, uma poética esperança convertida em brutal desengano. Eu, porém, não me prestarei a fazer o ridículo papel que me reservam. Prefiro o seu ódio a este suposto reconhecimento que me promete. Ah! sim, fiar-me agora na sua promessa!... O mesmo que fiar-me na constância do vento e na calma do

mar! Ah! senhora, senhora -continuou Canolles, voltando-se para a janela - por duas vezes que me escapa. Mas eu lhe juro, se outra ocasião semelhante se me oferecer, não me escapará terceira."

E Canolles tornou a subir ao seu quarto, com a intenção de vestir-se e de entrar, por força ou às boas, na câmara da viscondessa. Todavia, ao entrar no quarto, e lançando os olhos ao pêndulo, viu que apenas eram sete horas.

Ninguém ainda estava levantado no castelo. Canolles atirou consigo para cima de uma poltrona, fechou os olhos para refrescar as ideias e expulsar, se possível, os fantasmas que dançavam em torno dele, e não os abria senão para consultar de cinco em cinco minutos o relógio.

Deram oito horas, e começaram a despertar no castelo, onde

254

em breve tudo era movimento e ruído. A muito custo, Canolles ainda esperou coisa de meia hora; por fim, não pôde já conter-se, e desceu. Aproximou-se de Pompeu, que respirava muito ufano o ar fresco da manhã no grande pátio, rodeado de lacaios, a quem dava conta das suas campanhas na Picardia sob o comando do rei defunto:

- É você o mordomo de Sua Alteza? - disse-lhe ele, como se fosse a primeira vez que visse Pompeu.

- Sim, senhor - replicou Pompeu, atônito.

- Vá dar parte a Sua Alteza de que desejo ter a honra de lhe apresentar os meus respeitos.

- Mas, senhor... Sua Alteza...

- Está levantada.

- Contudo... -Vá.

- Eu julgava que a partida do senhor...

- A minha partida dependerá da conferência que vou ter com Sua Alteza.

- Digo isto porque não tenho ordem de minha ama.

- E eu digo isto porque tenho ordem do rei.

E Canolles, dizendo estas palavras, bateu majestosamente no bolso do seu casaco, gesto que adoptou como o mais satisfatório de quantos pudera empregar na véspera. Mas, ao mesmo tempo que tentava esta atrevida empresa, o nosso negociador via que lhe ia faltando o alento. Com efeito, desde a véspera, a sua importância sofrera grande quebra: havia perto de doze horas que a princesa - a verdadeira - partira; devia sem dúvida ter caminhado toda a noite, e estaria portanto a vinte ou vinte e cinco léguas de Chantilly. Por maior que fosse a diligência com que Canolles fizesse marchar a sua gente, não podia de modo algum alcançá-la; e caso a alcançasse, tendo partido com um cento de gentis-homens, quem lhe assegurava que a escolta da fugitiva não contasse àquela hora trezentos ou quatrocentos partidários? Restava sempre a

255

Canolles, como na véspera dissera, o recurso de se fazer matar; mas teria ele o direito de consigo fazer matar os homens que o acompanhavam, e impor-lhes deste modo o sofrimento da sanguinolenta pena dos seus caprichos amorosos? Se na véspera se tivesse enganado relativamente aos sentimentos da senhora de Cambes para com ele, se a perturbação dela não fosse mais do que uma comédia, que lhe dava a certeza de que a senhora de Cambes não zombaria abertamente dele? Então, haveria apupada dos lacaios, apupada dos soldados ocultos na floresta, desvalimento para com Mazarino, cólera da rainha, e - muito pior que tudo isso - ruína para o seu amor nascente; porquanto, nunca mulher nenhuma amou aquele a quem por um só

momento teve a intenção de tornar ridículo.

Enquanto volvia e revolvía todos estes pensamentos no seu espírito, Pompeu veio de cabeça baixa dizer-lhe que a princesa o aguardava.

Desta vez todo o cerimonial fora banido; a viscondessa esperava-o numa salazinha contígua ao quarto, vestida e em pé. Vestígios de insónia, que em vão diligenciara apagar, marcavam no seu belo rosto; grandes olheiras, sobretudo, denunciavam que os seus lindos olhos se não haviam fechado.

- Bem vê, senhor - disse-lhe ela, sem lhe dar tempo de ser quem primeiro falasse- inclino-me perante o seu desejo, mas com a esperança, confesso-o, de que esta entrevista seja a última, e de que o senhor, por seu turno, também cederá ao meu desejo.

- Perdoe-me, senhora - disse Canolles - mas em consequência da nossa conversa de ontem, esperava menos rigor nas suas exigências, e confiava em que, como remuneração pelo que fizera por amor de si (de si somente, pois que não conheço a princesa de Conde; creio que me compreenderá...), dignar-se-ia consentir em ficar mais tempo em Chantilly.

- Sim, senhor, confesso - disse a viscondessa- no primeiro momento... a perturbação inevitável da posição em que me encontrava,

256

a grandeza do sacrifício que fez por mim... o interesse da princesa, a quem muito importava que eu ganhasse tempo, puderam arrancar da minha boca algumas palavras que não estavam de acordo com o meu pensamento; mas, durante esta longa noite, tenho reflectido: uma demora maior de si ou de mim neste castelo, é coisa que se torna impossível.

- Impossível, senhora?! -estranhou Canolles.- Esquece-se então de que tudo é possível, a quem fala em nome do rei?...

- Senhor de Canolles, congratulo-me que antes de tudo seja gentil-homem, e não abusará da posição em que me colocou o meu extremoso affecto a Sua Alteza.

- Senhora - respondeu Canolles - antes de tudo sou um louco; já percebeu isso muito bem, ai de mim! só um louco podia fazer o que eu fiz. Pois então compadeça-se da minha loucura: não me desterre da sua presença, suplico-lhe!

- Em tal caso, senhor, serei eu quem se ausentará daqui. Serei pois eu, senhor, quem, embora o contrarie, o restituo ao desempenho dos seus deveres. Veremos se me quer deter por força, e expor-nos ambos a um estrondoso escândalo. Não, não senhor - continuou a viscondessa, com um acento que Canolles ouvia vibrar pela primeira vez - não. Não deixará de ponderar que não pode ficar eternamente em Chantilly; lembrar-se-á de que em outra parte o esperam.

Esta insinuação, que brilhou como um relâmpago aos olhos de Canolles, recordou-lhe a cena da estalagem de Biscarros, a descoberta que a senhora de Cambes fizera sobre a ligação de Nanon com o mancebo, e então descobriu qual a razão para tudo aquilo.

Aquela insónia não era causada pelas ansiedades do presente, mas sim pelas recordações do passado. Aquela resolução matutina de fazer afastar Canolles, não era o resultado da reflexão, mas sim a expressão do ciúme.

Houve então entre os dois seres, de pé em frente um do outro,

257

um silêncio momentâneo; mas, durante este silêncio, cada um deles escutava a palavra do seu próprio pensamento, que falava em seu peito com as palpitações do coração.

"Ciumenta! -dizia Canolles.- Ciumenta! Oh! desde este momento tudo

compreendo. Sim, sim! Quer certificar-se de que a amo bastante para lhe sacrificar outro qualquer amor! Quer experimentar-me..."

Por sua vez, ela dizia consigo mesma:

"Sou para o senhor de Canolles uma distração de espírito; encontrou-se comigo no momento, sem dúvida, em que se via obrigado a sair da Guiana, e seguiu-me como o viajante segue o fogo-fátuo; mas o seu coração ficou naquela pequena casa rodeada de árvores, para onde se encaminhava naquela tarde em que nos encontramos. É portanto impossível que deixe ficar junto de mim um homem que ama outra mulher, e a quem eu, se com ele convivesse mais tempo, talvez tivesse a fraqueza de amar. Oh! não só atraíçoearia a minha honra, mas atraíçoearia também os interesses da princesa, se tivesse a baixeza de amar o agente dos seus perseguidores!"

E por isso exclamou subitamente, respondendo ao seu próprio pensamento:

- Oh! não, não, é preciso ausentar-se, senhor; se não se ausentar, ausento-me eu.

- Esquece-se, senhora - disse Canolles- de que me deu a palavra de não se ausentar sem primeiro me avisar da partida...

- Pois então, senhor, dou-lhe parte de que vou sair de Chantilly neste mesmo instante.

- E crê que eu consinta em tal?...- disse Canolles.

- Como!? -exclamou a viscondessa.- Deter-me-ia pela força?!...

- Senhora, eu não sei o que farei, mas o que sei é que não posso separar-me de si.

- Então estou presa e é o meu carcereiro, não é assim?

258

- A senhora é uma mulher que já por duas vezes perdi, e a quem não quero perder terceira vez.

- Em tal caso, temos violência, não?

- Sim, senhora, violência -respondeu Canolles- se não tiver outro processo de mantê-la aqui.

- Oh! - exclamou a senhora de Cambes - que felicidade, com efeito, a de guardar uma mulher que geme, que clama pela liberdade, que não o ama, que o detesta!...

Canolles estremeceu, e esforçou-se por distinguir rapidamente o que havia na palavra e o que havia no pensamento. Compreendeu que era chegado o momento de se aventurar a tudo ganhar, ou tudo perder.

- Senhora - disse ele - as palavras que acaba de pronunciar, com um acento tão verdadeiro que não é possível enganar-me quanto ao seu significado, põem termo a todas as minhas incertezas. Gemendo, escrava?... Eu, o guarda de uma mulher que me não ama, que me detesta?...

Não, senhora, fique sossegada: tal não acontecerá. Eu acreditara, tamanha era a felicidade que experimentava quando a via, que lhe não era desagradável a minha presença; consolara-me com a ideia de que, depois de haver perdido a consideração, o repouso da consciência, o futuro, a honra talvez, me indemnizaria deste sacrifício concedendo-me o favor de algumas horas que sem dúvida nunca mais se me oferecerão. Tudo isso era possível, se me amasse... e até se olhasse com indiferença, porquanto é boa pessoa, e teria feito por compaixão o que outra faria por amor; mas agora não é já com a indiferença que tenho de lutar, mas com o ódio; e desde logo tudo muda. Tem razão. Perdoe-me somente, senhora, não ter compreendido que pudesse ser maçador um homem que ama com tanto ardor. A si cumpre ficar, rainha, senhora e livre, neste castelo como em qualquer outra parte; eu é que tenho de retirar-me e, portanto, retiro-me. Dentro de dez minutos terá reconquistado toda a liberdade. Adeus, senhora, adeus .para sempre!

E Canolles, numa perturbação que, de fingida que era no início, se tornara depois real e dolorosa, por fim saudou a senhora de Cambes, rodou nos calcanhares, procurando a porta com que não acertava, e repetindo a palavra adeus com um acento tão profundamente pesaroso, que, partindo do coração, penetrava o coração. As verdadeiras aflições têm, como as tempestades, uma voz que lhes é própria.

A senhora de Cambes não esperava uma tal obediência da parte de Canolles; chamara em seu socorro todas as suas forças para uma luta, e não para uma vitória; e, por seu turno, ficou confusa e atônita, vendo tanta resignação acompanhada de tanto amor; e quando o mancebo já dera dois passos para a porta, estendendo os braços ao acaso, e arrancando uma espécie de soluço, sentiu pousar-lhe no ombro uma firme mão, com pressão mais do que significativa; não lhe tocavam só, detinham-no. Voltou-se então. A senhora de Cambes estava diante dele. O seu braço, estendido com graça, ainda lhe tocava no ombro, e a momentânea expressão de dignidade que antes tinha impressa no rosto, tornara-se em delicioso sorriso.

- Então, senhor - disse ela - é assim que obedece à rainha?... Seria capaz de traiçôá-la a ponto de partir quando tem ordem de ficar aqui?... Canolles deu um grito, caiu de joelhos, e encostou a sua fronte ardente às duas mãos que ela lhe estendia.

- Oh! não sei como não morro de alegria! - exclamou ele.

- Ah! não se regozije ainda - disse a viscondessa - pois se eu o detenho é para que não nos separemos deste modo, é para que não vá com a ideia de que sou uma ingrata, é para que me desobrigue voluntariamente da palavra que lhe dei, é para que ao menos veja em mim uma amiga, visto que os nossos partidos opostos obstam a que eu jamais possa ser para si outra coisa.

- Oh! meu Deus! -queixou-se Canolles- será possível que ainda me tenha enganado outra vez?... não me ama!...

- Não falemos dos nossos sentimentos, senhor barão, mas sim dos perigos que ambos corremos se aqui ficarmos; vejamos: ou parte o senhor, ou deixa-me partir; assim é necessário.

- Que me diz, senhora!?

- A verdade. Deixe-me aqui; volte para Paris; diga a Mazarino, diga à rainha o que lhe aconteceu. Ajudá-lo-ei em tudo quanto de mim depender; parta, porém; parta!

- Mas... será preciso repetir-lho?... -exclamou Canolles.- Separar-me de si é morrer!

- Não, não, não morrerá, pois conservará a esperança de que nos tornaremos a encontrar em tempos mais felizes.

- O acaso colocou-me no seu caminho, senhora, ou, para melhor dizer, colocou-a já por duas vezes no que eu seguia; o acaso cansar-se-á, e se eu me separar de si, não tornarei jamais a encontrá-la.

- Pois então, se assim for eu é que o procurarei, senhor de Canolles.

- Oh! senhora, peça-me que morra por si; a morte é um instante de dor, nada mais. Mas não torne a pedir-me que me aparte de si. Com esta única ideia sinto despedaçar-se-me o coração. Mas peço-lhe que se lembre de que apenas a tenho visto, e pouco lhe tenho falado...

- Então, se eu lhe permitir que fique hoje aqui, se todo o dia puder ver-me e falar-me, dar-se-á por contente? Diga!

- Nada prometo.

- Em tal caso, nem eu tão-pouco. E o único compromisso que consigo tinha contraído era o de avisá-lo do momento em que tivesse de partir. Saiba pois que parto dentro de uma hora.

- Terei então que fazer tudo o que quiser? Terei de obedecer-lhe em tudo e por tudo? Terei de fazer abnegação de mim mesmo para seguir cegamente a sua vontade?... Sendo assim, já que tanto é preciso, ficará satisfeita. Já não tem diante de si mais do que um escravo pronto a obedecer-lhe. Dê-me as suas ordens, senhora.

261

Clara estendeu a mão ao barão, e com a voz mais doce e mais meiga, disse-lhe:

- Um novo acordo, em troca da minha palavra - disse ela. - Se eu não me separar de si desde este momento até às nove horas da noite, partirá às nove horas?...

- Juro-lhe que sim!

- Então, venha comigo! O céu azul! e sem nuvens, promete-nos um dia delicioso: há orvalho na relva, perfumes no ar, bálsamo nos bosques... Vem cá, Pompeu!

O digno mordomo, que sem dúvida recebera ordem de não se arredar da porta, entrou no mesmo instante.

- Os meus cavalos, para ir dar um passeio - disse a senhora de Cambes, com o seu ar de princesa. - Vou esta manhã aos lagos, e volto pela herdade, onde almoçarei... Acompanhar-me-á, senhor barão - continuou ela.

- Isto faz parte das atribuições do seu cargo, visto que recebeu de sua majestade a rainha ordem de não me perder de vista.

Uma nuvem de júbilo sufocador cegava o mancebo, e envolvia-o como aqueles vapores que outrora arrebatavam os deuses do céu; deixou-se conduzir sem oposição, e quase sem vontade; estava arquejante, embriagado, louco. Em breve, no meio de um bosque encantador, à sombra de árvores misteriosas, cujos ramos caíam flutuantes na sua fronte descoberta, abriu de novo os olhos às coisas materiais. Estava de pé, mudo, com o coração apertado de uma alegria quase tão pungente como a dor; via-se caminhando de mãos dadas com a senhora de Cambes, que estava tão pálida, tão muda, e sem dúvida tão feliz como ele.

Pompeu caminhava após eles, bastante perto para tudo ver, e convenientemente longe para nada ouvir.

termo deste dia inebriante chegou como sempre chega o fim de um sonho; as horas haviam-se passado como segundos para o afortunado gentil-homem, e, contudo, parecia-lhe que adquiria neste simples dia recordações para três existências vulgares. Cada uma das ruas do parque fora enriquecida com uma palavra, com uma lembrança da viscondessa; um olhar, um gesto, um dedo posto na boca, tudo tinha o seu significado... Entrando no barco, ela apertara-lhe a mão; quando voltara para terra, encostara-se ao seu braço; costeando o muro do parque, sentira-se cansada, e sentara-se. A cada um destes deslumbramentos, que passavam como relâmpagos diante dos olhos do mancebo, a paisagem, iluminada por um clarão fantástico, conservara-se presente na sua memória, não só no seu todo, mas também nas mais ligeiras circunstâncias.

Canolles não devia separar-se da viscondessa durante todo o dia; ao almoço convidara-o a jantar, e ao jantar convidara-o a cear. No meio de todo o esplendor com que a falsa princesa devia receber o enviado de um rei, Canolles distinguiu as meigas atenções da mulher enamorada. O mancebo esqueceu-se dos criados,

263

da etiqueta, do mundo; até se esquecera da promessa que fez de se retirar, e julgou-se estabelecido por toda a ditosa eternidade naquele paraíso terrestre, de que ele seria o Adão e ela a Eva.

Todavia, quando chegou a noite, quando a ceia também, por sua vez, acabou do mesmo modo que se tinham cumprido todos os outros actos desse dia - isto é: numa inefável alegria; quando à sobremesa uma dama de honor trouxe Pedrito, sempre disfarçado de duque de Enghien, e que se aproveitara da circunstância para comer tanto como o teriam feito quatro príncipes de sangue juntos; quando o som do pêndulo começou a ecoar, e a senhora de Cambes, levantando os olhos, ficou certa de que iam dar nove horas, disse-lhe, suspirando:

- Agora são horas.

- Horas de quê? - perguntou Canolles, diligenciando sorrir, e tentando rebater com um gracejo uma grande desgraça.

- Horas de cumprir a palavra que me deu.

- Ai! senhora - replicou Canolles, com tristeza - então de nada se esquece?...

- Talvez me tivesse esquecido, como o senhor - disse ela - mas eis algo que me restitui a memória...

E tirou da algibeira uma carta que recebera no momento de se sentar à mesa.

- De quem é essa carta? - perguntou Canolles.

- Da princesa, que me chama para junto dela.

- Quanto mais não seja, sempre é um pretexto, e tenho de agradecer-lhe a lisura com que me trata.

- Não se iluda, senhor de Canolles - respondeu a viscondessa, com uma tristeza que não tentava ocultar. - Ainda que não tivesse recebido esta carta, tê-lo-ia lembrado à hora combinada, como acabo de fazê-lo, da vossa partida. Crê que as pessoas que nos rodeiam deixariam em breve de observar a nossa mútua inteligência?.. As nossas relações, e nisto não pode deixar de concordar, não são as de uma princesa perseguida com o seu perseguidor.

264

Mas agora, se esta separação é para si tão cruel como dá a entender, permita-me que lhe diga, senhor barão, que só de si depende que não nos separemos.

- Fale! oh! fale! - exclamou Canolles.

- Pois não adivinha?...

- Oh! senhora, pelo contrário, muito bem o adivinho! Quer falar-me em acompanhá-la, e que vá consigo reunir-me à princesa. Não é isso?

- Ela própria me fala disso, nesta carta - disse com viveza a senhora de Cambes.

- Agradeço que essa lembrança não lhe ocorresse a si, e também agradeço a perturbação com que me faz tal proposta. Não que a minha consciência se indigne com a ideia de servir este ou aquele partido. Não, eu, da minha parte, não me sinto dominado por convicção alguma; quem é que, nesta guerra, pondo de parte os interessados, a pode ter? Quando a espada estiver desembainhada, que me importa a mim que o golpe seja daqui ou dali? Eu não conheço a corte, não conheço os príncipes: independente pela minha fortuna, sem ambição, nada espero nem de uns nem de outros. Sou oficial, eis tudo.

- Nesse caso, consentiria em acompanhar-me?...

- Não, senhora.

- Mas porque não, se as coisas são como as diz?

- Porque baixaria na sua estimação.
- É esse o único obstáculo que o detém?
- Juro-lho.
- Oh! então nada receie.
- A senhora mesma não acredita no que diz neste momento - replicou Canolles, levantando o dedo e sorrindo. - Um trânsfuga é sempre um traidor; a primeira palavra não soa tão mal; porém, ambas têm o mesmo valor.
- Concordo consigo, tem razão - disse a senhora de Cambes - e, portanto, não insistirei mais. Caso se encontrasse numa posição

265

neutra, teria tentado fazer com que abraçasse a causa dos príncipes; mas, sendo um enviado do rei, encarregado de uma missão de confiança por Sua Majestade a rainha-regente, e pelo primeiro-ministro, honrado com a benevolência do duque D'Épernon, que, apesar das desconfianças que eu logo concebera, o protege, segundo me asseguram, de um modo muito especial... (Canolles corou.) Serei portanto o mais discreta possível. Mas, preste-me atenção, senhor barão: nós não nos separamos para sempre, fique certo disso; tornar-nos-emos a encontrar, os meus pressentimentos assim mo dizem.

- E onde? - perguntou Canolles.
- Não o posso saber; mas decerto tornaremos a ver-nos. Canolles abanou tristemente a cabeça.
- Não o creio, senhora - disse ele.- Entre nós há guerra: isto é demasiado, quando ao mesmo tempo não há amor.
- E o dia de hoje? - perguntou num tom arrebatadora a viscondessa. - Não tem significado para si?...
- É o único em que eu tenho toda a certeza de haver vivido desde que existo no mundo.
- Então, vê perfeitamente que é um ingrato.
- Conceda-me um segundo dia semelhante a este - insistiu Canolles.
- Não posso, tenho de partir esta noite.
- Não peço para amanhã, para depois de amanhã; peço-lhe para o futuro, seja quando for. Marque o tempo que quiser, escolha o lugar que quiser, contanto que eu viva com uma certeza; muito teria ainda a sofrer se não tivesse mais do que uma esperança.
- Para onde vai agora?
- Para Paris, dar conta da minha missão.
- E depois?
- Talvez para a Bastilha.
- Mas supondo que não irá para lá...
- Volto para Libourne, onde deve estar o meu regimento.

266

- E eu para Bordéus, onde estará a princesa. Conhece alguma aldeia pouco frequentada no caminho de Bordéus para Libourne?
 - Conheço uma, cuja recordação quase que me é tão cara como Chantilly.
 - Jaulnay? - disse sorrindo a viscondessa.
 - Jaulnay - repetiu Canolles.
 - Pois então, são precisos quatro dias para chegar a Jaulnay; hoje é terça-feira; no domingo, demorar-me-ei lá todo o dia.
 - Oh! muito agradecido! - exclamou Canolles, comprimindo nos lábios a mão da senhora de Cambes, que esta não tivera o ânimo de retirar.
- Depois, passado um momento:

- E agora - disse ela- ainda temos de representar a nossa comediazinha.
- Ah, sim! a comédia que deve tornar-me ridículo aos olhos de toda a França. Mas não tenho de que me queixar: eu é que assim o quis, eu é que, se não escolhi o papel que nela represento, pelo menos preparei o desfecho que a coroa.

A senhora de Cambes baixou os olhos.

- Agora diga-me o que tenho de fazer - disse Canolles, impassivelmente.- Espero as suas ordens, e para tudo estou pronto.

Clara estava tão comovida que Canolles apercebia, sob o vestido de veludo, as palpitações desiguais e precipitadas do seu peito.

- Faz por mim um enorme sacrifício, bem o sei; mas pelo Santo Nome de Deus, pode acreditar-me! Ficar-lhe-ei eternamente agradecida. Sim, por amor de mim vai cair no desagrado da corte; sim, vai ser julgado com toda a severidade. O que lhe peço, senhor, é que tudo isso despreze, se lhe dá algum prazer o pensamento de me haver tornado feliz.

- Farei, senhora, tudo o que de mim depender.

- Creia-me, senhor barão - continuou a senhora de Cambes. - Essa fria dor a que o vejo entregue, causa-me um horrível remorso. Talvez que outras o recompensassem mais amplamente do que

267

eu faço; mas, senhor, uma recompensa que se concedesse com tanta facilidade não seria uma paga digna dos seus sacrifícios.

E, dizendo estas palavras, Clara baixava os olhos, dando um suspiro de pudico sofrimento.

- É tudo quanto tinha que me dizer? - perguntou Canolles.

- Aqui tem - disse a viscondessa, tirando do peito um retrato, que apresentou a Canolles. - Leve-o, e a cada mágoa que lhe causar este desgraçado negócio, olhe para ele, diga que, quando sofre, é por amor daquela cuja imagem tem nas mãos, e que cada um dos seus sofrimentos é pago com pesares.

- E nada mais?...

- Com estimação. -É tudo?...

- E com simpatia.

- Ah! senhora, uma palavra mais! -exclamou Canolles.- Que dificuldade pode ter em fazer-me completamente feliz?...

Clara fez um movimento rápido para o mancebo, estendeu-lhe a mão, e abriu a boca para ajuntar: "E com amor."

Mas ao mesmo tempo que abria a boca, abriram-se as portas, e o suposto capitão dos guardas apresentou-se a uma delas, acompanhado de Pompeu.

- Em Jaulnay direi o resto - disse a viscondessa.

- Da frase, ou do pensamento?

- De ambos; a frase é sempre a expressão do pensamento.

- Senhora - disse o capitão das guardas- a carruagem de Vossa Alteza está pronta para partir.

- Dê mostras de espanto - disse em voz baixa Clara a Canolles. O gentil-homem teve um sorriso de lástima que a si próprio dirigia.

- Para onde vai Vossa Alteza? - perguntou ele.

- Vou partir.

- Mas Vossa Alteza não se lembra que recebi de Sua Majestade a comissão de me não separar de si um só momento?

- Senhor, a sua comissão terminou.

268

- Que quer dizer com isso?

- Que eu não sou Sua Alteza a princesa de Conde, mas tão-somente a viscondessa de Cambes, sua primeira dama de honor. A princesa partiu ontem à noite, e eu vou ter com ela.

Canolles ficou imóvel; era visível a sua repugnância em continuar a representação desta comédia diante de uma plateia de lacaios.

A senhora de Cambes, para dar alento a Canolles, envolveu-o então num terno olhar; olhar que lhe deu alguma coragem.

- Então o rei foi enganado?!... e o duque de Enghien onde está!?

- Ordenei a Pedrito que tornasse às suas mantilhas - disse uma voz grave, à entrada do quarto.

Esta voz era a da princesa viúva, que estava em pé à porta, encostada a duas damas.

- Volte para Paris, para Nantes, para São Germano, volte para a corte, enfim: a sua comissão terminou aqui. Dirá ao rei que as pessoas perseguidas recorrem à astúcia, o que malogra o emprego da força. Contudo, tem toda a liberdade de ficar em Chantilly, para me vigiar a mim, que não saí, nem sairei deste castelo, porque tal é o meu desígnio. É tudo quanto se me oferece dizer-lhe, senhor barão; receba a minha saudação de despedida.

Canolles, vermelho de vergonha, teve apenas força para se inclinar, olhando para a viscondessa, e resmungando em tom de repreensão:

- Oh! senhora! senhora!

A viscondessa compreendeu este olhar, e ouviu as palavras.

- Permita-me Vossa Alteza - disse ela, dirigindo-se à princesa viúva- que represente ainda no espaço de um segundo o papel da princesa. Quero agradecer ao barão de Canolles em nome das ilustres pessoas que saíram desta casa, o respeito e a delicadeza com que se houve no desempenho de uma comissão tão difícil; tenho o atrevimento, senhora, de crer que Vossa Alteza é deste

269

parecer, e de esperar, por conseguinte, que se dignará juntar aos seus agradecimentos os meus.

A princesa viúva, abalada por ouvir estas palavras tão firmes, e a quem a sua profunda sagacidade talvez revelasse uma das faces deste novo segredo acrescentado ao anterior, pronunciou então, com uma voz não isenta de certa comoção, as seguintes palavras:

- De tudo o que fez contra nós, senhor, esquecimento; por tudo o que fez a favor da minha casa, reconhecimento.

Canolles pôs um joelho no chão, diante da princesa, que lhe deu a beijar aquela mão que Henrique IV tantas vezes beijara.

Era este o complemento da cena, era esta a despedida irremissível, nada mais, portanto, restava já a Canolles senão partir, tal como ia fazer a senhora de Cambes; recolheu pois, ao seu quarto, e foi à pressa escrever a Mazarino, dando-lhe parte de quanto se passara nos termos mais furibundos que lhe ocorreram: com este relatório esperava evitar os primeiros repentinos do seu sobressalto ao receber tal notícia. Depois, atravessando, não sem algum receio de por eles ser insultado, as fileiras dos criados do castelo, chegou ao pátio, onde já tinham um cavalo pronto. No momento de pôr um pé no estribo, uma voz imperiosa proferiu estas palavras:

- Façam as honras ao enviado de Sua Majestade o rei, nosso amo e senhor. Estas palavras fizeram curvar todas as frentes diante de Canolles, que depois de se ter inclinado defronte da janela onde se encontrava a princesa viúva, deu de esporas ao cavalo e desapareceu de cabeça levantada.

Castorin, desencantado do belo sonho com que Pompeu o embalara no seu falso papel de mordomo, seguiu o amo, de cabeça baixa.

IV

VOLTEMOS agora a falar de um dos intervenientes mais importantes desta história, que, montado num bom cavalo, percorre a estrada real de Paris a Bordéus, rodeado por cinco companheiros, cujos olhos se arregalam ao mais leve tinido de um saco recheado de escudos de ouro, e que o tenente Ferguzon leva o preso ao arção da sua cela. Tal "melodia" agrada e faz temer o grupo, tal como o som dos tambores e dos instrumentos alenta o soldado nas marchas.

- Não importa, não importa - dizia um dos seis homens. - Dez mil libras é uma boa soma.

- Sem dúvida - respondeu Ferguzon - que seria uma boa soma, caso daqui se não devesse nada a ninguém; mas deve-se uma companhia à princesa; "nimium satis est" - como dizia a Antiguidade o que se pode traduzir por estas palavras: - Só o demasiado-é bastante. Ora, meu querido Barrabás, nós não temos aquele famoso bastante que corresponda a demasiado.

- Sai muito caro, parecer homem de bem! - disse Cauvignac. - Toda a receita do cobrador régio se converteu em arreios, sobretudos e bordados: estamos tão brilhantes como fidalgos, e o nosso luxo chega a ponto de termos bolsas; verdade seja dita que nada tão dentro... Oh, aparência!...

271

- Assim será, capitão, quanto a nós; mas quanto a si... - replicou Barrabás - tem a bolsa e dentro dela dez mil libras.

- Amigo - disse Cauvignac - não ouviram, ou compreenderam mal o que acaba de dizer Ferguzon acerca das nossas obrigações para com a princesa... Eu não sou daqueles que se comprometem a uma coisa e fazem outra. O senhor Lenet deu-me dez mil libras para levantar uma companhia: hei-de levantá-la, que me leve o Diabo. E no dia em que ela estiver organizada, há-de dar-me outras quarenta mil. Então, se não pagar essas quarenta mil libras, veremos...

- Com dez mil libras?!... - exclamaram em coro quatro vozes irónicas. É que Ferguzon, que tinha toda a confiança no engenho do chefe, era único de toda a companhia que parecia convencido de que Cauvignac alcançaria o resultado prometido.- Espera, então, levantar uma companhia com dez mil libras?...

- Sim - disse Cauvignac - ainda que a essa quantia se tivesse de juntar alguma coisa.

- E quem é que lhe juntará alguma coisa? - perguntou uma voz.

- Não hei-de ser eu - disse Ferguzon.

- Então quem? - perguntou Barrabás.

- Ora essa não é má! O primeiro que aparecer! Ali vem um, mesmo a calhar... não o vêem lá em baixo, na estrada?... Não tardarão a vê-lo...

- Já compreendo - declarou Ferguzon.

- E nada mais? - perguntou Cauvignac.

- Sim - disse um dos cavaleiros, aproximando-se de Cauvignac - sim, compreendo muito bem que está empenhado em preencher as suas obrigações, capitão; contudo, quem sabe se não perderíamos algo ao sermos demasiado honrados. Hoje, somos necessários; mas se a companhia amanhã estivesse organizada, mandar-lhe-iam oficiais de confiança, e a nós, que tivemos o trabalho a levantá-la, despedir-nos-iam.

- Você é um grande pedaço de asno, meu amigo Carretel, e

não é esta a primeira vez que lho digo - replicou Cauvignac. - O miserável raciocínio que acaba de fazer priva-o do posto que eu lhe destinava nesta companhia, pois é evidente que nós seremos os seis oficiais de um tal núcleo de exército. Eu, Garrotei, desde logo o nomearia alferes; e agora não será mais do que sargento. Graças à pobreza que acaba de ouvir, Barrabás, e já que nada disse, é você quem ocupará aquele posto, até que, sendo enforcado Fer-guzon, seja promovido por direito de antiguidade. Mas não percamos de vista o meu primeiro soldado, que já descubro lá em baixo.

- Tem alguma ideia de quem seja aquele homem, capitão? - perguntou Ferguzon.

- Nenhuma.

- Deve ser algum burguês: usa um capote preto.

- Está certo disso?

- Pois não o vê? O vento levanta-lho de um dos lados.

- Se traz capote negro, é algum burguês rico; em tal caso tanto melhor: recrutamos para o serviço dos príncipes, e é de suma importância que a companhia se componha de boa gente. Se fosse para aquele bigorilha do Mazarino, qualquer coisa serviria; mas para os príncipes, isso já é outra coisa! Ferguzon, não se me tira da cabeça que a minha companhia me fará honra, como diz Falstaff.

O grupo deu de esporas para alcançar o burguês, que ia muito pacificamente seguindo o seu caminho pelo meio da estrada.

Quando aquele digno homem, que montava numa boa mula, deu pelos belos cavaleiros a galope, parou respeitosamente, chegando-se para o lado da estrada, e saudando Cauvignac.

- O homem é cortês - disse este. - Isto já é bom presságio. Mas não sabe fazer a continência militar; ensinar-lha-emos.

Cauvignac respondeu à sua saudação; depois, colocando-se ao seu lado, ombro com ombro:

- Digne-se dizer-nos, senhor, se ama o rei.

- Que dúvida pode haver nisso! ?... - respondeu o burguês.

- Às mil maravilhas! -volveu Cauvignac, arregalando os olhos arrebatados de júbilo. - E a rainha?

- A rainha!... Venero-a de todo o meu coração!

- Cada vez melhor! E Mazarino?

- Mazarino é um grande homem, senhor, e admiro-o!

- Cada vez melhor ainda. Então -continuou Cauvignac-tivemos a sorte de encontrar um bom servidor de Sua Majestade

- Disso, meu senhor, faço questão!

- E pronto a testemunhar-lhe o seu zelo...

- Em toda e qualquer ocasião.

- E como isto vem tanto a propósito! O certo é que só as estrelas reais podem oferecer tão felizes encontros.

- Que quer dizer com isso? - perguntou o burguês, principiando a olhar para Cauvignac com uma certa desconfiança.

- Quero dizer, senhor, que tem de acompanhar-nos. O burguês deu um salto na cela, de surpresa e susto:

- Acompanhá-los aonde, senhor?

- Para dizer a verdade, ainda não sei muito bem aonde vamos.

- Eu, senhor, só costumo viajar em companhia de pessoas a quem conheço!

- É muito justo, que assim deve fazer todo o homem prudente; vou, por

consequente, dizer-lhe quem nós somos.

O burguês fez um movimento, que dava indício de já o haver adivinhado; Cauvignac continuou sem dar mostras de ter reparado nesse movimento.

- Eu sou - disse ele- Rolando de Cauvignac, capitão de uma companhia - ausente, verdade seja- mas dignamente representada por Luís Gabriel Ferguzon, meu tenente; por Jorge Guilherme Barrabás, meu alferes; por Zeferino Garrotei, meu sargento; e por estes dois senhores, um dos quais é meu furriel, e o outro meu quartel-mestre. Agora, senhor, ficou a conhecer-nos - continuou Cauvignac com ar muito risonho - e alegro-me de que nenhuma antipatia terá para connosco.

274

Mas, senhor, eu já servi Sua Majestade na guarda urbana e pago pontualmente os meus tributos, taxas, imposições, etc... - respondeu o burguês.

- E por isso, senhor -continuou Cauvignac- não é para o serviço de Sua Majestade que pretendo alistá-lo, mas sim para o dos príncipes, de quem sou indigno representante.

- Para o serviço dos príncipes inimigos do rei?!... -exclamou o burguês, cada vez mais atónito. - Qual é, pois, o motivo por que me perguntava se amava Sua Majestade?

- Porque, senhor, se não amasse o rei, se acusasse a rainha, se blasfemasse de Mazarino, eu de modo nenhum o teria desviado das suas ocupações; seria então para mim tão sagrado como se meu irmão.

- Mas enfim, senhor... eu não sou um escravo, não sou um servo!...

- Não, senhor: é soldado; isto é, tem inteira liberdade para chegar a ser capitão, como eu, ou marechal da França, como o senhor de Turenne.

- Senhor, tenho advogado muitas causas na minha vida.

- Ah! tanto pior, senhor, tanto pior; o hábito das demandas é um mau hábito. Eu nunca as tive, senhor, e o motivo disso talvez seja porque estudei para ser letrado.

- Eu, porém, advogando, aprendi as leis do Reino...

- Para isso é preciso muito tempo. Saiba, senhor, que desde as Pandectas de Justiniano até ao acento do Parlamento que declara, por motivo da morte do marechal d'Ancre, que nunca poderá um estrangeiro ser ministro de Estado em França, há dezoito mil setecentas e setenta e duas leis, sem contar os ordenanças; mas enfim há mentes privilegiadas que têm uma memória espantosa. Pico de Ia Mirandola falava doze línguas aos dezoito anos... E que fruto colheu do conhecimento dessas leis, senhor?

- O fruto, sim, o fruto de saber que sem autorização não se anda obrigando pelas estradas a assentar praça.

275

- Eu estou munido de uma autorização, senhor... Ei-la aqui.

- Da senhora princesa?...

- De Sua Alteza em pessoa.

E Cauvignac tirou o chapéu com todo o respeito.

- Pelo que vejo há dois reinos, na França!...-exclamou o burguês.

- Sim, senhor, e eis a razão por que tenho a honra de lhe pedir preferência, porque considero um dever alistá-lo para o seu serviço.

- Eu apelarei para o Parlamento!

- Não há dúvida de que é um terceiro rei, e também terá provavelmente ocasião de servi-lo. A nossa política é larga. Vamos, a caminho, senhor!

- Mas isto é impossível, senhor! Esperam-me para certos negócios. ..

- Onde?

- Em Orleães.
- E quem o espera?
- O meu procurador.
- E para que negócios?
- Para negócios de dinheiro.
- O primeiro negócio é o serviço do Estado, senhor!
- Acaso não podem passar sem mim?
- Nós contávamos consigo! E far-nos-á muita falta, na verdade! Contudo, se, como diz, se encaminhava a Orleães para negócios de dinheiro...
- Sim, senhor, para negócios de dinheiro.
- E que quantia?
- De quatro mil libras.
- Que ia receber?
- Não, que ia pagar.
- Ao seu procurador?
- Precisamente, senhor.
- Por alguma demanda que ganhou, não?

276

- Por uma demanda perdida.
- Com efeito, isso é coisa digna de consideração... Quatro mil libras!...
- Quatro mil libras.
- É justamente a quantia que desembolsaria, caso os príncipes consentissem que os seus serviços fossem substituídos pelos de um mercenário.
- Essa agora! Poderei achar um homem que me substitua por trezentas libras, eu...
- Quem substitua um homem da sua catadura, que monte uma mula com os pés para fora como o senhor, que saiba dezoito mil e setecentas e setenta e duas leis?!... Ora! Deixemo-nos disso, senhor! Se fosse algum homem comum, sim, trezentas libras seriam sem dúvida suficientes; mas se nos contentássemos com substitutos ordinários, não valeria a pena fazer concorrência ao rei. Precisamos de homens do seu mérito, da sua graduação, e da sua estatura. Que diabo! Não se menospreze: parece-me que vale bem as quatro mil libras!
- Vejo perfeitamente qual é o seu fito! - exclamou o burguês. - Um roubo à mão armada!
- Senhor, insulta-nos - disse Cauvignac - e esfolá-lo-íamos em vida para reparação desse insulto, se não nos gabássemos de que os exércitos dos príncipes conservam a boa reputação de que gozam. Não, senhor: dê-nos as suas quatro mil libras, mas não acredite que isto seja uma extorsão; nada mais é do que uma necessidade.
- E quem há-de então pagar ao meu procurador!? - Nós.
- Os senhores? Mas, entregar-me-ão um recibo dele?...
- Sim, senhor, um recibo em forma.
- Assinado por ele?
- Assinado por ele.
- Então, isso é outra coisa.

277

- Bem o vê. Aceita, então.- Que remédio tenho eu, visto que o não posso evitar.
- Agora, diga-nos onde vive o procurador, e dê-nos algumas informações mais, que são indispensáveis.
- Já lhes disse que era uma condenação em resultado de uma demanda

perdida.

- Contra quem?
- Contra um certo Biscarros, que é autor nesta demanda como herdeiro da mulher, que era orleanesa.
- O caso é digno de atenção! - disse Ferguzon. Cauvignac fez um aceno sorrateiro com os olhos, que queria dizer: "Nada receies, que eu estou alerta."
- Biscarros - continuou Cauvignac - não é um estalajadeiro dos arredores de Libourne?
- É esse mesmo, que tem a sua habitação entre essa cidade e Saint-Martin de Cubzac.
- Na estalagem Bezerro de Ouro?
- Ali mesmo. Conhece-o? -Tenho ouvido falar dele.
- Que miserável! Fazer-me condenar ao reembolso de tal soma!...
- Que lhe não devia?...
- Não tanto assim... mas que tinha toda a esperança de nunca lhe pagar.
- Muito bem, compreendo que isso é coisa dura.
- E por isso dou-lhe a minha palavra que prefiro ver esse dinheiro nas vossas mãos do que nas dele.
- Sendo assim, julgo que ficará satisfeito.
- Mas, e o meu recibo?
- Venha connosco, e recebê-lo-á em boa firma.
- Como farão para almoçar?
- Isso fica por minha conta.

Foram continuando a caminhar para Orleães, aonde chegaram passadas duas horas. O burguês conduziu os angariadores de recrutas

278

para a estalagem mais vizinha do seu procurador. Era um verdadeiro covil de bandoleiros, em cuja tabuleta se via pintada uma pomba com este letreiro: "A Pomba da Arca".

- Agora - disse o burguês - como faremos? Bem que eu não queria desapossar-me das minhas quatro mil libras, a não ser em troca do recibo.
- Nisso não haverá a mínima dúvida. Conhece a letra do seu procurador?
- Perfeitamente.
- Quando lhe apresentarmos o seu recibo, não terá então dificuldade alguma em nos entregar o dinheiro?
- Nenhuma! Mas sem dinheiro, o meu procurador não quererá passar recibo: eu conheço-o muito bem.
- Eu adiantarei esta quantia - disse Cauvignac.

E no mesmo instante, tirando dos alforjes quatro mil libras, parte em ouro e parte em prata, enfileirou as pilhas sob os olhos espantados do burguês.

- Agora - disse ele - como se chama o seu procurador?
- Chama-se Rabodin.
- Ora, pois, pegue numa pena e escreva. O burguês obedeceu.

Senhor Rabodin:

Envio-lhe as quatro mil libras de despesas e juros que fui condenado a pagar ao senhor Biscarros, e estou desconfiado que queira fazer delas mau uso. Tenha a bondade de entregar ao portador um recibo em forma...

- E que mais? - perguntou o burguês.
- E que mais!? Ponha-lhe a data e a assinatura. O burguês assim fez.
- Agora - disse Cauvignac a Ferguzon- pega nesta carta e neste dinheiro, disfarça-te em maleiro, e vai a casa do procurador.

279

- E que farei em casa do procurador?
- Entregar-lhe-ás esta quantia, e arrecadarás o recibo. -É tudo?
- É tudo.
- Não posso compreender.
- Tanto melhor, por isso mesmo será mais bem desempenhada a comissão.

Ferguzon tinha grande confiança no capitão, e por isso, sem mais réplica, encaminhou-se para a porta.

- Manda-nos trazer vinho, e do melhor - disse Cauvignac. - O senhor há-de ter sede.

Ferguzon fez uma cortesia em sinal de obediência e saiu. Meia hora depois, voltou, e encontrou Cauvignac sentado à mesa com o burguês, fazendo ambos honra ao famoso vinho de Orleães, que tão grato era ao paladar gascão de Henrique IV.

- E então? - perguntou Cauvignac.
- E então, eis o recibo.
- Virá na forma que pretendíamos?

E Cauvignac entregou ao burguês o pedaço de papel selado.

- Vem, sim.
- O recibo está então em forma...
- Sem dúvida alguma que está.
- Não tem, portanto, pejo algum em dar-me o seu dinheiro em troca deste recibo?
- Nenhum.
- Dê-mo então.

O burguês contou as quatro mil libras; Cauvignac arrecadou-as nos seus alforjes, onde foram ocupar o lugar das quatro mil libras ausentes.

- Bem... estou resgatado?...- disse o burguês.
- Oh! meu Deus, sim! A não ser que esteja absolutamente decidido a assentar praça.
- Eu pessoalmente não; mas...

280

- Mas o quê? Vejamos - disse Cauvignac.-Tenho cá um certo pressentimento de que não nos separaremos sem termos concluído outro negócio.
- É possível -aceitou o burguês, completamente sossegado com a posse do recibo. - Tenho, porém, um sobrinho...
- Hum... hum...
- Rapaz indócil e bulhento.
 - E de quem quereria desembaraçar-se, não é assim?
 - Tanto não quero dizer; mas de quem, no meu entender, se poderia fazer um excelente soldado.
- Diga-lhe que venha ter comigo, que eu farei dele um herói.
- Alistá-lo-ia?
- Com todo o gosto.
- Tenho também um afilhado... um rapaz de mérito que quer tomar ordens sacras, e pelo qual me vejo obrigado a pagar uma avultada pensão...
- De maneira que preferia que ele tomasse uma espingarda, não é assim? Envie-me o afilhado com o sobrinho, isso custar-lhe-á apenas quinhentas libras por ambos, e nada mais.
- Quinhentas libras?! Não posso compreender...
- Sem dúvida; e é preciso pagar logo que entrarem no serviço.
- Então, porque quer que eu pague para não entrar nele?
- São razões particulares; o seu sobrinho e o afilhado pagam cada um deles duzentas e cinquenta libras, e nunca mais o importunarão.
- Realmente, é muito lisonjeiro o que me diz. E estarão eles bem?

- Uma vez que tenham tomado gosto ao serviço sob as minhas ordens, não trocarão a sua posição pela do imperador da China. Pergunte a estes senhores como eu os alimento. Responde, Bar-rabás; responde, Carrotel!
- Não há dúvida - disse Barrabás- que vivemos como uns fidalgos.
- Veja como andam bem vestidos.

281

Garrotei fez uma pirueta sobre si mesmo, a fim de mostrar por todos os lados o seu esplêndido traje.

- O certo é que não se pode deixar de admirar o seu asseio.
- Então? Enviar-me-á os seus dois rapazes?
- Boa vontade tenho disso. Demorar-se-ão muito tempo aqui?
- Não; pôr-nos-emos a caminho amanhã de manhã. Mas, para lhes dar tempo de nos alcançarem, iremos caminhando a passo. Dê-nos as quinhentas libras, e é negócio concluído.
- Não tenho mais que duzentas e cinquenta.
- Dar-lhe-á a eles as outras duzentas e cinquenta libras, e isso servir-lhe-á de pretexto para mós enviar, pois se assim não fosse, se não tivéssemos algum pretexto para fazê-lo, como bem compreende, eles desconfiariam de alguma coisa.
- Mas - disse o burguês- talvez me respondam que basta um só para desempenhar essa comissão.
- Dir-lhe-á que os caminhos não estão seguros, e dará a cada um cento e vinte e cinco libras, de que depois será embolsado pelo respectivo soldado.

O burguês arregalou os olhos de maravilhado.

- Na verdade - disse ele- não há senão os militares para vencer quantas dificuldades possam apresentar-se!

E depois de ter contado as duzentas e cinquenta libras a Cau-vignac, retirou-se, encantado por haver arranjado processo de acomodar, pela diminuta soma de quinhentas libras, um sobrinho e um afilhado, com quem despendia mais de mil francos por ano.

VI

- senhor Barrabás - disse Cauvignac - não tem (na sua mala algum fato menos elegante do que o que usa, e que lhe dê ares de algum empregado na cobrança dos impostos?... - Tenho o do cobrador, bem sabe, a quem nós...
- Bem, muito bem! E sem dúvida tem a patente dele...

- O tenente Ferguzon disse-me que não a perdesse, e, portanto, guardei-a com todo o cuidado.

- O tenente Ferguzon é o homem mais previdente que tenho conhecido. Vista o fato de recebedor, e pegue nessa patente.

Barrabás saiu e voltou passado dez minutos, completamente transformado.

Encontrou Cauvignac todo vestido de preto, parecendo um oficial de justiça.

Encaminharam-se ambos para casa do procurador; o senhor Rabodin vivia no terceiro andar, onde tinha uma antecâmara, um escritório e um gabinete; sem dúvida que mais alguns quartos ocupava, mas como não estavam abertos aos clientes, não falaremos deles.

Cauvignac atravessou a antecâmara, deixou Barrabás no escritório, e lançou ao passar um olhar de reconhecimento aos dois

283

escreventes, que fingiam estar escrevinhando, mas que se divertiam a contar petas, e passou para o "sanctum sanctorum".

O senhor Rabodin estava sentado a uma mesa tão carregada de maços de papéis que o procurador parecia na realidade enterrado em meios de autos, escrituras e sentenças. Era um homem alto, seco e pálido, com uma casaca preta tão justa que parecia colada aos ombros, tal como a pele da enguia lhe está pegada ao corpo. Ouvindo o ruído dos passos de Cauvignac, endireitou as costas curvas, e levantou a cabeça, que então surgiu por entre a papelada de que estava rodeado.

Cauvignac acreditou por um momento ter encontrado o basilisco, animal que os sábios modernos olham como fabuloso, tanto refulgia nos pequenos olhos do procurador o sombrio esplendor da avidez e da cobiça.

- Senhor - disse Cauvignac - peço-lhe que me desculpe se me apresento deste modo diante de si sem primeiro anunciar a minha chegada; mas - acrescentou ele - é este um privilégio do meu emprego.

- Um privilégio do seu emprego? - disse Rabodin. - Tenha a bondade de dizer-me qual é o seu emprego.

- Eu, senhor, sou oficial de justiça de Sua Majestade.

- Oficial de justiça de Sua Majestade?! -Tenho essa honra.

- Não o compreendo, senhor.

- Em breve me compreenderá. Não é verdade que conhece o senhor Biscarros?

- Sem dúvida que o conheço: é meu cliente.

- Faça o favor de dizer-me o conceito que dele faz?

- O conceito que dele faço?...

- Sim, senhor.

- O conceito... o conceito... Sim, o conceito que dele faço é julgá-lo um homem muito honrado.

- Ora, pois, senhor, está muito enganado.

284

- Como assim!? Pois engano-me?!

- O seu honrado homem é um rebelde. -Um rebelde?! Será possível!?

- Sim, senhor, um rebelde que se valia da posição isolada da sua estalagem para dela fazer um foco de conspirações.

- Palavra!?

- Um homem que deu a sua palavra de envenenar o rei, a rainha e Mazarino, se por acaso se apeassem na sua estalagem.

- Quem havia de dizer!...

- E que eu acabo de prender, e conduzir à prisão de Libourne, como réu de crime de lesa-majestade.

- Senhor, aniquila-me! - disse Rabodin, deixando-se cair na sua poltrona.

- Ainda não é tudo, senhor - continuou o falso oficial de justiça. - Além disto, o senhor está comprometido neste negócio.

- Eu, senhor?! - exclamou o procurador, enfiado. - Eu, comprometido?! E como é possível!?

- Tem em seu poder uma certa soma, que aquele infame Bis-carros destinava ao pagamento de um exército de rebeldes.

- Verdade é, senhor, que recebi por conta dele...

- Uma soma de quatro mil libras; foi "tratado", aquele cobarde, e confessou, por fim, que essa soma devia estar nas suas mãos.

- E com efeito tenho-a em meu poder, senhor; mas há apenas um instante que a recebi.

- Tanto pior, senhor, tanto pior.

- E então porque será tanto pior?

- Porque me verei forçado a deter a sua pessoa. -A minha pessoa?!

- Sem dúvida: o acto de acusação designa-o como cúmplice. O procurador ficou sem pinga de sangue.

- Ah! se não tivesse recebido aquele dinheiro - continuou Cauvignac - o

negócio seria muito diferente; porém, confessa que

285

a recebeu, o que é uma prova contra si, como muito bem compreende.

- Diga-me, senhor: se eu consentir em restituí-la, se eu lha entregar, neste mesmo instante, se eu declarar que nenhuma relação tenho com aquele miserável do Biscarros, que não o conheço!...

- Não deixará por isso de haver graves suspeitas contra si. Contudo, devo dizer-lhe que a entrega imediata do dinheiro...

- Já agora, neste mesmo instante!-exclamou Rabodin.-Faço já a entrega. O dinheiro ainda ali está no saco em que mo entregaram. Mais não fiz do que examinar se estava certa a conta.

- E está certa?

- Conte-o, senhor, conte-o o senhor mesmo.

- Não, senhor, tal não farei, pois não estou autorizado a cobrar o dinheiro de Sua Majestade. Mas trago o cobrador de Libourne, que mandaram comigo para receber as diferentes quantias que o desgraçado Biscarros assim andava espalhando, para as reunir quando fosse preciso.

- E, com efeito, recomendou-me muito que logo que eu recebesse estas quatro mil libras, tratasse de as fazer chegar às suas mãos quanto antes.

- Está bem de ver, sabe já sem dúvida que a princesa fugiu de Chantilly e se encaminha para Bordéus; queira reunir todos os seus recursos para se fazer chefe de partido. Que miserável! E o senhor de nada desconfiava...

- De nada, senhor, de nada.

- Ninguém o havia avisado?

- Ninguém.

- Mas que me está dizendo?...- disse Cauvignac, apontando com o dedo para a carta do burguês, que ficara aberta na escrivaninha, no meio dos outros papéis. - Então que me está dizendo, quando o senhor mesmo me dá uma prova em contrário?...

- Como?... Que prova?

- Ora, essa não é má! Leia.

286

Rabodin leu com voz trémula: Senhor Rabodin:

Envio-lhe as quatro mil libras que fui condenado a pagar ao senhor Biscarros, e estou desconfiado de que queira fazer delas mau uso.

- Um mau uso! - repetiu Cauvignac. - Como muito bem vê, a horrorosa reputação do seu cliente já por cá havia chegado.

- Senhor, estou aterrado! - disse o procurador.

- Não posso ocultar-lhe, senhor, que as ordens de que sou portador são muito severas.

- Juro-lhe, senhor, que estou inocente.

- Outro tanto dizia Biscarros, enquanto lhe não deram tratos; mas, por fim, sempre mudou de linguagem.

- Digo-lhe que estou pronto a entregar-lhe o dinheiro! Ei-lo aqui, pegue nele; não quero mais vê-lo em minha casa.

- Façamos as coisas com toda a regularidade - disse Cauvignac. - Eu repito o que já lhe disse: que não estou encarregado de cobrar o dinheiro do rei.

Então, aproximando-se da porta:

- Venha cá, senhor recebedor - disse ele. - Cada qual deve desempenhar o seu ofício.

Barrabás entrou.

- O senhor confessa tudo - continuou Cauvignac.

- Como pode dizer tal!? Que confesso eu!? - exclamou o procurador.
- Sim, confessa que se corresponde com Biscarros.
- Eu, senhor, nunca recebi dele senão duas cartas, e só uma vez lhe escrevi.
- O senhor confessa que tem na sua mão dinheiro que pertence ao acusado.

287

- Ei-lo aqui, senhor. Nunca recebi por conta dele mais do que estas quatro mil libras, e estou pronto a entregar-lhes.
- Senhor recebedor - disse Cauvignac - mostre a sua patente, conte este dinheiro, e passe um recibo em nome de Sua Majestade.
- Barrabás apresentou a sua patente ao procurador, que a repeliu com a mão, não querendo fazer a desfeita de a ler.
- Agora - disse Cauvignac, enquanto, com receio de algum engano, Barrabás contava o dinheiro - é preciso que me acompanhe.
- Que o acompanhe?...
- Sem dúvida; não lhe disse já que havia suspeitas contra si?
- Mas eu, senhor, juro-lhe que Sua Majestade não tem um súbdito mais fiel do que eu.
- O caso não está em afirmá-lo, sabe-o melhor que ninguém, o senhor, que sois procurador; em justiça não é bastante a afirmativa- são precisas provas.
- Provas, senhor, eu as darei.
- E quais?
- Toda a minha vida passada.
- Isso ainda não basta; seria precisa uma garantia para o futuro.
- Indique-me o que posso fazer, e fá-lo-ei.
- Há um meio de provar de um modo incontestável o seu zelo pela causa real.
- Qual?
- Encontra-se neste mesmo momento em Orleães um capitão meu amigo que alista uma companhia para o serviço do rei...
- E então?
- E então, assentaria praça nessa companhia.
- Eu, senhor, um procurador?!...
- O rei tem muita necessidade de procuradores, porque os seus negócios estão muito embrulhados.
- De boa vontade o faria, senhor, mas, e o meu escritório?...

288

- Fá-lo-á reger pelos seus escrivães.
- Isso é impossível; e então as assinaturas?
- Perdoem-me, senhores - disse Barrabás - se tomo parte na discussão...
- E porque não? - disse o procurador. - Fale, senhor, fale.
- Parece-me que, se estivesse no seu lugar, o senhor, que seria um triste soldado...
- Sim, senhor, tem razão: muito triste - disse o procurador.
- Se o senhor oferecesse ao meu amigo, ou antes, ao rei...
- O quê, senhor! Que posso eu oferecer ao rei?
- Os seus dois escrivães.
- Mas decerto! - exclamou o procurador - mas decerto, e com sumo gosto eu lhos dou; são dois belos moços.
- Um deles pareceu-me uma criança.
- Tem quinze anos,, senhor, quinze anos! E toca tambor às mil maravilhas. Venha cá, Fricotin.

Cauvignac fez um sinal com a mão, para dar a entender que desejava que deixasse ficar Fricotin onde estava.

- E o outro? - continuou ele.

- Dezoito anos; cinco pés e seis polegadas. Prepara-se para assentar praça no corpo dos alabardeiros, e, por conseguinte, já sabe o manejo da alabarda. Venha cá, Chalumeau.

- Mas muito torto nos olhos, segundo me parece - disse Cauvignac, fazendo outro sinal semelhante ao primeiro.

- Tanto melhor, senhor, tanto melhor; pô-lo-á de sentinela, e como olho de esquerda, verá ao mesmo tempo para a direita e para a esquerda, enquanto os outros vêem para diante.

- É uma vantagem, bem sei; mas deve compreender que o rei se encontra em grande aperto quanto a dinheiro; a guerra a tiros de canhão custa mais cara do que a guerra de palavras. O rei não pode encarregar-se do armamento destes dois mancebos. Não faz pouco em se encarregar da sua instrução, do seu soldo.

- Senhor - disse Rabodin - se não é preciso mais do que isso

289

para provar o meu zelo pela causa real... ora, pois, eu farei um sacrifício! Cauvignac e Barrabás olharam um para o outro.

- Que lhe parece, senhor recebedor? - perguntou Cauvignac.

- Penso que o senhor dá ares de quem fala com franqueza-respondeu Barrabás.

- E, por conseguinte, devemos tratá-lo com toda a consideração. Dê ao senhor um recibo de quinhentas libras.

- Um recibo em que se declare que são para o armamento de dois jovens soldados, os quais, instigado pelo zelo, oferece a Sua Majestade.

- Mas ao menos, mediante este sacrifício, poderei ficar sossegado?...

- Assim o creio.

- Não serei inquietado?

- Assim é de esperar.

- E se contra toda a justiça eu fosse perseguido?

- Apelaría para o meu testemunho. Mas estarão de acordo os seus dois escrivães?...

- Ficarão contentíssimos.

- Está certo disso?

- Sem dúvida que estou. Contudo, seria bom não lhes dizer...

- A honra que se lhes reserva, não é assim?

- Isso seria mais prudente.

- E então como se há-de fazer?

- A coisa é muito simples: envio-os ao vosso amigo. Como se chama ele?

- Capitão Cauvignac.

- Enviá-los-ei ao vosso amigo capitão Cauvignac, sob qualquer pretexto; seria melhor que fosse fora de Orleães, para permitir maior sigilo.

- Sim, e para que os orleaneses não se lembrassem de açoitá-lo como Camilo mandou fazer àquele mestre-escola da Antiguidade...

290

- Ordenar-lhes-ei que vão ter com ele fora da cidade.

- Na estrada real de Orleães e Turones, por exemplo.

- Na primeira estalagem.

- Sim; aí encontrarão o capitão Cauvignac, à mesa; oferecer-lhes-á um copo de vinho, aceitá-lo-ão, dir-lhes-á que façam uma saúde ao rei, beberão com entusiasmo: e ei-los soldados.

- Muito bem. Agora, pode chamá-los.

O procurador chamou os dois mancebos. Fricotin era um rapazinho que não tinha mais de quatro pés de altura, vivo, travesso, e reforçado; Chalumeau era um grande simplório de cinco pés e seis polegadas, delgado como um espargo e vermelho como uma cenoura.

- Senhores - disse Cauvignac - aqui o senhor Rabodin encarrega-os de uma comissão de confiança, a qual consiste em irem buscar, amanhã pela manhã, à primeira estalagem que se encontra na estrada de Orleães a Blois, um rolo de documentos relativos a uma demanda que o capitão Cauvignac tem com o senhor de La Rochefoucauld. O senhor Rabodin dará a cada um vinte e cinco libras de gratificação por este trabalho.

Fricotin, rapaz crédulo, deu um grande pulo. Chalumeau, de carácter desconfiado, olhou ao mesmo tempo para Cauvignac e para o procurador, com uma expressão de dúvida que o tornava ainda mais vesgo do que o costume.

- Repare, porém - disse com viveza Rabodin - que eu não me obriguei a dar as cinquenta libras...

- Cuja quantia - continuou o falso oficial de justiça - o senhor Rabodin se pagará lançando-a em conta nas despesas do processo do capitão Cauvignac com o duque de La Rochefoucauld.

Rabodin abaixou a cabeça: daqui não podia fugir, era necessário passar por esta porta ou pela prisão.

- Vamos - disse o procurador - consinto nisso, mas espero que me darão um recibo da dita quantia.

291

- Ei-lo aqui - disse o recebedor. - Veja se eu não havia previsto o seu desejo.

E entregou-lhe o papel, onde estavam escritas estas palavras:

Recebi do senhor Rabodin, mui fiel súbdito de Sua Majestade, a título de oferecimento voluntário, a quantia de quinhentas libras para ajuda na sua guerra contra os príncipes.

- Se lhe parece necessário - disse Barrabás - porei os dois escrivães no recibo.

- Não, não! - disse com viveza o procurador - está muito bem assim.

- A propósito-recordou Cauvignac ao senhor Rabodin.-Diga a Fricotin que pegue no seu tambor, e a Chalumeau que leve a sua alabarda; sempre será outra poupança.

- Mas sob que pretexto quer que lhes faça essa recomendação?

- Ora, essa não é má!... sob pretexto de se irem distraíndo pelo caminho!

Dito isto, o falso oficial de justiça e o recebedor retiraram-se, deixando o senhor Rabodin espantado pelo perigo que correra, e dando-se por muito feliz ao sair dele por tão pouco.

No dia seguinte, tudo se passou como Cauvignac previra: o sobrinho e o afilhado não tardaram a chegar, ambos montados no mesmo cavalo; depois deles, chegaram Fricotin e Chalumeau, um com o seu tambor e o outro com a alabarda. Não deixaram de se levantar, no momento em que lhes declararam que tinham a honra de ser alistados para o serviço dos príncipes, algumas dificuldades, tanto de uma como de outra parte; mas estas mesmas se aplanaram ante as ameaças de Cauvignac, as promessas de Ferguzon, e a lógica de Barrabás. O cavalo em que o sobrinho e o afilhado vinham montados, foi destinado ao transporte da bagagem, e como era de infantaria a companhia que Cauvignac estava encarregado de organizar, os dois novos alistados nada tiveram que dizer.

Tornaram a pôr-se a caminho. A marcha de Cauvignac assemelhava-se a um triunfo. O engenhoso bandoleiro encontrava meio de conduzir para a guerra

os mais obstinados partidaristas da paz. A uns fazia abraçar a causa do rei da Inglaterra, que falava de um desembarque na Escócia para reconquistar os seus estados. Ao princípio, não deixou de haver alguma disparidade nas cores, alguma discordância nas reclamações, que o tenente Ferguzon,

293

apesar de toda a sua persuasão, só a custo pudera sujeitar às regras da obediência passiva. Contudo, ajudado por um certo mistério - contínuo e necessário, segundo dizia Cauvignac, ao feliz êxito da operação - soldados e oficiais iam avançando, sem saberem o que iam fazer. Quatro dias depois de sair de Chantilly, Cauvignac tinha reunido vinte e cinco homens, o que, como muito bem se vê, já compunha uma bela patrulha. Muitos rios, que fazem grande alvoroço ao lançarem-se ao mar, têm origens menos majestosas.

Cauvignac procurava um centro: chegou a uma aldeiazinha situada entre Chantellerault e Poitiers, e acreditou ter encontrado ali o que buscava. Era a aldeia de Jaulnay; reconheceu-a, porque já ali fora uma noite levar uma ordem a Canolles, e estabeleceu o seu quartel-general na estalagem, onde se recordava de haver ceado muito bem naquela noite. Além disso, não lhe era permitida a escolha, visto que a estalagem, como já dissemos, era a única que ali havia.

Situado deste modo a cavalo na principal estrada de Paris a Bordéus, Cauvignac tinha atrás de si as tropas do senhor de La Rochefoucauld, que sitiava Saumur, e pela frente as do rei, que se concentravam na Guiena. Estendendo, portanto, a mão a cada um deles, evitando arvorar bandeira alguma antes do momento ideal, o objectivo que se propunha era formar um núcleo de cem homens, pouco mais ou menos, para dele tirar o melhor partido que pudesse; ora, o recrutamento ia-se adiantando, e Cauvignac já havia levado a efeito quase metade do seu projecto.

Um dia em que Cauvignac, depois de haver andado toda a manhã à caça de homens, estava, como era seu costume, à espreita na porta da estalagem, conversando com o seu tenente e com o alferes, viu surgir na extremidade da rua uma jovem senhora a cavalo, seguida por um escudeiro, a cavalo como ela, e por dois machos carregados de bagagem.

O garbo com que a formosa amazona conduzia o seu cavalo, e o ar arrogante do escudeiro que a acompanhava, suscitaram

294

a Cauvignac uma recordação. Pôs a mão no braço de Ferguzon, que, sentindo-se indisposto naquele dia, estava triste e de mau humor, e disse-lhe, apontando para a passageira:

- Eis o quinquagésimo soldado do regimento de Cauvignac, tão certo como estarmos aqui!

- Quem? Aquela senhora?

- Sim, ela, não o duvides.

- Isto não está nada mal! Já temos um sobrinho que havia de ser letrado, um afilhado que se destinava à Igreja, dois escreventes de procurador, dois droguistas, um médico, três padeiros e dois guardadores de perus; portanto, maus soldados já temos bastantes, no meu entender, sem que se lhes junte uma mulher; e o pior do negócio é que em breve teremos de combater.

- Sim, mas o nosso tesouro ainda não passa de vinte e cinco mil libras (fácil é de ver que o tesouro, assim como a tropa, crescendo todos os dias), e se pudéssemos arredondar essa quantia, e completar as trinta

mil, parece-me que não teríamos que dar por mal empregue o nosso tempo.

- Ah! se é sob esse aspecto que encara a coisa, nada tenho que dizer, e aprovo completamente.

- Silêncio! Vais ver.

Cauvignac aproximou-se da jovem senhora, que, tendo parado defronte de uma das janelas da estalagem, interrogava a estalajadeira, a qual lhe respondia do quarto.

- Sou um seu criado, meu gentil-homem - disse ele com toda a urbanidade, levando a mão ao chapéu.

- Meu gentil-homem, eu!? - disse a senhora, sorrindo-se.

- O senhor mesmo, belo visconde. A senhora corou.

- Não sei o que quer dizer, senhor - respondeu ela.

- Oh! oh! bem o sabe, e a prova disso é que já tem nas faces bastantes cores.

- Pode ter a certeza de que se engana, senhor.

295

- Decerto que não me engano! Antes pelo contrário, sei maravilhosamente o que digo.

- Vamos, senhor, explique-se, nada de zombarias.

- Eu não zombo, senhora; e se quer uma prova, vou dar-lha. Tive a honra de encontrá-la haverá umas três semanas, com o traje do seu sexo, uma noite, nas margens do Dordonha, seguido pelo seu fiel escudeiro, senhor Pompeu. Tem ainda consigo o senhor Pompeu? Ah! sim, ei-lo justamente aí! Diga também que eu não conheço aquele querido senhor...

O escudeiro e a jovem senhora olhavam estupefactos um para o outro.

- Sim, sim - continuou Cauvignac - para que são essas mostras de tamanho espanto? Atrever-se-á a dizer que não é aquele que encontrei, como muito bem o sabe, na estrada de Saint-Martin de Cubzac, a um quarto de légua da estalagem do senhor Biscarros?...

- Não nego esse encontro, senhor.

- Ah! então está a ver claro...

- Só naquele dia é que eu estava disfarçada.

- Não, senhora, não; hoje é que está. Além do que, visto que os sinais do visconde de Cambes foram mandados a toda a parte na Guiena, é fácil compreender que julgará mais prudente, para malograr todas as diligências, adoptar momentaneamente esse traje - e além disso, assenta-lhe muito bem, como é de justiça confessar.

- Senhor - disse a viscondessa, com uma perturbação que em vão fazia por disfarçar - se a sua conversa não fosse misturada com algumas palavras sensatas, na realidade julgaria que está completamente louco.

- Não lhe farei o mesmo cumprimento, pois entendo que é coisa muito razoável uma pessoa disfarçar-se quando conspira.

A jovem senhora cravou os olhos em Cauvignac com uma inquietação que cada vez mais se acentuava.

296

- Com efeito, senhor - disse ela - parece-me que o vi em alguma parte; mas já não me lembra onde.

- A primeira vez, já lho disse, foi nas margens do Dordonha.

- E a segunda?

- A segunda, foi em Chantilly.

- No dia da caçada?

- Justamente, nesse dia.

- Em tal caso, senhor, já nada tenho a recear, pois é um dos nossos.

- E por que razão?
- Porque estava em casa da princesa.
- Dê-me licença que lhe diga que isso não é uma razão.
- Parece-me, contudo...
- Havia ali muita gente, e, portanto, não pode haver qualquer certeza de que fossem amigos todos os que ali estavam.
- Pondere as suas palavras, senhor, pois dar-me-ia uma singular ideia de si.
- Oh! pode fazer a ideia que quiser, eu não sou desconfiado.
- Mas, enfim: que deseja?
- Ter a honra de propor-lhe que descanse nesta estalagem.
- Agradeço, senhor; não posso aceitar o seu oferecimento, pois espero uma pessoa.
- Muito bem: apeie-se, e enquanto não chega essa pessoa, iremos conversando.
- Que quer que faça, senhora? - perguntou Pompeu.
- Que se apeie; peça um quarto, e mande aprontar a ceia - disse Cauvignac.
- Mas, senhor - replicou a viscondessa - creio que é a mim que compete dar essas ordens.
- Não é tanto assim, senhor visconde, visto que sou eu quem comanda em Jaulnay, e tenho cinquenta homens à minha disposição. Pompeu, faz o que eu disse.

Pompeu abaixou a cabeça, e entrou na estalagem.

297

- Então, senhor, pelo que vejo, prende-me... - perguntou a jovem senhora. Talvez que assim seja.
- E como é possível que tal aconteça!?
- Isso, senhora, dependerá da conversação em que vamos entrar. Mas tenha a bondade de se apeiar, senhor visconde. Muito bem; agora, aceite o meu braço. Os criados da estalagem levarão o seu cavalo para a estrebaria.
- Obedeço, senhor, visto que, tal como disse, é o mais forte; não tenho meio algum de resistir. Mas sempre quero preveni-lo de uma coisa: é que a pessoa a quem espero não tardará a chegar, e essa pessoa é um oficial do rei.
- Em tal caso, senhor visconde, far-me-á a honra de me apresentar, e terei muito gosto em conhecê-lo.

A viscondessa compreendeu que nenhuma resistência podia opor, e deu alguns passos, fazendo sinal ao seu estranho interlocutor para que a seguisse, se quisesse.

Cauvignac acompanhou-a até à porta do quarto que Pompeu lhe mandara preparar, e ia entrar atrás dela, quando Ferguzon, subindo rapidamente a escada, se chegou a ele, e lhe disse ao ouvido:

- Capitão: uma sege tirada por três cavalos, um mascarado dentro, e dois lacaios às portinholas.
- Muito bem - disse Cauvignac. - É provavelmente o gentil-homem por quem se espera.
- Ah! espera-se algum gentil-homem?...
- Sim, e vou descer ao seu encontro. Tu, deixa-te ficar neste corredor; não percas de vista a porta. Deixa entrar toda a gente, mas que ninguém saia.
- Assim farei, capitão.

Com efeito, uma sege de viagem acabava de deter-se à porta da estalagem, conduzida por quatro homens da companhia de Cauvignac, que a haviam encontrado a um quarto de légua da vila, e que desde logo a haviam

escoltado.

298

Um gentil-homem, vestido de veludo azul, embrulhado num grande capote forrado, estava mais deitado do que sentado no fundo da sege. Desde o momento em que os quatro homens tinham rodeado a sege, não deixara de lhes fazer repetidas perguntas; vendo porém, que por mais instantes que fossem essas perguntas, não conseguia obter resposta alguma, parecia ter-se resignado a esperar, e só de vez em quando levantava a cabeça para ver acaso se aproximava algum chefe, a quem pudesse pedir a explicação para o modo singular como a sua gente o tratava.

Para além disto, não era possível avaliar a impressão que este acontecimento produziu no jovem viajante, em consequência de uma máscara de cetim preto que lhe ocultava metade do rosto, o que, aliás, estava muito em moda naquela época. Em todo o caso, o que a máscara deixava ver - isto é: a parte superior da fronte, e a inferior do rosto - revelavam mocidade, beleza e espírito; os dentes eram pequenos e brancos, e através da máscara viam-se cintilar os olhos.

Dois lacaios, pálidos e trémulos, apesar de armados com mosquetes, conservavam-se aos lados -da sege, e pareciam grudados aos seus cavalos, junto às duas portinholas. O quadro poderia passar por uma cena de salteadores acometendo algum viajante, a não ser o dia claro, a estalagem, a figura risonha de Cauvignac, e a serenidade dos supostos ladrões.

Fixando os olhos em Cauvignac - que, como dissemos, avisado por Ferguzon apareceu à porta - o mancebo detido deu um pequeno grito de sobressalto, e levou com vivacidade a mão ao rosto, como se quisesse certificar-se de que a sua máscara lho cobria, parecendo ficar mais sossegado logo que se certificou.

Por muito rápido que fosse este movimento, não havia escapado a Cauvignac; olhou para o viajante como homem acostumado a descobrir a intenção oculta, ainda que nos gestos mais dissimulados; depois, estremeceu, a seu pesar, com um espanto quase igual ao que manifestara o cavaleiro vestido de veludo azul. Logo serenou,

299

porém, e, tirando o chapéu com uma graça muito especial, afirmou:

- Bela senhora, seja muito bem-vinda.

Os olhos do viajante brilharam de espanto através das aberturas da sua máscara.

- Para onde se encaminha desse mdo? - continuou Cauvignac.

- Para onde me encaminho?... - respondeu o viajante, não fazendo caso da saudação de Cauvignac; e respondeu somente à sua pergunta. - Para onde vou?... Deve saber melhor do que eu, visto que já me não é permitido continuar a minha viagem. Vou para onde me conduzir.

- Dê-me licença que.lhe observe - continuou Cauvignac, cada vez com mais urbanidade - que isso, bela senhora, não é responder. A sua detenção é só momentânea. Quando tivermos conversado um momento acerca dos nossos mútuos negócios, com franqueza e a rosto descoberto, tornará a continuar o seu caminho, sem embaraço algum.

- peço-lhe desculpa - replicou o jovem viajante. - Mas antes de irmos mais longe, principiaremos por rectificar um erro. Finge tomar-me por mulher, quando, pelo contrário, vê muito bem pelo meu trajo que sou um homem.

- Não ignora decerto o provérbio latino: "Ne nimium crede colori". O

sábio não julga pelas aparências. Ora, eu faço questão de ser um sábio; e resulta daí que sob esse trajo enganador reconheci...

- O quê? - perguntou o viajante com impaciência.

- Eu não lhe disse já? Uma mulher.

- Mas se eu sou uma mulher, porque me detém?

- Essa não é má! Porque no tempo em que vivemos as mulheres são mais perigosas do que os homens; e, por isso, a nossa guerra, falando com propriedade, poderia chamar-se a Guerra das Mulheres. A rainha e a princesa de Conde são as duas potências beligerantes. Tomaram por tenentes-generais a senhora de Chevreuse, a senhora de Montbazon, a senhora de Longueville...

300

e a si. A menina de Chevreuse é o general do senhor de Beaufort; senhora de Longueville é o general do senhor de La Roche-foucauld, e a senhora... tem todo o ar de ser o general do duque D'Épernon.

- Está louco, senhor - disse o jovem viajante, encolhendo os ombros.

- Não acreditarei mais em si, minha bela senhora, do que há um momento acreditava num belo mancebo que me fazia o mesmo cumprimento.

- Talvez tenha querido manter que ela era um homem...

- Justamente. Eu, que reconhecera o meu gentil-homenzinho, porque já o havia visto numa certa tarde dos princípios de Maio, girar à roda da estalagem do Biscarros, não me deixei enganar com as saias, toucas e voz aflautada; como também me não deixo enganar com o seu casaco azul, chapéu e botas; e disse-lhe: - Meu jovem amigo, tome o nome que quiser, adote o trajo que

\ bem lhe parecer: não deixará por isso de ser o visconde de Cambes.

- O visconde de Cambes?! - exclamou o jovem viajante.

- Ah! vejo que este nome, segundo me parece, o impressiona; •dar-se o caso de o conhecer?

- Um homem muito jovem que quase parece uma criança?...

- Que terá, quanto muito, dezassete a dezoito anos.

- Muito louro?

- Muito louro.

- Olhos grandes e azuis?

- Muito grandes e muito azuis.

- Ele está aqui?

- Está ali.

- E diz que está...?

- Disfarçado de mulher, aquele malicioso, como a senhora, maliciosa, o está de homem.

- E que vem ele aqui fazer? - exclamou o jovem cavaleiro, com uma veemência e turbação que cada vez se tornavam mais

301

visíveis, à medida que Cauvignac, pelo contrário, se tornara mais sóbrio de gestos e mais avaro de palavras.

- Ele - respondeu Cauvignac, carregando em cada uma das suas palavras - diz que tem de se encontrar aqui com um dos seus amigos.

- Um dos seus amigos?

- Sim.

- Um gentil-homem?

- É provável que o seja.

- Um barão? -Talvez que o seja.

- E como é que se chama?

A fronte de Cauvignac enrugou-se com um complicado pensamento que pela primeira vez se apresentava ao seu espírito, e que penetrando nele, produzia uma autêntica revolução no seu cérebro.

"Oh! oh! - disse ele consigo - será isto um enredo premeditado?"

- Como é que se chama? - repetiu o jovem viajante.

- Espere um momento-replicou Cauvignac-espere... O nome acaba em olles...

- O senhor de Canolles?! - exclamou o jovem viajante, cujos lábios se cobriam de uma palidez mortal, o que contribuía para que, de um modo sinistro, ainda mais sobressaísse o negro da sua máscara sobre a alvura da pele.

- É esse mesmo, senhor de Canolles - replicou Cauvignac, observando atentamente as partes visíveis do rosto, e a revolução que se operava em todo o corpo do mancebo.-O senhor de Canolles, disse muito bem. Então, conhece o senhor de Canolles? Pelo que vejo, conhece toda a gente!...

- Nada de gracejos - balbuciou o mancebo, a quem todo o corpo tremia, e que parecia estar a ponto de desmaiar. - Onde está essa senhora?

302

- Naquele quarto; olhe: é a terceira janela a contar desta, cujas cortinas são amarelas.

- Quero vê-la! - exclamou o viajante.

- Oh! oh! ter-me-ia eu enganado - disse Cauvignac - e será o senhor o tal Canolles que ela espera! Ou não será antes o senhor de Canolles aquele belo cavaleiro que aí vem chegando a trote, seguido por um laçao que parece de papelão?...

O jovem viajante lançou-se ao vidro da frente da carruagem com tamanha precipitação, que o fez em pedaços.

- É ele! É ele! - exclamou, sem sequer reparar em que algumas gotas de sangue lhe saíam de uma ligeira ferida. - Oh! desgraçada! Ele chega, vai encontrá-la, estou perdida!...

- Ah! vê-se agora bem que é uma mulher!

- Eles tinham aprazado um ponto de reunião - continuou o mancebo, torcendo os braços... - Oh! vingar-me-ei.

Cauvignac queria ensaiar um novo gracejo, mas o mancebo fez-lhe um sinal imperioso com uma das mãos, enquanto com a outra arrancava a máscara, e então viu-se o rosto pálido de Nanon apresentar-se, todo ele ameaças, aos calmos olhos de Cauvignac.

- BONS-DIAS, manazinha - disse Cauvignac a Nanon, estendendo a mão à jovem senhora, com a fleuma mais imperturbável.

- Bons-dias. Não há dúvida de que me reconheceu...

- No mesmo instante em que a vi; não era suficiente ocultar o rosto, devia também encobrir esse lindo sinalzinho, e esses dentes de pérola; ponha uma máscara completa, pelo menos quando quiser disfarçar-se, minha garrida menina; mas isso não lhe serve...

- Basta! - disse Nanon em tom imperioso. - Falemos a sério.

- Isso é o que eu quero; só falando seriamente se concluem os bons negócios.

- Diz então que está aqui a viscondessa de Cambes?

- Ela mesma, em pessoa.

- E que o senhor de Canolles entra agora mesmo na estalagem?

- Ainda não; apeia-se, e dá a rédea ao seu laçao. Ah! ele também foi visto daquele lado. Eis a janela de cortinas amarelas que se abre, e a cabeça da viscondessa que se mostra. Ah! dá um grito de alegria. O senhor de Canolles corre para a casa; oculte-se, mana-zinha, se não quer deitar tudo a perder.

Nanon deitou-se para trás, apertando convulsivamente a mão de Cauvignac, que olhava para ela com ar de paterna compaixão.

305

- E eu que ia ter com ele a Paris - exclamou Nanon. - Eu que a tudo me arriscava para tornar a vê-lo.

- Ah! fazer sacrifícios, mana, e por um ingrato! Na verdade, pode empregar melhor os seus favores.

- Agora que estão reunidos, o que dirão eles? O que farão?

- Na realidade, querida Nanon, incomoda-me com semelhante pergunta - disse Cauvignac. - Que quer que lhe diga? O que suponho é que vão amar-se muito.

- Oh! tal não acontecerá - exclamou Nanon, roendo com raiva as unhas, lisas como marfim.

- E eu, pelo contrário, entendo que tal acontecerá - respondeu Cauvignac - pois Ferguzon, que tinha ordem de não deixar sair ninguém, nenhuma recebeu para se opor à entrada. Neste mesmo instante, com toda a probabilidade, a viscondessa e o barão de Canolles estão dizendo mil gentilezas, e fazendo mil afagos e carícias um ao outro. Ah! minha querida Nanon, chegou muito tarde.

- Assim julga - replicou a jovem senhora, com uma expressão indefinida de profunda tristeza e malícia odienta. - Assim julga! Pois então, tome lugar na sege, junto de mim. Pobre diplomático !

Cauvignac obedeceu.

- Ouça, Bertrand - continuou Nanon, dirigindo-se a um dos seus portamosquetes - diga ao cocheiro que dê volta sem afectação, e vá colocar-se naquele arvoredo que deixamos à nossa direita quando entrámos na aldeia. Depois, voltando-se para Cauvignac:

- Não estaremos nós ali bem para conversar? - disse ela.

- Muito bem; mas permita-me que eu também, por meu turno, tome as minhas precauções.

- É muito justo que assim faça.

Cauvignac fez sinal a quatro dos seus seis homens que andavam à roda da estalagem, conversando ao sol.

- Faz bem em levar consigo esses homens - disse Nanon - e,

306

se me der crédito, leve seis de preferência a quatro; talvez que possamos dar-lhes que fazer.

- Bom - disse Cauvignac - que fazer é justamente o que se torna necessário.

- Então ficará satisfeito - respondeu a jovem senhora.

E a sege, rodando sobre si mesma, levou Nanon, a quem abra-zava o fogo do seu pensamento, e Cauvignac, sossegado e frio na aparência, mas nem por isso deixando de dar profunda atenção às propostas que tencionava fazer a sua irmã.

Durante este tempo, Canolles, atraído pelo grito de alegria que ao avistá-lo dera a senhora de Cambes, entrara correndo pela estalagem dentro, e chegara ao quarto da viscondessa, sem reparar em Ferguzon, que se encontrava de pé no corredor, mas que, não tendo recebido ordem alguma relativamente a Canolles, nenhuma dificuldade teve em deixá-lo entrar.

- Ah! senhor - exclamou a senhora de Cambes, dando com os olhos nele - venha depressa, que é grande a impaciência com que o espero.

- Eis palavras, senhora, que me tornariam o mais feliz dos homens, se a sua palidez e a sua perturbação me não dissessem claramente que não é só

por amor de mim que me espera.

- Sim, senhor, tem razão - replicou Clara, com o seu encantador sorriso - e quero dever-lhe mais uma obrigação.

- Qual?

- A de me pôr a salvo de não sei que perigo que me ameaça.

- Um perigo?

- Sim. Espere.

Clara dirigiu-se à porta e correu o ferrolho.

- Fui reconhecida - disse ela, voltando-se da porta.

- E por quem?

- Por um homem, cujo nome ignoro, mas cujo rosto e voz me são estranhos. Parece-me ter ouvido a sua voz na noite e neste mesmo quarto, recebeu a ordem de partir sem a mínima

307

demora para Nantes; creio ter reconhecido o seu rosto na caçada de Chantilly, no dia em que representei o papel de princesa de Conde.

- E que conceito faz de semelhante homem?

- O conceito que dele faço é ser um agente do duque D'Épernon e, por conseguinte, um inimigo.

- Será possível?! - disse Canolles. - E diz que foi conhecida?...

- Tenho a certeza. Chamou-me pelo meu nome, teimando unicamente em que eu era um homem. Estes arredores estão cheios de oficiais do partido real, sabem que sigo o partido dos príncipes, e talvez estejam resolvidos a inquietar-me. Mas ei-lo aqui, e já nada receio. O senhor mesmo é oficial, é do mesmo partido que eles seguem, e, portanto, será a minha salvação.

- Ai! - disse Canolles. - Tenho grande receio de não poder oferecer-lhe outra defesa, nem outra protecção, a não ser a da minha espada.

- Como assim!?

- Desde este momento, senhora, deixei de estar ao serviço do rei.

- Fala verdade?! - exclamou Clara, não cabendo em si de alegria.

- Decidi mandar pedir a minha demissão, do lugar onde a encontrasse. E como a encontrei, a minha demissão será datada de Jaulnay.

- Oh! livre! livre! está livre! Já pode abraçar o partido da justiça, da lealdade. Já pode servir a causa dos príncipes - isto é: a de toda a nobreza. Oh! eu sabia muito bem que era um muito digno gentil-homem, e que mais tarde ou mais cedo seria um dos nossos.

E Clara estendeu a Canolles a sua mão, que este beijou com transporte.

- Diga-me - disse-lhe ela - o que deu lugar a isso? O que é que se passou? Informe-me de tudo o mais circunstanciadamente possível.

308

- Oh! não será preciso muito tempo. Escrevi desde logo ao senhor Mazarino, a inteirá-lo do que se tinha passado; chegado a Nantes, recebi ordem de ir a casa dele. Disse-me que eu era uma cabeça sem miolos; respondi-lhe que a dele é que tinha falta de juízo. Pôs-se a rir, e eu agastei-me. Elevou a voz, e eu mandei-o para a terra dele, além dos montes. Recolhi-me à minha estalagem. Esperei que se dignasse mandar-me encerrar na Bastilha, e ele esperou que alguma boa reflexão me fizesse sair de Nantes. Ao cabo de vinte e quatro horas ocorreu-me aquela boa reflexão. E a si também a devo, porque me lembrei do que me havia prometido, e pensei que talvez me esperasse, ainda que não fosse senão o espaço de um segundo. Então, respirando o ar livre, desobrigado de toda a responsabilidade, de todo o dever, sem partido, sem empenho,

l e quase sem dar preferência a coisa alguma, de uma só me lembrei: e era de que a amava, senhora, e que lho podia agora dizer, alta e afoitamente.

- Deste modo, perdeu o posto, caiu em desagrado, e está arruinado por amor de mim! Querido senhor de Canolles, como

lhe pagarei jamais tamanhas obrigações? Que provas lhe darei ; do meu reconhecimento?

E com um sorriso, com uma lágrima - que restituíam ao jovem cem vezes mais do que perdera - a senhora de Cambes fez

Cair Canolles a seus pés.

- Ah! senhora - disse-lhe ele - desde este momento, muito pelo contrário, sou rico e feliz, visto que vou segui-la, visto que de si não mais me apartarei, visto que vou ser ditoso com a sua presença e rico com o seu amor.

- Então não há coisa alguma que o detenha?

- Não, senhora.

- É todo meu, e guardando para mim o seu coração, posso oferecer o seu braço à princesa?

- Sem dúvida que pode fazê-lo.

- Portanto, enviou a sua demissão?

309

- Ainda não. Queria tornar primeiro a vê-la. Mas, como lhe disse, agora que tornei a vê-la, vou escrevê-la aqui, neste mesmo momento. Reservava para mim a honra de ter de obedecer-lhe.

- Escreva, pois! Escreva antes de tudo! Se não escreve, será considerado um trânsfuga; até deve esperar, antes de dar algum passo decisivo, que a sua demissão seja aceite.

- Querida diplomaticazinha, nada receie, conceder-ma-ão, até de muito bom grado; a inaptidão que demonstrei em Chantilly não lhes deixa muitas saudades minhas. Não me disseram eles - ajuntou Canolles, rindo-se - que era um cabeça sem miolos?

- Sim, mas indemnizá-lo-emos do conceito que fizeram de si, não se preocupe. A sua acção em Chantilly será mais bem vista em Bordéus do que em Paris, pode acreditar-me. Mas escreva, barão, escreva depressa, a fim de que possamos pôr-nos a caminho; porquanto, confesso-lhe a estada nesta estalagem não me inspira a mínima confiança.

- Do passado é que sem dúvida quer falar, e não sei para que se há-de assustar tanto com meras recordações! - disse Canolles, voltando os olhos em torno de si, e fixando-os numa alcovazinha com duas camas que já por diferentes vezes haviam chamado a sua atenção.

- Não, falo do presente, e não lhe cabe parte alguma nos terrores que sinto. Hoje, não é já de si que receio.

- Então quem receia? Que pode recear?

- Ah! meu Deus! Quem sabe?

Neste momento, como para justificar os receios da viscondessa, bateram três vezes na porta, com uma gravidade solene.

Canolles e a viscondessa guardaram silêncio olhando um para o outro, com inquietação, e interrogando-se mutuamente.

- Em nome do rei - disse uma voz - abram!

E a fraca porta voou logo em estilhaços. Canolles quis lançar mão à espada, mas já um homem lha tolhia, havendo-se arremessado de permeio.

310

- Que quer isto dizer!? - perguntou o barão.

- Não é o senhor de Canolles?

- Sem dúvida que o sou.

- Capitão do regimento de Navailles?

- Sim.

- Enviado com uma comissão pelo duque D'Épernon? Canolles fez um aceno afirmativo com a cabeça.

- Neste caso, em nome do rei e de Sua Majestade a rainha-regente, está preso.

- Onde está a ordem?

- Ei-la aqui.

- Mas, senhor - disse Canolles, restituindo o papel, depois de haver corrido por ele os olhos - se me não engano, parece-me [que o conheço.

- Sem dúvida que me conhece! Não foi nesta mesma aldeia onde hoje lhe dou a voz de prisão, que lhe trouxe, da parte do [duque d'Épernon, a comissão de partir para a corte? O seu futuro dependia do bom êxito desta comissão, meu gentil-homem; foi , mal sucedido - tanto pior para si. Clara abateu-se e foi cair debulhada em lágrimas numa cadeira;

E ela, da sua parte, tinha conhecido o indiscreto interrogador.

- Mazarino vingasse - resmungou Canolles.

- Vamos, senhor, partamos - disse Cauvignac.

Clara não se movia. Canolles, indeciso, parecia estar a ponto de enlouquecer. A sua desgraça era tamanha, tão acerba, tão inesperada, que o respectivo peso esmagava-o; curvou, portanto, a cabeça e resignou-se. Naquela época, as palavras Em nome do rei ainda tinham toda a sua magia, e ninguém se atrevia a resistir-lhes.

- Para onde me conduz, senhor? - disse ele.-Ou também o proibiram de me dar a consolação de saber para onde vou?...

- Não, senhor, vou dizer-lho. Conduzimo-lo à fortaleza da Ilha de São Jorge.

311

- Adeus, minha senhora - disse Canolles, inclinando-se com respeito diante da senhora de Cambes.-Adeus!

"Vamos, vamos - disse Cauvignac consigo mesmo - as coisas não estão tão adiantadas como eu o julgara; di-lo-ei a Nanon, e isto dar-lhe-á prazer."

Depois, chegando-se à porta:

- Quatro homens para escoltar o capitão! - bradou ele - e os outros quatro para diante.

- E a mim? - exclamou a senhora de Cambes estendendo os braços para o preso. - E a mim, para onde me levam? Pois se o barão é culpado, oh! eu o sou muito mais do que ele!

- A senhora - respondeu Cauvignac - pode retirar-se; está livre.

E saiu, levando consigo o barão.

A senhora de Cambes levantou-se, reanimada por um raio de esperança, e preparou tudo para a partida, a fim de que não pudessem estas boas disposições dar lugar a ordens contrárias.

"Livre - disse ela - então poderei não o perder de vista; partamos."

E, chegando à janela, viu a guarda que acompanhava Canolles, disse-lhe adeus com a mão pela última vez, e, chamando Pompeu, que, contente por fazer um alto de dois ou três dias, havia já tomado posse do melhor quarto que pôde encontrar, ordenou-lhe que fosse preparar tudo para a partida.

O caminho tornou-se para Canolles ainda mais triste do que esperava. Com efeito, o cavalo, que dá ao preso, por muito guardado que esteja, um

falso ar de liberdade, fora substituído por um velho e pesado carroção; além disso, tinha os joelhos travados nos de um homem que tinha nariz de águia, cuja mão estava pousada com uma espécie de amor-próprio na coronha de uma pistola. Algumas vezes, durante a : noite, tinha esperanças de surpreender a vigilância do novo Argos; mas, ao lado do nariz de águia, brilhavam dois grandes olhos de mocho, redondos, chamejantes, e muito próprios para as observações nocturnas. De modo que, para qualquer lado que se voltasse, Canolles via sempre aqueles dois olhos redondos luzirem na direcção do seu olhar.

Enquanto dormia, um dos dois olhos também dormia - mas um só; era uma faculdade que a Natureza dera àquele homem, de só dormir com um dos olhos.

Canolles passou assim dois dias e duas noites em fúnebres reflexões, porque a fortaleza da Ilha de São Jorge, fortaleza que não ; era para aterrar, tomava aos seus olhos umas proporções medonhas, à medida que o receio e os remorsos iam invadindo mais profundamente o seu coração.

313

Sentia remorsos, porque compreendia que a sua comissão junto da princesa fora uma comissão de confiança, a qual vendera barato aos seus amores, e que o resultado da falta que cometera nessa ocasião era terrível. Em Chantilly, a senhora de Conde não era mais do que uma mulher fugitiva. Em Bordéus, a senhora de Conde era uma princesa rebelde.

Sentia receio, porque sabia por tradição de que sombrias vinganças era capaz uma Ana de Áustria encolerizada.

Outro remorso ainda sentia mais secreto; porém, talvez mais pungente, do que o primeiro. Existia neste mundo uma mulher jovem, bela, espirituosa, uma mulher que não empregara a sua influência senão para promover a sua melhoria, que não empregara o seu crédito senão para protegê-lo, uma mulher que pelo amor que lhe tinha, vinte vezes pusera em risco a sua posição, o seu porvir, a sua fortuna. Pois esta mulher, não só a mais encantadora das amantes, mas ainda a mais ardente e extremosa das amigas, fora por ele brutalmente abandonada, sem desculpa, sem motivo, no momento em que o tinha na sua lembrança; e em vez de se vingar, concedera-lhe novas graças; e o seu nome, em lugar de se apresentar com o acento da repreensão, ressoara aos seus ouvidos com a doçura acariciadora de um favor quase régio. Verdade é que este favor chegara num mau momento, num momento em que decerto Canolles teria preferido um desfavor; mas era isso culpa de Nanon? Nanon, nesta comissão junto de Sua Majestade, outra coisa não vira do que um engrandecimento de fortuna e de consideração para o homem que trazia constantemente presente no seu espírito.

Por isso, todos aqueles que amaram duas mulheres ao mesmo tempo - peço perdão às minhas leitoras, este fenómeno, incompreensível para elas, que nunca tiveram senão um amor, é comum entre nós, os homens - por isso, digo eu, todos aqueles que amaram duas mulheres ao mesmo tempo, compreenderão que à medida que Canolles se engolfava nas suas reflexões, Nanon ia recobrando

314

cada vez mais no seu espírito aquela influência que ele julgava perdida. As angulosas asperezas do carácter que ferem no contacto da intimidade, e dão lugar a passageiros despeitos, apagam-se com a distância, enquanto, pelo contrário, certas recordações mais doces recobram a sua intensidade com a ausência. Enfim, é triste ter de dizer-se que o amor etéreo que só promete favores se volatiliza quando isolado; ao passo que, nesse mesmo

estado, pelo contrário, o amor material ocorre à memória, armado de todas as suas fruições terrestres, que não deixam de ter o seu preço. Bela e perdida, boa e enganada - eis o que parecia agora Nanon a Canolles.

Acontecia assim, porque Canolles mergulhava ao íntimo do seu coração com ingenuidade, e não com a má vontade daqueles acusados a quem obrigam a fazer uma confissão total. Que havia feito Nanon para que a abandonasse? Que havia feito a senhora de Cambes para que a seguisse? O que havia, pois, de tão apetecível, de tão magnificamente amoroso no engraçado cavaleiro da estalagem Bezerra de Ouro? Como podia a senhora de Cambes ultra-[passar Nanon de um modo tão triunfante? Dar-se-ia o caso de os cabelos louros merecerem uma tal preferência sobre os cabelos pretos, para que um homem seja perjuro e ingrato para com a amante; traidor e desleal para com o seu rei - sem outro fim do que trocar tranças pretas por tranças loiras? E, contudo, oh, miséria da condição humana! Canolles fazia para si mesmo todos estes raciocínios, muito assizados, como bem se vê, e não se dava por convencido.

O coração está cheio de mistérios semelhantes a estes, que fazem a ventura dos amantes e o desespero dos filósofos.

Todavia, isto não impedia que Canolles se indignasse contra si mesmo, e se repreendesse com aspereza.

"Vou ser punido - dizia consigo, pensando que a punição apaga a falta. - Tanto melhor! Irei encontrar-me com algum bom capitão, muito rude, muito insolente, muito brutal, que me lerá, do alto

315

da sua dignidade de carcereiro-chefe, uma ordem de Mazarino; que me indicará com o dedo uma enxovia, e que me mandará sepultar num profundo subterrâneo em companhia dos ratos e dos sapos - enquanto poderia ter vivido em pleno dia, e florescer ao sol, nos braços de uma mulher que me amava, a quem eu amei, e a quem, pela minha fé! talvez que ainda ame. Maldito viscondezinho, que os espíritos diabólicos te levassem! Porque havias tu de servir de envoltório a uma tão encantadora viscondessa!? Sim; mas haverá no mundo uma viscondessa que valha o que esta me vai custar?... E o pior é que todo o mal não está no governador, e na sua enxovia subterrânea; se julgarem que sou traidor, tudo quererão investigar; causticar-me-ão acerca da minha estada em Chantilly, para a qual não haveria expiação bastante, convenho, se houvesse sido mais frutuosa; mas que, ao fim e ao cabo, nada mais me rendeu do que três beijos na mão. A verdade é que fui um grandíssimo toleirão, pois tendo a força, e podendo dela abusar, nenhum uso dela fiz. Cabeça desmiolada, como disse Mazarino. que foi traidora, e que não soube fazer-se recompensar pela traição! E agora, quem ma pagará?"

E Canolles encolhia os ombros, respondendo com desprezo, pelo movimento que fazia, à interrogação do seu pensamento.

O homem dos olhos redondos, que por muito perspicaz que fosse, não podia compreender esta pantomima, olhava-o com espanto.

"Se me interrogarem - prosseguiu Canolles - não responderei; que resposta poderia eu dar? Que não gostava de Mazarino? Então não devia servi-lo. Que amava a senhora de Cambes? Bela razão para dar a uma rainha e a um primeiro-ministro! Portanto, nada responderei. Mas os juizes são entidades muito susceptíveis; quando interrogam, querem que lhe respondam. Torturar-me-ão. Deslocar-me-ão estes delicados joelhos de que tanto me ufano, e enviar-me-ão todo desconjuntado para a companhia dos tais ratos e dos sapos. O resultado de tudo isso será ficar manco toda a vida, como o príncipe de Conti, o que é uma coisa muito feia, supondo ainda

que a clemência de Sua Majestade me acuda - o que decerto não fará."

Além do governador, dos ratos, dos sapos, das torturas, restavam ainda certos cadafalsos onde eram decapitados os rebeldes, certas forcas onde eram enforcados os traidores, e certas praças de armas onde eram arcabuzados os desertores. Mas tudo isto nada era para um belo mancebo como Canolles - o que se compreende- em comparação com a hipótese de ficar manco.

Assim, decidiu esclarecer-se, e interrogar a este respeito o companheiro de viagem.

Os olhos redondos, o nariz de águia, e o ar carrancudo do indivíduo não encorajavam o preso a iniciar o diálogo. Contudo, dado que por muito impassível que seja um rosto, é impossível que não haja momentos em que se desenruga um pouco, Canolles aproveitou-se do momento em que uma carantonha, que se assemelhava a um sorriso, passava pelo rosto do esbirro subalterno que tão cuidadosamente o guardava.

- Senhor... - disse ele.
- Senhor... - respondeu o esbirro.
- Desculpe-me, se o arranço às suas reflexões...
- Não tem de que pedir-me desculpa, senhor; nunca reflito.
- Olá! Possui, senhor, pelo que vejo, uma feliz organização.
- Não tenho razão de queixa.
- Ora pois, outro tanto não me acontece a mim, porque tenho boa vontade de me queixar.
- De quê, senhor?
- De que assim me levem à força, no momento em que menos pensava, a fim de me conduzirem não sei para onde.
- Bem o sabe, senhor, pois que já lho disseram.
- Tem razão. Vamos para a Ilha de São Jorge, não é assim, senhor?
- Isso mesmo.
- Crê que eu fique ali muito tempo?

- Ignoro, senhor; mas pelo modo como me foi recomendado, julgo que sim.
- Ah!... é coisa muito feia, a Ilha de São Jorge?
- Não conhece aquela fortaleza?
- Não conheço o interior, visto que nunca ali entrei.
- Posso assegurar-lhe, senhor, que não é coisa muito bela, e à excepção dos quartos do governador, que acabam de mandar renovar e que são muito confortáveis, o resto do edifício, ao que parece, forma uma habitação bem triste.
- Belo. Julga que me farão perguntas?
- Pelo menos, assim é costume.
- E se eu não responder?
- Se não responder?...
- Então?
- Em tal caso, bem o sabe, recorre-se à tortura.
- Normal?
- Ordinária ou extraordinária, conforme a gravidade da acusação.
- Receio - disse Canolles - ser acusado de crime de Estado.
- Ah! nesse caso, gozará das torturas extraordinárias... Água, e mais água...
- Como!? Água e mais água?...
- Sim, encher-lhe-ão a barriga de água.

- Então a água é o que está em moda, na Ilha de São Jorge?
- Não é de espantar, senhor; compreenda que no Garona...
- É muito justo; têm a coisa à mão. E que quantidade de água?
- Quanta puderem fazer-lhe beber.
- Então, incharei.
- Por certo que sim. Mas se tiver a cautela de suavizar o carcereiro. ..
- E então?
- Então, a coisa tornar-se-á mais suportável.
- E em que consiste, tenha a bondade de dizer-me, o serviço que o carcereiro pode prestar-me?

318

- Pode fazer-lhe beber azeite.
- Então o azeite é um tonificante?
- E soberano, senhor!
- Julga isso?
- Falo por experiência; vi um homem beber enorme quantidade de água com extrema facilidade, graças ao azeite que lhe havia preparado convenientemente as vias. Verdade é que inchou, como sempre acontece; mas com um bom fogo fizeram-no desinchar sem que sofresse grandes avarias. Nisto consiste o essencial da segunda parte da operação. Lembre-se bem destas palavras: Aquecer, sem queimar.
- Muito bem, compreendo - disse Canolles. - O senhor era talvez executor da Alta Justiça, não?
- Não, senhor! - replicou o interlocutor, com uma modéstia acompanhada de urbanidade.
- Ajudante, talvez...
- Não, senhor, não era mais do que um simples curioso.
- Ah! ah! E o senhor chama-se...
- Barrabás.
- Belo nome, antigo nome, muito bem conhecido nas Escrituras.
- Na Paixão, senhor.
- Isso é o que eu quero dizer; mas, por hábito, servi-me de outra palavra.
- O senhor prefere as Escrituras; então, o senhor é huguenote?
- Sim, mas huguenote muito ignorante. Acredita que apenas sei uns três mil versos dos salmos?...
- Na realidade, é muito pouca coisa.
- Eu aprendia melhor a música... Na minha família, houve muitos enforcados e queimados.
- Alegro-me de que ao senhor não o espere uma tal sorte!
- Não, hoje há mais tolerância; submergir-me-ão, e com isto se darão por contentes.

319

Barrabás desatou a rir.

O coração de Canolles estremeceu de alegria, porque havia conquistado o seu guarda. Com efeito, se este carcereiro interino viesse a ser o seu carcereiro permanente, tinha todas as probabilidades de alcançar o azeite. Decidiu dar seguimento à conversa no ponto em que a deixara.

- Senhor Barrabás - disse ele - teremos nós em breve de nos separar, ou far-me-á a honra de continuar na minha companhia?
- Senhor, uma vez que chegemos à Ilha de São Jorge, terei o vivo pesar de me separar de si, porque tenho de voltar para a companhia.
- Muito bem; então faz parte de uma companhia de guardas?

- Não, senhor, de uma companhia de soldados.
- Armada pelo ministro?...
- Não, senhor, pelo capitão Cauvignac, o mesmo que teve a honra de o prender.
- E servem o rei?
- Creio que sim, senhor.
- Que diabo está dizendo!? Não está certo disso?
- A gente de nada está certo neste mundo.
- Então, se tem dúvidas, deveria, a fim de se decidir, fazer uma coisa.
- Qual?
- Permitir que me evada.
- Isso não é possível, senhor.
- Mas eu pagar-lhe-ei muito honradamente a sua complacência.
- Com quê?
- Com que há-de ser? Com dinheiro!
- O senhor não o tem.
- Quem lhe disse que não o tenho?
- Assim o suponho.

Canolles levou a mão com viveza às algibeiras.

320

- Cem efeito - disse ele - a minha bolsa desapareceu; quem lançaria mão dela?
- Eu senhor - respondeu Barrabás, fazendo-lhe uma saudação respeitosa.
- E para quê?
- Para que o senhor não me pudesse corromper.

Canolles olhou para o digno esbirro com admiração, e como lhe parecesse que o argumento não tinha réplica, nada mais lhe disse. Em resultado disto, tendo os dois viajantes mantido novamente o silêncio, a viagem reassumiu, ao aproximar-se do fim, aquele aspecto melancólico que tivera no início.

PRINCIPIAVA já a romper o dia quando o carroção chegou à aldeia mais próxima da ilha. Apenas Canolles o sentiu deter-se, passou a cabeça através de uma pequena seteira, postigo destinado a dar espaço às pessoas livres, e muito cómodo para o interceptar aos presos. Uma linda aldeiazinha, composta por cem casas apinhadas em torno de uma igreja, no declive de uma montanha, e dominada por um castelo, oferecia-se à vista, no ar límpido da manhã dourada pelos raios de Sol, o qual afugentava uns restos de vapores semelhantes a gases ondulantes. Nesse momento, o carroção subia uma encosta, e o respectivo cocheiro, tendo-se apeado, caminhava junto dele.

- Meu amigo - perguntou Canolles - é desta terra?
- Sim, senhor, sou de Libourne.
- Então deve conhecer esta aldeia. Que casa branca é esta? Que lindas choupanas são aquelas?
- Senhor - respondeu o camponês - aquele castelo é o de Cambes, e a aldeia é uma das suas propriedades.

Canolles estremeceu e passou num instante do mais vivo rubor a uma palidez quase lívida.

- Senhor - disse Barrabás, a cujos olhos redondos nada escapava - ter-se-á por acaso ferido nesse postigo?

323

- Não, agradeço-lhe o cuidado.

Depois, continuando a interrogar o camponês:

- E a quem pertence esta propriedade? - perguntou ele.
- À viscondessa de Cambes.
- A uma jovem viúva?
- Muito linda e muito rica.
- E por conseguinte, muito solicitada...
- Sem dúvida alguma: bom dote e bonita mulher. Com isso nunca faltam pretendentes.
- Boa reputação?
- Sim, mas fanática partidária dos príncipes.
- Efectivamente, parece-me que assim ouvi dizer.
- Um demónio, senhor, um verdadeiro demónio!

"Um anjo - disse consigo Canolles, que todas as vezes que se lembrava de Clara, nela pensava com transportes de adoração. - Um anjo."

Depois, em voz alta:

- Ela reside aqui algumas vezes?
- Raras vezes, senhor; porém, viveu muito tempo neste sítio. O marido nele a deixou, e enquanto ela aqui esteve foi a bênção da terra. Agora, segundo dizem, está com os príncipes.

O carroção, depois de ter subido a encosta, ia iniciar a descida, e o condutor fez um sinal com a mão para pedir licença de se sentar no seu lugar. Canolles, que receava levantar suspeitas continuando o interrogatório, recolheu a cabeça para o interior da portinhola; e continuaram o caminho a trote, que era o melhor andamento possível.

No fim de um quarto de hora, durante o qual, sempre sob a vigilância de Barrabás, Canolles ficara mergulhado nas mais sombrias reflexões, o carroção parou.

- Pararemos aqui para almoçar? - perguntou Canolles.
- Pararemos aqui definitivamente, senhor, estamos chegados. Eis a Ilha de São Jorge. Falta-nos somente atravessar o rio.

324

- É verdade - murmurou Canolles. - Tão perto, e tão longe!
- Senhor, lá vem gente ter connosco - disse Barrabás. - Apreste-se a apear-se.

O segundo guarda de Canolles, que estava sentado junto do cocheiro, saltou em terra, e abriu a portinhola, que tinha uma fechadura, cuja chave estava na mão do guarda.

Canolles voltou os olhos, do pequeno castelo branco, que não perdera de vista, para a fortaleza que ia ser a sua morada. Logo do outro lado de um braço do rio bastante caudaloso, viu uma barca, e, perto dela, um grupo de oito homens e um sargento.

Atrás do posto, elevavam-se as obras da cidadela.

"Bom - disse Canolles - esperam-me e tomaram precauções..."

- São esses os meus novos guardas? - perguntou ele em voz alta a Barrabás.

- Bem desejaria responder acertadamente ao senhor - disse Barrabás - mas na verdade não sei.

Nesse momento, depois de ter dado um sinal que foi repetido pela sentinela de guarda à porta do carroção, os oito soldados e o sargento entraram na barca, atravessaram o Garona, e desembarcaram no momento em que Canolles se apeava.

No mesmo instante, o sargento, vendo um oficial, aproximou-se dele, e saudou-o militarmente.

- É ao senhor barão de Canolles, capitão do regimento de Navailles, que tenho a honra de falar? - perguntou o sargento.

- A ele mesmo - respondeu Canolles, admirado pela polidez do homem. O sargento voltou-se imediatamente para os seus homens, ordenou-lhes que aperrassem as armas, e mostrou com a ponta da sua lança a barca, a Canolles. Canolles entrou dentro dela e colocou-se no meio dos seus dois guardas: os dois soldados e o sargento entraram depois dele, e a barca afastou-se da praia enquanto pela derradeira vez Canolles lançava os olhos para Cambes, que estava a ponto de desaparecer por detrás de um outeiro.

325

Quase toda a ilha estava coberta de escarpas, contra-escarpas e bastiões; um pequeno forte, em muito bom estado, dominava todas aquelas obras. Entrava-se nela por uma porta arqueada, diante da qual passeava de um para outro lado a sentinela.

- Quem vive? - gritou ela.

A pequena tropa fez alto, o sargento separou-se, aproximou-se da sentinela, e disse-lhe algumas palavras.

- Às armas! - gritou a sentinela.

Sen a mínima demora, uns vinte homens, de que se compunha o posto, saíram de um corpo de guarda, e, acudindo muito apressados, puseram-se em linha diante da porta.

- Venha, senhor - disse o sargento a Canolles. O tambor principiou a tocar a marcha.

"Que quer isto dizer?" - disse o mancebo consigo.

E aproximou-se do forte, não compreendendo já nada do que ali se passava, pois todos aqueles preparativos mais pareciam honras feitas a um superior, do que cautelas tomadas contra um preso.

Ainda, porém, não estava aqui tudo: Canolles não observara que no momento em que se apeara da sege, uma janela da casa do governador se abrira, e que um oficial observara atentamente os movimentos da barca, e a recepção que se fizera ao preso e aos seus dois beleguins.

Aquele oficial, quando viu que Canolles acabava de pôr o pé na ilha, desceu rapidamente, e saiu-lhe ao encontro.

- Ah!... - disse Canolles ao vê-lo - eis o comandante da praça que vem reconhecer o inquilino.

- Na realidade - disse Barrabás - parece, senhor, que não se há-de enfastiar, como certas pessoas a quem deixam oito dias inteiros num vestíbulo. Arranjar-lhe-ão lugar imediatamente.

- Tanto melhor - disse Canolles.

Entretanto, o oficial ia-se aproximando. Canolles tomou a atitude altiva e digna de um homem perseguido.

326

À distância de alguns passos de Canolles, o oficial tirou o chapéu.

- É ao senhor barão de Canolles a quem tenho a honra de falar? - perguntou ele.

- Senhor - respondeu o preso - tanta urbanidade da vossa parte deixa-me na realidade confuso. Sim, sou o barão de Canolles; agora trate-me, peço-lhe, com a cortesia de um oficial para com outro, e aloje-me o menos mal que puder.

- Senhor - respondeu o oficial - a sua habitação é a melhor que possa ser; pois, como se quisessem prevenir os seus desejos, fizeram-se nele todos os reparos possíveis...

- E a quem devo eu agradecer estas precauções desusadas? - perguntou Canolles sorrindo-se.

- Ao rei, senhor, sem dúvida... Deus me livre de caluniar Sua Majestade, sobretudo nesta ocasião! Todavia, não me desgostaria obter certas informações...

- Se o ordenar, senhor, estou à sua disposição. Contudo, tomarei a liberdade de lhe observar que a guarnição o espera para o reconhecer.

"Que tal, hem?...- disse consigo Canolles - uma guarnição [inteira para reconhecer um preso." Depois, em voz alta:

- Eu é que estou às suas ordens, senhor - replicou ele - e pronto para segui-lo aonde quiser levar-me.

- Permita-me, pois - disse o oficial - que vá adiante de si, para fazer as honras.

Canolles seguiu-o, dando a si próprio os parabéns por haver caído nas mãos de um homem tão cortês.

Chegando ao pátio da cidadela, Canolles deparou com uma parte da guarnição em armas. Então, o oficial que o conduzia desembainhou a espada, e inclinou-se diante dele.

"Tantas cerimônias, meu Deus?" - murmurou Canolles.

No mesmo instante, ouviu-se o tambor na abóbada vizinha;

327

Canolles voltou-se e uma grande fileira de soldados, saindo daquela abóbada, foi colocar-se atrás da primeira. Nesse momento, o oficial apresentou duas chaves a Canolles.

- Que quer isto dizer!? - perguntou o barão. - que faz?

- Não fazemos mais do que cumprir o cerimonial costumado, segundo as mais rigorosas leis da etiqueta.

- Então por quem me toma!? - perguntou Canolles, cujo espanto era indizível.

- Por quem é, e creio que me não engano: pelo senhor barão de Canolles.

- E que mais?

- Governador da Ilha de São Jorge.

Foi tal a perturbação de Canolles, que por pouco não saiu por terra.

- Daqui a um momento - continuou o oficial - terei a honra de entregar ao senhor governador os despachos que recebi esta manhã, acompanhados desta carta que me anuncia a sua chegada hoje mesmo.

Canolles olhou para Barrabás, cujos olhos fixos estavam plantados nele com uma expressão de estupefacção impossível de descrever.

- Então - balbuciou Canolles - sou governador da Ilha de São Jorge?...

- Sim, senhor - respondeu o oficial - e Sua Majestade fez-nos grande favor com uma tal escolha.

- Está bem certo de que não há engano?...-perguntou Canolles.

- Senhor - respondeu o oficial - digne-se acompanhar-me aos seus aposentos, e ali verá a sua nomeação.

Canolles não podia conceber semelhante acontecimento, que tão longe estava de se assemelhar ao que ele esperava; pôs-se em marcha, seguindo, sem dizer palavra, o oficial, que lhe mostrava o caminho, por entre o som dos tambores, e dos soldados que

328

apresentavam as armas, e de todos os habitantes da fortaleza, que erguiam aos ares as aclamações; saudava, pálido e trémulo, para a direita e para a esquerda, e interrogava Barrabás com olhos espantados.

Finalmente, tendo chegado a uma sala bastante elegante, e de cujas janelas logo notou que se podia avistar o castelo de Cambes, leu a nomeação, escrita em boa forma, assinada pela rainha, e referendada pelo

duque D'Épernon.

Quando tal viu, não pôde manter-se de pé, e caiu estupefacto numa poltrona.

Contudo, depois de todos os clarins, das descargas de mosquetaria, das estrondosas demonstrações, das homenagens militares, e sobretudo depois do primeiro sobressalto que estas demonstrações lhe haviam produzido, Canolles desejou saber a razão por que a rainha lhe confiava o posto, e levantou os olhos, que durante algum tempo tivera pregados no pavimento. Viu então diante de si, não menos estupefacto do que ele, o seu ex-carcereiro, que se tornara em seu muito humilde servo.

- Ah! é você, senhor Barrabás - disse-lhe ele.

- Sou eu mesmo, senhor governador.

- Poderá explicar-me o que acaba de se passar, que muito me custa a não tomar por um sonho?

- A explicação que lhe posso dar, senhor, é que quando eu lhe falava de torturas extraordinárias, julgava, por quem sou, que lhe dourava a pílula...

- Estava então convencido de que...?

- De que o conduzia até aqui, senhor, para ser rodado.

- Muito obrigado - disse Canolles, estremecendo a seu pesar. - E agora formou alguma opinião acerca do que me acontece?

- Sim, senhor.

- Faça, pois, o favor de me dizer qual é.

- Ei-la, senhor: a rainha terá conhecido quão difícil era é comissão de que o encarregara. Passado o primeiro momento de cólera,

329

ter-se-á arrependido, e como, ao fim e ao cabo, não é homem aborrecível, Sua Graciosa Majestade tê-lo-á recompensado por o haver castigado com demasiado rigor.

- Isso é inadmissível! - respondeu Canolles.

- Parece-lhe que seja inadmissível?...

- Pelo menos, inverosímil.

- Inverosímil?

- Sim.

- Nesse caso, senhor governador, o que me resta é apresentar-lhe os meus humildes respeitos. Pode ser feliz como um rei na Ilha de São Jorge; há nela excelente vinho, caça que fornecem os campos, bom peixe, que todas as marés trazem nos barcos de Bordéus... e as mulheres de São Jorge... Ah, senhor, tudo isto é milagroso!

- Muito bem. Tratarei de seguir os seus concelhos. Receba esta ordem assinada por mim, e vá a casa do pagador, que lhe entregará cem libras. Eu mesmo de boa vontade lho daria em mão própria; porém, visto que por prudência me tirou o meu dinheiro...

- E fiz muito bem, senhor! - exclamou Barrabás - porque, ao fim e ao cabo, se me tivesse corrompido, teria fugido, e se tivesse fugido, teria naturalmente perdido a elevada posição a que chegou, do que nunca me teria consolado.

- Mil vezes bem pensado, senhor Barrabás. Já notei que era fortíssimo em lógica. Entretanto, receba lá este papel como testemunho da sua eloquência. Os Antigos, como muito bem o sabe, representavam a Eloquência com cadeias de ouro que lhe saíam dos lábios.

- Senhor - replicou Barrabás - ousaria observar que seria inútil passar por casa do pagador...

- Como!? Recusa?! - exclamou Canolles, admirado.

- Não, senhor, Deus me defenda disso! Não sou dotado, graças à

Providência, de tão falsos orgulhos; porém, vejo alguns cordões

330

que saem de um cofre colocado no seu fogão, e que me parecem ser de uma bolsa.

- É bom entendedor em matérias de cordões, senhor Barrabás - disse Canolles, muito admirado, pois efectivamente via-se embutido na lareira um cofre antigo, de prata e ornado de esmaltes. - Vejamos se as suas previsões são exactas.

Canolles levantou a tampa do cofre e, de facto, achou uma bolsa, e dentro desta dez mil libras, com este bilhetinho:

Para a caixa particular do senhor governador da Ilha de São Jorge.

- Cos diabos! - disse Canolles, corando.-A rainha faz as coisas muito bem feitas!

E, contra sua vontade, as recordações de Buckingham ocorreram-lhe à mente; talvez que a rainha tivesse visto, por trás de alguma cortina, a figura vitoriosa do formoso capitão... Talvez ela o protegesse com um interesse muito terno... Talvez... (lem-bremo-nos de que Canolles era gascão...)

Infelizmente, a rainha tinha então vinte anos mais do que no tempo de Buckingham.

Todavia, fosse lá como fosse, e viesse de onde viesse, Canolles meteu a mão na bolsa, e dela tirou cem libras, que entregou a Barrabás, o qual saiu fazendo as mais repetidas e respeitosas cortesias.

AL Barrabás saiu, Canolles chamou o oficial, e pediu-lhe que o guiasse na revista que queria passar aos seus novos domínios.

O oficial colocou-se imediatamente às suas ordens. À porta, deparou com uma espécie de estado-maior, composto pelas outras principais individualidades da cidadela; conduzido por eles, conversando com eles, pedindo explicações acerca de todos os recursos da localidade, viu os bastiões, as esplanadas, as meias-luas, as casamatas, os subterrâneos, e os celeiros. A escolta retirou-se então, e Canolles ficou só com o oficial que ao princípio encontrara.

- Agora - disse-lhe este aproximando-se misteriosamente - só falta ao senhor governador ver um quarto e uma só pessoa.

- Que diz? - perguntou Canolles.

- O quarto dessa pessoa é ali - disse o oficial, estendendo o dedo para uma porta que efectivamente Canolles ainda não tinha aberto.

- Ah, é ali? - disse Canolles. -É.

- E a pessoa também está ali? - Também.

333

- Ótimo. peço-lhe, porém, que me desculpe: estou muito cansado de ter viajado dia e noite, e esta manhã não me sinto muito bom da cabeça; faça, pois, o favor de se explicar um pouco mais claramente.

- Ora, pois, senhor governador - continuou o oficial, com o mais fino sorriso - o quarto...

- Da pessoa... - acrescentou Canolles.

- ... que o espera, é ali... Agora, creio que me percebe... Canolles fez um movimento como se voltasse do país das abstracções.

- Sim, sim, muito bem - disse ele.-E posso entrar ali?...

- Sem dúvida alguma, visto que o esperam.

- Então vamos!- disse Canolles.

E com extraordinárias palpitações de coração, não vendo já coisa alguma,

sentindo-se confundirem-se os seus receios e os seus desejos a ponto de ter medo de enlouquecer, Canolles empurrou uma segunda porta, e viu atrás de uma tapeçaria a risonha e ardente Nanon, que deu um grande grito, como se quisesse assustá-lo, e foi lançar os braços ao pescoço do gentil-homem.

Canolles ficou inerte, de braços pendentes e olhos fixos.

- Você! - balbuciou ele.

- Eu! - disse ela, redobrando de risos e de beijos.

A recordação das suas culpas apresentou-se ao espírito de Canolles, que, adivinhando imediatamente o novo favor daquela fiel amante, ficou esmagado ao peso do remorso e do reconhecimento.

- Ah! - disse ele - foi quem me salvou, enquanto eu me perdia como um insensato; velava por mim; é o meu anjo da guarda.

- Não me chame o seu anjo, porque sou um demónio - disse Nanon. - Só apareço nos bons momentos, confesse-o!

- Tem razão, minha querida amiga, pois na verdade creio que me livra do cadafalso.

- Também assim penso. Mas, oh! barão, pois, o senhor, tão

334

perspicaz, tão fino, como fez para se deixar enganar por aquelas delambidas princesas?

Canolles corou; porém, Nanon tomara o partido de não ver nada daquela confusão.

- Na verdade - disse ele - não o sei; ou mesmo não o posso compreender.

- Oh! é porque elas são astuciosas. Ah! meus senhores, querem fazer a guerra às mulheres!... Será verdade o que me contaram? Mostraram-lhe, em lugar da jovem princesa, uma dama de honor, uma camarareira... não sei o quê!...

Canolles sentia a febre subir dos trémulos dedos ao extravazado cérebro.

- Julguei ver a princesa - disse ele - não a conhecia.

- E então, quem era?

- Uma dama de honor, segundo creio.

- Ah! pobre rapaz! A culpa é daquele traidor de Mazarino. Pois, com todos os demónios! Quando se encarrega alguém de uma missão tão difícil como aquela, dá-se-lhe um retrato! Se tivesse possuído ou visto um retrato da princesa, decerto a teria reconhecido. Mas não falemos mais nisso. Não sabe que aquele indigno Mazarino, a pretexto de que havia atraído o rei, queria dar-lhe cabo da pele?...

- Eu bem desconfiava disso.

- Mas eu disse: pois não há-de ser assim; quero-o para mim! Fiz bem? Diga.

Por muito preocupado que estivesse com a recordação da viscondessa, e apesar de trazer sobre o peito o seu retrato, Canolles, não pôde resistir a tão delicada bondade, ao espírito que refulgia nos mais lindos olhos do mundo; abaixou a cabeça, e aplicou os lábios na linda mão que se lhe oferecia.

- E veio esperar-me aqui?

- Ia ter consigo a Paris, para o trazer para aqui. Levara-lhe a nomeação; aquela ausência era muito grande; o senhor D'Épernon

335

não fazia mais do que aumentar a monotonia da minha vida. Tive notícia da sua desventura. A propósito (tinha-me esquecido de dizer): é meu irmão; não sabia?...

- Parece-me adivinhá-lo, ao ler a sua carta.
- Não há dúvida, tinham-nos atraído. A carta que lhe escrevi cairá em más mãos. O duque chegou furioso. Nomeei-o, e declarei-o meu irmão, pobre Canolles! E agora, estamos protegidos pela mais legítima união. Ei-lo quase casado, meu pobre amigo.
Canolles deixou-se arrastar pelo incrível atractivo desta mulher. Depois de haver beijado as suas brancas mãos, beijou os olhos pretos. A sombra da senhora de Cambes teve de fugir, cobrindo lugubrementemente a cabeça.
- Desde então - continuou Nanon - previ tudo e determinei tudo: fiz do senhor d'Épemon o seu protector, ou, para melhor dizer, o seu amigo; abrandei a ira de Mazarino. Finalmente, escolhi para meu retiro São Jorge, porque, como bem sabe, querido amigo, sempre me querem apedrejar. No mundo, só o senhor me ama um pouco, meu querido Canolles. Vejamos, diga que me ama!
E a encantadora sereia, lançando os braços ao pescoço de Canolles, cravou o seu olhar ardente nos olhos do mancebo, como se quisesse penetrar-lhe o pensamento no mais profundo do coração.
Canolles sentiu naquele coração, em que Nanon procurava ler, o que nele se passava, que não podia tornar-se insensível a tão extenuante zelo. Um secreto pressentimento dizia-lhe que havia alguma coisa mais do que amor em Nanon, que havia generosidade, e que não somente ela o amava, mas que também lhe perdoava.
O mancebo fez um sinal com a cabeça, que respondia à pergunta de Nanon, pois com a boca não ousaria dizer-lhe que a amava, ainda que no fundo do seu peito todas as recordações advogassem a seu favor.
- Escolhi, pois - continuou ela - a Ilha de São Jorge, para pôr em segurança o meu dinheiro, as minhas jóias, e a minha pessoa. Quem, a não ser o homem que me ama - disse eu consigo - poderá

336

defender a minha vida? Quem melhor do que o meu senhor pode conservar os meus tesouros? Tudo está nas suas mãos, meu caro amigo, existência e riquezas; velará cuidadosamente por tudo isso? Será fiel amigo e fiel guarda?
Neste momento, uma trombeta retumbou no pátio e vibrou no coração de Canolles; tinha diante de si o amor mais eloquente que jamais existira, e a cem passos de distância a guerra ameaçadora, a guerra que inflama e que embriaga.
- Oh! sim, Nanon - exclamou ele - a sua pessoa e os seus bens estão em segurança junto de mim, e morrerei, eu juro-lhe, para a salvar do menor perigo.
- Muito obrigada - disse ela - meu nobre cavalheiro; tão certa estou do seu valor como da sua generosidade. Ah! - acrescentou ela, sorrindo - bem quererá estar igualmente certa do seu amor!
- Oh! - disse Canolles - pode ter toda a certeza...
- Bem, muito bem - cortou Nanon. - Amor não se prova com juramentos, mas sim, com obras; pelo que fizer, senhor, faremos ideia do seu amor.
E passando à roda do pescoço de Canolles os mais lindos braços do mundo, inclinou a cabeça sobre o peito arquejante do mancebo.
"Agora é preciso que ele esqueça... - disse ela consigo - e há-de esquecer."

NO dia em que Canolles fora preso em Jaulnay sob os olhos da senhora de Cambes, esta partira com Pompeu ao encontro da princesa, que estava à vista de Coutras.
O primeiro cuidado do digno escudeiro foi querer provar à ama que se o

bando de Cauvignac não exigira resgate algum, nem cometera violência alguma contra a bela viajante, à sua catadura resoluta, e à sua experiência da guerra devia ela atribuir tal ventura. A senhora de Cambes, menos facilmente persuadível do que Pompeu julgara ao princípio, observou-lhe que durante mais de uma hora ele desaparecera de todo; porém, Pompeu explicou-lhe que durante aquela hora ficara escondido num corredor, onde, com o auxílio de uma escada, preparara uma fuga certa para a viscondessa - mas que precisara de fazer frente a dois soldados desenfreados que lhe disputavam a posse da escada, o que fizera, já se sabe, com aquele invencível denodo de que todos sabiam ser dotado. Esta conversação permitiu muito naturalmente a Pompeu fazer o elogio dos soldados do seu tempo, terríveis para o inimigo, como o tinham provado no assédio de Montauban e na batalha de Corbie; porém, meigos e corteses para com os compatriotas, qualidades em que, cumpria dizê-lo, não faziam empenho os soldados

339

contemporâneos. O facto é que, sem de tal desconfiar, Pompeu acabava de escapar a um imenso perigo: o de ser alistado por força. Como marchava por costume com olhos radiantes, peito largo, inteiramente militar, e ar marcial, salientara-se logo aos olhos de Cauvignac; porém, graças aos acontecimentos subsequentes, que tinham mudado o curso das ideias do capitão, graças às duas mil libras que recebera de Nanon para somente se ocupar do barão de Canolles, graças à reflexão filosófica de que o ciúme é a mais magnífica das paixões, e que é necessário aproveitá-lo quando o encontramos no nosso caminho, esquecera o querido Pompeu e deixara continuar a senhora de Cambes o seu caminho para Bordéus. Na realidade, Nanon bem quisera que Bordéus não estivesse tão perto de Canolles.

Ela bem teria querido que a viscondessa se achasse no Peru, nas índias, na Gronelândia.

Por outro lado, quando Nanon se lembrava de que, para o futuro, teria ela só, entre boas muralhas, o seu querido Canolles, e que excelentes fortificações, muito pouco acessíveis aos soldados do rei, encerrariam também a senhora de Cambes, prisioneira na sua rebelião, sentia-se dominada, e gozava com delícia aquelas alegrias infinitas que só as crianças e os amantes conhecem sobre a Terra.

Vimos como aquele sonho se realizara, e como Canolles e Nanon se tinham encontrado de novo na Ilha de São Jorge.

Ora, pelo seu lado, a senhora de Cambes viajava triste e trémula. Pompeu, apesar de todas as suas jactâncias, estava bem longe de tranquilizá-la, e não foi sem grande susto que, sobre a tarde do dia em que partira de Jaulnay, viu surgir, seguindo um caminho transversal, um considerável bando de cavaleiros.

Eram aqueles mesmos gentis-homens que voltavam do famoso enterro do duque de La Rochefoucauld, enterro que, com o fundamento de render as honras devidas ao pai, servira de pretexto ao príncipe de Marsillac para tirar da Picardia e outras províncias toda a nobreza que conseguia detestar Mazarino mais ainda do

340

que era afeiçoada aos príncipes. Porém, uma coisa singular causou admiração à senhora de Cambes, e sobretudo a Pompeu: entre aqueles cavaleiros, uns traziam o braço ao peito e outros uma das pernas rodeada de chumaços; muitos tinham na fronte ligaduras ensanguentadas; era, pois, necessário olhá-los de muito perto para reconhecer naqueles gentis-

homens, tão desfigurados, os ligeiros e formosos caçadores que haviam caçado o veado no parque de Chantilly.

Porém, o medo tem olhos penetrantes: Pompeu e a senhora de Cambes reconheceram sob daquelas tiras ensanguentadas alguns dos seus conhecimentos.

- Que lhe parece, senhora? - perguntou Pompeu. - Eis um enterro que teve lugar por bem maus caminhos. É forçoso que a maior parte deles tenham caído dos cavalos abaixo! Olhe como vão maltratados.

- É justamente o que estava a ver - disse a senhora de Cambes.

- Isto recorda-me o regresso de Corbie - voltou Pompeu com orgulho. - Porém, daquela vez não era os bravos que voltavam, mas sim os bravos a quem levavam.

- Mas - perguntou Clara, com um certo receio pela empresa que se apresentava sob de tão tristes auspícios - aqueles gentis-homens não são comandados por ninguém? Não têm um chefe? Esse chefe teria morrido, pois não o vemos... Olhe.

- Minha senhora - respondeu Pompeu, empertigando-se orgulhosamente na sua sela - nada há mais fácil do que reconhecer um chefe no meio da gente que comanda. Normalmente, no esquadrão, o oficial marcha no centro com os seus oficiais; na acção, marcha atrás, ou sobre o flanco da tropa. Lance, pois, os olhos para os diferentes lugares que designo, e ficará elucidada.

- Não vejo nada, Pompeu; mas parece-me que nos seguem; olhe para trás...

- Oh! não, senhora - disse Pompeu tossindo, mas sem se voltar, com medo de efectivamente ver alguém. - Não, ninguém.

341

Mas espere! O chefe não será aquele de penacho encarnado?... Não... Aquela espada dourada?... Não... Aquele cavalo malhado, semelhante ao do senhor de Turenne?... Não... Isto não deixa de ser singular; não há contudo perigo algum, e o chefe bem podia mostrar-se; aqui não é como em Corbie.

- Está enganado, senhor Pompeu - disse atrás do pobre escudeiro que esteve a ponto de cair de costas, uma voz estridente e trocista - está enganado: é pior do que em Corbie.

Clara voltou apressadamente a cabeça, e viu, a dois passos de si, um cavaleiro de mediana estatura, e em trajes de afectada simplicidade, que olhava para ela com uns olhos radiantes e encovados como os da raposa. Com os seus densos cabelos pretos, lábios delgados e móveis, palidez biliosa, a fronte carregada, aquele cavaleiro inspirava tristeza em pleno dia; de noite teria inspirado terror.

- Senhor príncipe de Marsillac! - exclamou Clara, muito agitada.- Ah! seja muito bem-vindo, senhor.

- Diga duque de La Rochefoucauld, minha senhora, porque, agora que o duque meu pai morreu, herdei o seu nome, sob o qual, boas ou más, vão inscrever-se as acções da minha vida.

- Regressa... - disse Clara, com hesitação.

- Voltamos derrotados, minha senhora.

- Derrotados?! Oh! céus!

- Digo que voltamos derrotados, senhora, porque eu sou pouco fanfarrão por natureza, e porque digo a verdade a mim mesmo, como a digo aos outros; se assim não fora, poderia dizer que voltávamos vencedores; mas, na realidade, fomos derrotados, visto que os nossos projectos acerca de Saumur se malograram. Cheguei muito tarde, perdemos aquela importante praça que Jarzé acabava de entregar. De agora em diante, supondo que a princesa tenha Bordéus, como se lhe prometeu, toda a guerra vai

concentrar-se na Guiana.

- Mas, senhor - perguntou Clara - se, como me pareceu compreender, a capitulação teve lugar sem que se disparasse um tiro,

342

o que significa o que vemos e porque é que todos esses cavaleiros estão assim feridos?

- Porque encontramos algumas tropas reais - disse La Roche-foucauld, com uma espécie de orgulho, que não pôde dissimular apesar do domínio que tinha sobre si mesmo.

- E houve combate? - perguntou com vivacidade a senhora de Cambes.

- Oh! meu Deus, sim, senhora.

- Quer dizer - murmurou a viscondessa - que o primeiro sangue francês já foi derramado por franceses, e foi o senhor duque quem deu o exemplo!

- Fui eu, senhora.

- O senhor, tão sossegado, tão frio e tão sisudo?!

- Quando se defende um partido injusto contra mim, à força de me apaixonar pela razão, torno-me por vezes muito pouco razoável.

- Ao menos não está ferido?

- Não. Desta vez fui mais feliz do que nas linhas de Paris. Então, julgava ter recebido lição suficiente da guerra civil para não me meter mais nisso. Porém, havia-me enganado. Que quer? O homem sempre forma projectos sem consultar a paixão, o único e verdadeiro arquitecto da sua vida, que reforma o seu edifício, quando não o derruba inteiramente.

A senhora de Cambes sorriu; lembrava-se de que o senhor de La Rochefoucauld dissera que, pelos lindos olhos da senhora de Longueville, fizera a guerra aos reis, e a faria aos deuses.

Este sorriso não escapou ao duque; e, não dando tempo à viscondessa de fazer seguir o pensamento àquele sorriso que lhe dera lugar:

- Mas, minha senhora - continuou ele - deixe-me fazer-lhe os meus cumprimentos, porque na verdade é um modelo de valor.

- E porquê?

343

- Viajar assim só, com um único escudeiro, como uma Clorinda ou uma Bradamante!... Oh! a propósito, contaram-me a sua linda actuação em Chantilly. Segundo me referiram, enganou admiravelmente um pobre diabo, oficial do exército real... Vitória fácil, não é assim? - juntou o duque, com aquele sorriso e olhar que nele queriam dizer tantas coisas.

- Como assim!? - perguntou Clara, muito agitada.

- Digo fácil - continuou o duque - porque não combatia com armas iguais consigo. Todavia, uma coisa me admirou no relato que me fizeram dessa aventura...

E com mais pertinácia do que nunca, o duque cravou os olhos na viscondessa.

Não havia meio algum para a senhora de Cambes fazer uma retirada honrosa. Preparou-se, por consequência, para uma defesa, que decidiu fazer com todo o vigor que pudesse.

- Fale, senhor duque - disse ela. - Que foi que o admirou tanto?

- A sua extrema habilidade, senhora, em fazer aquele pequeno papel cómico; com efeito, se é verdade o que me disseram, o oficial já tinha visto o seu escudeiro, e até me parece que a si mesma.

Estas últimas palavras, ainda que proferidas com toda a habilidade ciscunspecta de um homem de tacto, não deixaram de impor uma profunda sensação à senhora de Cambes.

- Já me tinha visto, diz o senhor?
- Tenha paciência, senhora, entendamo-nos; não sou eu quem o diz, eu não faço mais do que repetir o que outros dizem; e ao poder destes dizeres os reis estão sujeitos como os últimos dos seus súbditos.
- E onde me tinha ele visto?
- Dizem que foi na estrada de Libourne para Chantilly, numa aldeia chamada Jaulnay; mas que a entrevista não fora longa, tendo o mancebo recebido ordem do senhor D'Épernon para partir no mesmo instante rumo a Nantes.

344

- Mas se aquele gentil-homem me tinha visto, senhor duque, como não me reconheceu ele então?
- Ah! segundo o famoso dizer de que ainda agora lhe falava, e que para tudo tem resposta pronta, a coisa era impossível, visto que a entrevista tivera lugar nas trevas.
- Desta vez, senhor duque - replicou a viscondessa, sumamente agitada - já não sei na verdade o que quer dizer.
- Então - continuou o duque, com fingida ingenuidade - talvez tenha sido mal informado; além de que, supondo que assim seja, que significa o encontro de um instante?... Na verdade, senhora - ajuntou cortesmente o duque - tem um garbo e um rosto que devem deixar uma profunda impressão, ainda que na sequência de um encontro momentâneo.
- Mas isso não era possível - replicou a viscondessa - visto que o senhor mesmo diz que a entrevista teve lugar nas trevas...
- Tem razão, senhora, e é forçoso confessar que se defende habilmente; sou eu, pois, quem se engana... A não ser, todavia, que aquele mancebo, antes dessa entrevista, a tivesse já visto; então, a aventura de Jaulnay já não seria exactamente um encontro. ..
- E que será então? - respondeu Clara.-Pondere as suas palavras, senhor duque.
- Por isso, como vê, não vou mais longe; a nossa querida língua francesa é tão pobre, que em vão procuro uma palavra que exprima a minha ideia. Será... um "appuntamento", como dizem os italianos... uma "assignation", como dizem os ingleses.
- Mas, se não me engano, senhor duque - disse Clara - estas duas palavras traduzem-se em francês pela de "rendez-vous".
- E então? - replicou o duque - não digo eu uma parvoíce em duas línguas estrangeiras, e justamente diante de uma pessoa que entende essas duas línguas?... Minha senhora, perdoe-me; afinal, parece-me que o inglês e o italiano são tão pobres como o francês.

345

Clara apertou o coração com a mão esquerda para poder respirar mais livremente; estava quase sufocada; ocorria-lhe uma coisa de que sempre desconfiara: de que o senhor de La Rochefoucauld fizera, pelo menos em pensamento e em desejo e por amor dela, uma infidelidade à senhora de Longueville, e que ao falar assim era um sentimento de ciúme que o obrigara. Efectivamente, dois anos antes, o príncipe de Marsillac fizera-lhe a corte tão assiduamente quanto o permitiam aquele carácter dissimulado, aquelas perpétuas incertezas, e aqueles eternos acanhamentos, que faziam dele o mais rancoroso inimigo, quando não era o amigo mais reconhecido. Por isso a viscondessa preferiu não romper abertamente com um homem que tanto tomava a peito os negócios públicos como os interesses mais familiares.

- Não sabe senhor duque - disse ela - que é um homem precioso, sobretudo nas circunstâncias em que estamos, e que Mazarino, que se preza de ter uma boa polícia, não a tem, todavia, tão boa como a sua?...

- Se eu de nada soubesse, minha senhora - replicou o duque de La Rochefoucauld - parecer-me-ia muito com esse ministro, e então nenhum motivo teria para fazer guerra. E por isso é que trato de estar pouco mais ou menos inteirado de tudo.

- Até dos segredos das suas aliadas, se elas os tivessem?...

- Acaba de proferir uma palavra que se interpretaria muito mal se a ouvissem: um segredo de mulher. Aquela viagem e aquele encontro eram, então, um segredo?

- Entendamo-nos, senhor duque, porque só em parte tem razão. O encontro era um acaso. A viagem era um segredo, e até um segredo de mulheres, visto que, na realidade, só eu e a princesa sabíamos dela. O duque sorriu. Esta boa defesa aguçava a sua perspicácia.

- E de Lenet? - disse ele - e de Richon? e do senhor de Tour-ville? e até de um certo visconde de Cambes, que não conheço, e de quem pela primeira vez ouvi falar naquela ocasião... Verdade

346

é que quanto a este último, sendo seu irmão, dir-me-á que o segredo não saiu da família...

Clara pôs-se a rir para não irritar o duque, cujas sobrancelhas já começavam a franzir-se.

- Sabe uma coisa, senhor duque? - disse ela.

- Não, mas diga-me; e se é um segredo, senhora, prometo-lhe que serei tão discreto como a senhora e que o não direi senão ao meu estado-maior.

- Embora assim o faça, tanto melhor, ainda que com isso eu corra o risco de me tornar inimiga de uma grande princesa, em cujo ódio não é bom incorrer.

O duque corou imperceptivelmente.

- Então, esse segredo? - disse ele.

- Na viagem que me fizeram empreender, não sabe qual era o companheiro que a princesa me destinava?

- Não.

- Era o senhor mesmo.

- Com efeito, lembra-me que a princesa me mandou perguntar se podia servir de escolta a uma pessoa que voltava de Libourne para Paris.

- E recusou-se a isso.

- Encontrava-me então detido no Poitou, por negócios indispensáveis.

- Sim, tinha que receber os correios da senhora de Longueville. La Rochefoucauld olhou com vivacidade para a viscondessa, como para sondar o íntimo do seu coração antes que o rasto dessas palavras tivesse desaparecido, e, aproximando-se dela, replicou:

- Censura-me por causa disso?

- De maneira nenhuma: está tão bem colocado naquele lugar, senhor duque, que, em vez de censuras, só tem direito a esperar louvores.

- Ah! - disse o duque, suspirando contra vontade - oxalá tivesse feito aquela viagem consigo!

347

- E porquê?

- Porque não teria ido a Saumur - respondeu o duque, num tom que dava a entender que tinha outra resposta pronta, mas que não ousava, ou não queria dá-la.

"Richon é que lhe há-de ter dito tudo" - pensou Clara.

- Porém - continuou ainda o duque - não me queixo da minha desgraça particular, visto que dela resulta uma felicidade pública.

- Que quer dizer, senhor duque? Não o compreendo.

- Quero dizer que se tivesse estado consigo, a senhora não terá encontrado aquele oficial, que a fortuna (tão evidente é que Deus protege a nossa causa) quis que fosse o mesmo que Mazarino enviou a Chantilly.

- Ah! senhor duque - exclamou Clara, com uma voz sufocada por dolorosa e recente recordação - não gracieje acerca daquele infeliz oficial!

- Porquê? É alguma pessoa sagrada?

- Deve sê-lo agora, porque as grandes desgraças, para os corações nobres, são sagradas como as grandes fortunas. Esse oficial estará talvez morto a estas horas, senhor, e terá pago com a vida o seu erro, ou o seu ardente zelo.

- Morto de amor? - perguntou o duque.

- Falemos seriamente, senhor; sabe bem que, se desse o meu coração a alguém, não o faria a pessoas que se encontram pelas estradas. Digo-lhe que aquele infeliz foi preso hoje mesmo por ordem de Mazarino.

- Preso?! - admirou-se o duque.-E como sabe disso? Por algum novo encontro?

- Oh! meu Deus! sim. Eu passava por Jaulnay... Conhece Jaulnay?...

- Perfeitamente: recebi aí uma cutilada no ombro... Passava então por Jaulnay... Aliás, não é nessa mesma aldeia que segundo os boatos que correm...

348

- Deixemo-nos de boatos, senhor duque - respondeu Clara, corando. - Passava eu, pois, por Jaulnay, quando vi um grupo de gente armada que prendia um homem e o levava; esse homem era ele.

- Ele, diz a senhora? Ah! pondere, bem, senhora! - disse ele.

- Sim, ele, o oficial. Oh! meu Deus, senhor duque, como é profundo! Ponha de parte as suas espertezas e se não tem compaixão por aquele infeliz...

- Compaixão, eu?! -exclamou o duque. -Ah! senhora, porventura tenho eu tempo de ter compaixão, sobretudo por homens que não conheço?...

Clara olhou furtivamente para o pálido rosto de La Rochefoucauld, e para os seus delgados lábios arrepiados por um sorriso sem irradiação, e não pôde deixar de estremecer.

- Senhora - continuou o duque - desejara ter a honra de escoltá-la mais longe. Porém, tenho de deixar uma guarnição em Montrond; desculpe-me, pois, se me separo de si. Vinte gentis-homens, mais felizes do que eu, servir-lhe-ão de guarda até que se tenha reunido à princesa, a quem lhe peço que tenha a bondade de apresentar os meus respeitos.

- Não vai para Bordéus? - perguntou Clara.

- Por ora não; vou-me reunir-me na Turenne com o senhor de Bouillon. Rivalizamos, a ver qual de nós será general desta guerra; o meu contrário é muito forte; porém, quero vencê-lo e ficar seu tenente.

Ditas estas palavras, o duque saudou cortesmente a viscondessa, e tomou, a passo lento, ao caminho da sua tropa de cavaleiros.

Clara seguiu-o com os olhos, murmurando:

"A sua compaixão! Eu invocava a sua compaixão!... Ele disse bem: não tem tempo para isso."

Viu então um grupo de cavaleiros destacar-se ao encontro dela, e com o resto da tropa ir, pensativo, com as rédeas lançadas no pescoço do cavalo, aquele homem de olhar falso e mãos brancas,

349

que mais tarde inscreveria, no princípio das suas memórias, esta frase bastante singular num filósofo moralista:

"Creio que é necessário contentarmo-nos em mostrar compaixão, mas abstermo-nos de a ter. É esta uma paixão que para nada é útil no interior de uma boa alma; que só serve para enfraquecer o coração, e que se deve deixar ao povo, que nunca executa coisa alguma pela razão, e necessita da paixão para fazer as coisas."

Dois dias depois, a senhora de Cambes reunia-se à princesa.

A senhora de Cambes havia pensado muitas vezes, instintivamente, no que poderia resultar de um ódio como o do senhor de La Rochefoucauld; porém, reconhecendo ser jovem, bela e válida, não entendia que aquele ódio

- supondo, todavia, que existisse - pudesse ter uma influência funesta na sua vida. Apesar disso, quando a senhora de Cambes soube, sem margem

para dúvidas, que ele se inquietara a seu respeito a ponto de estar inteirado de tudo, antecipou-se-lhe, e deu conta disso à princesa.

- Senhora - disse à princesa, em resposta aos elogios que lhe eram feitos - não me lisonjeie muito acerca da suposta destreza que mostrei nessa ocasião, já que não deixa de haver quem assegure que o oficial enganado sabia muito bem a quantas andava, relativamente à verdadeira ou falsa princesa de Conde.

Como, porém, esta suposição retirava à princesa de Conde a parte de merecimento que julgava haver desenvolvido na execução do ardil, a nada quis dar crédito.

- Sim, sim, minha querida Clara - respondeu ela. - Sim, compreendo muito bem: hoje, que o nosso gentil-homem vê que o enganámos, quereria dar a entender que nos favoreceu; por infelicidade sua, acordou muito tarde, pois esperou por cair em desgraça para assim proceder. Mas, a propósito: não me disse que

351

tinha encontrado o senhor de La Rochefoucauld por esses caminhos?

- Sim, senhora.

- Que lhe contou ele de novo?

- Que ia para a Turenne, a fim de se entender com o senhor de Bouillon.

- Sim, há uma luta entre eles, bem o sei; afectando recusarem essa honra, andam a competir, a ver qual dos dois será generalíssimo dos nossos exércitos. Com efeito, quando fizermos a paz, quanto mais temível tiver sido o rebelde, mais direito terá a fazer pagar cara a sua reconciliação. Mas para os reconciliar tenho um plano da senhora de Tourville.

- Oh! oh! - disse a viscondessa, sorrindo ao ouvir este nome. - Então Vossa Alteza reconciliou-se com a sua conselheira costumada?

- Não houve remédio; foi ter connosco a Montrond, trazendo o seu rolo de papel com uma tal gravidade, que eu e Lenet não pudemos deixar de rir.

"Posto que Vossa Alteza - disse ela - nenhum caso faça destas reflexões, fruto de laboriosas vigílias, venho oferecer o meu tributo à associação generosa"...

- Mas então, era um verdadeiro discurso?

- Sobre três pontos.

- A qual deles respondeu Vossa Alteza?

- A nenhum; cedi a palavra a Lenet. "Senhora - disse ele - nós nunca duvidámos do seu zelo, e ainda menos das suas luzes; são para nós tão preciosas, que a princesa e eu todos os dias por elas suspirávamos"... Numa palavra: disse-lhe ainda um mar de coisas lindas, que a seduziram a

ponto de acabar por lhe oferecer o plano.

- Qual é?...

- Não nomearmos generalíssimo nem o senhor de Bouillon, nem o senhor de La Rochefoucauld, mas sim o senhor de Turenne.

352

- Ora, pois - acrescentou Clara - parece-me desta vez que a conselheira aconselha assizadamente. Que diz a isso, senhor Lenet?

- Digo que a viscondessa tem razão, e que junta um voto mais às nossas deliberações - respondeu Lenet, que entrava justamente naquela hora com um rolo de papel, o qual segurava tão gravemente como teria feito a senhora de Tourville. - Infelizmente, o senhor de Turenne não pôde ausentar-se do exército do Norte, e o nosso plano exige que marche sobre Paris quando Mazarino e a rainha marcharem sobre Bordéus.

- Há-de reparar, minha querida amiga, que Lenet é o homem das impossibilidades. Por isso, não é nem o senhor de Bouillon, nem o senhor de La Rochefoucauld, nem o senhor de Turenne, o nosso generalíssimo; é Lenet! Que tem aí Vossa Excelência? Alguma proclamação?

- Sim, senhora.

- A da senhora de Tourville, bem entendido...

- Sim, senhora, salvo algumas necessidades de redacção. O estilo de chancelaria, bem sabe...

- Bom! Bom! - disse rindo a princesa. - Contanto que lá esteja o espírito, a letra pouco deve importar.

- O espírito está, minha senhora.

- E o senhor de Bouillon, onde deve assinar?

- Na mesma linha que o senhor de La Rochefoucauld.

- Isto não é dizer-me onde há-de assinar o senhor de La Rochefoucauld.

- O senhor de La Rochefoucauld há-de assinar a seguir ao duque de Enghien.

- O duque de Enghien não deve assinar um tal papel! É uma criança, pondere bem, Lenet.

- Já ponderei, senhora! Quando o rei morre, o delfim sucede-lhe. ainda que não tenha senão um dia... Porque não seria na casa dos Condes como na casa de França?...

353

- Mas o que dirá o senhor de La Rochefoucauld? O que dirá o senhor de Bouillon?

- O primeiro já disse, senhora, e foi-se embora depois de ter dito; o segundo, há-de saber a coisa quando ela estiver feita, e, portanto, dirá o que quiser, e isso pouco nos importa!

- Eis, pois, a causa da frieza que o duque lhe testemunhou?

- Deixe-o frio, senhora - disse Lenet. - Ele aquecerá com os primeiros tiros de artilharia que nos atirar o marechal de La Mille-raye. Esses senhores querem fazer a guerra: façam-na então!

- Tenhamos todo o cuidado em não os descontentar demasiado, Lenet - recomendou a princesa. - Não temos senão eles...

- E eles não têm senão o seu nome; que tentem combater por conta deles, e verá quanto tempo se aguentam. Nada de hesitações.

Havia já alguns segundos que a senhora de Tourville entrara, e ao ar radiante e alegre do seu rosto sucedera uma sombra de inquietação, que aumentou com as múltiplas palavras do conselheiro sem rival.

Adiantou-se com vivacidade, e afirmou:

- O plano que propus a Vossa Alteza teria a desgraça de não alcançar a

aprovação do senhor Lenet?

- Pelo contrário, senhora - respondeu Lenet, sorrindo. - E até conservei cuidadosamente a maior parte da sua redacção; a única diferença é que em lugar de a proclamação ser assinada pelo duque de La Rochefoucauld, será assinada pelo duque de Enghien, e os nomes daqueles senhores seguir-se-ão ao do príncipe.

- Quer comprometer o jovem príncipe, senhor?

- É muito justo que se comprometa, senhora, visto ser por amor dele que combatemos.

- Mas os bordeleses amam o duque de Bouillon, adoram o duque de La Rochefoucauld, e nem sequer conhecem o duque de Enghien.

- Está enganada - respondeu Lenet, que segundo o seu costume, tirou um papel daquela algibeira cujo conteúdo sempre

354

causava admiração à princesa - pois está aqui uma carta do presidente de Bordéus, na qual me roga que faça assinar as proclamações pelo jovem duque.

- Ora, deixe-se de parlamentos, Lenet! - exclamou a princesa. - Que vantagem nos traria escapar ao poder da rainha e de Mazarino, caso tornássemos a cair no dos parlamentos?...

- Vossa Alteza quer entrar em Bordéus? - perguntou Lenet.

- Sem dúvida.

- Pois essa é a condição "sine qua non", não dar um tiro por qualquer outro que não seja o duque de Enghien.

A senhora de Tourville mordeu os lábios.

- Quer dizer - disse a princesa - que nos fez fugir de Chantilly, fez-nos correr cento e cinquenta léguas, para recebermos uma afronta dos bordeleses?...

- O que toma por uma afronta, senhora, é uma honra. Que coisa, na verdade, pode haver de mais lisonjeira para a princesa de Conde, do que ver que a recebam a ela, e não aos outros?...

- Então, os bordeleses nem sequer receberão os dois duques?

- Só a Vossa Alteza receberão.

- O que posso eu fazer só?

- Ah, meu Deus! Entre, entre de um modo ou de outro; e, quando entrar, deixe as portas abertas, e os outros entrarão atrás de si.

- Não nos é possível passar sem eles.

.- Este é o meu parecer, e, dentro de quinze dias, será também o parecer do Parlamento. Bordéus repele o seu exército, de que tem medo, e daqui a quinze dias chamá-lo-á para se defender. Terá então o duplo merecimento de ter feito duas vezes o que os bordeleses lhe hajam pedido, e então - fique sossegada: far-se-ão matar pela sua causa, desde o primeiro até ao último.

- Bordéus está então ameaçada? - perguntou a senhora de Tourville.

355

- Muito ameaçada-respondeu Lenet. - É por isso que se torna indispensável tomar ali posição. Enquanto lá não estivermos, Bordéus pode, sem comprometer a honra, recusar abrir-nos as suas portas; uma vez que lá estejamos, Bordéus não pode, sem se desonrar, expulsar-nos dos seus muros.

- E quem ameaça Bordéus?

- O rei, a rainha e Mazarino. Neste momento estão recrutando para o exército real; os nossos inimigos tomam posição; a Ilha de São Jorge, que

só dista umas três léguas da cidade, acaba de receber um reforço, um abastecimento de munições, e um novo governador. Os bordeleses tentarão apoderar-se da ilha, e é muito natural que sejam repelidos, visto que têm de se medir com as melhores tropas do rei. Devidamente desancados, como convém a paisanos que querem fazer as vezes de soldados, chamarão em altos brados pelos duques de Bouillon e de La Rochefoucauld. Então, senhora, terá esses dois duques nas suas mãos, e imporá as suas condições aos parlamentos.

- Mas não seria mais acertado chamar ao nosso partido o tal governador, antes que os bordeleses tenham sofrido uma derrota, que talvez os desanime?...

- Se estiver em Bordéus quando essa derrota se registrar, nada terá que temer; quanto a subornar o governador, isso é coisa impossível.

- Impossível?! E porquê?

- Porque esse governador é inimigo pessoal de Vossa Alteza.

- Meu inimigo pessoal?

- Sim, senhora.

- E de onde procede a sua inimizade?

- Ele nunca perdoará a Vossa Alteza o logro de que foi vítima em Chantilly. Oh! Mazarino não é tolo, como o julgam, senhoras, apesar de que eu não cesse de repetir-lhes o contrário; e a prova é que mandou para a Ilha de São Jorge, isto é, para a melhor posição ao país, adivinham quem?

356

- Já lhe disse que ignorava completamente quem ele fosse.

- Ora, pois: é o tal oficial, de quem tanto se têm rido, e que, por uma inexplicável incúria, deixou fugir Vossa Alteza de Chantilly.

- O senhor de Canolles?! - exclamou Clara.

- Sim, senhora.

- O senhor de Canolles governador da Ilha de São Jorge?!

- Ele mesmo, em pessoa.

- Isso não é possível! Eu vi-o ser preso, na minha presença, perante meus olhos!

- É verdade. Mas deve sem dúvida ser poderosamente protegido. e a sua desgraça converteu-se em graça.

- E se o julgava já morto, minha pobre Clara! - disse rindo a princesa.

- Está bem certo disso, senhor? - perguntou Clara, atónita. Lenet, segundo o seu costume, meteu a mão na famosa algibeira, e dela retirou um papel.

- Está aqui uma carta de Richon - disse ele - que me dá todos os pormenores sobre a posse do novo governador, e na qual me exprime o seu pesar por Vossa Alteza o não ter despachado a ele próprio para a Ilha de São Jorge.

- A princesa despachar Richon para a Ilha de São Jorge?! - disse a senhora de Tourville, com um riso triunfante. - Acaso dispomos nós das nomeações de governador para as praças de Sua Majestade?

- Dispúnhamos de uma, senhora - respondeu Lenet - e é quanto basta.

- Então de qual?

A senhora de Tourville estremeceu vendo que Lenet aproximava a mão da algibeira.

- A assinatura em branco do duque D'Épernon! - exclamou a princesa. - É verdade, não me lembrava.

- Ora! Que vale isso? - disse desdenhosamente a senhora de Tourville. - Um pedaço de papel, e nada mais.

- Este pedaço de papel, senhora - disse Lenet - é a nomeação de que precisávamos para evitar, o que acaba de se fazer. E a posse da Ilha de São Jorge, é a nossa salvação: enfim: haverá alguma outra praça sobre o Dordonha, como a Ilha de São Jorge sobre o Garona?

- E está certo - replicou Clara, que nada ouvira do que há cinco minutos se dizia, e que só ficara ciente da notícia dada por Lenet, e confirmada por Richon - de que é o mesmo Canolles que foi preso em Jaulnay quem agora governa a Ilha de São Jorge?

- Tenho toda a certeza absoluta, senhora.

- Mazarino tem um modo singular - continuou ela - de encaminhar os governadores aos seus governos.

- Sim - disse a princesa - certamente que não deixa de haver algum mistério em tudo isto.

- Sem dúvida que há - corroborou Lenet. - E a chave desse mistério talvez nos possa ser dada pela menina Nanon de Lartigues.

- Nanon de Lartigues?! - exclamou a viscondessa de Cambes, a quem uma terrível lembrança acabava de trespassar o coração.

- Aquela rapariga?! - disse a princesa, com desprezo.

- Sim, senhora - respondeu Lenet. - Aquela rapariga que Vossa Alteza não quis ver, quando solicitava ser-lhe apresentada, e que a rainha, menos severa do que a senhora relativamente às leis da etiqueta, recebera; o que justificou que ela respondesse ao vosso camarista que era possível ser Sua Alteza de Conde senhora de mais distinção do que Ana de Áustria, mas que decerto em Ana de Áustria há mais prudência do que na princesa de Conde.

- A memória não o ajuda, Lenet, ou então quer poupar-me - exclamou a princesa. - Aquela insolente rapariga não se contentou em dizer: "Mais prudência", eu ouvi-a do princípio ao fim.

- Então fácil será compreender, senhora - disse Lenet - que

será essa mulher que lhe fará a guerra mais encarniçada. A rainha ter-lhe-ia enviado soldados a quem combater; Nanon mandar-lhe-á inimigos a quem será preciso esmagar.

- Talvez que no lugar de Sua Alteza - disse com aspereza a senhora de Tourville a Lenet - a tivesse recebido com reverência. ..

- Não, senhora - negou Lenet. - Tê-la-ia recebido rindo, e tê-la-ia comprado.

- Ora, pois, se somente se trata de comprar, sempre estamos a tempo.

- Sem dúvida, sempre estamos a tempo; com a única diferença de que, a esta hora, o preço há-de provavelmente ser demasiado alto para a nossa bolsa.

- Então, quanto vale ela? - perguntou a princesa.

- Quinhentas mil libras, antes da guerra. - E hoje?

- Um milhão.

- Mas, por tal preço eu compraria Mazarino!

- É possível - disse Lenet. - As coisas já vendidas e revendidas baixam de preço.

- Mas - insistiu a senhora de Tourville, que sempre se inclinava aos meios violentos - se não a pudermos comprar, será necessário lançar mão dela!

- Senhora, faria um verdadeiro serviço a Sua Alteza, se conseguisse tal resultado; mas dificilmente será possível, visto que se ignora absolutamente onde se encontra. Todavia, não nos ocupemos agora disso;

entremos desde já em Bordéus, e depois entraremos na Ilha de São Jorge.
- Não, não - exclamou Clara. - Entremos primeiro na Ilha de São Jorge.
Esta exclamação, saída do fundo do coração da viscondessa fez com que as duas mulheres se voltassem para ela, enquanto Lenet olhava para Clara com a mesma atenção como teria podido

359

fazer o senhor de La Rochefoncauld, mas agora acompanhada de benevolência.

- Mas tu estás louca! - disse a princesa. - Bem vêes que Lenet diz que a praça é incontestável.

- É possível - disse Clara. - Porém, creio que a tomaremos. - Terá algum plano? - perguntou a senhora de Tourville, com

o ar de mulher que receia ver a casa assaltada. - Talvez - disse Clara.

- Mas - voltou a princesa, rindo - se a Ilha de São Jorge tem de custar tão cara como diz Lenet, talvez não sejamos suficientemente ricos...

- Não se comprará - esclareceu Clara - e, contudo, apoderar-nos-emos dela como se a tivéssemos comprado.

- Por meio da força, então - disse a senhora de Tourville.

- Minha querida amiga, adopte o meu plano.

- É isso - disse a princesa. - Ordenaremos a Richon que vá sitiar São Jorge; ele é desta terra, conhece as localidades, e se há alguém que seja capaz de tomar aquela fortaleza, que julgam ser tão importante, é ele!

- Antes de tentar esse meio - disse Clara - deixe-me tentar a aventura! E se eu for mal sucedida, então, farão o que entenderem.

- Como!? - disse a princesa admirada - atrever-te-ás a ir à Ilha de São Jorge?

- Irei, sim. - Só?

- Acompanhada por Pompeu.

- E não receia coisa nenhuma?

- Irei como parlamentar, se realmente Vossa Alteza quiser encarregar-me das suas instruções.

- Ah! eis uma coisa nova - exclamou a senhora de Tourville. - A mim parece-me que os diplomatas não se improvisam deste modo, e que é preciso fazer um longo estudo dessa ciência; o senhor

360

de Tourville, um dos melhores diplomatas da sua época, da mesma forma que era um dos melhores guerreiros, entendia ser essa profissão a mais difícil de todas.

- Seja qual for a minha insuficiência, senhora - respondeu Clara - farei contudo a experiência, se a princesa o permitir.

- Sem dúvida alguma que a princesa lho permitirá - disse Lenet, lançando um olhar à princesa de Conde. - E estou convencido de que, se há no mundo pessoa alguma que possa sair-se bem de uma tal empresa, esse alguém é a senhora...

- Então, que fará a senhora que outros não possam fazer?

- Entrará francamente em ajuste com o senhor de Canolles, feito que um homem não poderia tentar sem correr o risco de ser lançado pela janela.

- Um homem... vá lá - replicou a senhora de Tourville - mas uma mulher...

- Se é uma mulher que vai à Ilha de São Jorge - disse Lenet - tanto faz, e até vale mais que seja a senhora do que outra, visto que foi a primeira a quem ocorreu essa ideia.

Neste momento, um mensageiro entrou no aposento da princesa. Era portador de uma carta do Parlamento de Bordéus.

- Ah! - exclamou a princesa - é sem dúvida a resposta à minha inquirição. As duas mulheres aproximaram-se, movidas por um sentimento de curiosidade e interesse. Quanto a Lenet, ficou no mesmo lugar com a sua costumada fleuma, sabendo sem dúvida de antemão o que continha a carta.

A princesa leu avidamente.

- Querem-me, chamam-me, esperam-me! - exclamou ela.

- Ah! - disse a senhora de Tourville, com um acento de triunfo.

- Mas os duques, senhora? - disse Lenet - mas, o exército?...

- Não dizem palavra a este respeito.

- Então ficamos sem forças - disse a senhora de Tourville.

361

- Não - disse a princesa - porque, graças à assinatura em branco do duque D'Épernon, eu terei Vayres, que domina o Dordonha.

- E eu - disse Clara - terei São Jorge, que é a chave do Garona.

- E eu - disse Lenet - terei os duques e o exército, se, entretanto, me der tempo para isso.

ALEXANDRE DUMAS

A GUERRA DAS MULHERES

Tomo segundo

A VISCONDESSA DE CAMBES

Dois dias depois, avistaram Bordéus. Havia finalmente que decidir o modo como se entraria na cidade. Os duques e o respectivo exército estavam já a apenas dez léguas, pouco mais ou menos; podia-se assim tentar a entrada pacificamente, ou pela força. O que importava era saber o que mais convinha: se comandar em Bordéus, se obedecer ao Parlamento. A senhora princesa convocou o conselho, composto pela senhora Tourville, por Clara, pelas suas damas e por Lenet. A senhora Tourville, que conhecia o seu antagonista, insistira muito em que ele não assistisse ao conselho, dado que a guerra era uma guerra de mulheres, na qual os homens só serviam para combater. Porém, a senhora princesa declarou que, se Lenet a acompanhava por ordem do príncipe, seu marido, não podia excluí-lo da sala das deliberações, na qual, além disso, a sua presença não teria qualquer significado, visto que de antemão se combinara que podia dizer o que quisesse, pois não lhe dariam ouvidos.

O receio da senhora Tourville não era uma precaução inútil; havia utilizado os dois dias de marcha que acabavam de passar-se a convencer a senhora princesa da vantagem em seguir as suas ideias belicosas, para as quais, infelizmente, já tinha muita inclinação, e temia que Lenet conseguisse ainda destruir toda a sua obra, tão laboriosamente edificada. Com efeito, reunido o conselho, a senhora Tourville expôs o seu plano, o qual consistia em mandar chamar secretamente os duques e o respectivo exército, adquirir à força ou por acordo determinado número de barcos, e entrar em Bordéus, descendo o rio e clamando: Vivam os bordeleses! Viva Conde! Fora Mazarino!

Desta forma, a entrada da senhora princesa na cidade tornava-se uma verdadeira entrada triunfal, e a senhora Tourville, por via deste processo, via pôr-se em prática, por linhas tortas embora, o seu famoso projecto de conquistar Bordéus pela força, e assustar a rainha com um exército cujo primeiro ensaio seria tão brilhante empresa.

Lenet aprovou todas as coisas com a cabeça, interrompendo a senhora

Tourville com exclamações de admiração; depois, logo que ela acabou de expor o seu plano, afirmou:

- Tudo isso é magnífico! Agora, queira resumir quanto nos disse.

- É fácil, e fá-lo-ei em duas palavras - assentiu a boa da senhora, triunfante, e animando-se a si mesma para fazer a narrativa: - por entre a chuva de balas, o toque dos sinos e os gritos de furor ou de alegria das povoações, ver-se-ão débeis mulheres prosseguirem intrepidamente a sua generosa missão; ver-se-á uma criança, nos braços da mãe, que suplica ao Parlamento a respectiva protecção. Este tocante espectáculo não deixará de enternecer as almas mais ferozes. Assim, venceremos em parte pela força, em parte pela justiça da nossa causa - o que, a meu ver, é o fim a que se propõe Sua Alteza a senhora princesa...

O resumo teve ainda maior efeito do que o discurso; a senhora princesa aplaudiu; Clara, cada vez mais agrilhoadada pelo desejo de ser nomeada parlamentar na Ilha de São Jorge, também aplaudiu; finalmente, Lenet fez mais do que aplaudir: foi pegar na mão da senhora Tourville, e, apertando-a com tanto respeito como sensibilidade, exclamou:

- Senhora, ainda que não soubesse como é grande a sua prudência, a que ponto conhece de facto, por instinto, ou por estudo, a grande questão civil e militar de que nos ocupamos, decerto ficaria agora convencido, e me prostraria diante da mais útil conselheira que Sua Alteza poderá jamais encontrar...

- Não concorda, Lenet - disse a princesa - que é uma linda coisa?... Também sou do mesmo parecer. Depressa, vamos, Vialas, arme o senhor duque de Enghien com o espadim que lhe mandei fazer, e envergue-lhe o capacete e a armadura.

- Sim, Vialas, não perca tempo. Todavia, uma única palavra antes disso, senhora - disse Lenet, ao mesmo tempo que a senhora Tourville, segundos antes inchada de orgulho, principiava a tornar-se sombria, devido ao perfeito conhecimento que tinha das subtilezas de Lenet.

- Então que mais há? - perguntou a princesa.

- Nada, senhora, com toda a certeza, pois que jamais se ouviu coisa que estivesse tanto de harmonia com o génio de uma princesa augusta como vós, e um parecer desses só da vossa casa podia proceder.

Estas palavras deram lugar a que de novo se pavoneasse a senhora Tourville, e chamaram de novo o sorriso aos lábios da princesa, que principiava a franzir as sobrancelhas.

- Porém, senhora - continuou Lenet, que apreciava o efeito desse terrível porém no rosto da fidalga sua inimiga - se bem que adopte, não direi sem repugnância, mas com entusiasmo, este plano, o único conveniente, proporei uma leve alteração...

A senhora Tourville deu meia volta sobre si mesma, empertigando-se toda, e preparou-se para a defesa. As sobrancelhas da senhora princesa franziram-se mais.

Lenet inclinou-se, e fez um gesto com a mão, indicando que pedia licença para continuar.

- O som dos sinos, os gritos de alegria das povoações - prosseguiu ele - encham-me de antemão com uma alegria que não posso exprimir. Porém, não estou tão sossegado quanto desejaria acerca da chuva de balas de que a senhora falou...

A senhora Tourville continuou a empertigar-se, tomando um ar marcial. Lenet ainda mais se inclinou e, baixando o tom de voz, continuou:

- Realmente, seria admirável ver uma mulher e seu filho, serenos, no meio daquela tempestade, que normalmente põe em fuga os próprios homens. Mas eu recearia que uma dessas balas, ferindo às cegas, como é costume entre as coisas brutas, e sem inteligência, desse razão ao senhor Mazarino, em

nosso prejuízo, e malograsse o

10

nosso plano - aliás tão magnífico. Sou de parecer, como disse com tanta eloquência a senhora Tourville, que se veja o jovem príncipe e a augusta mãe abrirem caminho até ao Parlamento; isto, porém, através da súplica, e não pelas armas. Penso que terá maior beleza, enternecer assim os corações mais fortes. Penso, enfim, que um destes dois meios oferece muito maior probabilidade de um feliz êxito do que o outro, e que o feto da senhora princesa é, primeiro que tudo, entrar em Bordéus. Ora, sustento que, no meu entender, nada há mais incerto do que aquela entrada, caso travemos batalha...

- Verão - disse com azedume a senhora Tourville - que o senhor Lenet, como é seu costume, vai destruir o meu plano pedra por pedra, e propor com toda a doçura outro plano da sua imaginação.

- Eu?! - exclamou Lenet, enquanto a princesa sossegava a senhora Tourville com um sorriso e com um volver de olhos - eu, que sou o mais ardente dos seus admiradores?! Não! mil vezes não. Mas sei que, vindo de Blaye, entrou na cidade um oficial de Sua Majestade, chamado Dalvimar, cuja comissão é sublevar o povo contra Sua Alteza. E digo que o senhor Mazarino pode acabar a guerra de um só golpe, e assim o fará. É esta a razão por que me assusta a tal chuva de balas a que se referia agora a senhora Tourville, e, quanto às balas, talvez que ainda maior receio tenha das inteligentes do que das brutas e insanas.

Esta última tirada de Lenet pareceu fazer reflectir a princesa.

- Sabe sempre tudo, senhor Lenet - respondeu com voz trémula de raiva a senhora Tourville.

- Todavia, uma boa acção assaz encarniçada teria sido bonita - opinou, endireitando-se e fazendo trejeitos como se estivesse numa sala de armas, o capitão das guardas, antigo soldado, que confiava nas suas forças, e esperava salientar-se se houvesse combate.

Lenet pisou-lhe com força o pé, ao mesmo tempo que o contemplava com o mais amável sorriso.

- Sim, capitão - disse ele - mas também pensa, não é verdade, que a salvação do duque de Enghien é necessária à nossa causa, e que, uma vez morto ou prisioneiro, o verdadeiro generalíssimo do exército dos príncipes estará prisioneiro ou morto...

O capitão das guardas, consciente de que o título pomposo de generalíssimo, dado na aparência a um príncipe de sete anos, fazia dele, capitão, primeiro brigadeiro do exército, reconheceu a tolice que acabara de cometer, e, dando o dito por não dito, apoiou com ardor o parecer de Lenet.

Entretanto, a senhora Tourville aproximava-se da princesa, e falava-lhe em surdina. Lenet viu que teria de sustentar uma nova luta. Com efeito, voltando-se para ele, Sua Alteza afirmou, com enfado:

- Não deixa, todavia, de ser muito estranho, que se destrua com tanto encarniçamento o que estava tão bem feito.

- Sua Alteza está enganada - disse Lenet. - Nunca incluí encarniçamento nos conselhos que tive a honra de lhe dar, e, se destruo, é para refazer. Se, mau grado as razões que tenho a honra de apresentar a Vossa Alteza, persistir em fazer-se matar, e ao seu inocente filho, pode fazê-lo, e morreremos a seu lado. Não é coisa difícil, e

12

o primeiro criado do vosso séquito, ou o último dos farroupilhas da

cidade, fará outro tanto. Porém, se quisermos ser bem sucedidos, apesar de Mazarino, apesar da rainha, apesar dos parlamentos, apesar da menina Nanon de Lartigues, apesar, enfim, dessas contrariedades, inseparáveis ainda da fraqueza a que estamos constrangidos - é isto, a meu ver, o que temos de fazer...

- Senhor! - exclamou impetuosamente a senhora Tour-ville, agarrando-se à última frase de Lenet - não há fraqueza onde estiver o nome de Conde, por um lado, e dois mil soldados de Rocroy, de Norlinga, e de Cens, pelo outro; e se, apesar disso, há fraqueza, estaremos de qualquer forma perdidos, e não há-de ser o seu plano, mesmo que magnífico, a salvar-nos.

- Li uma vez, minha senhora - respondeu Lenet com serenidade, saboreando de antemão o efeito que ia desencadear na princesa, que, contrariada embora, se mantinha atenta - que a viúva de um dos mais ilustres romanos, sob o mando de Tibério - a generosa Agripina, a quem a perseguição acabava de roubar Germânico, seu esposo - princesa que podia sublevar à sua vontade um exército ainda reactivo à recordação do general morto, preferiu entrar sozinha em Brindes, atravessar a Apúlia e a Campina vestida de luto, e levando pela mão duas crianças, e ir caminhando assim, pálida, com os olhos vermelhos de lágrimas, e cabeça baixa, enquanto os meninos soluçavam e imploravam com o seu olhar... e, então, todos os que a viam (e havia mais de dois milhões de habitantes, de Brindes a Roma) romperam em lágrimas, explodiram em imprecações e ameaças; li que a causa daquela mulher

ganha, não apenas perante Roma, mas perante toda

13

a Itália; não somente aos olhos dos contemporâneos, mas aos da posteridade, pois não encontrou resistência alguma aos seus planos e aos seus gemidos, ao passo que às lanças teria visto oporem-se as lanças, e às espadas as espadas. Parece-me que a semelhança é grande, entre Sua Alteza e Agripina, entre o senhor príncipe e Germânico, enfim, entre Pisão, ministro perseguidor e envenenador, e o senhor Mazarino. Ora, sendo a semelhança tão grande, sendo a situação igual, peço que seja também o procedimento, porque, no meu entender, é impossível que aquilo que produziu tão bom resultado numa época, não provoque outro tanto em outra...

Um sorriso de aprovação alegrou o semblante da princesa, e assegurou a Lenet a vitória da sua alocução. A senhora Tourville foi entrincheirar-se no ângulo da sala, encobrendo-se com uma estátua antiga. A senhora de Cambes, que encontrara um amigo em Lenet, retribuiu-lhe o apoio que ele lhe dera, aprovando com a cabeça; o capitão chorava, como um tribuno militar; e o pequeno duque de Enghien exclamou:

- Mamã, levar-me-á pela mão e vestir-me-á de luto, sim?

- Sim, meu filho - respondeu a princesa. - Lenet, bem sabe que sempre foi minha intenção apresentar-me aos bordeleses vestida de negro...

- Tanto mais - disse em voz baixa a senhora de Cambes - que o preto fica muito bem a Vossa Alteza.

- Caluda, minha pequena! - comandou a princesa - a senhora Tourville apregoá-lo-á em voz alta, sem que nem sequer lho diga em voz baixa.

O programa da entrada em Bordéus foi, pois,

14

preparado em conformidade com a proposta de Lenet. As damas da escolta receberam ordem para se prepararem. O jovem príncipe foi ataviado com um vestido branco guarnecido de passamanes pretos, e o chapéu fora coberto

de plumas brancas e pretas. Quanto à princesa, afectando a maior simplicidade, a fim de se assemelhar a Agripina, a quem resolvera imitar em tudo, vestiu-se de preto, sem quaisquer jóias.

Lenet, empresário da festa, fazia quanto lhe era possível para que fosse esplêndida. A casa que habitava numa pequena cidade a duas léguas de Bordéus, estava cheia de partidários da princesa, os quais, com antecedência, queriam saber que género de entrada na cidade lhe seria mais agradável. Lenet, qual director de teatro moderno, aconselhou-lhes as flores, as aclamações e os repiques; depois, para fazer a vontade à belicosa senhora Tourville, propôs algumas salvas de artilharia.

No dia seguinte, 31 de Maio, a convite do Parlamento, a princesa pôs-se a caminho. Um tal Lavie, procurador-geral no Parlamento, e partidário acérrimo do senhor Mazarino, mandara fechar as portas na antevéspera, para impedir que a princesa fosse recebida, caso se apresentasse; porém, por outro lado, os partidários dos Conde não se haviam descuidado, e naquela mesma manhã, o povo, excitado por eles, reunira-se aos gritos de Viva a senhora princesa! Viva o senhor duque de Enghien!, e arrombara as portas à machadada - de forma que, por fim, nada se opunha já àquela famosa entrada, que, assim, tinha todo o aspecto de um triunfo. Para além disso, os observadores podiam descortinar nestes dois acontecimentos a inspiração dos chefes de ambos os partidos em

15

que estava dividida a cidade, visto que Lavie recebia directamente os conselhos do duque d'Épernon, e o povo tinha os seus incentivadores, que eram aconselhados por Lenet.

Assim que a princesa franqueou a porta, a cena, preparada havia muito tempo, verificou-se em proporções gigantescas. A salva militar foi dada pelos navios que estavam no porto, e a artilharia da cidade correspondeu-lhe. As flores caíam das janelas, ou atravessavam as ruas, em grinaldas, de modo que a calçada estava atapetada de flores que perfumavam o ar; as aclamações e os vivas eram dados por trinta mil zelosos partidários de todas as idades e de ambos os sexos, que sentiam o seu entusiasmo aumentar com o interesse despertado pela princesa e o filho, e com o ódio que tinham a Mazarino.

Para cúmulo, o pequeno duque de Enghien foi o mais hábil actor de toda esta cena. A princesa renunciara a conduzi-lo pela mão, com receio de que se fatigasse, ou ficasse sepultado sob as rosas; em contrapartida, era levado ao colo pelo seu gentil-homem, e como ficava com as mãos livres, atirava beijos à direita e à esquerda, e tirava graciosamente o chapéu de plumas.

O povo bordelês com facilidade se embriaga; o entusiasmo das mulheres cresceu de tal forma que se transformou em frenética adoração por aquele lindo menino, que chorava com tanta graça; os velhos magistrados comoveram-se, ao ouvirem as palavras do pequeno orador, que dizia: "Senhores, sirvam-me de pai, visto que o senhor cardeal me tirou o meu." Debalde pretenderam os partidários do ministro tentar alguma opposição; punhos, pedras, e até alabardas,

16

constrangiram-nos à prudência, e tiveram de resignar-se, deixando o campo livre aos triunfadores.

Contudo, a senhora de Cambes, pálida e grave, que caminhava atrás da princesa, não deixava também de atrair as atenções do público. Não conseguia pensar em tanta glória, sem se afligir interiormente, no receio

de que o êxito desse dia talvez fizesse esquecer a resolução da véspera. Seguiu, pois, aquele caminho, empurrada pelos adoradores, pisada e magoada pelo povo, inundada de flores e de respeitosos afagos, tremendo de ser levada em triunfo, tal como certos gritos pareciam anunciá-lo à senhora princesa, ao duque de Enghien e ao seu séquito; de súbito, fixando os olhos em Lenet, que ao notar o aperto em que ela estava lhe oferecia a mão para a ajudar a meter-se numa carruagem, disse-lhe, respondendo ao seu próprio pensamento:

- Ah! é bem feliz, senhor Lenet; faz prevalecer as suas opiniões em todas as coisas, e são sempre essas as que se seguem. Verdade seja dita que são boas,-que todos se dão bem com elas.

- Parece-me, senhora - respondeu Lenet - que não tem de que queixar-se, já que o alvitre que deu foi aceite.

- Como?

- Não ficou combinado que tentará proporcionar-nos a posse da Ilha de São Jorge?...

- Sim; mas quando me será permitido meter ombros à obra?

- Amanhã mesmo, caso me prometa vir a ser mal sucedida.

- Fique sossegado; receio demasiado ir ao encontro das suas intenções.

17

- Tanto melhor.

- Não consigo compreendê-lo!...

- Precisamos da resistência da Ilha de São Jorge, para obter junto dos bordeleses os nossos dois duques e respectivas tropas, pois que, devo confessá-lo - ainda que a minha opinião acerca deste ponto seja vizinha da que tem a senhora Tourville - parecem-me eminentemente necessários nas circunstâncias em que estamos.

- Sem dúvida - respondeu Clara; - porém, ainda que não tenha os conhecimentos da senhora Tourville quanto à arte da guerra, parece-me que se não deve atacar uma praça sem primeiro intimar a que se renda.

- O que diz é exactíssimo.

- Então, há-de ser enviado um parlamentar à Ilha de São Jorge...

- Sem a mínima dúvida!

- Pois então, peço que seja eu esse parlamentar. Os olhos de Lenet dilataram-se de surpresa.

- A senhora?! - disse ele. - A senhora?! Pelo que vejo, todas as nossas damas se tornaram amazonas!...

- Desculpe-me este capricho, meu querido senhor Lenet.

- Tem razão. Afinal, o pior que nos pode acontecer, será que acabe por conquistar São Jorge.

- Fica combinado, então?

- Sim, senhora.

- Mas, prometa-me uma coisa... -Qual é?

- Que ninguém saberá o nome nem a qualidade do parlamentar que for enviado, a menos que no caso de esse parlamentar vir a ser bem sucedido.

18

- De acordo - disse Lenet, dando a mão à senhora de Cambes.

- E quando partirei?

- Quando quiser.

- Amanhã!

- Seja então amanhã.

- Muito bem. Lá vai a senhora princesa a subir com o filho ao terraço do

presidente Lalasme. Deixo o meu quinhão de triunfo à senhora Tourville. Desculpar-me-á junto de Sua Alteza, a pretexto de que me sinto indisposta. Mande que me conduzam ao alojamento que me destinaram; vou fazer os meus preparativos, e reflectir na minha missão, que não deixa de me inquietar, visto que é a primeira deste género que tenho de desempenhar, e tudo, segundo se diz, depende de uma boa estreia.

- Agora - disse Lenet-já me não surpreende que o senhor de Rochefoucauld quase tenha, por amor a si, cometido uma infidelidade para com a senhora de Longueville; vale tanto como ela em certas coisas, e muito mais em outras.

- É possível - condescendeu Clara - e não rejeito inteiramente o elogio; porém, se acaso tem alguma influência sobre o senhor de Rochefoucauld, meu querido senhor Lenet, faça-o agarrar-se ao seu primeiro amor, porque o segundo mete-me medo!

- Ora, pois, trataremos disso - disse Lenet sorrindo. - Esta noite dar-lhe-ei as suas instruções.

- Consente então em que vá tomar São Jorge?

- Não posso deixar de consenti-lo, uma vez que tanto o deseje.

- E os dois duques? E o exército?

19

- Tenho na minha algibeira outro meio de fazer que venha para aqui.

E Lenet, depois de ter fornecido o endereço da senhora de Cambes ao cocheiro, despediu-se dela, sorrindo, e foi ter com a princesa.

II

NO dia imediato ao da entrada da princesa em Bordéus, havia um grande almoço na Ilha de São Jorge, para o qual Canolles havia convidado os principais oficiais da guarnição e os outros governadores de praças da província.

Pelas duas horas - altura em que estava programado o início do almoço, Canolles via-se rodeado por uma dúzia de gentis-homens, à maior parte dos quais via pela primeira vez, os quais, referindo-se ao grande acontecimento da véspera, gracejavam acerca das damas que acompanhavam a princesa pouco se assemelharem a homens que estão para entrar em campanha e a quem estejam confiados os mais sérios interesses do reino.

Canolles, radiante, Canolles, magnífico, com a sua farda dourada, animava ainda mais aquela alegria com o seu exemplo. Chegara o momento de servir o almoço.

- Senhores - disse ele - peço-lhes desculpa, mas ainda falta um convidado.

- Qual? - perguntaram os mancebos, olhando uns para os outros.

- O governador de Vayres, a quem escrevi, embora o não conheça, mas que, por isso mesmo, tem direito a

21

algumas atenções. Peço, pois, que me concedam uma espera de meia hora.

- O governador de Vayres?! - estranhou um antigo oficial, acostumado sem dúvida à pontualidade militar, e a quem esta demora arrancou um suspiro - o governador de Vayres?... Mas... esperem! Se me não engano, é o marquês Bernaz... Porém, não é ele quem comanda em Vayres, mas o respectivo lugar-tenente.

- Então - disse Canolles - não virá, ou o lugar-tenente fará as suas vezes. Quanto a ele, há-de sem dúvida estar na corte, que é o lugar dos

validos.

- Mas, senhor barão - disse um dos presentes - parece-me que não é necessário estar-se na corte para ser promovido; e eu conheço um comandante que não tem qualquer razão de queixa. Em três meses, capitão, tenente-coronel, governador da Ilha de São Jorge! Parece-me que não tem andado mal, deve convir!

- Estou de acordo-disse Canolles, corando.-E como não sei a que atribuir semelhantes favores, tenho, na verdade, de confessar que na minha casa há algum bom génio, pois se assim não fosse, não poderia prosperar tanto.

- Conhecemos o bom génio do senhor governador - volveu, inclinando-se, o tenente que introduzira Canolles

na fortaleza. - É o seu merecimento.

- Não ponho em causa o merecimento, antes pelo contrário! - acrescentou outro oficial. - Sou o primeiro a reconhecê-lo. Porém, a esse merecimento juntaria a recomendação de certa senhora, a mais espirituosa, a mais benfazeja, a mais amável da França... depois da rainha, bem entendido.

22

- Nada de equívocos, senhor conde - alvitrou Canolles, sorrindo para o novo interlocutor. - Se tem segredos seus, guarde-os para si;-se são dos seus amigos, guarde-os para eles.

- Confesso - disse um oficial - que, quando ouvi falar do atraso, pensei que nos iam pedir desculpa em favor de alguma refulgente dama. Vejo agora, porém, que me enganei.

- Então havemos de almoçar sem mulheres? - perguntou outro.

- Raios, a não ser que convide a senhora princesa e o seu séquito - disse Canolles - não sei quem aqui poderíamos ter; além do que, não nos esqueçamos, senhores, de que o nosso almoço é sério: se quisermos falar de negócios, pelo menos só a nós próprios importunaremos.

- Diz muito bem, comandante; apesar de que, se não tivermos cuidado... as mulheres fazem neste momento uma verdadeira cruzada contra a nossa autoridade; e, como prova, chegará o que dizia o cardeal a D. Luís de Haro, na minha frente.

- Então que lhe dizia? - perguntou Canolles.

- "Sois muito felizes! As mulheres da Espanha só se preocupam com dinheiro, garridices e amantes, ao passo que as mulheres da França já não aceitam um amante sem o terem sondado acerca da questão política; e tanto assim é - acrescentou, com ar desesperado - que, nos encontros amorosos, o que hoje se trata seriamente são os negócios do governo."

- E por isso - disse Canolles - a guerra que fazemos se chama Guerra das Mulheres, o que não deixa de ser lisonjeiro para nós.

23

Neste momento, e quando a meia hora de espera pedida por Canolles se escoava, a porta abriu-se, e apareceu um laçaio, que anunciou que o almoço estava servido.

Canolles pediu aos seus convidados que o seguissem: mas, quando se punha em marcha, ouviu-se outro anúncio na antecâmara:

- O senhor governador de Vayres!

- Ah! ah! - disse Canolles - isto é uma grande gentileza da sua parte.

E deu um passo para ir ao encontro do colega que não conhecia. Porém, repentinamente, recuando sobressaltado, exclamou:

- Richon! Richon governador de Vayres!...

- Eu mesmo, meu querido barão - respondeu Richon, conservando, apesar da sua afabilidade, o ar grave que lhe era habitual.

- Ah! tanto melhor! mil vezes melhor! - disse Canolles, apertando-lhe cordialmente a mão. - Senhores - ajuntou - não conhecem este cavalheiro, mas eu conheço-o e digo em voz alta que não se podia confiar lugar de tanta importância a homem mais honrado.

Richon voltou em torno de si o seu altivo olhar, como o da águia que observa, e, não vendo em todos os olhos senão uma leve surpresa acompanhada de muita benevolência, disse:

- Meu querido barão, agora, que tão francamente respondeu por mim, peço-lhe que me apresentes a estes senhores, que eu não tenho a honra de conhecer.

E Richon indicou com os olhos três ou quatro gentis-homens para quem era, com efeito, inteiramente estranho.

Houve então a troca de cortesias, que davam um carácter

24

tão nobre e tão amigável, a todas as relações daquele tempo. Passado um quarto de hora, Richon já era amigo de todos aqueles jovens oficiais, e poderia pedir a cada um deles as respectivas espada ou bolsa. O que tanto o abonava era o seu valor bem conhecido, a sua reputação sem mancha e a nobreza espelhada nos seus belos olhos.

- Há que confessar, meus senhores - disse o governador de Brannes - que, apesar de eclesiástico, o senhor Mazarino sabe conhecer os homens de guerra, e está a agir com acerto de algum tempo a esta parte. Fareja a guerra, e escolhe os seus governadores: Canolles aqui, e Richon em Vayres...

- Mas, combater-se-á mesmo? - perguntou Richon.

- Se se combaterá?... - ironizou um mancebo que chegava directamente da corte. - Pergunta se acaso se combaterá, senhor Richon?...

- Pergunto!

- Então, eu, perguntar-lhe-ei em que estado estão os seus bastiões.

- Estão quase novos, senhor; é que, embora esteja na praça só há três dias, mandei fazer mais reparações do que se tinham feito em três anos.

- Pois saiba que não tardarão a estreitar-se - sentenciou o mancebo.

- Tanto melhor - disse Richon. - Que podem desejar os guerreiros? A guerra!

- Bom - cortou Canolles. - O rei pode agora dormir sossegadamente, porque tem os bordeleses entalados pelos seus dois rios.

- O facto é que quem ali me colocou pode contar comigo - assegurou Richon.

25

- Diz que está em Vayres desde quando, senhor?

- Há três dias. E você, Canolles, há quanto tempo está em São Jorge?

- Há oito. Fizera-lhe acaso uma recepção como a mim, Richon? A minha entrada aqui foi esplêndida; e, na verdade, ainda não dei os devidos agradecimentos a estes senhores... Tive repiques, tambores e vivas... Só faltou a artilharia; mas prometeram-ma dentro de poucos dias, e isso consola-me.

- Ora pois - disse Richon - aí está a diferença que houve entre nós; a recepção que me fizeram foi tão modesta como a sua foi de magnífica. Tinha recebido ordem de introduzir na praça cem homens do regimento de Turenne, e não sabia como havia de fazê-lo, quando a nomeação chegou às minhas mãos, em São Pedro, onde estava, assinada pelo senhor d'Épernon. Parti imediatamente, entreguei a minha carta ao tenente, e, sem tambor nem trombeta, tomei posse da praça. Agora, lá estou.

Canolles, que a princípio ria, sentiu, pelo acento com que estas últimas palavras foram pronunciadas, apertar-se-lhe o coração sob o peso de um sinistro pressentimento.

- E está alojado numa casa sua? - perguntou ele.

- Preparo-me para isso - disse Richon, calmamente.

- Quantos homens tem? - interrogou Canolles. - Em primeiro lugar, cem homens do regimento de

Turenne, antigos soldados de Rocroy, com os quais se pode contar; além disso, uma companhia que formei na cidade, e que vou exercitando à medida que os alistados vêm ter comigo: burgueses, mancebos, obreiros... duzentos homens, pouco mais ou menos. Finalmente, espero

26

um reforço de cem ou cento e cinquenta, recrutados pelo capitão da terra.

- O capitão Ramblay? - perguntou um dos convidados.

- Não, o capitão Cauvignac - respondeu Richon.

- Não o conheço - disseram várias vozes.

- Conheço-o eu! - disse Canolles.

- É um realista decidido?

- Não me atreveria a asseverá-lo. Contudo, tenho razões para crer que o capitão Cauvignac pertence ao senhor d'Épernon, e que é muito afeiçoado ao duque.

- Então, isso responde à pergunta: quem é afeiçoado ao duque, é-o a Sua Majestade.

- Deve ser algum batedor da vanguarda do rei - disse o antigo oficial, que na mesa se desforrava do tempo que perdera a esperar. - Ouvi falar em qualquer coisa dessas.

- Dar-se-á o caso que Sua Majestade esteja a caminho?... - perguntou Richon, com a sua costumada tranquilidade.

- A esta hora - respondeu o mancebo que vinha da corte - o rei deve estar, pelo menos, em Blois.

- Tem a certeza disso?...

- Certezíssima. O exército há-de ser comandado pelo marechal de La Meilleraye, que nestas imediações deve fazer a sua junção com o senhor duque d'Épernon.

- Em São Jorge, não? - aventurou Canolles.

- Ou antes em Vayres - disse Richon. - O senhor de Meilleraye vem da Bretanha, e Vayres fica-lhe no caminho.

- Aquele que sustentar o choque dos exércitos arrisca fortemente os seus bastiões - disse o governador de Bran27

nes. - O senhor de Meilleraye possui trinta peças de artilharia, e o senhor d'Épernon vinte e cinco.

- Há-de ser um lindo fogo - corroborou Canolles. - Infelizmente, não o veremos.

- Ah! - disse Richon - a não ser que algum de nós se declare pelos príncipes.

- Sim, mas Canolles pode ter a certeza de ver algum fogo. Caso se declare pelos príncipes, tem de ver o fogo do senhor de Meilleraye e do duque d'Épernon; e caso se conserve fiel a Sua Majestade, terá o fogo dos borde-leses.

- Oh! quanto a estes últimos - replicou Canolles - não julgo que sejam muito temíveis, e confesso que sinto alguma vergonha por só a eles ter de combater. Infelizmente, sou todo, em corpo e alma, do partido de Sua Majestade, e terei de me contentar com uma guerra de paisanos.

- E hão-de fazer-lha, não tenha a mínima dúvida - asseverou Richon.

- Tem então algumas suspeitas quanto a isto? - perguntou Canolles.
 - Tenho mais do que suspeitas - disse Richon. - Tenho certezas. O conselho dos burgueses decidiu que primeiro que tudo se tomasse a Ilha de São Jorge.
 - Muito bem - bradou Canolles. - Venham, que eu os espero.
 A conversa estava neste ponto, e acabavam de atacar a sobremesa, quando, repentinamente, se ouviu o tambor às portas da fortaleza.
 - O que significa isto? - perguntou Canolles.
 - Ah! com todos os diabos! - exclamou o jovem oficial que tinha dado as notícias da corte - teria a sua graça, que o atacassem neste momento, meu caro Canolles; um assalto e uma escalada, seria coisa linda, depois de um bom almoço.
 - Os diabos me levem se assim não é! - disse o antigo comandante. - Aqueles miseráveis burgueses sempre pregam destas peças, vindo inquietar-nos às horas da comida. Estive nos postos avançados de Charnton, no tempo da guerra de Paris; nunca podíamos almoçar nem jantar sossegados. Canolles tocou a campainha. A ordenança, que estava na antecâmara, entrou.
 - Que história é essa? - perguntou Canolles.
 - Ainda não sei, senhor governador; talvez seja algum mensageiro do rei ou da cidade.
 - Vá informar-se, e venha dar-nos resposta. O soldado saiu correndo.
 - Sentemo-nos outra vez à mesa, meus senhores - disse Canolles aos convidados, os quais, na maioria, se haviam levantado ao ouvir o rufar do tambor.
 Todos os convidados se sentaram, rindo. Somente Richon, por cujo rosto passara uma nuvem, ficou inquieto e com os olhos fitos na porta, esperando o regresso do soldado. Mas, em lugar do soldado, quem se apresentou foi um oficial, de espada desembainhada, dizendo:
 - Senhor governador, um parlamentar.
 - Um parlamentar? - estranhou Canolles. - E da parte de quem?
 - Da parte dos príncipes. - De onde vem?
 - De Bordéus.

29

- De Bordéus?! - repetiram todos os convidados, excepto Richon.
 - Então, a guerra a sério está declarada? - admirou-se o antigo oficial.
 - Se enviam parlamentários...
 Canolles reflectiu um momento, durante o qual o seu rosto, que dez minutos antes estava risonho, se cobriu de toda a gravidade que exigiam as circunstâncias.
 - Senhores - disse ele - o dever está primeiro do que tudo. É provável que tenha com o enviado dos senhores bordeleses alguma questão difícil a resolver. Ignoro quando poderei tornar a vê-los...
 - Não! Não! - exclamaram em coro todos os convidados. - Pelo contrário, despeça-nos, comandante; o que lhe acontece é um aviso que recebemos, para voltarmos aos nossos postos respectivos... Convém, pois, que nos separemos desde já.
 - Não me cabia a mim propô-lo, meus senhores - disse Canolles. - Porém, uma vez que assim se oferecem, não posso deixar de confessar que é o mais prudente, e aceito... Os cavalos e as equipagens destes senhores! - comandou.
 Quase no mesmo instante, tão rápidos nos seus movimentos como se já estivessem no campo de batalha, os convidados saltaram para as suas selas, ou enfiaram-se nas suas seges, e, acompanhados pelos respectivos piquetes de escolta, afastaram-se em tantas direcções quantas as das suas

residências.

Richon foi o único a ficar.

- Barão - disse ele a Canolles - não quis deixá-lo absolutamente, como os outros, visto que nos conhecemos há mais tempo do que conhece os outros. Adeus, agora; dê-me a mão, e... Deus o ajude!

30

Canolles apertou a mão a Richon.

- Richon - disse ele, encarando-o-já o conheço: tem alguma coisa na mente. Não mo diz, porque é provável que não seja seu o segredo. Contudo, vejo-o comovido, e quando um homem da sua têmpera está comovido, não é sem algum motivo de peso.

- Não vamos nós separar-nos?... -disse Richon. -Também estávamos para nos separar quando nos despedimos um do outro na estalagem de Biscarros, e, contudo, pareceu-me calmo...

Richon sorriu-lhe, tristemente.

- Barão, tenho um certo pressentimento de que não nos tornaremos a ver.

Canolles estremeceu, tão profunda era a melancolia da voz ordinariamente tão firme do aventureiro partidário.

- Pois então - disse ele - se não tornamos a ver-nos, Richon, é porque um de nós terá morrido... como morrem os bravos; e, em tal caso, aquele que morrer terá pelo menos a certeza de sobreviver no coração de um amigo. Abracemo-nos, Richon! Disse-me: Deus o ajude; eu dir-Lhe-ei: Deus o alente!

Os dois homens lançaram-se nos braços um do outro, e assim se conservaram por algum tempo, com os seus nobres corações unidos.

Quando se separaram, Richon enxugou uma lágrima, a única talvez que jamais sombreara o seu altivo olhar; depois, como se temesse que Canolles visse aquela lágrima, saiu sem hesitação do quarto, envergonhado sem dúvida de ter oferecido a um homem, cujo valor conhecia, uma tal demonstração de fraqueza.

III

A sala de jantar estava vazia, e os únicos que nela ficaram foram Canolles e o oficial que anunciara o parlamentar, e que estava em pé, no ângulo da porta.

- Que manda o senhor governador? - disse ele, passado um momento de silêncio.

Canolles, que a princípio ficara absorto nos seus pensamentos, estremeceu ao ouvir esta voz, levantou a cabeça, e, despertando da sua preocupação, perguntou:

- Onde está o parlamentar? - Na sala de armas, senhor. -Por quem é acompanhado?

- Por dois guardas da milícia burguesa de Bordéus.

- Que aparência tem?

- É um mancebo, que usa um grande chapéu.

- E como se anunciou?

- Como portador de cartas da senhora princesa e do Parlamento de Bordéus;

- Rogue-lhe que espere um instante - disse Canolles.

- Já vou ter com ele.

33

O oficial saiu para executar a ordem, e Canolles preparava-se para segui-lo, quando uma porta se abriu, e Nanon, enfiada e trémula, mas com o seu

afectuoso sorriso, se lhe apresentou, e, tomando a mão do mancebo:

- Um parlamentar, meu amigo?... - disse ela - que quer isto dizer?
- Quer dizer, querida Nanon, que os senhores bordeleses querem assustar-me, ou seduzir-me.
- E que resolveu?
- Resolvi recebê-lo. -Não pode evitá-lo?
- É impossível! Há certos preceitos a que não podemos subtrair-nos.
- Oh! meu Deus!...
- Que tem, Nanon? -Tenho medo. -De quê?
- Não me disse que este parlamentar vinha para assustá-lo ou para seduzi-lo?...
- Quanto a isso, não há a mínima dúvida: um parlamentar não é bom senão para uma destas duas coisas. Tem medo de que ele me assuste?
- Oh! não; mas talvez que o seduza...
- Ofende-me, Nanon.
- Ah! meu amigo, eu digo o que temo.
- Tão pouca confiança tem em mim?! Então, por quem me toma?
- Por quem é, Canolles; quero dizer: por um coração generoso, mas terno.
- Ora vejamos - disse Canolles, a rir - que parlamentar me enviam! Será o Cupido em pessoa?...

34

- Talvez.
- Então, viu-o?
- Não o vi, mas ouvi a sua voz; é demasiado suave, para voz de um parlamentar.
- Nanon, está louca! Deixe-me desempenhar o meu cargo: fez-me governador...
- Para me defender, meu amigo!
- Então, julga-me tão cobarde que a atraíçoe?... Na verdade, Nanon, insulta-me, tendo-me em tão baixa conta!
- Está então decidido a receber esse mancebo?
- Assim o devo fazer, e aborrecer-me-ia que teimasse em opor-se ao cumprimento desse dever.
- Tem plena liberdade, meu amigo - disse tristemente Nanon. - Uma palavra mais, somente...
- Fale.
- Onde o receberá?
- No meu gabinete.
- Canolles, faça-me um favor... - Qual?
- Em lugar de o receber no seu gabinete, receba-o no seu quarto.
- Que ideia é essa!?
- Então, não me compreende?... Não.
- O meu quarto tem comunicação com a sua alcova, hem?
- E colocar-se-á à escuta?
- Atrás das cortinas, se mo permitir.
- Nanon!...
- Deixe-me ficar perto de si, meu amigo; tenha fé na minha estrela, dar-lhe-ei sorte.
- Contudo, Nanon, se o parlamentar...

35

(nota da digitalização: o excerto que se segue estava em falta e foi tirado doutra edição)

- Se... o quê?.

- Viesse para confiar-me algum segredo de Estado.
 - Não podeis confiar um segredo de Estado àquela que vos confiou a sua vida e a sua fortuna?...

- Ora pois, escutai-nos, Nanon, já que assim o quereis absolutamente, não me detenhais porém mais tempo, aquele parlamentar está à espera.
 - Ide, Canolles, ide, mas antes disso, Deus vos abençoe pelo bem que me fazeis.

E a jovem senhora quis beijar a mão do seu amante.
 - Louca, disse Canolles apertando-a ao seu peito, e dando-lhe um beijo na testa; estareis pois...
 - Atrás das cortinas do vosso leito. Dali poderei ver e ouvir.
 - Ao menos tende cuidado de não vos rirdes, Nanon, pois não são negócios de brincadeira.
 - Podeis ficar descansado, disse ela, eu não rirei.

Canolles deu ordem que introduzissem o mensageiro, e entrou no seu quarto, vasta sala mobilada ao tempo de Carlos IX, e cujo aspecto era severo; dois candelabros ardiam na chaminé, porém só davam uma débil claridade no imenso quarto; a alcova, colocada no fundo do quarto, estava absolutamente às escuras.
 - Estais aí, Nanon? - perguntou Canolles.

Um sim sufocado e palpitante lhe chegou aos omvidos.
 Nesite momento ouviram-se passos; a sentinela apresentou armas. O mensageiro entrou, seguiu com os olhos aquele que o introduzira até que se achou, ou julgou achar-se só com Canolles; então levantou o seu chapéu, e deitou o Capote para trás. No mesmo instante caíram sobre os seus airosos ombros uns cabelos louros, e apareceu o talhe fino e delicado de uma mulher debaixo do boldrié de oiro; e Canolles ao ver o seu olhar meigo e triste, reconheceu a viscondessa de Cambes.
 - Eu tinha-vos dito que tornaria a encontrar-me convosco, cumpro a minha palavra, disse ela. Eis-me aqui.

Canolles, com um movimento de espanto e de angústia, torceu as mãos, e deixou-se cair numa poltrona.
 - Vós! vós!... disse ele. Oh! meu Deus! que vindes vós fazer? que vindes vós procurar aqui?
 - Venho procurar-vos, senhor; e perguntar-vos se ainda vos lembrais de mim. Canolles arrancou um profundo suspiro, e pôs ambas as mãos diante dos olhos, para esconjurar aquela aparição encantadora e fatal ao mesmo tempo.

Então achou a explicação de tudo: do susto, da palidez, do tremor de Nanon, e sobretudo do seu desejo de assistir à entrevista. Nanon com os olhos do ciúme, reconheceu uma mulher no parlamentar.
 - Venho perguntar-vos, continuou Clara, se estais pronto a cumprir a palavra que me destes naquele quartozinho de Jaulnay, de pedir a vossa demissão à rainha e de entrar no serviço dos príncipes.
 - Oh! silêncio! silêncio! senhora, exclamou Canolles.

Clara estremeceu ao ouvir este acento de terror trémulo na voz do mancebo, e olhando com inquietação em torno de si:
 - Não estamos aqui sós? perguntou ela.
 - Sim, senhora, disse Canolles, porém através destas paredes não poderia alguém ouvir-nos?
 - Eu julgava que as paredes do forte de São Jorge

(fim do excerto)

eram mais sólidas do que quer dar a entender - disse Clara, sorrindo. Canolles não volveu palavra.

- Vinha, pois, perguntar-lhe - replicou Clara - como pode acontecer que,

estando o senhor aqui há oito ou dez dias, não tenha ouvido falar de si; e ainda agora ignoraria quem comandava na Ilha de São Jorge, se o acaso, ou para melhor dizer, a voz pública, não me desse a saber tratar-se do homem que me jurava, ainda não há mais de doze dias, que considerava a sua queda em desgraça uma fortuna, visto que lhe permitia consagrar o seu braço, o seu valor e a sua vida ao partido a que pertenço...

Nanon não pôde conter um movimento que fez estremecer Canolles, e voltar-se a senhora de Cambes.

- Que é aquilo? - disse ela.

- Nada - respondeu Canolles; - não é mais do que um dos ruídos habituais deste antigo quarto, onde, de vez em quando, se ouvem estes estalidos lúgubres.

- Se é outra coisa - disse Clara, pousando a mão no braço de Canolles - não mo oculte, barão, porque deve compreender, uma vez que me decidi a vir ter consigo, de quão importante é o objecto da nossa conferência.

Canolles enxugou o suor que lhe escorria das têmporas, e, forçando o sorriso, afirmou:

- Pode falar!

- Venho, pois, lembrar-lhe aquela promessa, e perguntar-lhe se está pronto a cumpri-la.

- Ai! senhora - respondeu Canolles - isso tornou-se impossível.

- E porquê?

- Porque, desde esse dia, muitas coisas inesperadas se passaram, muitos laços que julgava quebrados se renovaram; o castigo que eu julgava merecer, Sua Majestade substituiu-o por uma recompensa de que eu não era digno: hoje estou ligado ao partido de Sua Majestade pelo... reconhecimento.

Um suspiro atravessou o espaço: a pobre Nanon esperava sem dúvida outra resposta, que não era a que acabava de ser proferida.

- Diga antes pela ambição, senhor Canolles, e poderei compreender a razão disso. É nobre, de elevado nascimento; aos vinte e oito anos fazem-no tenente-coronel, governador de uma praça forte; é muito lisonjeiro, bem o sei; porém, não passa da recompensa natural do vosso merecimento, e esse merecimento, não é o senhor Mazarino o único a apreciar.

- Senhora - disse Canolles - peço-lhe que não diga mais nada!

- Desculpe-me, senhor - disse Clara: - desta vez, já não é a viscondessa de Cambes quem lhe fala, é a enviada da senhora princesa, que se encarregou de lhe transmitir uma missão; é, portanto, necessário, que essa missão se cumpra.

- Fale, senhora - respondeu Canolles, com um sorriso que se assemelhou a um gemido.

- Ora bem: a senhora princesa, conhecendo os sentimentos que manifestara em Chantilly, primeiramente, e depois em Jaulnay, inquieta por não saber a que partido pertence definitivamente, decidira enviar-lhe um parlamentar, a fim de fazer uma tentativa para se apoderar da sua praça; dessa tentativa, que qualquer outro parlamentar

39

teria talvez feito com menor esperança em feliz resultado, encarreguei-me eu, pensando que, sendo confidente dos seus pensamentos secretos a este respeito, poderia desempenhá-la melhor do que ninguém.

- Muito obrigado, senhora - disse Canolles, rasgando o peito com a mão, pois durante o curto silêncio do diálogo ouvia a respiração anelante de Nanon.

- É isto, pois, o que lhe proponho, senhor... em nome da senhora

princesa, já se sabe; porque, se o fizesse em meu nome - continuou Clara, com o seu encantador sorriso - teria invertido a ordem das proposições.

- Fale, que eu presto-lhe atenção - disse Canolles, com voz surda.

- Entregará a Ilha de São Jorge sob uma das três condições que vou apresentar-lhe, para que escolha a que melhor lhe convier. A primeira, é esta (não sou eu quem fala, tenha isso sempre presente): uma quantia de duzentas mil libras...

- Oh! senhora, não vá mais longe - interrompeu Canolles a conversação neste ponto. - Fui encarregado pela rainha de um comando; este comando é a Ilha de São Jorge: defendê-la-ei até à morte.

- Recorde-se do passado, senhor - exclamou tristemente Clara; - não foi isso o que me disse na nossa última entrevista, quando me propunha tudo deixar para acompanhar-me, quando já empunhava a pena para pedir a sua demissão aos mesmos... aos mesmos a quem hoje quer sacrificar a sua vida...

- Podia oferecer-lhe isso, senhora, quando tinha a liberdade de escolher o meu caminho; hoje já não a tenho...

- Já não a tem? Já não está livre? - exclamou Clara,

40

pálida. - Que quer dizer com isso, senhor? Que quer dizer?

- Quero dizer que estou ligado pela honra. - Pois bem; ouça a segunda proposta.

- Para quê? - disse Canolles. - Não lhe disse já, e repeti, senhora, que nada seria capaz de me apear da resolução que tomei?... Não me tente, pois, visto que seria tempo perdido.

- Peço-lhe desculpa - respondeu Clara; - eu também estou encarregada de uma missão, e tenho de desempenhá-la completamente.

- Fale - murmurou Canolles. - Mas, na verdade... é muito cruel!

- Apresente a sua demissão, e obteremos do seu sucessor o que de si não podemos alcançar. Dentro de um ou dois anos, entrará no serviço do senhor príncipe, com a patente de brigadeiro.

Canolles abanou a cabeça.

- Ah! senhora - disse ele - por que razão só me pede coisas impossíveis?...

- E é a mim que dá semelhante resposta!... - lamentou Clara. - Na verdade, senhor, não posso entendê-lo. Não estive a ponto de assinar aquela demissão? Não dizia àquela que então estava ao pé de si, e que o escutava com tanta alegria que era livremente e do íntimo do coração que a pedia? Por que razão não fará aqui, quando lho peço, o que propunha fazer em Jaulnay?...

Todas estas palavras eram outras tantas punhaladas que atravessavam o coração da pobre Nanon; e Canolles sentia-as penetrar.

- O que naquela época era um acto sem importância,

41

seria hoje uma traição infame! - disse Canolles, com voz surda. - Nunca entregarei a Ilha de São Jorge! Nunca pedirei a minha demissão!

- Espere - insistiu Clara com a maior doçura possível, olhando em torno de si com inquietação, porque esta resistência de Canolles, e sobretudo o constrangimento que parecia tolher quem assim resistia, pareciam-lhe muito estranhos. - Ouça agora esta última proposta, pela qual eu queria principiar, pois bem sabia, e tinha-o dito de antemão, que havia de recusar as duas primeiras: as vantagens materiais, e agrada-me tê-lo adivinhado, não são coisas que tentem um coração como o seu; para si, são

precisas outras esperanças além das da ambição e da fortuna; para os instintos nobres são exigíveis nobres recompensas. Preste-me, pois, atenção.

- Pelo santo nome de Deus, senhora! - disse Canolles - tenha compaixão de mim! E fez um gesto para se retirar. Clara julgou que ele estava abalado e, convencida de que as palavras que ia pronunciar deviam completar a vitória, deteve-o, e continuou:

- Se em vez de um vil interesse, lhe oferecessem um interesse puro e honroso; se pagassem a sua demissão, aquela demissão que pode pedir sem ignomínia (porque, não tendo principiado as hostilidades, esta demissão não é uma deserção nem uma perfídia, mas sim uma escolha pura e simples); se, digo eu, lhe pagassem esta demissão com um casamento; se uma mulher, a quem disse que a amava, a quem disse que sempre a amaria, e que, apesar desses juramentos, nunca correspondeu abertamente à sua paixão; se essa mulher viesse dizer-lhe: Senhor Canolles,

42

estou livre, sou rica, amo-o, seja meu marido, partamos juntos... Vamos para onde quiser, para longe de todas as dissensões civis, para fora de França... Ora diga, senhor: desta vez ainda não aceitaria?...

Apesar do rubor, apesar da encantadora hesitação de Clara, apesar da lembrança do lindo castelinho de Cambes, que poderia ver da sua janela, se, durante a cena que acabámos de referir, a noite não tivesse baixado do céu, Canolles manteve-se firme e inamovível na sua resolução, pois via ao longe, pálida na sombra, sair das cortinas góticas a cabeça desgrenhada de Nanon, trémula de angústia.

- Mas responda-me, em nome do Céu! - continuou a viscondessa. - Realmente, eu já não posso dar explicação nenhuma para o seu silêncio. Estarei porventura enganada? Não é o senhor barão Canolles? Não é o mesmo homem que me disse, em Chantilly, que me amava? Que mo repetiu em Jaulnay? Que me jurou amar-me, só a mim, no mundo, e que estava pronto a sacrificar-me outro qualquer amor? Fale! fale! pelo santo nome de Deus, responda! Responda, pois!

Ouviu-se um gemido, tão perceptível, tão distinto desta vez, que a senhora de Cambes não pôde duvidar de que uma terceira pessoa assistia à conferência; os seus olhos espantados seguiram a direcção dos olhos de Canolles, e este não pôde desviar tão rapidamente os seus, que a viscondessa, guiada por eles, não divisasse aquela cabeça imóvel, aquela forma semelhante à de um fantasma,

Que seguia, anelante, todas as fases da conversação.

As duas mulheres, através da escuridão, trocaram entre elas um olhar chamejante, e ambas deram um grito.

43

Nanon desapareceu.

Quanto à senhora de Cambes, pegou apressadamente no chapéu e no capote, e, voltando-se para Canolles:

- Senhor - disse ela - sei agora a que chama dever e reconhecimento; sei qual é o dever de que não se quer separar, ou que não quer atraiçoar; conheço, enfim, que há afeições inacessíveis a todas as seduções, e portanto, deixo-o inteiramente entregue a essas afeições, a esse dever, e a esse reconhecimento. Adeus, senhor, adeus.

Fez um movimento para se retirar, sem que Canolles tentasse demorá-la; porém, deteve-a uma dolorosa recordação.

- Ainda uma vez, senhor - disse ela - em nome daquela amizade que lhe

devo pelo favor que teve a bondade de fazer-me; em nome da amizade que me deve pelo favor que lhe fiz também; em nome de todos os que o amam, e a quem ama (eu não faço qualquer exceção), não se empenhe na luta: amanhã, depois de amanhã talvez, será atacado em São Jorge; não me faça passar pelo desgosto de saber que foi vencido ou morto.

A estas palavras, o mancebo estremeceu, e caiu em si:

- Senhora - disse ele - agradeço-lhe de joelhos a certeza que veio dar-me dessa amizade, que para mim é mais preciosa do que posso confessar-lhe. Oh! venham atacar-me! venham! oh meu Deus! eu chamo o inimigo com mais ardor do que ele jamais terá ao vir procurar-me. São-me necessários combatentes, são-me precisos perigos, para me elevar aos meus próprios olhos: venham os combatentes, venham os perigos, venha até a morte! A morte será bem-vinda, visto saber que morro rico com a sua

(nota da digitalização: o excerto que se segue estava em falta e foi tirado doutra edição)

amizade, forte com a vossa compaixão e honrado com a vossa estima.

- Adeus, senhor, disse Clara dirigindo-se para a porta.

Canolles seguiu-a. Chegando ao meio de um corredor escuro tornou-lhe a mão, e com voz tão baixa que até ele mesmo a custo podia ouvir as palavras que proferia:

- Clara, disse-lhe ele, amo-vos mais do que nunca vos amei; portem a infelicidade quer que não possa provar-vos este amor senão morrendo longe de vós.

Um ligeiro sorriso irónico foi naquele momento a única resposta de M.^{me} de Cambes; porém assim que se achou fora do castelo, um doloroso soluço lhe rasgou a garganta, e torceu os braços, exclamando:

- Ali! ele não me ama, ó meu Deus! ele não me ama. E eu, desgraçada de mim., eu amo-o!

(fim do excerto)

IV

UMA vez separado da senhora de Cambes, Canolles voltou para o seu quarto. Nanon estava em pé, pálida e imóvel, no meio do aposento. Canolles encaminhou-se para ela, com um sorriso triste; à medida que avançava, Nanon curvava os joelhos. Ele estendeu-lhe a mão, e ela caiu a seus pés.

- Perdoe-me! - disse ela - perdoe-me, Canolles! Fui eu quem o trouxe para aqui, fui eu que o fiz dar este passo difícil e perigoso; se morrer, eu serei a causa da sua morte. Sou uma egoísta, que só me ocupei da minha ventura. Fuja de mim, parta! Canolles levantou-a, brandamente. - Deixá-la, eu? - disse ele. - Nunca, Nanon, nunca; para mim, é sagrada; jurei protegê-la, defendê-la, salvá-la, e, ou hei-de salvá-la, ou morrerei!

- Diz isso do fundo do coração, Canolles, sem hesitação e sem premeditação?...

- Sim - disse Canolles, sorrindo-se.

- Muito agradecida, meu digno, meu nobre amigo! Muito agradecida te fico. Mas pensa bem: esta vida que eu prezava, sacrificá-la-ia hoje, sem arrancar um só queixume; porquanto, só hoje fiquei a saber o que fizeste

por minha causa. Ofereciam-te dinheiro: mas não são teus os meus tesouros? Ofereciam-te amor: poderá jamais haver no mundo mulher alguma que te ame como eu? Ofereciam-te um posto!... Ouve o que te digo: vão

atacar-te. Ora pois, compremos soldados, abasteçamo-nos de munições e armas; dupliquemos as nossas forças, defendamo-nos. Eu, da minha parte, combaterei pelo meu amor; tu, pela tua honra. Tu os derrotarás, meu bravo Canolles, farás com que a rainha diga que não tem outro capitão tão bravo; quanto ao teu posto, isso fica por minha conta; e quando fores rico e te vires carregado de glória e de honra, então me abandonarás se quiseses. Terei, para consolar-me, as minhas recordações.

E dizendo isto, Nanon olhava para Canolles e esperava a resposta que as mulheres sempre querem que se dê às suas palavras exageradas - isto é: louca e exaltada, como as palavras. Porém, Canolles baixou tristemente a cabeça.

- Nanon - disse ele - nunca sofrerá qualquer dano, nunca terá de suportar uma afronta enquanto eu viver na Ilha de São Jorge. Sossegue, visto que nada tem a temer.

- Muito agradecida - disse ela - apesar de que isso não seja tudo quanto peço.

Depois, em voz baixa:

"Ai de mim! estou perdida, já não me ama."

A Canolles não escapou aquele olhar chamejante, que brilha como um relâmpago, e a medonha palidez instantânea que tantos tormentos revela.

"Tenho de ser generoso até ao fim - disse ele consigo -pois se assim não o fizer, tornar-me-ei infame!"

48

- Vem comigo, Nanon, vem, minha querida; toma o teu capote, põe o teu chapéu; o ar da noite far-te-á bem. Posso ser atacado a cada momento; vou à minha ronda nocturna.

Palpitante de alegria, Nanon vestiu-se como o amante lhe dizia, e acompanhou-o.

Canolles era um verdadeiro capitão. Tendo assentado praça muito cedo, fizera um estudo real do seu rude ofício. Portanto, visitou a praça não somente como comandante, mas como engenheiro. Os oficiais que o tinham visto chegar como favorito, e que julgavam ter que haver-se com um governador de parada, foram interrogados pelo seu chefe, uns após outros, acerca de todos os meios de ataque e de defesa. Viram-se então forçados a reconhecer no jovem e frívolo mancebo um capitão experimentado; os mais antigos passaram a falar-lhe com respeito. Quanto a Canolles, a única coisa que podiam estranhar-lhe era a doçura da sua voz quando dava ordens, e a sua extrema educação quando interrogava. Receavam que esta cortesia servisse de máscara à fraqueza. Contudo, como cada um sentia o perigo iminente, as ordens do governador foram executadas com pontual presteza, o que forneceu ao chefe uma ideia sobre os seus soldados, em tudo semelhante à que eles tinham formado do chefe. Uma companhia de cantoneiros havia chegado naquele dia. Canolles ordenou alguns trabalhos que foram iniciados no mesmo instante. Em vão tentou Nanon fazê-lo regressar ao interior do forte, a fim de lhe poupar a fadiga de uma noite passada deste modo; Canolles continuou a sua ronda, e foi ele quem despediu com brandura Nanon, exigindo que ela recolhesse ao seu quarto. Depois de ter expedido três

49

ou quatro batedores de campo, que o tenente lhe recomendara como os mais inteligentes dos que tinha ao serviço, foi deitar-se sobre um montão de pedras, de onde inspeccionou os trabalhos.

Enquanto, porém, os olhos seguiam maquinalmente o movimento das enxadas e

dos alviões, o espírito de Canolles, alheado das coisas materiais que estavam em curso, aferrava-se absolutamente não só aos acontecimentos daquele dia, mas também a todas as aventuras especiais de que fora protagonista desde o dia em que vira a senhora de Cambes. Coisa na realidade singular, todavia, o seu espírito não vislumbrava além disso. Parecia-lhe que só desde então começara a viver, que até ali vivera num mundo diferente, onde só havia instintos inferiores e sensações incompletas. Desde aquela hora, raiava na sua existência uma luz que dava outro aspecto a todas as coisas, e, com esta nova luz, Nanon, a pobre Nanon, era desapiadadamente sacrificada em benefício de outro amor, tão violento, desde o princípio, como aqueles amores que se apoderam de toda a vida em que penetraram.

Por isso, passadas as dolorosas meditações - acompanhadas de arrebatamentos celestes - à ideia de que era amado pela senhora de Cambes, Canolles acertou, consigo mesmo que apenas o dever lhe impunha ser homem de honra, e que a amizade sentida não tinha qualquer influência na sua determinação.

Pobre Nanon! Canolles chamava amizade ao sentimento que ela lhe inspirava. Ora, a amizade, em amor, não está muito distante da indiferença.

Nanon também velava, porque não pudera decidir-se a meter-se na cama; de pé, a uma janela, embuçada numa

50

manta preta para não ser vista, não seguia a Lua, triste, encoberta e deslizante através das nuvens; nem os altos choupos graciosamente agitados pela brisa da noite; nem o majestoso Garona, que mais parecia um vassalo rebelde levantando-se para fazer guerra ao amo, do que um escravo fiel que vai pagar o seu tributo ao oceano. Seguia, sim, um magicar lento e penoso, em que labutava contra o pensamento do amante; via naquela forma escura, desenhando-se na pedra, naquela sombra imóvel agachada diante de um lampião, o fantasma vivo da sua ventura passada; ela, que tão enérgica, tão orgulhosa, tão destra fora outrora, perdera agora toda a destreza, toda a soberba e toda a energia. Dir-se-ia que os seus sentidos, exaltados pelo pressentimento da desgraça, ainda mais inteligentes e mais subtis se tornavam; sentia germinar o amor no fundo do coração do amante, tal como Deus, inclinando-se sobre a imensa abóbada celeste, sente germinar a sementezinha nas entranhas da terra.

Amanheceu, por fim, e só então Canolles recolheu ao seu quarto. Nanon também tornara a entrar no seu. Portanto, ele não pôde saber que velara toda a noite. Foi fardar-se com todo o cuidado, reuniu novamente a guarnição, inspeccionou as diferentes baterias, e, sobretudo, as que dominavam a margem esquerda do Garona; mandou fechar o pequeno porto com correntes, e colocar em diversos locais algumas chalupas carregadas de falcoes e de bacarmates; passou revista à sua gente, animou-a de novo com a sua palavra tão persuasiva e tão generosa, e, com tudo isto, não recolheu antes das dez horas.

Nanon esperava-o com o sorriso nos lábios; já não era aquela orgulhosa e imperiosa Nanon, cujos caprichos

51

provocavam tremuras no próprio senhor dÉpernon: era uma amante tímida, uma escrava medrosa, que já nem sequer exigia que a amassem, mas pedia unicamente que lhe fosse permitido amar.

Passou-se o dia sem qualquer outro acontecimento para além das diferentes

peripécias do drama íntimo que decorria na alma de cada um dos jovens. Os batedores expedidos por Canolles foram chegando, um após outro. Nenhum deles trazia notícias positivas; o que se notava era apenas uma grande agitação em Bordéus, prova evidente de que ali se preparava alguma coisa. Com efeito, a senhora de Cambes, de regresso à cidade, apesar de ocultar as circunstâncias da entrevista no mais íntimo do seu coração, transmitira o respectivo resultado a Lenet. Os bordeleses pediam em altos gritos que se tomasse a Ilha de São Jorge. O povo oferecia-se em massa para fazer parte da expedição. Só os chefes o continham, pretextando as faltas de um homem de guerra que pudesse conduzir a expedição, e de soldados regulares que pudessem sustentá-la. Lenet aproveitou esse momento para introduzir o nome dos dois duques, e para oferecer o equivalente exército. A proposta foi recebida com entusiasmo, e até os que na véspera haviam votado que se lhes fechassem as portas, chamaram-nos em grandes clamores.

Lenet correu a levar esta boa nova à princesa, que nesse mesmo instante convocou o conselho.

Clara pretextou fadiga, para não tomar parte em decisão alguma contra Canolles, e recolheu ao seu quarto, para poder chorar desafogadamente.

Desse quarto, ouvia as vociferações e as ameaças do

52

povo. Todas aquelas vociferações, todas aquelas ameaças, eram dirigidas contra Canolles.

Em breve ressoou o tambor: as companhias reuniram-se, os funcionários da câmara armaram o povo, quie pedia lanças e arcabuzes. Retiraram-se as peças de artilharia do arsenal, distribuiu-se pólvora, e duzentos batéis ficaram apetrechados para subir o Garona com o auxílio da maré da noite, enquanto três mil homens, marchando pela margem esquerda, fariam o seu ataque por terra.

O exército do mar deveria ser comandado por Espagnet, conselheiro do Parlamento, homem valente e assizado, e o exército de terra pelo senhor de Rochefoucauld, que também acabara de entrar na cidade com uns dois mil gentis-homens. O duque de Bouillon só devia chegar dois dias depois, com outros mil. E por isso o duque de Rochefoucauld apressou o mais que pôde o ataque, para que o colega não pudesse participar nele.

V

VOLVIDOS dois dias sobre a apresentação da senhora de Cambes, em traje de parlamentar, na Ilha de São Jorge, andava Canolles, pelas

— duas horas da tarde, rondando nas muralhas, quando o informaram que um mensageiro, portador de uma carta para ele, pretendia falar-lhe.

O mensageiro foi logo introduzido, e entregou o seu despacho a Canolles.

Este despacho não tinha, à vista desarmada, nada de oficial; era uma carta mais comprida do que larga, escrita em caracteres muito finos, e um pouco tremidos, num papel azulado, lustroso e perfumado.

Mal pôs os olhos naquele papel, Canolles sentiu palpitar o coração.

- Quem te entregou esta carta? - perguntou.

- Um homem de cinquenta e cinco a sessenta anos. - Bigodes ruços?

- Sim, senhor.

- Costas um tanto arqueadas?... - Sim.

- Ar militarão?... - Isso mesmo.

55

Canolles deu um luís ao homem e fez-lhe sinal para que se retirasse no mesmo instante.

Depois, afastou-se, e, com o coração apertado, foi esconder-se no ângulo de um bastião para ler à sua vontade a carta que acabava de receber, a qual não continha mais do que estas palavras:

Está para ser atacado. Se não é já digno de mim, mostre-se pelo menos digno de si.

A carta não vinha assinada. Porém, Canolles reconheceu nela a senhora de Cambes, tal como reconhecera Pompeu; espreitou, para verificar se não era visto por alguém, e, corado como uma criança com o seu primeiro amor, levou o papel aos lábios, beijou-o com ardor, e pô-lo sobre o coração.

Depois, subiu ao topo do bastião, de onde podia distinguir a corrente do Garona ao longo de uma légua, e a planície circunvizinha, em toda a sua extensão.

Nada se vislumbrava, nem no rio, nem no campo.

"A manhã passar-se-á assim - murmurou ele. - Não hão-de vir em pleno dia; terão descansado no caminho, e hão-de iniciar o ataque esta noite."

Canolles ouviu uma leve bulha atrás de si, e voltou-se: era o seu tenente.

- Então, senhor Vibrac? - disse Canolles - que se diz?

- Diz-se, senhor comandante, que a bandeira dos príncipes se erguerá amanhã na Ilha de São Jorge.

- E quem diz isso?

- Dois dos nossos batedores, que acabam de voltar,

56

e que viram os preparativos que fazem contra nós os burgueses da cidade.

- E que respondeu aos que lhe disseram que a bandeira dos senhores príncipes tremularia amanhã no forte de São Jorge?

- Respondi, senhor comandante, que isso me era indiferente, visto que de tal não seria testemunha.

- Nesse caso, roubou-me a minha própria resposta, senhor - voltou Canolles.

- Bravo, senhor comandante! Não desejávamos outra coisa, e os soldados combaterão como leões, quando souberem da sua resposta.

- Combaterão como homens, é tudo quanto lhes peço... E que se diz quanto ao ataque?

- Senhor general, é uma surpresa que nos preparam - disse Vibrac, rindo.

- Não é má surpresa! - disse Canolles. - Já vou no segundo aviso... E quem comanda os agressores?

- O senhor de Rochefoucauld, comanda as tropas de terra; Espagnet, o conselheiro do Parlamento, as tropas de mar.

- Assim sendo - disse Canolles - eu dar-lhe-ia um conselho...

- A quem?

- Ao senhor conselheiro do Parlamento.

- E que conselho?

- Que reforçasse as milícias urbanas com algum bom regimento bem disciplinado, que ensinasse aos burgueses como se apara um fogo bem municado.

- Não esperou pelo seu conselho, comandante, porque, antes de ser homem de justiça foi, pelo menos assim

57

o creio, de certo modo homem de guerra, e associou a esta expedição o

regimento de Navailles.

- Como!? O regimento de Navailles?! -Sim.
- O meu antigo regimento?...
- Esse mesmo. Passou-se, segundo parece, com armas e bagagens, para os senhores príncipes. -E quem o comanda?
- O barão de Ravailly. -Palavra!?
- Conhece-o?
- Sim, é um belo moço, bravo como uma espada.
- Nesse caso, o combate há-de ser mais encarniçado do que eu julgava, e não nos faltará divertimento.
- Ora bem: que esta noite sejam reforçados os postos, e que os soldados se deitem vestidos, com as armas carregadas ao alcance da mão. Metade vigiará, enquanto a outra descansa. Não se retire ainda.
- Espero as suas ordens.
- Participou a alguém o relatório do mensageiro?
- A ninguém, absolutamente.
- Muito bem. Guarde segredo, por algum tempo ainda. Escolha uma dúzia dos seus piores soldados; deve ter alguns caçadores e pescadores...
- Desses temos nós de mais, comandante.
- Pois bem; como lhe digo, escolha uns dez, e dê-lhes licença até amanhã de manhã. Irão deitar as suas redes ao fundo do Garona, e armar os seus laços na planície. Esta noite, cairão em poder de Espagnet e de Rochefoucauld, que não deixarão de interrogá-los.
- Não estou a perceber...

58

- Não percebe a necessidade de que os agressores julguem que estamos muito sossegados, e que não receamos coisa alguma?... Ora, aqueles homens, que não sabem, jurar-lhe-ão com convicção a que não poderão deixar de dar crédito, pois que não será fingido, que estamos dormindo sossegadamente.
- Ah! muito bem.
- Deixe aproximar o inimigo, deixe-o desembarcar, deixe-o arrimar as suas escadas à muralha.
- Mas então, quando se há-de fazer fogo?
- Quando eu ordenar; se um tiro partir das nossas fileiras antes da minha ordem, dou-lhe a minha palavra de governador que mandarei arcabuzar quem o der.
- Caramba!
- A guerra civil é duas vezes guerra; importa, pois, que a guerra civil não se faça como uma caçada. Deixe vir os senhores bordeleses; permita-se rir, se tiver prazer nisso, porém, somente quando eu disser que se ria. O tenente partiu, e foi transmitir as ordens de Canolles aos outros oficiais, que olharam uns para os outros, espantados. Havia dois homens no governador: o gentil-homem cortês, e o comandante implacável. Canolles voltou para cear, na companhia de Nanon; a única diferença que houve foi cear-se duas horas mais cedo, tendo Canolles decidido que não se apartaria das muralhas, desde o crepúsculo até ao amanhecer. Foi encontrar Nanon folheando volumosa correspondência.
- Pode defender-se afoitamente, querido Canolles - disse-lhe ela - pois em breve será socorrido: o rei aproxima-se, o senhor de Meilleraye comanda um exército, e o senhor d'Épernon vem aí com quinze mil homens.

59

- Mas, entretanto, Nanon, ainda tardarão oito, ou talvez dez dias -

acrescentou Canolles, sorrindo - e a Ilha de São Jorge não é inexpugnável.

- Oh! enquanto o senhor comandar, respondo por tudo.

- Sim, mas exactamente porque comando, posso ser morto...

- Sim - respondeu Nanon, sorrindo também. - Pois bem; tem os seus cofres prontos. Um barqueiro

estará num posto designado; se for preciso que meta pela água adentro, terá quatro dos meus homens, bons nadadores, com ordem de não a deixar, e que a transportarão para a outra margem.

- Todas essas precauções são inúteis, Canolles; se morrer, não precisarei já de coisa alguma.

Vieram então chamar para a ceia. Dez vezes, durante a ceia, Canolles se levantou, e chegou à janela que dava para o rio; antes de terminar a refeição, Canolles levantou-se da mesa... Principiava a anoitecer...

Nanon quis acompanhá-lo.

- Nanon - disse Canolles - recolha ao seu quarto, e jure-me que dele não sairá. Se soubesse que estava fora dele, que corria o menor perigo, já não responderia por mim. Nanon, nisso está comprometida a minha honra; portanto, não a tenha em pouca conta.

Nanon aflorou à face de Canolles os seus lábios de carmim, cujo vermelho ainda mais se realçava com a palidez do rosto, e, depois, voltou ao seu quarto, dizendo:

- Obedeço-lhe, Canolles; quero que amigos e inimigos conheçam o homem a quem amo. Vá!

Canolles afastou-se; não podia deixar de admirar aquela

60

natureza, que se moldava a todos os seus desejos obedecendo a todas as suas vontades. Mal chegou ao seu posto, logo caiu a noite, terrível e ameaçadora, como sempre parece, quando oculta no seu negro manto um segredo sanguinolento.

Canolles colocara-se na extremidade da esplanada. Dali, dominava o curso do rio e as suas duas margens. Não fazia luar; um véu de sombrias nuvens deslizava pesadamente pelo céu. Era impossível ser visto, mas também era quase impossível ver.

Todavia, à meia-noite, pareceu-lhe distinguir algumas massas sombrias movendo-se na margem esquerda, e vultos gigantescos deslizando pelo rio. Porém, não se ouvia outro ruído para além do vento da noite, sibilando nas folhas das árvores.

As mesmas massas detiveram-se; as formas fixaram-se a certa distância. Canolles pensou que se havia enganado; contudo, duplicou a vigilância; os seus ardentes olhos penetravam as trevas, e os seus ouvidos, constantemente à escuta, percebiam o mais leve movimento.

Soaram três horas na torre da fortaleza, e o tinido prolongado foi perder-se, lento e lúgubre, na noite. Canolles principiava a acreditar que recebera um falso aviso, e ia retirar-se, quando, de repente, o tenente Vibrac, que estava ao pé dele, lhe apoiou com vivacidade uma das suas mãos no ombro, apontando com a outra para o rio.

- Sim! sim! - disse Canolles - são eles. Vamos, nada teremos perdido por esperar. Vá acordar os homens que estão a dormir, e que venham ocupar os seus postos atrás da muralha. Não lhes disse que mataria o primeiro que fizesse fogo?...

61

- Disse, sim.

- Pois bem; diga-lhes isso outra vez. Com efeito, ao despontar da aurora, viam-se compridos barcos carregados de homens, que riam e conversavam em voz baixa, em aproximação, ao mesmo tempo que se podia distinguir na planície uma espécie de elevação que não existia na véspera. Era uma bateria de seis peças, que o senhor de Rochefoucauld estabelecera durante a noite. Os homens dos barcos apenas tinham tardado porque até então a bateria não estava em estado de principiar o fogo.

Canolles quis saber se as armas estavam carregadas, e, tendo recebido resposta afirmativa, fez sinal para que esperassem.

Os barcos vinham-se aproximando cada vez mais, e, ao romper do dia, não tardou Canolles a distinguir o fardamento e o chapéu próprios da companhia de Navailles, que, como já sabemos, fora a sua; na proa de um dos primeiros barcos estava o barão de Ravailly, que o substituíra no comando da companhia, e na popa o tenente, que era seu amigo e muito estimado entre os camaradas, pelo seu génio divertido e pelos seus intermináveis gracejos.

- Vão ver - dizia ele - que não se moveram, e que será preciso que o senhor de Rochefoucauld os acorde com a artilharia. Com todos os diabos! Como se dorme em São Jorge; quando estiver doente, hei-de vir para aqui.

- Aquele bom Canolles - respondeu Ravailly - faz o seu papel de governador como um pai de família; receia que os seus soldados se constipem, fazendo sentinelas de noite.

62

- Na realidade - disse outro - nem sequer se vê uma sentinela.

- Olá! - bradou o tenente, saltando em terra - acordem, vocês que estão lá em cima, e dêem-nos a mão, para subirmos.

Graças a este último gracejo, as gargalhadas correram toda a linha dos sitiados; e, enquanto três ou quatro barcos se adiantavam do lado do porto, o resto do exército ia desembarcando.

- Vamos, vamos-disse Ravailly-agora compreendo; Canolles quer pretender que se deixa surpreender, para não se pôr mal com a Corte. Vamos, senhores, correspondamos à sua cortesia, e não matemos ninguém. Uma vez na praça, misericórdia para todos, excepto para as mulheres, que, para mais, talvez nem a peçam. Meus filhos, não nos esqueçamos de que é uma guerra de amigos; portanto, ao primeiro que desembainhar a espada, mando matá-lo.

E com esta recomendação, feita com uma jovialidade inteiramente francesa, os risos surgiram de novo, e os soldados participaram da hilaridade dos oficiais.

- Olá! meus amigos - disse o tenente - rir é bom, mas não deve estorvar a nossa tarefa. Venham as escadas, e subamos.

Os soldados trouxeram dos barcos grandes escadas, e arrumaram-nas à muralha.

Canolles levantou-se então, e, de bengala na mão e chapéu na cabeça, como homem que toma pela manhã o fresco para recrear-se, chegou-se ao parapeito, que o deixava a descoberto da cintura para cima.

Fazia bastante claridade, para que o reconhecessem.

63

- Oh! bons-dias, Navailles - disse ele, a todo o regimento. - Bons-dias, Remonenne.

- Olhem! é Canolles - exclamaram os mancebos. -Acordou finalmente, barão?

- Sim, acordei, que querem que faça? Levamos aqui uma vida de mandriões; deitamo-nos cedo e levantamo-nos tarde; mas que diabo vêm cá fazer tão

cedo?

- Então não vês - disse Ravailly. - Viemos sitiarte, e nada mais.
- E para que vêm sitiarte? - Para tomar o teu forte. Canolles desatou a rir. - Vamos - disse Ravailly - capitulas, não é assim?
- Mas, antes de tudo, é preciso que saiba a quem me entrego. Como pode ser que o regimento de Navailles sirva contra o rei?
- O motivo é muito plausível, meu querido; porque nos fizemos rebeldes. Pensando no caso, reconhecemos que Mazarino era sem a mínima dúvida um bigorrião, indigno de ser servido por bravos gentis-homens; passámos, por conseguinte, para os príncipes. E tu?
- Mas eu, meu querido, sou um epernonista furioso.
- Ora, deixa lá essa gente, e vem reunir-te connosco. - É impossível. Que fazem aí em baixo? Deixem em paz as cadeias do porto. Bem sabem que são coisas para que se olha, mas de longe, e quando se lhes toca, vem também a desgraça. Ravailly, diz-lhes, pois, que não toquem nas cadeias - continuou Canolles, franzindo as sobrancelhas - pois se o fizerem, mando disparar sobre eles. Previno-te, Ravailly, olha que tenho excelentes atiradores.

64

O copo de vinho.

Gravura de David. Museu das Artes Decorativas, Paris.

- Estás zombando - respondeu o oficial. - Consente que entremos na praça; tu não tens força para resistir.
- Eu não brinco. Abaixo com as escadas, Ravailly! Peço-to. Olha que é a casa do rei que sítias, toma sentido nisso.
- São Jorge, casa do rei?!...
- Olha, e verás a bandeira na extremidade do bastião. Vejamos, manda pôr a nado os teus barcos, e recolhe as tuas escadas, quando não, faço fogo. Se queres conversar, vem só ou com Remonenque, e então conversaremos enquanto almoçamos; tenho um excelente cozinheiro, nesta Ilha de São Jorge.
Ravailly pôs-se a rir, e animou a sua gente com um olhar. Enquanto isso, outra companhia apressava-se a desembarcar.
Canolles percebeu então que o momento decisivo chegara, e, tomando a atitude firme e o ar grave que convinham a um homem encarregado de uma tão pesada responsabilidade como a sua, gritou:
- Alto lá! Ravailly! Basta de gracejos! Remonenque, nem - mais um passo, nem mais um gesto, senão mando fazer fogo! Tão certo como estar ali a bandeira do rei, e vocês marcharem contra as flores-de-lis de França.
E, juntando a acção à ameaça, derrubou com braço vigoroso a primeira escada que tinham arrimado à muralha.
Cinco ou seis homens mais apressados do que os outros, e que principiavam a subir por ela, caíram por terra, e a sua queda deu lugar a estrondosas gargalhadas, tanto entre os sitiantes, como entre os sitiados; dir-se-ia que se tratava de brincadeiras de rapazes.

65

Nesse mesmo momento, um sinal indicou que os sitiantes tinham franqueado as cadeias que fechavam o porto.

No mesmo instante, Ravailly e Remonenque pegaram numa escada, e aprestaram-se, por seu turno, a descer aos fossos, gritando:

- Sigam-nos, Navailles! À escalada! Subamos!

- Meu pobre Ravailly - gritou Canolles - peço-te que te detenhas.

Porém, no mesmo instante, a bateria de terra, que até ali estivera

calada, fez fogo, e uma bala veio levantar terra em volta de Canolles.
- Vamos! - disse Canolles, estendendo a sua bengala -já que o querem, absolutamente: fogo! meus amigos, fogo em toda a linha!
Então, sem que se avistasse um só homem, viu-se uma enfiada de mosquetes baixar-se para o parapeito, uma cinta de chamas envolver o cume da muralha, enquanto a detonação de duas enormes peças de artilharia respondia à bateria do duque de Rochefoucauld.
Cerca de dez homens caíram por terra; porém, a sua queda, em vez de desalentar os camaradas, deu-lhes um novo ardor. Por seu turno, a bateria de terra respondeu à bateria do forte; uma bala despedaçou a bandeira real, e outra matou Elboin, o tenente de Canolles.
O comandante lançou novamente os olhos em torno de si, e viu que os seus homens tinham já carregado outra vez as armas.
- Fogo em toda a parte! - disse ele.
Esta ordem foi executada com tanta pontualidade como da primeira vez. Dez minutos depois, já não ficava inteiro um só vidro

66

na Ilha de São Jorge; as pedras tremiam e voavam em estilhaços; a artilharia arrombava as paredes, e um denso fumo escurecia o ar, cheio de gritos, de ameaças e de gemidos.
Canolles viu que o que maiores estragos fazia no seu forte era a bateria do senhor de Rochefoucauld.
- Vibrac - disse ele - tome Ravailly ao seu cuidado, e não lhe deixe ganhar uma polegada de terreno na minha ausência. Quanto a mim, corro às nossas baterias.
Com efeito, Canolles correu às duas peças que respondiam ao fogo do senhor de Rochefoucauld, e dirigiu pessoalmente esse serviço, carregando, fazendo pontaria e comandando; num instante, fez calar três peças das seis que lhe faziam fogo, e deixou estendidos na planície uns cinquenta homens. Os outros, que não esperavam tamanha resistência, principiaram a desordenar-se e a fugir. O senhor de Rochefoucauld, ao querer reuni-los, foi ferido por um estilhaço de pedra, que lhe fez saltar a espada da mão. Vendo este resultado, Canolles deixou o resto da acção ao chefe da bateria, e acorreu ao assalto que continuava a dar a companhia de Navailles, ajudada pelos homens de Espagnet.
Vibrac resistia com denodo, porém acabava de receber uma bala no ombro. A presença de Canolles foi recebida com gritos de alegria, e duplicou o valor das suas tropas.
- Perdoa-me - clamou ele a Ravailly - se me vi obrigado a deixar-te por um momento, querido amigo, foi, como podes vê-lo, para fazer calar as peças do senhor de Rochefoucauld. Porém, sossega, aqui estou de novo. .

67

E como, neste momento, o capitão de Navailles, excessivamente animado para responder ao gracejo, que, além disso, em meio de estrondo espantoso que fazia a artilharia e a mosquetaria, talvez não o ouvisse, levava pela terceira vez os seus homens ao assalto, Canolles tirou uma pistola da sua cinta, e, estendendo a mão para o seu antigo camarada transformado em inimigo, fez fogo.
A bala, dirigida por mão firme, foi quebrar o braço a Ravailly.
- Obrigado, Canolles! - disse ele, que .vira de onde vinha o tiro. Obrigado, hei-de pagar-te na mesma moeda.
Porém, apesar de todo o seu vigor e denodo, o jovem capitão viu-se obrigado a parar, e a espada caiu-lhe das mãos. Remonênque acudiu em seu

socorro, e segurou-o nos braços.

- Queres vir tratar-te em minha casa, Ravailly? - bradou-lhe Canolles. - Tenho um cirurgião que nada deve ao cozinheiro.

- Não, volto para Bordéus, porém, espera-me a todo o momento, pois voltarei, prometo-to. Com a única diferença de que, então, escolherei a minha hora.

- Retirar! Retirar! - gritou Remonenque. - Lá em baixo já fogem. Até mais ver, Canolles; ganhaste a primeira partida.

Remonenque dizia a verdade: a artilharia fizera horrorosos estragos no exército da terra, que tinha perdido uns cem homens, pelo menos. Quanto ao exército do mar, perdera quase outros tantos. Porém, a maior perda fora na companhia de Navailles, que, para sustentar a honra da farda, quisera marchar sempre na frente dos burgueses de Espagnet.

68

Canolles levantou a sua pistola, descarregada.

- Cessar fogo! - comandou. - Deixemo-los retirar em paz. Não temos munições em excesso; é preciso poupá-las.

E, com efeito, os tiros ter-se-iam perdido quase todos. Os agressores retiravam-se apressadamente, deixando os mortos e levando os feridos. Canolles contou os seus; tinha dezasseis feridos e quatro mortos. Quanto a ele, nem sequer uma arranhadura recebera.

- Que sorte! - disse ele ao receber, dez minutos depois, as alegres carícias de Nanon - não tardaram, minha querida amiga, a fazer-me ganhar a minha patente de governador. Que louca carnificina! Matei-lhes cento e cinquenta homens, pelo menos, e quebrei o braço a um dos meus melhores amigos, para impedi-lo que se fizesse matar completamente!

- Sim - disse Nanon. - E está são e salvo...

- Graças a Deus! E foi sem dúvida, Nanon, o meu anjo da guarda. Mas cuidado com a segunda partida; não basta ter ganho a primeira! Os bordeleses são teimosos, e, além disso, Ravailly e Remonenque prometeram-me que voltariam.

- E então? - disse Nanon. - Não é o mesmo homem quem comanda o forte de São Jorge, e não são os mesmos soldados que o defendem?... Que venham, e da segunda vez serão ainda mais bem recebidos que da primeira, porque daqui até lá terá todo o tempo para aumentar os seus meios de defesa. Não pensa assim?

- Minha querida Nanon - disse confidencialmente Canolles - só se conhece bem uma praça com o uso; a minha não é inexpugnável, ainda agora o descobri, e se eu me

69

chamasse duque de Rochefoucauld, apoderar-me-ia da Ilha de São Jorge amanhã pela manhã. A propósito: Elboin não almoçará connosco.

- Por que razão?

- Porque foi despedaçado por uma bala de artilharia.

1

VI

O regresso dos habitantes a Bordéus constituiu um triste espectáculo. Os burgueses haviam partido triunfante, confiados no seu número e na habilidade dos seus generais, enfim, completamente seguros quanto ao resultado da empresa, graças ao hábito, a essa segunda fé do homem em perigo.

Com efeito, qual dos sitiados não teria na sua mocidade corrido os

bosques e os prados da Ilha de São Jorge, só ou em doce companhia? Qual o bordelês que não tivesse manejado o remo, o mosquete de caça, ou as redes de pescador, nos sítios que ia tornar a ver como soldado? Esta a razão por que, para os burgueses, a derrota foi muito mais sensível. As passagens nas localidades envergonhavam-nos, assim como o inimigo. Viram-nos, portanto, voltar cabisbaixos, ouvindo com resignação as lamentações e os gemidos das mulheres, que, contando os guerreiros ausentes, à maneira dos selvagens da América, iam descobrindo sucessivamente as perdas experimentadas pelos vencidos. Então, um murmúrio geral cobriu a grande cidade de luto e de confusão. Os soldados recolheram-se a suas

71

casas para contar o desastre, cada qual a seu modo. Os chefes foram ter com a princesa, que, como dissemos, estava alojada em casa do presidente. A princesa de Conde aguardava à janela o regresso da expedição. Ela, que nascera de uma família de guerreiros, mulher de um dos maiores conquistadores do mundo, acostumada a olhar com desprezo a armadura ferrugenta e o penacho ridículo dos burgueses, não podia evitar uma vaga inquietação, lembrando-se de que os burgueses seus partidários iam combater um exército de verdadeiros soldados. Todavia, três coisas a sossegavam: a primeira, que o senhor de Rochefoucauld comandava a expedição; a segunda, que o regimento de Navailles marchava à frente da coluna; a terceira, que o nome de Conde estava inscrito nas bandeiras. Porém, por um contraste fácil de compreender, tudo o que era esperança para a princesa, constituía dor para a senhora de Cambes, da mesma forma que tudo o que ia ser dor para a ilustre senhora, se tornava em triunfo para a viscondessa.

O duque de Rochefoucauld foi quem se apresentou em sua casa, todo coberto de pó e sangue; a manga do seu gibão preto estava aberta, e a camisa toda manchada de sangue.

- É verdade o que me dizem?... - exclamou a princesa, correndo ao encontro dele.

- E que dizem, senhora? - perguntou friamente o duque.

- Dizem que foi repelido.

- Não dizem o suficiente, senhora. Se quiserem falar verdade, devem dizer que fomos derrotados.

72

- Derrotados?! - exclamou a princesa, empalidecendo. - Derrotados?!... Não é possível!!

"Derrotados - cogitou a viscondessa - derrotados pelo senhor de Canolles!..."

- Então, como foi possível que isso acontecesse? - perguntou a princesa de Conde, em tom altivo, que manifestava a sua profunda indignação.

- Como isso aconteceu? Senhora, como acontecem todas as desgraças no jogo, no amor, e na guerra; atacámos quem era mais esperto ou mais forte do que nós.

- Então, é muito bravo, aquele senhor de Canolles? - perguntou a princesa.

O coração da senhora de Cambes palpitava de intensa alegria.

- Bravo como toda a gente!... - respondeu Rochefoucauld, encolhendo os ombros. - E, como tinha soldados frescos, boas muralhas, e estava alerta, tendo provavelmente sido prevenido, não lhe foi difícil vencer os nossos bordeleses. Ah! senhora, não posso deixar de confessá-lo: que tristes

soldados! Fugiram à segunda descarga!

- Navailles?!... - exclamou Clara, sem reparar na imprudência desta exclamação.

- Minha senhora - disse Rochefoucauld - toda a diferença que houve entre Navailles e os burgueses, é que os burgueses fugiram e Navailles retirou-se.

- O que nos faltaria agora, para coroar tudo, era perder Vayres!

- Não digo que não - respondeu Rochefoucauld.

- Derrotados!... - repetiu a princesa, batendo com o pé no chão. - Derrotados por gentes de nada,

73

comandados por um qualquer senhor de Canolles! Nome que até é ridículo.

Clara fez-se vermelha como um pimentão.

- Julga esse nome ridículo, senhora - replicou o duque. - Porém, o senhor Mazarino acha-o sublime. E quase me atrevera a dizer - ajuntou ele, lançando um olhar rápido e penetrante a Clara - que não é o único desse parecer... Os nomes são como as cores, senhora - continuou ele, sorrindo, com o seu sorriso bilioso. - Acerca deles não deve haver discussão.

- Julga então que Richon seja homem que se deixe derrotar?...

- Porque não? Eu mesmo não me deixei derrotar?... Cumpre esperar que esta má veia se esgote; a guerra é um jogo. Mais tarde ou mais cedo, havemos de tirar a nossa desforra.

- Isto não teria acontecido - disse a senhora Tourville - caso se tivesse seguido o meu plano.

- É verdade - disse a princesa. - Nunca fazem o que propomos, a pretexto de que somos mulheres, e nada entendemos da guerra... Os homens fazem o que muito bem lhes parece, e o resultado é serem derrotados.

- Não há dúvida que assim é, senhora; mas isso acontece aos melhores generais. Paulo Emílio foi derrotado em Canas, Pompeu em Farsalia, e Átila em Châlons. Só Alexandre e a senhora Tourville nunca foram derrotados. Vejamos o vosso plano.

- O meu plano, senhor duque - disse a senhora Tourville, em tom ríspido e severo - era que se fizesse um assédio em forma. Não quiseram ouvir-me, e preferiu-se um ataque repentino. Vê qual foi o resultado.

74

- Responda à senhora, Lenet - disse o duque. - Quanto a mim, não me julgo com forças bastantes para sustentar a luta.

- Senhora - disse Lenet, cujos lábios ainda se não tinham aberto senão para sorrir - havia uma circunstância que se opunha ao cerco que propunha: os bordeleses não são soldados, mas sim burgueses; é necessário que ceiem em casa e durmam no leito conjugal. Ora, um assédio em forma exclui uma infinidade de comodidades, a que não estão habituados os nossos bravos cidadãos. Foram, pois, sitiar a Ilha de São Jorge como simples curiosos; não os censure por terem ficado mal hoje; tornarão a andar as quatro léguas, e hão-de começar a guerra tantas vezes quantas forem necessárias.

- Julga que a recomencarão?... - perguntou a princesa.

- Oh! quanto a isso, senhora - disse Lenet - posso asseverá-lo; gostam muito da sua ilha, e, portanto, não a deixarão ao rei.

- E tomá-la-ão?

- Sem dúvida; se não for num dia, será noutro...

- Pois no dia em que a tomarem - exclamou a senhora princesa - quero que seja arcabuzado aquele insolente Canolles, caso se não entregue debaixo

de condições.

Clara sentiu circular-lhe um tremor mortal pelas veias.

- Arcabuzá-lo!... - disse o duque de Rochefoucauld - que tal, nem! Se é assim que Vossa Alteza entende a guerra, felicito-me muito sinceramente por estar no número dos seus amigos.

- Então, que se renda.

- Muito gostaria eu de saber o que diria Vossa Alteza se Richon se rendesse...

75

- Richon não está em causa, senhor duque; não se trata de Richon. Vamos! Tragam-me um burguês, um vereador, um conselheiro, alguma coisa, enfim, a quem eu possa falar, e que me certifique de que esta vergonha não há-de ser sem amargura para os que ma fizeram tragar.

- Eis uma coincidência maravilhosa - disse Lenet. - Aí está o senhor Espagnet, que solicita a honra de ser introduzido à presença de Vossa Alteza.

- Mande-o entrar - disse a princesa.

O coração de Clara, durante todo este colóquio, ora palpitava com violência, ora parecia ficar comprimido e que lhe impediam todo o movimento. Com efeito, pensava que os bordeleses não deixariam de fazer pagar caro a Canolles o seu primeiro triunfo. Porém, ainda maior foi o seu susto quando Espagnet veio, com os seus protestos, corroborar as certezas de Lenet.

- Senhora - dizia ele à princesa - fique Vossa Alteza sossegada. Em lugar de quatro mil homens, mandaremos oito mil; em lugar de seis peças de artilharia, apontaremos doze; em lugar de cem homens, perderemos duzentos, trezentos, quatrocentos, se for preciso. Mas havemos de tomar São Jorge.

- Bravo, senhor! - exclamou o duque. - Isso é que é falar! Sabe que sou o seu homem, quer como chefe, quer como voluntário, todas as vezes que tentar esta empresa. A única coisa a ter em conta é que, a quinhentos homens por cada vez (supondo quatro expedições como esta), o nosso exército estará bem reduzido, à quinta vez.

- Senhor duque - replicou Espagnet. - Somos trinta mil, os homens de Bordéus em estado de pegar nas armas.

76

Se for necessário, colocaremos todas as peças de artilharia do arsenal diante da fortaleza, e faremos um fogo capaz de reduzir a pó uma montanha de granito; passarei o rio, eu mesmo à frente dos sapadores, e tomaremos São Jorge. Ainda há pouco o jurámos, com toda a solenidade.

- Duvido que tomem São Jorge enquanto o senhor de Canolles estiver vivo - disse Clara, com voz quase ininteligível.

- Pois então - respondeu Espagnet - matá-lo-emos, e tomaremos São Jorge depois.

A senhora de Cambes sufocou um grito de terror prestes a sair-lhe do peito.

- Querem tomar São Jorge?!...

- Se a queremos tomar?!... - exclamou a princesa. - Quem pode duvidar disso! ? É tudo quanto queremos!...

- Pois então - disse a senhora de Cambes - deixem a coisa por minha conta, e comprometo-me a entregar a praça.

- Deixa-te disso! - respondeu a princesa. - Já me prometeste coisa semelhante, e saíste-te mal da empresa.

- Tinha prometido fazer uma tentativa junto do senhor de Canolles. Essa tentativa falhou; deparei com um senhor Canolles inflexível.
- E pensas que estará mais brando depois do triunfo?
- Não, senhora. Por isso mesmo, desta vez não afirmei que lhe entregaria o governador; o que lhe digo é que hei-de entregar-lhe a praça.
- Então como?
- Introduzindo os seus soldados no pátio da fortaleza.
- Será acaso fada, senhora, para se encarregar de semelhante empresa?...
- perguntou Rochefoucauld.

77

- Não, não - interrompeu Lenet - vislumbro muitas coisas nas quatro palavras que acaba de proferir a senhora de Cambes.
- Então, já me chega - disse a viscondessa. - O parecer do senhor Lenet é tudo para mim. Repito, pois, que São Jorge está tomada, se consentirem em deixar-me dizer quatro palavras em particular ao senhor Lenet.
- Senhora - interrompeu a Tourville - eu também tomo São Jorge, se deixarem o assunto por minha conta.
- Deixe primeiro a senhora Tourville expor em voz alta o seu plano - pediu Lenet, detendo a senhora de Cambes, que queria encaminhá-lo para um canto. - Depois, dir-me-á o seu, em voz baixa.
- Fale, senhora - disse a princesa.
- Parto de noite, com vinte barcos, levando duzentos mosqueteiros; outros duzentos encaminhar-se-ão ao longo da margem direita; quatrocentos ou quinhentos subirão ao longo da margem esquerda; enquanto isto, mil ou mil e duzentos bordeleses...
- Tenha cuidado, senhora - disse Rochefoucauld. - Já tem mil ou mil e duzentos homens empenhados...
- Eu - interrompeu Clara - com uma só companhia tomo São Jorge; dêem-me o batalhão de Navailles, e respondo pelo bom êxito.
- Uma proposta digna de consideração - sentenciou a princesa, enquanto o senhor Rochefoucauld, sorrindo com desprezo, olhava com lástima para todas essas mulheres que tinham o atrevimento de dar o seu voto em assuntos de guerra, já de si bem complicados para os homens mais ousados e mais empreendedores.

78

- Agora, passo a ouvi-la - disse Lenet. - Venha, minha senhora.

E Lenet levou a viscondessa para o vão de uma janela. Clara contou-lhe o seu segredo ao ouvido, e Lenet não pôde conter um grito de alegria.

- Com efeito - disse ele, voltando-se para a princesa
- desta vez, se quiser dar carta branca à senhora de Cambes, São Jorge está tomada.
- E quando? - perguntou a princesa.
- Quando o quiserem.
- A senhora é um grande capitão - disse Rochefoucauld, com ironia.
- Terá que convencer-se, senhor duque - respondeu Lenet - quando entrar triunfalmente em São Jorge sem dar um só tiro.
- Então, aprovarei!
- Nesse caso - disse a princesa - se a coisa é tão certa como dizem, prepare-se tudo para amanhã.
- Será no dia e na hora que Vossa Alteza quiser - respondeu a senhora de Cambes. - E esperarei as suas ordens nos meus aposentos.

Dizendo estas palavras, saudou, recolheu-se e a princesa, que num instante acabava de passar da cólera à esperança, fez outro tanto. A

senhora Tourville seguia-a. Espagnet, depois de ter renovado os seus protestos, também se retirou, e o duque ficou só com Lenet.

VII

- MEU caro senhor Lenet - disse o duque - visto que as mulheres deitaram mão à guerra, penso que a nós, homens, conviria passarmos a intrigantes enleadores. Ouvi falar de um tal Cauvignac, encarregado por si de recrutar uma companhia, de quem me falaram como homem muito hábil e manhoso... Havia-o mandado chamar; haverá meio de vê-lo?

- Senhor, está ali, esperando - disse Lenet.

- Então, que entre.

Lenet puxou pelo cordão de uma campainha, e um criado apresentou-se.

- Introduza o capitão Cauvignac - comandou Lenet. Passado um instante, apareceu o nosso velho conhecido

à entrada da porta. Porém, sempre prudente, ali se deteve.

- Venha cá, capitão - disse o duque. - Sou o duque de Rochefoucauld.

- Excelentíssimo senhor - respondeu Cauvignac - conheço-o muito bem.

81

- Ah! tanto melhor. Deram-lhe a missão de armar uma companhia, não foi assim?

- Está composta.

- Quantos homens tem à sua disposição?

- Cento e cinquenta.

- Bem fardados e bem armados?

- Bem armados e mal fardados. Ocupei-me das armas, primeiro que tudo, por ser o mais essencial. Quanto ao fardamento, como não sou homem interesseiro, movido sobretudo pelo amor que tenho aos senhores príncipes, e não tendo recebido senão dez mil libras do senhor Lenet, faltou-me dinheiro...

- E com dez mil libras alistou cento e cinquenta soldados?...

- Sim, senhor.

- É uma coisa maravilhosa!

- Senhor, tenho meios que só eu conheço, e, ajudado por eles, nunca desanimo.

- E onde estão os seus homens?

- Estão ali. Verá, senhor, que bela companhia, mormente quanto ao moral; são todos de boas famílias. Não há um só deles que pertença à raça dos farroupilhas.

O duque de Rochefoucauld aproximou-se da janela, e, com efeito, viu na rua cento e cinquenta indivíduos de todas as idades, de todas as estaturas, e de todos os estados, alinhados em duas filas por Ferguzon, Barrabás, Carrotell e outros dois companheiros, estes cinco ataviados com os mais magníficos trajes. Aqueles indivíduos mais tinham a aparência de um bando de bandidos, do que de uma companhia de soldados.

82

Como Cauvignac dissera, estavam esfarrapados, porém muito bem armados.

- Recebeu alguma ordem relativamente aos seus homens? - perguntou o duque.

- Recebi ordem de conduzi-los a Vayres, e espero apenas do senhor duque a confirmação dessa ordem, para entregar toda a minha companhia nas mãos do senhor Richon, que a aguarda.

- Mas não ficará com ela em Vayres?

- Eu, senhor, tenho por princípio nunca cometer a loucura de me encerrar entre quatro paredes, quando posso andar solto pelo campo. Nasci para levar a vida dos patriarcas.
- Sendo assim, fique onde muito bem quiser, mas mande a sua gente para Vayres.
- Então, está decidido que fazem parte da guarnição daquela praça?...
- Está, pois.
- Sob as ordens do senhor Richon? -Sim.
- Mas, senhor - estranhou Cauvignac - que vai lá fazer a minha gente, visto que na praça já há uns trezentos homens?
- É muito curioso!
- Oh! não é por curiosidade, senhor; é por temor.
- E o que teme o senhor, então?
- Temo que os condenem a ficar inactivos, e isso seria um erro. Quem deixa criar ferrugem numa boa arma, faz mal.
- Sossegue, capitão, não se enferrujarão; dentro de oito dias, terão de combater.

83

- Mas então, matá-los-ão...
- É provável; a não ser que, já que tem um meio para recrutar soldados, tenha também um segredo para os tornar invulneráveis.
- Oh! não é disso que se trata; o que eu queria é que fossem pagos antes que os matem.
- Não disse que recebeu dez mil libras?
- A verdade é que as recebi, à conta. Pergunte-o ao senhor Lenet, que é pessoa muito séria, e que, estou certo, se lembrará dos nossos acordos. O duque voltou-se para Lenet.
- É verdade, senhor duque - disse o irrepreensível conselheiro. - Demos ao senhor Cauvignac dez mil libras para as primeiras despesas; mas prometemos-lhe cem escudos por cada homem, além das dez mil libras.
- Então - prosseguiu o duque - são trinta e cinco mil francos que devemos ao capitão, não é assim?
- Justamente, senhor. -Há-de recebê-las.
- Não poderíamos falar no presente, senhor duque?... -Não, não é possível.
- Porquê?
- Porque faz parte dos nossos amigos, e os estranhos devem ser atendidos em primeiro lugar; sabe muito bem que só quando se tem medo das pessoas é que se torna necessário satisfazê-las.
- Excelente máxima - disse Cauvignac. - Contudo, em todos os negócios é costume fixar um prazo...
- Ora, pois, dentro de oito dias - prometeu o duque.
- Fiquemos assim. Dentro de oito dias, terá lugar o pagamento dessa quantia - replicou Cauvignac.

84

- E se, dentro de oito dias, não tivermos pago?... - perguntou Lenet.
- Então - respondeu Cauvignac - fico outra vez senhor da minha companhia.
- É muito justo - disse o duque.
- Farei dela o que bem quiser. -Visto que então lhe pertencerá.
- Todavia... - disse Lenet.
- Bah! - exclamou o duque - se nós a teremos encerrada em Vayres?!...
- Não gosto de contratos desta natureza - respondeu Lenet, abanando a cabeça.

- Pois olhe, apesar disso, estão muito em voga entre os normandos; chama-se a isto vender sob condição¹.
- Estamos, pois, de acordo? - perguntou o duque.
- Sem dúvida alguma - respondeu Cauvignac. -E quando podem partir os seus homens?
- Desde já, se assim o ordenar. -Então, ordeno-o.
 - Nesse caso, senhor, vão partir. O capitão desceu, disse duas palavras ao ouvido de Ferguzon, e a companhia de Cauvignac, acompanhada por todos os curiosos que o seu estranho aspecto juntara em torno dela, pôs-se em marcha rumo ao porto, onde a esperavam três barcos, nos quais devia ser transportada pelo Dordonha acima até Vayres, enquanto o chefe, fiel aos princípios de liberdade que pouco antes havia

(') Vente à réméré - Sistema semelhante ao da venda com reserva de direitos.

85

manifestado na presença do duque, a via afastar-se com olhos de amante. Entretanto, a viscondessa retirara-se para o seu quarto; "Ai de mim! - dizia ela - não pude salvar-lhe a honra inteiramente, mas ao menos salvarei as aparências. Não deve ser vencido pela força, pois bem sei que morrerá, defendendo-se; deve ao menos parecer que foi vencido pela traição. Então, quando souber o que eu fiz por ele, e principalmente, com que fim, apesar de vencido, abençoar-me-á ainda." E, tranquilizada por esta esperança, levantou-se, escreveu algumas palavras num bilhete que escondeu no seio, e foi ter com a princesa, que acabava de a mandar chamar, para com ela ir confortar os feridos, as viúvas e os órfãos. A princesa reuniu todos os que tinham participado na expedição, exaltou em seu nome e no do senhor duque de Enghien os feitos daqueles que se haviam distinguido, e falou durante muito tempo com Ravailly, que, com o braço ao peito, lhe jurou estar pronto a ir de novo ao ataque, no dia seguinte. Pousou a mão no ombro de Espagnet, dizendo-lhe que o considerava, a ele e aos seus valentes bordeleses, os mais firmes esteios do seu partido, e ao fim e ao cabo reanimou de tal sorte todos os espíritos, que os mais desanimados juravam vingar-se, e queriam voltar à Ilha de São Jorge no mesmo instante.

- Não, ainda não - disse a princesa - repousem hoje e esta noite, e depois de amanhã hão-de instalar-se para sempre na ilha.

Esta certeza, dada com voz firme, foi acolhida com gritos de ardor guerreiro. Cada um desses gritos entrava

86

profundamente no coração da viscondessa, porque eram outros tantos punhais que ameaçavam a vida do amante.

- Vê em que te meteste, Clara - disse a princesa.
- Agora é tua obrigação fazer com que não falte à minha palavra para com estes bravos.
- Tranquelize-se, senhora - respondeu ela. - Farei o que prometi.

Nessa mesma noite, um mensageiro partiu a toda a brida rumo a São Jorge.

VIII

O SUBTERRÂNEO

NO dia seguinte, enquanto Canolles procedia à sua > ronda da manhã, Vibtac juntou-se-lhe e entregou-lhe um bilhete e uma chave, as quais um desconhecido trouxera durante a noite, e entregara ao tenente de guarda, dizendo que não tinha resposta.

Canolles estremeceu, ao reconhecer a letra da senhora de Cambes, e todo trémulo, abriu o bilhete. Eis o respectivo conteúdo:

No meu último bilhete participava-lhe que durante a noite o forte de São Jorge seria atacado; neste, informo-o que amanhã o forte de São Jorge será tomado; como homem, como soldado do rei, não corre outro risco para além de ficar prisioneiro; porém, a menina de Lartigues está numa situação

89

bem diferente, e o ódio que lhe têm é tal, que eu não responderia pela sua vida, caso caísse nas mãos dos bordeleses. Decida-se, pois, a fugir. E para tanto, providenciei eu os meios.

A cabeceira do seu leito, atrás de uma tapeçaria com as armas dos senhores de Cambes, a quem outrora pertenceu a Ilha de São Jorge, que fazia parte do seu domínio - de que o defunto visconde de Cambes, meu marido, fez doação ao rei - encontrará uma porta, cuja chave junto lhe envio. É uma das entradas que dão para uma grande passagem subterrânea, a qual, sob o leito do rio, vai ter ao Solar de Cambes. Faça fugir por essa passagem a menina Nanon de Lartigues... e, se a ama... fuja com ela.

Dou-lhe a minha palavra de honra de que respondo pela vida dela.

Adeus. Estamos pagos.

Viscondessa de Cambes.

Canolles leu e releu a carta, tremendo de susto a cada linha, e de cada vez que a lia, mais acabrunhado ficava. Sentia, sem poder aprofundar aquele mistério, que um poder estranho o envolvia e dispunha dele. Aquele subterrâneo, que ia ter da cabeceira da sua cama ao castelo de Cambes, e que devia servir-lhe para salvar Nanon, não teria podido ser utilizado, caso o segredo da passagem fosse revelado, para entregar São Jorge ao inimigo?

90

Vibrac observava no semblante do governador as últimas comoções que nele se reflectiam.

- Más notícias, comandante?... - perguntou ele.

- Sim; parece que seremos de novo atacados na próxima noite.

- Que gente teimosa! - disse Vibrac. - Julgava que se dariam por suficientemente coçados, e que não ouviríamos mais falar deles, pelo menos nos próximos oito dias!...

- Não é preciso - disse Canolles - recomendar-lhe a mais escrupulosa vigilância...

- Fique descansado, comandante. Tentarão provavelmente surpreender-nos, como da última vez; não?

- Não sei, mas estejamos prontos para tudo, e tomemos as mesmas precauções que então tomámos. Vá acabar a ronda em meu lugar. Eu vou recolher-me, porque necessito expedir algumas ordens.

Vibrac fez um sinal de obediência, e afastou-se, com aquela despreocupação militar que, à aproximação do perigo, experimentam os homens que estão sujeitos a enfrentá-lo, a cada passo.

Quanto a Canolles, retirou-se para casa, tomando todas as precauções possíveis para não ser visto por Nanon. Depois de se haver certificado de que estava só no seu quarto, fechou-se à chave.

À cabeceira do leito estavam as armas dos senhores de Cambes, bordadas na tapeçaria, e emolduradas por uma espécie de cordão de ouro. Canolles levantou esse cordão, que, desprendendo-se da tapeçaria, deixou ver a fenda de uma porta.

Abriu a porta com a chave que a viscondessa lhe

91

mandara, juntamente com a carta; e a abertura de um subterrâneo apresentou-se aos olhos de Canolles - subterrâneo esse que, visivelmente, seguia a direcção do castelo de Cambes.

Canolles ficou um instante mudo, e a testa alagou-se-lhe em suor. Essa passagem misteriosa, que podia não ser a única, assustava-o, involuntariamente.

Acendeu uma vela, e preparou-se para uma inspecção.

Desceu primeiro vinte degraus íngremes, e depois, por uma inclinação mais suave, prosseguiu a penetração nas profundezas da terra.

Em breve ouviu o barulho surdo, que a princípio o assustou, por ignorar a causa; porém, avançando mais, reconheceu, sobre a cabeça, o imenso murmúrio do rio, que atirava as suas águas para o mar.

Havia muitas fendas na abóbada, pelas quais, em diferentes épocas, as águas deviam ter filtrado; porém, essas fendas, que sem dúvida haviam sido descobertas a tempo, foram tapadas com uma espécie de argamassa, que se tornara mais dura do que a própria pedra assim unida.

Durante quase dez minutos, Canolles ouviu correr as águas por sobre a cabeça. Depois, o fragor foi diminuindo a pouco e pouco. Em breve não passava de um ténue murmúrio. Finalmente, esse murmúrio extinguiu-se também. O silêncio substituiu-o, e, percorridos cinquenta passos em silêncio, Canolles chegou a uma escada igual àquela que descera, e que junto ao último degrau estava fechada por uma porta maciça, que dez homens reunidos não poderiam estremecer sequer, a qual era preservada do fogo por uma grossa chapa de ferro.

92

"Agora entendo - pensou Canolles. - Esperam por Nanon nesta porta, e levam-na."

Canolles regressou, passando novamente por debaixo do rio, tornou a encontrar a escada, recolheu-se aos seus aposentos, colocou de novo o cordão, e foi muito pen-sativo, ter com Nanon.

IX

NANON estava, como de costume, rodeada de mapas, de cartas e de livros. A pobre mulher fazia, a seu modo, a guerra civil em favor do rei. Assim que viu Canolles, estendeu-lhe a mão, com transporte.

- O rei está a chegar - disse ela - e daqui a oito dias ficaremos fora de perigo.

- Está sempre para chegar - disse Canolles, sorrindo com tristeza. - Mas, desgraçadamente, nunca chega...

- Oh! desta vez estou bem informada, querido barão: antes de oito dias estará aqui.

- Por muito que se apresse, Nanon, chegará sempre tarde para nós.

- Que diz!?

- Digo que em lugar de se cansar com estes mapas e papéis, faria muito melhor em cogitar nos meios de fugir.

- Fugir!? E porquê?

- Porque tenho más notícias, Nanon. Prepara-se uma nova expedição. Quem me diz que desta vez não sucumbirei?

95

- Então, meu amigo, não ficou entendido que a sua sorte é a minha?...

- Não, não pode ser assim. Serei demasiado fraco, se tiver que reear por si. Não foi em Agen que a quiseram fazer morrer queimada?... Não quiseram deitá-la ao rio?... Nanon, tenha pena de mim: não se obstine em ficar aqui. A sua presença far-me-ia cometer alguma cobardia.

- Oh! meu Deus! Canolles, assusta-me!

- Nanon, suplico-lhe: jure-me que, se eu for atacado, fará o que lhe ordenar.

- Oh! meu Deus, para que é preciso semelhante juramento?...

- Para me dar a força de viver, Nanon. Se não me prometer obedecer cegamente, juro-lhe que na primeira ocasião farei com que me matem.

- Oh! tudo quanto quiser, Canolles, tudo! Juro pelo nosso amor.

- Graças a Deus, querida Nanon! Já fico mais sossegado. Reúna as suas jóias mais preciosas. Onde está o seu ouro?

- Num barril com arcos de ferro. -Prepare tudo isso, a fim de que tudo possa levar consigo.

- Oh! Canolles, bem sabe que o verdadeiro tesouro do meu coração não são nem o meu ouro nem as minhas jóias. Canolles! Não será tudo isso apenas para me afastar de si?...

- Nanon, acredita em que sou homem de honra, não é assim? Pois então, pela minha honra lho afirmo: quanto faço, é-me inspirado unicamente pelo receio do perigo que corre.

96

- E acredita seriamente nesse perigo?

- Acredito que amanhã a Ilha de São Jorge há-de ser tomada.

- Mas como!?

- Não posso saber como, mas acredito.

- E se eu consentir em fugir?

- Farei tudo o que puder para viver, Nanon; juro-lhe! - Dará as suas ordens, meu amigo, e eu obedecerei

- disse Nanon, estendendo a mão a Canolles, e esquecendo-se, no ardor com que para ele olhava, das duas grossas lágrimas que lhe sulcavam as faces. Canolles apertou a mão a Nanon e saiu. Caso houvesse demorado mais um instante, teria recolhido aquelas duas pérolas com os seus lábios. Porém, pôs a mão sobre a carta da viscondessa, e, como se fora um talismã, essa carta deu-lhe forças para se afastar.

O dia foi cruel. Aquela ameaça tão positiva: "Amanhã a Ilha de São Jorge será tomada" - repetia-se constantemente aos ouvidos de Canolles. Como, por que meio, que certeza podia ter a viscondessa para falar em tais termos? Seria atacado pelo rio, ou seria atacado por terra? De que ponto desconhecido se abateria sobre ele aquela desgraça invisível, e contudo certa? Não era preciso tanto, para enlouquecê-lo.

Durante todo o dia, Canolles queimou os olhos ao sol, procurando em toda a parte o inimigo. De tarde, cansou os olhos a sondar as profundezas do bosque, os horizontes da planície, as sinuosidades do rio; tudo em vão: nada viu.

E, quando anoiteceu completamente, iluminou-se uma das fachadas do Palácio de Cambes. Era a primeira vez

97

que Canolles ali via luz, desde que chegara à Ilha de São Jorge.

"Ah! - disse ela - eis os salvadores de Nanon que se colocam no seu posto."

E deu um profundo suspiro.

Que singular e misterioso enigma é aquele em que se encerra o coração humano! Canolles já não amava Nanon. Adorava a senhora de Cambes. E, todavia, no momento de se separar da mulher a quem já não amava, sentia dilacerar-se-lhe a alma; longe dela, ou quando estava para a deixar, é que Canolles sentia a verdadeira força do sentimento especial que aquela linda criatura lhe inspirava.

Toda a guarnição estava de pé, e velava nas muralhas. Cansado de olhar, Canolles interrogava o silêncio nocturno. Nunca a escuridão estivera mais muda ou parecera mais solitária. Nenhum ruído alterava aquele sossego, que parecia desértico.

De repente, ocorreu a Canolles que talvez fosse pelo subterrâneo que o inimigo penetraria dentro do forte. Isso era pouco provável, porque em tal caso, não o teriam prevenido. Mandou preparar um barril de pólvora com a competente mecha, escolheu o mais bravo dos sargentos, fez rolar o barril até ao último degrau do subterrâneo, acendeu um archote, e entregou-o nas mãos do sargento. Outros dois homens conservavam-se ao pé dele.

- Caso se apresentem mais de seis homens por este subterrâneo - disse ele ao sargento - intima-lhes desde logo que se retirem; depois, se recusarem, larga fogo à mecha, e faz rolar o barril; como a passagem tem declive, irá rebentar entre eles.

98

O sargento pegou no archote; os dois soldados ficaram de pé, e imóveis, atrás dele, iluminados pelo reflexo avermelhado, enquanto a seus pés jazia o barril de pólvora.

Canolles voltou para cima sossegado, ao menos por aquele lado; porém, entrando no quarto, viu Nanon, que, tendo-o visto descer da muralha e recolher aos seus aposentos, o havia seguido para saber alguma notícia. Olhava assombradamente para aquela abertura, que lhe era desconhecida.

- Oh! meu Deus! - perguntou ela - que porta é esta!?

- A passagem por onde tens de fugir, querida Nanon.

- Prometeste-me que não exigirias de mim que te deixasse, senão em caso de ataque...

- E ainda to prometo...

- Tudo parece muito sossegado em torno da ilha, meu amigo...

- Também tudo parece muito sossegado dentro dela, não é assim? E contudo, a vinte passos de nós, está um barril de pólvora, um homem, e um archote. Se o homem chegasse o archote ao barril de pólvora, num segundo não ficaria pedra sobre pedra, de todo o castelo. É assim que tudo está sossegado, Nanon! A jovem senhora empalideceu.

- Nanon - prosseguiu Canolles - chame as suas criadas; que venham cá, e que tragam as suas jóias. O seu criado de câmara que venha também, com o dinheiro. Talvez me tenha enganado. Talvez não haja novidade esta noite, mas não interessa: estejamos prontos.

- Quem vem lá!? - gritou o sargento, no subterrâneo. Outra voz respondeu, mas não em tom hostil.

- Ouviu?...-Adisse Canolles.-Ei-los, que a vêm buscar.

99

- Ainda não atacaram, meu amigo; tudo está tranquilo; deixe-me ficar ao pé de si, eles não virão.

Quando Nanon acabou de proferir estas palavras, o grito Quem vem lá!? retumbou três vezes no pátio interior, e à terceira vez, foi seguido pela detonação de um mosquete.

Canolles correu para a janela e abriu-a.

- Às armas! - gritou a sentinela. - Às armas! Canolles viu, num ângulo, uma negra e movediça massa;

era o inimigo, que saía às ondas de uma porta baixa e arqueada que abria para um subterrâneo que servia de arrecadação de lenha; sem dúvida naquele subterrâneo havia, tal como na cabeceira do leito da Canolles, alguma saída desconhecida.

- Ei-los! - gritou Canolles; - apresse-se! Ei-los que chegam.

No mesmo instante, a descarga de uns vinte mosquetes respondeu ao tiro da sentinela. Duas ou três balas quebraram os vidros da janela que Canolles fechava.

Ele voltou-se. Nanon estava de joelhos.

Pela porta interior vinham correndo as criadas, e o lacaio.

- Não pode perder-se um momento, Nanon! - exclamou Canolles. - Venha! Venha!

E, tomando nos braços a jovem mulher, como se ela não pesasse mais do que uma pena, meteu pelo subterrâneo, gritando aos que acompanhavam Nanon que o seguissem.

O sargento mantinha-se no seu posto, com o archote na mão: os dois soldados, com a mecha acesa, estavam prontos a fazer fogo contra um grupo, no meio do qual aparecia,

100

pálido, e fazendo mil protestos de amizade, o nosso velho conhecido Pompeu.

- Ah, senhor de Canolles! - exclamou ele - diga-lhes que somos as pessoas que esperava; não são brincadeiras, estas, que se façam a amigos.

- Pompeu-disse Canolles-recomendo-lhe a senhora; alguém que conhece, deu-me a palavra de honra de que respondia por ela; e você responderá por esse alguém com a sua cabeça!

- Sim, sim, respondo por tudo - disse Pompeu.

- Canolles, Canolles, não me separarei de si! - exclamou Nanon, pendurando-se ao pescoço do mancebo.

- Canolles, prometeu-me que me acompanharia...

- Prometi defender o forte de São Jorge, enquanto não for arrasado; e vou cumprir a minha promessa.

E, apesar dos clamores, dos prantos, e das súplicas de Nanon, Canolles entregou-a nas mãos de Pompeu, que, ajudado por dois ou três lacaios da senhora de Cambes, e pelo acompanhamento da própria fugitiva, a arrastou para o fundo do subterrâneo.

Por um instante, Canolles seguiu com os olhos aquele meigo e branco fantasma, que se ia afastando com os braços estendidos para ele. Porém, de repente, recordando-se de que o esperavam em outra parte, correu para a escada, gritando ao sargento e aos dois soldados que o seguissem.

Vibrac estava no quarto, sem chapéu, pálido, e com a espada na mão.

- Comandante! - gritou ele, vendo Canolles - o inimigo!... O inimigo.

- Bem o sei.

101

- Que se faz?

- Bela pergunta! Morrer!

Canolles correu ao pátio, e, no caminho, dando com os olhos no machado de um mineiro, apoderou-se dele.

O pátio estava pejado de inimigos. Sessenta soldados da guarnição, amontoados num grupo, defendiam a porta dos aposentos de Canolles. Ouviram-se do lado das muralhas gritos e tiros, anunciando que em toda a parte se combatia corpo a corpo.

- O comandante! o comandante! - gritaram os soldados, vendo Canolles.

- Sim! sim! - respondeu este - eis o comandante, que vem morrer convosco. Ânimo, amigos! Ânimo! Tomaram-nos de traição, não podendo vencer-nos.

- Tudo é bom na guerra - disse a voz zombeteira de Ravailly, que, de braço ao peito, incitava os seus soldados para que aprisionassem Canolles. - Entrega-te, Canolles, entrega-te, e serás muito bem tratado.

- Ah, és tu, Ravailly?... - gritou Canolles. - Eu, contudo, julgava que te havia pago a minha dívida de amizade. Não estás contente, espera...

E, dando um pulo em frente, de cinco ou seis passos, arremessou contra Ravailly o machado que tinha na mão, com tanta força, que foi fender, junto do capitão Navailles, o capacete e a gola de um oficial de burgueses, que logo caiu morto.

- Peste! - disse Ravailly. - É assim que respondes aos obséquios que te fazem?... Eu devia, todavia, estar acostumado ao teu modo de proceder. Meus amigos, ele está desarmado: fogo sobre ele! fogo!

102

O resultado desta ordem foi uma vigorosa descarga, que partiu das fileiras inimigas, e cinco ou seis homens caíram por terra, ao pé de Canolles.

- Fogo! - gritou este por seu turno. - Fogo! Porém, apenas se ouviram três ou quatro tiros. Surpreendidos no momento em que menos o esperavam, e turbados pela noite, os soldados de Canolles haviam desanimado.

Canolles viu que nada se podia fazer.

- Entre - disse ele a Vibrac. - Entre, e mande entrar os seus soldados Entrincheirar-nos-emos, e só nos entregaremos quando nos tiverem tomado de assalto.

- Fogo! - repetiram outras duas vozes, que eram as de Espagnet e Rochefoucauld. - Lembrem-se dos vossos camaradas mortos, que clamam vingança. Fogo!

E um furacão de ferro sibilou de novo à roda de Canolles, sem o ferir, mas dizimando segunda vez a sua pequena tropa.

- Retirar! - ordenou Vibrac.

- A eles! - gritou Ravailly - avante, amigos! avante! Os inimigos arremeteram então; Canolles, com uma dúzia de homens quando muito, sustentou o choque; tinha pegado na espingarda de um soldado morto, e servia-se dela como de um varapau.

Os seus companheiros entraram, e ele foi o último a recolher-se, com Vibrac.

Então, encostaram-se ambos à porta, que conseguiram fechar, apesar dos esforços dos sitiantes, e escoraram-na com uma enorme tranca de ferro.

As janelas tinham grades.

- Venham machados, alavancas, e artilharia se for

103

preciso! - gritou o duque de Rochefoucauld. - É necessário apanhá-los a todos, mortos ou vivos!

Um fogo espantoso seguiu-se a estas palavras; duas ou três balas

atravessaram a porta, e uma delas quebrou uma perna a Vibrac.

- Pela minha fé, meu comandante! - disse ele - recebi o meu quinhão; arranje-se agora como puder; já nada tenho com isso.

E desapareceu, deslizando ao longo da parede, não podendo já ter-se de pé.

Canolles olhou em torno de si: uma dúzia de homens estava ainda em estado de defesa; o sargento que deixara de sentinela no subterrâneo, estava entre eles.

- O archote? - disse-lhe ele. - Que fizeste do archote?

- Atirei com ele para junto do barril, meu comandante.

- Ainda estará aceso?

- É provável.

- Está bem. Manda sair todos estes homens pelas portas e janelas traseiras. Alcança para eles e para ti as condições mais vantajosas que puderes; tudo o mais fica por minha conta.

- Mas, meu comandante...

- Obedece!

O sargento inclinou a cabeça, e fez sinal aos seus soldados para que o seguissem. Todos desapareceram no mesmo instante, metendo-se pelos quartos interiores; tinham adivinhado a intenção de Canolles, e não se sentiam com vontade de voar pelos ares com ele.

Canolles apurou os ouvidos um instante: arrombavam a porta à machadada, o que não impedia que o fogo fosse

104

sempre continuando; atiravam ao acaso, e principalmente às janelas, atrás das quais supunham que podiam estar emboscados os sitiados.

Repentinamente, um grande tumulto anunciou que haviam arrombado a porta, e Canolles ouviu o tropel da gente que se precipitava no castelo, dando gritos de alegria.

"Bem, bem - murmurou ele - dentro de cinco minutos estes gritos de alegria tornar-se-ão em uivos de desespero."

E correu para a galeria subterrânea.

Porém, sobre o barril estava sentado um mancebo, tendo o archote aos seus pés, e a cabeça apoiada nas mãos.

O mancebo, com o ruído do recém-chegado, levantou a cabeça, e Canolles reconheceu a senhora de Cambes.

- Ah! - exclamou ela, levantando-se. - Ei-lo enfim.

- Clara! - exclamou - que veio fazer aqui?

- Morrer consigo, se quiser morrer.

- Estou desonrado, perdido, não tenho remédio senão morrer!

- Está salvo e glorioso... Salvo por mim!

- Perdido por si! Não os ouve?... Eles aí vêm, ei-los! Fuja, Clara! Fuja por esse subterrâneo! Tem cinco minutos, mais do que é preciso.

- Não me apetece fugir; fico aqui.

- Mas sabe para que descí aqui?... Sabe o que vou fazer?...

A senhora de Cambes pegou no archote, e aproximou-o do barril de pólvora.

- Tenho as minhas suspeitas acerca dessa razão - disse ela.

105

- Clara! - exclamou Canolles, espantado - Clara!... - Repita ainda uma vez que quer morrer, e morreremos juntos.

O semblante pálido da viscondessa indicava uma tal resolução, que Canolles percebeu que ela ia fazer o que dizia. Deteve-se.

- Mas enfim! Que quer? - perguntou.

- Quero que se entregue.
- Nunca! - bradou Canolles.
- O tempo é precioso - continuou a viscondessa. - Entregue-se. Ofereço-lhe a vida, ofereço-lhe a honra, visto que através de mim poderá desculpar-se por ter sido traído.
- Então, deixe-me fugir; irei depositar a minha espada aos pés do rei, e pedir-lhe a ocasião de me desforrar.
- Não fugirá. -Porquê?
- Porque não posso viver assim! Porque não posso viver separada de si! Porque o amo!
- Rendo-me! Eu entrego-me! - exclamou Canolles, prostrando-se aos pés da senhora de Cambes, e arremessando para longe o archote que ela tinha na mão.
"Oh! - murmurou a viscondessa - desta vez tenho-o seguro, não mo hão-de tirar mais."
Havia uma coisa estranha, de que, todavia, se pode dar uma explicação: que o amor agira, de forma totalmente oposta, nestas duas mulheres. A senhora de Cambes, discreta, meiga, tímida, tornara-se resoluta, ousada e forte. Nanon, caprichosa, indómita e ardente, tornara-se tímida, meiga e comedida.

106

A razão para que assim fosse residia no facto de a senhora de Cambes se sentir cada vez mais amada por Canolles, e Nanon sentir que o amor de Canolles diminuía todos os dias.

X

Este segundo regresso do exército dos príncipes a Bordéus foi muito diferente do primeiro. Desta feita havia louros para toda a gente, até para os vencidos. A delicadeza da senhora de Cambes havia reservado uma boa parte deles para Canolles, que, mal franqueou a barreira ao lado do seu amigo Ravailly, que por duas vezes estivera a ponto de o matar, se viu rodeado, como um grande capitão, e felicitado como valente soldado. Os vencidos da antevéspera, e sobretudo os que haviam sido maltratados no combate, decerto que conservavam algum ódio contra quem os batera. Porém, Canolles era tão bom, tão formoso, e tão ingénuo, suportava simultaneamente com tanta alegria e tanta dignidade a sua nova posição, que apenas entrou se viu rodeado por um grande número de amigos. Os oficiais e soldados do regimento de Navailles faziam dele um tão grande elogio, quer como seu antigo capitão, quer como governador da Ilha de São Jorge, que os bordeleses em breve esqueceram os agravos de que podiam ressentir-se. Além disso, tinham outras coisas em que pensar. O senhor de Bouillon devia chegar, dentro de dois ou três dias, e, segundo as

109

melhores informações, dentro de oito dias, o mais tardar, o rei estaria em Libourne.

A princesa de Conde tinha o mais ardente desejo de ver Canolles; vira-o passar, escondida atrás da cortina do seu quarto, e achou que tinha um rosto capaz de fazer conquistas, e que correspondia perfeitamente à reputação de que gozava entre amigos e inimigos. A senhora Tour-ville, sendo de parecer contrário ao da princesa, dizia que era falho de distinção. Lenet afirmou que o considerava um homem de bem; e o senhor de Rochefoucauld contentou-se em dizer:

- Ah! ah! É então este o herói!...

Designaram um alojamento a Canolles, na fortaleza principal da cidade, o castelo Trompette. Durante o dia, gozava de toda a liberdade, podia passear pela cidade, tratar dos seus negócios, ou divertir-se. À noite, recolhia-se - isto em virtude da palavra de honra que dera, de que não fugiria nem se corresponderia com os de fora.

Antes de fazer este último juramento, Canolles pedira licença para escrever quatro linhas; essa licença fora-lhe concedida, e enviara a Nanon a seguinte carta:

Prisioneiro, mas gozando de toda a liberdade em Bordéus, em virtude da promessa que fiz de não ter correspondência exterior, escrevo-lhe estas breves palavras, querida Nanon, para assegurar da minha amizade, da qual o meu silêncio poderia fazer duvidar. Tenho toda a confiança em si, e consola-me saber que defenderá a minha honra perante o rei e a rainha.
Barão de Canolles

110

Nesta situação, muito benéfica, conforme se vê, podia adivinhar-se a influência da senhora de Cambes.

Canolles passou cinco ou seis dias em jantares e festas que lhe ofereciam os amigos. Encontravam-no sempre com Ravailly, que passeava dando o braço esquerdo a Canolles, e com o braço direito ao peito; quando o tambor tocava, e os bordeleses partiam para alguma expedição, ou acudiam a algum motim, estavam certos de, no caminho que seguiam, encontrar Canolles de braço dado com Ravailly, ou só, com as mãos atrás das costas, curioso, risonho e inofensivo.

Desde a sua chegada, só raras vezes vira a senhora de Cambes, e apenas lhe falara; parecia satisfatório, para a viscondessa, que Canolles não estivesse já ao pé de Nanon, e considerava-se feliz por o ter, como ela o dissera, perto de si. Então, Canolles escrevera-lhe para, brandamente, se queixar, e ela fizera com que o recebessem em uma ou duas casas da cidade, mediante aquela protecção invisível aos olhos, mas palpável, digamos assim, ao coração da mulher que ama, sem querer que adivinhem a sua paixão.

Todavia, isto não era tudo. Graças à intervenção de Lenet, Canolles recebera autorização para frequentar a corte da princesa de Conde, e o formoso prisioneiro ali aparecia algumas vezes, conversando e galanteando com as damas da senhora princesa.

Para além disto, não havia homem que parecesse mais desinteressado da política do que Canolles: ver a senhora de Cambes, trocar algumas palavras com ela; se não podia falar-lhe recolher o seu gesto afectuoso, apertar-lhe a mão quando ela se metia na carruagem; sem embargo de ser huguenote, oferecer-lhe água-benta na igreja

111

- estes eram os grandes assuntos em que o prisioneiro empregava o dia.

De noite, pensava nos grandes assuntos de que tratara durante o dia.

Passado algum tempo, porém, esta distracção já satisfazia o prisioneiro. Ora, como sabia qual era a extrema delicadeza da senhora de Cambes, que se preocupava mais com a honra de Canolles do que com a dela, procurou alargar o círculo das suas distracções. Em primeiro lugar, bateu-se contra um oficial da guarnição e dois burgueses, o que sempre o ocupou algumas horas. Porém, como desarmou um dos seus adversários, e feriu os outros dois, este divertimento em breve se acabou, porque não havia quem estivesse disposto a participar.

Depois, teve um ou dois encontros amorosos, o que não era de estranhar; para além de Canolles ser, como já dissemos, uma bonita figura, a partir do momento em que caíra prisioneiro havia-se tornado interessantíssimo. Durante três dias inteiros, e durante toda a manhã do quarto, falara-se do seu cativo; era, quase, dar-lhe tanta importância como ao do príncipe.

Um dia em que Canolles esperava ver a senhora de Cambes na igreja, e em que ela, talvez com medo de encontrá-lo, não apareceu, Canolles, que não deixara de ocupar o seu posto, junto da coluna, ofereceu água-benta a uma linda mulher a quem via pela primeira vez. A culpa não era dele, antes da senhora de Cambes. Se a viscondessa tivesse comparecido, só nela pensaria, só a ela veria, para só a ela oferecer água-benta.

Naquele mesmo dia, enquanto Canolles se interrogava sobre quem seria a linda trigueirinha, recebeu um convite

112

para passar o serão em casa do procurador-geral Lavie, o mesmo que quisera opor-se à entrada da princesa, e a quem, mercê das suas funções, competia defender a autoridade real, sendo por esse motivo quase tão detestado como o senhor d'Épernon. Canolles, que sentia cada vez mais necessidade de se distrair, recebeu o convite com reconhecimento, e, às seis horas, dirigiu-se a casa do procurador-geral.

Os nossos elegantes contemporâneos talvez estranhem a hora; havia, porém, duas razões para que Canolles acudisse tão cedo ao convite do procurador-geral: a primeira, é que, naquela época, como se almoçava ao meio-dia, os serões principiavam muito cedo; a segunda, é que, como Canolles se recolhia regularmente ao castelo Trompette às nove horas e meia, o mais tardar, necessitava, caso quisesse demorar-se algum tempo, ser dos primeiros a chegar.

Ao entrar na sala, Canolles deu um grito de alegria; a senhora Lavie era a linda trigueirinha a quem cortesmente oferecera água benta, naquela mesma manhã.

Canolles foi recebido nos salões do procurador-geral como realista que dera provas de o ser: logo que a apresentação teve lugar, imediatamente se viu rodeado de homenagens capazes de aturdir um dos sete sábios da Grécia. Compararam a sua defesa, face ao primeiro ataque a São Jorge, com a de Horácio Cocles, e sua derrota, com a tomada de Tróia, destruída pelas artimanhas de Ulisses,

- Meu querido senhor Canolles! - disse-lhe o procurador-geral - sei de boa fonte que se falou muito de si, na corte, e que a sua bela defesa o cobriu de glória;

113

por isso mesmo a rainha jurou que havia de trocá-lo logo que o pudesse fazer, e que no dia em que voltasse para o serviço dela seria com a patente de brigadeiro. Agora, diga-me: quer ser trocado?

- Pela minha fé, senhor! - respondeu Canolles, lançando um olhar penetrante à senhora Lavie. - Juro-lhe que o meu maior desejo é que a rainha se não apresse; teria de me trocar por dinheiro, ou por um bom militar; eu não valho semelhante honra! Esperarei que Sua Majestade tenha tomado Bordéus, onde me encontro maravilhosamente bem. Então, serei seu, sem que nada lhe custe. A senhora Lavie sorriu, com graça.

- Ora quem tal imaginaria! - disse seu marido. - Fala com muita indiferença da sua liberdade, senhor barão...

- E para que deveria eu desejá-la com ardor?... - respondeu Canolles. -

Julga que me seja muito agradável voltar ao serviço activo, para de novo me encontrar sujeito a matar quotidianamente algum dos meus amigos?...

- Mas, que vida leva aqui? - replicou o procurador-geral. - Uma vida indigna de um homem com o seu merecimento, apartado de todo o conselho, de toda a empresa, condenado a ver os outros servirem a causa a que pertencem, enquanto o senhor se conserva de braços cruzados. Inútil e aborrecido, aí está como decerto se sente. Semelhante situação deve ser-lhe muito penosa. Canolles olhou para a senhora Lavie, que, por sua vez, também para ele olhava.

- Não, senhor - disse ele - está enganado. Não estou enfadado, de modo algum. O senhor ocupa-se de política, o que é muito enfadonho; eu faço a corte às senhoras, o que é divertido. Estão divididos em dois partidos

114

uns, servidores da rainha; outros, da princesa. Eu não me ligo exclusivamente a uma soberana: sou o escravo de todas as mulheres.

Esta resposta mereceu aprovação, e a dona da casa exprimiu a sua opinião com um sorriso.

Em breve as mesas de jogo se organizaram. Canolles jogou também. A senhora Lavie entrou já a meio do jogo, contra o marido, que perdeu cinco mil libras.

No dia seguinte, o povo, não sei a que propósito, lembrou-se de fazer um motim. Um partidário dos príncipes, mais fanático do que os outros, propôs que fossem apedrejar as janelas do senhor Lavie. Depois de quebradas as vidraças, outro propôs que se lançasse fogo à casa. Já lançavam mão dos tições, quando Canolles chegou com um destacamento do regimento de Navailles. Pôs a senhora Lavie em segurança, e arrancou o marido das mãos de uma dúzia de furiosos, que, não podendo queimá-lo, queriam ao menos enforcá-lo.

- Então, senhor homem de acção? - ironizou Canolles ao procurador-geral, tolhido pelo terror. - Que pensa agora da minha ociosidade?... Não sigo o caminho mais acertado, quando nada faço?...

E, sem mais demora, recolheu-se ao castelo Trompette, visto que tocavam a recolher. Ao entrar, encontrou, sobre a sua banquinha, uma carta, cuja forma lhe fez palpar o coração, e cuja letra lhe provocou um estremecimento.

Era a letra da senhora de Cambes.

Canolles abriu apressadamente a carta, e leu:

Amanhã, esteja sozinho na igreja das Carmelitas, pelas seis horas, e meta-se no primeiro confessionário

115

que fica à esquerda, ao entrar. Encontrará a porta aberta.

"Aqui está uma singular ideia" - disse consigo mesmo Canolles. Havia um pós-escrito.

Não se gabe de ir aonde esteve ontem e hoje. Bordéus não é uma cidade realista, tenha isto sempre presente no seu espírito. E reflita na sorte que teria o procurador-geral, sem a sua intervenção, que isso o faça reflectir.

"Bom! - pensou Canolles. - Ela tem ciúmes. Então, diga ela o que disser, fiz muito bem em ir ontem e hoje, a casa do senhor Lavie."

XI

CABERÁ aqui esclarecer que, desde a sua chegada

a Bordéus, Canolles passara por todos os tormentos do amor frustrado. Vira a viscondessa acarinhada, rodeada e adulada, sem ter podido mostrar-

se assíduo junto dela, e fora forçado a contentar-se com um ou outro relance de Clara, colhido de passagem, para evitar a indiscrição dos maldizentes. Depois da cena do subterrâneo, depois das ardentes palavras trocadas entre ele e a viscondessa - naquele momento supremo, este estado de coisas parecia-lhe mais do que frieza - gelo. Como, porém, no fundo daquela frieza Canolles sentia que era real e profundamente amado, aceitara o seu papel, que era o de ser o mais desafortunado dos amantes felizes. Além disso, a coisa era fácil. Graças à palavra que lhe haviam arrancado, de não se corresponder com o exterior da cidade, desterrara Nanon para aquele recanto da consciência destinado aos remorsos amorosos. Ora, como não recebia quaisquer notícias da jovem mulher, e consequentemente poupava-se ao enfado que sempre causa uma carta - isto é: a recordação

117

palpável da mulher a quem se é infiel - os seus remorsos nem por isso eram insuportáveis.

De quando em vez, todavia, no momento em que o mais alegre sorriso assomava o rosto do mancebo, no momento em que a sua voz proferia palavras espirituosas e alegres, deslizava-lhe repentinamente pela fronte uma-sombra, e um suspiro rompia, senão do coração, pelo menos dos lábios. Aquele suspiro era por Nanon, e a sombra era a recordação dos tempos passados que pairava sobre o presente.

A senhora de Cambes apercebera-se daqueles instantes de tristeza. O seu olhar sondara todas as profundezas do coração de Canolles, e concluía que não podia deixá-lo abandonado a si mesmo neste mundo. Entre um antigo amor, que não estava inteiramente extinto, e uma nova paixão, que podia nascer, o excesso daquela seiva ardente - consumida outrora pelas ocupações militares, e pelo desempenho de um posto elevado - podia transformar-se em elemento adverso ao amor tão puro que ela procurava inspirar-lhe. Além do mais, ela apenas procurava ganhar tempo, a fim de que a recordação de tantas aventuras romaneskas se apagasse total ou parcialmente, depois de haver sido alvo da curiosidade de todos os cortesãos da princesa. Talvez que a senhora de Cambes se enganasse; talvez que, caso tivesse publicamente denunciado o seu amor, conseguisse que dele se ocupassem menos, ou menos tempo.

De entre todos, porém, o que seguia com mais atenção, e com melhores resultados, os progressos daquela misteriosa paixão, era Lenet. Durante algum tempo, seus olhos observadores haviam reconhecido a existência do amor,

118

sem lhe conhecer o objecto. Verdade seja dita que não adivinhara o estado exacto daquele amor; ignorava se era desdenhado ou correspondido. A senhora de Cambes, algumas vezes trémula e indecisa, outras forte e resoluta, quase sempre indiferente aos prazeres que se gozavam em torno dela, apenas lhe parecera verdadeiramente ferida no coração; repentinamente, porém, aquele ardor que mostrara pela guerra, apagara-se. Já não estava trémula, nem forte, nem indecisa, nem resoluta; antes pensativa, sorrindo sem razão, chorando sem causa, como se os seus lábios e os seus olhos respondessem às variações do seu pensamento, aos impulsos controversos do seu espírito. Havia seis ou sete dias que esta mudança se operara; seis ou sete dias em que Canolles, sem o suspeitar, era objecto daquele amor.

Para além disto, Lenet estava disposto a favorecer um amor que, algum

dia, poderia dar um tão bravo defensor à princesa.

O senhor de Rochefoucauld talvez estivesse mais adiantado ainda do que Lenet na exploração do coração da senhora de Cambes. Porém, os seus gestos, os seus olhos e a sua boca, diziam tão estritamente o que ela lhes permitia que dissessem, que ninguém podia afirmar se teria amor ou ódio à senhora de Cambes. Quanto a Canolles, não falava dele, não olhava para ele, e tinha-o em tão pouca conta como se nunca tivesse existido. Além disso, batendo-se mais do que nunca, tomando os ares e o porte de um herói - pretensão em que era auxiliado por uma coragem a toda a prova, e por uma verdadeira habilidade militar - cada dia dava mais importância à sua posição de lugar-tenente do generalíssimo. O senhor

119

de Bouillon, pelo contrário, trio, misterioso, calculador, servido admiravelmente na sua política por ataques de gota - às vezes de tal forma o acometiam a tempo, que os assistentes tinham tentações de lhes negar a autenticidade- negociava sempre, dissimulava o mais que lhe era possível, não podendo fazer-se à ideia de estudar o abismo que separava Mazarino de Richelieu, e receando sempre pela sua cabeça, que estivera a ponto de perder no mesmo cadafalso em que a perdera Cinq-Mars - e que só a resgatara dando Sedan, cidade sua, e renunciando, senão de direito, pelo menos de facto, à sua qualidade de príncipe soberano.

Quanto à própria cidade de Bordéus, era arrastada pela corrente dos galantes costumes, que a inundava de todos os lados. Entre dois fogos, entre duas mortes, entre duas ruínas, os bordeleses sentiam-se tão pouco certos do dia seguinte, que lhes era necessário adocicar aquela existência precária, que podia não ter futuro superior a alguns segundos. Lembavam-se de La Rochelle, devastada outrora por Luís XIII, e da profunda admiração com que Ana de Áustria considerava aquele feito de armas; que razão haveria para que Bordéus não oferecesse ao ódio e à ambição daquela princesa, uma segunda edição de La Rochelle?

Esqueciam-se sempre de que aquele que apoiava o seu nível sobre cabeças e muralhas demasiado altas, havia morrido, e que o cardeal Mazarino era apenas a sombra do cardeal Richelieu.

Por conseguinte, cada um deixava-se vogar, e esta vertigem tanto atacava Canolles como os outros. Reconheça-se

120

também que por vezes se duvidava de tudo, e nos seus acessos de cepticismo duvidava do amor da senhora de Cambes, como das outras coisas deste mundo. Naqueles momentos, Nanon elevava-se no seu coração, mais terna e mais extremosa, dada a sua própria ausência. Em tais momentos, se Nanon lhe tivesse aparecido, aquele inconstante espírito ter-se-ia prostrado aos pés dela.

Foi submerso em todas estas incoerências de pensamentos, que só os corações que alguma vez se encontraram entre dois amores podem compreender, que Canolles recebeu a carta da viscondessa. Não será necessário dizer que toda e qualquer outra ideia desapareceu no mesmo instante. Uma vez lida a carta, não concebia que tivesse jamais podido amar outra que não fosse a senhora de Cambes; e depois de a ter lido segunda vez, acreditou só a ter amado a ela.

Canolles passou uma daquelas noites febris que abramam e repousam ao mesmo tempo, valendo a felicidade para contrabalançar a insónia. Apesar de em toda a noite não ter fechado os olhos, porém, levantou-se logo que amanheceu.

Sabe-se como os amantes passam as horas que precedem um encontro: a olhar para o relógio, a correr de um lado para outro, e a esbarrar com os mais queridos amigos, a quem não reconhecem. Pois Canolles, fez todas as loucuras exigíveis por tal estado de excitação.

Na hora designada (era a vigésima vez que entrava na igreja) dirigiu-se ao confessionário, que estava aberto. Através das sombrias vidraças, filtravam-se os raios de sol, já no ocaso; todo o interior da religiosa nave estava iluminado por uma misteriosa luz, tão doce e tão grata

121

aos que rezam, e aos que amam. Canolles teria dado um ano de vida para não perder um desejo naquele momento. Olhou em torno de si, para se certificar de que a igreja estava deserta; examinou todas as capelas, e, depois de ficar convencido de que ninguém o podia ver, entrou no confessionário, cuja porta fechou.

XII

UM instante depois, Clara, embuçada num denso manto, apressou-se à porta da igreja, junto da qual deixou Pompeu de sentinela; e depois de certificar-se também de que não corria risco de ser vista, foi ajoelhar num dos genuflexórios do confessionário.

- Enfim! - exclamou Canolles - ei-la aqui, senhora! Quer dizer que sempre teve compaixão de mim!

- Não podia deixar de proceder assim, pois o senhor estava a perder-se - respondeu ela, muito perturbada por dizer, no tribunal da verdade, uma mentira bem inocente, mas que nem por isso deixava de ser uma mentira.

- Quer dizer, minha senhora: é a- um simples sentimento de comiseração que devo o favor da sua presença... Oh! tenho direito a esperar mais alguma coisa de si!

- Falemos seriamente - disse Clara, tentando em vão retirar entoação à voz comovida, como aliás convinha fazer num lugar sagrado. - Perdia-se, torno a dizer-lho, indo a casa do senhor Lavie, inimigo jurado da princesa. Ontem, Sua Alteza soube disso pelo senhor de

123

Rochefoucauld, que tudo sabe, e ela proferiu estas palavras, que me assustaram: Se temos de reear também as tramas dos nossos prisioneiros, ser-nos-á preciso tornarmo-nos severos contra as pessoas que tratávamos com indulgência; nas situações precárias, são necessárias decisões vigorosas; não só estamos prontos a tomá-las, mas decididos a executá-las.

A viscondessa pronunciou estas palavras com voz mais firme; parecia-lhe que, atendendo aos fins, Deus desculparia a acção. Era uma espécie de mordida que punha na sua consciência.

- Eu não sou prisioneiro de Sua Alteza, senhora - respondeu Canolles. - Sou seu prisioneiro, e nada mais. Foi a si que me entreguei, a si somente. Sabe muito bem em que circunstâncias, e sob que condições.

- Não julgava que houvesse condições estipuladas...

- De boca, talvez não; porém, de coração. Ah, senhora! Depois do que me disse, depois da ventura que me deixou entrever, depois das esperanças que me deu!... Ah, senhora! francamente, convenha que foi muito cruel!

- Meu amigo - disse Clara - cumpre-lhe porventura censurar-me porque cuidei da sua honra, tanto como da minha?... Não compreende (pois não posso deixar de lho confessar, porque sem dúvida alguma o adivinharia), não crê que sofri tanto como o senhor, talvez mesmo mais, visto que não

tive a força de suportar tal sofrimento?... Preste-me, pois, atenção, e queiram os céus que as minhas palavras, saídas do mais íntimo do meu coração, penetrem no mais íntimo do seu. Meu amigo, eu já lho disse, sofri mais do que o senhor, porque um receio me atormentava - receio esse que não podia ter

124

também, porque bem sabe que não amo a mais ninguém. Ora, nesta sua permanência aqui, tem algumas saudades daquela que aqui não está? E nos sonhos quanto ao futuro, tem alguma esperança que não seja eu?...

- Senhora - disse Canolles - apela para a minha franqueza, e vou falar-lhe francamente. Sim, quando me abandona às minhas dolorosas reflexões, quando me deixa só face ao passado, quando, pela sua ausência, me condena a errar por maus antros, na companhia de parvos emplumados que cortejam essas pequenas burguesas; quando afasta de mim os olhos ou me faz comprar tão caro uma palavra, um gesto, um olhar, de que eu talvez seja indigno

- sim, tenho pena de não haver morrido combatendo, a mim mesmo me acuso de me ter rendido, tenho desgostos... tenho remorsos. - Remorsos?...

- Sim, senhora, remorsos. Porque, tão certo como estar Deus naquele sagrado altar, diante do qual lhe digo que a amo, há a esta hora uma mulher que chora, que geme, que daria a sua vida por mim, e que, contudo, dirá consigo mesma que sou um cobarde, ou que sou um traidor.

- Oh, senhor!...

- Sem dúvida, senhora. Não foi ela quem fez de mim tudo quanto sou?... Não lhe tinha eu jurado salvá-la?...

- Mas também a salvou, segundo me parece...

- Sim, dos inimigos, que teriam podido atormentar a sua vida. Mas não do desespero que lhe há-de dilacerar a alma, se souber que foi a si que me rendi.

Clara baixou a cabeça, e suspirou. - Ah! não me ama... - disse ela.

125

Canolles soltou, por seu turno, um suspiro. - Não quero tentá-lo, senhor - continuou ela. - Não quero fazer com que perca uma amante que vale mais do que eu; contudo, também o amo, bem o sabe. Vinha pedir-lhe o seu amor muito ardente, extremoso e muito exclusivo. Vinha dizer-lhe: sou livre, aqui tem a minha mão. Ofereço-lha, porque não tenho pessoa alguma que possa comparar-se a si, porque não conheço ninguém que lhe seja superior. - Ah, senhora!-exclamou Canolles.-Sinto-me transportado de júbilo! Faz de mim o mais ditoso dos homens!

- Oh! - disse ela tristemente. - O senhor não me ama...

- Oh! eu amo-a! adoro-a! O que unicamente não posso exprimir-lhe é o muito que sofri com o seu silêncio e com a sua reserva.

- Oh, meu Deus! Então vocês, homens, nada adivinham?!... - admirou-se Clara, levantando os lindos olhos ao céu. - Não compreendeu, pois, que eu não quis que representasse um papel ridículo, que eu não quis que fosse possível julgar-se que a entrega de São Jorge era um negócio arranjado entre nós?... Não, o que eu queria era que, trocado pela rainha ou resgatado por mim, fosse todo meu, sem reserva. Ai de mim! Não quis esperar...

- Oh! agora, senhora, esperarei. Assegure-me uma hora como esta, uma promessa da sua meiga voz, que me ama, e eu esperarei horas, dias, anos!

- Ama ainda a menina de Lartigues? - replicou a senhora de Cambes, abanando a cabeça.

- Senhora - respondeu Canolles - se lhe dissesse que não tenho por ela um

sentimento de gratidão, não falaria

126

verdade. Acredite-me, e receba-me com este sentimento: dou-lhe todo o amor que posso dar, e é muito.

- Ah! não sei se deva aceitar - disse Clara. - Prova ter um coração muito generoso, mas também muito amante.

- Ouça - replicou Canolles. - Morreria, para lhe poupar uma lágrima, e no entanto faço chorar, sem me sentir comovido, aquela de quem fala. Pobre mulher! Ela tem inimigos, e os que a não conhecem amaldiçoam-na. A senhora, só tem amigos. Os que não a conhecem respeitam-na, e os que a conhecem, amam-na; julgue, pois, qual a diferença entre estes dois sentimentos, um dos quais é ditado pela minha consciência, e o outro pelo meu coração.

- Muito agradecida lhe fico, meu amigo. Mas talvez esteja a ceder a um impulso causado pela minha presença, do qual poderá arrepender-se! Pondere, pois, as minhas palavras. Dou-lhe até amanhã para responder. Se quiser mandar dizer alguma coisa à menina de Lartigues, se quiser ir ter com ela, tem toda a liberdade, Canolles, para fazê-lo. Pegar-lhe-ei pela mão, e conduzi-lo-ei eu própria para fora das portas de Bordéus.

- Senhora - respondeu Canolles. - É inútil esperar até amanhã, e digo-lho com um coração ardente, mas de cabeça fria: só a si amo, e jamais amarei outra pessoa.

- Ah! muito obrigada! Muito obrigada, meu amigo! - exclamou Clara, fazendo correr a gradezinha, e passando a sua mão pela abertura. - É sua a minha mão; é seu o meu coração!

Canolles pegou naquela mão, que cobriu de beijos. - Pompeu fez-me sinal de que é tempo de sair - disse

127

Clara. - Vão sem dúvida fechar a igreja. Adeus, meu amigo; ou melhor: até à vista. Amanhã será feliz, pois que também eu o serei.

E, não podendo dominar o sentimento que a arrastava para o mancebo, também lhe tomou a mão, que chegou para si, beijou-lhe a ponta dos dedos, e fugiu com ligeireza, deixando Canolles tão alegre como os anjos, cujos celestes concertos pareciam retinir-lhe nos ouvidos.

XIIII

TODAVIA, tal como dissera Nanon, o rei, a rainha, o cardeal e o senhor de Meilleraye haviam-se posto em marcha, para castigar a cidade rebelde, que ousara tomar abertamente o partido dos príncipes. Em boa verdade, aproximavam-se vagarosamente - mas aproximavam-se!

Chegado a Libourne, o rei recebeu uma deputação dos bordeleses, que ali se deslocara para testemunhar-lhe respeito e fidelidade. No estado a que chegara a situação, um tal testemunho era todavia coisa muito estranha. Foi este o motivo por que a rainha recebeu os embaixadores com toda a sua austríaca altivez.

- Senhores - disse ela - vamos continuar o nosso caminho por Vayres. Assim, poderemos em breve julgar por nós mesmos se o vosso respeito e a vossa fidelidade são tão sinceros como dizem.

Ao ouvirem o termo Vayres, os deputados, informados sem dúvida de alguma circunstância ignorada pela rainha, olharam uns para os outros, com uma espécie de inquietação. Ana de Áustria, a quem nada escapava, não deixou de observar aquele olhar.

- Partamos imediatamente para Vayres - disse ela.
- A praça é boa, segundo nos certifica o duque d'Épernon, e ali alojaremos o rei.

Depois, voltando-se para o capitão e para as pessoas do seu séquito:

- Quem comanda, em Vayres? - perguntou ela.
 - Dizem, senhora - respondeu Guitaut - que é um novo governador.
 - Homem seguro, e de confiança, não? - perguntou a rainha, franzindo as sobrancelhas.
 - Uma criatura do senhor duque d'Épernon. A fronte da rainha desanuviou-se.
 - Se assim é, ponhamo-nos em marcha, sem mais demora.
 - Senhora - interpôs o duque de Meilleraie. - Vossa Majestade fará o que entender; porém, parece-me que não se deveria seguir mais depressa do que o exército. Uma entrada em força na cidadela de Vayres produziria um maravilhoso efeito; será bom que os súbditos do rei conheçam as forças de Sua Majestade, porque assim se daria alento aos fiéis, e far-se-ia desesperar os pérfidos.
 - Parece-me que o senhor de Meilleraie tem razão
 - disse o cardeal Mazarino.
 - E eu digo que a não tem! - respondeu a rainha. - Nada temos que temer antes de chegar a Bordéus; o rei é forte por si mesmo, e não pelas suas tropas. O seu séquito será mais do que suficiente.
- O senhor de Meilleraie baixou a cabeça, em sinal de obediência.
- A Vossa Majestade, como rainha, cumpre dar as suas ordens.

A rainha chamou Guitaut, ordenou-lhe que reunisse os guardas, os mosqueteiros e a cavalaria ligeira. O rei montou a cavalo e pôs-se à frente da coluna. A sobrinha de Mazarino e as damas de honor meteram-se numa carruagem.

Puseram-se desde logo em marcha para Vayres. O exército vinha atrás, e como só tinha de caminhar umas dez léguas, devia chegar três ou quatro horas depois do rei, para acampar na margem esquerda do Dordonha.

O rei tinha apenas doze anos, e, todavia, era um esbelto cavaleiro, governando o cavalo com graça e dando já no todo mostras daquele orgulho de raça que depois fez dele o rei da Europa mais exigente em matéria de etiqueta. Educado sob as vistas da rainha, mas perseguido pelas eternas mesquinhas do cardeal, que o mantinha na ignorância de coisas bem mais necessárias, esperava com impaciência furiosa a hora da sua maioridade, a qual devia soar no dia 5 de Setembro seguinte; e, por antecipação, deixava por vezes escapar, no meio dos seus caprichos de criança, certos arrebatamentos reais que denunciavam já aquilo que um dia havia de ser. Por consequência, esta campanha agradara-lhe muito: era de certo modo uma aprendizagem de comando, e um ensaio de realeza. Cavalgava pois, altivamente, ora ao lado da portinhola da carruagem, saudando a rainha, e olhando com ternura para a senhora de Frontenac - de quem diziam que estava enamorado - ora à frente do seu Estado-Maior, conversando com o senhor de Meilleraie e com o velho Guitaut acerca das campanhas do rei Luís XIII e das proezas do defunto cardeal Richelieu.

Enquanto assim conversavam e marchavam, iam

encurtando a distância, e já principiavam a avistar as torres e as

galerias do forte de Vayres. O tempo estava magnífico, a paisagem pitoresca, o Sol fazia cintilar os seus raios oblíquos no rio; poder-se-ia crer que era um passeio, tanta era a alegria e bom humor que a rainha afectava. O rei seguia entre o senhor de Meilleraye e Guitaut, olhando com um óculo para a praça, na qual se não observava o menor movimento, apesar de ser muito provável que as sentinelas, que já se avistavam, tivessem avistado a brilhante vanguarda da tropa real.

O cocheiro da rainha dobrou o passo e foi colocar-se na primeira fila.

- Uma coisa porém - disse Mazarino - me causa espanto, senhor marechal.

- Qual, senhor?

- Parece-me que, ordinariamente, os bons governadores sabem o que se passa em torno das suas fortalezas, e quando um rei se dá ao trabalho de encaminhar-se para uma delas, devem, pelo menos, mandar-lhe uma deputação.

- Nada disso - cortou a rainha, dando uma gargalhada estrondosa e forçada. - Nada de cerimónias. Para que serve isso? Eu prefiro fidelidade.

O senhor de Meilleraye cobriu o rosto com o seu lenço, para esconder, senão uma discordância, pelo menos a vontade que tinha de expressá-la.

- Na verdade, porém, ninguém se move - notou o jovem rei, descontente por ver esquecidas aquelas regras da etiqueta que mais tarde haveriam de ser as bases da sua grandeza.

- Senhor - respondeu Ana de Áustria - estão aqui os senhores de Meilleraye e Guitaut, que lhe dirão que

132

o primeiro dever de um governador, sobretudo em país inimigo, é o de conservar-se, com receio de alguma surpresa, firme e abrigado atrás das muralhas. Não vê a sua bandeira, a bandeira de Henrique IV e de Francisco I, que tremula na cidadela?...

E apontou com orgulho para aquele emblema significativo, que provava quanta razão tinha na sua segurança.

O séquito continuou a marcha, e, aproximando-se, descobriu um posto avançado, que parecia construído há apenas alguns dias.

- Hum! - exclamou o marechal - parece que o governador é na realidade homem que sabe do seu ofício, este posto avançado é muito bem escolhido, e o entrincheiramento está habilmente desenhado.

A rainha deitou a cabeça fora da portinhola, e o rei levantou-se nos estribos.

Uma única sentinela passeava sobre a meia-lua; porém, quanto ao mais, o entrincheiramento parecia tão solitário e tão mudo como a cidadela.

- De qualquer modo - disse Mazarino - ainda que não conheça os deveres militares de um governador, não posso deixar de achar estranho este modo de proceder para com Sua Majestade...

- Avancemos na mesma - disse o marechal. - Veremos isso depois.

Quando a pequena tropa não distava já senão uns quinhentos passos do entrincheiramento, a sentinela, que até então marchara de um para outro lado, deteve-se. E, depois de um instante de exame:

- Quem vem lá?! - gritou ela.

- O rei! - respondeu o senhor de Meilleraye.

133

Ana de Áustria esperava que, ao ouvir-se esta única palavra, os soldados viessem correndo, os oficiais acudissem pressurosos, as pontes se baixassem, as portas se abrissem, e, por fim, refulgissem as espadas em

riste.

Nada disso aconteceu!

A sentinela apontou o mosquete aos que chegavam e limitou-se a dizer em voz alta e firme: -Façam alto!

O rei sufocou de cólera. Ana de Áustria mordeu os lábios. Mazarino murmurou uma praga italiana pouco usada na França, mas de que nunca pudera desacostumar-se. O senhor de Meilleraye não fez mais do que olhar Suas Majestades; porém, este olhar foi eloquente.

- Satisfaz-me verificar medidas de precaução no meu serviço - disse a rainha, tratando de se enganar a si própria, porquanto, apesar da serenidade fictícia do seu rosto, no íntimo do coração principiava a inquietar-se.

- Dá-me gosto o respeito à minha pessoa - murmurou o jovem rei, fitando o seu olhar severo naquela sentinela impassível.

XIV

TODAVIA, o grito O rei! o rei!, proferido pela sentinela, mais como aviso do que como sinal de respeito, foi repetido por duas ou três vezes, e chegou até ao corpo da praça. Viu-se então

aparecer um homem no alto das muralhas, e a guarnição

toda reunir-se em torno dele. Aquele homem levantou ao ar o bastão do comando;

no mesmo instante, ouviram-se os tambores rufar a reunir,

os soldados do forte apresentaram armas, e um tiro de

artilharia retumbou, grave e solene.

- Bem vê - disse a rainha. - Ei-los que vão cumprir o seu dever; mais vale tarde do que nunca. Adiante.

- Perdoe, senhora - disse o marechal de Meilleraye. -Não vejo que abram as portas, e nós não podemos passar sem que as abram...

- Esquecem-se de o fazer devido ao espanto que lhes causou, e ao entusiasmo que neles produziu esta augusta visita, que não esperavam receber - atreveu-se a dizer um cortesão.

- Não são coisas que se esqueçam, senhor - respondeu o marechal.

135

Depois, voltando-se para o rei e para a rainha: - Permitir-me-ão Suas Majestades que lhes dê um conselho?... - acrescentou ele. -Diga, marechal.

- Suas Majestades deveriam retirar-se para quinhentos passos daqui, com Guitaut e os seus guardas, enquanto eu, com os mosqueteiros e a cavalaria ligeira, iria reconhecer a praça.

A rainha só lhe respondeu uma palavra:

- Avante! - comandou. - E veremos se ousam recusar-nos a passagem.

O jovem rei, encantado, deu de esporas ao cavalo, e colocou-se vinte passos adiante.

O marechal e Guitaut foram a correr juntar-se-lhe. -Não se passa! - disse a sentinela, com um gesto ameaçador.

Ao mesmo tempo, viram aparecer por cima do parapeito os chapéus e os mosquetes dos soldados que guarneciam o primeiro entrincheiramento.

Um longo murmúrio acolheu estas palavras, e esta aparição. O senhor de Meilleraye pegou no freio do cavalo do rei, e fê-lo voltar, ordenando ao mesmo tempo ao cocheiro da rainha que se afastasse. As duas majestades insultadas retiraram-se, portanto, até cerca de mil passos, pouco mais ou menos, dos primeiros entrincheiramentos, enquanto o séquito se espalhava como um bando de pássaros depois do tiro do caçador. Então, o marechal de Meilleraye, senhor da posição, deixou uns cinquenta homens de guarda ao

rei e à rainha, e, reunindo o resto da tropa, voltou com ela para os entrincheiramentos.

136

Quando estava a cem passos dos fossos, a sentinela, que recomeçara a sua marcha serena e compassada, parou de novo.

- Chame uma trombeta, ponha o seu lenço na ponta da espada, Guitaut - comandou o marechal - e vá intimar aquele insolente governador a que se entregue.

Guitaut obedeceu. Arvorou os sinais pacíficos que em todos os países do mundo protegem os parlamentários, e avançou para o entrincheiramento.

- Quem vem lá? - gritou a sentinela.

- Parlamentário - respondeu Guitaut, agitando a sua espada e o trapo que a adornava,

- Deixe-o aproximar - disse o mesmo homem que já tinham visto aparecer na muralha da praça, e que sem dúvida descera até ao posto avançado por um caminho encoberto.

A porta abriu-se, e uma ponte baixou-se.

- Que quer? - perguntou um oficial que aguardava à porta.

- Falar com o governador - respondeu Guitaut.

- Aqui me tem - disse o homem que já aparecera uma vez nas muralhas da praça, e outra no parapeito dos entrincheiramentos.

Guitaut observou a grande palidez desse homem, que era acompanhada de muita serenidade e cortesia.

- É o governador de Vayres? - perguntou Guitaut.

- Sou, sim.

- E recusa abrir a porta da fortaleza a Sua Majestade, o rei, e à rainha-regente?...

- Tenho de passar por esse desgosto. -E que pretende com isso?

137

- A liberdade dos senhores príncipes, cujo cativo arruina e desola o reino.

- Sua Majestade não dialoga com os seus súbditos.

- Ah! nós bem o sabemos, senhor, e por isso estamos prontos a morrer, sabendo que morremos ao serviço de Sua Majestade, posto que aparentemente lhe façamos guerra.

- Muito bem - disse Guitaut. - É tudo quanto queríamos saber.

E, depois de haver saudado bastante polidamente o governador, que lhe correspondeu com uma saudação muito cortês, retirou-se.

Não houve o menor movimento no bastião.

Guitaut foi ter com o marechal, e deu-lhe conta da sua missão.

- É preciso que cinquenta homens - disse o marechal estendendo a mão para a Ilha de Ison - partam a galope para aquele lugar, e dali tragam, imediatamente, todas as escadas que conseguirem juntar.

Cinquenta homens partiram logo. E como a aldeia não estava muito distante, chegaram ali num momento.

- Agora, senhores - disse o marechal à sua gente - a pé. Metade, armados com espingardas, protegerão

o assalto; os outros subirão à escalada.

A ordem foi recebida com grandes gritos de alegria. Os guardas, os mosqueteiros e os soldados de cavalaria ligeira apearam-se imediatamente e carregaram as armas.

Enquanto isto, os cinquenta homens enviados à aldeia regressaram com cerca de vinte escadas.

Tudo se mantinha sossegado, no bastião; a sentinela passeava de um lado para o outro, e via-se sempre, por

138

cima da galeria, aparecer a extremidade dos mosquetes e dos chapéus.

O séquito do rei pôs-se em marcha, comandado pelo marechal em pessoa; compunha-se, pouco mais ou menos, de quatrocentos homens, metade dos quais, como o marechal ordenara, se preparavam para subir ao assalto, e a outra metade para cobrir a escalada.

O rei, a rainha e a sua corte seguiam de longe, e com ansiedade, os movimentos da sua gente. A rainha parecia ter perdido toda a confiança; para poder ver melhor, mandara voltar a carruagem, que apresentava um dos lados às fortificações.

Apenas os agressores deram vinte passos, logo a sentinela se aproximou da borda da muralha, e com voz estrondosa :

- Quem vem lá!? - gritou ela.

- Não respondam - disse o senhor de Meilleraye - e vamos sempre andando.

- Quem vem lá!? - gritou segunda vez a sentinela, apontando a arma.

E terceira vez. - Quem vem lá!? E fez pontaria.

- Fogo sobre esse patife! - disse o senhor de Meilleraye.

No mesmo instante, uma descarga de mosqueteria partiu das fileiras realistas: a sentinela, ferida, cambaleou, deixou escapar das mãos a espingarda, que foi ter ao fosso, e caiu por terra, gritando:

- Às armas!

Um único tiro de artilharia respondeu ao princípio das

139

hostilidades. A bala passou sibilando por cima das primeiras fileiras, derrubou quatro soldados, e foi estripar um dos cavalos da carruagem real.

Um grande grito de terror partiu do grupo que guardava Suas Majestades; o rei teve de recuar, Ana de Áustria esteve a ponto de desfalecer de raiva, e Mazarino de medo. Cortaram os tirantes do cavalo morto, assim como os dos outros, que, espantados, se empinavam e ameaçavam fazer em pedaços a carruagem. Oito ou dez guardas, acudindo à carruagem e puxando por ela, puseram a rainha fora do alcance das balas.

Neste ínterim, o governador descobria uma bateria de seis bocas.

Quando o senhor de Meilleraye viu esta bateria, que ameaçava em poucos segundos fazer em postas as suas três companhias, entendeu que seria inútil continuar o ataque, e ordenou a retirada.

Assim que a comitiva do rei deu o primeiro passo à retaguarda, as disposições hostis da fortaleza cessaram.

O marechal voltou para junto da rainha, aconselhando-Lhe que escolhesse um ponto, qualquer que fosse, nos arredores, para seu quartel-general. A rainha avistou então, do outro lado do Dordonha, a pequena casa isolada, rodeada de árvores, que se assemelhava a um pequeno castelo.

- Vá saber - disse ela a Guitaut - a quem pertence aquela casa, e peça hospitalidade para mim.

Guitaut partiu no mesmo instante, atravessou o rio no escaler do barqueiro de Ison, e regressou, dizendo que a casa só era habitada por uma espécie de mordomo, o qual respondera que, pertencendo ela ao duque d'Éper-non, estava às ordens de Sua Majestade.

140

- Então, partamos - decidiu a rainha, - Mas onde está o rei?...

Chamaram então o pequeno Luís XIV, que se afastara um tanto; voltou-se, e, muito embora tenha tentado ocultar as lágrimas, via-se muito bem que tinha chorado.

- Que tem, senhor? - perguntou a rainha.

- Oh! nada, senhora - respondeu o menino. - A única coisa em que penso é que um dia hei-de ser rei, se Deus quiser, e então... desgraçados daqueles que me tenham ofendido!

- Como se chama o governador? - perguntou a rainha. Ninguém soube responder-lhe. Toda a gente o ignorava. Foram então pedir informações ao barqueiro, que respondeu chamar-se ele Richon.

- Muito bem - disse a rainha. - Hei-de lembrar-me deste nome.

- E eu também - disse o jovem rei.

XV

Cem homens da casa real, pouco mais ou menos, passaram o Dordonha com Suas Majestades; as damas ficaram com o senhor de Meilleraye, que, decidido a sitiar Vayres, esperava pelo exército.

Apenas a rainha se estabeleceu na pequena casa, a qual, graças ao fausto de Nanon, lhe pareceu infinitamente mais habitável do que esperava, e já Guitaut se apresentou para lhe dizer que um capitão, que assegurava estar incumbido de um caso importante, lhe pedia a honra de uma audiência.

- E quem é esse capitão? - perguntou a rainha.

- O capitão Cauvignac, senhora.

- Pertence ao meu exército?

- Creio que não, senhora.

- Informe-se disso; e se não é do meu exército, diga-lhe que não posso recebê-lo.

- Peço perdão a Vossa Majestade, por não ser do seu parecer a esse respeito - disse Mazarino. - A mim, parece-me que, justamente por não ser do seu exército, seria conveniente recebê-lo!..,

143

- E porquê?

- Porque, se é do exército de Vossa Majestade, e pede uma audiência à rainha, não pode deixar de ser um súbdito fiel; se, pelo contrário, pertence ao exército inimigo, talvez seja um traidor. Ora, neste momento, senhora, os traidores não são para desprezar, visto que nos podem ser muito úteis.

- Mandem-no entrar - ordenou a rainha - visto que é esse o parecer do senhor cardeal.

O capitão foi introduzido no mesmo instante, e apresentou-se com um desembaraço que causou espanto à rainha, habituada como estava a produzir nos que a rodeavam reacções bem diversas.

A rainha mediu Cauvignac dos bicos dos pés à cabeça; porém, este suportou maravilhosamente o real olhar.

- Quem é o senhor? - perguntou a rainha.

- O capitão de Cauvignac - respondeu o recém-chegado.

- Ao serviço de quem está?

- Ao serviço de Vossa Majestade, se assim lhe agrada.

- Se me agrada?... Sem dúvida que me agrada. Dar-se-á o caso que haja outro serviço no reino? Há, porventura, duas rainhas na França?...

- Por certo que não, senhora; há só uma rainha na França, e é aquela a cujos pés tenho a honra de depositar, neste momento, os meus mais humildes respeitos. Há, porém, duas ideologias, pelo menos, segundo ainda

agora me pareceu.

- Que quer dizer com isso? - perguntou a rainha, franzindo as sobrancelhas.

- Quero dizer, senhora, que passeava, e passava

144

justamente por um outeirinho que domina toda a região, admirando a paisagem - que, como Vossa Majestade notaria, é belíssima - quando me pareceu ver que o senhor Richon não recebia Sua Majestade com o respeito que lhe é devido; e isto me tirou uma dúvida, de que na França havia dois partidos (o realista e um outro), e que o senhor Richon pertencia a esse outro.

O rosto de Ana de Áustria tornava-se cada vez mais carregado.

- Então, pareceu-lhe ver isso? - perguntou ela.

- Sim, senhora - respondeu Cauvignac, com perfeita correcção. - E pareceu-me também ver que havia partido da praça uma bala de artilharia, e que essa bala havia ofendido o coche de Vossa Majestade.

- Basta! Não me pediu audiência, senhor, para dar-me parte das suas loucas observações.

"Ah! tu és malcriada - pensou Cauvignac. - Nesse caso pagarás mais caro."

- Não, senhora; pedi-lhe audiência para lhe dizer que é uma grande rainha, e que a minha admiração em relação a Vossa Alteza não tem igual.

- Ah! decerto!... - disse a rainha, com um tom seco. - Em consequência dessa grandeza, e da admiração

que dela resulta, resolvi consagrar-me todo ao serviço de Vossa Majestade.

- Agradecida - volveu a rainha, com ironia. Depois, voltando-se para o capitão das guardas:

- Olha, Guitaut, tira-me daqui este fala-barato!

- Perdão, senhora - emendou Cauvignac - ir-me-ei de boa vontade, sem ser preciso que me expulsem; mas, se eu me for, decerto não se apoderará de Vayres.

145

E Cauvignac, saudando Sua Majestade com uma graça encantadora, fez uma pirueta sobre os calcanhares.

- Senhora - aconselhou baixo Mazarino - parece-me que fez mal em despedir assim este homem.

- Olhe! volte aqui - disse a rainha - e fale; parece-me extravagante, e divertido.

- Vossa Majestade é muito bondosa - respondeu Cauvignac, inclinando-se.

- Que diz então a respeito da entrada em Vayres?...

- Dizia, senhora, que se Vossa Majestade mantivesse a intenção, que me pareceu manifestar esta manhã, de entrar em Vayres, seria meu dever introduzi-la na praça.

- E como?

- Tenho cento e cinquenta homens às minhas ordens, em Vayres.

- Às suas ordens? E então?

- Cedo esses cento e cinquenta homens a Vossa Majestade.

- E depois?

- Depois!... -Sim?

- Depois, parece-me que seria obra do diabo se Vossa Majestade, com cento e cinquenta guardas-portões, não conseguisse uma porta aberta!

A rainha sorriu.

"O maroto tem espirito" - pensou ela. Cauvignac adivinhou sem dúvida o

cumprimento, porque de novo se inclinou.

- Quanto pede, senhor? - perguntou ela.

- Oh! Meu Deus, quinhentos francos por cada guarda-portão; é o ordenado que dou aos meus.

146

- Tê-los-á.

- E para mim?

- Ah! pede também para si?

- Encher-me-ia de orgulho, receber uma patente real pela magnanimidade de Vossa Majestade.

- Então que posto quer?

- Desejava ser governador de Branne; sempre tive queda para os governos.

- Será governador.

- Nesse caso, salvo uma pequena formalidade, está o contrato feito.

- E que formalidade é essa?

- Terá Vossa Majestade a bondade de assinar este papelinho que eu já havia preparado de antemão, na esperança de que os meus serviços seriam aceites pela minha magnânima soberana.

- E que papel é esse?

- Leia, senhora.

E, movendo graciosamente o braço, e dobrando o joelho com o maior respeito, Cauvignac apresentou o papel à rainha.

A rainha leu:

No dia em que entrar em Vayres, sem dar um tiro, pagarei ao senhor capitão Cauvignac a soma de setenta e cinco mil libras, e nomeá-lo-ei governador de Branne.

- Pelo que vejo - disse a rainha, com uma cólera mal reprimida - o capitão Cauvignac não tem suficiente confiança na nossa real palavra, e quer um escrito.

147

- Um escrito, senhora; parece-me ser o que há de melhor quando se trata de negócios importantes - replicou Cauvignac, inclinando-se. - Verba volant - diz um antigo provérbio. Às palavras, leva-as o vento, e, queira Vossa Majestade desculpar-me, acabo de ser roubado.

- Insolente! - exclamou a rainha. - Desta vez, saia daqui!...

- Eu saio, senhora - respondeu Cauvignac. - Porém, não entrará em Vayres.

Desta vez ainda o capitão repetiu a mesma manobra que já lhe surtira bom efeito; fez uma pirueta sobre os calcanhares, e encaminhou-se para a porta. Porém, mais irritada agora do que da primeira vez, Ana de Áustria não tornou a chamá-lo.

Cauvignac saiu. -Prendam esse homem! - ordenou a rainha.

Guitaut fez um movimento para obedecer.

- Perdoe, senhora - disse Mazarino. - Parece-me que Vossa Majestade não tem motivo para se deixar arrebatada por um primeiro impulso de cólera.

- E porquê? - perguntou a rainha.

- Porque receio que precise desse homem mais tarde, e então, se Vossa Majestade o molestar de qualquer maneira, ver-se-á obrigada a pagar-lhe o dobro.

- Muito bem - aprovou a rainha. - Pagar-se-lhe-á o que for preciso; entretanto, não o percam de vista.

- Ah! quanto a isso é outra coisa, e sou o primeiro a aprovar essa precaução.

Guitaut saiu, e voltou passada hora e meia.

- Então? - perguntou Ana de Áustria. - Que é feito dele?

148

- Oh! Vossa Majestade pode estar inteiramente sossegada - respondeu Guitaut. - O nosso homem não tem a menor tenção de se afastar. Tirei informações a respeito dele. Está domiciliado a trezentos passos daqui, em casa de um estalajadeiro chamado Biscarros.

- E foi para lá que se retirou?

- Não, senhora; subiu a uma elevação, e dali examina os preparativos que faz o senhor de Meilleraye para forçar os entrincheiramentos. Esse espectáculo parece interessá-lo muito.

- E o resto do exército?

- Vai chegando, senhora. E coloca-se em batalha, à medida que chega.

- Então, o marechal vai atacar já?

- Parece-me, senhora, que seria melhor, antes de aventurar um ataque, dar uma noite de descanso às tropas.

- Uma noite de descanso?! - admirou-se Ana de Áustria. - O exército real será obrigado a deter-se um dia e uma noite diante de semelhante cochicholo?! Isso é impossível! Guitaut, vá dizer ao marechal que ataque imediatamente. O rei quer ir dormir esta noite a Vayres.

- Mas, senhora... - disse Mazarino. - Parece-me que esta precaução do marechal...

- A mim parece-me - atalhou Ana de Áustria - que quando a autoridade real é insultada, toda a pressa é pouca para a vingar. Vá, Guitaut, e diga ao senhor de Meilleraye que a rainha tem os olhos postos nele.

E, despedindo Guitaut com um gesto majestoso, a rainha tomou o filho pela mão, saiu, por seu turno, e, sem lhe importar se a seguiam, subiu a escada que terminava num terraço.

149

Aquele terraço dominava todos os arredores.

A rainha lançou uma rápida vista de olhos à paisagem, a cerca de duzentos passos atrás dela, passava a estrada de Libourne, na qual sobressaía a alva casa do nosso amigo Biscarros. A seus pés, corria o Dordonha, sereno, rápido e majestoso; à direita, elevava-se o forte de Vayres, silencioso como uma ruína. Em torno do forte, estendiam-se em semicírculo os entrincheiramentos recentemente levantados. Algumas sentinelas rondavam pela galeria, cinco peças de artilharia passavam pelas canhoelras os respectivos pescoços de bronze e as goelas abertas. À esquerda, o senhor de Meilleraye fazia as suas disposições para acampar. O exército inteiro - como dissera Guitaut - havia chegado, e ia-se apinhando em torno da praça.

Numa elevação, um homem atento seguia com os olhos todos os movimentos das sentinelas e dos sitiados; aquele homem era Cauvignac.

Guitaut atravessara o rio no barco do pescador de Ison.

A rainha estava em pé no terraço, imóvel, de sobranceiras franzidas, dando a mão ao pequeno Luís XIV, que contemplava aquele espectáculo com uma certa curiosidade, e que, de quando em quando, dizia à mãe:

- Senhora, permita-me que monte no meu lindo cavalo de batalha, e deixe-me ir, eu peço-lhe, com o senhor de Meilleraye, que vai castigar aqueles insolentes.

Junto da rainha estava Mazarino, cujo semblante fino e escarnekedor tomara, naquele momento, um carácter de seriedade, de que somente se revestia nas grandes ocasiões; e, atrás da rainha e do ministro, estavam as damas

de honor, que, imitando o silêncio de Ana de Áustria, apenas se atreviam a dizer entre si algumas palavras, à pressa e em voz baixa.

Tudo isto, à primeira vista, tinha uma aparência de sossego e de tranquilidade. Todavia, facilmente se conhecia que era a tranquilidade da mina que uma centelha vai converter em tormenta e destruição.

Em Guitaut, sobretudo, se fixavam todos os olhos, porque dele teria de vir a explosão esperada com tão diversas disposições de espírito.

Do lado do exército, também era grande a expectativa, porque, assim que o mensageiro chegou à margem esquerda do Dordonha, e o reconheceram, todos os olhos se voltaram para ele. O senhor de Meilleraye, avistando-o, deixou o grupo de oficiais em cujo centro se achava, e foi ao encontro do recém-vindo.

Guitaut e o marechal conversaram alguns instantes. Apesar de o rio ser bastante largo naquele local, e a distância que dividia o grupo real dos oficiais não ser pequena, era todavia suficiente para se poder ver o espanto que estava desenhado no semblante do marechal. Era evidente que a ordem recebida lhe parecia intempestiva, e por isso lançou um olhar de dúvida para o grupo no meio do qual se distinguia a rainha. Ana de Áustria, porém, que percebeu o gesto do marechal, fez simultaneamente com a cabeça e com a mão um gesto tão imperativo, que o marechal, desde há muito tempo habituado à sua altiva soberana, baixou a cabeça fazendo um aceno (senão de assentimento, pelo menos de obediência).

No mesmo instante, por ordem do marechal, três ou quatro capitães que junto dele cumpriam o serviço que

hoje fazem os nossos ajudantes de campo, montaram a cavalo, e partiram a galope em três ou quatro direcções diferentes.

Em toda a parte por onde passavam, os preparativos para o acampamento, que acabavam de principiar-se, eram interrompidos imediatamente, e ao toque de tambores e ao som de trombetas, os soldados deixavam cair a palha que levavam, ou o martelo com que cravavam as estacas das tendas. Todos corriam às armas, que estavam ensarilhadas - os granadeiros pegando nas suas espingardas, os simples soldados nas suas lanças, os artilheiros nos seus instrumentos. Registou-se então um momento de inaudita confusão, causada pelo cruzamento de todos aqueles homens correndo em sentido oposto; depois, pouco a pouco, as casas daquele imenso xadrez foram-se definindo, a ordem sucedeu ao tumulto, cada um encontrou-se enfileirado junto à sua bandeira, os granadeiros no centro, a gente da comitiva do rei na ala direita, a artilharia na esquerda. As trombetas e os tambores cessaram de tocar.

Um só tambor respondeu para lá dos entrincheira-mentos; depois, também se calou, e um silêncio fúnebre reinou na planície.

Então, um comando claro, preciso e firme, ressoou. À distância a que se encontrava, a rainha não podia ouvir as palavras; porém, viu, no mesmo instante, as tropas formarem-se em colunas; tirou o seu lenço e agitou-o no ar, enquanto o jovem rei gritava com voz febril e batendo com o pé no chão: "Avante! avante!"

O exército respondeu com um só grito: "Viva o rei!" Depois, a artilharia partiu a galope, foi colocar-se numa

colina, e, ao som dos tambores, que tocavam a investir, as colunas puseram-se em movimento.

Não era um assédio em forma, antes uma simples escalada. Os entrincheiramentos levantados à pressa por ordem de Richon, eram baluartes de terra: não se tornava pois, necessário abrir brecha, mas sim dar o assalto. Entretanto, tinham sido tomadas todas as precauções pelo hábil comandante de Vayres, e via-se que se aproveitara com uma habilidade pouco comum de todos os recursos do terreno.

Sem dúvida que Richon impusera a si próprio não ser o primeiro a fazer fogo, pois que desta vez ainda esperou a provocação das tropas reais; a única coisa que se viu, como no primeiro ataque, foi baixar-se aquela terrível fileira de mosquetes, cujo fogo tamanho estrago fizera na comitiva do rei.

Ao mesmo tempo, as seis peças da bateria real dispararam, e viu-se voar a terra dos parapeitos, bem como as estacas com que estavam coroados.

A resposta não se fez esperar muito. A artilharia dos entrincheiramentos também fez fogo, deixando vácuos profundos nas fileiras do exército real; porém, à voz dos chefes, aqueles sulcos sanguinolentos desapareceram, e os beijos da ferida, abertos por um instante, tornaram a fechar-se; a coluna principal, momentaneamente abalada, tornou a pôr-se em marcha.

Então, chegou a vez da mosqueteria, que fez as suas descargas enquanto se carregavam de novo os canhões. Passados cinco minutos, as descargas de artilharia de ambos os lados correspondiam-se de tal modo, que poderia dizer-se que davam um só tiro, semelhantes a duas

153

tempestades que lutassem juntas, ou a dois trovões que ribombassem ao mesmo tempo.

Depois, como o tempo estava sereno, nenhum sopro agitava o ar, e o fumo se amontoava por cima dos campos de batalha, cedo sitiados e sitiantes desapareceram numa nuvem, a qual, a intervalos, era rasgada com um estrondoso relâmpago de chamas lançado pela artilharia.

De quando em vez, eram vistos a sair daquela nuvem, na retaguarda do exército real, homens que se arrastavam a custo, e que iam cair por terra a distâncias diferentes, deixando atrás de si um rasto de sangue.

Em breve o número de feridos foi aumentado. O estrondo dos canhões e da fuzilaria continuava; contudo, a artilharia real já só atirava ao acaso, e com hesitação, porque no meio daquele fumo não podia distinguir os amigos dos inimigos.

Quanto à artilharia da praça, como não tinha diante de si senão inimigos, os seus tiros retumbavam mais terríveis e mais apressados do que nunca.

Por fim, a artilharia real cessou inteiramente o fogo; era evidente que subiam ao assalto e que combatiam corpo a corpo.

Houve da parte dos espectadores um movimento de angústia, durante o qual o fumo, deixando de ser alimentado pelo fogo dos canhões e dos mosquetes, foi subindo lentamente. Viu-se então o exército real repellido em desordem, deixando a proximidade das muralhas juncada de mortos. Uma espécie de brecha estava aberta; algumas estacadas arrancadas deixavam aparecer uma abertura. Mas esta abertura estava erigida de homens, de lanças e de mosquetes; e, no meio desses homens, coberto

154

de sangue, mas sereno e frio, como se fosse simples espectador da tragédia em que acabava de representar um tão terrível papel, erguia-se Richon. tendo na mão um machado já dentado, pelos golpes que dera.

Parecia que qualquer encanto protegia aquele homem, no meio do fogo. Estava sempre na frente, constante-mente em pé, e descoberto; nenhuma bala o ferira, nenhuma lança lhe tocara. Era tão invulnerável como impassível.

Três vezes o marechal Meilleraie comandou as tropas reais ao assalto, e três vezes foram repelidas, à vista do rei e da rainha.

Grossas lágrimas deslizaram pelas pálidas faces do monarca. Ana de Áustria torcia as mãos, murmurando: "Oh! aquele homem! aquele homem!... Se alguma vez cair em meu poder, hei-de dar com ele um terrível exemplo!" Por felicidade, a noite vinha descendo, rápida e sombria. Era uma espécie de véu, estendido para ocultar o rubor real. O marechal Meilleraie mandou tocar a retirada.

Cauvignac abandonou o seu posto, desceu da colina aonde subira, e, de mãos nas algibeiras das calças, encaminhou-se pelo prado, até à estalagem de Biscarros.

- Senhora - disse Mazarino, apontando para Cauvignac com o dedo - ali vai o homem que, por um pouco de ouro, lhe teria poupado todo o sangue que acabámos de derramar.

- Senhor cardeal - voltou a rainha - é esse o conselho de um homem tão económico como o senhor?...

- Senhora - retorquiu o cardeal - é verdade que conheço o valor do ouro, mas também reconheço o valor

155

do sangue; e, neste momento, o sangue sai-nos mais caro do que o ouro.

- Sossegue - respondeu a rainha. - O sangue derramado há-de ser vingado. Comminges - continuou ela, dirigindo-se ao tenente da sua guarda - vá procurar o senhor de Meilleraie, e traga-mo aqui.

- E você, Bernouin - disse o cardeal, mostrando Cauvignac ao seu criado de câmara, quando o capitão já não estava senão a alguns passos da estalagem do Bezerro de Ouro - vê bem aquele homem?...

- Vejo, > sim.

- Pois bem, vá chamá-lo, da minha parte, e introduza-o esta noite, secretamente, no meu quarto.

No dia seguinte ao da entrevista com o amante na igreja dos Carmelitas, a senhora de Cambes deslocou-se ao alojamento da princesa, com a intenção de cumprir a promessa que fizera a Canolles.

Toda a cidade estava alvoroçada. Acabavam de anunciar a chegada do rei diante de Vayres, e, ao mesmo tempo, a admirável defesa de Richon, que, com quinhentos homens, repelira duas vezes o exército real, cujos efectivos somavam doze mil. A princesa foi uma das primeiras a saber da notícia. Nos transportes da sua alegria, exclamara, batendo palmas:

- Oh! se tivesse cem capitães como o meu bravo Richon!...

A senhora de Cambes participou na alegria geral, duplamente feliz por poder aplaudir em voz alta a conduta

156

de um homem a quem estimava, e desse modo, ter ocasião para fazer com oportunidade uma súplica, cujo bom êxito teria sido comprometido pelo anúncio de um revés, ao passo que, pelo contrário, aquele êxito quase era garantido pela notícia de uma vitória.

Porém, no meio da sua alegria, a princesa tinha inúmeras coisas a fazer, o que originou que Clara não lhe pudesse apresentar a sua súplica. Era preciso enviar a Richon um reforço de que necessariamente precisaria,

devido à próxima junção do exército do senhor dÉpernon com o exército real. Organizava-se este reforço no conselho. Vendo que os negócios políticos eram naquele momento preferidos aos negócios do coração, Clara contentou-se em fazer o seu papel de conselheira de Estado, e, nesse dia, não se falou de Canolles.

Uma mensagem muito concisa, porém muito terna, inteirou o querido prisioneiro da demora. Este novo adiamento foi-lhe menos cruel do que seria de esperar: há, na expectativa de um feliz acontecimento, quase tantas doces sensações como no próprio acontecimento. Canolles tinha no coração o mais delicado amor, portanto não podia deixar de se deliciar com aquilo a que ele chamava a antecâmara da ventura. Clara pedia-lhe que esperasse com paciência: ele quase esperou com alegria.

No dia seguinte, o reforço estava organizado: às onze horas da manhã, partiu, rio acima. Porém, como o vento e a corrente eram contrários, calculou-se que, por mais diligências que se fizessem, como só ia avançando a remos, não chegaria ao destino senão no outro dia. O capitão Ravailly, comandante da expedição, recebeu ordem para ao mesmo tempo fazer um reconhecimento na cidadela

157

de Branne, que pertencia à rainha, e cujo governo se sabia que estava vago.

A princesa passou a manhã a vigiar os preparativos e disposições para o embarque. O resto do dia devia ser consagrado a um grande conselho, com o objectivo de se conseguir impedir - no caso de ser possível - a junção do duque dÉpernon com o marechal de Meilleraye, ou, pelo menos, retardar essa junção até ao momento em que o reforço enviado a Richon tivesse entrado na cidadela.

Clara viu-se na necessidade de esperar ainda até ao dia seguinte. Pelas quatro horas, porém, teve oportunidade de fazer a Canolles, que passava sob as janelas, um tão encantador aceno (e neste aceno ia tanto pesar e tanto amor), que Canolles quase se sentiu feliz por se ver obrigado a esperar.

Contudo, à noite, para se assegurar de que a demora não se prolongaria mais tempo, e também para ir por si própria fazer à princesa uma confidência, que não deixava de lhe causar alguma perturbação, Clara pediu uma audiência para o dia seguinte, a qual, como é fácil de supor, lhe foi concedida sem a mínima dificuldade.

À hora estipulada, Clara foi ter com a princesa, que a recebeu com o seu mais encantador sorriso; estava só, tal como Clara lhe havia pedido.

- Então, minha pequena? - disse a princesa - o que temos de tão grave, para que me peças audiência privada e secreta, quando sabes que a toda a hora do dia estou à disposição dos meus amigos?

- O que tenho, senhora - respondeu a viscondessa - é que, no meio da felicidade que a Vossa Alteza é muito

158

devida, venho pedir-lhe, muito particularmente, que se digne pousar os olhos na sua fiel serva, que também tem necessidade de alguma ventura.

- Com todo o gosto, minha boa Clara! E nunca a felicidade que Deus te der igualará a que te desejo. Fala, pois: que graça desejas tu? E, se de mim depender, podes de antemão ter toda a certeza de que te será concedida.

- Viúva, livre... e demasiado livre, visto que esta liberdade me é mais pesada do que a escravidão... eu queria

- respondeu Clara - mudar a minha solidão numa condição melhor...

- Isto é, queres casar, não é assim, minha pequena?
- perguntou rindo a princesa de Conde.
- Creio que sim, senhora - respondeu Clara, fazendo-se muito vermelha.
- Ora então, seja assim; ocupar-me-ei disso. Clara fez um movimento.
- Sossega. Cuidaremos do teu orgulho. O que te convém, viscondessa, é um duque e par. Eu o procurarei, entre os que nos são fiéis.
- Vossa Alteza tem demasiada bondade - replicou a senhora de Cambes - mas eu não desejava dar-lhe tanto incómodo...
- Mas eu quero tomá-lo, porque devo retribuir-te em felicidade o que me deste em extremoso zelo e afecto; contudo, sempre terás de esperar o fim desta guerra, não achas?
- Esperarei o menos tempo que for possível, senhora
- respondeu a viscondessa, sorrindo-se.
- Falas-me como se a tua escolha já estivesse feita, como se já tivesses na tua mão o marido que me pedes...

159

- É porque, com efeito, acontece o que Vossa Alteza diz.
- Sério!?!... E quem é esse ditoso mortal? Fala, nada receies.
- Ah, senhora - disse Clara - digne-se desculpar-me... Não sei qual seja o motivo, mas o certo é que estou toda trémula...

A princesa sorriu, pegou na mão de Clara, e puxou-a para si.

- Menina!... - disse-lhe ela.

Depois, olhando-a com uma expressão que duplicou a confusão da viscondessa:

- Eu conheço-o?... - disse ela.
- Creio que Vossa Alteza o viu muitas vezes. -Não é preciso perguntar se é moço, pois não? -Tem vinte e oito anos.
- Nobre?...
- É gentil-homem.
- E bravo...
- A sua reputação está bem estabelecida. -E rico, claro?
- Eu sou.
- Sim, minha pequena, sim, e disso não nos temos esquecido. Possuis um dos mais belos domínios da nossa província, e lembramo-nos, com sumo gosto, de que na guerra que fazemos, os luíses de ouro da senhora de Cambes, e os escudos dos seus camponeses, mais de uma vez nos tiraram dos apertos em que nos víamos.
- Vossa Alteza honra-me muito lembrando-me o zelo e o afecto que lhe dedico. - Muito bem. Fá-lo-emos coronel do nosso exército,

160

se é só capitão, e brigadeiro, se é só coronel - pois é de presumir que seja do número dos fiéis.

- Estava em Lens, senhora - respondeu Clara, com toda a desenvoltura que tinha adquirido havia algum tempo nos estudos diplomáticos.
- Está bem. Agora só me falta saber uma coisa... - acrescentou a princesa.
- Qual, senhora?
- O nome do bem-aventurado gentil-homem que já possui o coração, e que em breve possuirá a pessoa da mais linda guerreira do meu exército.

Vendo-se acometida nas suas últimas defesas, Clara chamava em seu socorro quanto valor tinha, para pronunciar o nome do barão de Canolles, quando, de súbito, se ouviu o galope de um cavalo no pátio, seguido de um daqueles surdos rumores que acompanham as grandes notícias. A princesa

ouviu este duplo ruído e correu à janela. O mensageiro, alagado em suor e coberto de pó, apeou-se do seu cavalo, e, rodeado de quatro ou cinco pessoas que a sua entrada atraíra, parecia dar conta de particularidades, que, à medida que lhes saíam dos lábios, derramavam a consternação pelos que o ouviam. A princesa não pôde dominar por mais tempo a curiosidade, e, abrindo a janela:

- Deixai-o subir! - exclamou.

O mensageiro levantou a cabeça, reconheceu a princesa, e correu pela escada acima. Cinco minutos depois, entrava no quarto, todo coberto de poeira como estava, desganhados os cabelos. E, com voz sufocada, disse:

- Perdoe-me, senhora, se me apresento diante de Vossa Alteza no estado em que estou, mas trago uma daquelas

161

notícias terríveis que, só por serem pronunciadas, são capazes de arrombar as portas: Vayres capitulou!

A princesa deu um salto à retaguarda. Clara deixou cair os braços com desalento. Lenet, que entrara atrás do mensageiro, empalideceu.

Outras cinco ou seis pessoas, que, esquecendo por um instante o respeito devido à princesa, haviam invadido o quarto, ficaram mudas de espanto.

- Senhor Ravailly - disse Lenet, porque o mensageiro era o capitão de Navailles - repita o que acaba de dizer, porque custa-me muito acreditar.

- Eu repito, senhor: Vayres capitulou!

- Capitulou?! - replicou a princesa. - E o reforço que conduzia?

- Chegou muito tarde, senhora! Richon acabava de se render, no momento em que chegámos.

- Richon rendeu-se?!-exclamou a princesa. - Que cobarde!...

Esta exclamação da princesa fez correr um calafrio pelas veias de todos os circunstantes; todos, porém, se conservavam mudos, à excepção de Lenet.

- Senhora - disse ele, com severidade e sem nenhuma atenção ao orgulho da princesa de Conde - não se esqueça de que a honra dos homens está na palavra dos príncipes, como a sua vida está nas mãos de Deus. Não chame cobarde ao mais valente dos seus servidores, pois, de outro modo, os mais fiéis a abandonarão vendo o modo como trata os seus semelhantes. E Vossa Alteza ficará só, amaldiçoada e perdida.

- Senhor!... - disse a princesa.

- Senhora - replicou Lenet. - Repito a Vossa Alteza

162

que Richon não é cobarde, que eu respondo por ele como responderia por mim mesmo, e que, se capitulou, foi com toda a certeza porque o não podia fazer de outra maneira.

A princesa, pálida de cólera, estava para atirar à cara de Lenet alguma daquelas extravagâncias aristocráticas com as quais julgava suprir suficientemente o bom senso. Porém, reparando em todos aqueles rostos que se desviavam dela, naqueles olhos que fugiam dos seus, em Lenet de frente alta, em Ravailly de cabeça baixa, reconheceu que, na realidade, estava perdida se perseverasse naquele fatal sistema. Chamou, pois, em seu auxílio, o argumento que nela era habitual.

- Não há princesa mais infeliz do que eu - disse. - Tudo me abandona; a fortuna e os homens. Ah, meu querido filho, meu pobre filho! Ficarás perdido, como teu pai!

Este grito de fraqueza feminina, o impulso da dor maternal, ecoa sempre nos corações. Esta comédia, que já tantas vezes fora útil à princesa,

desta vez ainda produziu efeito.

Enquanto isto, Lenet fazia com que lhe repetissem, acerca da capitulação de Vayres, tudo quanto Ravailly pudera saber,

- Ah! eu bem sabia - exclamou ele, passado um instante.

- E que sabia o senhor? - perguntou a princesa.

- Que Richon não era cobarde, senhora.

- E como o sabe?

- Porque se defendeu dois dias e duas noites; porque se teria sepultado debaixo das ruínas do seu forte, crivado

163

de balas, se, ao que parece, uma companhia de recrutas não se tivesse revoltado, e o obrigasse a capitular.

- Devia antes morrer do que render-se, senhor - disse a princesa.

- Ah, senhora! Pode acaso morrer a gente quando quer?...-volveu Lenet. - Mas, pelo menos - acrescentou, voltando-se para Ravailly - lisonjeio-me que tenha ficado prisioneiro sob garantia...

- Receio que fosse sem garantia - respondeu Ravailly. -Disseram-me que foi um tenente da guarnição quem negociou a entrega, de modo que poderia muito bem haver nisso alguma traição, e Richon, em lugar de ter estipulado condições, talvez fosse atraído.

- Sim, sim - exclamou Lenet - atraído, entregue, sem dúvida alguma; eu conheço Richon, e sei que é incapaz, não direi de uma cobardia, mas de uma fraqueza. Oh, senhora! - continuou Lenet, dirigindo-se à princesa - atraído, entregue... ouve?... Não percamos tempo, ocupemo-nos dele. Não diz, senhor Ravailly, que houve um acordo feito por um tenente?... Alguma grande desgraça aconteceu ao pobre Richon. Escreva depressa, senhora, escreva, peço-lhe.

- Eu?! - perguntou com azedume a princesa - eu, escrever?! E para quê?...

- Para quê, senhora? Para o salvar!

- Isso é escusado - disse a princesa. - Quando alguém entrega uma fortaleza, toma as suas precauções.

- Mas não ouve que não a entregou, senhora? Não ouve o que diz o capitão: que foi atraído, talvez vendido, e que um tenente, e não ele, foi quem fez o ajuste para a entrega?

164

- Que quer então que se faça a favor do seu Richon ? - perguntou a princesa.

- O que se lhe há-de fazer?... Esquece-se, senhora, do subterfúgio com que ele foi introduzido em Vayres? Que para isso nos servimos de uma assinatura em branco do senhor d'Épernon? Que resistiu a um exército real comandado pela rainha e pelo rei em pessoa? Que Richon foi o primeiro que levantou o estandarte da rebelião? Que, enfim, o condenaram à morte para servir de exemplo? Ah, senhora! Em nome do céu, escreva ao senhor de Meilleraye; mande-lhe um mensageiro, um parlamentado.

- E que ordens daremos a esse mensageiro, a esse parlamentado?

- A de impedir a todo o custo a morte de um bravo capitão; porquanto, se não se apressar... Oh, senhora! Eu bem conheço a rainha, e talvez que o seu mensageiro chegue muito tarde!...

- Muito tarde?! - admirou-se a princesa.-Não temos nós reféns em nosso poder? Não temos em Chantilly, em Montrond, e aqui mesmo, alguns oficiais do rei prisioneiros?

Clara levantou-se, espantada.

- Ah, senhora! senhora! - exclamou ela - faça o que lhe diz o senhor Lenet; as represálias não restituirão a liberdade ao senhor Richon.
- Não se trata da liberdade, trata-se da vida - disse Lenet, com a sua sombria perseverança.
- Ora, pois - disse a princesa - o que eles fizerem, far-se-lhes-á também; a prisão pela prisão, o cadafalso pelo cadafalso.

165

Clara deu um grito e caiu de joelhos.

- Ah, senhora! - disse ela - o senhor Richon é um dos meus amigos. Eu vinha pedir-lhe uma graça, e a senhora tinha prometido conceder-ma... Pois bem: peço-lhe que utilize todo o seu crédito para salvar o senhor Richon.

Clara estava de joelhos. A princesa aproveitou a ocasião para conceder aos rogos de Clara o que recusava aos conselhos - um tanto ásperos - de Lenet. Aproximou-se de uma mesa, pegou numa pena, e escreveu ao senhor de Meilleraye, pedindo a troca de Richon por um dos oficiais que ela tinha em seu poder, sendo à escolha da rainha. Escrita esta carta, procurou com os olhos o mensageiro que havia de mandar. Então, se bem que ainda sofresse muito da sua antiga ferida, e estivesse muito cansado pela sua recente jornada, Ravailly ofereceu-se, com a única condição de que lhe dessem um cavalo folgado. A princesa autorizou-o a retirar das suas próprias estrebarias aquele que lhe conviesse, e o capitão partiu, incitado pelos gritos da multidão, pelas exortações de Lenet, e pelas súplicas de Clara.

Passado um momento, ouviram-se os rumores do povo reunido, a quem Ravailly acabava de explicar a comissão de que ia encarregado. Entregando-se à alegria, gritavam como desesperados:

- Queremos a senhora princesa! Queremos o senhor duque d'Enghien!

Cansada destas manifestações diárias, que mais se assemelhavam a ordens do que a ovações, a princesa quis desta vez fazer o ensaio de uma recusa aos desejos da população; porém, como acontece em tais circunstâncias,

166

o povo teimou, e em breve os gritos degeneraram em berros.

- Vamos lá! - disse a princesa, tomando o filho pela mão - vamos lá! Já que somos escravos, obedeçamos. E, compondo o semblante num gracioso sorriso, apareceu na varanda, e saudou aquele povo de quem era, simultaneamente, escrava e rainha.

XVI

QUANDO a princesa e o filho assomaram à varanda, por entre entusiásticas aclamações da multidão, ouviu-se ao longe os acordes de pífaros e tambores, acompanhados de um alegre alarido. Acto contínuo, aquele tumultuoso tropel de curiosos que se apinhava junto da casa do presidente Lalasne para ver a senhora de Conde, voltou a cabeça para o lado de onde vinha o alarido, e, pouco preocupado quanto às regras da etiqueta, a pouco e pouco foi ao encontro daquele burburinho, que se ia aproximando cada vez mais. Tratava-se de uma reacção natural. Já tinham visto dez, vinte, e talvez cem vezes, a senhora de Conde, ao passo que aquele ruído lhes prometia algo desconhecido.

- Estes, ao menos, são francos - murmurou Lenet, sorrindo atrás da indignada princesa. - Mas que significam a música e tais clamores? Confesso a Vossa Alteza que quase tenho tanto desejo de o saber, como

aqueles maus cortesãos.

- Então abandone-me também, e vá correr as ruas, como eles.

169

- Fá-lo-ia neste mesmo instante, senhora - respondeu Lenet - se tivesse a certeza de lhe trazer qualquer boa notícia.

- Oh! boas notícias... - desabafou a princesa, com um olhar de ironia dirigido ao magnífico céu que resplandecia por cima da sua cabeça. - Já não espero disso. Não estamos em boa quadra.

- Senhora - disse Lenet - bem sabe que não me deixo iludir facilmente. Contudo, enganar-me-ia profundamente, se todo este motim não é anúncio de algum feliz acontecimento.

Com efeito, a aproximação cada vez maior do alarido, e o aparecimento, na extremidade da rua, de uma multidão pressurosa, com os braços levantados ao ar e agitando os lenços, convenceram também a princesa de que a notícia era boa. Apurou o ouvido, com uma atenção que momentaneamente lhe fez esquecer as ladainhas dos que lhe faziam corte, e ouviu estas palavras:

- Branne! O governador de Branne prisioneiro!...

- Ah! Ah! - exclamou Lenet. - O governador de Branne prisioneiro... o mal está reduzido a metade. Será um refém que responderá pela vida de Richon.

- Não tínhamos já o governador da Ilha de São Jorge?... - volveu a princesa.

- Considero-me feliz - disse a senhora Tourville - por o plano que propus para tomar Branne ter produzido tão bom efeito.

- Senhora-opôs Lenet-não nos congratulemos ainda por uma vitória tão completa; o acaso malogra os planos dos homens, e até algumas vezes os das mulheres.

- Contudo, senhor - insistiu a senhora Tourville, com

170

modos altivos e o costumado azedume - se o governador está prisioneiro, a praça deve estar tomada,

- O que diz, senhora, não é um argumento absolutamente lógico. Fique, porém, sossegada; caso lhe devamos este duplo e feliz êxito, serei, como sempre, o primeiro a dar-lhe os parabéns.

- O que me admira em tudo isso - disse a princesa, procurando já naquele feliz acontecimento que tanto lhe agradava, a faceta ofensiva que alimentasse o aristocrático orgulho que era a base do seu carácter - é não ter sido a primeira a ser prevenida acerca do que se passa; é um descuido imperdoável, mas o senhor duque de Roche-foucauld procede sempre assim.

- Ah! senhora! - observou Lenet. - Temos falta de soldados para combater, e ainda quer que os arredássemos dos seus postos para fazer deles mensageiros!... Ah! não exijamos demasiado; e quando nos chega uma boa notícia, recebamo-la tal qual Deus a envia, e não reparemos em como chegou até nós.

Todavia, a multidão ia engrossando, porque todos os grupos isolados se reuniam ao grupo central, tal como os rios pequenos desaguam nos grandes. No centro do referido grupo principal, talvez composto por um milhar de indivíduos, salientava-se um rancho de soldados, cerca de trinta homens, e, no meio desses trinta homens, um prisioneiro, que os soldados pareciam defender contra o furor do povo.

- Morra! morra! - gritava a populaça.-Morra o governador de Branne!

- Ah, ah! - exclamou a princesa, com um sorriso de triunfo. - Parece não

haver a mínima dúvida de que

171

há um prisioneiro, e que esse prisioneiro é o governador de Branne.

- Sim! - notou Lenet. - Mas olhe, senhora: também parece que o prisioneiro está em perigo de perder a vida... Não ouve as ameaças? Não vê aqueles gestos furiosos?... Ah, senhora! Vão forçar os soldados, vão fazê-lo em postas! Oh! que tigres!... sentem o cheiro da carniça, e querem beber sangue!

- Bebam-no então! - sentenciou a princesa, com aquela ferocidade peculiar das mulheres, quando as suas más paixões estão exaltadas. - Bebam-no! É o sangue de um inimigo!...

- Senhora - apaziguou Lenet - esse inimigo está à guarda dos Conde, note-o bem; além do que, quem lhe afirma que neste momento Richon, o nosso bravo Richon, não corre o mesmo perigo que este desgraçado?... Ah! Estão a ponto de forçar os soldados... Se lhe tocam, está perdido. Venham vinte homens! - gritou Lenet, voltando-se- venham vinte homens decididos, que ajudem a repelir todos aqueles exaltados. Se arrancarem um só cabelo da cabeça daquele prisioneiro, responderão vocês por isso. Partam, depressa. A estas palavras, vinte mosqueteiros da guarda da burguesia pertencentes às melhores famílias da cidade, desceram em tropel pelas escadas, romperam a multidão as coronhadas, e foram engrossar a escolta. Chegaram a tempo, pois algumas unhas mais compridas e mais agudas já haviam arrancado alguns pedaços do fato azul do prisioneiro.

- Muito obrigado, meus senhores - disse o prisioneiro - pois conseguiram evitar que eu fosse devorado por

172

estes canibais. Cáfila de selvagens! Se assim devorarem os homens, no dia em que o exército real der assalto à vossa cidade não escapará um que seja. E pôs-se a rir, encolhendo os ombros.

- Ah! é um bravo! - exclamou a multidão, vendo a serenidade - talvez um tanto afectada - do prisioneiro, e repetindo aquele gracejo que lisonjeava o seu amor-próprio - é um verdadeiro bravo! não tem medo... Viva o governador de Branne!

- Pela minha fé! Sim - exclamou o prisioneiro - viva o governador de Branne! Convém-me bastante que viva...

O furor do povo converteu-se desde logo em admiração, e a admiração exprimiu-se no mesmo instante em termos enérgicos. Foi, portanto, uma verdadeira ovação que sucedeu ao sacrifício iminente do governador de Branne - isto é: do nosso amigo Cauvignac. Porquanto, como os nossos leitores já sem dúvida adivinharam, era Cauvignac quem, sob o pomposo nome de governador de Branne, fazia esta triste entrada na capital da Guiana.

Entretanto, assim protegido pelos seus guardas, e depois pela sua presença de espírito, o prisioneiro de guerra foi introduzido em casa do presidente Lalasne, e, enquanto metade da sua escolta guardava a porta, foi conduzido pela outra metade à presença da princesa.

Cauvignac entrou altivo e sereno no aposento da princesa de Conde; mas, cumpre dizer que, sob aquela aparência heróica, um coração palpitava com violência.

Assim que nele puseram os olhos, logo o reconheceram, apesar do lastimoso estado em que a pressurosa multidão pusera a sua linda farda azul, os seus galões de ouro e a pluma do chapéu.

- Senhor Cauvignac! - exclamou Lenet,
 - O senhor Cauvignac, governador de Branne?!...
 - acrescentou a princesa. - Ah, senhor! Isto cheira a traição...
 - Que diz Vossa Alteza? - perguntou Cauvignac, reconhecendo ser a ocasião de chamar em seu auxílio todo o seu sangue-frio, e principalmente todo o seu espírito.
 - Parece-me que Vossa Alteza proferiu a palavra traição...
 - Sim, senhor: traição, pois a que título se apresenta diante de mim?...
 - Sob o título de governador de Branne, senhora. -Traição, como muito bem o vê. Por quem são assinadas as vossas credenciais?
 - Pelo senhor Mazarino.
 - Traição, duplicada traição, bem dizia eu! É governador de Branne, e a sua companhia foi a que entregou Vayres: o título recompensou a acção.
 Ao ouvir estas palavras, o mais profundo espanto se pintou no rosto de Cauvignac. Olhou em torno de si como para procurar a pessoa a quem estas estranhas palavras se dirigiam, e, convencido, pela evidência, de que ninguém além dele próprio era o objecto da acusação da princesa, deixou cair as mãos, num gesto do mais profundo desalento.
 - A minha companhia entregou Vayres?... - disse ele. -Vossa Alteza é quem me faz semelhante acusação?...
 - Sim, senhor, sou eu! Finja então que o ignora, pretenda estar surpreendido. Sim, é um bom cómico, segundo parece; porém, nem os seus gestos, nem as suas palavras, ainda que estejam em muita harmonia uns com os outros, me hão-de enganar.

- Não finjo nada, senhora - respondeu Cauvignac. - Como quer Vossa Alteza que eu saiba o que se passou em Vayres, sem nunca lá ter estado?
 - Subterfúgio, senhor, subterfúgio!
 - Nada tenho a responder a semelhantes palavras, senhora, senão que Vossa Alteza parece estar descontente comigo... Queira, pois, Vossa Alteza, perdoar à franqueza do meu génio a liberdade da minha defesa; eu, pelo contrário, é que julgava ter razão de queixa de Vossa Alteza...
 - Queixar-se de mim, o senhor?!... - exclamou a princesa, admirada por semelhante atrevimento.
 - Sem dúvida, eu mesmo, senhora - respondeu Cauvignac, sem se perturbar.
 - Confiando na sua palavra e na do senhor Lenet, aqui presente, recrutei uma companhia de bravos, e contraí com eles obrigações (tanto mais sagradas, quanto todas estavam sob palavra). E eis que, quando venho pedir a Vossa Alteza a soma prometida... uma miséria... trinta ou quarenta mil libras, destinadas não para mim - pondere-o bem - mas para os novos defensores que alistei para os senhores príncipes, eis que Vossa Alteza ma recusa; sim, recusa-ma! Apelo para o testemunho do senhor Lenet.
 - É verdade - disse Lenet - que quando o senhor se apresentou não tínhamos dinheiro...
 - E não podia esperar alguns dias, senhor? A sua fidelidade e a da sua gente era só por horas?...
 - Esperei o tempo que o senhor de Rochefoucauld me pediu, senhora - isto é: oito dias. No fim desses oito dias apresentei-me novamente: desta vez, a recusa foi formal; de novo apelo para o senhor Lenet...
 A princesa voltou-se para o conselheiro; os seus lábios

estavam apertados, e os olhos chamejavam sob as sobrancelhas franzidas.

- Infelizmente - disse Lenet - vejo-me obrigado a confessar que tudo quanto este senhor diz é pura verdade.

Cauvignac endireitou-se, com ar triunfante.

- Então, senhora - continuou ele - numa tal circunstância, que teria feito um intriguista?!... Um intriguista ter-se-ia vendido à rainha, com a sua gente. Eu, que tenho horror à intriga, despedi a minha gente, desobrigando-a da palavra que me havia dado, e, quanto a mim, conservando-me em perfeita neutralidade, fiz o que aconselha o sábio em caso de dúvida: fiquei na inação.

- Mas, e os seus soldados, senhor? Os seus soldados?! - exclamou, curiosa, a princesa.

- Senhora - respondeu Cauvignac - como não sou nem rei nem príncipe, mas somente capitão; como não tenho súbditos nem vassallos, são meus soldados apenas aqueles a quem pago; ora, como os meus, conforme lhe afirmou o senhor Lenet, não eram pagos de maneira nenhuma, ficaram livres. Então, talvez tenham tomado o partido do seu novo chefe. Que lhes havia eu de fazer?... Declaro que não sei.

- Mas, o senhor, que abraçou o partido do rei, que pode alegar em sua defesa? Que a sua neutralidade lhe era prejudicial?...

- Não, senhora: a minha neutralidade, ainda que inocente, tornou-se suspeita aos partidários de Sua Majestade. Um dia, fui preso na estalagem do Bezerro de Ouro, na estrada de Libourne, e conduzido à presença da rainha.

- E ali chegou a acordo com ela, não foi assim?

- Senhora - respondeu Cauvignac - um bravo,

176

dotado de alguma sensibilidade, nem sempre pode resistir à delicadeza com que um soberano o sabe atacar. Eu tinha o coração magoado: fora repellido por um partido em que me lançara às cegas, com todo o ardor, e toda a boa fé da mocidade. Compareci ante a rainha entre dois soldados prontos a matar-me. Esperava recriminações, ultrajes, a morte (porque, na realidade, eu servia, pelo menos de intenção, a causa dos senhores príncipes); porém, precisamente ao contrário do que esperava, em lugar de me castigar, privando-me da liberdade, enviando-me para alguma prisão, fazendo-me subir ao cadafalso - aquela grande princesa disse-me: " - Bravo mancebo extraviado, eu posso, com uma palavra, mandar cortar-te a cabeça. Porém, tu bem o vês, foram ingratos contigo; aqui, ser-te-ão reconhecidos. Em nome de Santa Ana, minha protectora, serás doravante incluído entre os meus. Senhores - continuou ela, dirigindo-se aos meus guardas - respeitem este oficial, porque faço justiça aos seus merecimentos, e o nomeio vosso chefe. E a si - ajuntou ela, voltando-se para mim - faço-o governador de Branne. Aqui está como se vinga uma rainha da França." Que podia eu responder?... - prosseguiu Cauvignac, regressando ao seu tom de voz e aos seus gestos naturais, depois de ter imitado, de um modo meio cómico, meio sentimental, a voz e os gestos de Ana da Áustria. - Nada. Estava ferido nas minhas mais queridas esperanças; estava ferido no meu zelo extremoso e gratuito, que pusera aos pés de Vossa Alteza, a quem, e com que satisfação o recordo, tivera a ventura de prestar um leve serviço em Chantilly. Fiz como Coriolano: entrei na tenda dos Volscos. Este discurso, pronunciado com voz dramática, e

177

rematado com um gesto majestoso, produziu muito efeito nos circunstantes. Cauvignac percebeu qual o seu triunfo, ao ver a princesa empalidecer de furor.

- Mas enfim, senhor, a quem é fiel, então? - perguntou ela.

- Aos que saibam apreciar a correcção do meu procedimento - respondeu Cauvignac.

- Muito bem, é meu prisioneiro!

- Tenho essa honra, senhora; porém, espero que me trate como cavalheiro. Sou seu prisioneiro, na verdade, mas sem ter combatido contra Vossa Alteza; ia para o meu governo com a minha bagagem, quando deparei com um destacamento dos seus soldados, que me aprisionou. Não procurei ocultar nem o meu posto, nem o meu partido. Torno a repetir; peço, pois, que me tratem, não somente como cavalheiro, mas como oficial superior.

- Assim se fará, senhor - respondeu a princesa. - Terá a cidade por prisão; somente, jurará pela sua honra que não tentará passar dos respectivos muros.

- Jurarei, senhora, tudo o que Vossa Alteza quizer. -Muito bem; Lenet, dite a este senhor a fórmula do seu juramento.

Lenet ditou os termos do juramento que Cauvignac devia proferir. Este, levantou a mão, e jurou solenemente que não sairia da cidade sem que a princesa o houvesse desobrigado do juramento.

- Agora, retire-se - disse a princesa. - Confiamos na sua lealdade de cavalheiro, e na sua honra de soldado.

Cauvignac não esperou que lho dissessem duas vezes. Saudou, e saiu; porém, ao sair, teve tempo para ver um gesto do conselheiro, que queria dizer: "Senhora, ele tem

178

razão, nós é que somos os culpados: eis o resultado da poupança, em política."

O facto é que Lenet, apreciador de todos os méritos, reconheceu toda a finura do carácter de Cauvignac, e, justamente porque não fora de forma alguma iludido pelas razões especiais que ele dera, admirava como o prisioneiro saíra de uma das mais falsas posições em que um trânsfuga podia ter-se envolvido.

Quanto a Cauvignac, descia a escada muito pensativo, passando a mão pela barba, e dizendo consigo.

"Vejamos: agora, o essencial seria tornar a vender-lhes por cem mil francos os meus cento e cinquenta homens, o que é possível, visto que o honrado e inteligente Ferguzon obteve liberdade completa, para ele e para os seus. Portanto, mais tarde ou mais cedo se me oferecerá uma ocasião oportuna, decerto. Vamos lá, vamos lá... Vejo que, deixando-me apanhar, não fiz assim tão mau negócio como a princípio julguei."

XVII

RECUEMOS agora um pouco, e encaminhemos a atenção dos nossos leitores para os acontecimentos que se haviam verificado em Vayres acontecimentos que por enquanto só vagamente são conhecidos.

Depois de diversos assaltos, tanto mais terríveis quanto o general das tropas reais sacrificava mais homens para perder menos tempo, os entrincheiramentos haviam sido tomados; porém, os bravos defensores daqueles entrincheiramentos, depois de disputado o terreno palmo a palmo, depois de terem juncado o campo de batalha com mortos, retiraram-se

através do caminho oculto, e estabeleceram-se em Vayres. Ora, o senhor de Meilleraye não podia ignorar que, se havia perdido quinhentos ou seiscentos homens para tomar um insignificante baluarte de terra, guarnecido por uma paliçada, teria de perder seis vezes mais, para conquistar um forte rodeado de boas muralhas e defendido por um homem cuja ciência estratégica e valor militar tivera ocasião de apreciar à sua custa.

181

Estava, pois, decidido a fazer um assédio formal, quando se avistou a vanguarda do exército do duque d'Épernon, que vinha juntar-se ao exército do senhor de Meilleraye. junção que duplicava as forças reais, o que mudou inteiramente o cariz das coisas. Com vinte e quatro mil homens, tenta-se o que se não ousa com doze mil. Assim, foi decidido que no dia seguinte se desse o assalto.

Com a interrupção dos trabalhos de entrincheiramento, com as novas disposições que se tomavam, e sobretudo perante o reforço chegado, Richon reconheceu que a intenção dos sitiados era apertá-lo sem descanso. E, prevendo um assalto para o dia seguinte, reuniu a sua gente, a fim de julgar do estado dos espíritos, do que, aliás, nenhum motivo tinha para desconfiar dado o modo como se haviam portado na defesa dos primeiros entrincheiramentos.

Por esse mesmo motivo, foi grande o seu espanto quando viu a nova atitude da guarnição. A sua gente lançava olhares sombrios e inquietos ao exército real, e uns murmúrios surdos partiam das fileiras.

Richon não suportava gracejos na turma, e mormente gracejos dessa natureza.

- Eh lá! Quem tem o atrevimento de abrir a boca!?... - disse ele, voltando-se para o lado de onde o ruído de desaprovação era mais distinto.

- Eu - respondeu um soldado mais afoito do que os outros.

- Tu?!

- Sim, eu.

- Então vem cá, e responde. O soldado saiu da fileira, e aproximou-se do seu chefe.

182

- Que te falta, de que te queixas? - perguntou Richon, cruzando os braços e cravando os olhos no amotinador.

- O que me falta?...

- Sim o que te falta? Tens a tua ração de pão?...

- Sim, senhor comandante.

- A tua ração de carne?...

- Sim, senhor comandante.

- A tua ração de vinho?...

- Sim, senhor comandante.

- Estás mal alojado? -Não, senhor. -Tens o pré em dia?

- Sim, senhor.

- Então fala: que desejas, que queres, e que significam estes murmúrios?

- Significam que combatemos contra o nosso rei, o que é muito duro, para soldados franceses.

- Então choras pelo serviço de Sua Majestade?

- Choro, sim.

- E desejas ir ler com o teu rei?

- Sim - disse o soldado, que, enganado pela serenidade de Richon, pensava

que o assunto terminaria pela sua simples exclusão das fileiras dos Conde.

- Muito bem - disse Richon, segurando o homem pelo boldrié. - Como, porém, fechei as portas, será preciso tomares o único caminho que te resta...

- Qual? - perguntou o soldado, espantado.

- Este - disse Richon, levantando-o com o seu braço de Hércules, e arremessando-o por cima do parapeito.

O soldado deu uma guinada, e foi cair no fosso, que, por felicidade sua, estava cheio de água.

183

Este acto de vigor foi recebido com um profundo silêncio. Richon julgou ter apaziguado a sedição, e, como jogador que arrisca tudo por tudo, voltou-se para a sua gente.

- Agora - disse ele - se há aqui algum partidário do rei, que mo diga, e sairá como quiser.

Uns cem homens clamaram:

- Sim! sim! somos partidários do rei, e queremos sair!...

- Ah!...-exclamou Richon, vendo que já não era uma opinião parcial, mas uma revolta geral que se manifestava. - Ah! isso é outra coisa... Julgava não ter diante de mim senão um amotinador, e vejo que tenho de me haver com quinhentos cobardes.

Richon fizera mal em acusar a generalidade: cerca de cem homens, somente, tinham falado; os demais nada haviam dito. Porém, incluídos na acusação de cobardia, também murmuravam por seu turno.

- Vejamos - disse Richon - não falemos todos juntos; um oficial (se algum oficial há que consinta em faltar ao seu juramento) que fale por todos; e esse, juro-o, poderá falar impunemente.

Ferguzon deu então um passo para fora da fileira, e, saudando o comandante com refinada política, afirmou:

- Senhor comandante, ouviu o voto da guarnição; combate contra Sua Majestade, contra o nosso rei; ora, a maior parte de nós não estava prevenida de que era para fazer a guerra a semelhante inimigo que nos alistavam. Alguns dos bravos aqui presentes, violentados deste modo nas suas opiniões, poderiam, no meio do assalto, enganar-se na direcção das suas espingardas, e

184

alojar-lhe uma bala na cabeça. Porém, nós somos verdadeiros soldados, e não cobardes, ao contrário do que, sem razão, acaba de dizer. Esta é a opinião dos meus companheiros, e a minha, e que lhe expomos respeitosamente/ Restitua-nos ao rei, se não quer que o façamos de nosso motu próprio.

Este discurso foi recebido com um estrondoso aplauso geral, que provava que a opinião manifestada pelo tenente era, senão a de toda a guarnição, "pelo menos a da maior parte dela. Richon reconheceu que estava perdido.

- Não posso defender-me só - disse ele - e não quero render-me; visto que os meus soldados me abandonaram, que alguém negoceie em nome deles, como entender, e como eles entenderem; porém, esse alguém não hei-de ser eu. Contanto que os bravos que se me mantiverem fiéis (se os há) conservem a vida, é tudo quanto desejo. Vejamos: quem há-de ser o negociador?

- Eu, senhor comandante, se estiver de acordo, e se os meus companheiros me honrarem com a respectiva confiança.

- Sim, sim! O tenente Ferguzon, o tenente Ferguzon! - gritaram quinhentas

vozes, no meio das quais se distinguiram as de Barrabás e de Garrotei.
- Será, pois, o senhor - disse Richon. - Tem liberdade para entrar e sair de Vayres quando quiser.
- Não tem quaisquer instruções particulares que me dê, senhor comandante?
- perguntou Ferguzon.
- A liberdade para a minha gente.
- E para si?
- Nada.
Uma tal abnegação teria chamado ao seu dever homens

185

desencaminhados; porém, estes não estavam somente desencaminhados: estavam vendidos.
- Sim! sim! a liberdade para nós! - gritaram eles.
- Sossegue, senhor comandante - disse Ferguzon. - Não me esquecerei de si na capitulação.
Richon sorriu tristemente, encolhendo os ombros; entrou nos seus aposentos, e fechou-se no seu quarto.
Ferguzon foi ter no mesmo instante com os realistas. Porém, o senhor de Meilleraye nada quis fazer sem autorização da rainha; ora, a rainha saíra da pequena casa de Nanon para não ser testemunha, como ela mesma dissera, da vergonha do exército, e retirara-se para os Paços do Conselho de Libourne. Deixou, pois, Ferguzon guardado por dois soldados, montou a cavalo, e correu a Libourne. Encontrou o senhor Mazarino, ao qual julgou anunciar uma grande novidade; porém, ao ouvir as primeiras palavras do marechal, o ministro deteve-o com o seu habitual sorriso:
- Sabemos de tudo - disse ele. - O negócio arranjou-se ontem à noite. Arranje um acordo com o tenente Ferguzon, mas não vos obrigue a coisa alguma relativamente ao senhor, a menos que de palavra.
- Como!? Senão de palavra?!...-estranhou o marechal. - Mas, quando eu tiver dado a minha palavra, penso que vale tanto como um escrito!..
- Não se preocupe com isso, senhor marechal; eu recebi de Sua Santidade indulgências particulares, em virtude das quais me é permitido desobrigar as pessoas dos juramentos que tiverem dado.
- É possível - replicou o marechal. - Mas essas indulgências não dizem respeito aos marechais da França.

186

Mazarino sorriu, fazendo sinal ao marechal que podia voltar para o acampamento.
O marechal regressou, resmungando. Entregou a Ferguzon um salvo-conduto por escrito, para ele e para a sua gente, e, quanto a Richon, empenhou a sua palavra.
Ferguzon voltou para o forte, que abandonou com os seus companheiros uma hora antes do amanhecer, depois de ter comunicado a Richon a promessa verbal do marechal. Duas horas depois, quando Richon avistava já das suas janelas o reforço que lhe trazia Ravailly, entraram no seu quarto e prenderam-no, em nome da rainha.
No primeiro momento, uma viva satisfação se manifestou no semblante do bravo comandante. Se ficasse livre, a princesa de Conde podia desconfiar da sua fidelidade; preso, a prisão respondia por ele.
Por causa desta esperança, em vez de sair com os outros, deixara-se ficar.
Não se contentaram, contudo, em tirar-lhe a espada, como ao princípio supusera. Depois de desarmado, quatro homens, que o esperavam à porta,

lançaram-se sobre ele, e prenderam-lhe as mãos atrás das costas. Richon não opôs a este indigno tratamento senão a serenidade e a resignação de um mártir. Era uma daquelas almas de têmpera rija, ascendentes de heróis populares dos séculos XVIII e XIX. Richon foi conduzido a Libourne, e levado à presença da rainha, que o mediu arrogantemente com os olhos; à presença do rei, que o esmagou com um olhar feroz; e à presença do senhor Mazarino, que lhe disse:
- Jogou muito forte, senhor Richon!...

187

- Perdi, não é verdade, senhor? Agora, resta saber o que esteve em jogo.
- Receio que tenha jogado a sua cabeça - disse Mazarino.
- Mandem dizer ao senhor d'Épernon que o rei quer vê-lo - disse Ana de Áustria. - Quanto a este homem... espera aqui a respectiva sentença. E, retirando-se com um soberbo desdém, saiu do quarto, dando a mão ao rei, seguida pelo senhor Mazarino e pelos cortesãos; O senhor d'Épernon tinha, com efeito, chegado havia uma hora; porém, como verdadeiro velho enamorado, a sua primeira visita fora para Nanon. Soubera, no fundo da Guiena, a bela defesa que fizera Canolles na Ilha de São Jorge; e, como homem sempre cheio de confiança na sua amada, dava os parabéns a Nanon acerca da conduta do irmão, cuja fisionomia - dizia ele, com ingenuidade - não anunciava, todavia, nem tanta nobreza nem tanto valor. Nanon tinha mais que fazer do que rir interiormente da mistificação. Tratava-se, naquele momento, não somente da sua própria felicidade, mas também da liberdade do seu amante. Amava tão apaixonadamente Canolles, que não podia acreditar que fosse capaz de uma perfídia, apesar de esta ideia ter surgido muitas vezes no seu espírito. Não vira, no cuidado que ele tivera em afastá-la, senão uma terna solicitude; julgando que ficava prisioneiro, só cedera à força; lamentava-o, e só aspirava ao momento em que, graças ao senhor d'Épernon, o pudesse libertar. Eis a razão pela qual, em dez cartas que escrevera ao

188

querido duque, apressara o regresso deste, com todo o seu poder. Finalmente, o duque chegara, e Nanon apresentara-lhe a sua súplica em favor do suposto irmão, que ela desejava quanto antes arrancar das mãos dos inimigos, ou, para melhor dizer, das da senhora de Cambes, visto julgar que Canolles, na realidade, não corria outro risco para além de cada vez ficar mais enamorado da viscondessa. Ora, este perigo era para Nanon um perigo capital. Pedia, pois, de mãos juntas, ao senhor d'Épernon, a liberdade do irmão.
- A ocasião para isso é muito oportuna - respondeu o duque. - Acabo de saber, neste mesmo instante, que o governador de Vayres se deixou apanhar. Ora, assim sendo, trocar-se-á pelo bravo Canolles.
- Oh! - exclamou Nanon. - Eis uma graça que vem do céu, meu querido duque!
- Ama então muito, a esse irmão, Nanon?...
- Oh! mais do que a minha vida!
- É estranho que nunca me tivesse falado nele, antes daquele célebre dia em que tive a loucura...
- Então, senhor duque?... - interrompeu Nanon. - Então, mando o governador de Vayres à princesa de Conde, que em troca nos mandará Canolles; isto todos os dias acontece, na guerra; é uma troca, pura e simples.

- Sim; mas a princesa de Conde não dará mais valor ao senhor de Canolles do que a um simples oficial?...

- Pois, em tal caso, em lugar de um oficial, mandar-se-lhe-ão dois, mandar-se-lhe-ão três; arranjar-se-á tudo, enfim, de maneira que fique contente. Que quer mais, minha querida?... E quando o nosso bravo comandante

189

da Ilha de São Jorge entrar em Libourne, recebê-lo-emos em triunfo.

Nanon não cabia em si de contente. Recuperar Canolles era o sonho ardente de todas as suas horas. Quanto ao que diria o senhor d'Épemon, quando visse quem era aquele Canolles, pouco cuidado lhe dava. Uma vez que Canolles estivesse salvo, ela confessaria que era sua amante: di-lo-ia em voz alta, di-lo-ia a toda a gente!

As coisas estavam neste pé, quando o mensageiro da rainha entrou.

- Veja - disse o duque - que tudo lhe sai às mil maravilhas, querida Nanon; vou ter com Sua Majestade, e trarei ordem para a troca.

- De maneira que meu irmão poderá chegar aqui...? -Talvez amanhã - disse o duque. -Vá então! - exclamou Nanon. - E não perca um instante. Oh! amanhã!... - acrescentou ela, levantando os braços ao céu, com uma admirável expressão de súplica. - Amanhã!... Deus o queira!

"Oh! que coração!..." - disse consigo o duque d'Éper-non, à saída.

Quando o duque d'Épernon entrou na câmara da rainha, Ana de Áustria, vermelha de cólera, mordida os grossos lábios, que faziam a admiração dos cortesãos, justamente porque era a parte defeituosa do seu rosto. O senhor d'Épernon, homem galante e habituado ao sorriso das damas, foi recebido como um bordelês revoltado.

O duque olhou a rainha com espanto; esta, não tinha correspondido à sua cortesia, e, de sobranceiras franzidas, olhava para ele do alto da sua majestade real.

- Ah! é você, senhor duque... - disse ela, finalmente,

190

depois de um momento de silêncio. - Venha cá, quero dar-lhe os meus cumprimentos acerca do modo como faz as nomeações para os cargos do seu governo.

- Então que fiz eu, senhora? - perguntou o duque, admirado. - Que aconteceu?

- Aconteceu que fez governador de Vayres um homem que abre fogo de artilharia contra o rei; nada mais.

- Eu, senhora?! - exclamou o duque. - Mas, Vossa Majestade está decerto enganada! Não fui eu quem nomeou o governador de Vayres... a não ser que tal acontecesse sem que eu o soubesse...

D'Épernon não asseverava absolutamente, porque a sua consciência o não autorizava a manter ser ele só quem fazia nomeações.

- Ah! esta é nova! - respondeu a rainha. - O senhor Richon não foi, se calhar, nomeado por si...

E carregou com profunda maldade naquelas duas palavras. O duque, que conhecia o talento de Nanon para escolher os homens próprios para os empregos, sossegou logo.

- Não me lembro de ter nomeado o senhor Richon - disse ele. - Porém, se o nomeei, o senhor Richon deve ser um bom servidor do rei.

- Com efeito - disse a rainha - o senhor Richon, na sua opinião, é um bom servidor do rei... Maldito seja o servidor que em menos de três dias nos mata quinhentos homens!

- Senhora - disse o duque, inquieto - se assim é, devo confessar que sou culpado. Porém, antes que eu seja condenado, deixe-me ver a prova de que fui eu quem o nomeou. E essa prova, eu a vou buscar.

191

A rainha fez um movimento para deter o duque; porém, logo se arrependeu.

- Vá - disse ela. - E quando tiver trazido a sua prova, apresentar-lhe-ei a que eu tenho.

O senhor d'Épernon saiu apressado, e, sem parar, foi ter a casa de Nanon.

- Então? - perguntou-lhe ela.-Traz a ordem para a troca, meu querido duque?...

- Não é disso que se trata, agora! - respondeu o duque. - A rainha está furiosa...

- E qual é a razão para o furor de Sua Majestade?

- Que a Nanon, ou eu, nomeámos o senhor Richon governador de Vayres, e esse governador, que se defendeu como um leão, segundo parece, acaba de nos matar quinhentos homens.

- O senhor Richon?!... - repetiu Nanon. - Não o conheço!

- Nem eu tão-pouco; os diabos me levem se o conheço! -Nesse caso, diga positivamente à rainha que está enganada.

- Mas não estará você, talvez, enganada? Vejamos.

- Espere; nada quero ter que me repreenda, e vou confirmar-lho.

E Nanon, entrando no seu gabinete de trabalho, consultou o livro na letra R, e achou-o virgem de qualquer patente dada a Richon.

- Pode asseverar à rainha - disse ela, voltando - que está perfeitamente enganada.

O senhor d'Épernon foi num instante da casa de Nanon aos Paços do Concelho.

- Senhora - disse ele, entrando desassombradamente

192

na câmara da rainha - estou inocente do crime que me imputam. A nomeação do senhor Richon é obra dos ministros de Vossa Majestade.

- Então, os meus ministros assinam d'Épernon?... - replicou com azedume a rainha.

- Como assim!?

- É como lhe digo, visto que a sua assinatura está aposta no fim da patente do senhor Richon.

- É impossível, senhora - respondeu o duque, no tom frouxo do homem que principia a duvidar de si mesmo.

A rainha encolheu os ombros. -É impossível?...-disse ela. - Ora, então leia.

E pegou numa patente abandonada em cima da mesa, e sobre a qual tinha posto a mão.

O senhor d'Épernon pegou na patente, correu por ela avidamente os olhos, examinando cada dobra do papel, cada palavra, cada letra, e ficou consternado: uma terrível recordação sobreveio.

- Poderei eu ver esse tal Richon? - perguntou.

- Nada mais fácil - respondeu a rainha. - Ordenei que ficasse no quarto imediato, para lhe dar essa satisfação.

Depois, voltando-se para os guardas que esperavam as suas ordens, à porta:

- Tragam aqui esse miserável - disse ela.

Os guardas saíram, e, passado um instante, trouxeram Richon, com as mãos

amarradas e a cabeça coberta. O duque aproximou-se dele, e lançou um olhar ao prisioneiro, que este recebeu com a sua habitual dignidade. Como tinha o chapéu na cabeça, um dos guardas atirou-lho ao chão com as costas da mão.

193

Este insulto não provocou o menor movimento da parte do governador de Vayres.

- Ponham-lhe um capote sobre os ombros e uma máscara no rosto - disse o duque - e dêem-me uma vela acesa.

Obedeceram logo às duas primeiras ordens. A rainha olhava, atônita, para estes singulares preparativos. O duque andava à roda do Richon mascarado, olhando para ele com a maior atenção, esforçando-se por apelar para todas as suas lembranças, e parecendo duvidar ainda.

- Tragam a vela que pedi - disse ele. - Esta prova desvanecerá todas as minhas dúvidas.

Trouxeram a vela. O duque chegou a patente à luz, e, com o calor da chama, uma cruz, feita com tinta imperceptível sob a assinatura, apareceu no papel.

Ao ver isto, a fronte do duque serenou, e exclamou:

- Senhora, esta patente é assinada por mim, realmente. Porém, não foi nem para o senhor Richon nem para ninguém; foi-me extorquida quase à força. Antes, todavia, de entregar a minha assinatura em branco, havia decalcado no papel a marca que Vossa Majestade aqui pode ver, e que serve de prova clara contra o culpado. Veja!

A rainha pegou avidamente no papel, e olhou para o sinal que o duque lhe apontava com o dedo.

- Não posso entender uma só palavra da acusação que acaba de me fazer - exclamou muito ingenuamente Richon.

- Como!? - exclamou o duque. - Não será o homem mascarado a quem entreguei este papel no rio Dordonha?!...

- Nunca falei a Vossa Senhoria, até hoje, e nunca

194

estive mascarado no rio Dordonha - respondeu friamente Richon.

- Se não foi você foi um homem enviado por si que ali foi em seu lugar.

- De nada me serviria ocultar a verdade - disse Richon, sempre com a mesma serenidade. - A patente que aí tem, senhor duque, recebi-a da senhora princesa de Conde, das próprias mãos do duque de Rochefoucauld; o senhor Lenet, cuja escrita talvez conheça, foi quem nela escreveu o meu nome e apelido. Como este documento foi parar às mãos da senhora princesa, como o senhor de Rochefoucauld estava de posse dele, em que lugar o meu nome e apelido foram escritos pelo senhor Lenet neste papel - são coisas que pouco me importam, nem me devem importar.

- Ah, é essa a sua opinião?...-perguntou o duque, em tom chocarreiro.

E, aproximando-se da rainha, contou-lhe em voz baixa uma história, que ela ouviu muito atentamente. Era a manobra Cauvignac, e a aventura do rio Dordonha; porém, como a rainha era mulher, compreendeu perfeitamente o impulso ciumento do duque.

Depois, quando ele acabou.

- É uma infâmia, para juntar a uma alta traição - disse ele. - Nisto, está tudo dito. Quem não hesitou em fazer fogo contra o seu rei, podia muito bem vender o segredo de uma mulher.

"Que diabo estão eles dizendo?..." - cogitou consigo Richon, franzindo as sobrancelhas, pois, não ouvindo o suficiente para compreender a conversa,

ouvira, contudo, o bastante para adivinhar que a sua honra estava

195

comprometida. Além disso, os olhos cintilantes do duque e da rainha, não lhe prometiam nada de bom, e, ainda que o comandante de Vayres fosse muito bravo, esta dupla ameaça não deixava de inquietá-lo, apesar de ser impossível distinguir no seu rosto, armado de uma altiva serenidade, o que se passava no seu coração.

- É preciso processá-lo - disse a rainha. - Convoquemos um Conselho de Guerra. Será o presidente, senhor duque. Escolha, pois, os seus acesores, e não percamos tempo.

- Senhora - interrompeu Richon - é escusado convocar o Conselho, pois não posso ser processado. Sou prisioneiro sob palavra, e quem me deu foi o senhor marechal de Meilleraye; sou prisioneiro voluntário, e a prova disso é que podia sair de Vayres com os meus soldados; e que podia fugir antes ou depois da sua saída, e não o fiz.

- Não entendo nada desses negócios - voltou a rainha, levantando-se para entrar na sala contígua. - Se tem boas razões, alegá-las-á aos juizes. Não estará à vontade neste caso, para tomar a presidência, senhor duque?

- Estou muito bem, senhora - respondeu este.

E, no mesmo instante, escolhendo doze oficiais dos que se encontravam na antecâmara, constituiu o Tribunal.

Richon principiava a compreender; os juizes improvisados foram ocupar os seus lugares; depois, o relator perguntou-lhe o nome, o apelido, e a sua qualidade.

Richon respondeu a estas três perguntas. - É acusado de alta traição por ter feito fogo contra os soldados do rei - disse o relator. - Confessa ser culpado deste crime?

196

- Negar, seria negar a evidência; sim, senhor, fiz fogo contra os soldados do rei.

- Em virtude de que direito?

- Em virtude do direito de guerra, em virtude do mesmo direito que invocaram em iguais circunstâncias o senhor de Conti, o senhor de Beaufort, o senhor de Elboeuf, e muitos outros.

- Esse direito não existe, senhor, porque esse direito não é mais do que uma rebelião.

- Todavia, foi em virtude desse direito que o meu tenente assinou uma capitulação. Invoco essa capitulação.

- Capitulação?! - exclamou d'Épernon, com ironia, porque sabia que a rainha escutava, e a sua sombra lhe ditava esta palavra insultuosa, capitulação. - Negociou com um marechal da França?!...

- Porque não?... - respondeu Richon - visto que esse marechal de França negociava comigo...

- Então, apresente essa capitulação, e julgaremos qual seja o seu valor.

- É uma convenção verbal.

- Apresente as suas testemunhas.

- Só tenho uma que possa apresentar-vos. - Qual é?

- O próprio marechal.

- Chamem o marechal - disse o duque.

- É inútil - cortou a rainha, abrindo a porta por detrás da qual estava escutando. - Há duas horas que o senhor marechal partiu; marcha sobre Bordéus com a nossa vanguarda. E tornou a fechar a porta.

Esta aparição gelou todos os corações, porque impunha aos juizes a obrigação de condenar Richon. O prisioneiro sorriu amargamente.

- Ah! - disse ele - eis como o senhor de Meilleraye respeita a sua palavra!... Tem razão, senhor - acrescentou, voltando-se para o duque d'Épernon - fiz mal em negociar com um marechal da França.

A partir desse momento, Richon não disse nem mais uma palavra; para tudo olhou com desprezo, e a todas as perguntas que lhe fizeram não respondeu absolutamente nada.

Isto simplificava tanto o processo que as demais formalidades foram preenchidas no espaço de uma hora. Escreveu-se pouco e falou-se ainda menos. O relator condenou-o à morte, e a um sinal que fez o duque d'Épernon, os juizes votaram por unanimidade a pena de morte.

Richon ouviu esta sentença como se fora simples espectador, e, sempre impassível e mudo, foi entregue desde logo ao preboste do exército.

Quanto ao duque d'Épernon, foi ter com a rainha, a quem encontrou de excelente humor, e que o convidou a jantar. O duque, que entendia ter caído em desagrado, aceitou o convite, e passou por casa de Nanon para lhe dar parte da ventura que tinha de estar, afinal, na graça da sua soberana.

Encontrou-a sentada numa cadeira, junto de uma janela que dava para a praça pública de Libourne.

- Então - disse-lhe ela - descobriu alguma coisa?

- Descobri tudo - disse o duque.

- É possível!?... - disse Nanon, com inquietação.

- Sim, não há dúvida! Não se lembra daquela calúnia

em que tive a loucura de acreditar, aquela denúncia a respeito dos seus amores com o seu irmão?...

- Sim, sim; e depois?

- Não se lembra da assinatura em branco que me pediam?...

- Sim, senhor; e que mais?

- O delator caiu-me nas mãos, minha querida; foi colhido nas redes da sua assinatura em branco, como uma raposa no laço!

- Palavra!?... - disse Nanon, espantada, porque ela sabia que o delator era Cauvignac, e, apesar de não ter muito affecto pelo verdadeiro irmão, não desejava que lhe acontecesse alguma desgraça; além disso, aquele irmão podia, para se salvar, dizer uma infinidade de coisas que Nanon tinha todo o interesse em manter em segredo.

- Ele mesmo, minha querida! - continuou d'Épernon.

- Que lhe parece semelhante aventura? Aquele patife, com o auxílio da minha assinatura em branco, tinha-se nomeado, por sua própria autoridade, governador de Vayres; porém Vayres foi tomada, e o culpado está nas nossas mãos.

Todos estes pormenores encaixavam tão bem nas imaginosas maquinações de Cauvignac, que Nanon sentiu duplicar o seu susto.

- E esse homem...-disse ela, com voz perturbada

- que fez dele?

- Ah! pela minha fé! - disse o duque. - Vai ver o que fizemos dele... Sim

- continuou, pondo-se de pé - a coisa vem muito a propósito; levante a cortina, ou abra francamente a janela. É na realidade um inimigo do rei, e podemos muito bem vê-lo ser enforcado.

- Enforcado?! - exclamou Nanon; - que diz, senhor duque!? Enforcar o homem da assinatura em branco?!...

- Sim, minha querida. Não vê lá na praça, atado àquela trave, uma corda que bamboleia, e o tropel de gente que vem correndo?... Olhe, olhe! não vê os fuzileiros que vão levando um homem, lá em baixo, à esquerda?... Olhe: eis o rei que chega à janela.

O coração de Nanon palpitava com tal violência no seu peito, que parecia subir-lhe até à garganta: vira, contudo, num relance de olhos, que o homem que conduziam não era Cauvignac.

- Vamos, vamos - disse o duque - o senhor Richon será enforcado, e isto lhe ensinará a não caluniar as mulheres.

- Mas... - exclamou Nanon, pegando na mão do duque, e reunindo todas as suas forças - mas aquele infeliz não é culpado! Talvez seja um bravo soldado, talvez seja um homem honrado... e talvez que assassinem um inocente!

- Não, não! está muito enganada, minha rica; ele é um falsário e um caluniador. Além disso, mesmo que fosse apenas o governador de Vayres, nem por isso deixaria de ser réu de alta traição; e parece-me que ainda que não tivesse outro crime, este seria mais do que suficiente.

- Mas não tinha ele recebido a palavra do senhor de Meilleraye?...

- Assim o disse, mas não o acreditaram.

- Como é possível que o marechal não desse esclarecimento algum ao tribunal acerca de um ponto tão importante?!

200

- Tinha partido duas horas antes de o acusado comparecer perante os juizes.

- Oh! meu Deus, meu Deus, senhor! Alguma coisa me diz que aquele homem é inocente... - exclamou Nanon - e que a sua morte fará a nossa desgraça. Ah! senhor, pelo santo nome de Deus! O senhor, que é poderoso, que diz que nada me recusa, conceda-me o perdão daquele homem!

- Não é possível, minha querida; a própria rainha o condenou, e onde ela está, já não tenho poder algum.

Nanon soltou um suspiro que parecia um gemido.

Nesse momento, Richon tinha chegado à praça; conduziram-no, sereno e silencioso, até à trave de onde pendia a corda; haviam colocado ali uma escada; Richon subiu-a com passo firme, dominando com a sua nobre cabeça toda aquela multidão, sobre a qual lançava um olhar armado de um frio desprezo. Então, o preboste passou-lhe o laço pelo pescoço, e o pregoeiro gritou em voz alta que o rei mandava justicar "o senhor Estêvão Richon, falsário, traidor e vilão".

- Chegámos a um tempo - disse Richon - em que na França mais vale ser vilão, como eu sou, do que marechal.

Mal havia proferido estas palavras, quando lhe faltou o degrau debaixo dos pés, e o seu corpo, todo palpitante, balanceou sob a trave fatal.

Um movimento geral de terror dispersou a multidão, sem que se ouvisse um só grito de Viva o rei!, apesar de toda a gente ainda estar a ver as duas majestades à janela. Nanon cobriu o rosto com as mãos, e fugiu para o fundo do quarto.

201

- Ora, ora - disse o duque. - Apesar do que possa pensar disto, querida Nanon, creio que a execução servirá de exemplo; e quando virem em Bordéus que lhes enforcamos os governadores, tenho curiosidade de saber o que

eles farão.

Com a ideia do que podiam fazer, Nanon abriu a boca para falar: porém, só pôde dar um grito terrível, levantando as mãos ao céu, como para lhe pedir que permitisse que não fosse vingada a morte de Richon; depois, como se todas as molas da vida se tivessem despedaçado, caiu desamparadamente no chão.

- Então!? Então!? - exclamou o duque - que tem, Nanon!? É possível que se aflija desta maneira por ter visto enforcar um vilão?! Vamos, querida Nanon, levante-se; sossegue! Mas... Deus me perdoe!... Ela perdeu os sentidos!... E dizem os agenenses(1) que é insensível... Eh lá! acuda aqui alguém! tragam saís! Socorro! água fria!

E o duque, vendo que ninguém acudia aos seus gritos, saiu a correr em busca do que inutilmente pedia aos criados, que não podiam ouvi-lo, sem dúvida, pois estavam ainda ocupados com o espectáculo com que a régia generosidade acabava de gratuitamente regalá-los...

(1) De Agenais, na Guiana francesa, departamento de Lot-en Qaronne.

XVIII

ENQUANTO se desenrolava em Libourne o terrível drama que acabámos de referir, a senhora de Cambes, sentada a uma mesa de carvalho com pés retorcidos, tendo defronte de si Pompeu, que fazia uma espécie de inventário da sua fortuna, escrevia Canolles a seguinte carta:

Ainda um novo adiamento, meu amigo. No momento em que ia pronunciar o seu nome à senhora princesa, e pedir o consentimento dela para a nossa união, chegou a notícia da tomada de Vayres, que me gelou as palavras nos lábios; eu, porém, sei quanto deve sofrer, e não tenho forças para suportar ao mesmo tempo a sua dor e a minha. Os êxitos ou os reveses desta guerra fatal podem levar-nos muito longe, se não nos decidirmos a forçar as circunstâncias... Amanhã, meu amigo, amanhã às sete horas da tarde, serei sua esposa.

Eis o plano de acção que lhe peço que queira adoptar: é de suma urgência que o siga pontualmente.

203

Passará, depois do jantar, por casa da senhora Lalasne, a qual, desde que lhe foi apresentado, faz, bem como a irmã, muito caso de si. Jogar-se-á: jogue como os outros. Todavia, não se comprometa a ficar para a ceia. Faça mais: ao pôr-do-sol, afaste os seus amigos, se algum se mantiver junto de si. Depois, quando estiver absolutamente só, verá entrar um mensageiro (não sei ainda quem será), que chamará pelo seu nome, como se algum assunto exigisse a sua presença; seja como for, siga-o confiadamente, porque ele vai da minha parte, e a sua missão será conduzi-lo à capela, onde estarei à sua espera.

Bem gostaria eu que fosse na igreja dos Carmelitas, já que tem para mim tão doces recordações; porém, ainda não me atrevo a acreditar em tal coisa. Contudo, assim terá de acontecer, se consentirem em fechar a igreja por nossa causa.

Enquanto não chega a hora, faça da minha carta o que faz da minha mão, quando me esqueço de a tirar de entre as suas. Hoje, digo-lhe até amanhã; amanhã, dir-lhe-ei até sempre!

Canolles estava num dos seus momentos de misantropia, quando recebeu esta carta; durante todo o dia anterior, e naquela mesma manhã, nem sequer vira a senhora de Cambes, apesar de ter passado, nas últimas vinte e quatro horas, talvez umas dez vezes sob as suas janelas. Então, a reacção

habitual operava-se na alma do apaixonado mancebo. Acusava a viscondessa de garridice, duvidava

204

do seu amor; ressurgiam, a seu pesar, as saudades de Nanon, tão boa, tão extremosa e tão ardente, que quase se gloriava daquele amor de que Clara parecia envergonhar-se; e o seu pobre coração suspirava entre o amor satisfeito, que não podia apagar-se, e aquele amor feito desejo, que não podia satisfazer-se; a carta da viscondessa veio decidir tudo a seu favor.

Canolles leu e tornou a ler a carta; como bem imaginara Clara, beijou-a vinte vezes, como teria feito com a mão dela. Reflectindo nisto, Canolles não podia dissimular que o amor que tinha à viscondessa era e fora o mais sério da sua vida. Com as outras mulheres, esse sentimento sempre tomara outro aspecto, e, sobretudo, outro desenvolvimento. Canolles representara junto delas o seu papel de homem de boa estrela, tomara a posição de vencedor, e quase que reservava para si o direito de ser inconstante. Com a senhora de Cambes, pelo contrário, era ele quem se sentia subjugado por uma força superior, contra a qual nem sequer reagia, porque sentia que tal escravidão lhe era mais doce do que fora outrora o seu poder. Só nesses momentos de desalento concebia algumas dúvidas acerca da veracidade da afeição de Clara; nessas horas em que o coração entra em si mesmo, e aprofunda as suas dores com o pensamento, confessava, sem sequer se envergonhar de semelhante franqueza (a qual um ano antes teria considerado indigna de uma alma grande...), que perder a senhora de Cambes seria para ele uma calamidade insuportável.

Porém, amá-la, ser amado por ela, possuí-la de coração e alma, possuí-la em toda a independência do seu porvir, visto que a viscondessa nem sequer exigia dele o

205

sacrifício das suas tendências ao partido da princesa, e só queria o seu amor; vir a ser o mais feliz e o mais rico oficial do exército do rei (porque, enfim! para que se há-de esquecer a riqueza?... A riqueza não estraga coisa alguma); ficar no serviço de Sua Majestade, se recompensasse dignamente a sua fidelidade; deixá-lo, como muitas vezes acontece, se o rei lhe correspondesse com ingratidão - não era essa, na verdade, uma ventura maior, mais soberba, se assim se pode dizer, do que aquela a que, nos seus mais doces sonhos, jamais ousara aspirar?

Mas, e Nanon?...

Ah!... Nanon era o remorso surdo e pungente que se conserva no fundo das almas nobres! Só nos corações vulgares é que não faz eco a dor que esse remorso causa. Nanon, pobre Nanon! O que faria, o que diria, o que seria dela, quando recebesse a terrível notícia de que o amante era marido de outra?... Ah! ela não se vingaria, apesar de ter nas suas mãos todos os meios para se vingar, e este pensamento era o que mais mortificava Canolles. Ah! se ao menos Nanon tentasse uma vingança... (e mesmo que se vingasse fosse de que maneira fosse)... o infiel só veria nela uma inimiga, e isto, ao menos, livrá-lo-ia dos seus remorsos.

Contudo, Nanon não respondera à carta em que lhe dissera que não lhe escrevesse mais. Como justificar que ela tivesse seguido tão escrupulosamente as suas instruções? Se Nanon tivesse querido, teria na verdade encontrado processo para fazer passar dez cartas. Nanon não tentara, pois, corresponder-se com ele. Ah! se Nanon o não amasse já!...

E a fronte de Canolles enrugou-se com a hipótese de ser possível que Nanon já não o amasse. É cruel, encontrar assim, o egoísmo do orgulho, até no mais nobre coração.

Por felicidade, Canolles tinha um meio de esquecer tudo: ler e reler a carta da senhora de Cambes; leu-a e releu-a, e o meio de que se valeu surtiu efeito. O nosso enamorado conseguiu, pois, esquecer tudo o que não era a sua própria felicidade. E, para desde logo obedecer à amada, que lhe ordenava que fosse a casa da senhora Lalasne, procurou tornar-se elegante, o que não era difícil, em virtude da sua mocidade, da sua graça e do seu bom gosto; depois, encaminhou-se para a casa do presidente, no momento em que davam duas horas.

Canolles estava tão embrenhado na sua ventura, que, passando pelo cais, não viu o seu amigo Ravailly que, de bordo de um bote que se vinha aproximando à força de remos, lhe fazia muitos sinais. Os namorados, nos seus momentos de felicidade, caminham com passo tão ligeiro que parecem não tocar a terra. Canolles estava já longe, pois, quando Ravailly desembarcou.

Apenas saltou em terra, deu algumas ordens em voz baixa aos homens do bote, e correu rapidamente para o alojamento da princesa de Conde.

A princesa estava à mesa quando sentiu um certo rumor na antecâmara; perguntou que bulha era aquela, e responderam-lhe que era o barão de Ravailly, que ela enviara ao senhor de Meilleraye, e que chegava naquele mesmo instante.

- Senhora - disse Lenet - parece-me que seria bom que Vossa Alteza o recebesse sem mais demora; sejam quais forem as notícias que traga, são importantes.

A princesa fez um sinal, e Ravailly entrou; porém, estava tão pálido, e era tal a alteração que se lhe notava no rosto, que a princesa desde logo desconfiou que tinha diante dos olhos um mensageiro de desgraça.

- Então que nos diz, capitão? - perguntou ela. - Que aconteceu de novo?

- Desculpe-me, senhora, de me apresentar deste modo diante de Vossa Alteza; porém, julguei que a notícia de que sou portador não podia sofrer demora.

- Fale: avistou-se com o marechal?

- O marechal recusou receber-me, senhora.

- O marechal recusou receber o meu enviado?! - exclamou a princesa.

- Oh! senhora, e isto ainda não é nada. -Então que mais temos? Fale, fale!

- Aquele pobre Richon...

- Bem sei, bem sei: prisioneiro... visto que eu o enviara para tratar do resgate...

- Por maior diligência que fizesse, cheguei demasiado tarde.

- Como? Demasiado tarde?!... - exclamou Lenet. - Ter-lhe-ia acontecido alguma desgraça?...

- Está morto!

- Está morto?! - repetiu a princesa.

- Processaram-no, como traidor: foi condenado e executado.

- Condenado?! Executado?! Ah! ouve, senhora?... - disse Lenet, consternado. - Eu bem lho dizia!...

- E quem o condenou? Quem teve semelhante atrevimento?

- Um tribunal presidido pelo duque d'Épernon; ou,

para melhor dizer: pela própria rainha. E não se contentaram com a morte, quiseram a difamação.

- É possível?! Richon!...

- Enforcado, senhora, enforcado como um ladrão, como um assassino! Vi o corpo dele, na Praça de Libourne.

A princesa levantou-se da cadeira como se uma invisível mola a fizesse mover. Lenet deu um grito doloroso. A senhora de Cambes, que se levantara, tornou a cair na sua cadeira levando a mão ao coração, como se faz quando se recebe uma ferida profunda; tinha desmaiado.

- Levem daqui a viscondessa - disse o duque de Rochefoucauld. - Não temos vagar neste momento para nos ocuparmos dos desmaios das senhoras.

Duas damas levaram a viscondessa.

- Eis uma declaração de guerra muito áspera - disse o duque, impassível.

- É uma infâmia! - exclamou a princesa.

- É uma ferocidade - lamentou Lenet.

- É falta de política - continuou o duque.

- Oh! mas espero que nos havemos de vingar! - exclamou a princesa; - e há-de ser cruelmente!

- Eu cá tenho o meu plano - exclamou a senhora Tourville, que ainda não tinha dito nada. - Represálias, senhora, represálias!

- Devagar, senhora - disse Lenet. - Não se apresse tanto! A coisa é bastante grave, e digna de toda a ponderação.

- Não, senhor, muito pelo contrário: devemos desde logo ocupar-nos disso - respondeu a senhora Tourville. - Quanto mais o rei se apressou a ferir, tanto mais

prontamente lhe devemos responder, dando sem a mínima tardança um golpe semelhante.

- Ah, senhora - exclamou Lenet - fala em derramar sangue como se fosse rainha da França! Ao menos, espere, para dar a sua opinião, que Sua Alteza lhe peça.

- A senhora tem razão - disse o capitão das guardas. - Represálias, é a lei da guerra.

- Prestem atenção - disse o duque de Rochefoucauld, sempre sereno e impassível - que não devemos perder, como já fizemos, o tempo com palavras. A notícia vai circular pela cidade, e dentro de uma hora não poderemos já dominar os acontecimentos, nem as paixões, nem os homens. A primeira coisa de que Vossa Alteza deve cuidar é tomar uma atitude bastante firme, para que a julguem inabalável.

- Pois bem - disse a princesa. - Confio-lhe esse cuidado, senhor duque, e dou-lhe plena liberdade para vingar a minha honra e as suas afeições; porquanto, antes de entrar no meu serviço, Richon teria estado ao seu; de si o recebi, e deu-mo, mais como um dos seus amigos, do que como um dos seus servos.

- Pode ficar descansada, senhora - respondeu o duque, inclinando-se - lembrar-me-ei do que devo, tanto a si como a mim, e ao pobre finado.

E, aproximando-se do capitão das guardas, falou-lhe muito tempo em voz baixa, enquanto a princesa ia saindo, acompanhada pela senhora Tourville, e seguida de Lenet, que exprimia paixão e dor, comprimindo o peito com a mão.

A viscondessa estava à porta. Ao recobrar o uso dos sentidos, a sua primeira ideia fora voltar para a princesa

de Conde; encontrou-a no seu caminho; porém, com um semblante tão severo, que não se atreveu a falar-lhe pessoalmente.

- Oh! meu Deus! meu Deus! que vão fazer? - exclamou timidamente a viscondessa, levantando as mãos ao céu.

- Vão vingar-se - respondeu a senhora Tourville, com majestade.

- Vingar-se?! E como? - perguntou Clara. A senhora Tourville foi passando, sem se dignar responder; não pensava senão em vingar-se.

- Vingar-se?!...-repetiu Clara. - Oh, senhor Lenet! Que querem dizer com isso?

- Senhora - respondeu Lenet - se tem alguma influência sobre o espírito da princesa, valha-se dele, a fim de que se não cometa algum horrível assassinio a pretexto de represálias.

E continuou o seu caminho, por seu turno, deixando Clara muito assustada. Com efeito, por uma daquelas intuições singulares que fazem acreditar nos pressentimentos, o nome de Canolles apresentara-se logo dolorosamente ao espírito da jovem senhora. Ouviu no seu coração, como que uma voz triste que lhe falava daquele amigo ausente, e, recolhendo-se ao seu quarto com uma precipitação furiosa, principiou a preparar-se para ir ao sítio aprazado, quando reflectiu que o encontro não devia ter lugar senão três ou quatro horas mais tarde.

Todavia, Canolles tinha-se apresentado em casa da senhora Lalasne, segundo a recomendação que lhe fora feita pela viscondessa. Era o dia dos anos do presidente.

e faziam-lhe uma espécie de festa. Como se estava no mais belo tempo do ano, toda a sociedade escolhera o jardim, onde se ordenara um jogo de argolinha num grande tabuleiro de relva. Canolles era dotado de extrema destreza e suma graça; tomou parte no jogo, e, graças às suas habilidades, alcançou constantemente a vitória.

As senhoras riam da inépcia dos rivais de Canolles, e admiravam a habilidade deste; a cada vantagem que alcançava, ouviam-se prolongados vivas, tremulavam os lenços no ar, e pouco faltou para que os ramalhetes não lhes escapassem das mãos e fossem cair aos pés do cativo.

Este triunfo não era bastante para desviar do espírito de Canolles o pensamento que o preocupava, mas enchia-se de paciência. Por muita pressa que tenhamos de chegar ao fim, sofremos resignados as demoras da nossa marcha, quando estas demoras são ovações.

Todavia, à medida que a hora esperada se ia aproximando, os olhos do mancebo voltavam-se mais frequentemente para a cancela pela qual entravam e saíam os convidados, e pela qual devia, naturalmente, aparecer o enviado prometido.

Repentinamente, e quando Canolles se felicitava por não ter já de esperar, segundo toda a probabilidade, senão bem pouco tempo, um rumor singular espalhou-se naquela alegre multidão. Canolles observou que se formavam grupos aqui e além, que falavam em voz baixa e o contemplavam com interesse singular, e que parecia ter alguma coisa de doloroso; ao princípio, atribuiu este interesse à sua pessoa, à sua destreza, envaidecendo-se daquelas atenções, cuja verdadeira causa bem longe estava de suspeitar.

Principiou, contudo, a observar, como já dissemos, que havia alguma coisa

de doloroso naquela atenção de que era objecto; aproximou-se, sorrindo, de um dos grupos; as pessoas que o compunham queriam sorrir, porém, no seu aspecto, era visível uma certa perturbação; os que não conversavam com Canolles afastavam-se.

Canolles voltou-se, e viu que pouco a pouco cada um deles ia desaparecendo. Dir-se-ia que uma notícia fatal, que gelara toda a gente de terror, se espalhara de repente por todos os que ali estavam. Atrás dele, passava e tornava a passar o presidente Lalasne, que, com uma das mãos debaixo da barba e a outra ao peito, passeava com ar lúgubre. A presidente, dando a sua irmã o braço, e aproveitando um momento em que ninguém podia ouvi-la, deu um passo para Canolles, e, sem dirigir a palavra a ninguém, disse num tom que lançou na alma do mancebo:

- Se eu fosse prisioneiro de guerra, ainda que sob palavra, com receio de que não cumprissem comigo a palavra dada, montaria num bom cavalo, chegaria ao rio, daria dez, vinte, ou cem luíses, se tanto fosse preciso, a um barqueiro, e pôr-me-ia a salvo...

Canolles olhou para as mulheres com espanto, e as duas mulheres fizeram ao mesmo tempo uma demonstração de terror, que para ele foi incompreensível. Aproximou-se delas com grande ansiedade, para tentar obter a explicação para as palavras que acabavam de pronunciar; porém, elas fugiram como se fossem fantasmas, uma pondo o dedo na boca, a fazer-lhe sinal que se calasse, e a outra, levantando o braço para lhe indicar que fugisse.

213

Nesse momento, o nome de Canolks ressoou na cancela.

- O senhor barão de Canolles está aqui? - perguntou uma voz forte.

- Sou eu - exclamou Canolles, esquecendo-se de tudo para somente se recordar da promessa de Clara - sou eu próprio.

- É com efeito o senhor de Canolles?... - disse então uma espécie de esbirro, franqueando o limiar da cancela, fora da qual se conservara até ao momento.

- Sim, senhor.

- O governador da Ilha de São Jorge? - Sim.

- O ex-capitão do regimento de Navailles?

- Exactamente.

O esbirro voltou-se, fez um sinal, e quatro soldados escondidos atrás de uma sege adiantaram-se no mesmo instante. A própria sege tanto se aproximou, que o seu degrau tocava no lumiar da cancela; o esbirro convidou Canolles a que entrasse nela. O mancebo olhou em torno de si, estava absolutamente só; somente viu, ao longe, no meio das árvores, semelhantes a duas sombras, a senhora Lalasne e a irmã, que, encostadas uma à outra, pareciam olhar para ele com ar de compaixão.

"Na verdade - dizia ele consigo - não compreendo nada do que se passa... A senhora de Cambes escolheu na realidade uma singular escolta! Mas - ajuntou, sorrindo do seu próprio pensamento - não sejamos tão difíceis de contentar quanto à escolha dos meios."

- Estamos à sua espera, senhor comandante - disse o esbirro.

214

- Perdoem, senhores - disse Canolles. - Cá vou eu.

E meteu-se na sege. O esbirro e dois soldados entraram também. Um, junto do cocheiro, e outro, atrás. E a pesada máquina partiu com a velocidade que podiam tirar os dois vigorosos cavalos.

Tudo isso parecia singular, e principiava a dar que pensar a Canolles; e,

por isso, voltando-se para o esbirro :

- Senhor - disse ele - agora que estamos sós, pode dizer-me para onde me leva?

- Em primeiro lugar, para a prisão, senhor comandante- respondeu aquele a quem fizera a pergunta. Canolles olhou para o homem, com espanto.

- Como?... Eu, para a prisão?!... Não vêm da parte de uma mulher?...

- Vimos, senhor.

- E essa mulher não é a viscondessa de Cambes?... -Não, senhor: é a senhora princesa de Conde.

- A senhora princesa de Conde?! - exclamou Canolles.

- Pobre mancebo!... - disse uma mulher que passava; e fez o sinal da cruz.

Canolles sentiu correr-lhe pelas veias um agudo calafrio.

Mais longe, um homem que corria com um chuço na mão, parou vendo a carruagem e os soldados. Canolles inclinou-se para fora, e sem dúvida aquele homem o reconheceu, porque lhe mostrou o punho fechado com uma expressão ameaçadora e furiosa.

- Parece-me que a gente da vossa cidade está doida... - disse Canolles, querendo ainda gracejar. - Como é possível que de uma hora para outra eu me tenha tornado objecto de compaixão ou de ódio, para que uns se compadeçam de mim, e outros me ameacem?...

215

- Ah, senhor! - respondeu o esbirro - os que se compadecem de si não deixam de ter razão, e os que o ameaçam, talvez a tenham também.

- Enfim, se eu pelo menos pudesse compreender alguma coisa... - disse Canolles.

- Em breve compreenderá, senhor - respondeu o esbirro.

Chegaram à porta da prisão, e fizeram apeiar Canolles, no meio da multidão que principiava a juntar-se. A única diferença que houve, foi que, em vez de o levarem para o quarto que habitualmente ocupava, o fizeram entrar numa masmorra cheia de guardas.

"Vejam... preciso saber a quantas ando" - cogitou Canolles.

E, tirando dois luíses da algibeira, chegou-se a um soldado, e meteu-lhos na mão.

O soldado hesitou em recebê-los.

- Toma, meu amigo - disse Canolles - pois a pergunta que te vou fazer em nada te compromete.

- Então fale, senhor comandante - respondeu o soldado, metendo primeiramente os dois luíses na algibeira.

- Ora bem: eu desejava saber a causa da minha súbita prisão.

- Parece - respondeu o soldado - que ignora a morte daquele pobre senhor Richon...

- Richon morreu?! - exclamou Canolles, dando um grito de profunda dor (pois muito bem nos devemos lembrar da amizade que os unia).-Tê-lo-ão morto?!... Oh meu Deus!...

- Não, senhor comandante: foi enforcado.

- Enforcado?! - murmurou Canolles, empalidecendo.

216

levantando as mãos ao céu, e, olhando para o sinistro aparato que o rodeava, e para a catadura dos seus guardas. -Enforcado?! oh! para longe tal ideia!... Esse é um acontecimento que poderá muito bem adiar indefinidamente o meu casamento.

XIX

A senhora de Cambes acabara de vestir-se; o traje era simples, e elegante. Depois, colocou sobre os ombros uma espécie de capa, e fez sinal a Pompeu para que seguisse adiante dela. Era quase noite, e, pensando que chamaria menos as atenções indo a pé, do que de carruagem, dera ordem ao cocheiro para que a fosse esperar à saída da igreja dos Carmelitas, junto de uma capela, onde conseguira licença para se casarem. Pompeu desceu a escada, e a viscondessa foi-lhe no encalço. Estas funções de explorador recordavam ao velho soldado a famosa patrulha que fizera na véspera da batalha de Corbie.

No fundo da escada, e quando a viscondessa passava próximo da sala, onde havia grande tumulto, encontrou a senhora Tourville, que guiava o duque de Rochefoucauld para o gabinete da princesa, questionando ao mesmo tempo com ele.

- Oh! pelo amor de Deus, senhora! uma palavra! - disse ela. - Que se resolveu?

- O meu plano foi aceite - exclamou a senhora Tourville, triunfante.

219

- E qual é o seu plano, senhora? Eu nada sei dele. -Represálias, minha rica, represálias.

- Perdoe, senhora... Tenho a desgracia de não estar tão familiarizada como a senhora com os termos da guerra: que entende pela palavra represálias?

- Nada mais simples minha querida... -Mas, enfim, explique-se.

- Enforcaram um oficial do exército dos senhores príncipes, não é assim?...

- Sim; e depois?

- Depois, há-de buscar-se em Bordéus um oficial do exército real, e havemos de o enforcar.

- Oh! meu Deus! - exclamou Clara, aterrada - que diz, senhora?

- Senhor duque - continuou a senhora Tourville, sem dar mostras de reparar no terror da viscondessa - não foi já preso o governador que comandava São Jorge?...

- Foi, sim, minha senhora - respondeu o duque.

- O senhor de Canolles está preso?!... - exclamou Clara.

- Está, sim - disse friamente o duque. - O senhor de Canolles está preso, ou sê-lo-á em breve; a ordem foi dada na minha presença, e vi partir os homens que foram encarregados da execução.

- Então, sabia-se onde ele estava? - perguntou Clara, dando um profundo suspiro.

- Estava no jardim do senhor Lalasne, onde muito se distinguia, segundo me disseram, no jogo da argolinha.

Clara deu um grito; a senhora Tourville voltou-se, espantada, e o duque olhou para a jovem viscondessa com um sorriso imperceptível.

220

- O senhor Canolles está preso?! - replicou Clara. - Mas que fez ele, meu Deus!? E que pode haver de comum entre ele e o horrível caso que tanto nos desgosta?...

- O que pode haver de comum?... Tudo minha rica. Não é um governador, como Richon?...

Clara quis falar, porém, o coração apertou-se-lhe de tal maneira, que a palavra se lhe gelou nos lábios. Pegando, todavia, no braço do duque, e olhando-o com terror, pôde por fim murmurar estas palavras:

- Oh! mas isto não deixa de ser algum fingimento, não é assim, senhor

duque?... uma manifestação, e nada mais. Nada se pode fazer, segundo me parece, nada se pode fazer a um prisioneiro a quem se aceitou a palavra...

- A Richon também, minha senhora, se tinha aceitado a palavra...

- Senhor duque, suplico-lhe...

- Deixe-se de súplicas, senhora, que são inúteis. Eu nada posso fazer neste assunto, o Conselho é que tem de decidir.

Clara largou o braço do senhor de Rochefoucauld, e foi direita ao gabinete da princesa de Conde. Lenet, pálido e agitado, andava a passos largos de um lado para o outro; a princesa de Conde conversava com o duque de Bouillon.

A senhora de Cambes foi entrando e chegou ao pé da princesa, ligeira e pálida como uma sombra.

- Oh, senhora! - disse ela - pelo santo nome de Deus! Rogo-lhe que me ouça duas palavras.

A- h, és tu, pequena? Agora não tenho tempo -

221

respondeu a princesa. - Mas depois do Conselho poderás dispor de mim.

- Senhora, senhora! É justamente antes do Conselho que tenho de lhe falar.

A princesa ia ceder, quando uma porta que estava em frente daquela por onde a viscondessa entrara se abriu, e o senhor de Rochefoucauld apareceu.

- Senhora - disse ele - o Conselho está reunido, e espera com impaciência por Vossa Alteza.

- Bem vê, pequena - disse a princesa de Conde - que não posso de modo algum atender-te agora; mas vem connosco ao Conselho, e quando tiver acabado, sairemos juntas e conversaremos.

Não lhe era possível insistir. Deslumbrada e fascinada pela espantosa rapidez com que se iam sucedendo os acontecimentos, a pobre senhora principiava a ter vertigens; interrogava todos os olhos, interpretava todos os gestos, sem nada ver, sem que a razão lhe fizesse compreender o assunto de que se tratava, sem conseguir tirar-se daquele medonho pesadelo.

A princesa encaminhou-se para o salão. Clara seguiu-a, maquinalmente, sem se aperceber que o senhor Lenet lhe tomara a mão entre as dele, mão que ela abandonava inerte, como se fosse a de um cadáver.

Quando entraram na sala do Conselho, eram pouco mais ou menos oito horas da tarde.

Tratava-se de um vasto salão, já de si lúgubre, porém mais lúgubre ainda pelas suas sombrias e pesadas tapeçarias. Uma espécie de estrado fora levantado entre as duas portas frontais às duas janelas, pelas quais penetravam as últimas claridades do dia. Sobre aquele estrado

222

havia duas poltronas, uma para a senhora de Conde, e a outra para o senhor duque de Enghien. De cada lado dessas poltronas, partia uma fileira de tamboretos destinados às senhoras que formava o Conselho privado de Sua Alteza. Todos os outros juizes deviam sentar-se em bancos ali colocados para esse efeito. O duque de Bouillon sentava-se ao lado da poltrona da princesa, e o duque de Rochefoucauld junto à do principzinho.

Lenet estava colocado em frente do secretário, e junto dele mantinha-se Clara, fora de si, em pé e toda trémula.

Introduziram seis oficiais do exército dos príncipes, seis membros da municipalidade, e seis jurados da cidade.

Todos tomaram lugar nos respectivos bancos.

Dois candelabros, cada um com três luzes, iluminavam a improvisada assembleia, colocados sobre uma mesa diante da princesa, alumando o grupo principal, enquanto os outros assistentes se confundiam insensivelmente na sombra, quanto mais se afastavam daquele fraco centro de luz.

Soldados do exército da princesa guardavam as portas, com alabardas nas mãos.

• Lá fora, ouvia-se sussurrar a estrepitosa multidão. O secretário fez a chamada.

Depois, o relator expôs a questão; referiu a tomada de Vayres, a palavra do senhor de Meilleraye, violada, e a infame morte de Richon.

Nesse momento, um oficial postado ali de propósito, e que de antemão tinha recebido instruções, abriu uma janela, e ouviu-se entrar um sussurro de vozes:

- Seja vingado o bravo Richon! Morram os mazarinos!

223

Assim se designavam os realistas.

- Bem ouvem - disse o senhor de Rochefoucauld - o que pede a voz do povo. Ora, no prazo de duas horas, ou o povo terá desprezado o nosso poder, e terá feito justiça por si mesmo, ou as represálias não serão já oportunas. Assim, decretemos, senhores, a nossa sentença, e sem demora.

A princesa levantou-se.

- E para que havemos de sentenciar? - exclamou ela. - De que servirá uma sentença, se acaba de a ouvir?...

E foi o povo de Bordéus quem a proferiu...

- Com efeito - disse a senhora Tourville - nada há mais simples do que este caso. É a pena de Talião, e nada mais. Estas coisas deveriam fazer-se, por assim dizer, por inspiração, e de preboste'a preboste, simplesmente.

Lenet não quis ouvir mais, e do lugar onde estava, arremessou-se para o meio do círculo.

- Senhora! - exclamou ele - peço-lhe que não solte uma só palavra mais, porque um tal parecer seria fatal, a prevalecer. Esquece-se de que a própria autoridade real, castigando como muito bem quis, isto é, de um modo infame, ao menos manteve o respeito pelas fórmulas jurídicas, e fez confirmar o castigo, justo ou injusto, por uma sentença dos juizes. Julga ter o direito de fazer o que não se atreveu a fazer o rei?...

- Oh! - disse a senhora Tourville - basta que eu dê um parecer, para que o senhor Lenet seja de opinião contrária... Desgraçadamente, o meu parecer, desta vez, está de acordo com o de Sua Alteza...

- Sim: desgraçadamente - disse Lenet. - Senhor!... - exclamou a princesa.

224

- Áii, senhora! - exortou Lenet - respeite ao menos as aparências; não terá de qualquer forma a liberdade de condenar?...

- O senhor Lenet tem razão - disse o duque de Rochefoucauld, compondo um ar severo. - A morte de um homem é assunto muito grave, sobretudo nestas circunstâncias, para que deixemos recair a responsabilidade sobre uma só cabeça, ainda que essa cabeça seja de uma princesa.

Depois, inclinando-se ao ouvido da princesa, a fim de que só o grupo dos íntimos pudesse ouvi-lo:

- Senhora - disse ele - escute o parecer de todos, e não siga, para proferir a sentença, senão o das pessoas em quem tem plena confiança. Deste modo, não teremos a recear sermos acusados de vingativos.

- Um momento, um momento! - interrompeu o senhor de Bouillon, apoiando-se no seu bordão, e levantando a sua perna gotosa. - Falou-se em desviar a responsabilidade da cabeça da princesa: eu não a recuso, mas quero que os outros nela participem, comigo. Nada desejo tanto, como continuar a ser rebelde, mas de companhia com a senhora princesa, de um lado, e o povo, do outro. Com todos os diabos! Não quero ver-me só em campo. Perdi a minha soberania de Sedan, por uma brincadeira deste género. Então, tinha uma cidade e uma cabeça. O cardeal Richelieu tomou a minha cidade; hoje só me resta a cabeça, e não quero que o cardeal Mazarino me a tome. Peço, portanto, por assessores, os senhores notáveis de Bordéus.

- Semelhantes assinaturas junto das nossas?! - murmurou a princesa. - Nada, nada!

225

- A cavilha segura a viga, senhora - respondeu o duque de Bouillon, a quem a conspiração contra Cinq-Mars tornara prudente para toda a vida.

- É este o vosso parecer, senhores?

- Sim - disse o duque de Rochefoucauld. - E você, Lenet?

- Senhora - respondeu Lenet - eu, felizmente, não sou príncipe, nem duque, nem oficial, nem jurado. Tenho, pois, o direito de me abster, e abstenho-me.

Então, a princesa levantou-se, convidando a junta que reunira a responder, por um acto enérgico, à provocação real. Apenas tinha acabado o seu discurso, quando a janela de novo se abriu, e se ouviu, pela segunda vez, penetrarem na sala do tribunal as mil vozes do povo:

- Viva a senhora princesa! Seja vingado Richon! Morram os epernonistas e os mazarinos!

A viscondessa de Cambes agarrou-se ao braço de Lenet.

- Senhor Lenet...-disse ela - eu morro!

- A senhora viscondessa de Cambes - disse este - pede a Sua Alteza licença para se retirar.

- Não! não! - disse Clara - eu quero...

- O seu lugar não é aqui, senhora - interrompeu Lenet. - Nada pode fazer em favor dele. Dar-lhe-ei conta de quanto se passa, e veremos o que poderá fazer-se para o salvar.

- A viscondessa pode retirar-se - disse a princesa. - As senhoras que não quiserem assistir a esta sessão, podem sair. Aqui só queremos homens.

Nenhuma das senhoras arredou pé: uma das aspirações eternas da metade do género humano destinada a seduzir, é ambicionar o exercício dos direitos da parte destinada

226

a comandar. Estas senhoras encontravam, tal como dissera a princesa, uma ocasião para fazer de homens em um momento; era uma circunstância demasiado feliz para que se não aproveitassem dela.

A senhora de Cambes saiu, amparada pelo senhor Lenet. Na escada, encontrou Pompeu, a quem ela mandara recolher informações.

- Senhor Lenet - disse Clara-já não tenho confiança senão em si, e esperança senão em Deus!

E entrou nos seus aposentos, desvairada.

- Que perguntas tenho a fazer àquele que vai aqui comparecer? -

perguntava a princesa, no momento em que Lenet regressava ao respectivo lugar, junto do secretário.- E sobre quem deve recair a sorte?

- Nada há de mais simples, senhora - respondeu o duque. - Temos cerca de trezentos prisioneiros, entre os quais dez ou doze oficiais: interroguemo-los somente acerca dos seus nomes e dos postos que têm no exército real; o primeiro que for conhecido por comandante de praça, como era o meu pobre Richon, seja esse considerado como designado pela sorte.

- É inútil, perdermos o nosso tempo a fazer perguntas a dez ou doze oficiais diferentes - disse a princesa.- Senhor secretário, tem o livro de registo: abra-o, e nomeie os prisioneiros de graduação igual à do senhor Richon.

- Só há dois, senhora - respondeu o secretário. - O governador da Ilha de São Jorge, e o governador de Branne.

- Temos dois, pronto-exclamou a princesa.-A sorte, como vêm, favoreceu-nos. Estão presos, Labussière?

227

- Sem dúvida, senhora - respondeu o capitão das guardas. - E ambos esperam na fortaleza a ordem de comparecer.

- Compareçam, pois - afirmou a senhora de Conde.

- Qual deles se há-de ir buscar? - perguntou Labussière.

- Que venham ambos - respondeu a princesa. - Porém, principiaremos pelo primeiro que foi feito prisioneiro, pelo governador de São Jorge.

XX

Ao silêncio de terror, perturbado apenas pelo ruído dos passos do capitão das guardas, que se ia afastando, e pelo sussurro continuado da multidão, seguiu-se a esta ordem, que ia lançar a rebelião dos príncipes numa senda mais terrível e mais perigosa do que aquela que até então haviam trilhado. Era, por meio de um só acto, pôr a princesa e os seus conselheiros, o exército, e, de certo modo, a cidade, fora de lei; era tornar responsável uma povoação inteira pelos interesses, e, sobretudo, pelas paixões de algumas pessoas; era fazer em ponto pequeno o que a Câmara Municipal de Paris fez a 2 de Setembro. Mas, como muito bem se sabe, a Câmara de Paris operava em ponto grande.

Nem um sopro se ouvia sussurrar na sala; todos os olhos estavam fixos na porta por onde devia entrar o prisioneiro. A princesa, para bem representar o seu papel de presidente, fingia folhear registos; o senhor de Roche-foucauld tomava uma atitude pensativa; o senhor de Bouillon conversava com a senhora Tourville acerca da sua gota, que muito o molestava.

229

Lenet aproximou-se da princesa para tentar o último esforço; não que tivesse alguma esperança, mas porque era um daqueles homens austeros, que cumprem um dever porque para eles é uma obrigação cumpri-lo.

- Medite bem, senhora - disse ele. - Veja o que arrisca, e que faz depender de um lance de dados o futuro da sua casa.

- Não há necessidade disso - volveu secamente a princesa.- Tenho toda a certeza de ganhar.

- Senhor duque - disse Lenet, voltando-se para Rochefoucauld - o senhor, que tão superior é às inteligências vulgares e às paixões humanas, não é verdade que aconselhará à moderação?...

- Senhor - respondeu hipocritamente o duque - estou neste mesmo instante debatendo isso com a minha razão.

- Discuta-a com a sua consciência, senhor duque - respondeu Lenet - e será muito melhor!

Nesse momento, ouviu-se um ruído surdo. Era a cancela, que tornava a fechar-se. -Esta bulha retumbou em todos os corações, visto que anunciava a chegada de um dos dois prisioneiros. Em breve se ouviriam alguns passos na escada, as alabardas ressoaram no pavimento de pedra, abriu-se a porta, e Canolles apareceu.

Nunca parecera tão elegante, nunca fora tão formoso. O seu rosto, onde reinava a serenidade, conservava a flor purpúrea da alegria e da tranquilidade. Caminhava com um passo ligeiro e sem afectação, como teria feito em casa do advogado Lavie ou do presidente Lallasne, e saudou respeitosamente a princesa e os duques.

A própria princesa ficou admirada com este perfeito

230

desembaraço e, durante um momento, pôs-se a considerar o mancebo. Finalmente, rompeu o silêncio.

- Aproxime-se, senhor - disse ela. Canolles obedeceu, e saudou segunda vez.

- Quem é o senhor?

- Sou o barão Luís de Canolles, senhora.

- Que posto tinha no exército real?

- O de tenente-coronel.

- Não era governador da Ilha de São Jorge? -Tive essa honra.

- O que diz é a pura verdade?

- Sim, senhora.

- Escreveu as perguntas e as respostas, senhor secretário?

O secretário, inclinando-se, fez um sinal afirmativo.

- Então, assine, senhor - disse a princesa. Canolles pegou na pena, como homem que não compreende o fim para que se lhe faz uma intimação, mas que obedece por acatamento à hierarquia da pessoa que lha faz; depois assinou, sorrindo.

- Muito bem, senhor - disse a princesa. - Agora, pode retirar-se.

Canolles saudou novamente os juizes, e retirou-se com a mesma franqueza e com a mesma graça, sem manifestar nem curiosidade nem espanto.

Apenas tornara a passar a porta, e esta se fechara sobre ele, a princesa logo se levantou.

- Então, senhores? - perguntou ela.

- Então, senhora... votemos! - disse o duque de Rochefoucauld.

231

- Votemos! - repetiu o duque de Bouillon. Depois, voltando-se para os jurados:

- Estes senhores quererão dar o seu parecer? - acrescentou ele.

- Depois de vós, senhora - respondeu um dos burgueses.

- Não, de modo nenhum antes de vós! - exclamou uma voz estrondosa.

Esta voz tinha um tal acento de firmeza, que causou espanto a toda a gente.

- Que quer isto dizer!? - perguntou a princesa, procurando reconhecer o rosto de quem acabava de falar.

- Isto quer dizer - exclamou um homem, levantando-se, para que não houvesse dúvida alguma acerca de quem tinha falado - que eu, André Lavie, advogado do rei, conselheiro no Parlamento, reclamo, em nome do rei, e sobretudo em nome da humanidade, privilégio e segurança para os prisioneiros detidos em Bordéus sobre palavra. Por consequência, eis as

minhas conclusões.

- Oh! oh! senhor advogado!... - disse a princesa, franzindo as sobrancelhas - nada de estilo forense diante de mim, porque não o entendo. O assunto em causa é um caso de sentimento, e não um miserável processo de trapaças. Suponho que cada um dos membros que compõem este tribunal não deixará de assim o compreender.

- Disse, e repito-o - afirmou Lavie, sem se perturbar com a apóstrofe da princesa. - Peço privilégio e segurança para os prisioneiros detidos sobre palavra. Isto não é estilo forense, é estilo do direito das gentes.

- E eu acrescento - exclamou Lenet - que Richon

232

foi ouvido antes de o matarem tão cruelmente, e que, por isso, também devemos ouvir os acusados.

- E eu - disse Espagnet, o chefe de burgueses que atacara São Jorge com o senhor de Rochefoucauld - que a cidade se revoltará.

Um sussurro de fora pareceu responder a esta asserção, e confirmá-la.

- Não percamos tempo - disse a princesa. - A que havemos de condenar o acusado?

- Os acusados, senhora - disseram algumas vozes - porque são dois.

- Não lhes basta um só?... - disse Lenet, sorrindo em tom de desprezo, ao ver este sanguinolento servilismo.

- Qual, então? - repetiram as mesmas vozes.

- O mais gordo, canibais! - exclamou Lavie. - Ah! queixam-se de uma injustiça, gritam que é um sacrilégio, e querem responder a um assassinio com duas mortes!... Bela reunião de filósofos e de soldados, que se confundem com matadores!...

Os olhos chamejantes da maior parte dos juizes pareciam prontos a fulminar o corajoso advogado do rei. A princesa de Conde levantara-se, e, apoiada em ambas as mãos, parecia interrogar com os olhos os circunstantes, para se certificar se as palavras que ouvira haviam sido na realidade proferidas, e se existia no mundo um homem assaz atrevido para dizer coisas semelhantes diante dela.

Lavie compreendeu que a sua presença tudo empeçonharia, e que a sua maneira de defender os acusados, em lugar de os salvar, os deitaria a perder. Resolveu, pois, retirar-se, mas retirar-se como juiz que se escusa, e não como soldado que foge.

233

- Em nome de Deus- disse ele - protesto contra o que querem fazer; em nome do rei, eu proíbo-o.

E, derrubando a sua poltrona com um gesto de cólera majestosa, saiu da sala, de cabeça levantada e passo firme, como homem a que dá vigor o cumprimento de um dever, e que pouco se inquieta com as desgraças que lhe possa acarretar um dever preenchido.

- Insolente!-murmurou a princesa.

- Bom, bom!... Deixemo-lo por ora - disseram algumas vozes. - Ao senhor Lavie também lhe há-de chegar a vez...

- Vamos à votação - responderam quase unanimemente os juizes.

- Mas - disse Lenet - porque se há-de votar sem primeiro ouvir os acusados?... Talvez que um deles pareça mais culpado do que o outro; talvez que baste uma só cabeça para satisfazer a vingança que querem fazer cair sobre duas.

Neste momento, ouviu-se girar a cancela pela segunda vez.

- Não interessa - disse a princesa - votaremos sobre os dois ao mesmo

tempo.

O tribunal, que já se levantara tumultuosamente, tornou a sentar-se. Novamente se ouviu o ruído dos passos e das alabardas, a porta abriu-se, e Cauvignac apareceu por seu turno.

O recém-chegado formava um notável contraste com Canolles; o seu traje, mal reparado ainda dos insultos da população, tinha conservado sinais de desordem, apesar do cuidado que tivera em os disfarçar. Os seus olhos dirigiram-se com viveza aos jurados, aos oficiais, aos duques,

234

e à princesa, volvendo-os em torno de si, e abrangendo com a vista todo o tribunal. Depois, com o ar matreiro de uma raposa, adiantou-se, sondando, por assim dizer, o terreno a cada passo que dava, com o ouvido atento, mas pálido e visivelmente inquieto.

- Vossa Alteza fez-me a honra de me chamar à sua presença?- disse ele, sem esperar que o interrogassem.

- Sim, senhor - respondeu a princesa. - Quis que me explicasse algumas coisas que lhe dizem respeito, e de que não estamos bem certos.

- Nesse caso - respondeu Cauvignac - aqui estou, senhora, pronto a responder ao favor que Vossa Alteza me fez.

E inclinou-se com o ar mais gracioso que pôde compor. Não deixava, porém, de ser visível que aquele ar era afectado.

- Isto não leva muito tempo - respondeu a princesa - sobretudo se responder de maneira positiva às perguntas que lhe fizerem.

- Cumpre-me fazer observar a Vossa Alteza - disse Cauvignac - que, sendo a pergunta sempre preparada de antemão, e a resposta não, é mais difícil responder do que interrogar.

- Oh! as nossas perguntas serão tão claras e tão explícitas, que lhe pouparemos todo o trabalho de reflexão. Como se chama?

- Eis justamente, senhora, logo para começar, uma pergunta bastante espinhosa...

- Como assim!?

- Acontece muitas vezes que temos dois nomes: o nome que recebemos da nossa família, e o nome que

235

recebemos de nós mesmos. Por exemplo: eu julguei dever deixar o meu primeiro nome para tomar outro menos conhecido. Qual destes dois quer que declare?

- Aquele com que se apresentou em Chantilly, aquele com que se obrigou a organizar uma companhia, aquele com que a recrutou, aquele, enfim, com que se vendeu ao senhor Mazarino.

- Perdoe, senhora - disse Cauvignac - mas parece-me que já tive a honra de responder vitoriosamente a todas essas perguntas na audiência que Vossa Alteza teve a graça de me conceder esta manhã.

- Por esse motivo só o interrogo agora sobre um ponto - disse a princesa, que principiava a impacientar-se. Só lhe pergunto o seu nome!

- Ora, pois, senhora, eis precisamente uma pergunta bastante espinhosa.

- Escreva: barão de Cauvignac - disse a princesa. O acusado não fez reclamação nenhuma, e o secretário escreveu.

- Agora, qual é a sua graduação? - interrogou a princesa. - Alegro-me por não ter dificuldade alguma em responder a esta pergunta...

- Pelo contrário, senhora, essa é precisamente uma pergunta que me parece das mais difíceis. Se me fala da minha graduação como sábio, sou bacharel

em Letras, licenciado em Direito, doutor em Teologia, e respondo, como Vossa Alteza vê, sem hesitar.

- Não, senhor: falamos da sua graduação militar, do seu posto.

- Ah!... então, acerca deste ponto, é-me impossível responder a Vossa Alteza.

236

- Então porquê!?

- Trate, senhor, de responder positivamente acerca deste ponto, porque eu mesma o exijo.

- Pois bem: primeiramente, fiz-me tenente por minha própria autoridade; porém, como não tinha o poder de assinar a minha patente, e nunca tive mais de seis homens às minhas ordens em todo o tempo que tive esse título, creio, com razão, que não tenho o direito de me dar por tal.

- Mas eu... eu nomeei-o capitão; portanto, é capitão!

- Ah! aí está justamente onde o meu embaraço é maior, e onde a minha consciência mais clama. Toda a patente militar do Estado, disto me convenci depois, deve emanar da vontade real, para ter validade. Ora, Vossa Alteza tinha, não há dúvida, o desejo de fazer-me capitão; mas creio que lhe faltava o direito. Nesse caso, parece-me que não sou mais capitão do que tenente.

- Isso pouco importa, senhor; mas suponhamos que não tinha sido feito tenente por si mesmo, nem capitão por mim (visto que nem o senhor nem eu tínhamos poderes para assinar uma patente). Ao menos, é governador de Branne. E como desta vez foi o rei quem assinou as suas credenciais, não contestará a validade do acto...

- Eis precisamente, senhora - respondeu Cauvignac - dos três postos o que é mais contestável.

- Como! ?... - exclamou a princesa.

- Fui nomeado, concordo, porém não cheguei a entrar em exercício. O que constitui o título? Não é a posse desse título, é o desempenho das respectivas funções. Ora, eu não exerci nenhuma das funções do título a que fui elevado; não pus os pés no lugar do meu governo;

237

não houve da minha parte princípio de execução; logo, não sou mais governador de Branne do que fora capitão antes de ser governador, e tenente antes de ser capitão.

- Contudo, senhor, foi encontrado a caminho de Branne...

- Não há dúvida; mas a cem passos do lugar onde fui preso, a estrada divide-se em duas. Um dos caminhos, vai a Branne; porém, o outro vai a Ison. Quem asseverará que eu não ia para Ison, em lugar de ir para Branne?...

- Muito bem - disse a princesa. - O tribunal apreciará a sua defesa; secretário, escreva "Governador de Branne".

- Não posso opor-me - disse Cauvignac - a que Vossa Alteza mande escrever o que lhe convier.

- Já escrevi, senhora - disse o secretário.

- Está bem. Agora, senhor - continuou a princesa, para Cauvignac - assine o seu interrogatório.

- Fá-lo-ia com o maior gosto, senhora - disse Cauvignac - e estimaria muito fazer alguma coisa que fosse do agrado de Vossa Alteza; porém, na luta que tive de sustentar esta manhã contra a população de Bordéus (luta de que Vossa Alteza tão generosamente me salvou pela intervenção dos seus mosqueteiros) tive a infelicidade de torcer o punho direito, e sempre me

foi impossível escrever com a mão esquerda.

- Mencione a recusa do acusado, senhor - disse a princesa ao secretário.

- A impossibilidade, senhor: escreva a impossibilidade - emendou Cauvignac. - Deus me livre de recusar alguma

coisa a uma tão grande princesa como é Vossa Alteza, se essa coisa estivesse em meu poder.

238

E Cauvignac, saudando com o mais profundo respeito, saiu acompanhado dos seus dois guardas.

- Parece-me que tem razão, senhor Lenet - disse o duque de Rochefoucauld - e que nós é que fizemos mal em aproveitarmos os serviços deste homem.

Lenet estava muito ocupado para responder. Desta vez, a sua costumada perspicácia tinha-o servido mal; esperava que Cauvignac chamasse sobre si toda a cólera do tribunal; porém, Cauvignac, com os seus eternos subterfúgios, divertira mais os juizes do que os irritara. O seu interrogatório não fizera mais do que destruir todo o efeito que produzira o de Canolles, se é que tinha produzido algum, e a nobreza, a franqueza, a lealdade, do primeiro prisioneiro, tinham, se assim se pode dizer, desaparecido submersas pelas astúcias do segundo. Cauvignac fizera esquecer todo o interesse que Canolles podia ter inspirado.

Eis a razão por que, quando votaram, a unanimidade dos votos foi pela pena de morte.

A princesa mandou verificar os votos, e, levantando-se, proferiu com solenidade a sentença que acabavam de dar.

Depois, cada um foi assinar no registo das deliberações. O duque de Enghien em primeiro lugar (pobre menino, que não sabia o que assinava, e cuja primeira assinatura ia custar a vida de um homem); depois, a princesa; após ela, os duques, as damas do conselho, os oficiais, e, por fim, os jurados; desta maneira, toda a gente tomara parte nas represálias. Nobreza, burguesia, exército e Parlamento. Seria preciso castigar toda a gente; ora, é bem sabido de todos que, quando é preciso castigar toda a gente, em geral não se castiga ninguém.

239

Depois de todos terem assinado, a princesa, que finalmente conseguira vingar-se, e cujo orgulho estava muito lisonjeado com esta vingança, foi ela mesmo a abrir a janela que já fora aberta duas vezes, e, cedendo às obrigações da popularidade, que muito desejava alcançar, disse em voz bem alta:

- Senhores bordeleses, Richon será vingado! E de um modo digno... Tenham confiança em nós.

Esta declaração foi recebida com uma estrondosa algazarra, e o povo espalhou-se pelas ruas, ditoso de antemão com o espectáculo que lhe prometia a palavra da princesa.

Porém, mal a senhora de Conde voltou para o seu gabinete com Lenet, que a seguia tristemente, esperando ainda fazê-la mudar de resolução, eis que a porta se abriu, e a senhora de Cambes, pálida e lacrimosa, foi prostrar-se aos seus joelhos.

- Oh, senhora! - disse ela - em nome do céu, ouça-me! Em nome do céu, não rejeite a minha súplica!

- Então que tens, minha filha!? - perguntou a princesa - porque choras desse modo!?

- Choro, senhora, porque soube que votaram pela morte, e que confirmou aquele voto; e, contudo, não pode mandar matar o senhor de Canolles.

- E por que razão, minha querida?... Não mandaram eles matar Richon?...
- Mas, senhora, não foi este mesmo senhor Canolles quem salvou a Vossa Alteza em Chantilly?...
- Acaso devo eu ficar-lhe obrigada por se haver deixado enganar pela nossa astúcia?...
- Senhora, aí está o erro: o senhor de Canolles não

240

foi enganado um só instante naquela situação. À primeira vista de olhos tinha-me reconhecido. -A ti, Clara?

- Sim, senhora. Nós tínhamos feito parte do caminho (juntos, o senhor de Canolles conhecia-me. Enfim, o senhor de Canolles estava enamorado de mim: e naquelas circunstâncias, senhora... talvez ele tenha agido mal, porém não lhe compete a si criticá-lo por tal motivo... naquelas circunstâncias sacrificou o dever ao amor. -Então é a ele que amas? - Sim, senhora - disse a viscondessa.
- Com ele é que vieste pedir-me licença para casares?
- Sim, senhora.
- Como assim?...
- Era o próprio senhor de Canolles - exclamou a viscondessa. - O senhor de Canolles que a mim se entregou em São Jorge, e que se não fora eu sepultar-se-ia com os soldados de Vossa Alteza debaixo das ruínas do forte, que pretendia atirar aos ares... O senhor de Canolles, finalmente, que podia fugir, e que me entregou a espada para se não separar de mim. Compreende, pois, que se ele morrer, é preciso que eu morra também, senhora, porque sou a causa da sua morte!
- Minha querida - disse a princesa, com uma certa comoção - repara que me pedes uma coisa impossível. Richon morreu, e é preciso que seja vingado! Tomou-se uma deliberação, cumpre que se execute; ainda que meu esposo me pedisse o que tu me pedes, recusar-lho-ia.
- Oh! infeliz, infeliz de mim! - exclamou a senhora de Cambes, caindo redonda no chão, e debulhando-se em lágrimas. - Fui eu quem perdeu o meu amante.

241

Então, Lenet, que ainda não tinha falado, aproximou-se da princesa.

- Senhora - disse ele - não lhe basta, pois, uma vítima, e quer duas cabeças para vingar a do senhor Richon.
- Ah! ah! - exclamou a princesa. - Senhor homem severo, isto quer dizer que me pede a vida de um e a morte de outro. É isso justo, diga-mo?
- Senhora; é justo, quando têm de morrer dois homens, que morra um só, se possível, na suposição de que uma boca possa ainda soprar a luz acesa pela mão de Deus. Além disso, se pode fazer-se uma escolha, é justo que o homem honrado seja salvo, de preferência ao intriguista. É preciso ser judeu para pôr em liberdade a Barrabás, e crucificar um Jesus...
- Oh! senhor Lenet, senhor Lenet - exclamou Clara - fale em meu favor, eu peço-lhe. É homem, e talvez
- o ouçam; senhora - continuou ela, voltando-se para a princesa - lembre-se que passei a minha vida ao serviço da sua causa.
- E eu também - disse Lenet. - E, contudo, por trinta anos de fidelidade, nada pedi ainda a Vossa Alteza; porém, nesta ocasião, se Vossa Alteza não tiver compaixão, pedir-lhe-ei em recompensa desses trinta anos de fidelidade, um só favor.
- Qual?
- O de permitir a minha demissão, senhora, a fim de ir lançar-me aos pés

do rei, a quem consagrarei o resto da minha existência, que eu fizera voto de empregar no serviço da sua causa.

- Ora, pois - exclamou a princesa, vencida por estes duplicados rogos - não me ameaces, meu velho amigo.

242

1

não chores, minha doce Clara, sosseguem ambos, por fim; um só morrerá, já que assim o querem, mas não me venham depois pedir a graça daquele que for destinado à morte. Clara tomou a mão da princesa, e cobriu-a de beijos.

- Oh! muito obrigada, muito obrigada, senhora - disse ela. - Desde este momento, a minha vida e a dele são suas.

- Procedendo assim, senhora - disse Lenet - será ao mesmo tempo justa e misericordiosa, o que, até agora, só foi privilégio de Deus.

- Oh! agora, senhora - exclamou Clara impaciente - posso ir vê-lo? Posso ir libertá-lo?

- Uma tal demonstração, neste momento, é impossível - disse a princesa. - Estragaria tudo. Deixemos os prisioneiros na prisão; far-se-ão sair ao mesmo tempo, um, para a liberdade, o outro, para a morte.

- Mas não posso eu ir vê-lo, sossegá-lo, consolá-lo ao menos? - perguntou Clara.

- Sossegá-lo, minha querida - disse a princesa - julgo que não tem o direito de fazê-lo: a população saberia qual fora a sentença, e faria comentários ao favor que lhe faço; não, impossível, contente-se em saber que está salvo. Eu anunciarei aos dois duques a minha decisão.

- Ora, pois, resigno-me. Muito obrigada, muito obrigada, senhora! - exclamou Clara.

E a senhora de Cambes retirou-se para chorar em liberdade e para agradecer a Deus, do íntimo do seu coração, que transbordava de alegria e de reconhecimento.

XXI

AMBOS os prisioneiros de guerra ocupavam quartos na mesma fortaleza. Estes dois quartos eram contíguos e térreos; porém, os quartos térreos das prisões podem passar por terceiros andares. As prisões não principiam como as outras casas, do solo para cima; têm, em geral, dois andares de masmorras subterrâneas.

Cada porta da prisão era guardada por um piquete de homens escolhidos entre os guardas da princesa; porém ia população, tendo visto aqueles preparativos que satisfaziam o seu desejo de vingança, fora-se pouco a pouco afastando das proximidades da prisão, para onde se dirigira quando soubera que Canolles e Cauvignac acabavam de ser para ali conduzidos. Então, os piquetes postados no corredor interior, mais para defender os prisioneiros contra o furor popular do que com receio de que se evadissem, afastaram-se.

- Com efeito, o povo, não tendo já nada que ver no lugar onde se achava, dirigira-se naturalmente para a praça central! As palavras lançadas do alto da sala do

245

Conselho à multidão, tinham-se no mesmo instante espalhado pela cidade; cada um comentava-as à sua maneira, porém, o que elas indicavam de mais claro, é que haveria algum terrível espectáculo naquela mesma noite, ou no dia seguinte o mais tardar; era um incentivo extra, para a população,

não saber precisamente o que devesse esperar daquele espectáculo, porque, assim, restava-lhe o atractivo do inesperado.

Artistas, burgueses, mulheres e crianças, corriam, pois, para as muralhas, e o luar não principiaria senão à meia-noite; muitos levavam um archote na mão. Por outro lado, quase todas as janelas estavam abertas e em muitas havia lanternas e lampiões, como é costume nos dias de festa. Contudo, a julgar pelo rosto espantado dos curiosos, pelas patrulhas a pé e a cavalo que umas às outras se iam sucedendo, fácil seria compreender não ser uma festa normal, a que se anunciava com tão lúgubres preparativos.

De vez em quando, gritos furiosos partiam dos grupos que se formavam com uma rapidez só possível por influência de certos acontecimentos. Esses gritos eram a repetição dos que, por duas ou três vezes, haviam penetrado no interior do tribunal.

- Morram os prisioneiros! Seja vingado Richon!

Tais gritos, os clarões e o estrépito de cavalos, arrancaram a senhora de Cambes à sua oração; chegara à janela e examinava com terror todas aquelas mulheres, de olhos furibundos, dando berros selvagens, que pareciam outras tantas feras lançadas num circo, chamando com os seus rugidos as vítimas humanas que hão-de devorar; perguntava a si mesma, como era possível que

246

tantos entes, a quem os dois prisioneiros nunca haviam feito mal algum, pedissem com tal encarniçamento a morte de ambos; e não sabia que explicação dar a si própria, pobre mulher, que das paixões humanas só conhecia as que agradam ao coração.

Da janela onde estava, para além das casas e dos jardins, a senhora de Cambes via aparecer o topo das altas e sombrias torres da fortaleza. No respectivo interior estava Canolles, e ali se fixavam especialmente os seus olhos. Contudo, não podia evitar que, de vez em quando, [se dirigissem esses olhos para a rua, e então via aquelas cataduras ameaçadoras, ouvia aqueles gritos de vingança, (e um frio de morte percorria-lhe as veias.

- Oh! - dizia ela - por mais que me proibam que o veja, tenho de arranjar processo de ir ter com ele. Poderia julgar que o esqueço, poderia acusar-me, poderia amaldiçoar-me. Oh! cada momento que passa sem que descubra o meio de sossegá-lo, parece-me uma traição; é impossível conservar-me nesta inacção, quando talvez me chama em seu auxílio. Oh! é preciso que o veja... Sim, mas como hei-de vê-lo? Oh! meu Deus! Quem me conduzirá àquela prisão? Qual o poder que me abrirá as portas? A senhora princesa recusou-me licença para lá entrar, mas acabava de conceder-me tanto, que bem podia fazer-me mais isso. Há guardas, há inimigos em volta daquela fortaleza; uma povoação inteira que ruge, fareja a carniça, e que não quer que lhe arranquem a presa; hão-de pensar que quero fazer com que fuja, e salvá-lo; oh! sim, salvá-lo-ia, se ele já não estivesse protegido pela palavra de Sua Alteza. Se lhes dissesse que quero simplesmente vê-lo, não acreditariam, e recusar-mo-iam. Além

247

disso, tentar semelhante empresa contra a vontade da senhora princesa, não seria arriscar-me a perder o favor conquistado? Não será expor-me a que ela se desligue da palavra que me deu? E, todavia, deixá-lo passar assim, em angústia, as longas horas da noite; oh! sinto por ele, e por

mim sobretudo: isso não é possível! Imploremos a Deus, e Deus talvez me inspire.

E então, a senhora de Cambes foi pela segunda vez ajoelhar-se diante do crucifixo, e rezou com um fervor que teria comovido a própria senhora princesa, se a tivesse podido ouvir.

- Oh! não irei lá, não irei lá - dizia a dama - pois compreendo perfeitamente que não é possível lá ir. Talvez que ele me acuse toda a noite... Porém, o dia de amanhã... sim, o dia de amanhã... não é verdade, meu Deus, que me absolverá junto dele?

Entretanto, o alarido, a exaltação da multidão, que ia sempre aumentando, os reflexos de uma luz sinistra que, como relâmpagos, penetrava e iluminava intervaladamente o seu quarto, que ficara na escuridão, causava-lhe um tal susto, que tapou os ouvidos com as mãos, e encostou os olhos cerrados à almofada do genuflexório.

Então, a porta abriu-se, sem que ela reparasse, e um homem entrou; parou um instante no limiar da porta, fixando nela um olhar de afectuosa compaixão, e, vendo estremecerem dolorosamente os ombros da jovem senhora, agitada por soluços, aproximou-se dando um suspiro, e pousou-lhe a mão no braço.

Clara levantou-se, assustada.

- Senhor Lenet... - disse ela - senhor Lenet, ah! pois então não se esqueceu de mim?

248

- Não - retorquiu ele. - Lembrei-me de que a senhora não estava ainda suficientemente acalmada e tive a ousadia de vir ter consigo para perguntar-lhe se podia ser-lhe útil em alguma coisa.

- Oh! querido senhor Lenet - exclamou a viscondessa

- como é bom, quanto lhe agradeço!

- Parece-me que não me enganei - disse Lenet. - Raras vezes nos enganamos, meu Deus, quando pensamos que as criaturas sofrem - acrescentou ele, com um sorriso melancólico.

- Oh! sim - exclamou Clara - sim, fala verdade: eu sofro!

- Mas não obtive o que desejava, senhora? E mais ainda do que eu mesmo esperava, confesso-lho, com franqueza.

- Sim, não há dúvida. Mas...

- Mas... entendo. Está assustada por ver a alegria da população sequiosa de sangue, e cornpadece-se pela sorte do outro desgraçado, que vai morrer em lugar do seu amante?

Clara ergueu-se, sobre os joelhos, e ficou um instante imóvel, pálida, e com os olhos fitos em Lenet; depois, levou a sua mão gelada à testa coberta de suor.

- Ah! perdoe-me! ou, para melhor dizer, amaldiçoe-me

- disse ela. - Sou egoísta, e nem sequer em tal pensara. Não, Lenet, não; confesso-lhe com toda a humildade do meu coração: estes sustos, estas lágrimas, estas orações são por aquele que deve viver. É que, inteiramente absorta no meu amor, havia-me esquecido daquele que vai morrer!

Lenet sorriu-lhe, com tristeza.

249

- Sim- disse ele- é natural, porque é próprio da natureza humana. Talvez que do egoísmo dos indivíduos dependa a salvação das massas. Cada um traça em torno de si e dos seus um círculo, com uma espada. Vamos, vamos, senhora - continuou ele - faça a sua confissão até ao fim. Confesse

francamente que tardou a pensar no infeliz que vai sofrer tão triste destino, porque, com a morte, o desgraçado assegura a vida do seu desposado!

- Oh! eu ainda não tinha pensado em tal, Lenet, juro-Lhe. Mas não force o meu espírito a debruçar-se nesse ponto, porque amo-o tanto, que não sei o que seria capaz de desejar, arrastada pela loucura do meu amor.

- Pobre menina! - disse Lenet, em tom de profunda compaixão. - Porque não disse isso há mais tempo?

- Oh! meu Deus! Assusta-me. Será, pois, demasiado tarde, e ainda não estará inteiramente salvo?

- Está salvo - replicou Lenet - visto que a princesa de Conde deu a sua palavra; mas...

- Mas, o quê?...

- Mas, ah! podemos nós ter jamais a certeza de alguma coisa neste mundo? E a senhora, que, tal como eu, julga-o salvo: não chora em vez de estar alegre?

- Eu choro, porque não o posso visitar, meu amigo - respondeu Clara. - Repare em que ele deve ouvir estas horrorosas vociferações, e julgar iminente o seu perigo; note que pode acusar-me de esquecimento e de traição. Oh! Lenet, que suplício! Na verdade, se a princesa soubesse como sofro tanto, teria compaixão de mim.

- Ora, pois, viscondessa - disse Lenet - é preciso vê-lo.

- Vê-lo! É impossível! Sabe muito bem que, para isso, pedi licença a Sua Alteza, e que Sua Alteza ma recusou.

250

- Bem sei, até aprovo, no íntimo do coração, o que ela fez; e contudo...

- E, contudo, exorta-me à desobediência! - exclamou Clara, muito admirada, cravando os olhos em Lenet, que, turbado com aquele olhar, baixou os seus.

- Eu sou velho, querida viscondessa - disse ele - e precisamente porque sou velho, sou também desconfiado. Não nesta ocasião, porque a palavra da princesa é sagrada; só um dos prisioneiros tem de morrer. Ela assim o disse. Acostumado, porém, ao longo de uma larga vida, a ver ser tolhido pelo infortúnio aquele que mais favorecido se julga pela fortuna, tenho adoptado o princípio de que se deve sempre aproveitar a ocasião, quando ela se oferece. Vá ver o seu noivo, viscondessa, vá vê-lo, acredite-me.

- Oh! - exclamou Clara-juro-lhe que me assusta, Lenet.

- Não é essa a minha intenção; além disso, levaria a senhora a bem que a aconselhasse a que o não fosse ver?

: Não, na verdade. E, sem dúvida, criticar-me-ia muito mais se tivesse vindo dizer-lhe o contrário do que lhe afirmo.

- Oh! sim, confesso que sim. Porém, fala-me em vê-lo. Esse era o meu único desejo, era a súplica que dirigia a Deus, quando chegou. Todavia, não é isso uma coisa impossível?

- Há porventura alguma coisa impossível para a mulher que tomou São Jorge? - perguntou Lenet, sorrindo.

- Ai de mim! - disse Clara. - Há duas horas que penso no processo de penetrar na fortaleza, e ainda não o achei.

251

- E se eu lho oferecer - interrogou Lenet - que me dará em troca?

- Dar-lhe-ei... Oh! sim, dar-lhe-ei a mão, no dia em que me encaminhar com ele ao altar.

- Muito obrigado, minha querida - disse Lenet.- Tem razão, pois, com

efeito, eu amo-a como se fora seu pai. Muito obrigado.

- O processo! O processo!

- É este. Eu pedi à senhora princesa uma licença para entrar na prisão, a fim de falar aos prisioneiros, porque, se houvesse algum meio de salvar o capitão Cauvignac, bem quererá eu trazer esse homem ao nosso partido; porém, agora, esta licença torna-se inútil, visto que, com as suas súplicas em favor do senhor de Canolles, acaba de condená-lo à morte.

Clara estremeceu a seu pesar. -Fique, pois, com este papel - continuou Lenet.-Não tem nome algum, como bem vê.

Clara pegou no documento, e leu:

O carcereiro da fortaleza deixará comunicar o portador desta com aquele dos dois prisioneiros de guerra a quem quiser falar, e isso pelo espaço de meia hora.

Clara Clemência de Conde.

- Possui um traje de homem - disse Lenet. - Vista-o. Tem a licença para entrar, faça uso dela.

- Pobre oficial! - murmurou Clara, não podendo expulsar do seu pensamento a ideia de Cauvignac executado em lugar de Canolles.

252

- Tem de sujeitar-se à lei comum - respondeu Lenet. - Se fraco, é devorado pelo forte; se sem protecção, paga

por aquele que é protegido. Lamentá-lo-ei, pois é um moço de espírito.

Clara, contudo, virava e revirava o papel entre as mãos.

- Não sabe - disse ela - que me tenta cruelmente com esta licença? Não sabe que, uma vez que tenha o meu pobre amigo entre os meus braços, sou capaz de levá-lo ao fim do mundo?

- Aconselhar-lho-ia, senhora, se isso fosse possível; porém, essa licença não é uma carta branca, e, portanto, só para entrar na prisão pode ser-lhe útil.

- É verdade - disse Clara, tornando a ler. - E, todavia, concederam-me o senhor de Canolles; ele pertence-me! Não mo podem já arrancar!

- E por isso ninguém pensa em tal coisa. Vamos, vamos, senhora, não perca tempo; vista o seu traje de homem, e parta. Esta licença concede-lhe meia hora; é muito pouca coisa. Porém, depois desta meia hora, virá a vida toda. É jovem, a vida será longa, Deus a faça feliz!

Clara pegou na mão de Lenet, e deu-lhe um beijo na fronte, como teria feito ao mais terno pai.

- Vá, vá - disse Lenet, afastando-a suavemente - não perca mais tempo; quem ama verdadeiramente, não tem resignação.

Depois, vendo-a passar para outro quarto, onde Pompeu, chamado por ela, a esperava para ajudá-la a mudar de traje, murmurou, sozinho:

- Infelicidade! Quem sabe?

253

XXII

OS gritos, as ameaças e a agitação da população não tinham, com efeito, escapado a Canolles. Da grade da sua janela pudera, por seu turno, admirar o quadro movimentado e colorido que se desenrolava perante os seus olhos, e que, de uma extremidade à outra da agitada cidade, era o mesmo por toda a parte.

- Por Deus! - dizia ele - que contratempo malvado! . Aquela morte de Richon... pobre Richon! Era um bravo

oficial; a morte dele decerto veio redobrar o rigor do cativo; não me deixarão já correr a cidade, como dantes; nada já de encontros aprazados,

nada já de casamento, a não ser que Clara se contente com a capela de uma prisão. Que remédio terá, senão dar-se com isso por satisfeita. Tão bem casados ficamos numa capela como noutra. Contudo, sempre é um triste agoiro... Porque diabo não haviam de receber esta notícia amanhã, em vez de a receberem hoje?

Depois, aproximando-se da sua janela, e inclinando-se para olhar:

- Que vigilância! - continuou ele. - Duas sentinelas. E que moléstia, pensar que tenho de estar aqui

255

encurralado oito dias, quinze dias talvez, até que ocorra algum acontecimento que faça esquecer este. É uma felicidade, que os acontecimentos se sucedam uns aos outros rapidamente, no tempo em que estamos, e que os bordeleses tenham cabeça leviana. Entretanto, não deixarei de ter passado momentos muito desagradáveis. Pobre Clara! Deve estar desesperada; é uma sorte, ela saber que fui preso. Oh, sim, sabe-o, e, por conseguinte, que não há culpa da minha parte. Mas aonde diabo vai toda esta gente? Parece que se encaminham para a esplanada! Contudo, lá não há agora nem parada nem execução nenhuma; todos se dirigem para o mesmo lado. Poder-se-ia na verdade dizer que sabem que aqui estou, como um urso atrás das grades...

Canolles deu alguns passos pela divisória, de braços cruzados; as paredes de uma verdadeira prisão haviam-no atirado momentaneamente para as ideias filosóficas, com as quais pouco se preocupava normalmente.

- Pode haver coisa mais louca do que a guerra? - dizia ele, consigo. - Aí está, morto, o pobre Richon, com quem jantei há poucos meses. Ter-se-á feito matar sobre as suas peças de artilharia aquele homem intrépido, como eu o devera ter feito, e como efectivamente o faria, se outro que não fosse a viscondessa me tivesse sitiado. Esta guerra das mulheres é, na realidade, a mais temível de todas as guerras. Pelo menos, da minha parte, em nada contribuí para a morte de algum amigo. Deus seja louvado! Não desembainhei a minha espada contra um irmão; e isto me consola. Vamos, ao mau génio tutelar feminino é que também devo essa ventura; ora, tudo bem ponderado, a ele é que devo muitas coisas.

256

Neste momento, entrou um oficial, e interrompeu o solilóquio de Canolles.

- Quer cear, senhor? - disse-lhe ele. - Nesse caso, dê as suas ordens, pois o carcereiro também as recebeu para lhe mandar aprontar a comida que quiser.

- Vamos, vamos - disse Canolles - parece que, pelo menos, estão resolvidos a tratar-se honrosamente todo o tempo que aqui me demorar. Durante alguns momentos, receei o contrário, vendo o rosto afectado da princesa e a catadura carrancuda de todos os seus assessores...

- Espero a sua resposta - repetiu o oficial, inclinando-se.

- Ah! tem razão, peço-lhe desculpa. A sua pergunta, dada a extrema polidez com que foi feita, deu-me lugar a fazer certas reflexões... Tornemos, pois, ao nosso assunto: sim, senhor, desejo cear, tenho muita fome; porém, sou habitualmente sóbrio, e bastar-me-á uma ceia de soldado.

- Agora - replicou o oficial, aproximando-se dele e dando mostras de interesse - não tem alguma recomendação a fazer... na cidade... não espera alguma coisa? Disse que é soldado; eu também sou; disponha, pois, de mim como de um camarada.

Canolles olhou para o oficial com espanto.

- Não, senhor - disse - nenhuma recomendação tenho a fazer na cidade;

não, nada espero, a não ser uma pessoa que não posso nomear. Quanto a dispor de si como de um camarada, agradeço-lhe o seu oferecimento. Aqui tem a minha mão, senhor; e mais tarde, se precisar de alguma coisa, aproveitar-me-ei da sua vontade.

Desta vez, foi o oficial quem olhou para Canolles com assombro.

257

- Muito bem, senhor - disse ele. - Dentro de um momento, será servido. E retirou-se.

Um instante depois, dois soldados entraram trazendo a ceia, que logo serviram, e que era mais delicada do que Canolles recomendara. Sentou-se à mesa, e comeu com bom apetite.

Os soldados, por seu turno, olharam para ele com espanto. Canolles tomou aquele espanto por inveja que tinham da sua ceia, e, como o vinho era do melhor da Guiena:

- Meus amigos - disse ele - peçam dois copos.

Um dos soldados saiu, e voltou com dois copos.

Canolles encheu-os; depois, deitou algumas gotas de vinho no seu.

- À vossa saúde, meus amigos - disse ele.

Os soldados pegaram nos copos, tocaram maquinalmente no de Canolles e beberam, sem corresponder ao seu brinde.

"Não são cortezes - disse consigo Canolles - porém, bebem bem; alguma coisa lhes havia de faltar, não se pode ter tudo."

E continuou a ceia, comendo com desfastio.

Logo que concluiu, pôs-se em pé, e os soldados levantaram a mesa.

O oficial tornou a entrar.

- Ah! na verdade, senhor - disse-lhe Canolles - bem podia ter ceado comigo: a ceia era muito boa.

- Eu não podia ter essa honra, senhor, visto que há só um instante me levantei da mesa. Eu volto...

- Para me fazer companhia? - disse Canolles. - Se

258

assim é, aceite os meus agradecimentos, senhor, pois é suma bondade da sua parte.

- Não, senhor; a minha missão é menos agradável. Venho para preveni-lo de que não há nenhum padre protestante na prisão, e que o capelão é católico. Ora, como sei que é protestante, e esta diferença no culto talvez lhe desagrade...

- A mim, senhor? Por que motivo? - perguntou ingenuamente Canolles.

- Para rezar as suas orações - respondeu o oficial, confundido já.

- As minhas orações! está bem - disse Canolles, rindo - pensarei nisso amanhã; só costumo rezar pela manhã.

O oficial olhou para Canolles com um assombro que se foi transformando em profunda comiseração. Saudou-o, e saiu.

- Parece-me - disse Canolles - que toda a gente anda desatinada. Desde a morte daquele pobre Richon, todas as pessoas que encontro parecem loucas ou furiosas. Com todos os diabos! Não vejo num só rosto alguma coisa de razoável.

Apenas acabava de proferir estas palavras, quando a porta da prisão se abriu de novo, e, antes que pudesse reconhecer quem era, uma pessoa precipitou-se nos seus braços, e inundou-lhe o rosto de lágrimas.

- Eis outro louco! - exclamou o prisioneiro, soltando as mãos. - Parece que estou num manicómio.

Porém, com o movimento que fez para recuar, deitou ao chão o chapéu do

desconhecido, e os lindos cabelos louros da senhora de Cambes caíram-lhe nos ombros.

- Assenhora aqui? - exclamou Canolles, correndo para

259

ela a fim de a tomar de novo nos seus braços.-Ah! perdoe-me de não a ter reconhecido, ou, para melhor dizer, de não a ter adivinhado.

- Silêncio! - disse ela, apanhando o chapéu, e pondo-o muito depressa na cabeça, - silêncio! porque se soubessem quem sou eu, talvez me tornassem a privar da minha ventura. Enfim, ainda me é permitido vê-lo! Oh! meu Deus, meu Deus, quanto sou ditosa!

E Clara, sentindo dilatar-lhe o peito, rompeu em estrondosos soluços.

- Ainda! - repetiu Canolles. - Ainda lhe é permitido ver-me, não foi isso o que disse? E disse-o chorando! Então, não devia tornar a ver-me? - continuou ele, sorrindo.

- Oh! não se ria, meu amigo - disse Clara - essa alegria atormenta-me. Não ria, pelo amor de Deus. Custou-me tanto chegar aqui; se o soubesse! E por pouco não deixei de vir! Se não fosse aquele excelente homem... Mas, falemos de si, pobre amigo. Oh meu Deus! Está, pois, aqui? Consigo é que torno a encontrar-me?... É a si que ainda posso apertar ao coração!

- Sim, sim! não há dúvida de que sou eu, e com toda a certeza - assegurou Canolles, sorridente.

- Mas - disse Clara - é inútil, é escusado afectar um ar alegre, pois tenho conhecimento de tudo. Não sabiam que eu o amava, e, portanto, não me ocultaram coisa alguma.

- Então, o que é que sabe? - perguntou Canolles.

- Não é verdade - continuou a viscondessa - que me esperava? Que estava descontente com o meu silêncio? que já me acusava?

260

- Eu, atormentado, descontente! Sem dúvida que o estava, mas não a acusava; o que suspeitava era de que alguma circunstância mais forte do que a sua vontade a afastava de mim, e a minha maior desgraça, em tudo isto, era ver que o meu casamento tinha de ser adiado, transferido para daqui a oito ou quinze dias, talvez.

Foi a vez de Clara olhar para Canolles, com o mesmo espanto de que o oficial dera provas, momentos antes.

- Será possível - disse ela - que fale seriamente? Ou não está, na realidade, mais assustado do que mostra?

- Eu, assustado! - disse Canolles. - Assustado de quê? Por acaso - continuou ele, rindo - corro algum risco sem que o saiba?

- Oh! meu Deus! que desgraça! - exclamou ela. -Não sabe coisa alguma.

Depois, receando sem dúvida revelar repentinamente toda a verdade ao homem a quem essa verdade ameaçava com tanta crueldade, suspendeu, por um violento esforço sobre si mesma, as palavras que lhe haviam saltado do coração aos lábios.

- Não, eu nada sei - disse gravemente Canolles. - Mas vai dizer-me tudo, não é assim? Sou homem. Fale, Clara, fale!

- Sabe que Richon morreu - disse ela.

- Sim - respondeu Canolles. - Bem o sei.

- Mas sabe como morreu?

- Não, mas tenho as minhas suspeitas. Morreu no seu posto, não é verdade, na brecha de Vayres?...

Clara guardou silêncio por um momento; depois, grave, como um lúgubre dobrar de sino:

- Foi enforcado em Libourne - disse ela.

261

Canolles deu um salto para trás.

- Enforcado!-exclamou ele.-Richon, um soldado ?... Depois, empalidecendo repentinamente, e passando pela testa a trémula mão:

- Ah! agora compreendo tudo - disse ele. - Agora sei qual é o motivo da minha prisão, do meu interrogatório; compreendo as palavras do oficial, e o silêncio dos soldados; compreendo o passo que deu e as suas lágrimas, vendo-me tão alegre; compreendo, finalmente, a população, aqueles gritos e aquelas ameaças. Richon foi assassinado! E em mim querem vingar Richon...

- Não! não! meu amado! não! pobre amigo do meu coração! - exclamou Clara, radiante de alegria, pegando em ambas as mãos de Canolles, e cravando os olhos nos dele.-Não! não é a ti que vão sacrificar, querido prisioneiro! Não te enganaste! Tinham-te na realidade designado! Estavas condenado; ias morrer! Viste a morte de muito perto, meu querido noivo! Porém, sossega, podes rir agora; podes falar de felicidade e de futuro! Aquela que te há-de consagrar toda a vida, salvou a tua! Alegra-te!... mas em voz baixa, porque poderás acordar o teu infeliz companheiro, aquele sobre quem vai cair a tempestade, aquele que deve morrer em teu lugar!

- Oh! Cale-se, cale-se, querida amiga! Enche-me de horror - disse Canolles, que, apesar das ardentes carícias de Clara, ainda não estava refeito totalmente do terrível golpe que acabava de receber. - Eu, tão sossegado, tão sereno, tão loucamente alegre, corria o risco de morrer! E então, quando? Em que momento? Justos céus! quando estava para ser seu esposo. Oh! pela minha alma, teria sido um duplo assassinio.

262

- Chamam a isso represálias - disse Clara, - Sim, sim; é verdade, eles têm razão. - Para quê, tornar-se agora sombrio e pensativo? - Oh! - exclamou Canolles - não é da morte que tenho medo; porém, a morte separar-me-ia de si.

- Se tivesse morrido, meu bem amado, eu também teria morrido. Porém, em lugar de se entristecer assim, alegre-se, comigo. Esta noite, talvez daqui a uma hora, | sairá da prisão. Então, ou eu mesma virei buscá-lo, ou esperá-lo-ei à saída. Depois, sem perdermos um minuto, sem perdermos um segundo, fugiremos. Oh! no mesmo instante; não quero esperar. Esta maldita cidade aterra-me! Hoje, ainda pude salvá-lo; porém, amanhã, quem sabe se alguma outra desgraça inesperada não viria ainda roubá-lo aos meus braços!

- Ah! - exclamou Canolles - não sabe, minha amada Clara, que me dá demasiada ventura de um só golpe. Oh! sim, na verdade, demasiada ventura, isto mata-me...

- Pois então - exortou Clara - recobre o seu à-vontade e alegria.

- Mas recobre também o seu... -Bem vê que estou sorridente.

- E esse suspiro?

- Este suspiro, meu amigo, é pelo infeliz que paga com a vida a nossa alegria.

- Sim, sim, tem razão. Ah! porque não pode levar-me neste mesmo instante! Vamos, meu bom anjo, abra as suas asas, e leve-me.

- Tenha paciência, meu querido esposo; amanhã o levarei!... Para onde, não sei; para o paraíso do nosso amor. Entretanto, aqui estou!...

263

Canolles tomou-a nos braços, apertou-a ao seu peito, e ela, segurando-se com ambas as mãos ao pescoço do mancebo, deixou-se cair arquejante sobre aquele coração, que, comprimido por tantos sentimentos diversos, apenas palpitava.

Repentinamente, e pela segunda vez, um doloroso soluço lhe subiu do peito aos lábios, e, por muito feliz que fosse, Clara inundou de lágrimas o rosto de Canolles, que se inclinara sobre o seu seio.

- Então! - disse ele - é essa a sua alegria, meu anjo?

- É o resto da minha dor.

Neste momento, a porta abriu-se, e o oficial, que já ali fora, avisou-os de que a meia hora que concedia a licença, já tinha expirado.

- Adeus - disse Canolles - ou esconde-me numa prega do teu capote e leva-me contigo.

- Pobre amigo - replicou ela em voz baixa - não fale, pois dilacera-me o coração! Não vê quanto desejaria poder fazê-lo? Tenha paciência, por amor de si, sobretudo por amor de mim; dentro de algumas horas, temos de reunir-nos para nunca mais nos separarmos.

- Tenho paciência - disse alegremente Canolles, sossegado de todo com esta promessa. - Mas é preciso que nos separemos; eis pois, ânimo. A palavra adeus, digamo-la: adeus, Clara! adeus!

- Adeus - disse ela tentando, sorrir - ad...

Mas não pôde acabar a palavra cruel; pela terceira vez, os soluços sufocaram-lhe a voz.

- Adeus! adeus! - exclamou Canolles enlaçando de novo a viscondessa, e cobrindo-lhe a fronte de ardentes beijos. - Adeus!

264

- É uma felicidade - disse consigo o oficial - saber eu que o pobre mancebo já não tem grande coisa que temer, quando não, aí estava uma cena que me despedaçaria o coração.

O oficial foi acompanhar Clara até à porta, e voltou.

- Agora, senhor - disse ele a Canolles, que se deixara cair sobre uma cadeira, ainda não serenado das suas comoções - não basta ser feliz, cumpre também ser compadecido. O seu vizinho, o seu infeliz companheiro, aquele que vai morrer, está só; ninguém o protege, ninguém o consola, diz que deseja vê-lo. Eu, da minha parte, concedi-lhe o que pedia; mas é também preciso que o senhor consinta também.

- Consinto! - exclamou Canolles, sem a mínima dúvida. - Pobre desgraçado, espero-o, e abro-lhe os braços! Não o conheço, mas não importa.

- Contudo, ele parece conhecê-lo.

- Sabe ele a sorte que lhe está reservada?

- Não, creio que não. Bem vê, pois, que é preciso deixá-lo na ignorância.

- Oh! não tenha a mínima inquietação a esse respeito.

- Ouça, pois: estão para dar onze horas, regresso para o meu posto; das onze horas em diante, só os carcereiros reinam no interior da prisão, O seu está prevenido, sabe que o seu vizinho estará no seu quarto, há-de vir buscá-lo no momento em que o deve fazer voltar para a respectiva masmorra. Se o prisioneiro nada sabe, não lhe diga nada; e se sabe alguma coisa, diga-lhe da nossa parte que nós, os militares, o lamentamos profundamente, do íntimo do coração. Porquanto, morrer não é nada, mas, com todos os diabos! Morrer enforcado, é morrer duas vezes.

265

- Está, pois, decidido que tem de morrer?... - Da mesma maneira que

Richon. São represálias completas. Mas nós estamos tagarelando, e ele sem dúvida espera a sua resposta com ansiedade.

- Vá buscá-lo, senhor, e acredite que lhe fico muito agradecido, tanto por ele como por mim.

O oficial saiu, foi abrir a porta da masmorra vizinha, e Cauvignac, um tanto pálido, mas com passo firme e fronte alta, entrou na masmorra de Canolles, que deu alguns passos ao seu encontro.

Então, o oficial fez a Canolles um derradeiro sinal de despedida, olhou para Cauvignac com compaixão, e saiu, levando os seus soldados, cujos pesados passos ainda se ouviram algum tempo ressoar pelas abóbadas.

Em breve, o carcereiro fez a sua ronda. Ouviram-se tinir as chaves no corredor.

Cauvignac não estava abatido, porque neste homem havia uma inalterável confiança em si mesmo, uma inesgotável esperança no futuro. Contudo, sob a sua aparência tranquila, e escondida debaixo daquela máscara quase alegre, introduzira-se uma profunda dor que, como se fora uma serpente, lhe mordia o coração. Aquela alma céptica, que sempre duvidava de tudo, duvidava, por fim, ele mesmo, da dúvida...

Desde a morte de Richon, Cauvignac já não comia, já não dormia.

Habitado a zombar da desgraça dos outros, porque suportava a sua alegremente, o nosso filósofo nenhuma vontade tivera de rir de um acontecimento que dava lugar a este terrível resultado, e, a seu pesar, em todos aqueles fios misteriosos que o tornavam responsável pela morte

266

de Richon, entrevia a mão impassível da Providência, e principiou a acreditar, senão na remuneração das boas acções, ao menos no castigo das más.

Resignava-se, pois, e meditava; porém, apesar da sua resignação, como deixámos dito, não comia, nem dormia.

E, singular mistério, àquela alma, sem todavia ser egoísta, preocupava-se, mais ainda do que com a sua própria morte, prevista de antemão, com a morte daquele companheiro que sabia estar a dois passos dele, esperando, ou a sentença fatal, ou a execução sem sentença. Tudo isto ainda mais lhe recordava Richon, o seu espectro vingador, e a dupla catástrofe, que era o resultado daquilo que ao princípio lhe parecera uma bela artimanha.

A sua primeira ideia fora fugir, pois, apesar de estar prisioneiro sob palavra, visto que tinham faltado aos contratos que com ele haviam combinado, levando-o para a prisão, também julgava poder da sua parte, e sem escrúpulo algum, faltar aos seus. Porém, apesar da perspicácia do seu espírito e da subtilidade dos seus meios, reconheceu que não lhe era possível fazê-lo. Então, ficou ainda mais convencido de que estava nas garras de uma inexorável fatalidade. Desde então, já só pedia uma coisa: conversar alguns instantes com o seu companheiro, cujo nome parecera despertar nele uma triste surpresa, e reconciliar-se na pessoa dele com a humanidade inteira, a quem tão cruelmente ultrajara.

Não afirmaremos que todos estes pensamentos fossem remorsos, não...

Cauvignac prezava-se de filósofo, e era demasiado corrupto para que os pudesse ter; todavia, quanto mais não fosse, era uma coisa muito parecida com remorsos - isto é: um violento despeito por ter feito

267

o mal, sem que dele lhe resultasse fruto algum. Com o tempo, e com medidas que mantivessem Cauvignac nesta disposição de espírito, este sentimento talvez houvesse tido o mesmo resultado que o remorso; mas para

isso faltava o tempo.

Entrando na prisão de Canolles, Cauvignac esperou desde logo, com a sua costumada prudência, que o oficial que o introduzira se tivesse retirado; depois, vendo a porta bem fechada, dirigiu-se a Canolles, que, como o dissemos, dera por seu turno alguns passos para o receber, e lhe apertou afectuosamente a mão.

Apesar da gravidade da situação, Cauvignac não pôde deixar de sorrir, ao reconhecer o elegante e belo mancebo, de espírito aventureiro, de génio alegre, que já duas vezes encontrara em situações muito diferentes daquela em que estava - uma, para enviá-lo a Mantes, encarregado de uma missão; e a outra, para o conduzir a São Jorge. Além disso, lembrava-se da usurpação momentânea do seu nome, e do completo logro imposto ao duque. E, ainda que a prisão fosse muito lúgubre, a lembrança era tão alegre, que o passado, durante um segundo, venceu o presente.

Em contrapartida, Canolles, logo à primeira vista, reconheceu o homem com quem estivera em contacto nas duas circunstâncias de que acabámos de falar; contudo, bem ponderado, naquelas duas circunstâncias Cauvignac fora para ele um mensageiro de boas novas, e por isso a sua compaixão relativamente à sorte reservada ao infeliz, foi ainda maior, e tanto mais profunda, exactamente por-porque sabia ser a sua salvação a causa da perda irrevogável de Cauvignac, e, numa alma tão delicada como

'268

a de Canolles, semelhante lembrança causava muito mais remorsos, do que poderia causar um crime verdadeiro na alma do seu companheiro.

Recebeu-o, portanto, com uma perfeita benevolência.

- Então! barão - disse-lhe Cauvignac - que lhe parece a situação em que estamos? É bastante precária, segundo julgo.

- Sim, eis-nos prisioneiros, e Deus sabe quando sairemos daqui - respondeu Canolles, dando mostras de serenidade, para ver se ao menos adoçava pela esperança a agonia do seu companheiro.

- Quando sairemos daqui! - replicou Cauvignac; - digne-se esse Deus a quem invoca, decidir na sua misericórdia, que seja o mais tarde possível! Porém, não creio que esteja disposto a conceder-nos largo adiamento. Vi da minha masmorra, assim como decerto terá visto da sua, correr um tropel furioso de gente, para um certo sítio, que deve ser a esplanada, se não estou muito enganado. Conheço a esplanada, meu querido barão, e sabe para que serve?

- Não pense em tal! Creio que exagera o perigo da nossa posição. Sim, era sem dúvida para assistir a alguma punição militar. Fazer-nos pagar, a nós, pela morte de Richon, seria uma coisa horrorosa, visto que nós, em todo o caso, estamos inocentes, um e o outro, daquela morte.

Cauvignac estremeceu, e cravou em Canolles os olhos que, de uma expressão sombria, foram, pouco a pouco, passando para uma expressão de compaixão.

"Ora - disse ele consigo - aqui está mais um que se ilude quanto à sua posição. Contudo, é necessário que

269

lhe diga qual ela é, pois que outra coisa resultaria do seu engano, senão ser-lhe depois mais penoso o golpe? Quando temos tempo para nos prepararmos, a ladeira sempre nos parece um tanto menos íngreme."

Então, depois de um novo momento de silêncio e de observação.

- Senhor - afirmou ele a Canolles, pegando-lhe nas duas mãos, e continuando a fixar nele um olhar que muito o incomodava - meu querido senhor, se estiver de acordo, mandemos vir uma garrafa ou duas daquele bom vinho de Branne, que muito bem conhece. Ah! desse teria eu bebido à

farta, se tivesse sido governador mais tempo, e até lhe confessarei que foi a preferência que dou àquele excelente vinho, que me fez escolher aquele governo: Deus castiga-me pela minha gulodice.

- Completamente de acordo - disse Canolles

- Sim, contar-lhe-ei tudo enquanto formos bebendo, e se a notícia é má, como, ao menos, o vinho há-de ser bom, uma coisa contrabalançará a outra. Canolles bateu então na porta, mas não lhe responderam; tornou a bater, e, passado um instante, um rapazinho que brincava no corredor aproximou-se do preso.

- Que quer? - perguntou o menino.

- Vinho - disse Canolles. - Diz ao teu pai que traga duas garrafas. O menino afastou-se, e voltou passado um instante.

- O papá - disse ele - está agora ocupado a conversar com um senhor. Logo virá.

- Perdoe - disse Cauvignac - permite-me que também, por meu turno, lhe faça uma pergunta? - Pode fazê-la.

270

- Meu amiguinho - disse ele, com uma voz muito insinuante - com que senhor conversa o teu papá?

- Com um grande senhor.

- Este menino é muito amável - disse Cauvignac; - espere, e vamos saber alguma coisa. E como está vestido aquele senhor?

- Todo de preto.

- Bolas! Está a ouvir, todo de preto! E como se chama grande senhor todo vestido de preto? Sabê-lo-ás por acaso, meu querido menino?

- Chamam-lhe senhor Lavie.

- Ah! ah! - disse Cauvignac - o advogado do rei; parece-me que desse não nos há-de vir grande mal. Aproveitemos, pois, o tempo que eles gastam a conversar, para também conversarmos.

E, metendo uma moedinha por debaixo da porta.

- Toma, meu pequeno - disse Cauvignac - aqui tens para comprares rebuçados... É bom, ter amigos em toda a parte - continuou ele, levantando-se.

O menino, muito contente, recolheu o dinheiro dando agradecimentos aos dois presos.

- Então, senhor - disse Canolles - que dizia ainda agora?

- Ah! sim - respondeu Cauvignac... - Dizia, pois, parece-me que está muito enganado quanto à sorte que nos espera ao sairmos desta prisão; fala de esplanada, de correcção militar, de fustigação para estranhos; e eu estou convencido de que tudo isto nos diz respeito, e que se trata de alguma coisa ainda mais séria.

- Não pense em tal - disse Canolles.

- Oh! - voltou Cauvignac - vê as coisas com cores

271

menos sombrias do que eu; talvez seja porque não tem tantas razões para recear, como eu. Todavia, não se fie muito nisso; a sua posição não é também muito brilhante. Porém, o seu caso nada é comparado com o meu, que, devo dizê-lo - porque tal é a minha convicção - está diabolicamente embrulhado. Está certo de saber quem eu sou, meu querido senhor?

- Aqui está uma singular pergunta! É o capitão Cauvignac, governador de Branne, se não estou enganado.

- Assim é, neste momento; mas nem sempre usei este nome, não tive sempre

este título. Tenho mudado muitas vezes de nome e ocupado diferentes postos; por exemplo, um dia chamei-me barão de Canolles, exactamente como o senhor.

Canolles enfrentou Cauvignac.

- Sim - continuou este último - compreendo, pergunta-se a si mesmo se não estarei doido, não é assim? Pois sossegue, gozo de todas as minhas faculdades mentais, e nunca fui mais integralmente sério que neste momento.

- Explique-se, então - disse Canolles.

- Nada há mais fácil. O duque d'Épernon... Conhece o duque d'Épernon, não é verdade?

- De nome, pois nunca o vi.

- O que foi uma felicidade para mim. Certo dia, o senhor d'Épernon encontrou-me em casa de uma dama, onde eu sabia que o senhor não era mal recebido, e tomei a liberdade de usurpar o seu nome.

- Que quer você dizer, senhor?

- Devagar, devagar; não deve levar o egoísmo ao ponto de ser ciumento por uma mulher no momento de casar com outra. E, além disso, se tivesse ciúmes - o

272

que também não é estranho à natureza do homem, que decididamente é um feio animal - em breve me perdoaria. Sou muito chegado a Vossa Senhoria, para que nos queiramos mal.

- Não compreendo uma só palavra do que está dizendo, senhor.

- Digo que tenho o direito de exigir que me trate como irmão, ou pelo menos como cunhado.

- Fala-me por enigmas, e cada vez o compreendo menos.

- Ora, pois! Compreender-me-á, dizendo-lhe uma única palavra. O meu verdadeiro nome é Rolando de Lartigues, e Nanon é minha irmã.

Canolles passou da desconfiança a uma súbita expansão.

- O senhor, irmão de Nanon! - exclamou ele. - Ah! pobre mancebo.

- Tem razão! Sim, pobre mancebo - replicou Cauvignac. - Proferiu a palavra apropriada, disse a verdade; pois, além de uma infinidade de outros desgostos que resultaram da instrução do meu processo aqui, ainda por cima me chamo Rolando de Lartigues, e sou irmão de Nanon. Sabe muito bem que a minha querida irmã não é bem vista pelos senhores bordeleses. Quando souberem a minha qualidade de irmão de Nanon, nenhuma atenuante posso esperar, porquanto estão aqui um Roche-foucauld e um Lenet, que tudo sabem.

- Ah! - exclamou Canolles, subitamente assaltado, devido ao que lhe dizia Cauvignac, por antigas recordações - ah! percebo agora porque, numa carta, aquela pobre Nanon me chamou um dia seu irmão. Que excelente criatura!...

273

- Ah! sim - disse Cauvignac - é muito boa pessoa, e estou arrependido de não haver sempre seguido à risca as suas recomendações; mas que se há-de fazer? Se adivinhássemos o futuro, não precisaríamos já de Deus.

- E que é feito dela? - perguntou Canolles.

- Quem pode saber? Pobre mulher! Sem dúvida está desesperada, não por amor de mim, cuja prisão ignora, mas por sua causa, de cuja sorte talvez tenha conhecimento.

- Sossegue - voltou Canolles. - Lenet não dirá que é irmão de Nanon. O senhor de Rochefoucauld, por seu lado, nenhum motivo tem, para lhe querer

mal. Portanto, nada se saberá de tudo isso.

- Se nada se souber de tudo isso, acredite-me, saber-se-ão outras coisas: saber-se-á que fui eu, por exemplo, quem deu uma certa assinatura em branco... Esqueçamos, porém, tudo isso, se é possível. Que desgraça, não trazerem vinho! - continuou ele, voltando-se para a porta.

- Nada há como o vinho, para fazer esquecer. -Vamos, vamos - disse Canolles - ânimo!

- Acaso crê que ele me falta? Ver-me-á no famoso momento, quando formos dar uma volta pela esplanada. Porém, uma coisa me dá que pensar: seremos nós arcabuzados, decapitados, ou enforcados?

- Enforcados! - exclamou Canolles. - Deus tal não permita! Nós somos gentis-homens! E não farão um tal insulto à nobreza.

- Ora, pois! Verá que até são capazes de suscitar dúvidas acerca da minha genealogia... E além disso...

- O quê?...

- Qual de nós será o primeiro?

274

- Meu querido amigo - amenizou Canolles - quem lhe meteu tais coisas na cabeça?... Veja que essa morte de que se ocupa de antemão, não se julga, não se condena, e não se executa assim, numa noite.

- Ouça - respondeu Cauvignac - eu ainda lá estava, quando fizeram o processo ao pobre Richon, Deus tenha a sua alma! Saiba, pois, que processo, sentença e enforcamento, tudo isso foi obra de três ou quatro horas, quando muito; aceitemos que não sejam aqui tão activos, porque Ana de Áustria é rainha da França, e a senhora de Conde só é princesa de sangue; isto conceder-nos-á uma demora de quatro ou cinco horas. Ora, como fomos presos há três horas, e há duas que comparecemos diante dos nossos juizes, feitas bem as contas, resta-nos ainda uma ou duas horas de vida; o que é bem pouca coisa.

- Em todo o caso - alvitrou Canolles - hão-de esperar que seja dia para nos executarem.

- Ah! isso não é certeza; uma execução feita com archotes deve ser coisa muito linda. Sai mais cara, na verdade. Porém, como a senhora princesa precisa muito dos bordeleses neste momento, poderia muito bem acontecer que se decidisse a ter essa despesa.

- Cale-se! - disse Canolles - ouço passos.

- Com os diabos! - exclamou Cauvignac, empalidecendo um pouco.

- É sem dúvida o vinho, que nos trazem - disse Canolles.

- Ah! sim - lembrou-se Cauvignac, fixando os olhos mais do que atentos na porta - pode ser que seja isso; se o carcereiro entra com garrafas, vai o negócio bem; porém, se, pelo contrário...

275

A porta abriu-se, e o carcereiro entrou - sem garrafas.

Cauvignac e Canolles olharam um para o outro de um modo expressivo; porém, o carcereiro não reparou nisso... Parecia tão apressado, o tempo era tão curto, reinava na masmorra uma escuridão...

Fechou a porta e entrou.

Depois, aproximando-se dos prisioneiros e tirando um papel da algibeira:

- Qual de vós - disse ele - é o barão de Canolles?

- Mal vai o negócio! - disseram juntos os dois homens olhando novamente um para o outro.

Contudo, Canolles hesitou antes de responder, e Cauvignac fez outro tanto: o primeiro, usara o nome demasiado tempo, e, portanto, não podia

duvidar de que o chamamento se dirigisse a ele; o outro, porém, também fizera bastante uso do nome, e, por isso receava que lho lembrassem. Canolles entendeu, todavia, que era preciso responder.

- Sou eu - aventurou.

O carcereiro aproximou-se dele. -Era governador de praça? -Sim.

- Mas eu também era governador de praça; eu também me tenho chamado Canolles - disse Cauvignac. - Vejamos, expliquemo-nos bem, e nada de enganos. Bem basta o que já por minha causa aconteceu àquele pobre Richon, para que seja ainda causa da morte de outro.

- Então agora chama-se Canolles? - perguntou o carcereiro.

- Sim - respondeu Canolles.

276

- E o senhor chamou-se outrora Canolles? - perguntou de novo o carcereiro a Cauvignac.

- Sim - respondeu este - outrora, um dia somente, e começo a acreditar que tive muito má ideia, naquele dia.

- São ambos governadores de praça?

- Sim - responderam juntos Canolles e Cauvignac.

- Agora, com esta última pergunta, tudo há-de aclarar-se.

Os dois prisioneiros prestaram a mais viva atenção.

- Qual de vós - disse o carcereiro - é irmão da senhora Nanon de Lartigues?

Aqui, Cauvignac fez uma carantonha, que teria sido cómica num momento menos solene.

- Não lhe dizia eu - interrompeu, dirigindo-se a Canolles- não lhe dizia, querido amigo, que por aí me atacariam?

Depois, voltando-se para o carcereiro:

- E se eu - disse ele - fosse o irmão da senhora Nanon de Lartigues, que me diria, meu amigo?

- Dir-lhe-ia que me acompanhasse no mesmo instante.

- Bolas! - exclamou Cauvignac.

- Mas ela também me chamou irmão - interrompeu Canolles, tentando desviar, de algum modo, as nuvens da tormenta que se iam amontoando então visivelmente sobre a cabeça do infeliz companheiro.

- Espere, uma palavra mais - cortou Cauvignac, passando por diante do carcereiro, e tomando Canolles à parte - uma só palavra mais, meu cavalheiro; não é justo que seja irmão de Nanon em semelhante circunstância. Até agora, fiz que os outros pagassem por mim, é justo que eu também pague uma vez o que me pertence.

277

- Que quer dizer? - perguntou Canolles.

- Oh! isso levaria muito tempo, e, bem vê, o nosso carcereiro está impaciente, e bate com o pé... Muito bem, meu amigo, muito bem; sossegue, eu já o acompanho. Adeus, pois, querido companheiro - continuou Cauvignac

- eis, pelo menos, desfeitas as minhas dúvidas acerca de um ponto: sou eu quem vai em primeiro lugar. Deus queira que não tenha de seguir-me! Agora o que resta, é saber o género da morte. Com os diabos! Contanto que não seja enforcado... Eu já vou, já o sigo! Tem muita pressa, meu bom homem! Vamos, pois, meu querido irmão, meu querido cunhado, meu querido companheiro, meu querido amigo... Um derradeiro adeus, e boas-noites!

Cauvignac deu então um passo para Canolles estendendo-lhe a mão; Canolles apertou-lha afectuosamente entre as suas.

Entretanto, Cauvignac olhava para ele com uma singular expressão.

- Que me quer? - perguntou Canolles. - Tem alguma coisa a pedir-me?
- Sim - disse Cauvignac.
- Então fale com franqueza.
- Costuma rezar, algumas vezes?
- Sim - respondeu Canolles.
- Ora pois, quando rezar, faça-o por mim.

E, voltando-se para o carcereiro, que parecia estar cada vez mais impaciente:

- Eu é que sou irmão da senhora Nanon de Lartigues
- disse-lhe ele. - Venha, meu amigo.

O carcereiro não se fez rogar duas vezes, e levou-o

278

com ele, apressadamente; do limiar da porta, Cauvignac fez o seu último aceno a Canolles.

A porta tornou depois a fechar-se, os seus passos foram-se afastando pelo corredor, e novamente reinou o mais profundo silêncio - silêncio que, para aquele que ficava, tinha semelhanças com a morte.

Canolles mergulhou numa profunda tristeza, vizinha do terror. Este processo de levar um homem, durante a noite, sem ruído, sem aparato, e sem guardas, era mais assustador do que os preparativos para o suplício feitos à luz do sol. Todavia, todas as apreensões de Canolles iam para o companheiro, porque a sua confiança na senhora de Cambes era tão grande, que, desde que a vira, apesar da fatal notícia que lhe anunciara, já nada receava relativamente à sua própria pessoa.

Era esta a razão por que a única coisa que realmente o preocupava naquela hora, seria a sorte reservada ao companheiro que lhe arrebatavam; então, lembrou-se da última recomendação de Cauvignac. Pôs-se de joelhos, e rezou.

Alguns instantes depois, levantou-se, sentindo-se consolado e forte, não esperando já senão uma coisa: a chegada do socorro prometido pela senhora de Cambes, ou a sua presença.

Enquanto isto, Cauvignac ia na pegada do carcereiro pelo corredor sombrio, não proferindo uma só palavra, e reflectindo com toda a seriedade possível no que se passava.

Ao fundo do corredor, o carcereiro também fechou cuidadosamente a porta, tal como fizera à da prisão de Canolles, e, depois de ter escutado alguns ruídos vagos

279

que partiam do andar inferior, afirmou, voltando-se arrebatadamente para Cauvignac:

- Vamos, ponha-se a caminho, cavalheiro.
- Estou pronto - respondeu Cauvignac, com bastante majestade.
- Não grite tanto - pediu o carcereiro - e ande mais depressa.

E embrenhou-se por uma escada que ia ter às masmorras subterrâneas.

"Oh! oh! - pensou Cauvignac - será que querem degolar-me entre duas paredes, ou quererão enterrar-me vivo nalgum calabouço, atirando-me por qualquer alçapão? Ouvi dizer que por vezes se contentavam em expor os quatro membros numa praça pública, como fez César Bórgia a D. Ramiro d'Orco. Vejamos, este carcereiro está só, leva as chaves à cinta. Essas chaves devem abrir uma porta, seja ela qual for. Ele é pequeno, eu sou forte; ele vai à frente, e eu atrás; e se assim o entender, em breve o terei esganado. É claro que quero!"

E já Cauvignac, que a si próprio tinha respondido, estendia as mãos

ossudas para dar execução ao projecto que acabava de engendrar, quando, de repente, o carcereiro se voltou com terror.

- Caluda! - disse ele - não está a ouvir?

"Na realidade - continuou Cauvignac, falando sempre consigo - há alguma coisa de estranho em tudo isto; e tantas precauções, se não me sossegam, devem inquietar-me muito."

Por isso, parando de súbito:

- Ora vamos lá a saber - disse ele. - Para onde me leva? Vejamos!

280

- Não está a ver? - perguntou o carcereiro. - Para o subterrâneo.

- Ui! - exclamou Cauvignac - quererão enterrar-me vivo?

O carcereiro encolheu os ombros, seguindo por um emaranhado de corredores, e, chegando a uma portinhola baixa, arqueada e húmida, atrás da qual se ouvia um ruído estranho, abriu-a.

- O rio! - exclamou Cauvignac, assustado ao ver a água que corria, sombria e negra como a do Aqueronte.

- Sim, o rio; sabe nadar?

- Sim... não... se... mas para que diabo me faz essa pergunta?

- Porque, se não sabe nadar, seremos obrigados a aguardar um barco que está lá em baixo, à espera, e é um quarto de hora perdido; além disso, podem ouvir o sinal que terei de dar, e, por conseguinte, podemos ser apanhados.

- Apanhados! - exclamou Cauvignac. - Pelo que vejo, meu amigo, fugimos?

- Sem dúvida alguma que fugimos.

- Para onde?

- Para onde quisermos. -Então, estou livre? -Livre como o ar.

- Oh! meu Deus! - exclamou Cauvignac.

E, sem acrescentar uma palavra sequer a esta eloquente exclamação, sem olhar em torno de si, sem lhe importar se o companheiro o acompanhava, saltou ao rio, e mergulhou mais rapidamente do que teria feito uma lontra perseguida. O carcereiro imitou-o, e ambos, depois de

281

um quarto de hora de esforços silenciosos para romper a corrente, chegaram à vista do barco. Então, o carcereiro assobiou três vezes, nadando sempre; os remadores, reconhecendo o sinal convencional, vieram ao encontro deles, içaram-nos prontamente para dentro do barco, e, sem dizer uma só palavra, remaram com toda a força. Em menos de cinco minutos, desembarcaram-nos a ambos na margem oposta.

- Oh! Deus! que ventura! - exclamou Cauvignac, que, desde o momento em que com tanta resolução se lançara ao rio, não proferira uma só palavra.

- Estou então salvo! Querido carcereiro do meu coração, Deus o recompensará.

- Enquanto não chega a recompensa que Deus me reserva - disse o carcereiro - recebi quarenta mil libras, que hão-de ajudar-me a ter paciência.

- Quarenta mil libras! - desabou Cauvignac, estupefacto. - E quem diabo pode ter gasto quarenta mil libras por minha causa?

A ABADIA DE PEYSSAL

UMA palavra apenas de imprescindível explicação, e depois recuperaremos o fio da nossa história. Para mais, já é tempo de regressarmos a Nanon de Lartigues, que, perante a imagem do infeliz Richon expirando no mercado

de Libourne, dera um grito e perdera os sentidos.

Contudo, Nanon, como já por certo se verificou, não era mulher de débil compleição. Apesar da delicadeza do seu corpo, e da pequenez das suas proporções, suportara pesados desgostos, resistira a grandes fadigas, arrostara com grandes perigos, e aquela alma, simultaneamente terna e vigorosa, dotada de uma têmpera pouco comum, sabia curvar-se e amoldar-se às circunstâncias, para ressurgir mais forte a cada folga que o destino lhe dava.

O duque d'Épernon, que a conhecia - ou, para melhor dizer, que julgava conhecê-la - devia admirar-se de a ver tão completamente abatida pelo que dir-se-ia ser uma dor física; ela que, no incêndio do seu palácio em Agen, estivera a ponto de ser queimada viva sem soltar um grito, com receio de dar uma alegria aos seus inimigos, que lhe desejavam o suplício - suplício que um de entre eles,

285

mais exaltado do que os outros, preparara à favorita do governador detestado! - ela, Nanon, que no meio daquele tumulto, vira perecer duas das suas criadas, assassinadas em vez dela, e que não manifestara sintoma algum de susto...

O desmaio de Nanon durou quase duas horas, e culminou em horrorosos ataques de nervos, durante os quais não pôde falar, mas somente soltar gritos inarticulados. Esteve em tal estado, que a própria rainha, depois de ter mandado muitas mensagens à enferma, foi pessoalmente visitá-la, e o cardeal Mazarino, recentemente chegado, quis ficar à cabeceira da cama da enferma, para lhe receitar remédios, pois vangloriava-se muito dos seus conhecimentos de medicina: remédios físicos para aquele corpo ameaçado, e remédios espirituais para a alma em perigo.

Nanon, porém, só recobrou os sentidos com a noite muito adiantada. Então, foi-lhe ainda necessário algum tempo para coordenar as ideias; finalmente, porém, apertando a cabeça com ambas as mãos, exclamou com voz pungente:

- Estou perdida! mataram-mo!

Foi uma felicidade que estas palavras parecessem tão extravagantes, que os assistentes as atribuíram ao estado delirante em que ela caíra.

Contudo, estas palavras impressionaram de tal forma o espírito dos circunstantes, que não as esqueceram, e quando, pela manhã, o duque d'Épernon voltou de uma expedição que na véspera o afastara de Liboume, soube ao mesmo tempo da doença de Nanon, e as palavras que proferira ao recobrar os sentidos. O duque conhecia toda a efervescência daquela alma de fogo; sabia que nela havia

286

mais do que delírio; tratou logo de ir ter com Nanon, e, aproveitando o primeiro momento de solidão que lhe deixaram as visitas, afirmou-lhe:

- Minha querida, eu soube de tudo o que sofreu por causa da morte de Richon, a quem tiveram a imprudência de enforcar sob estas janelas.

- Oh! na realidade, foi horroroso! É infame! - exclamou Nanon.

- Para a outra vez, pode ficar sossegada a este respeito - disse o duque.

- Agora, que sei o efeito que em si provoca, mandarei enforcar os rebeldes noutro sítio. Mas, diga-me, a quem se referia, quando dizia "mataram-no"? Não podia ser a Richon, creio, porque nunca Richon significou para si coisa nenhuma, nem sequer foi um simples conhecimento.

- Ah! está aí, senhor duque? - perguntou Nanon, levantando-se sobre o cotovelo, e agarrando-lhe no braço.

- Sim, sou eu; e congratulo-me que me reconheça, o que é uma prova de que se vai restabelecendo. Mas de quem falava?
- Dele! senhor duque, dele! - disse Nanon, comum rosto de delírio. - Foi o senhor quem o matou! Oh! que desgraçado homem!
- Minha querida, assusta-me. Que está para aí a dizer?
- Digo que o matou. Não me compreende, senhor duque?
- Não, querida amiga - replicou o senhor d'Éper-non, tratando de fazer falar Nanon, e aproveitando-se do delírio dela. - Como podia eu matá-lo, se o não conheço.

287

- Não sabeis que está prisioneiro de guerra, que era capitão, que era governador, que tinha os mesmos títulos e a mesma patente que o pobre Richon, e que os bordeleses vão vingar nele o assassinio daquele que mandou assassinar? Pois por mais que lhe tenham dado a aparência da justiça, é um verdadeiro assassinio, senhor duque.
O duque, confuso com esta censura, com o fogo daqueles olhos chamejantes, com a acção febril daquele gesto enérgico, recuou e empalideceu.
- Oh! é verdade! é verdade! - exclamou ele, batendo na testa - tinha-me esquecido daquele pobre Canolles.
- Meu irmão! meu pobre irmão! - exclamou Nanon, feliz em poder desafogar a sua dor, e dando ao amante o título sob o qual o senhor d'Épernon o conhecia.
- Tem razão - disse o duque - eu é que tenho uma cabeça sem miolos. Como diabo pude eu esquecer o meu pobre amigo! Porém, não está ainda tudo perdido; apenas agora poderão saber desta notícia em Bordéus; o tempo de se reunirem, de sentenciarem... Para mais, eles hão-de hesitar.
- E a rainha, hesitou? - perguntou Nanon.
- Mas, a rainha é a rainha; ela tem o direito de vida e de morte. Quanto a eles, não são mais do que rebeldes.
- Ah! - disse Nanon. - Mais uma razão para que não respeitem coisa alguma; mas vejamos, diga, que quer fazer?
- Ainda não sei, mas tenha confiança em mim.
- Oh! - lamentou-se Nanon, pretendendo levantar-se - nem que eu vá a Bordéus, entregar-me no lugar dele.
Não morrerá!

288

- Sossegue, minha querida, este assunto fica por minha conta. Eu fiz o mal, e dou-lhe a minha palavra de que hei-de repará-lo. A rainha ainda tem alguns amigos na cidade; portanto, não se preocupe.
O duque fazia esta promessa do íntimo do seu coração.
Nanon leu-lhe nos olhos a convicção, a franqueza, e, sobretudo, a boa vontade; sentiu-se então dominada por tamanha alegria, que, pegando nas mãos do duque:
- Oh! senhor - disse, imprimindo nelas ardentes beijos - se conseguir isso, como o amarei!
O duque sentiu-se enternecido a ponto de derramar lágrimas: era a primeira vez que Nanon lhe falava com aquela expansão, e lhe fazia uma tal promessa.
Saiu imediatamente do quarto, assegurando de novo a Nanon que nada tinha a reear; depois, mandando chamar um dos seus criados, cuja destreza e fidelidade lhe eram bem conhecidos, ordenou-lhe que fosse a Bordéus, que entrasse na cidade ainda que tivesse de escalar as muralhas, e que entregasse ao advogado Lavie este bilhete, escrito pelo seu próprio

punho:

Impedir que aconteça qualquer mal ao senhor de Canolles, capitão comandante de praça ao serviço de Sua Majestade.

Se esse oficial está preso, como se presume, pô-lo em liberdade por todos os meios imagináveis: seduzir os guardas com o oferecimento de todo o ouro que pedirem; chegar até cem mil escudos, um milhão, se for preciso, e ficar certo da protecção do duque d'Épernon para ser provido em algum emprego lucrativo.

289

Se a corrupção não surtir efeito, valer-se da força; não hesitar diante de obstáculo algum: a violência, o incêndio, a morte, tudo será desculpado.

Sinais:

Estatua alta, olhos pretos, nariz curvo: em caso de dúvida, perguntar: É irmão de Nanon?

Depressa; não se pode perder um momento.

O mensageiro partiu. Três horas depois, estava em Bordéus. Entrou numa quinta, trocou o trajo pelo de um camponês, e penetrou na cidade conduzindo um carro carregado de farinha.

Lavierecebeu a carta um quarto de hora depois da decisão do Conselho de Guerra. Conseguiu que lhe abrissem a porta da prisão, falou ao carcereiro-mor, ofereceu-lhe vinte mil libras, que ele recusou; depois trinta mil, que também recusou; finalmente, quarenta mil, que aceitou.

Sabe-se como, enganado com aquela pergunta, que no entender do duque d'Épernon devia esclarecer qualquer dúvida: - É o irmão de Nanon? - Cauvignac, no último movimento de generosidade que talvez houvesse tido durante toda a sua vida, respondera: - Sim. - E, tomando deste modo o lugar de Canolles, encontrara-se em liberdade, para grande surpresa sua. Foi levado num cavalo ligeiro para a aldeia de Saint-Loubés, que estava em poder dos epernonistas. Ali, encontrou um mensageiro do duque, que viera ao encontro do fugitivo numa égua espanhola de grande preço, que pertencia ao nobre.

290

- Está salvo? - exclamou ele, dirigindo-se ao chefe da escolta que conduzia Cauvignac.

- Sim - respondeu este. - Aqui o trazemos.

Era o que o mensageiro queria saber: fez, no mesmo instante, voltar a égua, e lançou-se a galope, com a rapidez de um raio, pela estrada de Libourne. Hora e meia depois, a égua, toda alagada em suor, tombou, na porta da cidade, arremessando o cavaleiro aos pés do senhor d'Épernon, que palpitava de impaciência por ouvir a palavra: Sim. O mensageiro, cansado e moído, teve ainda forças para pronunciar esta palavra, que tão cara custava; e o duque correu, sem perder um momento, a casa de Nanon, que, sempre de cama, fora de si, e com os olhos espantados, fixava na porta, sempre cheia de servidores, um olhar tresloucado.

- Sim - exclamou o duque d'Épernon. - Sim, está salvo, minha querida, vem atrás de mim, e vai vê-lo!

Nanon estremeceu de alegria; estas breves palavras arrancavam-lhe do peito o peso que a sufocava; levantou as mãos ao céu, depois, debulhada em lágrimas, que esta inesperada ventura lhe arrancava dos olhos tornados áridos devido ao desespero, exclamou com voz que não é possível descrever:

- Oh! meu Deus! meu Deus! - agradeço-Vos! Depois, baixando os olhos do

céu para a terra, viu ao seu lado o duque d'Épernon, tão feliz com a sua ventura, que parecia ter tanto interesse pelo prisioneiro como ela: então, somente, é que lhe ocorreu à mente este doloroso pensamento:

"Como será o duque recompensado da sua bondade e da sua solicitude, quando vir o estranho no lugar do

291

irmão? O embuste de um amor quase adúltero substituindo o sentimento tão puro da amizade fraternal?"

A resposta que Nanon deu a si mesma foi curta e enérgica.

"Ora, pois, não importa - pensou aquele coração sublime, ao mesmo tempo de abnegação e de extremoso zelo - não o enganarei mais, confessar-lhe-ei tudo: expulsar-me-á, amaldiçoar-me-á; então, lançar-me-ei aos seus pés para agradecer-lhe o que há três anos tem feito por mim. Depois, pobre, humilhada, mas feliz, sairei daqui rica com o meu amor, e feliz com a vida nova que nos espera..."

Foi no meio deste sonho de abnegação, no qual a ambição era sacrificada ao amor, que a fileira de criados se abriu, e que um homem entrou no quarto, onde Nanon estava deitada, exclamando:

- Minha irmã! minha boa irmã!

Nanon sentou-se na cama, abriu com espanto os grandes olhos, tornou-se mais branca do que a almofada colocada atrás da cabeça, e segunda vez caiu como se fora ferida pelo raio, murmurando:

- Cauvignac; oh meu Deus! Cauvignac!

- Cauvignac! - repetiu o duque, volvendo em torno de si os olhos espantados, que evidentemente procuravam aquele a quem se dirigia esta interpelação. - Cauvignac!

- disse ele - quem é que se chama Cauvignac?

Cauvignac teve todo o cuidado em não responder: sentia-se ainda muito pouco salvo para se atrever a falar com franqueza, a qual, para mais, nem sequer nas circunstâncias habituais da vida lhe era familiar; fácil lhe foi compreender que, respondendo, deitava a perder a

292

irmã, e, ao perder a irmã, arruinava-se infalivelmente a si mesmo; por muita inventiva que tivesse, não proferiu palavra, deixando Nanon falar, e reservando para si o encargo de corrigir as palavras dela.

- E o senhor de Canolles? - exclamou esta, em tom de furiosa repreensão e fulminando Cauvignac com o duplicado fulgor dos seus olhos.

O duque franziu as sobrancelhas, e principiava a morder o bigode. Os circunstantes, à excepção de Finette, que estava muito pálida, e Cauvignac, que fazia quanto lhe era possível por não desmaiar, ignoravam o que significava aquela inesperada cólera, e olhavam espantados uns para os outros.

- Pobre irmã - murmurou Cauvignac ao ouvido do duque - tamanho susto lhe deu o perigo em que estive, que está desvairada, e não me reconhece.

- A mim, oh miserável! é que deves responder - exclamou Nanon. - Sim, a mim! Onde está o senhor de Canolles? Que é feito dele? Responde, mas responde já!

Cauvignac tomou uma resolução desesperada: era preciso jogar e todo pelo todo, e firmar-se na sua imprudência, porque, procurar a salvação numa confissão, dar a saber ao duque d'Épernon a dupla personagem daquele Canolles, a quem ele favorecera, e deste verdadeiro Cauvignac, que recrutara soldados contra a rainha, e vendera à rainha estes mesmos

soldados, era querer ir fazer companhia a Richon na trave do mercado. Aproximou-se, pois, do duque d'Épernon, e, com as lágrimas nos olhos, afirmou-lhe:

- Oh! senhor, já não é delírio, é loucura; e a dor, como vê, desarranjou-lhe a cabeça a ponto de não o reconhecer

293

já os mais próximos parentes. Se há alguém que seja capaz de restituir-lhe o uso da razão, bem vê que sou eu; mande, pois, suplico-lhe, afastar todos os criados, à exceção de Finette, que deve ficar para socorrê-la em caso de necessidade; porque, tanto como eu, decerto teria desgosto por ver rir os indiferentes, à custa da minha pobre irmã!

Talvez que o duque não consentisse facilmente neste meio proposto por Cauvignac (pois, por muito crédulo que fosse, principiava a ter por ele alguma desconfiança), se um mensageiro não tivesse vindo da parte da rainha dizer-lhe que o esperavam no palácio, visto que o senhor Mazarino tinha convocado um Conselho extraordinário.

Enquanto o enviado cumpria a sua mensagem, Cauvignac inclinou-se para Nanon, e disse-lhe rapidamente:

- Pelo santo nome de Deus, acalme-se, minha irmã, para que, sem testemunhas, possamos dizer um ao outro algumas palavras, e tudo ficará remediado.

Nanon deixou-se tombar no leito, senão sossegada, ao menos senhora de si, porque a esperança, ainda que seja dada em pequena dose, é um bálsamo que ameniza os sofrimentos do coração.

Quanto ao duque, decidido a representar até ao fim o papel dos Orgons e dos Gerontes, chegou-se para Nanon e, beijando-lhe a mão, afirmou:

- Vamos, minha querida, a crise já passou, segundo me parece; recobre o uso da razão, deixo-a com o irmão a quem tanto ama, porque a rainha manda chamar-me. Pode ficar certa de que seria pelo menos preciso uma ordem de Sua Majestade para que a deixasse em tal momento.

294

Nanon sentiu que estava a ponto de perder o alento. Não teve forças para responder ao duque, e nada mais fez do que olhar para Cauvignac, e apertar-lhe a mão, como para dizer-lhe:

"Não me enganou, meu irmão, e posso na realidade ter alguma esperança?"

Cauvignac respondeu a este aperto de mão com outro igual, e, voltando-se tranquilamente para o senhor d'Épernon:

- Sim, senhor duque - disse ele - a crise mais violenta está passada, minha irmã em breve se convencerá que tem junto de si um amigo fiel, um coração zeloso, pronto a tudo tentar para restituir-lhe a liberdade e a ventura.

Nanon não pôde conter-se mais, rompeu em soluços, ela que não costumava chorar, ela que era dotada de um espírito vigoroso; tantas coisas, porém, a tinham abalado, que já não era mais do que uma mulher comum

- isto é: fraca, e que experimentava a necessidade das lágrimas. O duque d'Épernon saiu abanando a cabeça, recomendando-a com um olhar a Cauvignac. Assim que ele saiu:

- Oh! quanto aquele homem me fez sofrer! - exclamou Nanon. - Caso se tivesse demorado um instante mais, parece-me que teria morrido.

Cauvignac fez com a mão um sinal que recomendava silêncio, depois foi encostar o ouvido à porta para certificar-se de que o duque realmente se afastava.

- Oh! que me importa a mim - exclamou Nanon

- que escute ou que não escute! Disse-me em voz baixa duas palavras para sossegar-me; fale, em que pensa? Que espera?

295

- Minha irmã - replicou Cauvignac, tomando um ar sério que não lhe era habitual - não lhe afirmarei que tenho a certeza de ser bem sucedido, porém, repetir-lhe-ei o que já lhe disse: que farei tudo quanto me for possível para que assim aconteça.

- Ser bem sucedido em quê? - perguntou Nanon.

- Entendamo-nos bem desta vez; não haverá ainda entre nós algum terrível desencontro?

- Em salvar o infeliz Canolles! Nanon cravou nele os olhos com fixidez assustadora.

- Está perdido! não é assim?

- Ai de mim! - respondeu Cauvignac - se me pergunta a minha opinião franca e completa, confesso que a posição dele me parece má.

- Com que serenidade ele o diz! - exclamou Nanon.

- Mas não sabes, desgraçado, o que representa para mim aquele homem?...

- Sei que é um homem que prefere a seu irmão, pois que o salvava de preferência a mim; e, quando em mim pôs os olhos, me recebeu amaldiçoando-me.

Nanon fez um movimento de impaciência.

- Ah! Mas estava cheia de razão! - continuou Cauvignac - e não o digo como repreensão, antes como uma simples observação; porquanto, preste-me atenção (e punha a mão sobre o coração), não me atrevo a dizer, em minha consciência, com medo de mentir; se ainda estivéssemos ambos na masmorra do Castelo de Trompette, eu, sabendo o que sei agora, teria dito ao senhor de Canolles: - Senhor, Nanon chamou-lhe irmão, é a si que procuram, e não a mim. E, então, ele teria vindo em meu lugar, e eu morreria no dele.

296

- Mas então, tem de morrer! - exclamou Nanon, com aquela explosão de dor, que é uma prova de que nos espíritos, por mais bem organizados que sejam, a ideia da morte só penetra como um receio, e nunca como uma certeza, visto que a afirmativa dá um golpe tão violento.

- Mas então, ele tem de morrer! - insistia a mulher.

- Minha irmã-respondeu Cauvignac-eis tudo quanto posso dizer, e o que deve servir de base ao que vamos fazer; são nove horas da noite. Desde as duas horas da tarde, fazem-me correr; talvez se tenham, entretanto, passado muitas coisas. Não se aflija desse modo, porque também pode acontecer que não se tenha passado coisa alguma, absolutamente. Vejamos uma ideia que me ocorre.

- Fale! Depressa!

- Tenho a uma légua de Bordéus cem homens, e o meu tenente.

- É homem seguro?

- É Ferguzon.

- E então?

- E então, minha irmã, apesar do que diga o senhor de Bouillon, do que faça o senhor de Rochefoucauld, e do que possa pensar a senhora princesa, que se julga muito melhor capitão do que aqueles dois generais, entendo que, com cem homens, cuja metade sacrificarei, poderei chegar até onde está o senhor de Canolles.

- Ah! está muito enganado, meu irmão; não chegará lá! Não chegará lá!...

- Hei-de chegar, ou far-me-ei matar.

- Ai de mim! A sua morte provar-me-á a sua boa vontade; porém, não o salvará! Está perdido! Está perdido!

297

- E eu digo-lhe que não, ainda que tivesse de entregar-me no lugar dele - exclamou Cauvignac, com um transporte quase de generosidade, que a ele mesmo surpreendeu.

- Entregar-se, meu irmão!?

- Sim, eu, sem dúvida; porque, afinal, ninguém tem motivo para incomodar aquele bom senhor de Canolles, e toda a gente o estima, enquanto a mim, pelo contrário, todos detestam.

- A si? E por que razão o detestam?

- A razão é muito simples: porque tenho a honra de estar ligado a si pelos mais estreitos vínculos do sangue. Perdoe, querida irmã, porém, para uma boa realista, é bem lisonjeiro o que lhe digo.

- Espere um momento - disse vagarosamente Nanon pondo o dedo nos lábios. Estou a ouvi-la.

- Diz, pois, que sou muito detestada pelos bordeleses?

- Quero dizer que a olham com execração.

- Ah! na realidade - disse Nanon, com um sorriso meio pensativo e meio alegre.

- Eu não julgava dizer-lhe coisa que lhe fosse tão agradável.

- Sim, sim - acrescentou Nanon. - Se não é agradável é pelo menos muito certo. Sim, tem razão - continuou ela, falando mais consigo mesma do que com o irmão. - Não é ao senhor de Canolles que detestam, não é a si tão pouco. Espere, espere.

Levantou-se, passou à roda do flexível e ardente pescoço uma comprida manta de seda, e, sentando-se à mesa, escreveu à pressa algumas linhas, que Cauvignac, pela

298

cor do rosto dela, e pelo arquejar do seu peito, julgou serem muito importantes.

- Tome isto - disse ela, fechando a carta. - Vá depressa, só, sem soldados, e sem escolta, a Bordéus; há na estrebaria um cavalo que pode andar esse caminho numa hora. Vá o mais depressa que possam permitir os meios humanos, apresente esta carta à senhora princesa, e o senhor de Canolles será salvo.

Cauvignac olhou para a irmã com espanto; porém, como sabia qual era a perspicácia daquele espírito vigoroso, não perdeu tempo a comentar as frases: correu à estrebaria, montou o cavalo designado e, passada meia hora, já tinha andado mais de metade do caminho; quanto a Nanon, assim que da sua janela o viu partir, pôs-se de joelhos, ela que era uma incrédula, fez uma breve oração, meteu o ouro, as jóias e os diamantes num cofre, mandou preparar uma carruagem, e disse a Finette que lhe vestisse as suas melhores roupas.

II

A noite abatia-se sobre Bordéus, e, a não ser o bairro da Esplanada, para onde toda a gente convergia, a cidade parecia deserta.

Mais nenhum ruído se ouvia nas ruas afastadas daquele lugar privilegiado, para além do passo das patrulhas; mais nenhuma voz, além da de alguma velha que se recolhia, fechando a porta com terror.

Porém, do lado da esplanada, lá ao longe, no negrume da noite, ouvia-se um rumor surdo e contínuo, como um sussurro da maré na vazante.

A senhora princesa acabava de concluir a sua correspondência, e mandara dizer ao duque de Rochefoucauld que podia recebê-lo.

Aos pés da princesa, humildemente, num tapete, estudando com a mais viva ansiedade o seu semblante e o seu bom ou mau humor, a senhora de Cambes parecia esperar o momento de falar sem ser importunada; porém, aquela paciência constrangida, aquela doçura estudada, eram sobejamente desmentidas pelas crispações das mãos, que amarrotavam e despedaçavam um lenço.

- Setenta e sete assinaturas! - exclamou a princesa.

301

- Bem vê, Clara, que no desempenho do papel de rainha, nem tudo é prazer. - Perdoe-me, senhora - respondeu a viscondessa. - Porque, tomando o lugar da rainha, chamou a si o mais belo privilégio - o de perdoar.

- E o de castigar, Clara - replicou orgulhosamente a princesa de Conde, - pois uma destas setenta e sete assinaturas foi uma sentença de morte.

- E a septuagésima oitava será numa mercê de perdão, não é assim, senhora? - replicou Clara, com voz suplicante.

- Que dizes, pequena?

- Digo, senhora, que me parece ser tempo de ir libertar o meu preso; não quer que lhe poupe o horroroso espectáculo de ver conduzir o companheiro à morte? Ah! senhora, visto que teve a bondade de conceder-lhe o perdão, que seja pleno e completo.

- Pela minha fé, sim! Tens razão, minha pequena - disse a princesa. - Porém, o certo é que tinha esquecido a minha promessa, no meio destas graves ocupações, e fizeste bem em lembrar-ma.

- Então... - exclamou Clara muito alegre. -Então, faz o que quiseres.

- Então, mais uma assinatura, senhora - disse Clara, com um sorriso que teria comovido o coração mais duro, sorriso que nenhuma pintura poderia exprimir, porque só pertence à mulher que ama - isto é: à vida, na sua mais divina essência.

E pôs um papel sobre a mesa da senhora princesa, e indicou-lhe com a ponta do dedo onde devia assentar a mão.

302

A senhora de Conde escreveu:

Ordem ao senhor governador do Castelo de Trompette, para deixar entrar a senhora viscondessa de Cambes na prisão do senhor barão de Canolles, a quem damos plena e inteira liberdade.

- É isso que queres? - perguntou a princesa.

- Oh! sim, senhora - exclamou a senhora de Cambes. -E é preciso que eu assine?

- Sem dúvida que é preciso.

- Vamos, pequena - disse a senhora de Conde, com o seu mais encantador sorriso - não há remédio senão fazer o que tu queres.

E assinou.

Clara caiu sobre o papel como uma águia sobre a presa. Apenas se demorou o tempo necessário para agradecer a Sua Alteza, e, apertando o papel de encontro ao coração, saiu do quarto.

Na escada, encontrou o duque de Rochefoucauld, a quem um acompanhamento bastante numeroso de capitães, e de povo, sempre acompanhava nos seus passeios pela cidade.

Clara fez-lhe uma pequena e alegre cortesia. O senhor de Rochefoucauld, espantado, parou um instante no patamar, e, antes de entrar no quarto da senhora de Conde, seguiu Clara com os olhos, até ao fundo da escada.

Depois, chegando-se ao pé de Sua Alteza:

- Senhora - disse ele - tudo está pronto. - Onde?

303

- Lá em baixo!

A princesa pareceu querer recordar-se de alguma coisa.

- Na esplanada - continuou o duque.

- Ah! muito bem - respondeu a princesa, afectando muita serenidade, porque via que olhavam para ela, e que, apesar da sua natureza de mulher, que queria estremar, dava ouvidos à sua dignidade de chefe de partido, que lhe ordenava não mostrar fraqueza. - Pois bem, se tudo está pronto, vá, senhor duque.

O duque hesitou.

- Julga conveniente que eu tenha de assistir? - perguntou a princesa, com um tremor na voz, que, apesar do poder que tinha sobre si mesma, não pôde reprimir completamente.

- Como quiser, senhora - respondeu o duque, que talvez, neste momento, fazia um dos seus estudos fisiológicos.

- Veremos, duque, veremos; já sabe que perdoei a um dos condenados?

- Sim, senhora.

- E que lhe parece esta medida?

- Digo que tudo que Vossa Alteza faz, é bom.

- Sim - replicou a princesa - antes quero isso. Será mais digno de nós mostrar aos epernonistas que não tememos usar de represálias, tratar de potência a potência com Sua Majestade, mas que, confiados na nossa força, correspondemos ao mal sem furor e sem exagero.

- Isso é muito político.

- Não é verdade, duque? - disse a princesa, que buscava penetrar, pelo som da voz de Rochefoucauld, a sua verdadeira intenção.

304

- Mas - continuou o duque - o seu parecer é que sempre um dos dois expie a morte de Richon; pois, ficando aquela morte sem vingança, daria a entender que Vossa Alteza pouco se importa com os bravos que se consagram ao seu serviço.

- Oh! certamente; e um dos dois morrerá, dou-lhe a minha palavra! Pode ficar sossegado a esse respeito.

- Poderei eu saber a qual dos dois Vossa Alteza se dignou conceder graça?

- Ao senhor de Canolles. - Ah!

- Este Ah! foi pronunciado de um modo estranho. -Terá alguma coisa de particular contra este gentil-homem, senhor duque? - perguntou a princesa.

- Eu, senhora! Porventura tive eu jamais alguma coisa pró ou contra alguém? Classifico os homens em duas categorias: os obstáculos e os amparos. É preciso derrubar uns, e apoiar os outros... enquanto nos apoiarem. Eis a minha política, senhora, e quase que diria a minha moral. "Em que diabo está ele cogitando, e aonde quererá ele chegar? - perguntava Lenet a si mesmo: - dá ares de detestar o pobre Canolles."

- Ora pois - replicou o duque - se Vossa Alteza não tem outra ordem a dar-me...

- Não, senhor duque.

- Retirar-me-ei, com licença de Vossa Alteza. -Então é esta mesma noite?

- perguntou a senhora

de Conde.

- Daqui a um quarto de hora. Lenet dispôs-se a seguir o duque.

- Vai ver isso, Lenet? - perguntou a princesa.

- Oh! não, senhora - respondeu Lenet. - Eu não posso suportar comoções violentas, bem o sabe; contentar-me-ei a ir até meio caminho, isto é, até à prisão, e ver o quadro tocante da libertação do pobre Canolles pela mulher que ele ama.

O duque fez uma cara amuada de filósofo, Lenet encolheu os ombros, e o acompanhamento fúnebre saiu do palácio para se dirigir à prisão.

A senhora de Cambes não gastara cinco minutos para franquear aquela distância; chegou, mostrou a ordem à sentinela da ponte levadiça, depois ao porteiro do castelo, e mandou chamar o governador.

O governador examinou a ordem com os olhos embaciados de um governador de prisão, que nunca se altera, nem à vista de uma sentença de morte, nem de um perdão; reconheceu o selo e assinatura da senhora de Conde, saudou a mensageira, e, voltando-se para a porta: -Vão chamar o tenente - disse ele.

Depois, fez sinal à senhora de Cambes para que se sentasse; porém, ela estava demasiado agitada, e não podia deixar de combater a sua impaciência pelo movimento; deixou-se ficar em pé.

O governador julgou dever dirigir-lhe a palavra:

- Conhece o senhor de Canolles? - disse ele, com a mesma voz com que teria perguntado que tempo fazia.

- Oh! sim, senhor - respondeu a viscondessa. -Talvez seja seu irmão, senhora?

- Não, senhor.

- Seu amigo?

- É... é meu noivo - disse a senhora de Cambes,

esperando que com esta declaração o governador se apressaria a pôr o preso em liberdade.

- Ah! - replicou o governador, no mesmo tom que até ali adoptara - dou-lhe os parabéns, minha senhora.

E, não tendo mais perguntas a fazer, o governador tornou a ficar imóvel e silencioso. O tenente entrou.

- Senhor d'Outremont - disse o governador - chame chaveiro-mor, e mande pôr em liberdade o senhor de anolles; eis a ordem de libertação.

O tenente inclinou-se, e pegou no papel.

- Quer esperar aqui? - perguntou o governador. -É-me, pois, proibido acompanhar o senhor?

- Não, senhora.

- Então, acompanhá-lo-ei, pois bem deve compreender que desejo ser a primeira a dar a notícia de que está salvo.

- Vá, pois, minha senhora, e fique certa do meu profundo respeito.

A senhora de Cambes fez uma vénia rápida ao governador, e seguiu o tenente.

Este, era precisamente o mancebo que já conversara com Canolles e Cauvignac, e desempenhava as suas ordens com toda a diligência da simpatia.

Num momento, a senhora de Cambes e ele estavam no pátio.

- O chaveiro-mor? - gritou o tenente.

Depois, voltando-se para a senhora de Cambes por a ver estremecer, disse-lhe:

- Não esteja inquieta, minha senhora, em breve chegará aqui.

O segundo chaveiro chegou.

307

- Senhor tenente - disse ele - o chaveiro-mor desapareceu; em vão o têm procurado.

- Oh! senhor - exclamou a senhora de Cambes - isto ainda nos demorará muito tempo?

- Não, senhora, a ordem é formal; por conseguinte, fique sossegada.

A senhora de Cambes deu-lhe os agradecimentos, fixando nele os olhos com uma expressão, que só pertence à mulher e ao anjo.

- Tem chaves duplicadas de todas as prisões? - perguntou o senhor d'Outremont.

- Sim, senhor - respondeu o chaveiro.

- O senhor de Canolles ocupa o número 2. -Isso mesmo, o número 2; abra depressa,

- Além disso - continuou o chaveiro - creio que estão juntos; escolher-se-á o pretendido.

Em todos os tempos os carcereiros têm sido gracejadores!...

Porém, a senhora de Cambes era demasiado feliz, e, portanto, não se escandalizou com este atroz gracejo. Pelo contrário, riu-se; até teria abraçado aquele homem, se preciso fosse, para que ele se apressasse, e ela pudesse ver Canolles, um segundo mais cedo.

Finalmente, abre-se a porta. Canolles, que ouviu passos no corredor, que reconheceu a voz da viscondessa, lançou-se nos seus braços, e ela, fora de si de contentamento, esquecendo-se de que ainda não é seu marido, aperta-o ao coração com toda a sua força.

O perigo que ele correrá, aquela separação eterna, à borda da qual chegaram como à de um abismo, tudo desculpa, tudo purifica.

308

- Então, meu amigo - disse ela, radiosa de alegria e de orgulho - vê que cumpro a minha palavra, alcancei o seu perdão, e como prometera, venho buscá-lo e podemos-nos pôr a caminho.

E, enquanto assim falava, ia arrastando Canolles para o corredor.

- Senhor - disse o tenente - pode consagrar toda a vida à senhora, porque sem dúvida nenhuma, é a ela que a deve.

Canolles não respondeu coisa alguma, mas os seus olhos fixaram-se ternamente no anjo libertador; a sua mão apertou a mão da mulher...

- Oh! não se apressem tanto - disse o tenente, sorrindo - nada já têm que recear, e está livre; disponha-se, portanto, com todo o vagar, a abrir as suas asas.

Porém, a senhora de Cambes, sem dar ouvidos a estas palavras animadoras, continuava a arrastar Canolles pelos corredores. Canolles em nada se lhe opunha, fazendo sinais de despedida ao tenente, a que este correspondia. Chegaram à escada, que descera como se os dois amantes tivessem aquelas asas de que o tenente acabava de falar. Finalmente, chegaram ao pátio; só lhes faltava franquear uma porta, e franqueada esta, a atmosfera da prisão já não pesaria sobre os seus dois nobres corações...

Afinal, abriu-se esta última porta.

Porém, do outro lado, uma tropa de gentis-homens, de guardas e de arceiros cobria a ponte levadiça; era o senhor de Rochefoucauld e os seus acólitos.

Sem saber porquê, a senhora de Cambes estremeceu. Sempre lhe acontecera uma desgraça todas as vezes que se encontrava com aquele homem.

Quanto a Canolles, se experimentou alguma comoção, essa ficou no íntimo do seu coração, e não se lhe manifestou no semblante.

O duque saudou a senhora de Cambes e a Canolles, e até parou para lhes fazer alguns cumprimentos. Depois, fez um sinal à fileira dos gentis-homens e dos guardas que o acompanhavam, e a fileira abriu-se.

No mesmo instante, lá no fundo do pátio, rompeu uma voz que saía dos corredores, e ouviram-se ecoar estas palavras:

- Olá! o número-está vazio, o outro preso não está no seu quarto; há cinco minutos que o procuro inutilmente, e não o encontro em parte alguma.

Estas palavras produziram um estremecimento em todos os que as ouviram; o duque de Rochefoucauld estremeceu, e, não podendo reprimir um primeiro movimento, estendeu a mão para Canolles, como para detê-lo.

Clara viu este movimento e empalideceu. - Venha, venha - disse ela ao mancebo - apressemo-nos.

- Perdoe, senhora - disse o duque. - Tenha paciência, por um momento. Rogo-lhe que nos dê tempo para aclarar este engano; asseguro-lhe que será coisa de um minuto.

E, com outro sinal do duque, a fileira que se havia aberto, tornou a fechar-se.

Canolles olhou para Clara, para o duque, para a escada de onde vinha a voz, e também empalideceu.

- Mas, senhor - perguntou Clara - para que hei-de eu esperar? A senhora princesa de Conde assinou a ordem

de libertação do senhor de Canolles; ei-la aqui, eis o seu nome; veja, olhe.

- Sim, senhora, nisso não há a mínima dúvida, e a minha intenção não é negar a validade dessa ordem: daqui a um instante será tão válida como agora; tenha, pois, paciência; acabo de enviar alguém que não pode tardar a voltar.

- Mas que temos nós com isso? - perguntou Clara - e que há de comum entre o senhor de Canolles e o preso número 1?

- Senhor duque - disse o capitão das guardas que o senhor de Rochefoucauld enviara - acabamos de fazer uma busca inútil; ao outro preso, não é possível encontrá-lo; o carcereiro-mor também desapareceu; ele e o preso saíram pela porta secreta que dá para o rio.

- Oh! oh! - exclamou o duque. - Sabe alguma coisa disso, senhor de Canolles? Uma fuga!

Ao ouvir estas palavras, Canolles tudo percebe e tudo adivinha. Compreende que é Nanon quem o protege, compreende que a ele é que vieram buscar, e que a ele é que designaram debaixo do nome de irmão da menina de Lartigues; que, sem que o soubesse, Cauvignac tomou o seu lugar, e ganhou a liberdade onde julgava encontrar a morte. Todas estas ideias lhe ocorrem ao mesmo tempo, leva ambas as mãos à fronte pálida, e só se reanima ao ver que a viscondessa, trémula e palpitante, estava agarrada ao seu braço. Nenhum destes sinais de terror involuntário escaparam ao duque.

- Feche as portas - gritou este. - Senhor de Canolles: tenha a bondade de não sair daqui; é preciso, como compreenderá, que tudo isto se deslinde.

- Mas, senhor duque - exclamou a jovem senhora - creio que não tem a pretensão de opor-se a uma ordem da senhora princesa!

- Não, senhora - disse o duque. - Porém, julgo que é importante preveni-la acerca do que se passa. Não lhe direi: "Vou lá eu mesmo." Poderia pensar que a minha intenção é influir na opinião da nossa augusta ama; mas dir-lhe-ei: "Vá lá, senhora, porque melhor do que ninguém saberá solicitar a clemência da senhora de Conde." Lenet fez um sinal imperceptível a Clara.

- Oh! não me afastarei dele - exclamou ela, apertando convulsivamente o braço do mancebo.

- E eu - disse Lenet - vou ter com Sua Alteza; venha comigo, capitão, ou o senhor mesmo, senhor duque.

- Acompanhá-lo-ei, já que assim o quer. O senhor capitão aqui ficará, e continuará as pesquisas na minha ausência; talvez que se venha a encontrar o outro preso.

E, como para dar ainda maior peso à última parte da sua frase, o duque de Rochefoucauld disse algumas palavras ao ouvido do oficial, e saiu com Lenet. No mesmo instante, os dois jovens foram impelidos para o pátio por aquela vaga de cavaleiros que acompanhavam o senhor de Rochefoucauld, e atrás dos quais a porta se fechou.

Havia dez minutos que os assistentes, pálidos e mudos, olhavam uns para os outros e procuravam descobrir nos olhos de Canolles e de Clara qual dos dois era o que mais sofria. Canolles, compreende que a força toda deve proceder dele; é grave e afectuoso para com a amante, que, lívida, com os olhos vermelhos e joelhos trémulos, sorrindo-lhe com um ar medonho de ternura; depois vacila, lançando para um outro lado os olhos espantados,

312

sobre todos aqueles homens, entre os quais em vão procura um amigo.

O capitão, que recebeu as ordens do duque de Rochefoucauld, fala também em voz baixa aos seus oficiais. Canolles, cujo olhar é seguro, e cujo ouvido está atento às menores palavras que podem tornar a sua dúvida em certeza, escuta-o, apesar da precaução que toma em falar tão baixo quanto lhe é possível, e ouve-lhe proferir estas palavras:

- Seria todavia necessário encontrar um meio de afastar esta pobre mulher.

Tenta ele não soltar o seu braço do carinhoso aperto que o segura. Clara percebe qual seja a sua intenção, e agarra-se a ele com todas as suas forças.

- Mas - exclama ela - é preciso continuar as indagações, talvez que não se tenha procurado bem, e que, por fim, venha a dar-se com aquele homem. Procuremos, procuremos todos, é impossível que tenha fugido. Porque não havia o senhor de Canolles ter fugido com ele, e tão bem como ele? Vejamos, senhor capitão, eu rogo-lhe, ordene que o procurem.

- Tem-se procurado, minha senhora - respondeu este.

- Neste mesmo momento ainda o andam procurando. O carcereiro bem sabe que incorre na pena de morte se não apresentar o preso; tem, portanto, muito interesse em fazer as mais activas pesquisas.

- Oh! meu Deus! - murmurou Clara - e o senhor Lenet que não volta!

- Tenha paciência, minha querida, tenha paciência

- disse Canolles, naquele tom de doçura com que se fala às crianças. - O senhor Lenet acaba de partir; neste

313

mesmo instante, apenas terá tido tempo de chegar à presença da senhora princesa; dê-lhe tempo para expor o acontecimento, e voltar depois, para trazer-nos a resposta.

E, dizendo estas palavras, apertou brandamente a mão da viscondessa.

Depois, vendo a fixidez do olhar e a impaciência do oficial que comandava em lugar do senhor de Rochefoucauld:

- Capitão - disse ele - acaso desejaria falar-me?

- Sim, senhor, sem dúvida alguma - respondeu este, a quem a vigilância da viscondessa muito atormentava.

- Senhor - exclamou a senhora de Cambes - con-duza-nos à presença da senhora princesa, peço-lhe. Que dúvida pode ter nisso? Tanto faz conduzir-nos à presença dela como ficarmos aqui, na incerteza; Sua Alteza o verá, senhor, ver-me-á a mim mesma, falar-lhe-ei, e confirmará a sua promessa.

- Mas - disse o oficial, aproveitando ansioso esta ideia emitida pela viscondessa - ocorreu-lhe uma excelente lembrança, minha senhora; vá lá a senhora, vá; tem toda a probabilidade de ser bem sucedida.

- Que lhe parece, barão? - perguntou a viscondessa - julga que eu faria bem? Não quererá enganar-me; que devo eu fazer?

- Vá, senhora - disse Canolles, fazendo sobre si mesmo um supremo esforço.

A viscondessa largou-lhe o braço, deu alguns passos, e depois, voltando-se para o amante:

- Oh! não, não - disse ela - Deus seja louvado, aí estão o senhor Lenet e o senhor duque, de volta.

314

Com efeito, atrás do duque de Rochefoucauld, que de novo se apresentava com o seu rosto impassível, vinha Lenet, com o semblante turbado e mãos trémulas. Logo que Canolles pôs os olhos no pobre conselheiro, conheceu que já não havia esperança alguma, e que estava condenado à morte.

- Então? - perguntou a jovem senhora, fazendo um movimento tão arrebatado para Lenet, que arrastou Canolles consigo.

- Então - balbuciou Lenet - a senhora princesa está indecisa...

- Indecisa!... - exclamou Clara. - Que significa isto? - Isso significa que a manda chamar - respondeu o duque - e quer falar-lhe.

- É verdade, senhor Lenet? - perguntou Clara sem que lhe importasse o que esta interrogação tinha de insultante para o duque.

- Sim, senhora - balbuciou Lenet.

- Mas, e ele? - perguntou a viscondessa. - Quem?

- O senhor de Canolles.

- O senhor de Canolles tem de voltar para a sua prisão, e a senhora lhe levará a resposta da senhora princesa - disse o duque.

- Ficará com ele, senhor Lenet? - perguntou Clara.

- Senhora...

- Ficará você com ele? - repetiu a viscondessa. - Não me afastarei dele.

- Não se afastará dele; assim o jura?

- Oh! meu Deus! - diz em voz baixa Lenet, olhando para aquele mancebo que espera a sua sentença, e para

315

aquela mulher, a quem uma palavra sua vai matar, - Oh! meu Deus! Já que um dos dois está condenado à morte, dá-me ao menos força para salvar o

outro. -Não o jura, senhor Lenet?

- Eu juro - replicou o conselheiro, levando com esforço a mão ao coração prestes a despedaçar-se-lhe.

- Muito obrigado, senhor - disse em voz baixa Canolles. - Compreendo-o. Depois, voltando-se para a viscondessa:

- Vá, senhora - disse ele - bem vê que não corro perigo nenhum, entre o senhor Lenet e o senhor duque.

- Não a deixe partir sem a abraçar - disse Lenet. Um suor frio alagou a fronte de Canolles; sentiu uma espécie de nevoeiro que lhe passava por diante dos olhos; deteve Clara, que ia partir, e, fingindo ter que dizer-lhe algumas palavras em voz baixa, aproximou-a ao seu peito, e, inclinando-se para falar-lhe ao ouvido:

- Suplique sem baixeza - disse ele. - Quero viver para si; mas também deveis querer que eu viva com honra.

- Hei-de suplicar de maneira que te salve - replicou ela.-Não és tu o meu esposo diante de Deus?

E Canolles, recuando, conseguiu aflorar-lhe o pescoço com os lábios, mas com tanta cautela, que ela não o sentiu, e a pobre insensata afastou-se dele sem lhe restituir o derradeiro beijo. Contudo, no momento em que saía do pátio, voltou-se; porém, uma fileira de soldados separou-a do preso.

- Amigo - disse ela - onde estás tu? Não posso já ver-te: uma palavra, uma palavra ainda, quero apartar-me de ti ouvindo o som da tua voz!

- Vá, Clara - disse Canolles. - Fico à sua espera!

316

- Vá, vá, senhora - disse um oficial, caritativo. -Quanto mais depressa partir, mais depressa estará de volta.

- Senhor Lenet, querido senhor Lenet - bradou a voz de Clara, ao longe. - Tenho toda a confiança em si; responderá por ele!

E a porta fechou-se atrás dela.

- Na realidade - disse em voz baixa o duque, filósofo - só a muito custo conseguimos afastá-la. Mas, enfim, eis-nos de novo de mãos livres.

III

MAL a viscondessa desapareceu, mal a sua voz se extinguiu ao longe, e a porta se fechou sobre ela, o círculo dos oficiais apertou-se em torno de Canolles, e viram aparecer, saindo sem que se soubesse de onde, dois homens de figura sinistra que, aproximando-se do duque, lhe pediram humildemente as ordens.

O duque contentou-se em responder, apontando para o prisioneiro. Depois, aproximando-se:

- Senhor - disse ele a Canolles, saudando-o com aquela placidez glacial que lhe era habitual. - Sem dúvida percebe que a fuga do seu companheiro de desgraça fez recair sobre si a sorte que o esperava a ele?

- Sim, senhor - respondeu Canolles. - Pelo menos, desconfiava disso, porém, o que tenho por certo, é que a senhora princesa perdoou expressamente à minha pessoa, designando-me pelo meu nome. Eu vi, e decerto também viu, mesmo agora, a minha ordem de liberdade nas mãos da senhora viscondessa de Cambes.

- É verdade, senhor - voltou o duque. - Porém, a senhora princesa não podia prever o caso que se deu.

319

- Então - replicou Canolles - a senhora princesa dá o dito por não dito, e não cumpre o que assinou?

- Sim - respondeu o duque.

- Uma princesa de sangue faltar à sua palavra! O duque conservou-se impassível. Canolles olhou em torno de si.

- É chegado o momento? - disse ele.

- Sim, senhor.

- Julgava que se esperaria a volta da senhora de Cambes; tinha-se-lhe prometido que nada se faria na sua ausência. Toda a gente falta, pois, à palavra dada?

E o prisioneiro fixou um olhar de repreensão, não no duque, mas em Lenet.

- Ah! senhor - exclamou este, com as lágrimas nos olhos - perdoe-nos. A senhora princesa recusou positivamente o seu perdão; contudo, não foi por falta de rogos da minha parte, disso é testemunha o senhor duque, e Deus também. Mas eram indispensáveis as represálias pela morte do pobre Richon, e a nada quis ceder, foi insensível como mármore. Agora, julgue-me o senhor barão; olhe, em lugar de permitir que a terrível situação em que se encontra fosse suportada, metade por si, e a outra metade pela viscondessa, tomei sobre mim - digne-se perdoar-me, porque estou consciente de que preciso do seu perdão - tomei sobre mim fazer com que o senhor a suporte sozinho, o senhor, que é soldado, que é um gentil-homem.

- Então - balbuciou Canolles, a quem a comoção sufocava - então não tornarei mais a vê-la! Quando me dizia que a abraçasse, era pela última vez!

Um soluço mais forte do que o estoicismo, do que a razão e do que o orgulho, rasgou o peito de Lenet;

320

retirou-se, a recuar, derramando amargas lágrimas. Canolles, então, correu os olhos penetrantes por todos quantos o rodeavam; não viu em toda a parte senão homens endurecidos pela cruel morte de Richon, e que observavam qual seria a sua firmeza; mesmo assim, se um não dava indícios de compaixão, outro os daria, e, junto deste, um tropel de gente tímida que dilatava os músculos para dissimular as comoções, e tragar as lágrimas e suspiros.

"Oh! é horroroso pensar - murmurou o mancebo, num daqueles instantes de lucidez sobre-humana, que descobrem à alma infinitos horizontes sobre tudo quanto seja a vida - isto é: sobre alguns rápidos instantes de ventura, arremessados como ilhas no meio de um oceano de lágrimas e de sofrimentos... - sim, é horroroso! Agora, que tinha uma mulher adorada, que, pela primeira vez, acabava de dizer-me que me amava! Um longo e doce porvir! A realização do sonho de toda a minha vida! E eis que, num instante, num segundo, a morte ocupa o lugar de tudo isto!..."

O coração apertou-se-lhe, e sentiu um nervosismo nos olhos, como se estivesse para chorar. Mas, então, lembrou-se, como dissera Lenet, de que era um homem, um soldado.

"Orgulho - disse ele, consigo - que és a única coragem que existe realmente - vem em meu auxílio! Eu, chorar uma coisa tão fútil como a vida!... Quanto não ririam os homens, se pudessem dizer: - Canolles, sabendo que ia morrer, chorou! - Como me portei eu no dia em que foram sitiá-lo em São Jorge, e em que os bordeleses queriam matar-me como hoje? Combati, graciei, ri..."

321

Pois então, pelo céu que me ouve, e que talvez seja duro para comigo,

pelo Diabo que luta neste momento com o meu anjo bom, farei hoje como fiz naquele dia, e se já não combato, quanto mais não seja, ainda gracejarei, e sempre rirei."

No mesmo instante, o rosto tornou-se sereno, como se toda a comoção houvesse voado do seu coração; passou a mão pelos belos cabelos negros, e, aproximando-se, com passo firme e um sorriso nos lábios, do senhor de Rochefoucauld e de Lenet, afirmou:

- Senhores, bem sabem que neste mundo tão cheio de acidentes estranhos e inesperados, precisamos acostumar-nos a tudo! Fiz mal em não lhes pedir um minuto para me acostumar à ideia da morte; se é demasiado, peço-lhes me desculpem por os haver feito esperar.

Um profundo espanto espalhou-se pelos grupos; o próprio prisioneiro reconheceu que do espanto passavam à admiração; este sentimento, tão glorioso para ele, envaideceu-o e duplicou as suas forças.

- Quando quiserem, senhores - disse ele - sou eu quem espera.

O duque, momentaneamente dominado pelo assombro, recobrou a costumada fleuma, e fez um sinal.

A este sinal, as portas abriram-se, e o séquito aprontou-se para a caminhada.

- Um momento! - exclamou Lenet, para ganhar tempo.

- Um momento, senhor duque! É, com efeito, à morte que conduzimos o senhor de Canolles, não é verdade?

O duque fez um movimento de surpresa, e Canolles olhou com espanto para Lenet.

- Sem dúvida - assegurou o duque.

322

- Então - replicou Lenet - se assim é, este digno gentil-homem não pode passar sem um confessor.

- Perdoe, perdoe, senhor - replicou Canolles. - Pelo contrário, passarei perfeitamente sem ele.

- Como? - perguntou Lenet, fazendo sinais ao prisioneiro, que este não queria compreender.

- Porque sou huguenote - replicou Canolles - e hu-guenote decidido, declaro-lhe. Se quiser fazer-me um derradeiro favor, deixe-me morrer no estado em que estou.

E, ao mesmo tempo que recusava, um gesto de reconhecimento provou a Lenet que o mancebo percebera perfeitamente o seu pensamento.

- Então, se coisa nenhuma nos demora já, ponhamo-nos em marcha - disse o duque.

- Confesse-se! confesse-se! - gritaram alguns, furiosos. Canolles levantou-se na ponta dos pés, volveu em torno

de si os olhos, com serenidade e firmeza, e, voltando-se para o duque:

- Teremos ainda novas cobardias, senhor? - perguntou ele, severamente. - Parece-me que se alguém tem aqui o direito de fazer as suas vontades, sou eu, que sou o herói da festa; recuso um confessor, mas peço o cadafalso, e quanto antes. Pelo que me diz respeito, já estou cansado de esperar.

- Olá, silêncio! - exclamou o duque, voltando-se para os grupos.

Depois, logo que, imposto pela sua voz e pelo seu olhar, o silêncio ficou efectivamente restabelecido, dirigiu-se a Canolles:

- Senhor, fará como muito bem entender.

323

- Muito agradecido, senhor. Então, partamos, e apressemos o passo. Lenet tomou o braço de Canolles.

- Pelo contrário - disse-lhe ele - vá devagar. Quem sabe? Um adiamento, uma reflexão, um acontecimento, são coisas possíveis. Vá devagar, peça-lhe em nome daquela que o ama, e que tanto chorará se caminhamos com demasiada pressa...

- Oh! - replicou Canolles - não me fale dela, enca-recidamente lhe peço; todo o meu valor me abandona com a ideia de que vou ser para sempre separado dela; mas, que digo?... Pelo contrário, senhor Lenet, fale-me dela, repita-me que ela me ama, que me amará sempre, e, sobretudo, que me chorará.

- Vamos! querido e infeliz mancebo - disse Lenet - não se entorneça, lembre-se que olham para si e que não sabem de que falamos.

Canolles levantou altivamente a cabeça, e os seus belos cabelos, por um movimento que fez cheio de elegância, caíram-lhe em anéis pretos sobre o pescoço. Tinham chegado à rua; grande número de archotes iluminava a marcha, de forma que se podia ver o rosto sereno e risonho do condenado. Ouviu chorar mulheres, outras dizerem, comovidas: -Pobre barão, tão moço e tão formoso.

Foram continuando silenciosamente o caminho; depois, subitamente:

- Senhor Lenet - disse ele - desejava muito vê-la, ainda uma vez.

- Quer que eu a vá buscar? Quer que lha traga? - perguntou Lenet, que já não tinha vontade própria.

324

- Oh! sim - disse Canolles.

- Pois então, eu lá vou, mas olhe que a mata. -Tanto melhor!

Era o egoísmo, que soprava estas palavras no coração

do mancebo - se tu a matas, jamais outro a possuirá.

- Depois, repentinamente, vencendo esta última fraqueza:

- Não, não - disse, detendo Lenet pela mão. - Prometeu-lhe que ficaria comigo; deixe-se, pois, ficar.

- Que diz ele? - perguntou o duque ao capitão das guardas.

Canolles ouviu a pergunta.

- Digo, senhor duque - respondeu ele - que não julgava que fosse tamanha a distância da prisão à esplanada.

- Ah! - acrescentou Lenet - não se queixe, pobre mancebo, porquanto eis-nos chegados.

Com efeito, os archotes que iluminavam a marcha, e a vanguarda que precedia a escolta, desapareciam naquele mesmo instante, ao voltar de uma rua.

Lenet apertou a mão do mancebo, e, querendo, antes de chegar ao lugar da execução, tentar um derradeiro esforço, aproximou-se do duque:

- Senhor - disse ele em voz baixa - ainda uma vez: rogo-lhe, perdoe! Deita a perder a nossa causa, fazendo executar o senhor de Canolles.

- Pelo contrário - replicou o duque - damos provas de que a consideramos justa, visto que não receamos usar de represálias.

- As represálias fazem-se entre iguais, senhor duque! E por mais que se diga, a rainha sempre há-de ser a rainha, e nós seus súbditos.

- Não discutamos semelhantes coisas diante do senhor

325

de Canolles - respondeu o duque, em voz alta. - Vê perfeitamente que isto é indecoroso.

- Não fale de perdão diante do senhor duque - interrompeu Canolles - bem vê que está a ponto de executar ousadamente um feito estrondoso; não o perturbemos por tão pouca coisa...

O duque não replicou; porém, pelos seus lábios apertados e olhar irónico, viu-se que o tiro acertara no alvo. Enquanto isso, haviam continuado a caminhar, e Canolles, por sua parte, achava-se à entrada da esplanada; ao longe, isto é, na outra extremidade da praça, via-se a multidão apinhada, e um vasto círculo formado pelos canos refulgentes dos mosquetes; no centro, levantava-se alguma coisa negra e uniforme, que Canolles não conseguiu distinguir nas trevas; julgava que era um cadafalso normal; porém, os archotes, chegando de súbito ao centro da praça, iluminaram aquele objecto negro, ao princípio desconhecido, e deixaram ver distintamente o horrível perfil de uma forca.

- Uma forca! - exclamou Canolles, parando e estendendo a mão para a máquina. - Não é uma forca, o que vejo lá em baixo, senhor duque?

- Com efeito, não se engana - respondeu este, friamente.

O rubor da indignação corou a fronte do mancebo; afastou os dois soldados que caminhavam a seu lado, e de um pulo ficou defronte do senhor de Rochefoucauld.

- Senhor - disse ele - esquece-se de que eu sou gentil-homem? Toda a gente sabe, e o próprio carrasco não o ignora, que um gentil-homem tem o direito de ser degolado.

- Senhor, há circunstâncias...

326

- Senhor - interrompeu Canolles - não é em meu nome que eu lhe falo, mas sim em nome de toda a nobreza, entre a qual ocupa um lugar tão elevado, o senhor, que foi príncipe, e que é duque; será uma desonra - não para mim, que estou inocente, mas sim para todos - que um dos nossos tenha morrido enforcado.

- Senhor, o rei mandou enforcar Richon!

- Senhor, Richon era um bravo soldado, tão nobre de coração como quem quer que seja no mundo; porém, não era nobre por nascimento; eu, sou-o...

- Esquece-se - disse o duque - que se trata aqui de represálias: ainda que fosse príncipe de sangue, seria enforcado.

Graças a um movimento irreflectido, Canolles procurou no flanco a espada; porém, não a achando, a realidade da sua situação recobrou toda a força, a ira desvaneceu-se, e compreendeu que a sua superioridade residia na sua própria fraqueza.

- Senhor filósofo - disse ele - dupla maldição para os que, usando de represálias, não pertencem à humanidade! Não peço perdão, pedia justiça. Pessoas há que me amam, senhor; sublinho este termo, porque, bem o sei, o senhor ignora que se possa amar. Pois bem, no coração dessas pessoas vai imprimir para sempre, associada à recordação da minha morte, a ignóbil imagem da forca. Uma cutilada, uma bala de espingarda, é tudo quanto lhe peço; dê-me o seu punhal, para que eu me trespasse a mim mesmo com ele depois de tudo isso enforcará o meu cadáver, se assim quiser.

- Richon foi enforcado vivo, senhor - respondeu friamente o duque.

327

- Muito bem. Agora, ouça-me: dia virá, em que será ferido por uma horrorosa desgraça; em que se lembrará de que essa desgraça é um castigo do céu; quanto a mim, morro convencido de que a minha morte é a sua.

E Canolles, todo trémulo e pálido, mas cheio de exaltação e de coragem, aproximou-se da forca. Altivo e desdenhoso diante da gentilha, pousou o pé no primeiro degrau da escada.

- Agora, senhores carrascos - disse ele - façam o vosso ofício.

- Não há mais um? - exclamou a multidão, admirada. - O outro! Onde está o

outro? Tinham-nos prometido dois!

•-Ah! eis o que me consola - disse Canolles, sorrindo.

- Esta excelente gentalha nem sequer se dá por contente com o que se faz por amor dele; não a ouve senhor duque?

- Morra! morra! seja vingado Richon! - uivavam dez mil vozes.

"Se eu os irritasse - pensou Canolles - seriam capazes de fazer-me em postas, e, então, não seria enforcado, e o duque ficaria danado..." São todos cobardes! - bradou ele. - Reconheço alguns, entre vocês, que participaram no ataque do forte de São Jorge, a quem eu vi fugirem. Hoje, vingam-se de mim, porque os derrotei.

Uma grande algazarra foi a resposta que lhe deram.

- São cobardes! - replicou ele - rebeldes, miseráveis! Viram-se cintilar milhares de facas, e muitas pedras

vieram cair ao pé da forca. "Muito bem" - murmurou Canolles. E depois, em voz alta: - O rei mandou enforcar Richon, e fez muito bem;

328

quando tomar Bordéus, tem de mandar enforcar muitos mais...

Ao ouvir estas palavras, a multidão precipitou-se como uma torrente na esplanada, derrubaram os guardas, despedaçando as estacadas, e arremessou-se, bramindo, ao prisioneiro.

Todavia, a um gesto do duque, um dos carrascos levantara Canolles pelos sovacos, enquanto o outro lhe passava um laço ao pescoço.

Canolles sentiu a pressão da corda e duplicou as injúrias: se quisesse ser morto a tempo não podia perder um só minuto. Nesse momento supremo, olhou em torno de si, e em toda a parte só viu mais olhos chamejantes, e armas ameaçadoras.

Um homem somente, um soldado a cavalo, mostrou-lhe o seu mosquete.

- Cauvignac! É Cauvignac! - exclamou Canolles agarrando-se à escada com ambas as mãos, as quais não lhe tinham ligado.

Cauvignac fez com a sua arma um sinal ao homem que não pudera salvar, e apontou-lhe à cara. Canolles compreendeu-o.

- Sim! sim - exclamou ele, fazendo um movimento com a cabeça.

Agora, digamos como Cauvignac chegara ali.

IV

VIMOS Cauvignac sair de Libourne, e sabemos qual a finalidade dessa saída.

Chegando ao sítio onde estavam os seus soldados comandados por Ferguzon, detivera-se um momento, não para tomar alento, mas para dar realização ao plano que uma galopada tão rápida permitira ao seu inventivo espírito gizar, em cerca de meia hora.

Em primeiro lugar - analisara ele, e com muita razão - caso se apresentasse diante da senhora princesa, depois do que se havia passado, ela, que mandara enforcar Canolles de quem não recebera agravo algum, não dexaria de o mandar enforcar a ele, de quem tinha motivos de queixa, e se preenchia a sua missão, na parte que dizia respeito à salvação de Canolles, malograva-a quanto a ele próprio, que ficava perdido... Tratou logo, pois, de mudar de trajos com um dos seus soldados, mandou vestir a Barrabás, que era menos conhecido da senhora princesa do que ele, as suas melhores roupas, e, levando-o consigo, tomou a galope a estrada de Bordéus. Contudo, uma coisa o inquietava: era o conteúdo daquela carta de

331

que era portador, e que sua irmã escrevera com tão grande confiança, que,

no entender dela, não era preciso mais do que entregá-la à princesa para que Canolles fosse salvo; ora, esta inquietação chegou a tal ponto, que decidiu pura e simplesmente saber o que ela continha, e fez consigo mesmo a observação de que um bom negociador não pode desempenhar bem a sua negociação, se não tem cabal conhecimento do assunto de que o encarregaram; e, além disso, cumpre dizê-lo, Cauvignac não pecava porque tivesse extrema confiança no seu próximo, e Na-non, apesar de ser sua irmã, podia muito bem conservar algum rancor por ele, primeiramente por causa da aventura de Jaulnay, e depois pela sua fuga inesperada do Castelo de Trompette; portanto, entendeu que seria indiscrição da sua parte expor-se aos riscos do acaso, quando podia inteirar-se do que ela continha.

Cauvignac abriu-a, pois, facilmente, porque só estava lacrada, e experimentou uma impressão estranha e muito dolorosa ao lê-la.

Eis o que escrevia Nanon:

Senhora princesa:

É necessária uma vítima para expiar o caso do infeliz Richon: não lance mão de um inocente, mas sim do verdadeiro culpado; não quero que o senhor de Canolles morra, porque matá-lo seria vingar um assassinio com um homicídio. No momento em que ler esta carta, só terei de andar uma légua para chegar a Bordéus, com tudo quanto possuo: entregar-me-á ao povo que me detesta, visto que já quis por duas vezes degolar-me, e

332

guardará para si as minhas riquezas, que chegam a dois milhões. Oh! senhora, é de joelhos que lhe peço esta graça; eu, em parte, sou a causa desta guerra; uma vez que eu morra, a província ficará em sossego, e Vossa Alteza triunfará. Senhora, um quarto de hora de espera! Não dará a liberdade ao senhor de Canolles senão quando eu estiver em seu poder; mas então, pela vossa alma, dar-lha-á, não é verdade?

E eu serei a sua respeitosa e reconhecida,

Nanon de Lartigues.

Depois desta leitura, Cauvignac estava estupefacto por sentir o coração oprimido, e os olhos húmidos.

Ficou um instante imóvel e mudo, como se não pudesse

reditar no que acabava de ler. Depois, exclamou, de súbito:

- É, pois, verdade que haja no mundo corações generosos pelo prazer de o serem! Ora, pois, com todos os diabos! Ver-se-á que eu sou tão capaz como qualquer outro de ser generoso, quando cumpre sê-lo.

E, como estava à porta da cidade, entregou a carta a Barrabás, dando-lhe estas únicas instruções.

A tudo que te disserem, responde somente: "Da parte do rei", e não entregues esta carta senão em mão própria à senhora de Conde.

E, quando Barrabás caminhava apressadamente para o palácio habitado pela senhora princesa, Cauvignac tomava por seu lado o caminho do Castelo de Trompette.

333

Barrabás não encontrou obstáculo nenhum; as ruas estavam desertas, a cidade parecia despovoada, toda a gente tinha ido para o lado da esplanada. À porta do palácio, as sentinelas quiseram impedir-lhe que passasse; porém, segundo a recomendação feita por Cauvignac, mostrou a carta, gritando:

- Da parte do rei... da parte do rei!

As sentinelas tomaram-no por um mensageiro da corte, e levantaram as suas

alabardas. Barrabás entrou, pois, no palácio, como entrara na cidade. Ora, se bem nos lembrarmos, não era esta a primeira vez que o digno tenente do senhor Cauvignac tinha a honra de entrar no palácio da senhora de Conde. Apeou-se, pois, do cavalo, e, como conhecia o caminho, subiu rapidamente a escada, e por entre os criados azafamados penetrou até ao fundo dos quartos; ali parou, porque se encontrou defronte de uma mulher em quem reconheceu a princesa, aos pés da qual estava prostrada outra mulher.

- Ora! Senhora, perdão, em nome do céu! - dizia esta.

- Clara-respondia a princesa-deixa-me, sê razoável, lembra-te de que abdicámos da nossa qualidade de mulheres, assim como abdicámos dos nossos vestidos; fazemos as vezes do senhor príncipe, e a razão de Estado é que deve dirigir-nos.

- Oh! senhora, já não há razão de Estado em mim - exclamou Clara - já não há partido político, não há

senão ele neste mundo, que está a ponto de o deixar, e quando o tiver deixado, já para mim não haverá senão morte!...

- Clara, minha filha, já te disse que isso era

334

impossível - replicou a princesa. - Mataram-nos Richon; se não lhes pagamos na mesma moeda, ficamos desonrados.

- Oh! senhora, nunca pode ser motivo de desonra o ter concedido perdão, nunca pode ser motivo de desonra o ter usado de um privilégio reservado ao Rei do Céu e aos reis da Terra; uma palavra, senhora, uma só! Aquele infeliz por ela espera!

- Mas, Clara, tu estás louca; não me ouves dizer-te que isso é impossível?

- Mas eu mesma disse-lhe que estava salvo; eu mostrei-lhe o seu perdão, assinado pela sua própria mão; eu disse-lhe que voltaria com a confirmação desse perdão.

- Eu tinha-o dado com a condição de que o outro pagaria por ele; por que razão deixaram fugir o outro?

- Ele não concorreu de modo algum para essa fuga, juro-lhe; além disso, talvez que o outro não tenha fugido; talvez que o tornem a encontrar...

- Ah! sim! esperem por ele - disse Barrabás, que chegava justamente naquele momento.

- Senhora, estão a pontos de levá-lo; senhora, o tempo vai correndo; cansar-se-ão de esperar!

- Tens razão, Clara - disse a princesa - pois ordenei que tudo estivesse concluído às onze horas, e eis onze horas que estão dando; tudo deve estar acabado.

A viscondessa deu um grito e levantou-se; levantando-se, viu-se em frente de Barrabás, cara a cara.

- Quem é o senhor? Que quer? - exclamou ela.-Vem já anunciar a morte dele?

- Não, senhora - respondeu Barrabás, compondo o seu ar mais gracioso - pelo contrário, venho para salvá-lo.

- Como? - exclamou a viscondessa. - Fale depressa.

335

- Entregando esta carta à senhora princesa.

A senhora de Cambes estendeu o braço, arrancou a carta das mãos do mensageiro e apresentou-a à princesa.

- Não sei o que contém esta carta - disse ela - mas, pelo santo nome de

Deus, leia-a!

A princesa abriu a carta e leu em voz alta, enquanto a senhora de Cambes, empalidecendo a cada linha, devorava as palavras à medida que saíam dos lábios da princesa.

- De Nanon! - exclamou a princesa, depois de ter lido tudo. - Nanon está aí! Nanon vem entregar-se. Onde está Lenet? Onde está o duque? Venha aqui alguém, já, já, sem a mínima demora.

- Tem-me aqui - disse Barrabás - pronto a correr para onde Vossa Alteza quiser.

- Corra depressa à esplanada, corra ao lugar da execução, diga que suspendam; mas não, não o acreditariam!

A princesa, pegando arrebatadamente numa pena, escreveu no fim do bilhete: Suspenda, e entregou a carta aberta a Barrabás, que saiu precipitadamente do quarto.

- Oh! - disse consigo a viscondessa - ela ama-o mais do que eu; e, desgraçada de mim, a ela é que deverá a vida.

A esta ideia tombou, meio morta, sobre uma poltrona, a mulher que recebera, de pé, todos os abalos daquele dia terrível.

Todavia, Barrabás não perdera um instante; descera a escada como se tivesse asas, depois montara a cavalo, e tomara a galope o caminho da esplanada.

Enquanto ele se dirigia ao palácio, Cauvignac correria direito ao Castelo de Trompette. Ali, protegido pela noite,

336

disfarçado com o seu grande chapéu cravado na cabeça até aos olhos, interrogara e soubera da sua própria fuga com todas as circunstâncias de que fora acompanhada, e de como Canolles ia pagar por ele. Então, como por instinto, e sem saber o que lá ia fazer, corre para o lado da esplanada, esporeando o cavalo com furor, rompendo a multidão, pisando, derrubando, atropelando tudo o que encontrava na sua passagem; tendo chegado à esplanada, deu com os olhos na força, e soltou um grito perdido entre os uivos daquele povo, a quem Canolles excita e provoca, a fim de que o façam em postas.

Então Canolles vê-o, adivinha a intenção de Cauvignac, e Canolles faz-lhe com a cabeça o sinal de ser muito bem-vindo.

Cauvignac levanta-se sobre os estribos, olha à roda de si para ver se chega Barrabás, ou algum mensageiro da princesa, põe-se à escuta, esperando ouvir retumbar a palavra: Perdão! Porém, nada vê e nada ouve senão Canolles, a quem o carrasco vai empurrar da escada e lançar no vácuo, e que lhe mostra com uma das mãos o coração.

Então Cauvignac baixa o seu mosquete na direcção do mancebo, faz pontaria, e atira.

- Muito obrigado - disse Canolles, abrindo os braços. - Ao menos, morro como soldado. • A bala tinha-lhe atravessado o peito.

O carrasco impeliu o corpo, que ficou suspenso na extremidade da corda infame... porém já não era senão cadáver.

A detonação foi como um sinal; muitos outros tiros de mosquete são disparados ao mesmo tempo. Uma voz grita: - Suspendam! Suspendam! Cortem a corda!

337

Porém, a voz perdeu-se no alarido da multidão; além disso, a corda foi cortada por uma bala; a guarda em vão quer resistir, é rasgada pelas ondas do povo; a força é despedaçada, arrancada, aniquilada; os carrascos

fogem, a gentilha espalha-se como uma sombra; apodera-se do cadáver, dilacera-o, e arrasta-o pela cidade.

A gentilha, estúpida no seu ódio, entendia que agravava o suplício do gentil-homem, e muito pelo contrário, salvava-o da infâmia que ele tanto temia.

Durante todo este movimento, Barrabás pudera chegar ao pé do duque, e posto que visse que chegava muito tarde, entregou-lhe o despacho de que era portador.

O duque contentara-se, no meio dos tiros de espingarda, em retirar-se um pouco à parte, pois era frio e sereno na sua coragem, como em tudo o mais que fazia; abriu a carta e leu-a.

- É pena - disse ele, voltando-se para os seus oficiais - o que propunha aquela Nanon talvez tivesse valido

mais. Porém, o que se fez, feito está. Depois, passado um momento de reflexão:

- A propósito - disse ele - visto que ela espera a resposta do outro lado do rio, talvez houvesse meio de darmos seguimento a este negócio.

E, sem fazer mais caso do mensageiro, picou o seu cavalo, e foi ter com a princesa, seguido da escolta.

No mesmo instante, a borrasca, que desde algum tempo andava ameaçando, rompeu sobre Bordéus, e uma chuva acompanhada de relâmpagos caiu sobre a Praça da Esplanada, como se quisesse lavar o sangue do inocente.

V

ENQUANTO estas coisas se passavam em Bordéus, enquanto a gentilha arrastava pelas ruas o corpo do infeliz Canolles, e o duque de Rochefoucauld ia de novo lisonjear o orgulho da senhora princesa, dizendo-lhe que, para fazer o mal, era tão poderosa como uma rainha; enquanto Cauvignac voltava para as portas da cidade com Barrabás, julgando inútil levarem mais longe a sua missão, uma carruagem, tirada por quatro cavalos esbaforidos e cobertos de suor, acabava de parar na margem do Garona oposta a Bordéus, entre as aldeias de Belcroix e Bastide. Acabavam de dar onze horas.

Um criado que acompanhava a cavalo, apeou-se precipitadamente, logo que viu a carruagem parada, e foi abrir a portinhola.

Uma mulher desceu apressadamente, interrogou o céu todo vermelho com um reflexo sanguinolento, e pôs-se a escutar os rumores e os ruídos longínquos.

- Está certa - disse ela à sua camareira, que se apeava depois dela - que não fomos seguidas por ninguém?

339

- Não, senhora - respondeu esta. - Os dois pescadores que tinham ficado atrás por ordem da senhora, acabam de chegar, e nada viram nem ouviram.

- E vocês não ouvem coisa nenhuma do lado da cidade?

- Parece-me que ouço gritos longínquos.

- Não vêem alguma coisa?

- Vejo como que um clarão de incêndio.

- São archotes.

- Sim, senhora! Sim, porque se agitam como fogos-fátuos. Não ouve, senhora? A bulha vai crescendo, e os gritos tornam-se quase distintos.

- Oh! meu Deus! - balbuciou a jovem mulher, pondo-se de joelhos na terra húmida. - Oh meu Deus! meu Deus!

Era esta a sua única oração. Uma só palavra se lhe apresentava ao espírito, a sua boca não podia articular nada, além do nome d'Aquele que unicamente podia fazer um milagre em seu favor.

A camareira não se enganara: com efeito, os archotes agitavam-se e os gritos pareciam aproximar-se; ouviu-se um tiro de espingarda seguido por outros, depois um grande tumulto, e em seguida os archotes apagaram-se, os gritos foram-se afastando. A chuva principiou a cair, uma trovoadá ribombava no céu; mas que importava tudo isto à jovem mulher? Não era do raio que ela temia. Tinha sempre os olhos fixos no sítio onde vira tantos archotes, onde ouvira um tão grande tumulto. Já nada via, já nada ouvia, e, ao clarão dos relâmpagos, parecia-Lhe que a praça estava vazia.

- Oh! - exclamou ela - não tenho forças para esperar mais tempo. Para Bordéus! Levem-me para Bordéus!

340

No mesmo instante, ouviu-se um estrépito de cavalos que se aproximava.

- Ah! - exclamou ela - por fim, aí chegam. Ei-los! Adeus, Finette, retira-te, é preciso que eu vá só; leva-a na garupa do teu cavalo, Lombard, e deixa na carruagem tudo quanto eu trouxe.

- Mas que vai fazer, senhora? - exclamou a camareira, muito assustada.

- Adeus, Finette, adeus.

- Mas adeus, por que razão, senhora? Para onde quer ir?

- Vou para Bordéus.

- Ah! pelo amor de Deus, não faça isso, senhora! Matá-la-ão.

- E então, para que julgas tu que eu lá quero ir?...

- Oh! senhora! Lombard, acuda em meu socorro, ajude-me, não deixemos ir a senhora...

- Silêncio! Retira-te, Finette. Lembrar-me-ei de ti; fica descansada, retira-te, não quero que te aconteça alguma desgraça. Obedece, eles aproximam-se. Ei-los!

E, na realidade, um cavaleiro vinha correndo seguido a alguma distância por outro; ouvia-se antes rugir do que respirar o seu cavalo.

- Minha irmã! minha irmã! - exclamou ele.-Ah! Chego a tempo.

- Cauvignac! - exclamou Nanon. - Então, está tudo arranjado? Espera-me ele? Partimos nós?

Porém, em vez de responder, Cauvignac saltou do cavalo; tomou nos seus braços Nanon, que em nada se lhe opôs, conservando-se imóvel e inflexível como os espectros e os doidos. Cauvignac sentou-a na carruagem,

341

mandou subir para junto dela Finette e Lombard, fechou a portinhola, e saltou para cima do seu cavalo. Em vão a pobre Nanon, havendo tornado a si, gritava e se debatia. -Não a larguem - disse Cauvignac - por coisa nenhuma deste mundo, não a larguem. Barrabás, guarda a outra portinhola, e tu, cocheiro, se deixares de galopar, faço-te saltar os miolos fora da cabeça.

Estas ordens foram tão rápidas, que houve um momento de hesitação; a pesada carruagem tarda a mover-se, os criados tremem, os cavalos hesitam em partir.

- Depressa, depressa, com todos os diabos! - vocifera Cauvignac - eles aí vêm, eles aí vêm.

E, com efeito, principiava a ouvir-se ao longe passos de cavalos retumbando, como se ouve o ribombo de um trovão que se aproxima rápido e ameaçador.

O medo é contagioso. O cocheiro, ouvindo a voz de Cauvignac, compreende que algum grande perigo estava iminente, e lança mão às rédeas dos seus cavalos. -Para onde vamos? - balbucia ele.

- Para Bordéus! Para Bordéus! - exclama Nanon, do interior da carruagem.

- Para Libourne, com mil milhões de diabos! - grita Cauvignac.
- Senhor, os cavalos cairão por terra antes que tenham andado duas léguas.
- Não há necessidade de que andem tanto caminho! - gritou Cauvignac, zurrando com a espada. - Contanto que cheguem ao posto onde está Ferguzon, é tudo quanto desejo.
E a pesada máquina pôs-se em movimento, partiu, e vai rodando com uma espantosa rapidez. Homens e cavalos

342

mutuamente se animam uns com gritos, os outros com relinchos.
Nanon tentou resistir, lutar e saltar da carruagem; porém, as forças esgotaram-se-lhe na luta; caiu para trás sem forças e prostrada; já nada houve, já nada vê. A força de procurar Cauvignac, naquela confusão de sombras que lhe fogem, dá-lhe uma vertigem, fecha os olhos, solta um grito, e fica inerte nos braços da camareira.
Cauvignac passou para diante da portinhola da carruagem, e até para diante dos cavalos. A sua montada deixa um rasto de fogo na calçada por onde passa. -Vem ter comigo, Ferguzon! Apressa-te - grita ele. E ouve ao longe uma grande vozeria. -Inferno! - exclama Cauvignac-jogas contra mim, porém creio que hoje ainda tens de perder; Ferguzon! aproxima-te, Ferguzon!
Dois ou três tiros soam à retaguarda, aos quais respondem da frente com uma descarga geral.
A carruagem pára, dois dos cavalos caíram de cansaço, o terceiro foi ferido por uma bala.
Ferguzon e os seus homens caem sobre as tropas de Rochefoucauld; como são três vezes mais numerosos, os bordeleses, incapazes de resistir, voltam rédea, e, vence-ores e vencidos, perseguidores e fugitivos, semelhantes uma nuvem que o vento leva, desaparecem nas sombras a noite.
Cauvignac fica só com os criados e Finette, junto de Nanon, que se conserva insensível! Por felicidade não estão a mais de dois passos da aldeia e Carbomblanc; Cauvignac toma Nanon em seus braços até à primeira casa do arrabalde; ali, depois de ter dado

343

ordem para que fossem buscar a carruagem, deitou a irmã numa cama, e, tirando do peito um objecto que Finette não pôde distinguir, meteu-o na mão gelada da pobre mulher.
No dia seguinte, despertando daquilo que ela tomava por um sonho horroroso, Nanon levou aquela mão ao rosto, e alguma coisa de macio e perfumado lhe afagou os pálidos lábios.
Era um anel dos cabelos de Canolles, que Cauvignac heroicamente conquistara, aos tigres bordeleses, arriscando a própria vida.

VI

AO longo de oito dias e oito noites, a senhora de Cambes esteve em estado de choque, sem se levantar do leito para onde a tinham levado desmaiada, depois de ter recebido a horrível notícia.
As criadas velavam em torno dela, porém Pompeu é quem guarda a porta; este velho servo, ajoelhado diante da cama da infeliz ama, era o único que conseguia despertar nela algum reflexo de razão.
Visitas numerosas sitiavam aquela porta; porém, o fiel escudeiro, severo na sua senha como soldado velho, defendia a entrada com valor, em primeiro lugar, pela convicção em que estava de que toda a visita seria

importuna para a sua ama, depois, por ordem do médico, que temia muito o abalo de uma comoção demasiado violenta. Todas as manhãs Lenet se apresentava à porta da infeliz senhora; porém, Lenet não era mais bem recebido do que os outros. A própria senhora princesa em pessoa também ali se apresentou com um grande séquito, um dia que vinha de visitar a mãe do pobre Richon, que morava num arrabalde da cidade. A intenção da senhora

345

de Conde, além do interesse que tomava pela viscondessa, era dar mostras de uma completa imparcialidade.

Apresentou-se, pois, para fazer o papel de soberana; porém, Pompeu fez-lhe respeitosamente observar que tinha recebido uma ordem, da qual não podia afastar-se; que todos os homens, até os próprios duques e generais, que todas as senhoras, até as princesas, estavam sujeitas a essa ordem, e a senhora de Conde ainda mais do que qualquer outra, visto que, depois do que se passara, a sua visita podia dar lugar a uma crise terrível para a doente.

A princesa, que cumpria, ou que julgava cumprir um dever, e o que mais desejava era retirar-se, não se fez rogar duas vezes, e partiu com o seu séquito.

Ao nono dia, Clara recobrou os sentidos; tinha-se observado que, durante o seu delírio, que durara oito vezes vinte e quatro horas, não cessara de chorar; sem embargo de que a febre ordinariamente seca as lágrimas, as suas tinham, por assim dizer, formado um sulco debaixo das pálpebras, rodeadas por um inchaço vermelho e azul-pálido, como as da sublime Virgem de Rubens.

Ao nono dia - como dissemos - no momento em que menos se esperava, e em que se começava a perder toda a esperança, recobrou de súbito, como por encanto, o uso da razão; as suas lágrimas cessaram de correr, voltou os olhos para todos os objectos que a rodeavam, e fixou-os com um triste sorriso nas criadas que tão bem a haviam servido, - em Pompeu que tão bem a guardara; então, ficou durante algumas horas sem falar e encostada ao cotovelo, prosseguindo com olhos ávidos o mesmo pensamento, que incessantemente renascia com mais força.

346

Depois, repentinamente, sem se importar se as forças corresponderiam à sua resolução: - Vistam-me! - mandou ela.

As criadas aproximaram-se, estupefactas, e quizeram fazer-lhe algumas observações. Pompeu deu três passos pelo quarto dentro, e pôs as mãos, como para implorar.

A viscondessa, entretanto, repetiu com doçura, mas com firmeza:

- Eu disse que me vestissem; vistam-me.

As criadas aprestaram-se a obedecer-lhe. Pompeu inclinou-se, e saiu, recuando.

Ah! nas faces, rosadas e nédias, sobreviera a palidez, a magreza dos moribundos; a mão, sempre bela e de forma encantadora, levantou-se, diáfana, e foi pousar-se no próprio peito, que estava mais branco do que a cambráia que o envolvia; sob a pele, sobressaíam as veias roxas, sintoma da prostração causada por um grande sofrimento. Os vestidos que, por assim dizer, largara na véspera, e que haviam desenhado o seu elegante talhe, caíam à roda dela em compridas e grandes pregas. Vestiram-na como desejava; porém precisaram de muito tempo, pois estava tão fraca, que por três vezes quase desmaiou; depois, quando se viu

vestida, aproximou-se de uma janela; mas logo recuou, como se a vista do céu e da cidade a tivesse assustado; voltou para dentro, sentou-se a uma mesa, pediu uma pena e tinta, -escreveu à senhora princesa, a pedir-lhe o favor de uma audiência.

Dez minutos depois de ter mandado por Pompeu esta carta à senhora princesa, ouviu-se o ruído de uma sege que parava defronte da casa, e, quase no mesmo instante, informaram que era a senhora Tourville.

347

- Foi a senhora, na realidade - perguntou ela à senhora de Cambes - quem escreveu à senhora princesa, a pedir-lhe uma audiência?

- Sim, senhora - respondeu Clara. - Será que ma recusa?

- Oh! pelo contrário, minha querida, pois eu venho a toda a pressa dizer-lhe da parte dela que bem sabe que não precisa de audiência, e que pode entrar a qualquer hora do dia e da noite em casa de Sua Alteza.

- Muito obrigada - disse a viscondessa -, vou aproveitar-me dessa licença.

- Como assim? - exclamou a senhora de Tourville.

- Atrever-se-ia, pois, a sair, no estado em que está?

- Sossegue a esse respeito, senhora - respondeu a viscondessa. - Sinto-me perfeitamente boa.

- E quer ir já? -Daqui a um instante.

- Então, vou prevenir Sua Alteza da sua chegada. E a senhora Tourville saiu como entrara, depois de ter

feito à viscondessa uma cerimoniosa mesura. A notícia desta visita inesperada produziu, como é de supor, um grande abalo naquela pequena corte; a situação da viscondessa inspirava um interesse tão vivo como geral, pois não faltava quem condenasse a atitude da princesa nos últimos acontecimentos. A curiosidade havia, portanto, chegado ao auge: oficiais, damas de honor e cortesãos atulhavam o gabinete da senhora de Conde, não podendo acreditar na visita prometida, visto que ainda na véspera se havia afirmado que devido ao estado de Clara, não havia quase esperança alguma de que recuperasse.

348

Repentinamente, anunciaram a viscondessa de Cambes, e Clara apareceu.

À vista daquele rosto, pálido como a cera, frio e imóvel como mármore, e cujos olhos encovados e amortecidos não tinham já senão uma única centelha, derradeiro reflexo das lágrimas que derramara, um doloroso murmúrio elevou-se em torno da princesa.

Clara não pareceu dar por isso.

Extremamente comovido, Lenet foi ao encontro dela para oferecer-lhe a mão.

Porém, Clara, sem dar a sua, saudou com ar nobre a senhora de Conde, e adiantou-se para ela, atravessando a sala a todo o comprimento, com passo firme, muito embora estivesse tão pálida, que a cada passo que dava poder-se-ia crer que estava a ponto de cair.

A princesa, muito agitada e também muito pálida, viu chegar Clara com um receio que se assemelhava a terror, e não teve forças para ocultar este sentimento, que, para desgosto da soberana, se lhe espelhava no semblante.

- Senhora - disse a viscondessa, com voz grave - peço a Vossa Alteza uma audiência, que teve a bondade de conceder-me, para perguntar-lhe, diante de todos, se, desde que tenho a honra de a servir, anda satisfeita com a minha fidelidade e com o meu extremoso affecto.

A princesa levou o lenço aos lábios, e respondeu, balbuciando:

- Não há dúvida alguma, querida viscondessa, de que em todas as ocasiões sempre me agradou o seu procedimento, e, mais de uma vez, já lhe exprimi o meu reconhecimento.

- Este testemunho é precioso para mim, senhora -

349

respondeu a viscondessa -, porque me autoriza a dispensar-me do seu serviço.

- Como! - exclamou a princesa. - Quer deixar-me, Clara?

Clara saudou-a respeitosamente, e calou-se. Em todos os rostos estavam estampadas a vergonha, o remorso e a dor. Um silêncio fúnebre reinava no salão.

- Mas porque me queres deixar? - replicou a princesa.

- Poucos dias me restam de vida, senhora - replicou a viscondessa - e a esses poucos dias, desejaria utilizá-los na obra da minha salvação.

- Clara, querida Clara - exclamou a princesa, - mas repare que...

- Senhora - interrompeu a viscondessa - tenho duas graças a pedir a Vossa Alteza; poderei crer que mas concederá?

- Oh! fale! fale! - exclamou a senhora de Conde - pois dar-me-ei por feliz se puder fazer alguma coisa por si.

- Pode fazê-lo, senhora.

- Então, que pretende?

- Princesa! A concessão da abadia de Saint-Rade-gonde, que ficou vaga pela morte da senhora de Montivy.

- Uma abadia para si! querida menina! Que lembrança essa!

- A segunda, senhora - continuou Clara, com um leve tremor de voz - é que me seja permitido fazer enterrar nas minhas terras de Cambes o corpo do meu desposado, o senhor barão Raul de Canolles, assassinado pelos habitantes de Bordéus.

A princesa desviou o rosto apertando o coração com

350

mão trémula. O duque de Rochefoucauld empalideceu e ficou perturbado. Lenet abriu a porta da sala, e saiu.

- Vossa Alteza não me dá resposta? - insistiu Clara;

- recusa-me o que lhe peço? Talvez tenha pedido muito...

A senhora de Conde nem sequer teve forças para fazer um movimento de cabeça em sinal de assentimento, e caiu desfalecida na sua poltrona.

Clara voltou-se, como teria feito uma estátua, e todos se arredaram para lhe franquear o caminho. Passou, direita e impassível, por diante de todas aquelas frentes curvadas, e só depois de ela ter saído da sala repararam em que ninguém tratara de socorrer a senhora de Conde.

Passados cinco minutos, ouviu-se rodar lentamente uma carruagem no pátio; era a viscondessa, que saía de Bordéus.

- Que decide Vossa Alteza? - perguntou a marquesa Tourville à senhora de Conde, quando esta voltou a si.

- Que se ceda à senhora viscondessa de Cambes, quanto aos dois desejos; e que nos perdoe...

A ABADESSA DE SAINT-RADEGONDE DE PEYSSAC

EPÍLOGO

Passou-se um mês sobre estes acontecimentos.

Uma noite de domingo, depois das vésperas, a abadessa do convento de Sainte-Radegonde de Peyssac regressava da última capela, situada na extremidade dos jardins do convento, lançando de quando em vez os seus olhos avermelhados de lágrimas para uma sombria tapada de tília e de cedros, e fazia-o com uma tal expressão de pena, que dir-se-ia ter o seu coração ficado naquele local, de onde se não podia alhear.

À frente dela, numa longa e solitária álea a caminho da residência, as religiosas, mudas e veladas, pareciam formar uma procissão de fantasmas que regressassem ao túmulo, do qual sairia um outro fantasma rasgando a terra.

Pouco a pouco, e umas após outras, as freiras desapareceram sob as sombrias arcadas do claustro, e a superiora seguiu-as com os olhos, até à última; em seguida, deixou-se cair sobre um capitel de coluna gótica, meio embrenhado na erva, com uma indescritível expressão de desespero.

355

- Ah! Meu Deus! Meu Deus! - exclama ela, apoiando uma mão no coração - sois testemunha de que não posso suportar esta vida que desconhecia; era a solidão e a obscuridade o que eu procurava no claustro, e não todos estes olhos pespegados em mim.

Ergueu-se então, e deu um passo em direcção ao bosquezinho de cedros.

- Ao fim e ao cabo - prossegue - que me importa o mundo, uma vez que a ele renunciei? Esse mundo só me fez mal; a sociedade foi cruel para comigo; então, por que razão hei-de inquietar-me com os seus julgamentos, eu, que me refugiei junto de Deus, e que só a Ele me dedico; mas talvez que Deus haja proscrito este amor que vive no meu coração e que o devora. Pois seja! Então, Ele que o arranque da minha alma, ou então que arranque a alma deste meu corpo.

Todavia, mal a pobre desesperada havia pronunciado estas últimas palavras, quando, correndo os olhos sobre o hábito com que se cobria, sentiu horror por tal blasfémia, tão pouco em harmonia com esse mesmo hábito; com a mão branca e emagrecida, secou as lágrimas que lhe bordejavam as pálpebras, e, erguendo os olhos ao céu, ofereceu-lhe com um olhar apenas, em holocausto, os seus eternos sofrimentos.

Nesse momento, uma voz chegou-lhe aos ouvidos. A abadessa voltou-se; era a voz da irmã leiga.

- Senhora - diz ela - está uma mulher no parlatório que deseja autorização para falar-lhe.

- Como se chama?

- Só à senhora pretende dizê-lo.

- A que meio parece ela pertencer?

356

- Mas... a uma condição distinta.

- Uma vez mais, o mundo - murmura a abadessa.

- Que devo responder-lhe? - perguntou a irmã leiga.

- Que a recebo.

- Onde, minha senhora?

- Traga-a aqui; ouvi-la-ei neste jardim, sentada neste mesmo banco. Falta-me o ar; sufoco quando não estou ao ar livre.

A irmã leiga retirou-se, e um momento volvido regressou, seguida por uma mulher que, a ter em conta as suas vestes, ricas apesar da respectiva simplicidade, dava a conhecer uma pessoa distinta.

Era de estatura meia. O seu caminhar, rápido, teria talvez falta de

nobreza, mas exprimia um encanto indizível. Debaixo do braço trazia um cofrezinho de marfim, cuja brancura mate contrastava com o negro cetim do vestido, guarnecido a jade.

- Senhora - informou a leiga - apresento-lhe a senhora superiora.

A abadessa desvelou o rosto, e encarou a estranha.

Ela, baixou os olhos; vendo-a pálida e com tremuras emocionais, a superiora olhou-a com carinho, e afirmou: -Pedi para falar-me; aqui estou, pronta a escutá-la, minha irmã.

- Senhora - respondeu a desconhecida - eu era tão feliz a ponto que o meu orgulho julgou talvez que nem o próprio Deus poderia destruir essa felicidade. Hoje, porém, Deus manifestou-se; necessito chorar e tenho necessidade de me arrepender. peço-lhe asilo a fim de que os meus soluços sejam abafados pelos espessos muros do seu convento, para que as minhas lágrimas, que

357

traçam já marcas sobre o meu rosto, não sirvam de gáudio ao mundo. Para que, enfim, Deus, que talvez me julgue feliz em meio das festas, me avalie arrependida numa santa retractação, rezando aos pés dos Seus altares.

- A sua alma está profundamente ferida, bem o vejo, porque, também eu sei o que é sofrer - respondeu a jovem superiora. E, confusa, já não sabia distinguir perfeitamente o que era a realidade e o que ela própria desejava.

- Se o que lhe falta é o silêncio - prosseguiu a abadessa;- se o que lhe falta é martirizar-se; se o que lhe falta é a penitência, minha irmã, entre então aqui e sofra connosco. Todavia, se o que procura é o refúgio onde possa espaiar o coração através de um soluçar livre, onde possa soltar todos os gritos do seu desespero, onde nenhum olhar se detenha sobre si, triste vítima, oh! senhora, senhora - continuou ela abanando a cabeça - afaste-se, feche-se no seu quarto, o mundo vê-la-á aí muito menos do que aqui e as tapeçarias do seu oratório absorverão bem melhor os seus soluços do que as tábuas das nossas celas.

"Quanto a Deus, a não ser que não sejam crimes demasiadamente grandes aqueles que O levaram a afastar de si os olhos, Ele vê-la-á seja onde for."

A desconhecida ergueu a cabeça e, por seu turno, encarou com espanto aquela jovem abadessa que lhe falava de tal modo.

- Senhora - diz ela - não devem todos aqueles que sofrem chegar-se ao Senhor, e não é esta Sua casa uma santa estação a caminho do céu?

- Só há um processo de chegar até Deus, minha irmã

358

De que se arrepende? Que chora? Que pede? - retorquiu, interrogativa e tolhida no seu desespero, a religiosa. - O mundo magoou-a, a amizade traiu-a, faltou-lhe o ouro, uma dor passageira fê-la acreditar numa dor eterna; deve ser isto, sofre neste momento, e julga que sofrerá sempre assim, da mesma forma que, se vimos uma ferida aberta, julgamos que ela jamais estancará. Engana-se; toda a ferida que não é mortal cicatriza. Portanto, sofra, e deixe o sofrimento seguir o seu curso. Curar-se-á, e então, se estiver acorrentada a nós, iniciará um novo sofrimento: este, porém, realmente é férreo, implacável, inaudito. Sonhará para além da clausura com o mundo no qual não poderá reentrar; maldirá então o dia em que sobre si se fechou o portão desta santa hospedaria, a qual toma por uma estação a caminho do céu.

"Isto que lhe digo talvez não esteja de acordo com os nossos regulamentos, visto que não sou a abadessa há tempo suficiente para conhecê-los bem; mas digo-o pelo coração, e é aquilo que eu vejo em cada instante, não em mim, graças a Deus, mas em torno de mim.

- Oh! não, não - exclamou a estranha - para mim, o mundo acabou; perdi tudo aquilo que fazia do mundo uma coisa amada. Não, fique tranquila, senhora, jamais me arrependerei. Oh! tenho a certeza disso... nunca!

- Nesse caso, aquilo de que se queixa é mais grave? Em vez de perder uma ilusão terá perdido uma realidade? Estará para sempre separada de um esposo, de um filho... de um amigo? Oh, nesse caso, lamento-a realmente, senhora, porque então o seu coração ficou desfeito em dois bocados, o seu mal é incurável; nesse caso, chegue-se a nós, senhora, o Senhor consolá-la-á, e Ele substituirá em

359

vez de nós - que formamos uma grande família, um rebanho de que Ele é o pastor - os amigos ou os parentes que perdeu e, (aqui baixou a voz) se Ele não a consolar, o que também é possível, que importa! Restar-lhe-á a última consolação de chorar comigo, que para aqui vim tal como a senhora em busca de consolação, e que ainda a não encontrei de todo em todo.

- Infelicidade! - exclamou a desconhecida. - Seriam estas as palavras que eu vim procurar? É desta forma que ajudam os infelizes?

- Senhora - respondeu a superiora, estendendo a mão para a jovem mulher, como se para afastar o reparo que ela acabava de fazer-lhe. - Não fale de infelicidade na minha presença. Não sei quem a senhora é, não sei o que lhe aconteceu, mas de certeza que não conhece o que é a infelicidade.

- Oh! - exclamou a desconhecida, com uma entoação tão sofredora que fez estremecer a superiora. - Não me conhece, senhora, porque, se me conhecesse, não me falaria assim. Além disso, a senhora não é juiz do grau do meu sofrimento, porque para tanto seria preciso que tivesse sofrido o mesmo que eu; abra-me as portas da casa de Deus. E pelas minhas lágrimas, pelos meus gritos, pelas minhas agonias de cada dia, poderá aquilatar de quanto na realidade eu sou sofredora.

- Sim - voltou a superiora. - Pela sua entoação, pelas suas queixas, compreendo que perdeu o homem que amava, não é verdade?

A desconhecida soltou um fundo suspiro, e retorceu os braços. - Oh! sim, sim - exclamou ela.

360

- Seja! Se assim o quer - retorquiu a superiora - entre neste convento. Mas previno-a de que, caso sofra tanto como eu, apenas encontrará no claustro isto: eternos muros, impiedosos, que, em vez de conduzirem os nossos pensamentos ao céu, até onde deveriam elevar-se, enterrá-los-ão constantemente na terra, da qual estará separada. É que nada se extingue quando o sangue circula, quando o pulso bate, e o coração ama. Porque, por muito isoladas que estejamos e por muito escondidas que julguemos estar, os mortos chamam-nos do fundo das suas sepulturas; então, porque afastar-se da sepultura dos seus mortos?

- Porque tudo o que eu amei no mundo está aqui - respondeu a desconhecida com voz estrangulada, caindo de joelhos diante da superiora, que a encarava com estupefacção. - Agora já sabe do meu segredo, minha irmã; por isso pode apreciar o meu sofrimento, minha mãe. "Suplico-lhe de joelhos - e está a ver as minhas lágrimas - aceite o sacrifício que faço a Deus, ou pelo menos conceda a graça que lhe imploro. Ele está enterrado na igreja de Peyssac; deixe-me chorar sobre a sua tumba, que está aqui.

- Quem está aqui? Que tumba? De quem fala? Que quer dizer? - exclamou a superiora, recuando diante daquela mulher ajoelhada, para quem olhava quase com medo.

- Quando eu era feliz - prosseguiu a penitente, com voz baixa, mais baixa ainda do que aquela que o vento abafa, assobiando nas frinças - e era bem feliz, chamavam-me Nanon de Lartigues. Reconhece-me agora, e sabe porque imploro?

361

A superiora ergueu-se como se uma mola a impulsionasse, e, com os olhos postos no céu e as mãos juntas, manteve-se por um momento muda e pálida.

- Oh! senhora - disse ela por fim, com uma voz aparentemente bastante calma, na qual, todavia, se apercebia a reverberação de uma última emoção. - Oh! senhora, será que também não me conhece a mim, a senhora, que me pede para aqui se enclausurar e chorar sobre um túmulo? Será que não sabe, então, que paguei com a minha liberdade, com a minha felicidade e com a renúncia ao mundo, com todas as lágrimas do meu coração, a triste satisfação cuja metade acaba de me pedir? A senhora é Nanon de Lartigues; pois a mim, quando tive um nome, chamavam-me viscondessa de Cambes!

Nanon soltou um grito, aproximou-se da superiora, e, soerguendo o capuz sob o qual se escondiam os braços olhos da religiosa, reconheceu o rosto da sua rival.

- Ela! - exclamou Nanon. - Ela, que era tão bela, quando estive em São Jorge! Ah, pobre mulher!

Recuou um passo, com os olhos sempre fixados na viscondessa e sacudindo a cabeça.

- Oh! - exclamou por sua vez a viscondessa, tolhida por essa satisfação de orgulho que pretende sabermos nós sempre melhor sofrer do que os outros. - Ah! acaba de dar-me uma boa palavra, que me fez bem. Oh! quer dizer então que sofri tão cruelmente, que fiquei tão cruelmente mudada; quer dizer que chorei bem; quer dizer nesse caso, que sou bem mais infeliz do que a senhora, porque, a senhora, é ainda bela.

E a viscondessa, como se para encontrar Canolles,

362

ergueu ao céu os olhos, resplandecentes da primeira centelha de alegria que desde há um mês neles brilhou.

Sempre de joelhos, Nanon escondeu o rosto nas mãos e debulhou-se em lágrimas.

- Infelicidade! - disse ela. - Senhora, ignorava a quem me dirigia pois que desde há um mês ignoro tudo quanto se passa; e não sabia que me havia mantido bela. Isso acontece sem dúvida porque fui louca. E agora, veja-me. Não quero de modo algum suscitar-lhe ciúme, até mesmo na morte. Peço para entrar aqui como a mais humilde das suas religiosas. Fará de mim aquilo que lhe aprouver, e usará contra mim a disciplina, o chicote, o inpasso, se lhe desobedecer. Todavia, de quando em vez, pelo menos - acrescentou ela, com voz exaltada - deixar-me-á ver, não é assim, o local em que repousa esse homem que tanto amámos?

E caiu, agonizante e sem forças, sobre a erva.

A viscondessa não respondeu. Encostada ao tronco de um sicómoro ao qual pedira apoio, parecia prestes, por seu turno, a expirar.

- Oh! senhora! Senhora! - exclamou Nanon. - Não me responde, recusa-me! Pois seja! Um único tesouro ainda me resta. Talvez, senhora, não tenha qualquer recordação dele. Pois bem, eu, tenho qualquer coisa; conceda-me o que lhe peço, e esse tesouro será seu.

E, retirando do pescoço um grande medalhão suspenso de uma corrente de ouro, que estava escondido no peito, ofereceu-o à senhora de Cambes. O medalhão mantinha-se aberto na mão de Nanon de Lartigues. Clara soltou um grito e lançou-se sobre a relíquia, beijando com um transporte tão veemente aqueles cabelos

363

frios e secos, que lhe pareceu que a alma lhe fugia para os lábios, a fim de recolher a sua parte no beijo.

- Pois bem! - prosseguiu Nanon, sempre de joelhos e sufocando aos pés da superiora-julga ter sofrido alguma vez tanto como eu sofro neste momento?

- Ah! trá-lo consigo, senhora respondeu a viscondessa de Cambes, ajudando-a a levantar-se e fechando-a nos seus braços. - Venha, venha, minha irmã, pois que a partir de agora a amo mais do que a tudo no mundo, a si, que partilhou comigo esse tesouro.

E, inclinando-se para Nanon, a quem soerguia docemente, a viscondessa aflorou com os lábios as faces daquela que havia sido sua rival.

- Ah! há-de ser a minha irmã e amiga. Sim, viveremos e morreremos juntas, falando dele, rezando por ele. Venha, tem razão. Dorme perto daqui, na nossa igreja. Foi o único favor que consegui obter daquela a quem consagrei a minha vida. Que Deus lhe perdoe, a ela!

A estas palavras, Clara pegou na mão de Nanon de Lartigues, e, passo ante passo, tão ligeiramente que quase só afloravam a relva, aproximaram-se do maciço de tílias e de cedros atrás do qual se escondia a igreja.

A viscondessa conduziu Nanon a uma capela, no centro da qual se erguia, a uma altura de quase dois metros, uma simples lápida. Nessa lápida, estava gravada uma cruz.

A senhora de Cambes contentou-se, sem dizer uma única palavra, em pousar a mão sobre a laje.

Nanon ajoelhou-se e beijou o mármore. A senhora de Cambes apoiou-se ao altar, beijando o anel de cabelos. Uma, procurava habituar-se à ideia da morte; a outra, tentava sonhar uma última vez com a vida.

364

Um quarto de hora depois, ambas as mulheres reentraram em casa. Exceptuando o momento em que se dirigiram a Deus, não haviam rompido o seu lúgubre silêncio.

- Senhora - disse então a viscondessa - desde este momento tem a sua cela no convento. Deseja aquela que é contígua à minha, para que estejamos menos separadas?

- Agradeço-lhe humildemente, senhora - respondeu Nanon - a oferta que me faz, a qual aceito, reconhecida. Todavia, antes de abandonar o mundo de vez, permita-me que diga uma palavra de despedida a meu irmão, que me aguarda à porta, e que, ele também, está bastante marcado pelo sofrimento.

- Infeliz! - exclamou a senhora de Cambes, recordando-se, para seu pesar, que o bem-estar de saúde de Cauvignac havia custado a vida ao companheiro de cativoiro.- Vá, minha irmã, vá! E Nanon saiu.

IRMÃ E IRMÃO

Nanon falara verdade. Cauvignac aguardava-a, sentado sobre uma pedra, a dois passos do cavalo, o qual contemplava tristemente, enquanto o próprio animal, colhendo era seca tanto quanto lho permitia o comprimento da brida, e erguendo de quando em vez o cabeça, lançava olhares inteligentes

ao dono.

Em frente do aventureiro, passava a estrada que, aparecendo a cerca de uma légua nos contrafortes de uma pequena montanha, parecia sair do mosteiro para se perder na imensidade.

Poder-se-ia dizer - e talvez que, apesar de turvado que estivesse o seu espírito por ideias filosóficas o pensasse o nosso aventureiro - que lá em baixo estivesse o mundo, e que o rumor desse mundo viesse expirar humildemente na portada de ferro encimada por uma cruz.

Com efeito, Cauvignac chegara a esse ponto de sensibilidade susceptível de nos levar a crer que ele pensasse em tais coisas.

Todavia, para um carácter como o dele, havia-se já por demasiado tempo embrenhado nesse sonho sentimental.

369

Chamou pois em seu socorro os sentimentos de dignidade masculina, e arrependeu-se de ter sido tão fraco.

- O quê! - exclamou ele - eu, que sou pelo espírito superior a todos esses sentimentais, não quererei ser-lhes igual pelo coração, e muito menos por fraqueza de coração!

"Que diabo! Richon morreu, é verdade. Canolles está morto, é verdade também. Mas eu, vivo, e, para mim, parece-me que isso é o principal.

"Sim, mas é precisamente por viver, que penso, e ao pensar recordo-me, e ao recordar fico triste. Pobre Richon! Tão bravo capitão! Pobre Canolles! Tão gentil-homem! Ambos enforcados, e isso, mil trovões! por minha culpa, por culpa de Roland Cauvignac; ufa! é triste, falta-me o ar.

"Não contando que minha irmã, que nem sempre esteve de bem comigo, deixando de ter qualquer motivo para me sustentar, uma vez que Canolles morreu, e que ela cometeu o disparate de se zangar com o senhor d'Épernon; não contando que minha irmã deva ter-me um ódio de morte, e mal disponha de um momento de lazer, irá aproveitar para me deserdar de tudo.

"Aí, na verdade, é que está a pouca sorte, e não nesse raio de recordações que me perseguem.

"Canolles, Richon, Richon, Canolles, pois seja! Mas não terei eu visto morrer centenas de homens, e esses dois seriam algo mais do que homens? Oh! é o mesmo, palavra de honra, há momentos em que creio lamentar não ter sido enforcado com ele, pois pelo menos teria morrido em boa companhia, ao passo que sabe-se lá junto de quem hei-de morrer."

Nesse momento, soaram as sete horas no campanário

370

do mosteiro. Estes sons chamaram Cauvignac à vida. Lembrou-se de que a irmã lhe recomendara que a esperasse até às sete horas, que esse toque de sinos lhe anunciaria que Nanon iria reaparecer, e que deveria representar até ao fim o seu papel de consolador.

Com efeito, reabriu-se o portão, e Nanon reapareceu. Atravessou o pequeno pátio onde Cauvignac poderia tê-la aguardado, se o quisesse - porque os estranhos tinham direito a entrar nesse pequeno pátio, o qual não sendo embora um local profano, não era ainda local sagrado.

No entanto, o aventureiro não quisera penetrar tão longe, alegando que a vizinhança dos conventos, e sobretudo a dos conventos de mulheres, sempre lhe trazia maus pensamentos, e, tal como dissemos, quedou-se na estrada, e no exterior do portão.

Ao ruído dos passos que faziam estalar o saibro, Cauvignac voltou-se e, vendo Nanon, de quem estava ainda separado pelo portão, exclamou, com um

enorme suspiro:

- Ah! ei-la de volta, irmãzinha. Quando vejo uma dessas malfadadas portas fecharem-se sobre qualquer pobre mulher sempre me parece ver a pedra do sepulcro recair sobre uma morta, e não espero já a primeira senão com o seu hábito de noviça, nem a segunda, a menos que com o sudário trespassado.

Nanon sorriu tristemente.

- Bem! - disse Cauvignac. - Já não chora, o que é qualquer coisa.

- É certo - respondeu Nanon -já não consigo chorar mais.

- Pode no entanto rir ainda; tanto melhor. Com sua licença, vamos de novo partir, não é verdade? Não sei

371

bem porquê, mas este sítio inspira-me toda a espécie de meditações.

- Salutares? - quis saber Nanon.

- Salutares! Acha que sim? Bom! Não faremos disso discussão e estou encantado que tenha achado essas meditações tal como diz; com certeza que teve a sua conta, espero-o, querida irmã, e não terá necessidade de cá voltar, por uma longa temporada.

Nanon não respondeu. Pensava. - Entre essas meditações salutares - prosseguiu Cauvignac, atrevendo-se a duvidar - espero que terá enterrado as injúrias.

- Enterrei a recordação, ou, pelo menos, o perdão. -Preferiria o esquecimento, mas não importa. Não

é aconselhável fazermos-nos difíceis, quando se está em maré de azar. Portanto, perdoa-me as minhas ofensas, irmãzinha?

- Está perdoado - respondeu Nanon.

- Ah! deixa-me contente-afirmou Cauvignac.-Sendo assim, ver-me-á futuramente sem repugnância?

- Não só sem repugnância, mas até com prazer.

- Com prazer? -Sim, meu amigo.

- Seu amigo! Pois seja! Aí está, Nanon, uma palavra que me dá prazer, pois que não era forçada a prodigalizar-ma, ao passo que é forçada a chamar-me seu irmão. Sendo assim, a minha presença não a aborrecerá?

- Oh! - exclamou Nanon. -Não digo tanto. Há im-possibilidades, Rolando, e nós ambos respeitá-las-emos.

- Compreendo - afirmou Cauvignac, com um suspiro que continuou o antecedente. - Exilado! Vai exilar-me,

372

não é verdade? Não a verei mais. Seja, então! Se bem que me entristeça não mais a ver, palavra de honra, Nanon, que reconheço merecer isso, e eu próprio a tanto me havia condenado. Além do mais, que faria eu na França, uma vez que a paz foi assinada, uma vez que a Guiana foi pacificada, uma vez que a rainha e a senhora de Conde vão ficar as melhores amigas deste mundo? Ora, eu não sou pretensioso ao ponto de querer estar nas boas graças de qualquer das duas princesas. O melhor que tenho a fazer, é, portanto, exilar-me tal e qual minha irmã mo diz. Por isso, irmãzinha, diga adeus ao viajante eterno. Há guerra na África. O senhor Beaufort vai combater os infiéis; irei com ele. Não é o caso, na verdade o confesso, que não me pareça que os infiéis deixem de ter cem vezes razão contra os fiéis. Mas isso não importa, é um problema dos reis, e não nosso. Morresse, na África, e é tudo quanto preciso. Irei; minha irmã odiar-me-á menos quando me souber morto!

Nanon, que havia escutado este afluxo de palavras com a cabeça baixa,

levantou para Cauvignac os seus grandes olhos, e perguntou-lhe:

- Isso é verdade? -O quê?

- Isso em que estava a pensar, meu irmão. Cauvignac deixara-se embrenhar no seu discurso tal

qual homem habituado, na falta de uma sensibilidade real, a aquecer-se a si mesmo com a ressonância das suas palavras. A pergunta de Nanon chamou-o à realidade. Interrogou-se a si próprio se deveria sair dessa ênfase para cair em qualquer cálculo um pouco mais vulgar. - Pois bem, sim, irmãzinha - disse ele. - Juro que

373

sim; porquê? Não sei. Vejamos, juro à fé de Cauvignac, que me sinto realmente triste e infeliz após a morte de Richon e, sobretudo a de... enfim, olhe, agora mesmo, nesta pedra, fazia raciocínios sem conta para endurecer o meu coração, o qual até agora nunca eu ouvi falar, e que, nesta altura, não se contenta simplesmente em bater, mas fala, grita e chora.

"Diga-me, Nanon, será a isto que se chama remorsos?" Este grito foi tão natural e tão doloroso, apesar da burlesca selvajaria com que foi dito, que Nanon reconheceu vir ele do mais fundo do coração.

- Sim - voltou ela - é do remorso, e meu irmão é melhor pessoa do que eu pensava.

- Pois bem! - reagiu Cauvignac. - Uma vez que se trata de remorsos, que se vá para o campo, para Gigerry; decerto me dará qualquer coisita para as despesas de viagem e para o equipamento, não é verdade, irmãzinha? E pudesse eu carregar todos os seus desgostos juntamente com os meus.

- Não há-de partir meu amigo, e de agora em diante viverá em toda a prosperidade que um destino favorável lhe possa prover - respondeu Nanon.

- Há mais de dez anos que luta contra a miséria; já não falo dos perigos que correu, pois que esses são os de um soldado. Desta vez, ganhou a vida aonde um outro a perdeu. Todavia, foi porque era a vontade de Deus que meu irmão vivesse, e o meu desejo, em concordância com essa vontade, é que, a partir de hoje, meu irmão viva feliz.

- Vejamos, irmãzinha: que é que está a dizer? Que pretende com essas palavras? - retorquiu Cauvignac.

- Quero dizer que irá à minha casa de Libourne antes

374

que seja pilhada; lá, encontrará, no armário secreto escondido atrás do meu espelho de Veneza...

- No armário secreto? - estranhou Cauvignac.

- Sim, conhece-o, não é verdade? - voltou Nanon, com um fraco sorriso. - Não foi desse armário que retirou duzentas pistolas, o mês passado?

- Nanon, faça-me a justiça de que, se eu quisesse, poderia ter-me aproveitado, pois que esse armário estava cheio de ouro, e só retirei, estritamente, a soma de que necessitava.

- É verdade - consentiu Nanon - e se isso chega para desculpá-lo aos seus próprios olhos, empenho-me em estar consigo.

Cauvignac corou e baixou os olhos.

- Ai! Meu Deus! Não pensemos mais nisso, sabe bem que lhe perdoo.

- Uma prova? - aventurou Cauvignac.

- Eis a prova: irá a Libourne, abrirá o dito armário, nele encontrará tudo quanto consegui reunir da minha fortuna - vinte mil escudos em ouro.

- Que farei eu deles?

- Guardá-los-á.

- Mas, a quem destina esses vinte mil escudos!
- A si, meu irmão. É tudo quanto posso dispor, porque, sabe muito bem, que por não ter pedido nada para mim ao abandonar o senhor d'Épernon, as minhas casas e as minhas terras foram confiscadas.
- Que está para aí a dizer, minha irmã, e que se passa na sua cabeça?
- Passa-se, Rolando, que, conforme lhe digo, ficará com esses vinte mil escudos!

375

- Para mim! E então para si?
- Eu não tenho necessidade desse dinheiro.
- Sim, estou a perceber; tem mais, tanto melhor. Mas essa quantia é enorme, irmãzinha; reflita bem, é demasiado para mim, pelo menos assim, de uma assentada.
- Não tenho mais dinheiro, fico apenas com as minhas jóias. Gostaria de dar-lhas também, mas esse é o meu dote para entrar neste convento. Cauvignac teve um sobressalto de surpresa.
- Neste convento! - exclamou ele. - Minha irmã quer entrar num convento?
- Sim, meu amigo.
- Ah! pelos céus, não faça isso irmãzinha. O convento! Não sabe como isso é aborrecido. Eu posso testemunhá-lo, eu, que estive num seminário. O convento! Nanon, não faça isso, vai morrer.
- Espero bem que sim - respondeu Nanon.
- Minha irmã, não quero o seu dinheiro por esse preço. Percebe? Raios, queimar-me-ia os dedos.
- Rolando - insistiu Nanon - não é para o tornar rico que entro aqui; é para buscar a felicidade.
- òh! é uma loucura - disse Cauvignac. - Sou seu irmão, Nanon, não suportarei isso.
- Meu coração está já aqui, Rolando; que faria meu corpo lá fora?
- É uma coisa horrível de pensar - voltou Cauvignac. - Oh! minha irmã, minha boa Nanon, por piedade!
- Nem uma só palavra mais, Rolando. Percebeu? O dinheiro é seu, faça dele bom uso, porque a sua pobre Nanon não estará perto para lhe dar mais, seja à força, seja voluntariamente.

376

- Porém, para ser assim tão generosa para mim, minha irmã, qual foi o bem que de mim recebeu?
- O único que eu podia esperar, o único que eu ambicionasse, o maior de todos, aquele mesmo que me trouxe meu irmão de Bordéus, na noite em que ele morreu, e em que eu não consegui morrer.
- Ah! sim! agora me recordo, o anel de cabelos... O aventureiro baixou a cabeça; sentia na vista uma sensação desconhecida. Levou a mão aos olhos.
- Qualquer outro choraria - disse ele. - Mas eu, não sei chorar; todavia, e em boa verdade, sofro como se chorasse, se é que não sofro mais.
- Adeus, meu irmão - acrescentou Nanon, estendendo a mão ao jovem.
- Não, não, não! - disse Cauvignac -jamais lhe direi adeus voluntariamente. Será o medo que a faz entrar para o convento? Pois bem! Abandonaremos a Guêna, e correremos mundo juntos. Também eu tenho no coração uma flecha que levarei para todo o lado comigo, cuja dor me tornará sensível à sua dor, minha irmã. Falar-me-á dele e eu falar-lhe-ei de Richon; chorará, e talvez que eu venha a chorar também. E a mim, far-me-á bem. Quer que nos retiremos para um deserto? Servi-la-ei

respeitosamente na mesma, pois que é uma santa rapariga. Quer que me faça monge? Não, não poderia, confesso. Mas, não entre para o convento; não me diga adeus! - Adeus, meu irmão.

- Quer ficar na Guiana mau grado os bordeleses, mau grado os gascões, mau grado todo o mundo? Já não tenho a minha companhia, mas sempre tenho Ferguzon,

377

Barrabás e Garrotei. Os quatro, podemos fazer muitas coisas. Guardá-las-emos, e nem a rainha será tão bem guardada. E se chegarem a si, se lhe tocarem num único cabelo da cabeça, poderá dizer: morreram os quatro: Resquiescant in pace. - Adeus - finalizou ela.

Cauvignac ia responder com alguma nova súplica, quando se ouviu o fragor de uma viatura que rolava na estrada.

À frente dessa viatura galopava um batedor da rainha.

- Que é isto? - perguntou Cauvignac, voltando-se para a estrada, mas sem soltar a mão da irmã, que mantinha cerrada através do portão.

A viatura, que de acordo com a moda do tempo tinha as suas talhas maciças e os fundos abertos era puxada por seis cavalos e continha oito pessoas, com todo um mundo de lacaios e de pajens.

Atrás da viatura vinham os guardas e os cortesãos a cavalo.

- Deixem passar! Deixem passar! - gritava o batedor, ao mesmo tempo que dava um golpe de chicote no cavalo de Cauvignac que, no entanto, se mantinha com uma reserva plena de modéstia nas bermas da estrada.

O cavalo escouceou, assustado. -Eh! amigo - gritou Cauvignac, abandonando a mão da irmã. - Faça favor de ter cuidado com o que faz. - Deixem passar a rainha - gritou o batedor, prosseguindo o caminho.

378

- A rainha! Ah! diabo - exclamou Cauvignac - não vamos querer arranjar mais um problema por esta banda.

E coseu-se tanto quanto pôde contra o muro, segurando o cavalo pela brida. •

Nesse momento, um eixo da viatura partiu-se e o cocheiro, com um puxão vigoroso, forçou os seis cavalos a dobrar os joelhos.

- Que se passa? - perguntou uma voz diferenciável devido à pronúncia italiana. - Por que razão parou?

- Temos um eixo partido, monsenhor - explicou o cocheiro.

- Abram, abram - gritou a mesma voz.

Acorreram dois lacaios que abriram a portinhola; todavia, antes mesmo que os degraus fossem baixados, o homem de sotaque italiano já estava em terra.

"Ah! Ah! O senhor Mazarino - murmurou Cauvignac - e parece-me bem que não se fez rogado em apear-se."

Depois dele, desceu a rainha.

Depois da rainha, o senhor de Rochefoucauld.

Cauvignac arregalava os olhos.

Depois do senhor de Rochefoucauld, o senhor d'Épernon.

"Ah! Ah! - exclamou o aventureiro. - Porque não haveria de ser este o cunhado que foi enforcado em vez do outro?"

Depois do senhor d'Épernon, o senhor de Meilleraye.

Depois do senhor de Meilleraye, o duque de Bouillon.

Por fim, duas damas de companhia.

"Eu bem sabia que eles já não se combatiam, mas não adivinhava é que se dessem assim tão bem" - cogitou Cauvignac.

- Senhores - disse a rainha - em vez de esperarmos

379

aqui o concerto do eixo, como está uma tarde bonita, e a temperatura é fresca, queiram caminhar um pouco.

- Às ordens de Vossa Majestade - aquiesceu o senhor de Rochefoucauld, inclinando-se.

- Venha para o pé de mim, duque, e diga-me algumas das suas máximas. Decerto arranjou muitas, desde a última vez em que nos vimos.

- Dê-me o seu braço, duque - pediu Mazarino ao senhor de Bouillon - sei que sofre da gota.

O senhor d'Épernon e o senhor de Meilleraye fecharam a comitiva, conversando com as damas de companhia.

Toda esta gente ria e abandonava-se às quentes carícias do pôr-do-sol como se fora um grupo de amigos reunido para uma festa.

- Falta muito, daqui até Bourcy? - perguntou a rainha. - O senhor bem pode informar-me, senhor de Rochefoucauld, uma vez que estudou a região.

- Três léguas, senhora; estaremos lá com certeza antes das nove horas.

- Está bem, e amanhã partirá de manhãzinha cedo, para dizer à nossa querida prima, a senhora de Conde, que ficaremos muito contentes em vê-la.

- Vossa Majestade - disse o duque d'Épernon - vê aquele belo cavaleiro que vira a cara para a muralha, e viu, antes, a bela dama que desapareceu mal descemos da viatura?

- Sim - respondeu a rainha - vi tudo isso; parece que as pessoas se dão bem no convento de Sainte-Rade-gonde de Peyssac.

Nesse momento, já reparada, a viatura passou a trote largo para alcançar a comitiva que tinha já dado cerca

380

de cem passos para além do convento quando a reunião se deu.

- Vamos - comandou a rainha - não nos fatiguemos, senhores, bem sabem que o rei esta noite vos oferece violoncelos.

E todos regressaram ao interior da viatura com grandes gargalhadas que bem depressa fora abafadas pelo andamento da carruagem.

Absorvido pelo impressionante contraste dessa ruidosa alegria que passava pela estrada em comparação com a muda dor encerrada no convento, Cauvignac viu-os afastar-se, e depois, mal os perdeu de vista, comentou:

- Vai dar ao mesmo; estou contente por saber uma coisa: é que, por muito mau que eu seja, há ainda quem me não valha. E, raios me partam, vou tratar de fazer com que ninguém se me compare. Agora, sou rico, será fácil.

E, voltou-se, para se despedir da irmã; mas, tal como já se disse, Nanon havia desaparecido.

Então, soltou um suspiro, montou a cavalo, lançou um último olhar para o convento, meteu a galope pela estrada de Libourne, e desapareceu em sentido absolutamente oposto ao que havia tomado a viatura que transportava as ilustres individualidades que desempenharam o principal papel nesta história.

Talvez as encontremos um dia, pois que esta pretensa paz, mal cimentada com o sangue de Richon e de Canolles não passava afinal de uma trégua, e a guerra das mulheres não estava ainda terminada.

FIM DO 2º E ÚLTIMO VOLUME

ÍNDICE

A VISCONDESSA DE CAMBES

I ...	7
II ...	21
III ...	33
IV ...	47
V ...	55
VI ...	71
VII ...	81
VIII ...	89
IX ...	95
X ...	109
XI ...	117
XII ...	123
XIII ...	129
XIV ...	135
XV ...	143
XVI ...	169
XVII ...	181
XVIII ...	203
XIX ...	219
XX ...	229
XXI ...	245
XXII ...	255

A ABADIA DE PEYSSAC

I...	285
II...	301
III...	319
IV...	331
V ...	339
VI ...	345

A ABADIA DE SAINT-RADEGONDE DE PEYSSAC

Epílogo ...	355
Irmã e irmão ...	369